

NONA BIENAL DE SÃO PAULO 1967



**GALERIA  
ASTRELA  
ART GALLERY**

**GRAVURAS QUADROS**

**WORKS OF  
ALL WELL  
KNOWN  
BRAZILIAN  
ARTISTS**

**PÇ. RAMOS DE AZEVEDO, 209 S/L TEL. 33-7058 SÃO PAULO**



## Cosme Velho Galeria de Arte

**VENHA APRECIAR  
EM NOSSO ACÉRVO  
AS OBRAS DE:  
MARIA BONOMI  
TOMIE  
WEGA  
YOLANDA MOHALYI  
MARIA LEONTINA  
MARIA POLO  
DJANIRA  
GRASSMANN  
BONADEI  
F. LEMOS  
CLOVIS GRACIANO  
PORTINARI  
DI CAVALCANTI  
ALDEMIR MARTINS  
SILVA COSTA  
TERUZ  
TAMAKI  
MABE  
WAKABAIASHY  
DI PRETE  
VOLPI  
ODRIOZOLA  
F. DE CARVALHO  
SEOANE  
E DE OUTROS  
RENOMADOS  
ARTISTAS**

alamêda lorena

1 5 7 9

são paulo

horário: 14 às 23 hs



# BRASILIANA ARTE BRASILEIRA

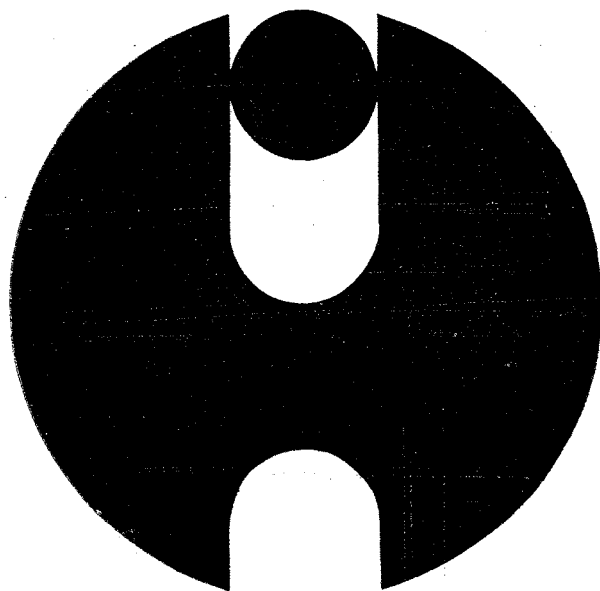
LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS  
NOVOS - ESGOTADOS - RAROS  
ARTE - LITERATURA - CINEMA - TEATRO  
MUSICA - HISTÓRIA - ERUDIÇÃO

# LIVRARIA PARTHENON

BARÃO DE ITAPETININGA, 140 - 1.º AND. - SÃO PAULO

AVALIAÇÕES - COMPRA DE BIBLIOTECAS  
E LOTES DE LIVROS

RARE EDITIONS - NEW AND OLD  
BOOKS ON BRAZIL AND PORTUGAL  
FRENCH LITERATURE  
ILLUSTRATED BOOKS - FINE ARTS  
SEND CATALOGUES AND REQUIREMENTS



O que a máquina faz é importante -  
mas mais importante é QUEM faz a máquina!  
O nome OLIVETTI identifica um  
produto de qualidade indiscutível,  
conceitos estéticos avançados,  
assistência técnica aprimorada e  
uma experiência  
de mais de meio século  
na fabricação de máquinas  
para escritórios.

OLIVETTI - máquinas de escrever  
portáteis, semi-portáteis,  
standard e elétricas fabricadas no Brasil.



**olivetti**

---

Olivetti industrial s.a.  
sede: São Paulo  
fábrica: Guarulhos (S.P.)  
filiais, agentes exclusivos e revendedores  
em todo o território nacional.

petite galerie

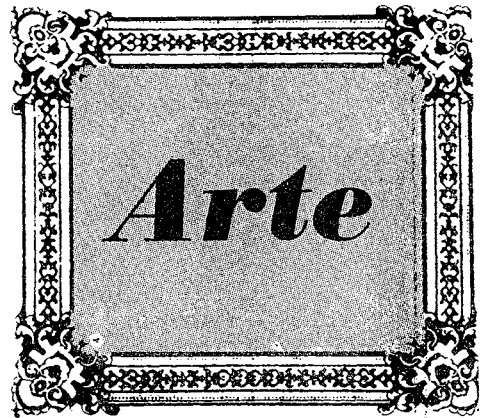
pg

Pça. General Osorio, 53 Rio de Janeiro

gastão  
volpi  
r. magalhães  
dacosta  
avatar  
ismael neri  
dileny  
guignard  
vergara  
krajcberg  
m. c. secco  
leontina  
r. vater  
grassmann  
moriconi  
di cavalcanti  
gerchman  
djanira  
wesley  
portinari  
aquino  
mira  
genaro  
samy  
palatnik  
hodick  
gerhard  
agnaldo  
farnese  
tarsila  
samico  
ana letícia  
bonomi  
dareí  
glauco



*viajar  
também  
é uma*



**ALITALIA** 

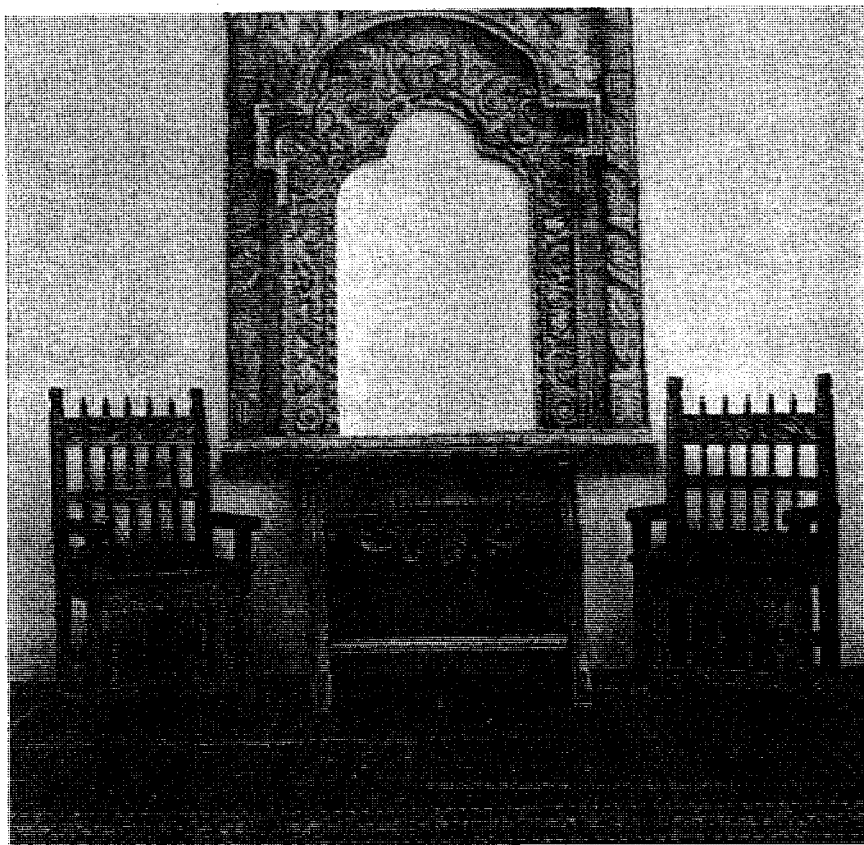
**578 - BARATA RIBEIRO**

**Tel. 36-7534**

**BONINO**



**GALERIA DE ARTE**



# itamarati

ANTIGUIDADES OBJETOS DE ARTES  
TAPETES ORIENTAIS

RUA ESTADOS UNIDOS 1597 TEL. 89157/804082 S.P.

## BARRACA GALERIA DE ARTE

C. PORTINARI • A. BONADEI •  
G. DE FARIA • RUTH SCHLOSS  
INOS CORRADIN •  
L. CARLOS DE LIMA •  
HAIM P. ROSENTHAL •  
MANE KATZ

RUA PADRE JOÃO MANUEL 1069 S.P.



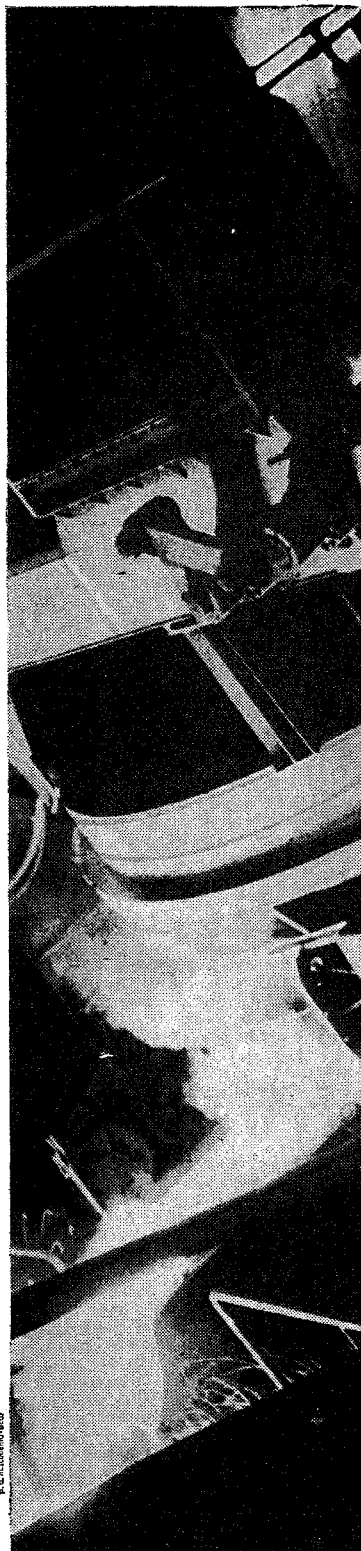
# galeria relevo

Jean Boghici

ROY ADZAK, EDMOND ALLEYN, ATILA BIRO,  
ANTONIO BERNI, GIANNI BERTINI, CORNEILLE  
M. RIO BRANCO, SERGIO CAMARGO, ANTONIO  
DIAS, PIERO DORAZIO, NATALIA DUMITRESCO,  
PEDRO ESCOSTEGUY, PETER FOLDES, IVAN,  
FREITAS, IANIS GAITIS, JUAN GENOVES,  
RUBENS GERCHMAN, ALEXANDRE ISTRATI,  
ALAIN JAQUET, JOSE JARDIEL, FRANS  
KRAJCBERG, EMERIC MARCIER, GRAUBEN,  
MICHEL MACREAU, LUC PEIRE, BERNARD  
RANCILLAC, GIOVANI RUBINO, RECALCATI,  
CARLOS SCLiar, ANTONIO SEGUI, ZEKVELD.

avenida copacabana, 252 tel. 37-1767 - rio

**Os maiores  
fabricantes  
de  
equipamento  
industrial  
pesado  
no Brasil  
usam  
aços  
Villares.**



## **Indústrias Villares também.**

A produção de aços especiais exige instalações, experiência e adiantamento técnico que somente são encontrados nos países mais desenvolvidos. O Brasil, até há alguns anos, importava aços especiais. Hoje Villares abastece o mercado nacional, possibilitando a expansão das indústrias de equipamento industrial pesado e de ferramentas. E ainda exporta para o mercado latino-americano.

Os produtos de Indústrias Villares também são fabricados com aços Villares — o máximo em qualidade.

### **VILLARES**

#### **AÇOS VILLARES S.A.**

Aços para Ferramentas; Blocos forjados "Triaxial" para forjaria; Aços para Cementação e Beneficiamento; Bits de Aço rápido com Cobalto; Peças moldadas de Aço Carbono; Ligados de alta resistência e inoxidáveis; Cilindros para Laminação; Bigornas temperadas; Eletro-rolos.

#### **INDÚSTRIAS VILLARES S.A.**

##### **Divisão Elevadores:**

Elevadores Atlas; Escadas Rolantes Atlas; Garagem Automática Sistema Villares; Conjunto Elétrico de Tração para Tróleibus;

##### **Divisão Equipamentos:**

Pontes Rolantes Villares-P&H; Escavadeiras e Guindastes Móveis Villares-P&H; Motores Diesel Villares-B&W; Tâlhas Elétricas Atlas; Monovias.

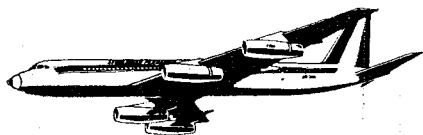


# toca de arte

AV. N. SENHORA DE COPACABANA, 435 - RIO - GB.

## EM ACÉRVO:

inimá  
ramiro villar  
heitor dos prazeres  
meireles  
elza de souza  
pietrina  
holmes neves  
zu  
josé maria  
josé tarcisio  
eurídice  
gerson de souza  
gildenberg  
agostin urban  
roberto osvaldo  
chico sampaio  
júlio vieira  
antônio maia  
benjamim silva  
walter cardoso  
andrés vazquez  
arlindo mesquita

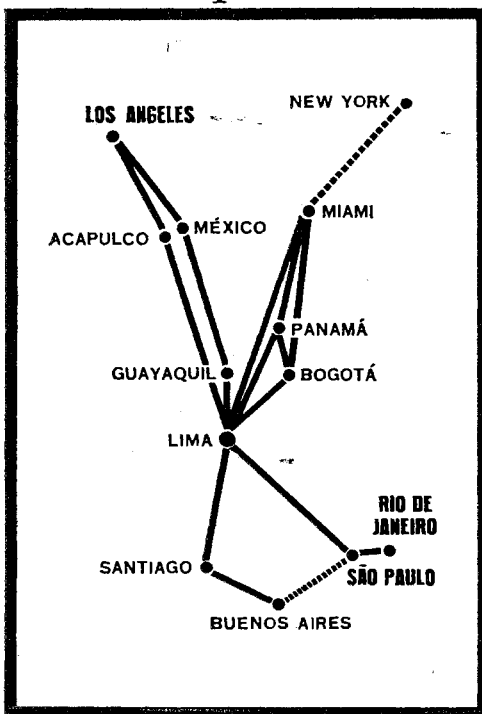


Esta é a linha aérea  
que lhe dá mais opções  
na sua viagem aos EE. UU.

**AEROLINEAS  
PERUANAS**

OPÇÃO DE VÔO:	OPÇÃO DE ROTAS:
<b>3</b>	<b>6</b>
por semana!	para escolher!

*- onde todos os passageiros são pessoas muito importantes.*



**RIO  
LOS-  
ANGELES**

VIA LIMA  
E MÉXICO

**APSA**  
**AEROLINEAS PERUANAS**

PLANEJA EM TERRA... SEU CONFÔRTO NO AR

Consulte seu Agente de Viagens  
ou os nossos escritórios

São Paulo: Pça. da República, n.º 97 - loja  
Fone: reservas 36-1762 - vendas 34-4407

Belo Horizonte: Rua Tupis n.º 171 - loja B - Fone: 2-2822

Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 180 - loja - Fone: \* 22-9816



Membro da





**COSINHA INTERNACIONAL**

**Especialidades, Carne Sêca**

**Diariamente Peixes e Crustaceos**

**Serviço Completo**

**de Bar-Salão de Festas**

**de 2.<sup>a</sup> a sábado das 10 hs. às 22 hs.**

**Fechado Domingos e Feriados**

**RUA 24 DE MAIO, 35 - 4.<sup>o</sup> ANDAR**

**TEL.: 34-1159 - S. PAULO**

# É HORA DE CARAVELLE

MONTEVIDEO  
BUENOS AIRES

CAMPO GRANDE

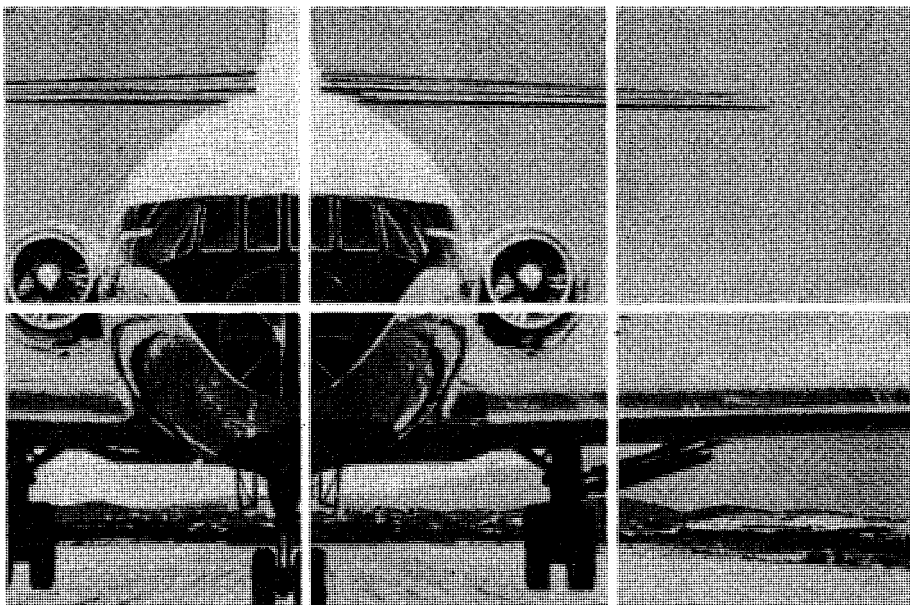
SAO PAULO  
RIO  
PORTO ALEGRE

BELEM  
FORTALEZA

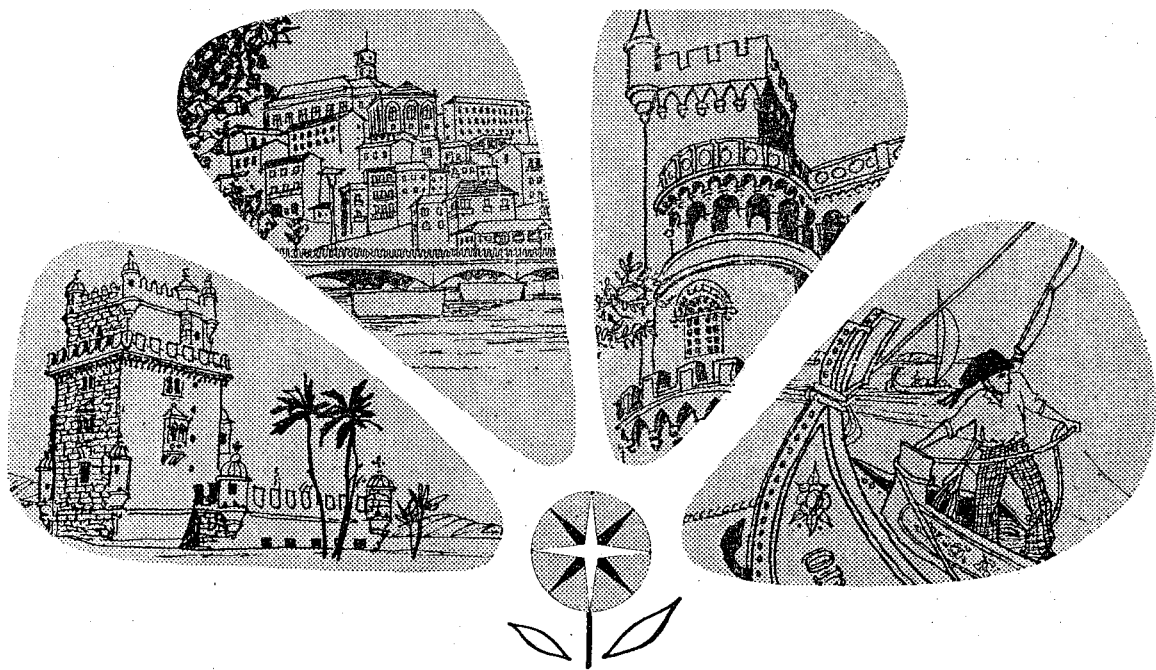
SAO LUIZ  
MANAUS

NATAL  
TERESINA  
BRASILIA

RECIFE  
SALVADOR



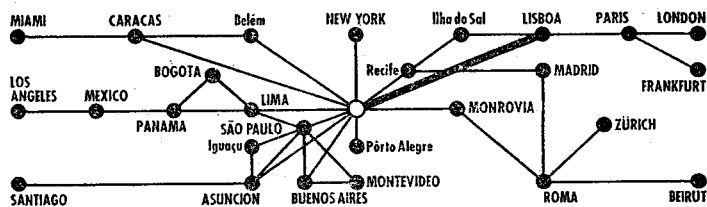
CRUZEIRO DO SUL  
jet



# PORTUGAL é o jardim da Europa

(POR QUE NÃO IR ATÉ LÁ COLHÊR ALGUMAS FLÔRES?)

E é tão fácil: a VARIG leva-o até Portugal rapidamente. E a sensação de primavera começa quando você entra no avião! RIO-LISBOA direto sem escalas, o melhor serviço de bordo



CONSULTE SEU AGENTE IATA DE VIAGENS OU

# VARIG



QUALIDADE EM  
TRANSPORTE AEREO

A MAIOR EMPRESA AÉREA DA AMÉRICA LATINA - Em colaboração com a TAP



# Tempo de sorrir...



...Quando todos se unem para construir um lugar cada vez melhor para viver e trabalhar. Quando as empresas realmente integradas na vida do país contribuem para o objetivo comum. É por isso que oferecemos aos artistas brasileiros o Salão Esso de Artistas Jovens, concorrendo para estimulá-los e torná-los mais conhecidos no mundo inteiro. Tôda gente sabe que nosso negócio é petróleo. Mas vamos um pouco além. Porque a Esso é isso:



Esso

*Gente como você  
trabalhando  
para servi-lo*

STI  
li  
et  
osen  
ones:  
a. Gr  
ar en

UMINAC.  
LECOM

PI



SOLIDEZ E VITALIDADE: MAIS  
UMA RAZÃO DA CONFIANÇA  
UNIVERSAL EM PHILIPS.

## PHILIPS símbolo universal de confiança

JUSTIFICA-SE a afirmativa, pois após 75 anos, a Federação Internacional das Indústrias PHILIPS se tornou a grande, estável e diversificada organização que é hoje. Seu desenvolvimento foi dirigido por princípios sãos e ideais honestos, fabricando sempre produtos dignos de confiança. Grande variedade de tais produtos você pode encontrar em tôdas as cidades, sempre garantidos pelo serviço.

PHILIPS local. Desta forma reduzimos a um mínimo os riscos de mercado. E quanto ao progresso no futuro... 3.000 cientistas PHILIPS trabalham continuamente no aperfeiçoamento de novos e úteis produtos, enquanto outros especialistas exploram novas oportunidades de mercado. A ORGANIZAÇÃO PHILIPS BRASILEIRA (41 anos de bons serviços no Brasil) é um testemunho vivo dessas verdades.

ILUMINAÇÃO • RÁDIO • TELEVISÃO • RADIOFONES • DISCOS • GRAVADORES DE FITA • BARBEADORES ELÉTRICOS • EQUIPAMENTO MÉDICO E DE RAIOS X • APARELHAGEM DE TELECOMUNICAÇÃO • CINEMA • COMPONENTES ELETRÔNICOS • EQUIPAMENTOS ELETROACÚSTICOS • EQUIPAMENTOS CIENTÍFICOS DE MEDIÇÃO E CONTROLE INDUSTRIAL.

# PHILIPS



símbolo  
universal de  
confiança

---

---

**BORRACHAS DALMON  
TIPOGRAFIA**

---

---

---

**F. ORLANDI S. A.  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
PAPELARIA ORLANDI**

---

---

---

**ARTIGOS ESCOLARES  
ENGENHARIA - DESENHO - ESCRITÓRIO**  
Vendas por atacado e varejo - Importação direta

---

---

---

**RUA LIBERO BADARÓ, 480 - FONES 36-5300 - 36-7748  
FABRICA: RUA JOAO CAETANO, 407 - FONE 93-1564  
INSCRIÇÃO N.º 5457**

---

---

---

**CAIXA POSTAL, 1629  
ZONA POSTAL 2  
SÃO PAULO**

---

---

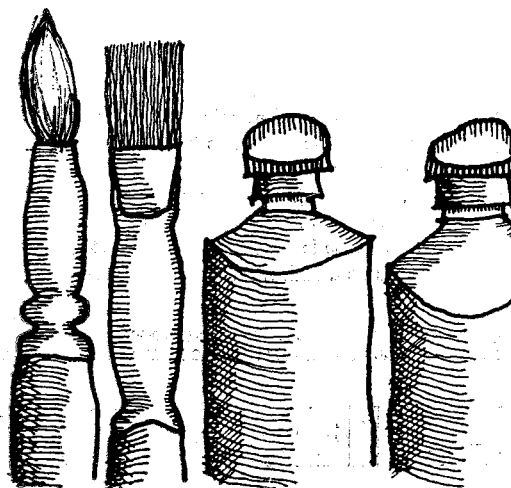
**Em pintura, engenharia,  
desenho e propaganda  
você poderá ser o laureado amanhã**

Ao fazer seus primeiros "rabiscos", o artista laureado de hoje, já adquiria seu material conosco. Faça-o você também e conhecerá de perto o quanto podemos lhe oferecer.

**casa franco**  
HÁ MAIS DE 20 ANOS NO RAMO



DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE E COMPRAS  
Rua 24 de Maio, 35 - 10.º andar - conjunto 1004/5  
LOJA - Av. Ipiranga, 752 - F. nes: 36-4317 e 37-8985





*Rastro*

MODAS  
PRESENTES  
PERFUMARIA

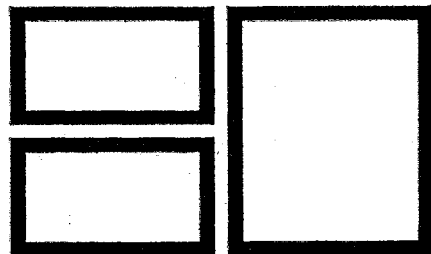
SÃO PAULO - RUA AUGUSTA, 2223 - TEL. 80-9084  
RIO DE JANEIRO - AV. ATLANTICA, 3288 - A - TEL. 47-2566

---

Utilidades para a casa, escolhidas na produção nacional pelas características de forma e função-bom desenho

**Loja do Bom Desenho**

Visconde de Pirajá, 210-A Rio-GB



# “É disso que o público gosta”

(Frase proibida em Móveis Arredamento).

Arredamento criou móveis  
para as pessoas que já  
estão cansadas do  
“clássico” mal copiado,  
do falso moderno,

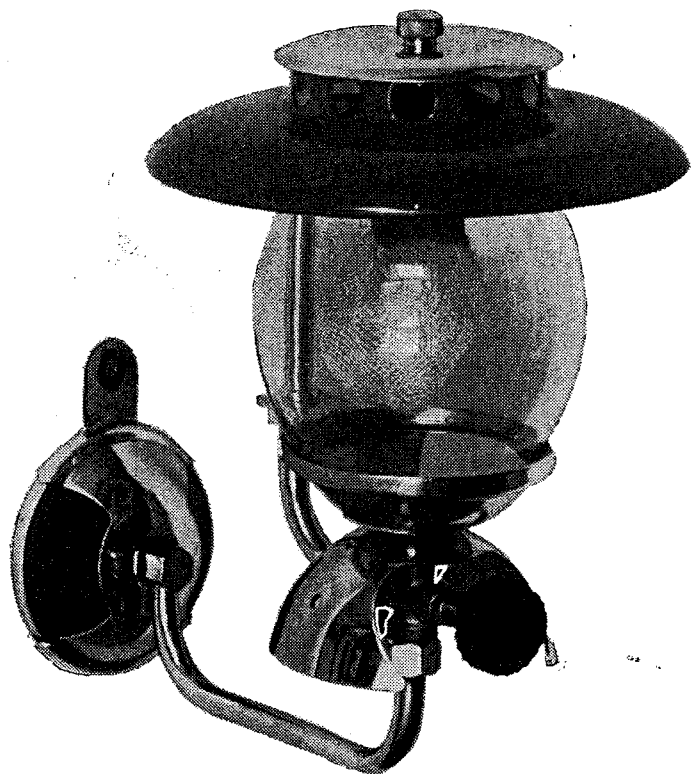
ou do moderno  
envelhecido pelo abuso.

Você por exemplo.

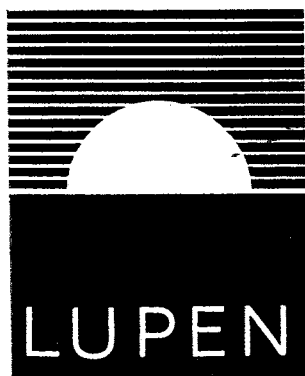
## Arredamento

Arredamento Móveis Ltda.  
Rua Augusta, 2788





LUPEN  
INDÚSTRIA METALÚRGICA LTDA.



iluminação e aquecimento  
a gás de petróleo  
campo e lar

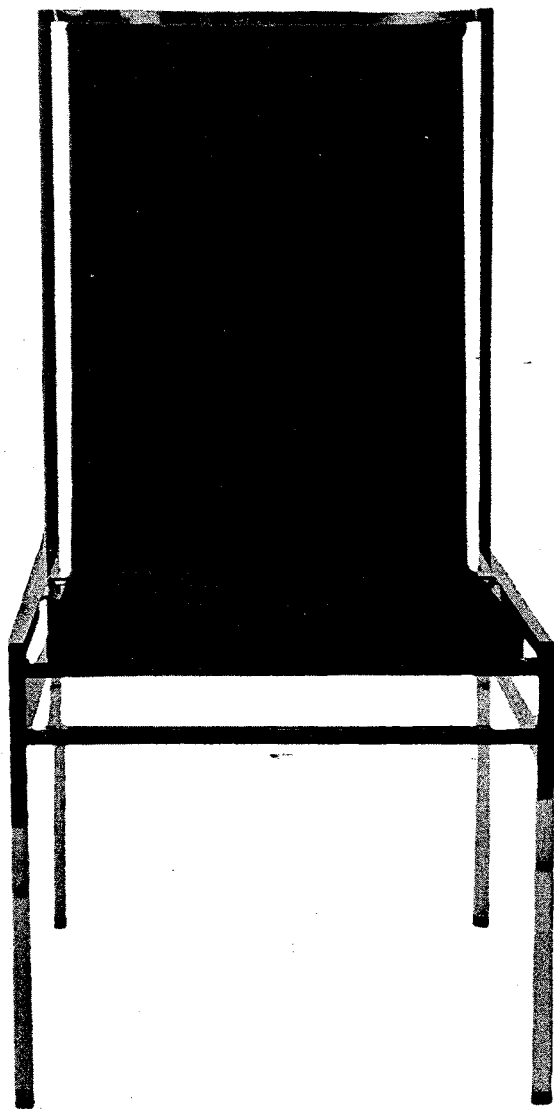
rua gonçalves crespo 78 s.p. brasil



DA' SAMBA  
DA' SHOW  
DA' BOA COMIDA  
E' ATRAÇÃO  
TURISTICA

rua bela cintra, 306  
34-8428-são paulo

# TENREIRO



CADEIRA DO SALAO DE BANQUETES DO (PALÁCIO DOS ARCOS)  
MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES EM BRASÍLIA

...e houve os que entenderam  
o movimento BIENAL

## SOTECO-LTDA. SEGUROS

RUA SETE DE ABRIL, 404 - 8.º AND. CONJ. 82  
TEL.: 35-2042 - SÃO PAULO

## CASA PEDRA JOIA

PEDRAS PRECIOSAS, SEMI-PRECIOSAS,  
BRUTAS E LAPIDADAS DO BRASIL

ENGLISH SPOKEN  
ON PARLE FRANÇAIS  
MAN SPRICHT DEUTSCH  
SE HABLA ESPAÑOL

日  
本  
語  
で  
も  
應  
對  
致  
し  
ま  
す

JOSÉ ROCHA CARDOSO  
COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO

R. SETE DE ABRIL, 404 - 8.º AND. CONJ. 81  
TEL. 32-6084 - 33-4856

# M. KNOEDLER & CO., INC.

14 East 57 th Street, New York, N.Y. 10022

---

DALI - DE KOONING - NAY  
VIEIRA DA SILVA - SOULAGES  
BRAM VAM VELDE - WYETH  
CALLERY - CHADWICK  
HAJDU - LARDERA  
MOORE - ROSENTHAL

---

OCTOBER 10 - NOVEMBER 4  
DUCHAMP - VILLON

---

NOVEMBER 14 - DECEMBER 2  
DE KOONING

---

New York Telephone (212) PLAZA 3-9742  
CABLE ADDRESSES "KNOEDLER" NEW YORK, PARIS, LONDON

PARIS, 85 BIS FAUBOURG ST. HONORÉ  
LONDON, 34 ST. JAME'S STRRET

# **Associação Brasileira de Desenho Industrial**

**MEMBRO DO ICSID  
INTERNATIONAL COUNCIL OF SOCIETIES OF INDUSTRIAL DESIGN**

**CURSOS/SEMINÁRIOS/DEBATES/REVISTA  
PRODUTO E LINGUAGEM**

**RUA AUGUSTA, 1388 — TEL. 31-5351 — SÃO PAULO**

---



# **32 DESENHOS DE FLAVIO DE CARVALHO**

## **JEITO DE VER MULHER, E A FAMOSA SÉRIE TRÁGICA,**

ESTUDOS INTRODUTÓRIOS DE P. M. BARDI, FRANCISCO LUIZ DE ALMEIDA SALLES E UM POEMA DE JOSÉ GERALDO VIEIRA.

FORMATO 27 X 37. IMPRESSÃO EM PAPEL ESPECIAL. TIRAGEM LIMITADA A 1.500 EXEMPLARES.

ESTÔJO PLASTIFICADO COM A REPRODUÇÃO A 4 CÔRES DO AUTO-RETRATO DO AUTOR.

FÔLHAS SÔLTAS PERMITINDO COLOCAÇÃO EM MOLDURA.

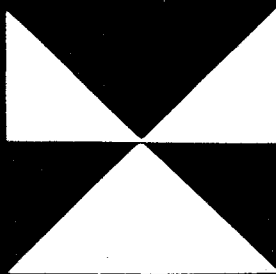
À VENDA NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS E GALERIAS DE ARTE DO BRASIL.

PREÇO: NCR\$ 50,00



Edição da  
EDART - SÃO PAULO — LIVRARIA EDITORA LTDA.  
R. Conde de Sarzedas, 38 — Fones 37-1336 e 33-1520  
São Paulo - 3 — Brasil

FOTOGRAFIA  
PLANEJAMENTO  
GRÁFICO  
ARTE  
PRODUÇÃO  
CINEMATOGRÁFICA  
PROGRAMAÇÃO  
VISUAL  
DESENHO  
INDUSTRIAL  
PROMOÇÕES  
PESQUISA  
DE MERCADO



MAITIRY

AL. FERNÃO CARDIM 395  
FONE 31-6512 SP 5

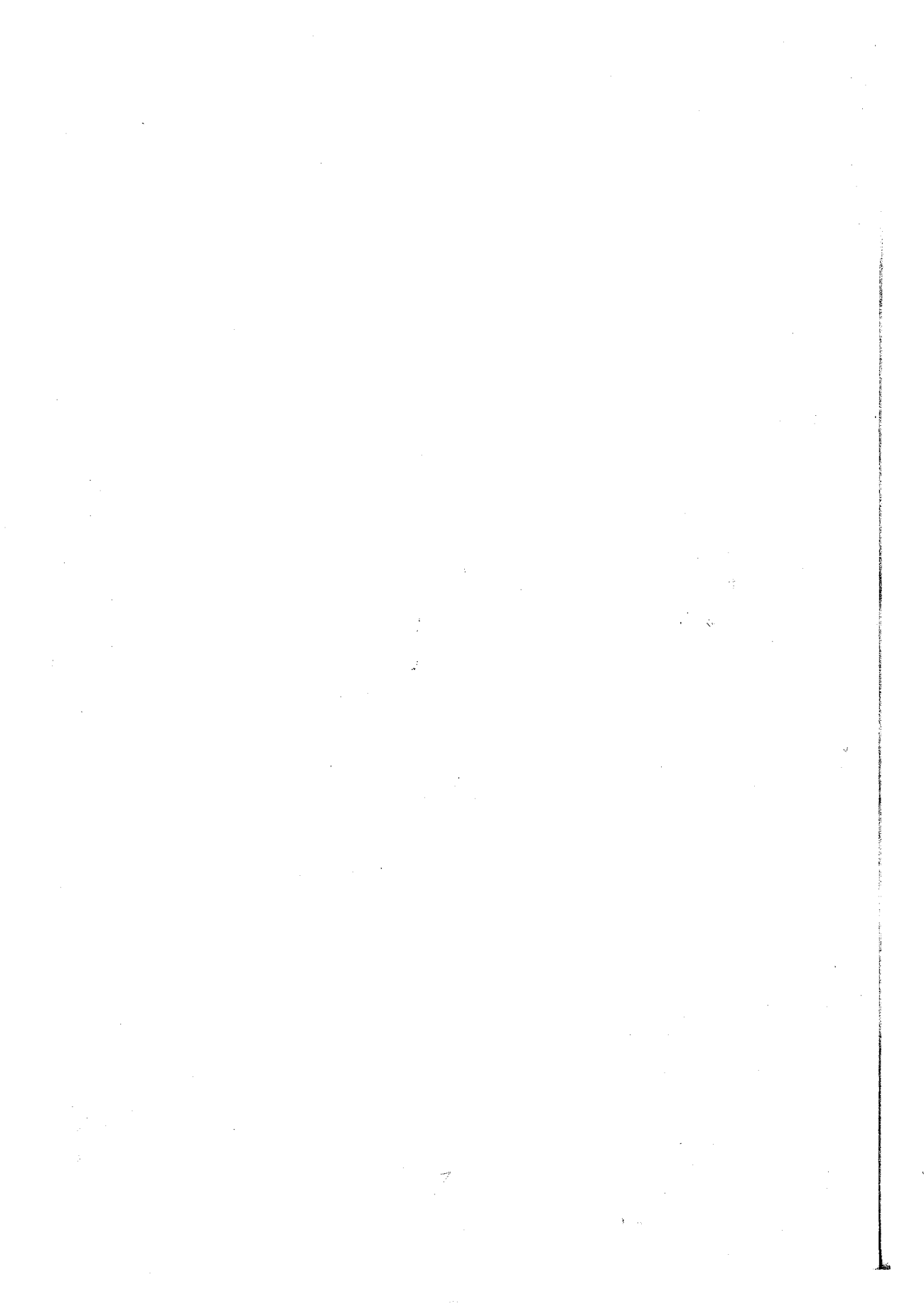
# IX BIENAL DE SÃO PAULO

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

CATÁLOGO

COM O PATROCÍNIO DO GOVERNO FEDERAL E DO GOVERNO DO  
ESTADO DE SÃO PAULO E SOB OS AUSPÍCIOS DA PREFEITURA DO  
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO,

Secretaria da Educação e Cultura. (Lei N.º 4.818, de 21-11-1955)

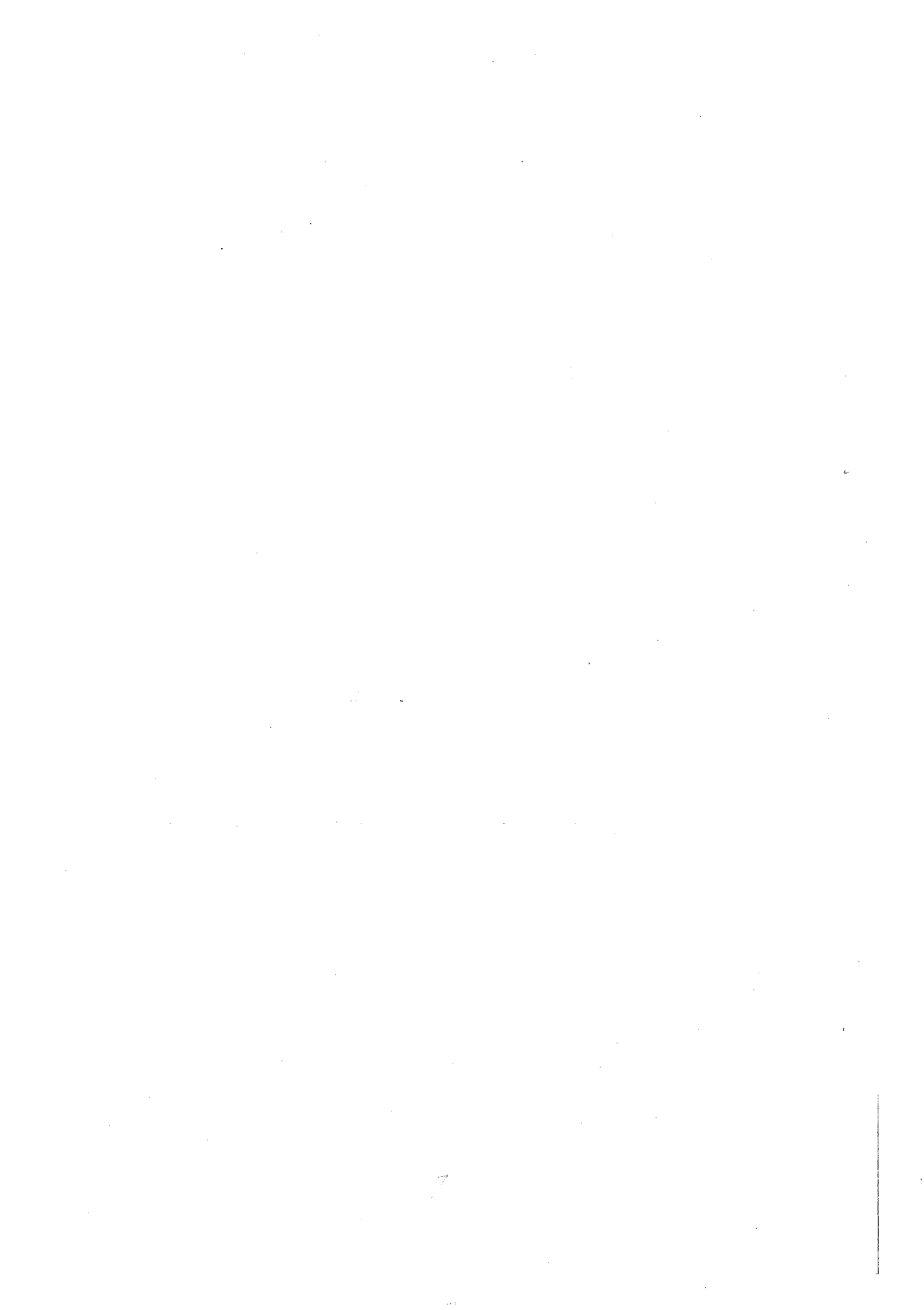


## HOMENAGEM

Sua Excelência o Senhor Marechal Arthur da Costa e Silva  
Presidente da República

Sua Excelência o Senhor Roberto de Abreu Sodré  
Governador do Estado de São Paulo

Sua Excelência o Senhor Brigadeiro José Vicente de Faria Lima  
Prefeito Municipal de São Paulo



# **PAÍSES PARTICIPANTES**





África do Sul  
Alemanha  
Antilhas Holandesas  
Argentina  
Áustria

Barbados  
Bélgica  
Bolívia  
Brasil  
Bulgária

Canadá  
Ceilão  
Chile  
China  
Colômbia  
Coréia

Dinamarca

El Salvador  
Espanha  
Estados Unidos  
Etiópia

Filipinas  
Finlândia  
França

Grã-Bretanha  
Grécia  
Guatemala

Haiti  
Holanda  
Honduras  
Hungria

Índia  
Israel  
Itália  
Iugoslávia

Japão

Líbano  
Luxemburgo

México

Nicarágua  
Noruega

Panamá  
Paquistão  
Paraguai  
Peru  
Polônia  
Portugal

Rep. Dominicana  
Rep. do Sudão  
România

Suécia  
Suíça

Tailândia  
Taiti  
Tchecoslováquia  
Turquia  
Trindade e Tobago

União Soviética  
Uruguai

Venezuela  
Vietnã

PARTICIPAÇÃO  
ESTRANGEIRA  
NA BIENAL



PAÍSES	I 1951	II 1953	III 1955	IV 1957	V 1959	VI 1961	VII 1963	VIII 1965	IX 1967
África do Sul				x	x	x	x	x	x
Alemanha	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Ant. Holandesas			x			x	x	x	x
Argentina		x		x	x	x	x	x	x
Austrália							x	x	
Áustria	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Barbados									x
Bélgica	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Bolívia	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Bulgária						x	x	x	x
Canadá	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Ceilão					x		x		x
Chile	x	x	x	x	x	x	x	x	x
China				x	x	x	x	x	x
Colômbia				x	x	x	x	x	x
Coréia							x	x	x
Costa do Marfim						x			
Costa Rica				x					
Cuba	x	x	x	x	x	x	x		
Dinamarca		x			x		x	x	x
El Salvador						x			x
Equador				x	x	x			
Espanha		x		x	x	x	x	x	x
Estados Unidos	x	x	x	x	x	x	x	x	x

PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA NA BIENAL

PAÍSES	I 1951	II 1953	III 1955	IV 1957	V 1959	VI 1961	VII 1963	VIII 1965	IX 1967
Etiópia									x
Filipinas								x	x
Finlândia		x		x	x	x	x	x	x
França	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Grã-Bretanha	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Grécia			x	x	x	x	x	x	x
Guatemala					x	x	x	x	x
Haiti	x			x	x		x	x	x
Holanda	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Honduras				x					x
Hungria						x	x	x	x
Índia					x	x	x	x	x
Indonésia		x			x				
Irã							x		
Israel		x	x	x	x	x	x	x	x
Itália	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Iugoslávia		x	x	x	x	x	x	x	x
Japão	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Líbano									x
Luxemburgo		x		x		x		x	x
México		x	x		x	x	x	x	x
Nicarágua		x	x					x	x
Nigéria					x				
Noruega		x	x	x	x		x	x	x

PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA NA BIENAL

## PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA NA BIENAL

PAÍSES	I 1951	II 1953	III 1955	IV 1957	V 1959	VI 1961	VII 1963	VIII 1965	IX 1967
Nova Zelândia								x	
Panamá	x			x	x	x		x	x
Paquistão			x				x	x	x
Paraguai		x	x	x	x	x	x	x	x
Peru		x		x	x	x	x	x	x
Polônia				x	x	x	x	x	x
Portugal	x	x	x	x	x	x		x	x
Rep. Árabe Síria							x	x	
RAU		x			x	x	x		
Rep. Dominicana	x	x	x	x	x				x
Rep. do Sudão									x
România						x	x		x
Senegal						x		x	
Suécia				x	x	x	x	x	x
Suíça	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Tailândia									x
Taiti							x	x	x
Tchecoslováquia				x	x	x	x	x	x
Trindade-Tobago							x	x	x
Turquia			x	x	x	x	x		x
URSS						x	x	x	x
Uruguai	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Venezuela		x	x	x	x	x	x	x	x
Vietnã			x	x	x	x	x	x	x





# APRESENTAÇÃO

Invariavelmente cabe-nos, pela nona vez, apresentar o repertório de artes que, à convocação da Bienal de São Paulo, internacionalmente, aqui veio concentrar-se, na demonstração de 1967.

Ao longo do tempo em que as Bienais de São Paulo se vêm regularmente realizando, na dinâmica dos fatores que atuam na concepção da obra de arte, temos passado velozmente por modificações que se cruzam e alteram valores e experimentações, e nenhum outro índice melhor que êste para nos fornecer uma medida dessa história em desenvolvimento, que ainda não é bem história, pelo que de tumultuosamente vivo oferece.

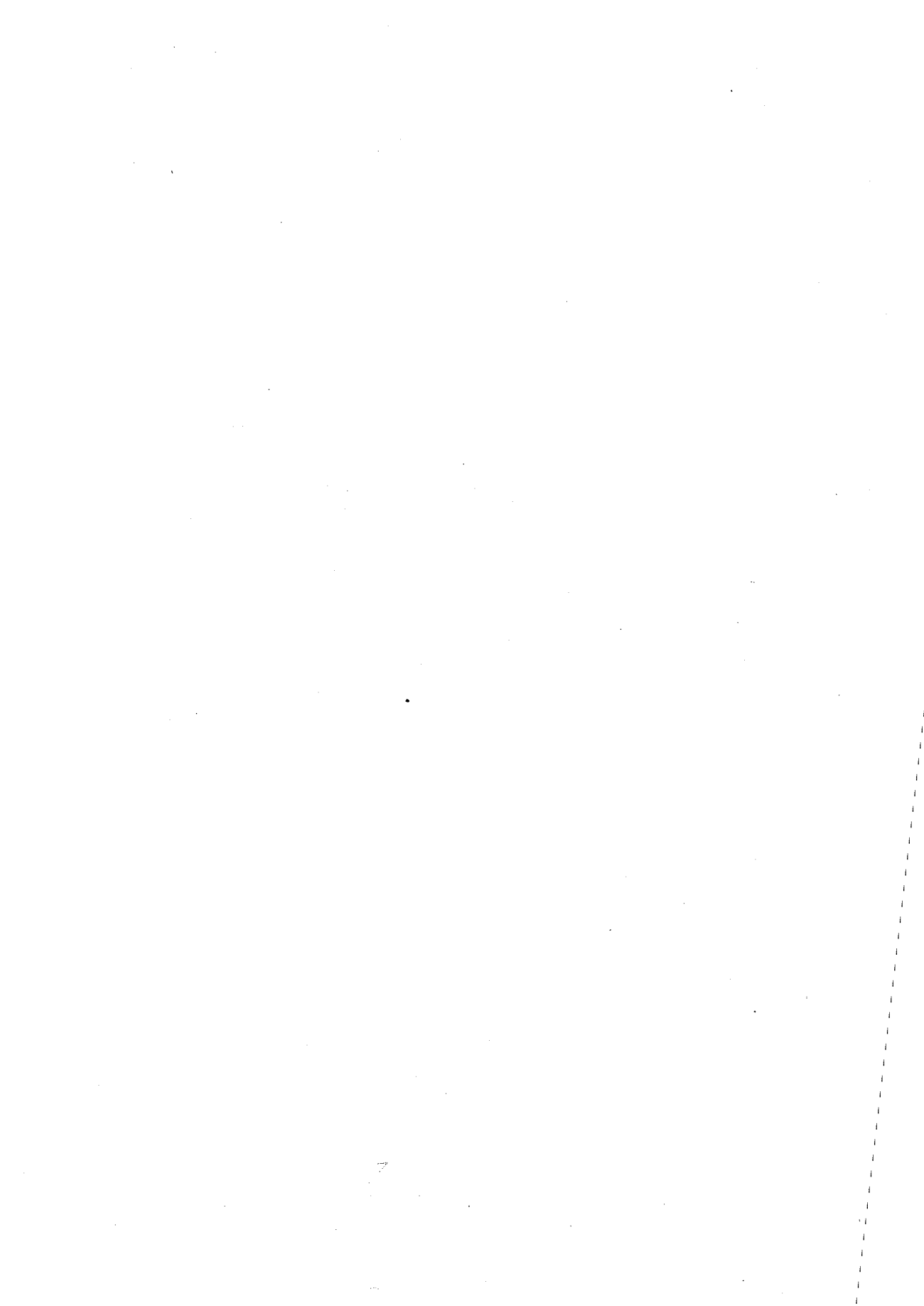
Ponto de encontro internacional, comício das artes, ambiciosamente sempre ultrapassando sua marca última, como ainda agora ocorre no plano estatístico, a Bienal de São Paulo tem nessa concorrência uma prova, a que não podemos deixar de ser sensíveis, da receptividade da iniciativa, pelo que ela oferecia à perspectiva das artes de nosso tempo, num País nôvo como o nosso, mas que se prepara para o papel relevante que fatalmente tem de assumir.

Essa ampla significação do que é aceito, consentido e aprovado pelos nossos irmãos da América Latina e pelos Estados Unidos, na medida em que êstes países, particularmente, nos trazem sua preciosa cooperação, leva-nos a ampliar o convite aos visitantes de tôdas as Américas.

No entanto, a Bienal de São Paulo realiza em escala mundial o mesmo milagre — utilizamos esta palavra por não acreditá-la excessiva — e aqui se dá súbitamente uma assembléia internacional em que sem uma pauta política realiza-se o maior sonho de confraternização humana. Uma cooperação de paz e compreensão entre os homens de todos os continentes, ideologias, raças e credos.

Aos artistas que pelas suas obras contribuem para esta Bienal, através da representação de seus países, verdadeiros embaixadores da cultura e da civilização, deixamos aqui consignados a nossa saudação e o nosso agradecimento pela sugestibilidade que lograrem junto àqueles que em nossa exposição vierem buscar o estímulo do progresso e a inspiração para tarefas mais altas, pela libertação e pela dignificação do homem.

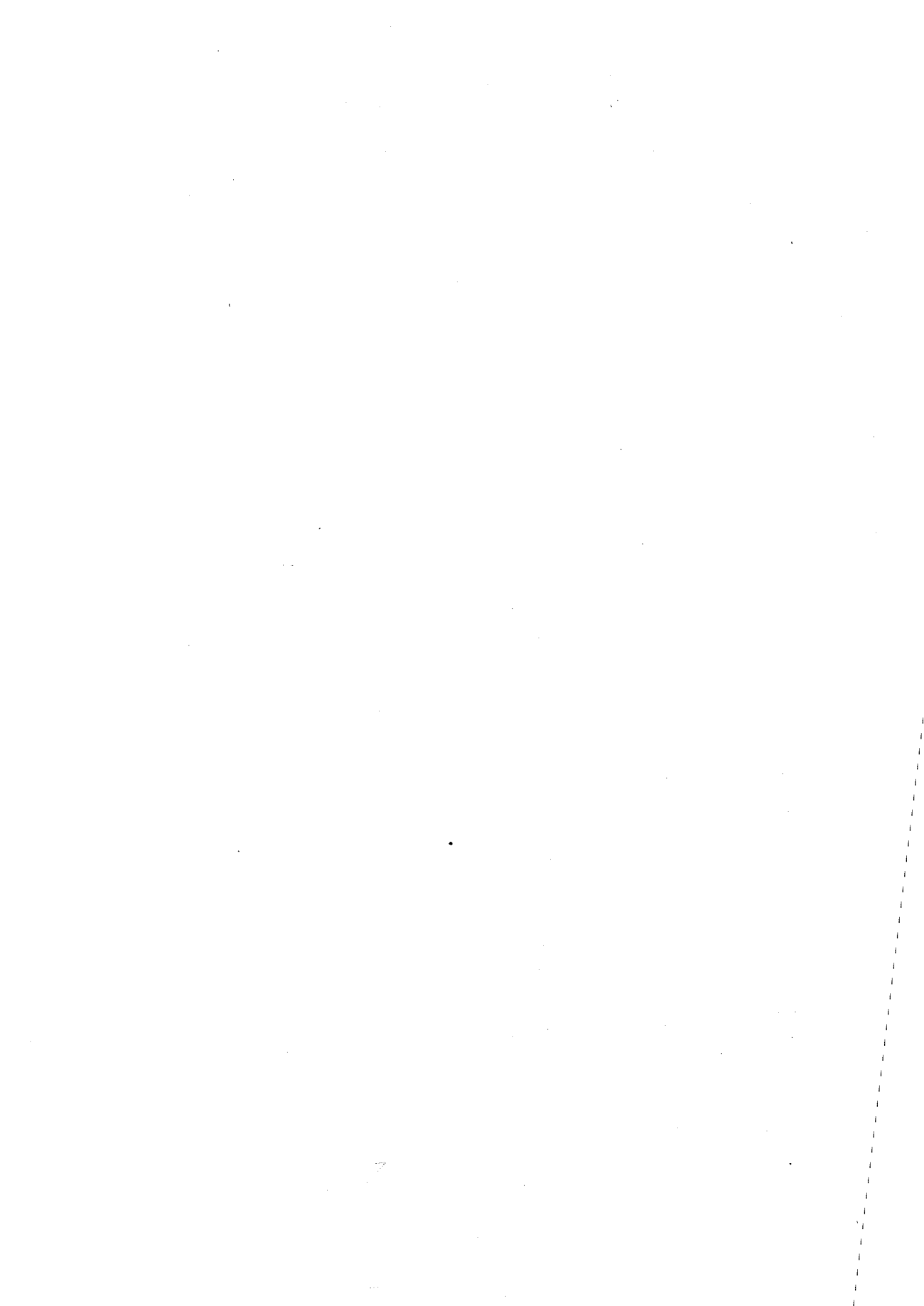
Francisco Matarazzo Sobrinho



# **ÁFRICA DO SUL**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
ASSOCIATION OF ARTS,  
CIDADE DO CABO.

COMISSÁRIO: R. A. DU PLOOY



# ÁFRICA DO SUL

Embora considerando o fato de que a arte busca a permanência e a tradição lhe proporciona o elo vital, ligando-a a tôdas as eras, a exploração de novas idéias e as experiências com novas formas constituem um "sine qua non" para a sua renovação. Não estamos nos referindo ao mero sensacionalismo ou ao culto da "originalidade a todo o custo". Estamos falando do desejo do artista de determinar os valores últimos de seu próprio tempo e meio.

Ao lado de artistas preeminentes da República da África do Sul encontram-se pintores e escultores mais jovens que, embora tendendo para o conformismo na arte de hoje, continuam, no entanto, procurando soluções pessoais e válidas.

Alguns são contemplativos e outros extrovertidos. Uns olham para o futuro, pois até agora, sômente parcialmente descobriram as realidades do Espaço. Outros investigam o clássico passado e redescobrem, talvez, riquezas da Cultura Africana, Cretense ou de outras regiões.

A orientação seguida pela Comissão de Seleção, êste ano foi a de apresentar menor número de artistas com maior número de trabalhos. Mantivemos, não obstante, um grupo representativo da atividade artística na África do Sul de hoje o que pode ser visto nos desenhos e esculturas, respectivamente de dois artistas africanos, Dumile e Kumalo, nas pinturas de Sash, Scully e Webber, na arte gráfica e nos painéis entalhados de Skotnes e na escultura de De Leeuw.

Carl Buchner

## PINTURA

### SASH, Cecily (1925)

1. Séries de Minos — Prêto e Vermelho, 1966. 121 x 91
2. Evolução de Minos em Amarelo e Prêto, 1966. 212 x 151
3. Séries de Minos — Amarelo, 1966. 121 x 90
4. Meandro, 1966. 90 x 60
5. Jogando Cartas I, 1966. 90 x 60
6. Jogando Cartas II, 1966. 90 x 60
7. Jogando Cartas III, 1966. 90 x 60

### SCULLY, Laurence (1922)

8. Chuva Vermelha, 1966. 60 x 121
9. Do Outro Lado do Rio, 1966. 60 x 121
10. Maré Baixa, 1966. 60 x 121
11. Inundação, 1966. 59 x 121
12. Luz da Tarde, 1966. 60 x 90
13. Rajada Negra, 1966. 90 x 140
14. Floresta no Inverno, 1966. 60 x 121
15. "Attica", 1966. 120 x 240

### SKOTNES, Cecil (1926)

16. Escravo, 1966. Em painel de madeira sôbre base de metal.  
375 x 2665

### WEBBER, Peter (1931)

17. Figura em Órbita, 1966. 75 x 100
18. Lua Nascendo, 1966. 99 x 92
19. Explosão no Espaço, 1966. 96 x 89
20. Astronautas, 1966. 90 x 100
21. Imagem na Parede de uma Estória Espacial, 1966. 125 x 181

## DESENHO

### DUMILE (1942)

1. Mulher com Duas Crianças, 1966. 59 x 42
2. Acidente na Estrada de Ferro, 1966. 102 x 240
3. Quatro Homens com Instrumentos Musicais, 1966. 225 x 155
4. Homem com Capa e Criança, 1966. 150 x 101
5. Mulher com Criança, 1966. 130 x 101

### SKOTNES, Cecil (1926)

#### TÉCNICA MISTA

6. Sôbre o Tema do Escravo, 1966. 47 x 65
7. Sôbre o Tema do Escravo, 1966. 47 x 65
8. Sôbre o Tema do Escravo, 1966. 47 x 65
9. Sôbre o Tema do Escravo, 1966. 47 x 65

## ESCULTURA

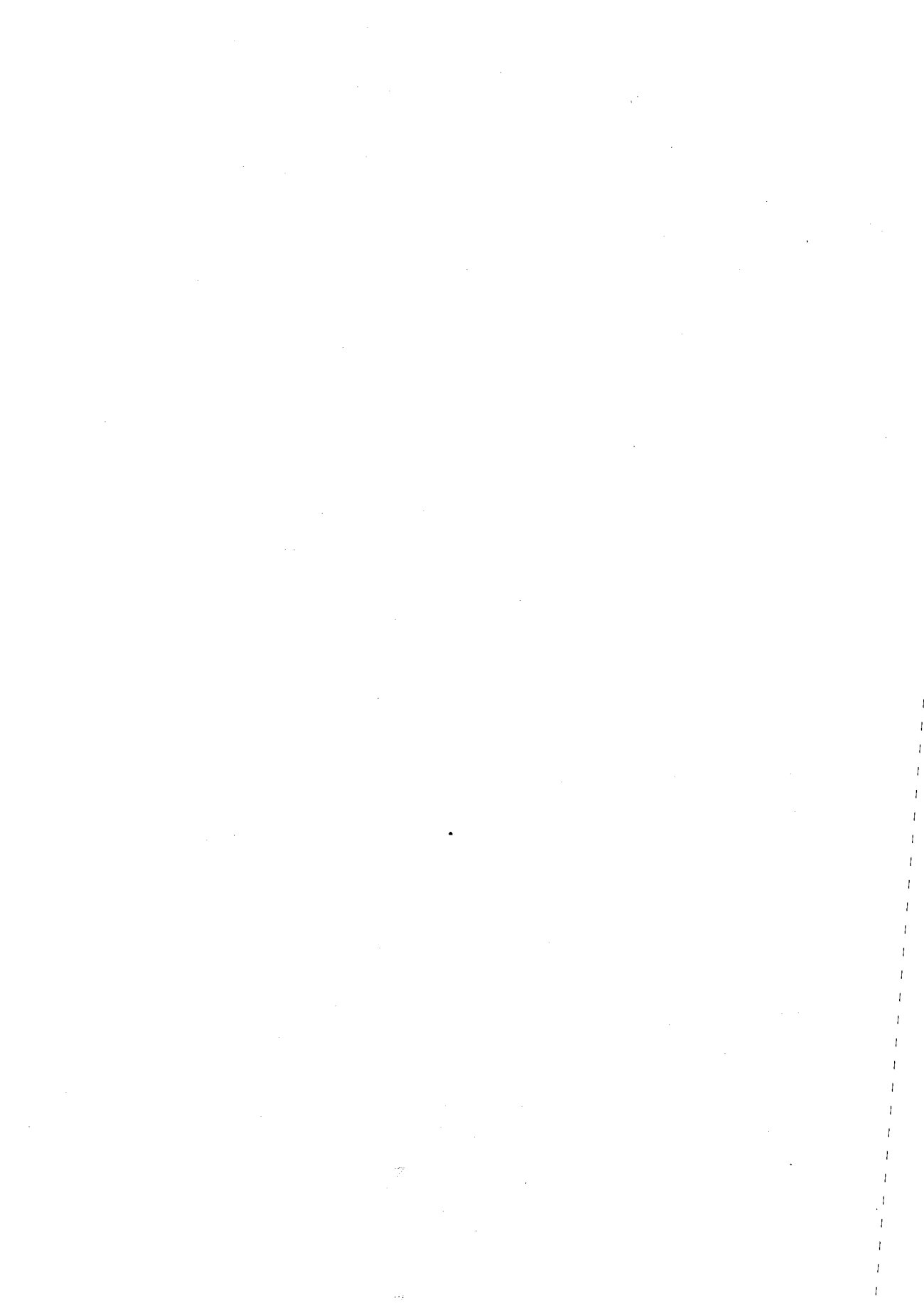
### BRONZE

#### KUMALO, Sidney (1936)

1. "Madala", 1966. 47
2. Mulher Deitada, 1966. 22
3. Cara com Língua de Fora, 1966. 47
4. Chefe Zulu, 1966. Col. National Gallery, Cape Town. 67

#### LEEUW, Gerard de (1912)

5. Aleluia, 1966. 130
6. Mágico Africano, 1966. 55
7. Feiticeiro, 1966. 91





# **ALEMANHA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
ULMER MUSEUM, ULM.

COMISSÁRIO: DR. HERBERT PÉE



# ALEMANHA

A República Federal da Alemanha expõe na IX Bienal obras do pintor Rainer Küchenmeister e do gravador Josua Reichert. Esses artistas representam apenas parcialmente a arte contemporânea da Alemanha, mas suas obras constituem, por sua originalidade e por suas características, livres de influências estranhas, uma contribuição para a Arte no Mundo.

Nas últimas décadas, a pintura alemã não desenvolveu um novo "estilo". Na 50 acompanhou o fenômeno internacional do "informal" (contribuições alemãs à VII e VIII Bienal). Hoje, existem grupos e artistas que aderiram às correntes do "Pop-Art" americano, ao "Neo-Realismo", ao "Op-Art" ou ao "Hard Edge". As premissas, para este tipo de pintura não surgiram na Alemanha e os que acompanham tais importantes manifestações não são tão favorecidos pela sorte e pelo sucesso como seus colegas da Inglaterra e dos Estados Unidos que as descobriram.

Numerosos artistas alemães, de valor indiscutível, não se atêm às regras do jogo, hoje internacionalmente válidas. Não menos progressistas, seguem caminhos próprios, não lhes faltando o reconhecimento, como ficou demonstrado pela reação positiva resultante da apresentação do pintor Horst Antes e do escultor Günter Haese na Bienal de Veneza, há um ano atrás. Küchenmeister e Reichert pertencem à corrente dos artistas alemães mais jovens que não acompanham a linha geral, mas ainda assim produzem obras que só nestes anos seriam possíveis.

A arte de Küchenmeister busca a forma. Cria a figura, uma manifestação figurativa sentida plásticamente, que se ergue muda e poderosamente diante de planos imaginários. À atitude clássica da forma orgânica correspondem a pictórica, contida e áspera, e a côr tósca, raras vezes resplandescente. Esta arte é silenciosa, não rumorosa. Teme a banalidade e não se deixa perturbar pelo lugar-comum de que a pintura está no fim. As aquarelas e desenhos são mais desinibidos, mais abertos e, em alguns casos, também mais apaixonados que a fria soberania dos quadros, que fazem sentir o seu teor significativo, emergindo da profundidade, sem, no entanto, revelá-lo. Küchenmeister desenha muito bem.

As formas da severa arte do gravador Josua Reichert são principalmente letras. Os meios de que se utiliza são caracteres de madeira e o seu reverso plano, retangular. A técnica utilizada é a gravação à mão. O seu "métier" é a tipografia artificial. Da existência inexorável dos caracteres nasce, no ato da impressão, nos tipos impressos sem finalidade, uma arte austera e ao mesmo tempo muito poética, cujo ponto de partida encontramos em Hendrik Werkman. Nas folhas com letras, Reichert dá à Palavra, à Poesia, à Fábula uma forma visual pura. Com o caráter de sinais, suas folhas vigorosamente coloridas são uma variante muito alemã do "Hard Edge" internacional.

Herbert Pée

## PINTURA

### KUCHENMEISTER, Rainer

#### TINTAS SINTÉTICAS SÔBRE CHAPAS DE "NOVOPLAN"

1. Velho Cavaleiro, 1960. Col. H. J. Bode, Erlangen. 110 x 92
2. Cardeal I, 1960. Col. H. J. Bode, Erlangen. 110 x 92
3. Personagem II, 1960. Col. Cariguel, Paris. 110 x 93
4. Homenagem a Hemingway, 1961. 110 x 93
5. Toureiro II, 1961. Col. H. J. Bode, Erlangen. 110 x 90
6. Figura Dupla I, 1961. Col. Jacques Lacroche, Canes. 110 x 90
7. Figura Dupla II, 1961, 109 x 84
8. Figura II, 1962. 140 x 88
9. Personagem VI, 1962. 131 x 125
10. Quadro, 1963. 145 x 130
11. Ramsés, 1963. 122 x 105
12. Moisés, 1963. 150 x 120
13. Composição em Vermelho, 1963. 130 x 120
14. Toureiro III, 1964. Col. Rolf Becker, Munique. 125 x 109
15. Cardeal II, 1965. Col. Robert Herpain, Bruxelas. 142 x 123
16. A Viúva, 1965. 133 x 107
17. Imagem de Uma Desconhecida, 1965. 125 x 77
18. Irmãos Siameses, 1965. Col. Walter Neverburg, Hennef-Sieg 140 x 97
19. Personagem IX, 1966. 135 x 120
20. Violeta Egípcia, 1967. 130 x 120

## AQUARELA

21. Aquarela e Colagem, 1963. 31 x 29
22. Aquarela 14, I, 64. 30 x 25
23. Aquarela 21, IV, 64. 25 x 21
24. Aquarela 27, IV, 64. 26 x 20
25. Aquarela VI, 64. 32 x 24
26. Aquarela 25 IX, 64. Col. Herbert Pée. Ulm. 35 x 26
27. Aquarela 12, XI, 64. 41 x 30
28. Aquarela 19, I, 65. 30 x 23
29. Aquarela 2, 65. 32 x 22
30. Colagem 20-VIII, 65. Museum Ulm. 31 x 26
31. Aquarela XII, 65. 25 x 23
32. Aquarela e Colagem, 23-I, 66. Museum Ulm. 37 x 30
33. Aquarela e Colagem 13-II, 66. Museum Ulm. 43 x 29
34. Desenho e Aquarela, 1966. Col. Defet, Nuremberg. 42 x 31
35. Aquarela (Monsieur Landru) 23 I, 67. 39 x 26
36. Aquarela 28-I, 67. Museum Ulm. 35 x 23
37. Aquarela 28-I, 67. Museum Ulm. 34 x 26
38. Aquarela 22-III, 67. Col. Rudolf Scharpff, Stuttgart. 43 x 29
39. Aquarela 10-IV, 67. 39 x 26
40. Aquarela 12-IV, 67. 44 x 26

## DESENHO

### KUCHENMEISTER, Rainer

1. Desenho 6-XII, 61. Museum Ulm. 82 x 60
2. Desenho Colorido XII, 61. Museum Ulm. 83 x 57
3. Desenho 3, 62. Museum Ulm. 78 x 56
4. Desenho Colorido 3, 62. Col. Herbert Pée, Ulm. 77 x 54
5. Desenho Colorido e Colagem, 63. Col. Wolfgang Feger, Ulm. 63 x 51
6. Desenho 3-VI, 65. Museum Ulm. 65 x 50
7. Desenho 28-IX, 65. 65 x 50
8. Desenho Colorido e Colagem, 1963. Col. Herbert Pée, Ulm. 62 x 47
9. Desenho Colorido X, 65. 60 x 50
10. Desenho Colorido e Colagem IV, 67. 65 x 50
11. Desenho IV, 67. 65 x 50
12. Desenho Colorido V, 67. 65 x 50

## GRAVURA

### REICHERT, Josua

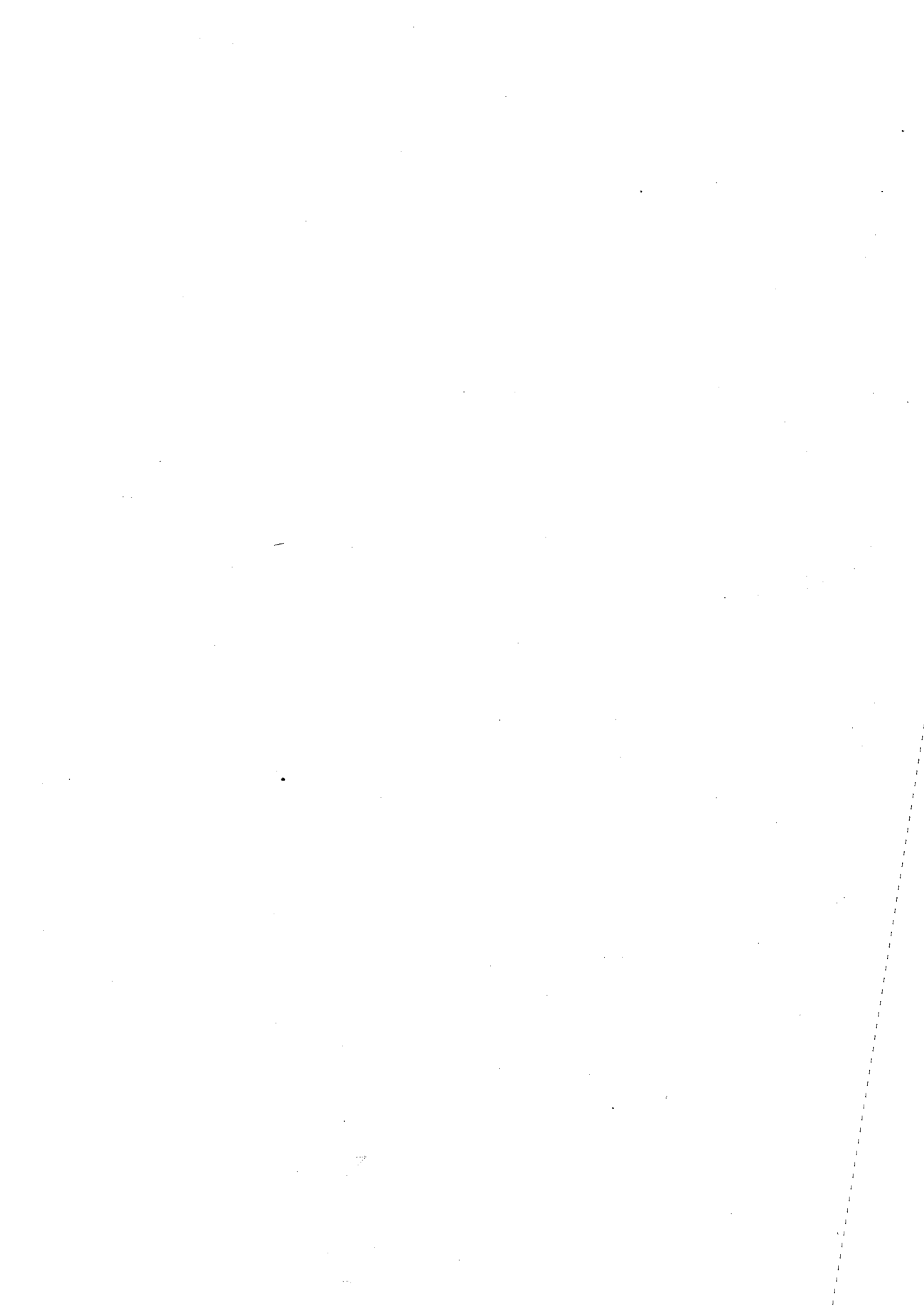
#### XILOGRAVURA

1. Pressentimento da Paz. Poesia de Oskar Lörke, 1960. Duas partes. Schuller Museum Marbach. 120 x 140 120 x 150
2. Berlim I. Poesia de Georg Heym, 1960. Duas partes. 120 x 140 120 x 130
3. História da Porcelana, I, 1960. 120 x 500
4. Tipografia Igor, 1961. 61 x 43
5. Tipografia "Sator Arepo Tenet Opera Rotas", 1962. 61 x 43
6. Elegia para HNW, 1962. 61 x 43
7. Tipografia Ahasver, 1962. 61 x 43
8. "Sator Arepo Tenet Rotas", 1962 (Cirílico). 86 x 61
9. Tipografia Joshuatree, 1963. 61 x 43
10. "Codex Typographicus", 1963/64. Museum Ulm. 61 x 43
11. Um par, 1963. Poesia de Ludwig Greve. 61 x 43
12. Fenix, 1964. Fábula de Lessing. 61 x 43
13. Inicial Psi, 1964. 63 x 48
14. Cartaz Toulouse, 1964. 61 x 43
15. Como a Floresta... 1965. Fragmento de Kafka. 73 x 61
16. Cartaz Amsterdam, 1966. 61 x 43
17. 16 gravuras e Capa do "Livro de Iniciais Russas", 1966 (Ao todo 2 títulos e 24 gravuras tipográficas). —
18. Cartaz Nuremberg, 1967. 61 x 49



# **ANTILHAS HOLANDESAS**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
BUREAU CULTUUR EN  
OPVOEDING, WILLEMSTAD.





## PINTURA

ENGELS, Lucila (1920)

1. Edda. 103 x 154
2. Cavalo Bailarino. 103 x 154
3. Natureza Morta. 103 x 154
4. Ressaca. (Rebentação). 103 x 154
5. "Wara-Wara Fabel", 103 x 154
6. Veleiros. 103 x 154
7. Distância. 103 x 154
8. Fora da Cruz. 103 x 185
9. Senhora na Poltrona. 103 x 154
10. Existência. 135 x 91
11. Galináceos. 103 x 154
12. Grupo de Igreja. 103 x 154



# **ARGENTINA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTERIO DE RELACIONES  
EXTERIORES Y CULTO,  
BUENOS AIRES.

COMISSÁRIO:  
PROFESSORA SILVIA AMBROSINI



# ARGENTINA

## JULIO LE PARC SALA ESPECIAL

A chamada civilização da imagem em que vivemos, produziu singular florescimento das artes visuais.

A Argentina, como tôda a América Latina conta com artistas que participam ativamente dos movimentos criadores de valorização internacional. De assimilar tendências passou-se a compartilhar iniciativas. Até surgir a Bienal de São Paulo, o interêsse dos meios artísticos concentrava-se unicamente nos países tradicionais. A Bienal deslocou a atenção para o valor e a originalidade dos artistas da América Latina, dando alento à sua inquietação criadora e tornando-se nôvo centro de atração mundial.

Para ressaltar êsse feito, o “Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto”, apresenta a sala especial Le Parc — primeiro grande prêmio outorgado a um pintor latino-americano na Bienal de Veneza — que assinala a evolução de uma tendência artística enraizada nas obras dos primeiros pintores e escultores, tanto da Argentina como do Brasil e da Venezuela, coincidentes na inclinação para tendências construtivas em épocas menos propícias que as atuais.

**HERNÁN LAVALLE COBO**  
Diretor Geral de Relações Culturais

## SALA ESPECIAL

### LE PARC, JULIO

#### TÉCNICA MISTA

1. "Continuel-Mobile", 1966. 98 x 40 x 8
2. "Continuel-Lumière" Cilindro, 1966. 82 x 62 x 17
3. "Continuel-Mobile", 1966. 72 x 20 x 15
4. Formas Virtuais, 1966. 50 x 40 x 20
5. "Continuel-Lumière", 1966. 84 x 50 x 26
6. "Continuel-Lumière", 1966. 123 x 42 x 18
7. Jôgo Visual, 1966. 57 x 57 x 14
8. Círculo em Contorção sôbre Trama, 1966. 123 x 123 x 20
9. "Continuel-Mobile" Prateado, 1967. 57 x 57 x 14
10. Trama Alternada, 1965. 60 x 60 x 60
11. Círculos Virtuais, 1964/67. 200 x 300 x 30
12. Jôgo com Duas Bolas de Pingue-Pongue, 1965. 120 x 15
13. Mesa Jôgo com Vinte Bolas de Pingue-Pongue, 1965.  
120 x 120 x 20
14. Círculos por Deslocamento Horizontal, 1965/66.  
233 x 180 x 20
15. Seis Espelhos Duplos, 1966.
16. Doze Pares de Óculos, 1965.
17. Cinco Movimentos Surprêsa, 1966. 224 x 30 x 30
18. "Continuel-Luz-Cilindro", 1962/66. 169 x 122 x 35
19. "Continuel Luz com forma contínua." 1966/67.  
491 x 123 x 20
20. Conjunto de Seis Movimentos Surprêsa. 1966/67.  
350 x 120 x 30
21. "Continuel-Luz", 1966. 93 x 58 x 22
22. "Luz-Pulsante", 1966/67. 80 x 80 x 30
23. Dois Projetores de Luz Pulsante, 1966. 92 x 35 x 17
24. Painel, Placas e Espelhos, 1966. 200 x 100 x 10
25. Seis Círculos em Contorção, 1967. 102 x 245 x 20
26. Formas em Contorção, 1967. 203 x 53 x 20

Os jurados nacionais, ao selecionarem nossa representação à Bienal de São Paulo, desejariam incluir todo e qualquer artista que tivesse algo próprio para dizer. Dessa maneira, no certame internacional (seriam umas duzentas mil obras) poderiam ser valorizados numerosos aspectos de cada país representado. Mas, essas mesmas pessoas, que integraram o júri local, ao percorrerem as salas do Ibirapuera, passariam a desejar a Bienal ideal: uma obra de cada país. Tal obra seria a síntese perfeita de toda a produção dinâmica, que se modifica um pouco cada dois anos. Todos sabem, no entanto, ser isso impossível, por mil razões. A mais forte e a menos política de todas é a diversidade de tendências inconciliáveis em vigor na plástica contemporânea. Por exemplo, o figurativismo expressionista, os diversos enfoques do surrealismo e as construções frias de formas elementares não podem caber numa unidade simples. Na representação argentina, justamente na secção de pintura, figuram três artistas que vivem êsses mundos imaginários diferentes. Cada um dêles, por sua vez, não representa uma síntese da tendência em que se movem. São expoentes de alto gabarito que têm algo a dizer, que lhes é próprio. Sua presença na Bienal testemunha uma dupla vitalidade: a pessoal e a do clima em que se vive em Buenos Aires onde está presente o que hoje tem vigência.

## SALA GERAL

### PINTURA

**DISTÉFANO, Juan Carlos (1933)**

**POLIESTER, TÊMPERA GORDUROSA E PÍNTURA ACRÍLICA**

1. Todos os Dias, 1965. 78 x 106
2. Tríptico, 1965. 300 x 200
3. Rãs na Cabeça, 1966. Propriedade do Sr. Natalio Povarché.  
58 x 58
4. Homem da Segunda-Feira, 1966. 47 x 78
5. Três Versões, 1966. 150 x 450
6. Homenagem, 1966. 170 x 70
7. Na Terra, 1967. 50 x 200
8. Na Chuva, 1967. 50 x 200
9. No Fogo, 1967. 50 x 200
10. O Cão do Hortelão, 1967. 150 x 200
11. Escadas, 1967. 150 x 200
12. Crônica Policial, 1967. 200 x 300

### ESCULTURA

**LAMELAS, David (1944)**

**ESTRUTURAS DE ALUMÍNIO, ACRÍLICO E LUZ.**

1. Reflexão Estática com Limites num Espaço Primário,  
1967. 1500 x 1000
2. Projeção Modificada n.º 1, 1967. 150 x 200
3. Projeção Modificada n.º 2, 1967. 150 x 200
4. Projeção Modificada n.º 3, 1967. 150 x 200

**RENART, EMÍLIO (1925)**

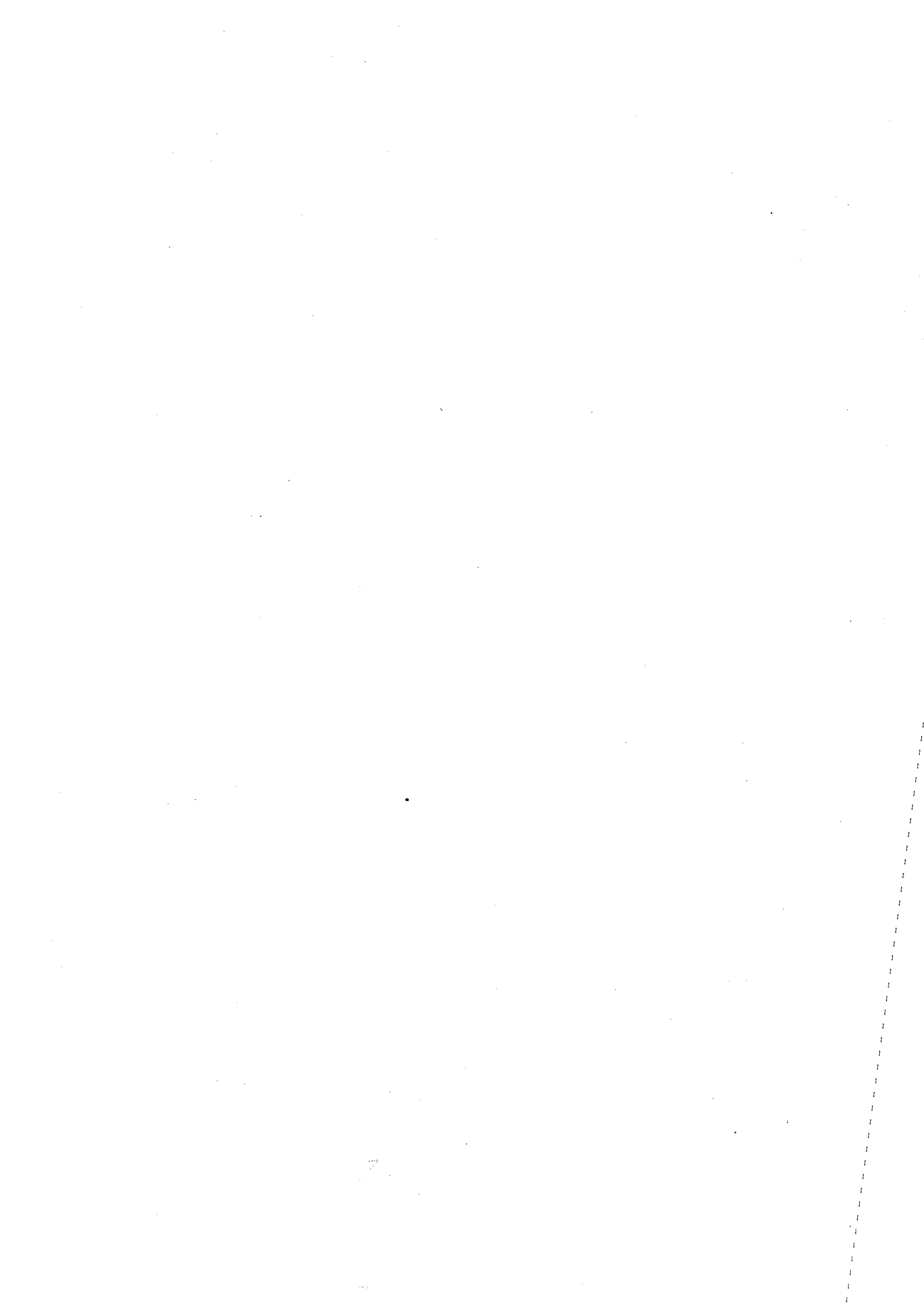
5. Integração, Biocosmos n.º 5. Mutação Primeira, 1967.  
Composição de Diversos elementos realizada em técnicas  
e materiais vários. 1200 x 600



# ÁUSTRIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
OSTERREICHISCHES MUSEUM FÜR  
ANGEWANDTE KUNST, VIENA.

COMISSÁRIO: WILHELM MRAZEK



# ÁUSTRIA

Wolfgang Hollegha e Alfred Hrdlicka, que representam a Áustria na IX Bienal, são expressões típicas da nova geração que amadureceu e se afirmou artisticamente no clima de liberdade que teve início em 1945, ao terminar a segunda guerra mundial.

Desde suas primeiras exposições, há dez anos, estão ambos na mira do público: o pintor Hollegha, principal representante do grupo de artistas que se reuniu em volta de Otto Mauer, é conscientemente abstrato, enquanto o escultor e gravador Hrdlicka, convictamente definido num realismo naturalista, é conscientemente anti-abstrato e anti-estético. Representam suas obras, assim, duas manifestações artísticas diametralmente opostas.

Ambos os artistas, o pintor e o gravador, dão preferência às obras de formato grande. A criação de Hollegha, mais do que quadros, parece murais de dimensões monumentais tendo como fundo um branco brilhante, de onde emergem tonalidades cromáticas, leves mas ao mesmo tempo fortes, fugidias como nuvens no céu, vivas e líquidas como a vegetação exprimindo sua íntima ligação com a harmonia universal musical e lírica.

Os desenhos figurativos e os ciclos gráficos de Alfred Hrdlicka são totalmente diferentes. Das inspirações bíblicas e acontecimentos históricos aos fatos da atualidade, seus temas, extremamente ricos, estimulam representações dramáticas e cíclicas. Suas figurações sempre aparecem vinculadas ao elemento humano, aos destinos humanos, às dores e paixões das criaturas e a todas as antigas e sempre atuais motivações humanas: amor, morte, estímulo biológico, holocausto, sentimento de culpa, crime. Sem qualquer preocupação de controle intelectual ou formalista, os acontecimentos são perpetuados em branco e preto, de forma espontânea, chocante, provocadora, com uma violência elementar que denuncia, no mais insignificante detalhe e no menor dos traços, a vitalidade e o dinamismo da capacidade criadora do artista.

Wilhelm Mrazek

## PINTURA

### HOLLEGHA, Wolfgang (1929)

1. Pássaro, 1960. 201 x 233
2. Brinquedo, 1962. Col. Tiroler Landesmuseum Ferdinandeum, Innsbruck. 188 x 140
3. Composição, 1962. Col. Bundesministerium f. Unterricht, Viena. 201 x 204
4. Pintura, 1963. Col. Bundesministerium f. Unterricht. Viena. 162 x 185
5. Cestinhos, 1963. 162 x 181
6. Raízes, 1963. 153 x 169
7. Natureza Morta com Tela, 1965. 201 x 218
8. Natureza Morta com Tela, 1965. 70 x 70
9. Composição com Madeira II, 1965. Museum des 20. Jahrhundert, Viena. 121 x 115
10. Quadro, 1965. 150 x 138
11. Pradaria, 1965. 121 x 115
12. Cabeça, 1966. 114 x 122
13. Composição com Madeira III, 1966. Neue Galerie, Graz. 199 x 194

## DESENHO

### HRDLICKA, Alfred (1928)

1. Esbôço de Obra, 1964. 250 x 210
2. Esbôço de uma Crucificação, 1965/67. 220 x 250
3. Esbôço de Obra, 1966. 220 x 250
4. Esbôço de Um Relêvo de "Haarmann", 1966. 210 x 300
5. Esbôço das "Mil e Uma Noites", 1967. 193 x 220
6. Esbôço "No Médico", 1967. 193 x 220
7. Esbôço de Obra, 1967. 220 x 150

## GRAVURA

### HRDLICKA, Alfred (1928)

#### CICLO DOS TEMAS BÍBLICOS (ÁGUA FORTE)

1. Deslumbramento de Sansão, 1961. 34 x 35
2. Sansão e Dalila, 1961. 26 x 57
3. Sansão Acorrentado, 1961. 25 x 20
4. Sansão em Gaza, 1962. 30 x 27
5. Pecado de "Amnon", 1962. 26 x 41
6. João Batista Antes da Execução, 1962. 19 x 32
7. Herodes, o Grande, 1964. 35 x 29

#### CICLO DAS MIL E UMA NOITES (ÁGUA FORTE)

8. As Damas do Café (As Italianas), 1961. 26 x 39
9. Três Mulheres, 1961. 26 x 29
10. Sentados, 1961. 34 x 22
11. Ilusão Perdida, 1962. 32 x 19

CICLO "MARTHA BECK" (ÁGUA FORTE)

12. As Rivais Envenenadas, 1962. 38 x 43
13. Martha Beck e Uma de Suas Vítimas, 1962. 43 x 38
14. Morte de Mrs. Thompson, 1962. 39 x 49
15. Martha Beck na Cela da Morte, 1962. 27 x 20
16. "Happy-End": Martha Beck na Cadeira Elétrica, 1963.  
35 x 40

CICLO "JOHAN JOACHINS WINCKELMANN" (ÁGUA FORTE)

17. Nobre Inocência e Silenciosa Grandeza de Edle, 1965.  
50 x 49
18. Fim horripilante de J. J. Winckelmann, 1964/65. 62 x 93

CICLO "HAARMANN" (ÁGUA FORTE)

19. Haarman Mergulhando no Tempo, 1965. 51 x 50
20. Cabeça atrás do Forno, 1965. 49 x 50
21. Preparando o Cafêzinho, 1965. 20 x 74
22. Haarman Recebe Certificado de Antecedentes Negativo,  
1965. 45 x 69
23. Haarman Age de Forma Radical, 1965. 36 x 54
24. Extraordinário Metabolismo de Haarmann, 1965. 51 x 50
25. Interrogatório de Haarmann, 1965. 26 x 42

CICLO "ROLL OVER MONDRIAN" (ÁGUA FORTE)

26. Soho, 1966. 49 x 40
27. Cão, 1966. 57 x 49
28. Sexta-Feira Santa. 99 x 70
29. Novíssimo Testamento, 1966. 75 x 55



# **BARBADOS**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA POR  
THE BARBADOS ARTS COUNCIL,  
ST. MICHAEL.





# BARBADOS

Os trabalhos de Barbados, objetivam apresentar efeitos visuais e emocionais, dos mais característicos elementos de vida da ilha.

A luta presente de seu povo, tanto sócio-econômica como política, nestes primeiros meses de independência, surge nítida nos vários estilos e nos motivos das obras apresentadas. Assim, os encargos dos trabalhos nos campos, esmagadores física e psicologicamente e que evocam lembranças de uma herança de escravos, podem ser observados em algumas das pinturas enquanto em outras o metódico e disciplinado espírito britânico é claramente visível. Tôdas as obras refletem o meio físico da ilha — côres intensas, espelhos do sol, do mar e da folhagem luxuriante.

A ilha de coral de Barbados, com uma população de um quarto de milhão, está situada a leste das Antilhas Menores, no Caribe. Conseguiu completa independência do Reino Unido a 30 de novembro de 1966.

A Comunidade Artística inclui naturais de Barbados descendentes de colonizadores britânicos e de imigrantes de todo o mundo.

## **PINTURA**

**ARMSTRONG, Mary Letitia (1925)**

1. "Milly, Milly". 675 x 775

**BURTON, Patricia Dorothy Gertrude (1936)**

2. Tema Purpúreo. 4125 x 1025

**DANIEL, Brenda (1937)**

3. Angústia. 925 x 775

**MOORE, Roger Derrech (1942)**

4. Cidade. Acrílico e espátula. 80 x 65

**SCOTT, Betty Arlene (1922)**

5. Escolares. Acrílico e espátula. 905 x 80

**ST. JOHN, Stella Rosita (1933)**

6. Sôbre a Colina ao Pôr do Sol. Acrílico e espátula. 75 x 1075
7. O Banho. 62 x 525

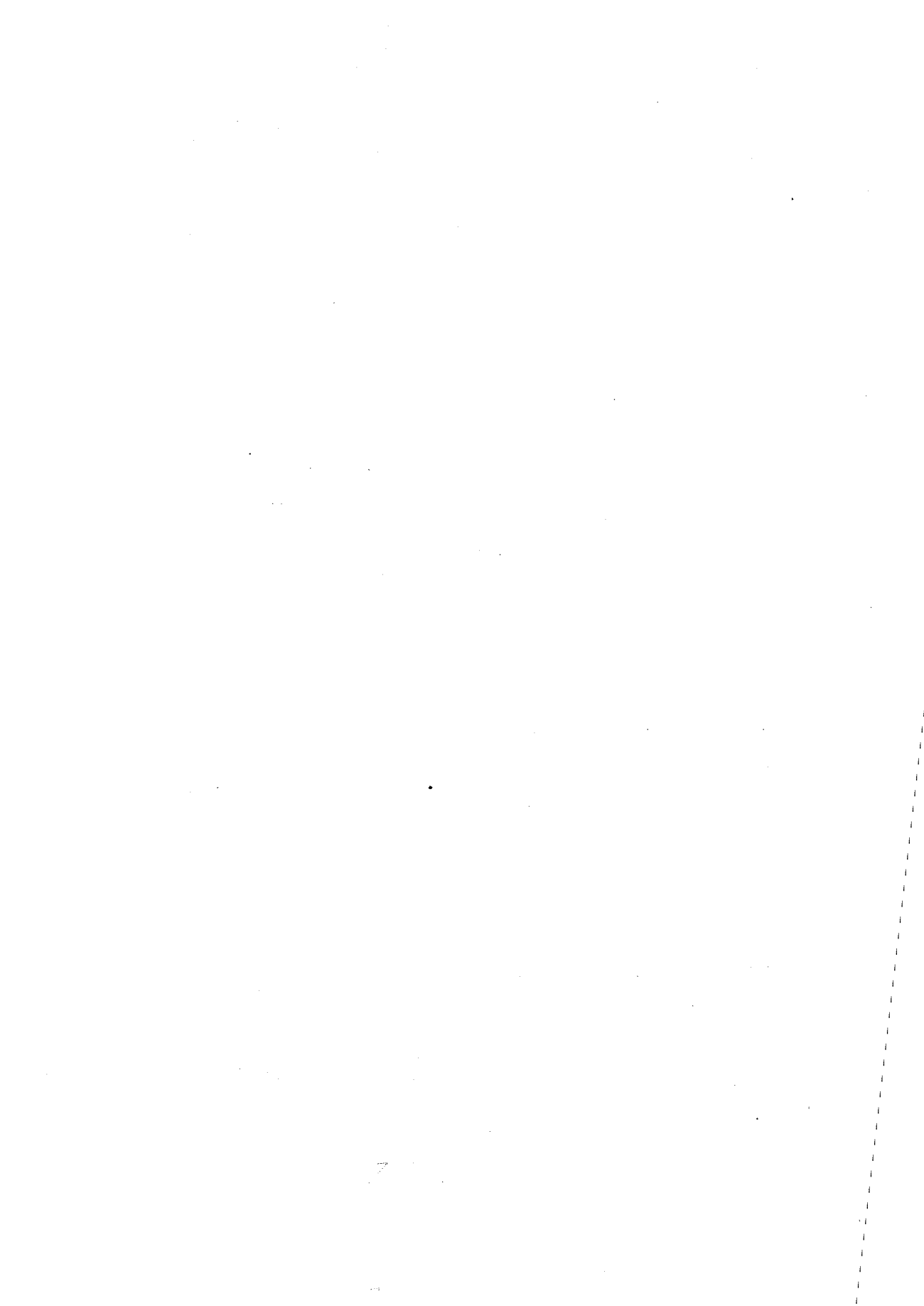
**TALMA, Norma Elaine (1936)**

8. Trabalhando no Campo. Acrílico e espátula. 125 x 85

# **BÉLGICA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
SERVICE DES AFFAIRES  
CULTURELLES NATIONALES,  
MINISTÈRE DE LA CULTURE,  
BRUXELAS.

COMISSÁRIO: F. DE LULLE



# BÉLGICA

A participação belga na IX Bienal de São Paulo está entregue a cinco artistas.

Lugar especial foi reservado a Vic Gentils. Seu Jôgo de Xadrez, composto de 32 peças monumentais, constitui sua mais recente produção. Adquirido por "Middelheim Promotors" foi-nos cedido para apresentação em São Paulo. Esta importante obra mostra admiravelmente a capacidade inventiva e o gênio bizarro desse artista.

Escolhemos três pintores para representar correntes diferentes da pintura belga atual:

Jef Verheyen, é obsecado pelo problema da luz. Contraria a tradição pictória flamenga. Suas obras unicromáticas, de nuances variadas, interpretam a natureza com rara sensibilidade.

O Expressionismo encontra um adepto apaixonado em Serge Vandercam. Este belga nascido na Escandinávia, em telas de extrema violência, exprime uma visão que, como a de E. Munch, combina a irrealidade do sonho com a realidade ameaçadora. Dan Van Severen, por sua vez, realiza uma obra geométrica da qual afasta o acessório e o acidental. "Os sinais, pintados por Van Severen, convidam à prece e à contemplação", escreve o crítico M. Bilcke.

O escultor Felix Roulin é representado por um conjunto de 15 peças. Pertencendo à jovem geração de escultores belgas, possui marcada personalidade que se baseia num "métier" seguro e numa técnica notável.

F. de Lulle

## PINTURA

### VANDERCAM, Serge (1924)

1. O Cão Me disse, 1966/67. 195 x 130
2. O Poeta, 1967. 130 x 97
3. O Pintor, 1967. 130 x 97
4. Abertura dos Olhos, 1967. 130 x 97
5. A Mulher e a Morte, 1967. 130 x 97
6. Eu e as Máscaras, 1967. 195 x 130

### VAN SEVEREN, Dan (1927)

7. Composição, 1964. 183 x 183
8. Composição com Cruz, 1964/65. 195 x 130
9. Composição com Elipse, 1965/66. 195 x 130
10. Composição com Dois Quadrados, 1967. 130 x 97
11. Composição com Círculo, 1967. 145 x 95

### VERHEYEN, Jef (1932)

12. Veneza à Noite, 1965/66. 210 x 600
13. Espaço, 1965/66. 130 x 130
14. Sol I, 1965/66. 150 x 150
15. Sol II, 1965/66. 150 x 150
16. Pôr de Sol, 1966/67. 130 x 130
17. "Panarea", 1966/67. 120 x 120

## ESCULTURA

### GENTILS, Vic (1919)

1. Jôgo de Xadrez, 1965/67. Madeira. 110 a 250 (altura)
2. Jôgo de Xadrez, 1966. Bronze.

### ROULIN, Félix (1937)

3. Manufatura I, 1966. Chumbo. 40 x 40
4. Sete Bôcas, 1966. Latão. 67 x 90
5. Com 2 Voltas de Parafuso, 1966. Bronze. 31 x 22
6. Redondo e Dedo, 1966. Bronze. 30 x 36
7. Superfície com Seios, 1966. Latão. 38 x 35
8. Dedilhando, 1966. Latão. 36 x 39
9. Relêvo com 5 Dedos, 1966. Latão. 31 x 26
10. Bloco de Punhos, 1966. Latão. 22 x 32 x 24
11. Duas Mãos mais Dois Seios, 1966. Latão. 34 x 38
12. Com Parafuso, 1966. Latão. 45 x 40
13. Com Tampa, 1966. Latão. 28 x 36
14. Metalúrgica, 1966. Bronze. 24 x 51
15. Duas Vêzes Oito Punhos, 1966. Latão. 65 x 105
16. Protuberância Redonda, 1966. Latão. 31 x 32 x 29
17. Relêvo com Um Punho. Latão. 36 x 41

# **BOLÍVIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTERIO DE EDUCACIÓN  
Y CULTURA, LA PAZ.

COMISSÁRIO: NORHA BELTRAN





# BOLÍVIA

Cinco pintores compõem a delegação que representará a arte boliviana na IX Bienal de São Paulo.

Encontramos atualmente na arte boliviana duas nítidas correntes; uma que reflete a terra, a paisagem e os problemas nacionais, até mesmo na pintura mais abstrata, mimetizando o artista e a nação. A outra, em seu desejo de comunhão com todos os artistas do mundo, leva em si o amor pela nação mas pretende transformar a linguagem da arte em uma expressão internacional.

O grupo que ora expõe mostra várias tendências: são artistas em diferentes estágios de experiência e pesquisa.

**JOSÉ ASBUN SELEME** — Artista atual, desenhista dedicado à pesquisa do homem e de suas entranhas. Em seus trabalhos, executados com técnicas mistas, sobressai o bico de pena.

Utiliza o tradicional em uma nova forma de expressão. Sua notável personalização é acentuada no emaranhado do desenho de onde surge a lírica e ao mesmo tempo chocante união do psíquico-humano ao homem carne e vísceras. Representa o desejo de libertação do espírito e a dor do existir. Seu desenho é rico em detalhes, dinâmico e pessoal.

**JOSÉ JEREMIAS BUSTAMANTE ORTIZ** — Expõe na Bienal pela segunda vez. Sua obra é executada em óleo com grande conhecimento. Sua expressão é a da “matéria gerando o homem e o homem gerando a matéria”. Percorreu vários países onde elaborou e deixou obras suas. Sua sensibilidade encontrou em todos os lugares a mesma problemática humana que transmite em seus quadros, onde sintetiza o figurativo e o geométrico.

**ALBERTO MEDINA e MANUEL ITTURI GUZMAN** — Expõem pela primeira vez em São Paulo e pertencem ao grupo de artistas plásticos de La Paz, tendo atravessado uma trajetória de dedicação, luta e trabalho.

**NORHA BELTRAN** — Expondo pela quarta vez na Bienal, modifica sua linha de figuras monolíticas em busca de uma “nova figuração”.

Norha Beltram

## **PINTURA**

**BELTRAN, Norha (1929)**

### **TÉCNICA MISTA**

1. Ausência. 100 x 80
2. Solidão. 100 x 80
3. Procura do Eu. 100 x 80
4. Ninguém. 100 x 80
5. Aflição. 100 x 80

**GUSTMAN, Manuel Iturri**

6. Vôo Mágico, 1964. — Óleo sôbre madeira. 126 x 67
7. Amanhecer, 1964. 100 x 80
8. Viagem Espacial, 1964. 1964. 81 x 116
9. Atração Interplanetária, 1964. 80 x 110

**MENDIETA, Alberto Medina**

10. Ocaso, 1966. 60 x 100
11. Orto, 1966. 64 x 99
12. Ternura, 1966. 92 x 71
13. Pária, 1967. 90 x 50

**ORTIZ, José Jeremias Bustamante (1944)**

14. F. H. Fórmula Humana. 100 x 120
15. H. M. Homem Morto. 100 x 120
16. C. I. Chave do Inferno. 100 x 120
17. T. C. Tereza e seu Corpo. 100 x 120

## **DESENHO**

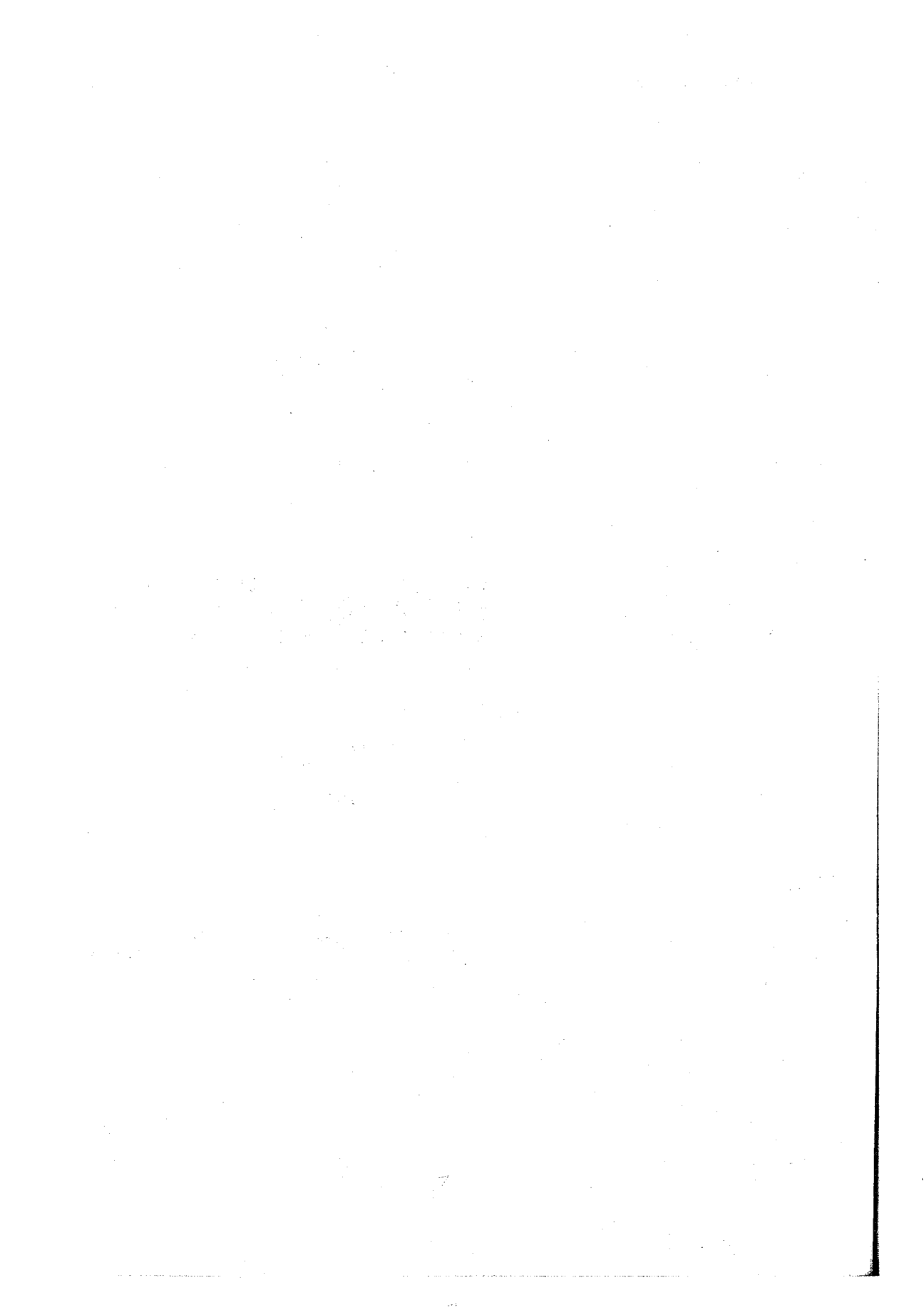
**SELEME, José Asbun (1943)**

1. "Deus Ex Machina". 90 x 120
2. "Malesuada Fames". 90 x 120
3. "In Vivo". 90 x 120
4. "Margaritas ante Porcos". 90 x 120
5. "Hic et Nunc". 90 x 120

# **BRASIL**

DANILO DI PRETE  
BRUNO GIORGI  
FERNANDO ODRIUZOLA

SALAS ESPECIAIS



## DANILO DI PRETE

A partir do sexto certame, sòmente fazem jus a salas especiais brasileiras na Bienal de Arte de São Paulo os grandes laureados. Ora, esta é a segunda vez que cumpro o protocolo axiológico de prefaciá a sala de Danilo Di Prete, o que equivale a relembrar o fato surpreendente de lhe haver sido outorgado duas vèzes o grande prêmio de melhor pintor nacional. Em 1951 e em 1965. Há, portanto, o caso Di Prete e há a pintura de Di Prete.

O singularíssimo caso Di Prete mostra que a pintura não é uma vacina; pode, pelo contrário, acarretar recidivas. De fato, êste artista, ao chegar ao Brasil em 1946, já trazia no seu passaporte profissional os carimbos dos prêmios de Caselli, Lucca, Spezia, Viareggio, Florença e Cremona. E no curto prazo de quatro anos colecionaria dentro da sua carteira 19 mais vinte e três fitinhas-troféus de recompensas oficiais conferidas à sua atividade publicitária em concursos para cartazes. Hoje em dia êle é um pintor que, vestido, apresenta no avental encoscorado de tinta as colagens de vários outros prêmios de aquisição, algumas medalhas de ouro, o crachá Oderbrechet, o penduricalho S. A. P. S.; e que, desnudo, mostra no peito cabeludo de toscano duas grandes tatuagens com que júris internacionais o lanharam de surpresa — no Trianon e no Ibirapuera. Só que tanto o avental como a pele também entremostam ainda as cicatrizes de apenas dois anos quando artistas e críticos — inclusive eu — abriram paroxística polémica, sacolejando-o mais do que na juventude as vagas do balneário de Viareggio quando elas o jogavam de encontro aos rochedos do Mediterrâneo.

E há a pintura de Di Prete. Até recentemente ela foi telúrica e geodésica, muito embora êle a rotulasse simbòlicamente de planetária e cósmica. Dir-se-ia uma coleção cartográfica em relêvo cromático, miniaturizando a morfologia (vista *a vol d'oiseau*) de arquipélagos. E isso tão excelentemente que, se Di Prete insistisse nesse temário, poderia virar o *pompier* do tachismo, tornar-se a repetição atual dos casos virtuosísticos de Meissonier, Cabanel e Cormon. Mas a obra que êle nos oferece nesta IX Bienal significa mais um espetacular fenômeno Di Prete.

Vejamos primeiro os suportes: tela, madeira compensada, alumínio. Suportes unos, difusos, verticais, transversos. Ou duplos, curvos, côncavos, convexos, formando cornijas, alizares, diafragmas, órbitas, pálpebras, devido às fendas, às nesgas, aos pertuitos. Vejamos em seguida os materiais: rêdes de nylon; bolas e elipses de maçanetas translúcidas; fundos de garrafas; feixes e telas de arame; fragmentos de ferro; lascas de vidro; conglomerados de seixos, tudo extraído de *ash cans*, meros *realiquats* "pop". Ora, com êsses resíduos de *poubelle* que muitos artistas utilizam a esmo, Di Prete organiza quadros grandes e estojos pequenos, de uma beleza deveras extraordinária, pelo sentido de harmonia e ritmo com que dispõe, incrusta e insere os materiais. Há que considerar ainda os efeitos de analogia: vistos a certa distância ou em *close up*, os arranjos são da melhor categoria: "opo". Não se trata de ocasionais montagens,

*environments e assemblages*, e sim de metonímias à espera da intervenção carismática da eletricidade.

Pois, como se não lhe bastassem os estratagemas de *trompe oeil*, Danilo vai mais longe do que Le Parc e Shoeffler. Associa aos recursos plásticos o movimento pendular de lâmpadas acesas mas invisíveis que, indo e vindo, desvendam um espaço interior, uma nova dimensão pulsátil, despertam no bôjo e na periferia dos quadros misteriosos fulgores de diamantes, ágatas, rubis, safiras topázios, opalas, esmeraldas, ametistas, turquezas, sílicas, quartzos, granadas, coridons e berilos, obrigam aquelas maçanetas, aquêles fundos de garrafas, aquelas lascas, aquêles seixos a se transformarem em gemas, em grutas de Capri, em torsos siderais, enquanto as rêdes de nylon se põem a vibrar em ondas *moirées*.

Trata-se de arrojado sincretismo de recursos que, renovando a obra de Di Prete, a elevam ao mais alto gabarito da arte contemporânea universal.

José Geraldo Vieira

# PINTURA

## TÉCNICA MISTA

MADEIRA, VIDRO, REDE DE NYLON, ALUMÍNIO, FERRO, PLÁSTICOS E ENERGIA ELÉTRICA.

1. Nascimento de Cristo, 1967. 100 x 100
2. Morte de Cristo, 1967. 100 x 100
3. Ascensão, 1967. 100 x 100
4. Alvorada, 1967. Série Homenagem a Brasília. 100 x 100
5. Pôr do Sol, 1967. Série Homenagem a Brasília. 100 x 100
6. Meteorito, 1967. Série Homenagem a Brasília. 100 x 100
7. Astro Azul, 1967. 100 x 100
8. Escorpião, 1967. 100 x 100
9. Ave Cósmica, 1967. 25 x 60
10. Bicho Cósmico, 1967. 95 x 60
11. Paisagem Cósmica, 1967. 100 x 100
12. Paisagem Cósmica, 1967. 100 x 100
13. Paisagem Cósmica, 1967. 100 x 100
14. Paisagem Cósmica, 1967. 100 x 100
15. Paisagem Cósmica, 1967. 100 x 100
16. Paisagem Cósmica, 1967. 100 x 70
17. Paisagem Cósmica, 1967. 100 x 70
18. Paisagem Cósmica, 1967. 60 x 25
19. Paisagem Cósmica, 1967. 60 x 25
20. Paisagem Cósmica, 1967. 60 x 25
21. Paisagem Cósmica, 1967. 60 x 25
22. Paisagem Cósmica, 1967. 60 x 25
23. Paisagem Cósmica, 1967. 60 x 25
24. Paisagem Cósmica, 1967. 60 x 25
25. Paisagem Cósmica, 1967. 60 x 25
26. Paisagem Cósmica, 1967. 63 x 63
27. Paisagem Cósmica, 1967. 47 x 47
28. Além do Cosmos, 1967. 150 x 70
29. Além do Cosmos, 1967. 150 x 70
30. Além do Cosmos, 1967. 150 x 70
31. Além do Cosmos, 1967. 130 x 130
32. Além do Cosmos, 1967. 150 x 150
33. Além do Cosmos, 1967. 150 x 150
34. Além do Cosmos, 1967. 150 x 70
35. Construção, 1967. 60 x 25

## BRUNO GIORGI

Vista e apreciada, sob o ângulo da crítica, a escultura brasileira, no período que se seguiu à década de 1920, quando a arte moderna passou a ser produzida no Brasil, verifica-se que, dentro dela, a obra de Bruno Giorgi é a mais consistente e a mais vigorosa.

A sua primeira fase figurativa liga-se naturalmente às concepções tradicionais da escultura italiana, que fazia do corpo humano o seu tema exclusivo. Seria essa apenas uma constante da antiguidade clássica e da Renascença? Em pleno século XIX, quando a arte européia começou a libertar-se da sujeição aos ideais e aos cânones grego-romanos, um filósofo do porte de Hegel ainda defendia aquela tradição milenária. No que diz respeito particularmente à escultura talvez essa seja uma fatalidade inexorável. Parece inerente a essa arte e destinada a impôr-se através do tempo e da sucessão histórica dos estilos e das concepções artísticas. O fato é que, por intermédio da projeção de suas formas no espaço, o homem pensa a respeito dos problemas do mundo e sente ou vê nêle próprio uma divindade tal como sempre se verificou na arte dos primitivos e no ritual das religiões que chegaram até a nossa época. Através de sua representação pela imagem, o homem transforma-se ou coloca-se no centro do universo. E expressa, ao mesmo tempo, pela própria figura, os sentimentos que podem ser transmitidos à pedra, ao metal e aos diversos materiais de que se utiliza a escultura. Dessa fase inicial de Bruno Giorgi, as estátuas em repouso são os seus trabalhos mais conseqüentes. Aliás, essa série do artista projetou-se recentemente n' Os Candangos de Brasília que possui, nas suas formas expressionistas, uma dignidade semelhante à das estátuas clássicas.

Fazendo em 1964 um estudo da obra de Bruno Giorgi, dividiu-a Max Benze em três classes distintas e não em três fases ou períodos. Reuniu na primeira as suas esculturas figurativas, na segunda as vegetativas e na terceira as tectônicas ou arquitetônicas. A primeira engloba as suas estátuas, mais expressionistas do que realistas, criadas ao longo de mais de três décadas; a segunda as suas esculturas ou "arranjos em feixe de elementos quase que exclusivamente em forma de haste" ou apresentando estruturas paralelas, "abrindo-se em leque e retorcidas, de um dinamismo barroco"; finalmente a tectônica, a mais recente, inspirada no cubismo, na arte primitiva e nas esculturas totêmicas. As classes vegetativas e tectônicas reúnem os trabalhos do período abstrato de Bruno Giorgi. É evidente que essa classificação do mestre da estética alemã de vanguarda não se refere a todo o conjunto da obra do escultor brasileiro, inclusive aos seus trabalhos feitos dentro de uma temática nacional. Mas, êstes são poucos em sua obra, em que predomina a tendência internacional.

As peças expostas nesta sala da Bienal de São Paulo pertencem de preferência às duas classes últimas a que alude Max Benze. As esculturas de mármore são tectônicas, a exemplo do Meteoro, talhada em mármore de Carrara e feita em 1966, na Itália, para



ser colocada no lago, junto ao nôvo Palácio Itamarati de Brasília.

Mas, não importa neste rápido prefácio, fazer um estudo do conjunto múltiplo da produção artística de Bruno Giorgi. Quero apenas chamar a atenção do público para a excepcional qualidade estética de sua obra. É também para o caráter monumental de suas formas, que mesmo quando realizadas em pequenas dimensões, parecem destinadas aos grandes espaços, aos jardins e aos logradouros públicos. São monumentais pela proporção e pelo equilíbrio das formas. E por isso substituem muito bem, nas praças hoje construídas, as esculturas antigas.

As preocupações formais de Bruno Giorgi, nos últimos anos, estão muito bem expressas em suas obras aqui reunidas. Inclusive as peças feitas em mármore, que retomam a sua experiência do Meteoro. Com êsse trabalho, o artista quis fazer uma forma que representasse a escultura dêste século, realizada num dos mais nobres entre os materiais usados pelos antigos. Depois de DADA e de sua insurreição violenta e radical contra a arte dos museus, tôda uma coorte de escultores e pintores modernos passou a usar materiais inortodoxos, desprezíveis e sobretudo rapidamente perecíveis, numa guerra aberta ao granito, ao bronze, ao cobre ou ao mármore. Com essa atitude, querem reagir, inclusive muitos seguidores da pop-art, contra as tradições vindas do passado e pensam ao mesmo tempo em criar formas novas. Pretendem na verdade impor outra ordem de coisas. Mas, Bruno Giorgi é artista e artesão, ao mesmo tempo. Assim, êle sabe muito bem que as novas esculturas de protesto, feitas com materiais frágeis são obras transitórias e por isso mesmo também aleatórias. São obras natimortas. Daí ter êle recorrido ao mármore de Carrara para fazer uma escultura destinada ao ar livre e realizada para durar; e igualmente para dar no futuro um testemunho sólido do espírito de criação formal da nossa época.

Suponho que as peças aqui apresentadas em metal e em mármore documentam com evidência êsse propósito do "artesão vigoroso" que êle é, segundo a expressão de Max Benze. É claro que, nesse ponto, os desígnios estéticos de Bruno Giorgi são válidos, pois a carga semântica de suas esculturas apoia-se em formas sólidas, trabalhadas em materiais duráveis, que se destinam a vencer as intempéries e os ultrajes do tempo. Também sob êsse aspecto a sua arte constitui uma lição para os jovens artistas. Some-se finalmente a isso tudo o fato de serem as suas obras as mais representativas da escultura brasileira dêste século.

## ESCULTURA

1. Meteóro. Mármore. 68 x 80 x 60
2. Totem. Mármore. 60 x 18 x 18
3. Integração I. Mármore. 40 x 48 x 25
4. Brasília I. Onix. 54 x 18 x 15
5. Caravela. Bronze. 48 x 63 x 26
6. Integração II. Bronze. 35 x 28 x 14
7. Metamorfose I. Bronze. 64 x 26 x 10
8. Metamorfose II. Bronze. 78 x 20 x 8
9. Príncipes Amazônicos. Bronze. 80 x 38
10. Quimera. Bronze. 50 x 57 x 24
11. Seresta. Bronze. 160 x 142
12. Maquete. Bronze. 77 x 26 x 15
13. Três Personagens. Bronze. 86 x 17
14. Capoeira. Bronze. 36 x 34
15. Candango. Bronze (Modêlo Original)
16. Ônix
17. Ícaro. Bronze

## FERNANDO ODRIOZOLA

O desenhista Odriozola surgiu-nos um dia em São Paulo como um visionário. Sua arte, que logo nos tocou, participava intensamente das forças da imaginação. Era um desenho minucioso em que elementos oníricos, dados transfiguradores da realidade, metamorfoses insólitas se agrupavam em narrativa fluente.

Com o passar do tempo a pedra maravilhosa que o artista transportava nas mãos continuou a lhe fornecer elementos para êsse trabalho de captação do invisível, de transfigurações, de metamorfoses.

E na mesma fidelidade, Odriozola aprofundou seus dons no desenho colorido. Nunca houve tanta adequação entre o nanquim e o papel, do que nessa técnica fremente, ávida de transpor os muros do mistério e arrogar-se a qualidade do demiurgo que a utilizava, quase com uma displicência para com as situações impossíveis que enfrentava.

Então, cósmico e telúrico, do mineral à vida animal, inventando uma flora, uma água e um céu, a arte de Odriozola tornou-se essa totalidade esplendida que em cada tema podia colocar todo seu universalismo, todo seu romântico esplendor. Seria a certos aspectos um barroco invadindo o descritivo do fantástico.

Foi com êsse desenho que Odriozola impoz sua altíssima qualidade na VIII Bienal, obtendo o prêmio que aqui estamos celebrando.

O vigor dessa produção, nitidamente demarcada desde os primeiros desenhos que há anos vimos, de Odriozola, passando por experiências como a gravura e a montagem, jamais perdeu sua base criadora, nunca deixou de ser entre o fantástico e o irreal uma imagem bastante da poética donde emergia. Donde a poderosa convicção que informa esta arte prestigiosa, carregada de nostalgia e sonho, vitalmente iluminadora de itinerários originais.

A rigor, teríamos de declará-lo um surrealista, mas num sentido maior, em que a boa imagem predomina sobre a escola, em que a inventividade nimbada de poesia deixa de lado qualquer classificação. Com Odriozola estamos numa capoeira do onírico.

Geraldo Ferraz

## DESENHO

1. Sereia. 219 x 80
2. Pássaro-Homem. 139 x 40
3. Árvore-Lua. 92 x 60
4. Mulher-Nuvem. 92 x 60
5. Paisagem. 92 x 60
6. Alquimia. 46 x 37
7. País Vasco. 50 x 58
8. Árvore VII. 78 x 54
9. As Duas Luas. 52 x 38
10. Mulher Terra. 83 x 54
11. A Serpente e o Espelho. 70 x 28
12. A Noite. 75 x 48
13. A Lua e a Serpente. 49 x 29
14. A terra e seu Espelho. 63 x 45
15. Cabeça de Animal. 36 x 33
16. Sem Cabeça. 59 x 51
17. Mulher Animal. 50 x 61
18. Animal. 52 x 51
19. O Signo é o Mar. 33 x 38
20. A Estrêla. 43 x 45
21. Projeta-se sob a Lua. 42 x 35
22. Plano Aquém. 38 x 29
23. A Serpente e a Nuvem. 33 x 40
24. A Lua, a Noite e o Mar. Escultura
25. Pássaro. 48 x 49
26. Janaina. 52 x 44
27. Imagem Dourada. 62 x 44
28. A Árvore Azul. 41 x 59
29. O Pássaro e o Sol. 65 x 43
30. Pássaros. 36 x 119
31. Arcia. 41 x 29
32. Metamorfose. 41 x 33
33. Lua Verde. 35 x 50
34. Árvore-Espelho. 34 x 49
35. Figura. 32 x 42
36. O Azul. 43 x 32
37. O Mar e a Terra

## SALA GERAL

### PINTURA

**AGUILAR, José Roberto (1941)**

ESMALTE SINTÉTICO

1. Gênese I, 1967. 180 x 220
2. Gênese II, 1967. 180 x 220
3. Gênese III, 1967. 180 x 220
4. Gênese IV, 1967. 180 x 220
5. Gênese V, 1967. 180 x 220

**ALVES DIAS (1936)**

TINTA INDUSTRIAL SÔBRE MADEIRA E COLAGEM

6. Vietnã — Quadro II, 1967. 110 x 66
7. Vietnã — Quadro IV, 1967. 110 x 66

**AMARAL, Antonio Henrique (1935)**

8. Monumento Século XX, 1967. 162 x 130
9. Pressões, 1967. 130 x 162
10. Incomunicação, 1967. 130 x 162

**AMATUZZI, Luiz (1930)**

11. Construção C, 1967. 90 x 60
12. Construção D, 1967. 90 x 60

**AMÊNDOLA, Francisco (1924)**

13. Lenda, 1966. 115 x 141

**AVADIS (1945)**

MONTAGEM, ISOPOR, PLÁSTICO, VIDRO

14. Dispersão, 1967. 50 x 100
15. Fuga, 1967. 100 x 50

**BAENDERECK, Sepp (1920)**

16. Fuga em Tempo Lento, 1967. 155 x 110
17. Crepúsculo, 1967. 120 x 80

**BARBOSA, Gilson (1935)**

18. Vegetal Animal, 1967. 162 x 92
19. Depois de Tudo, Novos Habitantes, 1967. 146 x 97

**BARROS, Geraldo de**

20. Business Box 17, 1967. 240 x 220
21. Business Box 25, 1967. 240 x 220
22. Business Box 26, 1967. 240 x 220

**BECKER, Paulo (1927)**

**ÓLEO E ACRÍLICO**

23. Tráfego Três, 1967. 120 x 120
24. Tráfego Quatro, 1967. 120 x 120
25. Tráfego Cinco, 1967. 120 x 120
26. Tráfego Nove, 1967. 120 x 100

**BELMONTE (1942)**

**TINTA PLÁSTICA SÔBRE MADEIRA**

27. Sistema Espiral Aberta, 1967. 110 x 80

**BERBER, Sergio (1941)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE MADEIRA**

28. Pintura 674, 1967. 122 x 92

**BOESE, Henrique (1897)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE DURATEX**

29. Composição, 1967. 120 x 80

**BOUDAKIAN, Armenuhi (1932)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE EUCATEX**

30. Terceiro Mundo n.º 1, 1966. 162 x 111
31. Terceiro Mundo n.º 2, 1966. 162 x 111
32. Terceiro Mundo n.º 3, 1967. 162 x 111
33. Terceiro Mundo n.º 4, 1967. 162 x 111
34. Terceiro Mundo n.º 5, 1967. 162 x 111

**BRAGA, Lênio (1931)**

**MONTAGEM, ÓLEO SÔBRE MADEIRA**

35. Pequena Máquina de Associações Poéticas, 1967.  
140 x 120
36. Nós, Artistas... 1967. 200 x 150
37. A Curra, 1967. 150 x 150

**BRILL, Alice (1920)**

**ACRÍLICO E MATERIAIS DIVERSOS**

38. Isolamento IV, 1966. 120 x 80

**BRZEZINSKI, João Osório (1941)**

**TÉCNICA MISTA**

39. Escalada para Ontem, 1967. 140 x 110
40. Tempo Estampado, 1967. 140 x 110
41. Remendo de Chuva, 1967. 130 x 105
42. Espaço Nulo, 1967. 140 x 110
43. Espírito do Colchão, 1967. 110 x 140

**BUENO, Mario (1916)**

**ÓLEO SÔBRE PAPEL E TELA**

44. Panfleto: Página 3, 1967. 110 x 130
45. Panfleto: Página 4, 1967. 110 x 130
46. Panfleto: Página 5, 1967. 110 x 130

**CANABRAVA, Luiz (1926)**

**DURATEX, PAPEL, TINTAS DIVERSAS**

47. Quadro Transformável II, 1967. 67 x 120
48. Quadro Transformável IV, 1967. 67 x 120
49. Quadro Transformável V, 1967. 100 x 120

**CARMELA (1946)**

**ISOPOR, EUCATEX, MADEIRA**

50. Mulher de Ouro, 1967. 163 x 163
51. A Bôca do Mundo, 1967. 114 x 75

**CARVALHO, Edméa (1925)**

52. Aleluia, 1966. 81 x 65
53. Naturalismo, 1967. 73 x 50

**CARVALHO, Flávio (1899)**

**Isento de Júri**

**AQUARELA SÔBRE PAPEL**

54. Retrato de Nina, 1966. 70 x 50
55. Retrato de Vera das Dôres de França, 1966. 70 x 50
56. Poeta e Cantor Cearense, de Catulo de Paula ao Violão, 1966. 70 x 50
57. Mulheres, 1966. 50 x 70
58. Mulheres, 1966. 50 x 70

**CASTELO BRANCO, Afrânio (1930)**

**TÊMPERA**

59. O Anjo Cachimbeiro, 1966. 73 x 116
60. Entêrro Duplo, 1966. 81 x 100

**CAVALCANTI, Ionaldo (1933)**

**ÓLEO SÔBRE MADEIRA**

61. Tema, 1967. 120 x 120
62. Tema, 1967. 120 x 120
63. Tema, 1967. 120 x 120
64. Tema, 1967. 120 x 120

**CELSO ARCÂNGELO (1941)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE EUCATEX**

65. Composição n.º 1, 1966. 80 x 60
66. Composição n.º 2, 1966. 80 x 60

67. Composição n.º 3, 1966. 80 x 60
68. Composição n.º 5, 1967. 80 x 60

#### **CELSO RENATO (1919)**

69. Todo Mundo Pode, Mas Foi a Ti Que Escolhi, 1966.  
Óleo Terra Sôbre Tela, 195 x 145
70. Ora, Isso Só Pode Ser Um Mal Entendido, 1967.  
145 x 195

#### **CERQUEIRA, Humberto**

##### **MATERIAIS DIVERSOS**

71. Montagem 1, 1967. 160 x 90
72. Montagem 34, 1967. 130 x 120
73. Montagem 5, 1967. 150 x 150

#### **CESAR, J. (1932)**

##### **COLAGEM E ÓLEO**

74. Templo II, 1967. 70 x 60
75. Templo III, 1967. 89 x 54
76. Templo IV, 1967. 73 x 54

#### **CHAVES, Paulo (1921)**

##### **ACRÍLICO, RELEVO SÔBRE DURATEX**

77. Icarus, 1967. 85 x 120
78. Pax, 1967. 85 x 120
79. Paisagem Interior, 1967. 85 x 120

#### **COARACY, Ismênia**

##### **COLAGEM E ÓLEO**

80. Os Inocentes, 1967. 140 x 120
81. Tríplice Aspecto, 1967. 140 x 120
82. Quarto Episódio, 1967. 140 x 120

#### **CORDEIRO, Waldemar**

##### **TÉCNICA MISTA**

83. Amargo, Amar, Go, 1965 71 x 52
84. Folclore Urbano de São Paulo, 1966. 60 x 60
85. Luz Semântica, 1966 60 x 80
86. Massa e/ou Indivíduo 1 1966, três painéis. 75 x 75

#### **COSTA, Carlos (1946)**

87. Série Homem e Profissão I, 1966, compensado. 60 x 180

#### **COSTA, João José (1931)**

88. Idéia Sem Palavras, 1966. 100 x 81
89. Ciranda — Tempo de Encarnado, 1967. 90 x 90



**COSTA, Waldemar (1904)**

**VERNIZ, ÓLEO, ALUMÍNIO, DURATEX**

- 90. Estádio Semovente XX, 1967. 122 x 92
- 91. Estático Semovente XXI, 1967. 122 x 92

**CRIS (1946)**

**COLAGEM SÓBRE EUCATEX**

- 92. Revolta, 1967. 110 x 61
- 93. Mundo, 1967. 61 x 91

**CRISTÍ (1943)**

**COLAGEM SÓBRE EUCATEX**

- 94. Pílula Anti-Concepcional, 1967. 61 x 81
- 95. Psicose, 1967. 60 x 90

**CRUZ, Carmélio (1924)**

- 96. Pintura n.º 4, 1967. 162 x 97
- 97. Pintura, n.º 5, 1967. 162 x 97

**CRUZ, Edison (1935)**

- 98. Pintura III, 1967. 100 x 130
- 99. Pintura IV, 1967. 130 x 130
- 100. Pintura V, 1967. 130 x 130

**DEDECCA, Enéas Mattos (1921)**

**TELA E MADEIRA**

- 101. Pintura Tridimensional III, 1967. 120 x 120 x 30
- 102. Pintura Tridimensional IV, 1967. 120 x 120 x 30
- 103. Pintura Tridimensional V, 1967. 120 x 120 x 30

**DESLANDES, Hécio (1929)**

- 104. Moderado I, 1967. 100 x 100
- 105. Improviso, 1967. 100 x 100

**DWORECKI, Silvio Melcer (1949)**

**TÉCNICA MISTA**

- 106. Tendressinha Morveu (Vera) no Húteron n.º 136, 1967. 135 x 150
- 107. Tendressinha Morveu (Vera) no Húteron n.º 137, 1967. 135 x 150

**ECKENBERGER, Reinaldo (1938)**

**MONTAGEM**

- 108. Fila de Ônibus, 1967. 82 x 140
- 109. Repouso Motocíclico, 1967. 145 x 140

**EDUARDO ASÊNSIO (1929)**

110. Professôra de Religião, 1966. 100 x 81

111. Irmã Porteira, 1966. 81 x 100

**ESCOSTEGUY, Pedro (1916)**

**TÉCNICA MISTA**

(Série "Angústias do Século")

112. Transcontinental — a Angústia Urbana, 1965.  
220 x 150 x 70

113. Tiro ao Alvo — a Angústia Atômica, 1967. 80 x 100 x 60

114. Operação Tartaruga — a Angústia Militarista, 1967.  
80 x 100 x 60

115. Totem — a Angústia Primitiva, 1967. 210 x 120 x 40

116. Mapão — a Angústia das Dominações, 1967.  
140 x 120 x 40

**ESTIVALLET (1940)**

117. Ação Condicionante da Sociedade Omega em 3 Etapas  
Distintas Mütuamente Dependentes, 1967. Óleo e Esmalte  
Sôbre Vinil e Duratex. 90 x 180

**FABIANO, Anderson (1926)**

118. Eu e o Tempo 2, 1967. 141 x 123

**FAJARDO, C. (1941)**

119. A Bandeira, 1966. Óleo sôbre tela construída em acrílio.  
100 x 120

120. Casal, 1967. 90 x 110

121. Casal, 1967. Construção em alumínio. 120 x 120

122. No Jardim, 1967. 100 x 120

**FANZERES, Evany (1940)**

**TINTA VINÍLICA**

123. Visão sem Angústia, 1967. 146 x 146

124. Desenho para Astronaves, 1967. 146 x 146

125. Forma Industrial e Plena, 1967. 146 x 146

**FASCETTI, Ciro Queiroz (1943)**

126. Pintura I, 1967. 122 x 91

**FERRARI, Analdo (1906)**

127. Dinâmica, 1967. 100 x 137

128. Ortogonal, 1967. 100 x 137

129. Cibernética, 1967. 100 x 137

130. Composição, 1967. 100 x 137  
131. Construção, 1967. 100 x 137

**FERREIRA, Francisco (1935)**

VINIL

132. Gênese 25, 1967. 100 x 125  
133. Gênese 26, 1967. 100 x 125

**FIGUEIREDO, Luciano (1948)**

ÓLEO SÔBRE EUCATEX

134. Alpha Ville, 1967. 122 x 90

**FLÁVIA LUCIA (1945)**

TÉCNICA MISTA SÔBRE EUCATEX

135. Estrutura da Matéria IV, 1967. 73 x 110

**FLAVIO SHIRÓ (1928)**

136. Leviathan, 1966. 139 x 92  
137. Apocalipse, 1966. 190 x 133  
138. Beligerantes, 1966/67. 164 x 191  
139. No Sexto Dia, 1967. 192 x 109  
140. Siroco, 1967. 142 x 192

**FLEXOR, Sanson (1907)**

Políptico Antropomórfico em 5 elementos

141. Os Bípedes — Elemento de Centro, 1967. 190 x 140  
142. Os Bípedes — Elemento de Centro-Esquerda, 1967.  
190 x 134  
143. Os Bípedes — Elemento de Centro-Direita, 1967.  
190 x 134  
144. Os Bípedes — Elemento de Direita, 1967. 190 x 118  
145. Os Bípedes — Elemento de Esquerda, 1967. 190 x 118

**FLORITA (1936)**

146. Romeu e Julieta, 1967. 116 x 81

**FRAZÃO, G. Z. (1914)**

ÓLEO E GIZ SÔBRE DURATEX

147. Número Um, 1966. 40 x 69  
148. Número Cinco, 1966. 47 x 65

**FREITAS, Ivan (1932)**

149. Zona 3/1967. Óleo sobre Eucatex. 84 x 120  
150. Mecânica, 1967. 100 x 150

## FUKUSHIMA

- 151. Vento, 1967. 160 x 135
- 152. Vento Tropical, 1967. 160 x 135
- 153. Vento do Mato, 1967. 160 x 200
- 154. Alvorada, 1967. 160 x 135
- 155. Lembrança, 1967. 160 x 200

## GALLOTI, Francisco (1916)

- 156. Composição n.º 4, 1966. 80 x 110

## GALVÃO, João (1941)

### CARTÃO CHAPADO SÔBRE DURATEX

- 157. Pintura com Tinta Industrial, 1967. 70 x 120
- 158. Pintura com Tinta Industrial, 1967. 70 x 120
- 159. Pintura com Tinta Industrial, 1967. 70 x 120

## GERHARD, Victor Décio (1936)

### PAPEL SÔBRE DURATEX

- 160. Reflexos n.º 4, 1966, 100 x 60
- 161. Reflexos n.º 5, 1966. 100 x 60

## GEROMEL, Marina Forster (1932)

### VIDRO, DURATEX

- 162. Refração I, 1967. 54 x 84

## GRAUBEN (1889)

- 163. Copla Florida, 1966. 78 x 98
- 164. Três Pássaros em Campo Florido, 1967. 100 x 81

## GUARIGLIA, Cypriano (1935)

### PLÁSTICO

- 165. Negativo-Positivo 1, 1967. N — 170 x 170  
P — 170 x 170
- 166. Negativo-Positivo 2, 1967. Idem
- 167. Negativo-Positivo 3, 1967. Idem

## GUERRA, Noêmia

- 168. Dança da Palha Roxa 1, 1967. 146 x 89
- 169. Dança da Palha Roxa 2, 1967. 146 x 89
- 170. Dança da Palha Roxa 4, 1967. 146 x 89

## GUSMÃO, Irene Buarque de (1943)

- 171. Trajetória Angular III, 1967. 116 x 89
- 172. Trajetória Angular IV, 1967. 116 x 89

**HASHIMOTO (1935)**

**ÓLEO SOBRE MADEIRA**

- 173. Mundo I, 1967. 40 x 200
- 174. Mundo IV, 1967. 40 x 200
- 175. Mundo V, 1967. 40 x 200

**HEINZ, Kuhn (1908)**

**TINTA PLÁSTICA SOBRE STYROPOR**

- 176. Pintura sobre Relêvo 24, 1967. 100 x 100
- 177. Relêvo Pintado, 1967. 100 x 100
- 178. Relêvo Pintado, 1967. 100 x 100

**HELENOS (1941)**

- 179. A Grande Jogada, 1967. 88 x 70
- 180. Composição II, 1967. 70 x 50

**HILGERS, Tedd Derichs (1904)**

- 181. Conjunto Rio, 1966. 100 x 245

**HILMAR (1932)**

- 182. Sonata Opus 4, 1967. 90 x 90
- 183. Sonata Opus 5, 1967. 90 x 90
- 184. Sonata Opus 6, 1967. 90 x 90

**IANELLI, Arcyngelo (1922)**

- 185. Cuevas, 1967. 186 x 152
- 186. Outono em Paris, 1967. 186 x 152
- 187. Adeus a Munique, 1967. 186 x 152
- 188. O Muro, 1967. 186 x 152
- 189. "Pour Juliette", 1967. 186 x 152

**IANELLI, Thomaz (1932)**

- 190. O Trapezista, 1967. 130 x 110
- 191. Domingo de Ramos, 1967. 130 x 110
- 192. A Via Crucis, 1967. 130 x 110
- 193. Camping, 1967. 116 x 81

**IKEDA (1941)**

**ÓLEO, COLA E AREIA SOBRE TELA**

- 194. Geração, 1967. 200 x 200
- 195. Jovem, 1967. 200 x 200

**ISHIKAWA, Mario Nabuco (1944)**

- 196. Pai Nosso, 1966. Técnica mista sobre Duratex 120 x 55

197. E Fazei Nascer para Elas a Perpétua Luz, 1967. Técnica mista sobre cimento. 104 x 163

**JAMISON (1938)**

**COLAGEM SOBRE EUCATEX**

198. Mitimassificação 5747, 1967. 80 x 120  
199. Mitimassificação 5749, 1967. 80 x 120  
200. Ex-Voto-Ex, 1967. 80 x 120

**JÓ SOARES (1938)**

**ESMALTE SINTÉTICO**

201. Cosmogonia 1, 1967. Esmalte Sintético 150 x 700

**JURGENSEN, Geraldo (1920)**

**COURO**

202. Positivo e Negativo, 1967. 170 x 90  
203. Tapete D — Escamas, 1967. 200 x 60  
204. Tapete E — Vasado, 1967. 200 x 70

**KANEKO (1935)**

205. Pintura C, 1967. 130 x 115

**KING, Betty (1932)**

**ACRÍLICO SOBRE DURATEX**

206. Pintura com Fundo Branco, 1967. 122 x 92  
207. Pintura com Pernas, 1967. 122 x 92  
208. Pintura com Moral, 1967. 122 x 92

**KO, Yvette (1945)**

209. Sem Título, 1966. Óleo sobre Madeira. 75 x 55  
210. Gente B, 1967. 126 x 106

**KOCH, Eleonore (1926)**

**TÊMPERA SOBRE TELA**

211. Planta, 1965. 81 x 54  
212. Vasos, 1966. 62 x 91  
213. Arcadas II, 1967. 67 x 51  
214. Cadeira na Paisagem, 1967. 65 x 92

**KOSHIKOKU, Sachiko (1937)**

**ÓLEO SOBRE DURATEX**

215. Pintura 2, 1967. 160 x 160  
216. Pintura 3, 1967. 160 x 160

**KRUGLI, Ilo (1930)**

**ÓLEO SÔBRE MADEIRA E TELA**

- 217. Pedra e Água Americana, 1965. 80 x 70
- 218. A Espada e a Flexa, 1966. 45 x 48 x 45
- 219. A Conquista, 1967. 130 x 60
- 220. A Inquisição, 1967. 80 x 80 x 80
- 221. Descobrimento e Conquista, 1967. 80 x 80 x 80

**KRUSE, Oswaldo Olney (1939)**

- 222. Auto-Retrato, 1966. 75 x 50

**KUSSUNOKI, Joji (1943)**

- 223. Confronto I, 1967. 116 x 89

**KUSUNO, Tomoshige (1935)**

- 224. Composição do Espaço n.º 1, 1967. 200 x 150
- 225. Composição do Espaço n.º 2, 1967. 200 x 150
- 226. Composição do Espaço n.º 3, 1967. 200 x 150
- 227. Composição do Espaço n.º 5, 1967. 200 x 150

**KUTIYEL, Suzana (1922)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE DURALIT**

- 228. E.S. 1, 1967. 122 x 80
- 229. E.S. 3, 1967. 122 x 80

**LACERDA, Carlos Henrique M. de (1942)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE EUCATEX**

- 230. Etopéia n.º 1, 1966. 162 x 123
- 231. Etopéia n.º 5, 1967. 162 x 123

**LADJANE (1927)**

**MADEIRA, TELA, CELULOIDE E COURO**

- 232. Homenagem à Infância III, 1967. 200 x 81
- 233. Homenagem à Infância IV, 1967. 200 x 81

**LAFAYETTE, Maurício Videira (1945)**

**TINTA PLÁSTICA SÔBRE CARTÃO**

- 234. Cinema de Arte, 1967. 95 x 70
- 235. Favoritos para Hoje, 1967. 70 x 95
- 236. Sua Previsão Vale Milhões, 1967. 95 x 70
- 237. Os Jovens, 1967. 95 x 70
- 238. Caixa 3 Contra o Mercado da Inflação, 1967. 70 x 95

**LAUAND, Judith (1922)**

**TÊMPERA SÔBRE TELA**

- 239. Pintura, 1967. 75 x 75
- 240. Pintura, 1967. 75 x 75
- 241. Pintura, 1967. 95 x 75

**LEILA (1942)**

**COLAGEM SOBRE DURATEX**

- 242. Psicanálise, 1967. 100 x 90
- 243. Ácido Lisérgico, 1967. 100 x 90

**LEIRNER, Nelson (1932)**

**TÉCNICA MISTA**

- 244. Dóremifásollásidórémifásollá..., 1967. 120 x 350
- 245. Da Série Homenagem a Fontana V, 1967. 180 x 125
- 246. Da Série Homenagem a Fontana X, 1967. 180 x 125

**LE MOS, Carlos (1925)**

**ÓLEO SOBRE DURATEX**

- 247. Balão n.º 5, 1967. 60 x 60

**LE MOS, Fernando (1926)**

**Isento de Júri**

**TINTA VINÍLICA**

- 248. Símbolos 22, 1966/67. 100 x 100
- 249. Símbolos 23, 1966/67. 100 x 100
- 250. Símbolos 24, 1966/67. 100 x 100
- 251. Símbolos 25, 1966/67. 100 x 100
- 252. Símbolos 26, 1966/67. 100 x 100

**LEVY, Mario**

**VINIL E ÓLEO**

- 253. Machina X, 1967. 100 x 80
- 254. Machina XII, 1967. 100 x 80

**LIBESKIND, David (1928)**

**TÉCNICA MISTA**

- 255. Pintura A, 1967. 100 x 120
- 256. Pintura B, 1967. 100 x 120

**LIMA, José Ronaldo (1939)**

- 257. Pintura n.º 27 — Série A, 1967. 100 x 243
- 258. Pintura n.º 48 — Série E, 1967. 100 x 405

**LIMA, Maurício Nogueira (1930)**

**TINTA SOBRE EUCATEX**

- 259. Pssiu! 1967. 100 x 100
- 260. OAAH! 1967. 100 x 100
- 261. Splash! 1967. 100 x 100
- 262. Blam! Goal, 1967. 100 x 100



**LIMA, Zazá Rogê Ferreira Andrade (1922)**

**COLAGEM COM PINTURA**

- 263. Flora Orgânica, 1966. 100 x 70
- 264. Fantasia I, 1967. 100 x 70
- 265. Fantasia II, 1967. 100 x 70

**LOBO, Suzana (1944)**

- 266. Debate Frustrado, 1967. Duas Peças Diâmetro: 121

**LUCAS, Clodomiro R. (1941)**

**TELA, CORDA E AREIA**

- 267. Lageamento 2, 1967. 90 x 90
- 268. Lageamento 3, 1967. 90 x 90

**LUDOLF, Rubem (1932)**

- 269. Superfície C, 1967. 195 x 130
- 270. Superfície D, 1967. 195 x 130
- 271. Superfície E, 1967. 195 x 130

**LUIGI ZANOTTO (1910)**

- 272. Pintura n.º 3, 1967. 65 x 64

**LUISI, Pier (1941)**

**ÓLEO SÔBRE DURATEX**

- 273. Existencialidade n.º 2, 1967. 82 x 72
- 274. Existencialidade n.º 4, 1967. 82 x 72

**LUIZ GONZAGA**

**PINTURA SÔBRE MADEIRA**

- 275. Varig-Varig-Varig, 1966. 120 x 120
- 276. E que Tudo Mais Vá Para o Inferno, 1967. 100 x 150

**LUZ, Edison da (1942)**

**ENTALHE PINTADO A ÓLEO**

- 277. As Virgens Coroadas em Procura da Verdade, 1966.  
160 x 110
- 278. As Prostitutas Divinas, 1967. 160 x 110.

**MABE, Manabu (1924)**

- 279. Terra Natal, 1967. 180 x 200
- 280. Grande Solenidade, 1967. 180 x 200
- 281. Intelectualidade, 1967. 200 x 180
- 282. Tempos Passados, 1967. 200 x 180
- 283. Prosperidade, 1967. 180 x 200

**MACIEL, Valdeir Oliveira (1937)**

**TINTA PLÁSTICA SÔBRE TELA**

- 284. Arcano Maior n.º 1, 1966. 70 x 50
- 285. Arcano Maior n.º 2, 1966. 70 x 50

286. Arcano Maior n.º 3, 1966. 70 x 50  
287. Arcano Maior n.º 4, 1966. 70 x 50

**MAGNO, Dulce (1928)**

288. Composição II, 1967. 81 x 65  
289. Composição IV, 1967. 81 x 65  
290. Composição V, 1967. 81 x 65

**MAGNO, Montez (1934)**

**GUACHE SÔBRE CARTÃO-FIBRA**

291. Modulações Rítmicas n.º 1, 1967. 170 x 116  
292. Modulações Rítmicas n.º 2, 1967. 170 x 116  
293. Modulações Rítmicas n.º 3, 1967. 170 x 116  
294. Modulações Rítmicas n.º 4, 1967. 170 x 116  
295. Modulações Rítmicas n.º 5, 1967. 170 x 116

**MAIA, Antônio (1928)**

**TINTA PLÁSTICA SÔBRE TELA**

296. Eis a Questão, 1967. 100 x 81  
297. Até Quando? 1967. 100 x 81  
298. Atmosfera Antropomórfica 1, 1967. 81 x 100  
299. Atmosfera Antropomórfica 2, 1967. 81 x 100  
300. Atmosfera Antropomórfica 3, 1967. 81 x 100

**MALUF, Antonio**

301. Pintura 2, 1967. 120 x 120

**MARA, Sandra (1945)**

**VINIL SÔBRE EUCATEX**

302. O 3.º Sexo, 1967. 125 x 75  
303. A Vida, 1967. 125 x 75

**MARIA LEONTINA (1917)**

304. Pintura I, 1967. 150 x 150  
305. Pintura II, 1967. 150 x 150  
306. Pintura III, 1967. 150 x 150  
307. Pintura IV, 1967. 150 x 150  
308. Pintura V, 1967. 150 x 150

**MARISELDA (1947)**

**GUACHE SÔBRE PAPEL**

309. Composição Infinita I, 1967. 96 x 66  
310. Composição Infinita V, 1967. 96 x 66

**MARYONÉ (1942)**

311. Composição n.º II, 1967. Óleo sôbre Eucatex 90 x 115

**MATTAR, Sami (1929)**

- 312. M 009, 1967. 146 x 96
- 313. M 010, 1967. 146 x 96
- 314. M 011, 1967. 195 x 130
- 315. M 012, 1967. 162 x 130

**MEIRA, Ruy (1921)**

- 316. Imantação. 3, 1967. 145 x 190
- 317. Imantação 4, 1967. 145 x 190

**MELLO, Sergio de Campos (1932)**

ÓLEO, ACRÍLICO, COLAGEM, MADEIRA

- 318. Pintura 1, 1967. 80 x 80
- 319. Pintura 2, 1967. 80 x 80
- 320. Pintura 3, 1967. 80 x 80

**MENTEN, Paulo (1927)**

ÓLEO SÔBRE TELA E MADEIRA

- 321. Seqüências Brasileiras 201, 1967. 210 x 75
- 322. Seqüências Brasileiras 205 1967. 210 x 75

**MISSON, Milton (1938)**

- 323. Magia Tropical V, 1966. 72 x 88
- 324. Magia Tropical VI, 1967. 72 x 88

**M. M. M., Ascânio (1941)**

EUCATEX E MADEIRA

- 325. Composição Dezenove, 1967. 80 x 80

**MOHALYI, Yolanda (1909)**

Isento de Júri

- 326. Conjunção, 1967. 180 x 160
- 327. Sinais, 1967. 180 x 160
- 328. Composição Solar, 1967. 175 x 160
- 329. Ambivalências, 1967. 160 x 180
- 330. Kosmos, 1967. 180 x 160

**MORAES, Avatar**

TÉCNICAS DIVERSAS

- 331. Caixa n.º 41, 1966. 32 x 15
- 332. A Grande Chave, 1966. 51 x 106
- 333. História em Caixinhas — Vida e Morte, 1967. 190 x 14
- 334. Caixa n.º 40, 1967. 51 x 15

**MOREIRA, Ildeu (1920)**

ÓLEO, CIMENTO, METAL DE LIGA E EUCATEX

335. Alquimia Solar 2, 1967. 118 x 122

336. Alquimia Solar 3, 1967. 122 x 113

**MOREIRA, Lúcio (1931)**

TÉCNICA MISTA

337. Espaço e Dimensão Prêtos, 1967. 170 x 200

**NASAR, Tereza (1936)**

MADEIRA E DURATEX

338. Série Espacial III, 1967. 140 x 130

339. Série Espacial IV, 1967. 140 x 130

340. Série Espacial V, 1967. 140 x 130

**NITSCHÉ, Marcello (1942)**

TÉCNICA MISTA, MADEIRA, FLANDRES, EUCATEX, ESMALTE, ELETRICIDADE

341. Buum, 1966. 110 x 130

342. São Paulo 67, 1967. 200 x 120

343. Que surpresa! 1967. 260 x 100

344. Cafageste, 1967. 71 x 110

345. Bum-Bum, 1967. 92 x 164

**NOMURA, Tetsuo (1928)**

TÉCNICA MISTA SÔBRE MADEIRA

346. Idade de Bronze n.º 3, 1967. 120 x 120

347. Idade de Bronze n.º 4, 1967. 120 x 120

348. Idade de Bronze n.º 5, 1967. 120 x 120

**OHTAKE, Tomie (1913)**

349. Pintura 1, 1967. 156 x 117

350. Pintura 2, 1967. 105 x 156

351. Pintura 3, 1967. 156 x 105

352. Pintura 4, 1967. 156 x 117

353. Pintura 5, 1967. 135 x 135

**OPENHEIM, Sylvio (1941)**

TINTA PLÁSTICA E COLAGEM

354. Embalagem n.º 1, 1967. 100 x 80

355. Embalagem n.º 3, 1967. 75 x 75

356. Embalagem n.º 5, 1967. 75 x 75

**PACHECO, Gloria (1925)**

COLAGEM, ÓLEO SÔBRE DURATEX

357. Brasil 67, 1967. 56 x 71

358. USA 67, 1967. 56 x 71

**PAES, Maria Helena Motta (1937)**

- 359. Pintura 45, 1967. 100 x 130
- 360. Pintura 49, 1967. 100 x 130

**PASQUALINI, Wilma (1930)**

**VINIL**

- 361. O Dado, 1967. 153 x 120
- 362. Máquina, 1967. 153 x 120
- 363. Adão, 1967. 153 x 120
- 364. Eva, 1967. 153 x 120

**PASTURA, Sergio (1939)**

**MONTAGEM EM TÉCNICAS DIVERSAS**

- 365. Animal II, 1967. 99 x 80
- 366. Animal V, 1967. 99 x 80

**PAULA, Eduardo (1937)**

**TINTA PLÁSTICA SÔBRE TELA**

- 367. Cartaz 1, 1967. 100 x 81
- 368. Cartaz 2, 1967. 100 x 81
- 369. Cartaz 3, 1967. 100 x 81
- 370. Cartaz 4, 1967. 100 x 81

**PAULUCCI (1916)**

- 371. Trabalho n.º 1, 1967. 100 x 75

**PEDRO AMADO (1910)**

- 372. Confrontos, 1967. 130 x 97
- 373. Ximbauvas, 1967. 130 x 97

**PEDROSA, Mary Ann (1933)**

**PLÁSTICO**

- 374. Sementes ao Sol, 1967. 61 x 46
- 375. Sol e Lua, 1967. 73 x 60

**PETICOV, Antonio (1946)**

**TÉCNICA MISTA**

- 376. Quadro 17A, 1967. 100 x 50
- 377. Quadro 17C, 1967. 150 x 100
- 378. Quadro 17D, 1967. 100 x 150
- 379. Quadro 17E, 1967. 100 x 150

**PETIT**

- 380. Uma Mudança Alegre, 1967. 115 x 115

**PINO, Wladimir Dias (1927)**

**ÓLEO SÔBRE MADEIRA**

- 381. Ligações Optativas, 1964. 50 x 60
- 382. Equilíbrio/Gravidade, 1964. 50 x 60
- 383. Opção Branca, 1964. 50 x 60
- 384. Elasticidade, 1965. 50 x 60
- 385. Níveis/Branco, 1966. 50 x 60

**PINTO, Marcio Percival Alves (1950)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE EUCATEX**

- 386. Geratriz, 1967. 245 x 150 x 300
- 387. Rutilação, 1967. 245 x 122
- 388. Lato, 1967. 245 x 122
- 389. Mesmice, 1967. 245 x 122

**POLO, Maria (1937)**

**ÓLEO E PRATA SÔBRE TELA**

- 390. Opus 3/435, 1967. 243 x 162
- 391. Opus 2/436. 1967. 324 x 162
- 392. Xadrês Opus 9/437, 1967. 243 x 243

**PORTO, Raul (1936)**

**TÊMPERA E COLAGEM SÔBRE TELA**

- 393. Pintura 9, 1967. 120 x 90
- 394. Pintura 13, 1967. 120 x 90
- 395. Pintura 14, 1967. 120 x 90

**PRADELLA, Vinicius (1926)**

- 396. Fuga Estática, 1967. 119 x 99

**PRADO NETO, Paulo (1919)**

- 397. Formas III, 1967. 100 x 73

**QUISSAK JR. (1935)**

**ÓLEO SÔBRE MADEIRA E EUCATEX**

(Série "Meditação sôbre a Bandeira Nacional")

- 398. Políptico Móvel Um ou do Campo Verde, 1966/67.  
205 x 249 x 34
- 399. Políptico Móvel Dois ou do Losango Amarelo, 1966/67.  
205 x 249 x 34
- 400. Políptico Móvel Três ou do Círculo Azul, 1966/67.  
205 x 249 x 34
- 401. Políptico Móvel Quatro ou da Faixa Branca, 1966/67.  
205 x 249 x 34
- 402. Políptico Móvel Cinco ou da Pátria, 1966/67.  
205 x 249 x 34

**RAMOS, Jorge (1941)**

**ÓLEO SOBRE DURATEX**

403. Gerações II, 1966. 170 x 122

404. Gerações III, 1967. 170 x 122

**REIF, Mariana (1924)**

405. Lagoa Cinzenta, 1967. 90 x 90

406. Litoral, 1967. 90 x 90

**REIS, Lutz (1935)**

**RESINA PLÁSTICA**

407. Busca em Tórno do Invisível 1, 1967. 100 x 80

408. Busca em Tórno do Invisível 2, 1967. 100 x 80

**REY, Ruben (1931)**

409. As Vísceras Atacam, 1967. 114 x 140

410. Diálogo, 1967. 114 x 140

**RINALDI, Gastone (1923)**

**TÊMPERA SOBRE TELA**

411. Mara 8, 1967. 75 x 100

412. Mara 13, 1967. 75 x 100

413. Tama, 1967. 75 x 100

**RIO BRANCO, (1946)**

414. Cidade Ensaio n.º 2, 1967. 73 x 95

**RODRIGUES, Amarilis B. S. (1942)**

**TÉCNICA MISTA — MASSA ACRÍLICA**

415. M 0 Apresentação Flash Mulher, 1966/67. 195 x 97

416. M 1 — Amor-Mulher, 1967. 110 x 85

417. M 2 — Época-Mulher, 1967. 110 x 85

**RODRIGUES, Edmundo Castilho (1936)**

418. Anticápsulas, 1967. Díptico. 140 x 230

**RODRIGUES, Glauco (1929)**

**ACRÍLICO**

419. Que belos são os teus amôres irmã minha! oh espôsa  
minha! quanto melhores são os teus amôres do que o  
vinho! 1967. 119 x 130

420. As voltas de tuas coxas são como jóias, o teu umbigo  
como uma taça redonda a que não falta bebida e o teu

ventre é como um monte de trigo cercado de açucenas,  
1967. 119 x 130

- 421. Eis que és formosa, amiga minha,  
Eis que és formosa“ os teus olhos são como os das  
pombas entre as tua tranças, 1967. 119 x 130
- 422. Os teus dentes são como o rebanho das ovelhas tosquiadas,  
que sobem do lavadouro, 1967. 119 x 130
- 423. O teu pescoço é como a tórre de David  
Os teus dois peitos como dois filhos gêmeos da corça,  
1967. 119 x 130

**ROESLER, Inge (1929)**

**ÓLEO SÔBRE MADEIRA**

- 424. Núcleo 1, 1966. 130 x 90
- 425. Núcleo 2, 1966. 130 x 90

**ROSA, Waldemar( 1916)**

**ESGRAFITO E COLAGEM SÔBRE DURATEX**

- 426. Sônia, 85 x 100
- 427. Xênia, 85 x 100

**SAKAKIBARA, Hisao (1937)**

- 428. Devora o Homem I, 1967. 140 x 140
- 429. Devora o Homem III, 1967. 140 x 140
- 430. Devora o Homem IV, 1967. 140 x 140

**SALDANHA, Ione (1921)**

- 431. Pintura, 1967. 29 x 36
- 432. Pintura, 1967. 29 x 36
- 433. Pintura, 1967. 29 x 36
- 434. Pintura, 1967. 29 x 36
- 435. Pintura, 1967. 29 x 83

**SANTO, Dionísio Del (1925)**

- 436. Figura Deitada, 1967. 44 x 80
- 437. Cena Silvestre, 1967. 54 x 73

**SANTUZA (1941)**

- 438. Dualidade, 1967. 73 x 92
- 439. Vigília, 1967. 100 x 80
- 440. Parábola Kafkiana, 1967. 92 x 73

**SARUÉ, Gerty (1930)**

**TÉCNICA MISTA, MONTAGEM, MADEIRA E FERRO**

- 441. Pintura I, 1967. 95 x 42
- 442. Pintura II, 1967. 82 x 52
- 443. Pintura III, 1967. 80 x 50



**SCHAEFFER, Frank (1917)**

**VINIL SÓBRE TELA**

- 444. Pintura I, 1967. 195 x 130
- 445. Pintura IV, 1967. 195 x 130

**SECCO, Maria do Carmo Fortes (1933)**

**TINTA PLÁSTICA SÓBRE EUCATEX**

- 446. Mulheres I, 1967. 65 x 270
- 447. Mulheres II, 1967. 45 x 270
- 448. A Face do Amor I, 1967. 65 x 210
- 449. A Face do Amor II, 1967. 65 x 210

**SENDIN, (1928)**

- 450. Reminiscências Intemporal, 1967. 130 x 89

**SHIRAI, H.**

- 451. Mitologia, 1967. 150 x 114

**SHIROMA (1942)**

- 452. Formismo S.D.A., 1967. 120 x 108
- 453. Formismo P.V.X., 1967. 120 x 108

**SILVA, Arthur da (1914)**

**VINIL E ÓLEO SÓBRE EUCATEX**

- 454. Composição n.º 25, 1967. (Vitrail) 120 x 50
- 455. Composição n.º 27, 1967. (Vitrail) 122 x 50

**SILVA, Chico (1928)**

- 456. Cobra Sucurujuba Ataca os Dragões, 1967. 140 x 190  
Papel Duplex
- 457. O Jacaré e Sua Produção, 1967. 77 x 115
- 458. Cavalo Alabante e o Monstro Selvagem, 1967. 77 x 115
- 459. O Cachorro do Diabo e o Canguru Selvagem, 1967. 77 x 115
- 460. Cavalo Japi e Seu Filhote, 1967. 77 x 115

**SILVA, José Antonio da (1909)**

- 461. Bi-Campeão Mundial, 1967. 100 x 80
- 462. Tranqüilidade, 1967. 180 x 80

**SILVAMARTINS (1913)**

**TÉCNICA MISTA SÓBRE MADEIRA**

- 463. Quero Conversar com Você, 1967. 100 x 160

**SISTER, Sergio (1948)**

**TÉCNICA MISTA**

- 464. Real e Fantástico, 1967. 114 x 46
- 465. Os Mitos e as Massas, 1967. 130 x 195

**SOARES, José Narciso (1923)**

466. Estandarte III, 1967. 146 x 114  
467. Estandarte IV, 1967. 146 x 114

**SOARES, Sinval Correia (1927)**

468. Coesão n.º 8, 1967. 98 x 93  
469. Coesão n.º 10, 1967. 117 x 80

**SOARES, Teresinha (1937)**

470. O Triângulo Amoroso na Paisagem do Cotidiano, 1967.  
78 x 77  
471. Auto-Retrato, 1967. 150 x 63  
472. Ele Tocou as Cordas do Meu Coração, 1967. 92 x 55

**SOHNI, Lêda Fagundes (1929)**

**ACRÍLICO E POLIESTER SÔBRE EUCATEX**

473. Formação n.º 5, 1966. 72 x 60  
474. Reflexo, 1967. 75 x 87  
475. Composição em Vermelho, 1967. 87 x 60

**SOLLERO, Heloisa**

**TÉCNICA MISTA**

476. Meu Personagem n.º 4, 1967. 81 x 54  
477. Meu Personagem n.º 5, 1967. 81 x 54

**SOUZA, Aldir Mendes de (1941)**

478. Mutações por Radicações Cóslicas, 1967. 122 x 244

**SOUZA, Edivaldo (1938)**

**NANQUIM E COLAGEM SÔBRE MADEIRA**

479. Circo Vida — O Mundo a Favor de Zero a Zero —  
Sexo, 1966. 51 x 90  
480. Circo Vida — Hoje tem Espetáculo, 1967. 45 x 25 x 55

**SOUZA, Eunivaldo Tinoso de (1936)**

481. O Clamor, 1966/67. 195 x 130

**SOUZA, Geraldo de (1922)**

482. Narrativa E, 1967. 85 x 120

**SOUZA, Waldomiro de Deus (1944)**

483. Soldado Brasileiro Buscando a Paz, 1957. 140 x 130  
484. Os Grandes Sabidos, 1967. 140 x 130

**STÊNIO (1937)**

**PILOT SÓBRE EUCATEX**

485. Eu Te Amo, 1967. 100 x 40

486. Eu Te Amo, Tu Amas, Ele Ama, 1967. 100 x 40

**SZEJNBEJN, Chanina Luwiz (1927)**

487. Jogando Yoyô, 1967. 100 x 60

488. Guerreiro, 1967. 90 x 80

**SZPIGEL (1936)**

**TÉCNICA MISTA SÓBRE PAPEL**

489. Loteria, 1967. 160 x 220

490. Profissões, 1967. 160 x 220

491. Coríntians, 1967. 160 x 220

492. Penalty, 1967. 160 x 220

**TONHÃO (1942)**

493. Pintura III, 1966. 95 x 125

494. Pintura IV, 1967. 95 x 70

**TORRES, Marília Gianetto (1925)**

495. Superfície Viva n.º XXIII, 1964. 240 x 160

**TORT, Pedro (1916)**

**ACRÍLICO SÓBRE DURATEX**

496. Pintura n.º 1, 1967. 122 x 137

497. Pintura n.º 3, 1967. 122 x 137

**TOZZI, Claudio (1944)**

498. Até que Enfim, 1967. 240 x 120

**VACARINI, Bassano**

**FERRO**

499. Composição, 1966. 100 x 100

**VALENTIM, Rubem (1922)**

**ÓLEO E TÊMPERA**

500. Pintura A, 1967. 100 x 70

501. Pintura B, 1967. 100 x 70

502. Pintura C, 1967. 100 x 70

503. Pintura D, 1967. 100 x 70

504. Pintura E, 1967. 100 x 70

**VARELA, Cibele (1943)**

**PINTURA SÔBRE MADEIRA**

- 505. BR-1, 1967. 62 x 97
- 506. BR-3, 1967. 62 x 87
- 507. BR-5, 1967. 62 x 87

**VASCONCELLOS, Bia (1946)**

- 508. Xadrês, 1967. 67 x 97

**VATER, Regina (1943)**

**TINTA PLÁSTICA**

- 509. A Dicotomia do Ser, 1967. 120 x 77
- 510. O Hermafrodita, 1967. 120 x 77
- 511. O Ser Interior, 1967. 120 x 77
- 512. Germem do Ser, 1967. 120 x 77
- 513. A Pluralidade do Ser, 1967. 177 x 120

**VELLAME, Humberto (1944)**

**COLAGEM SÔBRE DURATEX E MATERIAIS DIVERSOS**

- 514. Trabalho I, 1967. 113 x 113
- 515. Trabalho II, 1967. 113 x 94
- 516. Trabalho III, 1967. 96 x 66
- 517. Trabalho IV, 1967. 96 x 66
- 518. Trabalho V, 1967. 96 x 66

**VERA ILCE (1942)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE EUCATEX**

- 519. Obra 1, 1967. 122 x 122
- 520. Obra 3, 1967. 122 x 122
- 523. Obra 4, 1967. 122 x 122
- 522. Obra 5, 1967. 122 x 122

**VIEIRA, Décio (1922)**

- 523. Pintura, 1966. 110 x 120
- 524. Pintura, 1966. 145 x 75
- 525. Pintura, 1966. 150 x 100
- 526. Pintura, 1966. 125 x 185
- 527. Pintura, 1967. 110 x 120

**VIEIRA, Rosa Penha (1942)**

**MADEIRA E ÓLEO SÔBRE DURATEX**

- 528. Forma Espacial II, 1967. 46 x 55
- 529. Forma Espacial V, 1967. 46 x 55

**VINCOLETTE, Jussara Maria (1950)**

- 530. Pintura I, 1967. 130 x 100
- 531. Pintura V, 1967. 130 x 100

**WAKABAYACHI, Kazuo**

- 532. Vermelhinho Ruína, 1967. 175 x 218
- 533. Vermelho em Relêvo, 1967. 175 x 218
- 534. Rubor Tenso, 1967. 175 x 218
- 535. Vermelho em Vestígio, 1967. 175 x 218
- 536. Vermelho em Expansão, 1967. 175 x 218

**WATERS, Jandyra (1921)**

ÓLEO SÓBRE DURATEX

- 537. Puzzle, 1967. 120 x 93
- 538. Crista da Onda, 1967, 120 x 93
- 539. "After math", 1967. 120 x 93

**WEGA NERI (1916)**

Isento de Júri

- 540. Navios Ausentes, 1967. 175 x 180
- 541. Solidões do Mar, 1967. 175 x 180
- 542. Violentação da Paisagem, 1967. 175 x 180
- 543. Noite Iluminada, 1967. 175 x 180
- 544. Súbitas Paisagens, 1967. 175 x 180

**WESLEY (1931)**

- 545. A Zona: o Quebra-Cabeça, 1966. 100 x 100
- 546. A Zona: o Fantasma, 1966. 100 x 100
- 547. A Zona: Tôda a Minha Fôrça Aqui, Agora, 1966. 100 x 100
- 548. A Zona: Ficou Limpo, 1967. 100 x 100
- 549. A Zona: é Preciso Luz, 1967. 100 x 100

**WLADYSLAW, Anatol (1913)**

Isento de Júri

- 550. Mõça na Paisagem, 1967. 140 x 120
- 551. Primavera, 1967. 140 x 120
- 552. Jovem Buda, 1967. 140 x 120
- 553. Confronto num Encontro Impossível, 1967. 140 x 120
- 554. Que a Violência Cesse de Iluminar os Teus Caminhos, 1967. 140 x 120

**XANDÓ, Niobe (1914)**

- 555. Pintura n.º 1, 1967. 92 x 146
- 556. Pintura n.º 3, 1967. 92 x 146
- 557. Pintura n.º 4, 1967. 100 x 130

**YESQUENLURITTA, (1939)**

- 558. Som de Máquinas I, 1967. 150 x 150
- 559. Trabalhando, 1967. 150 x 150

**ZALUAR (1924)**

ESMALTE E VINIL SÓBRE DURATEX

- 560. Portões do Parque, 1967. 70 x 100
- 561. Pressão do Verde, 1967. 70 x 100

ZARAGOZA, José (1930)

562. Abertura, 1967. 160 x 160

ZILIO, Carlos (1944)

VINIL SÔBRE DURATEX

563. Visão Total, 1967. 87 x 73

564. Reina Tranqüilidade, 1967. 134 x 65

565. Opção, 1967. 92 x 143

566. Homens II, 1967. 87 x 73

## TAPEÇARIA

DOUCHEZ, Jacques (1921)

1. Ouro e Prêto, 1967. 180 x 110
2. Estratificação, 1967. 170 x 110
3. Luar Sangrento, 1966. 180 x 110
4. Góticas, 1967. 180 x 110
5. Reflexos, 1967. 180 x 110

NICOLA, Norberto (1930)

6. Quadrados e Cromatismos, 1966. 218 x 232
7. Triângulos Opostos, 1967. 216 x 198
8. Círculos em Diagonal, 1967. 214 x 205
9. Composição, 1967. 220 x 110
10. Composição Gama, 1967. 220 x 110

SCHAAR, Edith (1926)

11. Tapeçaria II, 1966. 100 x 135
12. Tapeçaria III, 1966. 140 x 190
13. Tapeçaria IV, 1966. 93 x 200
14. Tapeçaria VI, 1966. 100 x 150
15. Tapeçaria VII, 1966. 100 x 190

## DESENHO

ALBUQUERQUE, Rubens Martins

GUACHE-ACRÍLICO

1. Para-Curú, 1966. 112 x 175

ALDIR (1941)

COLAGEM SÔBRE EUCATEX

2. Centro de Contrôlo dos Ativadores, 1967. 122 x 244
3. Centro de Contrôlo dos Desintegradores, 1967. 122 x 244
4. Centro de Contrôlo dos Transmissores, 1967. 122 x 244

**ANDRADE, Farnese de (1926)**

**BICO DE PENA**

5. Desenho I, 1967. 60 x 35
6. Desenho II, 1967. 60 x 35
7. Desenho III, 1967. 60 x 35
8. Desenho IV. 60 x 35
9. Desenho V, 1967. 60 x 35
10. Desenho VI, 1967. 60 x 35
11. Desenho VII, 1967. 60 x 35
12. Desenho VIII, 1967. 60 x 35

**ANDRADE, Filho Oswaldo (1914)**

**ACRÍLICO**

13. Macumaina, 1967. 96 x 67
14. Pádoli, 1967. 96 x 67

**ANDRÉS, Maria Helena (1922)**

**TÉCNICA MISTA**

15. Guerra dos Mundos, 1967. 90 x 66
16. Guerra dos Mundos, 1967. 90 x 66
17. Tema Imaginário, 1967. 90 x 66

**ANTONIO MANUEL (1947)**

**NANQUIM**

18. Desenho 1, 1967. 65 x 46
19. Desenho 3, 1967. 65 x 46
20. Desenho 4, 1967. 65 x 46
21. Desenho 5, 1967. 65 x 46

**APOCALYPSE, Alvaro (1937)**

**NANQUIM SÓBRE TECIDO**

22. Vida, Ida e Vinda de Jonas Profeta, 1967. 82 x 64
23. Cenário Canoro para a Última Coisa, 1966. 66 x 96
24. Cavalo e Cavaleiro sôbre Campo de Nada, 1967. 66 x 96
25. Desenho n.º 2, 1967. 66 x 96

**AVILA, Sara (1932)**

**PAPEL COLADO SÓBRE EUCATEX**

26. Desenho II, 1967. 96 x 66
27. Desenho III, 1967. 96 x 66
28. Desenho IV, 1967. 96 x 66
29. Desenho V, 1967. 96 x 66

**BARBOSA, Eládio (1944)**

**NANQUIM, SEPIA E COLAGEM**

30. Tríptico, 1967. 68 x 100
31. Positivo-Negativo, 1967. 52 x 49

**BAUMSTEIN, M, (1931)**

**NANQUIM**

- 32. Decomposição III, 1966. 60 x 50
- 33. Decomposição IV, 1966. 50 x 85

**BRENTANI, Gerda (1908)**

**NANQUIM**

- 34. Armas I, 1966. 70 x 90
- 35. Máquinas 1, 1966. 60 x 70
- 36. Máquinas 2, 1967. 55 x 90
- 37. Máquinas 3, 1967. 55 x 90

**BRILL, Alice (1920)**

**GUACHE**

- 38. Catedral, 1967. 70 x 55
- 39. Isolamento I, 1967. 70 x 55
- 40. Isolamento II, 1967. 70 x 55
- 41. Homem Máquina, 1967. 70 x 55

**BRZEZINSKI, João Osório**

**TÉCNICA MISTA**

- 42. Desenho LXIV, 1967. 81 x 65
- 43. Desenho LXVIII, 1967. 65 x 81
- 44. Desenho LXX, 1967. 65 x 81

**BUENO, Ely (1923)**

**TÉCNICA MISTA**

- 45. Desenho I, 1967. 100 x 70
- 46. Desenho II, 1967. 100 x 70
- 47. Desenho III, 1967. 100 x 70
- 48. Desenho IV, 1967. 100 x 70
- 49. Desenho V, 1967. 100 x 70
- 50. Desenho VII, 1967. 100 x 70

**CARAM, Marina (1925)**

**NANQUIM EM CÔRES**

- 51. Sêlos e Carimbos, 1967. 100 x 75
- 52. Homem de Verde, 1967. 100 x 75
- 53. Conferências, 1967. 100 x 75
- 54. Comércio Amoroso, 1967. 100 x 75
- 55. Cédulas Cór de Rosa, 1967. 100 x 75

**CARVALHO, Celina Lima Verde**

**NANQUIM**

- 56. Quadro I, 1967. 70 x 50
- 57. Quadro II, 1967. 70 x 50
- 58. Quadro III, 1967. 70 x 50



**CARVALHO, Flávio (1899)**

Isento de Júri

NANQUIM

59. Retrato de Maria Amélia Whitaker de Queiroz e seus dois filhos, 1966. 96 x 64
60. Retrato de Mio, 1966. 70 x 50
61. Mulheres, 1966. 70 x 50
62. Mulheres, 1966. 70 x 50
63. Mulheres, 1966. 70 x 50
64. Mulheres, 1966. 70 x 50
65. Mulheres, 1966. 70 x 50

**CENCINI, Ítalo**

NANQUIM, ÓLEO E CARVÃO

66. Mundo Mágico Infantil n.º 2, 1967. 100 x 70
67. Mundo Mágico Infantil n.º 4, 1967. 100 x 70
68. Mundo Mágico Infantil n.º 7, 1967. 100 x 70
69. Mundo Mágico Infantil n.º 8, 1967. 100 x 70

**CHAROUX, Lothar (1912)**

GUACHE

70. Horizontal, 1967. 61 x 61
71. Horizontal, 1967. 61 x 61
72. Horizontal, 1967. 61 x 61
73. Horizontal, 1967. 100 x 40

**COSTA AGUIAR (1948)**

NANQUIM E AGUADA

74. Desenho II, 1966. 48 x 66
75. Desenho V, 1966. 48 x 66
76. Desenho VIII, 1966. 48 x 66

**COUTINHO, Heitor (1926)**

77. Grande Cidade Aérea, 1967. 50 x 60
78. Grande Cidade Aérea, 1967. 50 x 60
79. Cidade Monumental, 1967. 70 x 100

**CUNHA, Luiz Carlos da (1940)**

BICO DE PENA

80. Solarium, 1965. 75 x 50
81. Meu Amor, Te Devolvo Tudo, Até o Teu Retrato, 1967. 75 x 50
82. Menina Antiga n.º 2, 1967. 75 x 50
83. Eu, 1967. 75 x 50

**DIAGO, José de (1925)**

84. Ídolo, 1967. 100 x 70
85. Só Êle, 1967. 100 x 70

**DUARTE, Elber (1941)**

**NANQUIM, ANILINAS**

- 86. Desenho I, 1967. 25 x 37
- 87. Desenho VI, 1967. 35 x 27

**ECKENBERGER, Reinaldo (1938)**

**NANQUIM E COLAGEM**

- 88. Desenho III, 1967. 50 x 70
- 89. Desenho V, 1967. 50 x 70
- 90. Desenho VI, 1967. 50 x 70

**EICHBAUM, Gisela (1920)**

**TINTA PRETA**

- 91. Composição 1, 1967 78 x 90
- 92. Composição 2, 1967. 78 x 90

**ELIZABETH (1936)**

**NANQUIM SÓBRE CARTÃO**

- 93. Desenho 2, 1965. 50 x 60
- 94. Desenho 4, 1966. 50 x 60

**FARIA, Guilherme**

**NANQUIM**

- 95. Desenho I, 1967. 50 x 70
- 96. Desenho II, 1967. 70 x 50

**FERREIRA, Carlos Antonio Rogê (1925)**

**TÉCNICA MISTA**

- 97. Galáxia Movimento C, 1967 (Grupo Fosfeno). 96 x 67
- 98. Galáxia Movimento E, 1967 (Grupo Fosfeno). 96 x 67

**FERRI (1918)**

- 99. Desenho n.º 2, 1967. 48 x 86

**FLÁVIA LÚCIA (1945)**

**GUACHE SÓBRE CARTOLINA**

- 100. Pesquisa da Origem I, 1967. 60 x 80
- 101. Pesquisa da Origem V, 1967. 60 x 90

**FLEXOR, Sanson (1907)**

**AQUARELA**

- 102. Aquarela A, 1966. 75 x 95
- 103. Aquarela B, 1966. 75 x 95
- 104. Aquarela C, 1966. 75 x 95
- 105. Aquarela D, 1967. 78 x 58

106. Aquarela E, 1967. 78 x 58
107. Aquarela F, 1967. 78 x 58
108. Aquarela G, 1967. 78 x 58
109. Aquarela H, 1967. 78 x 58

**FURTADO, Clara (1928)**

110. Colagem n.º 2, 1967. 70 x 50

**FUSER, Marlene Crespo (1932)**

**BICO DE PENA E AGUADA**

111. Insetos III, 1966. 67 x 48
112. Fruto e Sementes, 1966. 37 x 33

**GONTRAM (1933)**

**NANQUIM**

113. Homens e Máquinas, 1967. 100 x 80
114. Homens e Máquinas, 1967. 100 x 80

**GOUVEIA, Ismael Caldas (1944)**

**PENA E AGUADA**

115. A Gestante Pede Desculpas, 1967. 70 x 50
116. Mercado do Mundo, 1967. 70 x 50

**GRASSMANN, Marcelo (1925)**

**Isento de Júri**

117. Desenho, 1967. 50 x 70
118. Desenho, 1967. 50 x 70
119. Desenho, 1967. 50 x 70
120. Desenho, 1967. 50 x 70
121. Desenho, 1967. 50 x 70
122. Desenho, 1967. 50 x 70
123. Desenho, 1967. 50 x 70
124. Desenho, 1967. 50 x 70

**GUILHERME FAUSTO (1945)**

**NANQUIM E LÁPIS**

125. Desenho 1, 1967. 70 x 50
126. Desenho 2, 1967. 70 x 50
127. Desenho 3, 1967. 70 x 50

**HAHNE Junior, Juvenal (1933)**

**LÁPIS E NANQUIM**

128. Pitau, 1967. 32 x 47
129. Crap, 1967. 32 x 47
130. Pimm, 1967. 32 x 47

**HELENA MARIA (1937)**

**GUACHE**

131. E Êles Marcaram Época I, 1967. 55 x 40
132. E Êles Marcaram Época II, 1967. 55 x 40
133. E Êles Marcaram Época III, 1967. 55 x 40
134. E Êles Marcaram Época IV, 1967. 55 x 40
135. E Êles Marcaram Época V, 1967. 55 x 40
136. E Êles Marcaram Época VI, 1967 55 x 40

**JACOBO**

**NANQUIM, CÔR E VERNIZ**

137. Vivências 671, 1967. 70 x 110
138. Vivências 672, 1967. 110 x 70
139. Vivências 673, 1967. 67 x 50
140. Vivências 674, 1967. 92 x 43
141. Vivências 675, 1967. 88 x 100
142. Vivências 676, 1967. 88 x 100
143. Vivências 677, 1967. 88 x 100
144. Vivências 678, 1967. 91 x 68

**JACQUARD (1944)**

**NANQUIM SÔBRE EUCATEX**

145. Composição 1, 1967. 83 x 57
146. Composição 2, 1967. 83 x 57
147. Composição 3, 1967. 83 x 57

**JARBAS (1936)**

**TÉCNICA MISTA**

148. Vietnã II, 1967. 100 x 85
149. Vietnã III, 1967. 100 x 85
150. Vietnã IV, 1967. 100 x 85

**KEATING, Luiz Antonio V. (1940)**

**TINTA E PINCEL**

151. Desenho 1, 1967. 70 x 100
152. Desenho 3, 1967. 70 x 100

**KONDO, Bin (1937)**

**NANQUIM E CONTÉ CARVÃO**

153. Cabeça de Poeta 1, 1967. 95 x 64
154. Cabeça de Poeta 2, 1967. 95 x 64
155. Cabeça de Poeta 3, 1967. 95 x 64
156. Cabeça de Poeta 4, 1967. 95 x 64
157. Cabeça de Poeta 7, 1967. 95 x 64
158. Cabeça de Poeta 8, 1967. 95 x 64

**LAENDER, Paulo Frade (1945)**

**NANQUIM E COLINE**

159. Lembrando Luiz Cuevas, 1967. 50 x 70
160. Entre, Sou Eu, 1967. 50 x 70

**LAURA BEATRIZ (1940)**

- 161. Mundo I, 1967. 70 x 100
- 162. Mundo II, 1967. 70 x 100
- 163. Mundo III, 1967. 70 x 100
- 164. Mundo IV, 1967. 70 x 50

**LEIRNER, Nelson (1932)**

**NANQUIM E COLAGEM**

(Série "Este Desenho foi feito por um Louco, este outro por Mim").

- 165. Do Signo n.º 1, 1967. 56 x 44
- 166. Da Correspondência n.º 5, 1967. 56 x 44
- 167. Da Correspondência, 1967. 56 x 44

**LEMBI (1944)**

**NANQUIM**

- 168. Solidariamente Somos Egocêntricos, 1967. 100 x 60
- 169. Homens Sem Vida Dentro, 1966. 100 x 60
- 170. Vida, 1966. 100 x 60

**LINS, Clarice (1924)**

**NANQUIM**

- 171. Desenho I, 1967. 86 x 66
- 172. Desenho II, 1967. 86 x 66
- 173. Desenho IV, 1967. 86 x 66

**LINS, Darel Valença (1924)**

**Isento de Júri**

**TINTA**

- 174. Máquina n.º 1, 1966. 80 x 70
- 175. Máquina n.º 2, 1966. 80 x 70
- 176. Máquina n.º 3, 1967. 80 x 70
- 177. Máquina n.º 4, 1967. 80 x 70
- 178. Máquina n.º 5, 1967. 80 x 70
- 179. Máquina n.º 6, 1967. 80 x 70
- 180. Máquina n.º 7, 1967. 80 x 70
- 181. Máquina n.º 8, 1967. 80 x 70

**LIZARRAGA, Antonio G. (1924)**

**NANQUIM**

- 182. Desenho, 1967. 70 x 53
- 183. Desenho, 1967. 70 x 53
- 184. Desenho, 1967. 70 x 53
- 185. Desenho, 1967. 70 x 53

**MACHADO, Juarez (1941)**

**NANQUIM SÔBRE PAPEL E MADEIRA**

- 186. Desenho XI, 1966. 50 x 70
- 187. Desenho XII, 1966. 50 x 70
- 188. Desenho XV, 1966. 50 x 70

**MALZONI, Augusto Lívio (1945)**

**ACRÍLICO**

- 189. Estudo para Espaço I, 1967. 34 x 48
- 190. Estudo para Espaço II, 1967. 34 x 48

**MARISELDA (1947)**

**GUACHE**

- 191. Desenho II, 1967. 100 x 70
- 192. Desenho VIII, 1967. 100 x 70

**MELLO, Sergio de Campos (1932)**

**PONTA DE PELTRO**

- 193. Desenho 1, 1966. 50 x 65
- 194. Desenho 2, 1966. 50 x 65
- 195. Desenho 3, 1966. 50 x 65
- 196. Desenho 4, 1966. 50 x 65

**MESTRINER, Odila (1928)**

**NANQUIM E COLAGEM SÓBRE CARTÃO**

- 197. Figuras, Casas I, 1967. 66 x 41
- 198. Figuras, Casas II, 1967. 73 x 32
- 199. Figuras, Casas III, 1967. 70 x 50
- 200. Figuras, Casas V, 1967. 69 x 51
- 201. Figuras, Casas VI, 1967. 71 x 51

**MONTEIRO, Miriam (1941)**

**GUACHE E COLAGEM**

- 202. Desenho e Colagem 2, 1967. 38 x 42
- 203. Desenho e Colagem 7, 1967. 38 x 40

**NAKAKUBO, Massuo (1938)**

**NANQUIM SÓBRE CARTÃO**

- 204. Desenho n.º 4, 1967. 65 x 50
- 205. Desenho n.º 5, 1967. 65 x 50
- 206. Desenho n.º 6, 1967. 65 x 50
- 207. Desenho n.º 8, 1967. 65 x 50

**NASSER, Frederico (1948)**

**TÉCNICA MISTA**

- 208. "Bay (L) Eux", 1966. 58 x 76
- 209. Motivo de Pano, 1966. 58 x 76
- 210. Casa II, 1967. 65 x 49

**ONO, Walter (1946)**

**NANQUIM**

- 211. Tema I, 1967. 48 x 48
- 212. Tema II, 1967. 48 x 48

- 213. Tema III, 1967. 48 x 48
- 214. Tema IV, 1967. 48 x 48
- 215. Tema V, 1967. 48 x 48

**PARISI Filho, João**

**TÉCNICA MISTA SÓBRE MADEIRA**

- 216. Cafagestismo I, 1967. 103 x 92
- 217. Cafagestismo II, 1967. 103 x 90
- 218. Cafagestismo IV, 1967. 63 x 92
- 219. Cafagestismo V, 1967. 63 x 92
- 220. Cafagestismo VI, 1967. 63 x 92
- 221. Cafagestismo VII, 1967. 63 x 92
- 222. Cafagestismo VIII, 1967. 63 x 92

**PAULA, Sergio de (1946)**

**TÉCNICA MISTA**

- 223. Para Dizer a Verdade, Não Entendo Nada de Medicina e Datilografia, 1967. 90 x 50
- 224. Matéria de Pessoas Esquecidas Dentro da Atual Conjuntura, 1967. 90 x 50
- 225. Os Psicóticos Maníacos Depressivos e a Espionagem Dentro do Corpo Humano, 1967. 90 x 50

**PENTEADO, Darcy (1926)**

**NANQUIM**

- 226. Desenho, 1966. 60 x 80
- 227. Desenho, 1966. 60 x 80
- 228. Desenho, 1966. 60 x 80

**NANQUIM SÓBRE TECIDO**

- 229. Camisa da Crucificação, 1966. 160 x 160
- 230. Sudário, 1966. 200 x 230
- 231. Sudário, 1967. 200 x 230

**POETZCHER, Maria Victoria (1938)**

- 232. Desenho, 1967. 65 x 53

**PONS, Isabel (1912)**

**Isenta de Júri**

**DESENHO E COLAGEM**

- 233. Anjos Patrulheiros, 1966. 40 x 50
- 234. V.I. , 1966. 50 x 40
- 235. Homenagem a Gandi, 1967. 50 x 40
- 236. "La Porziuncola", 1967. 50 x 40
- 237. "Spoleto" (Duomo), 1967, 50 x 40
- 238. Peças de Museu, I, 1967. 30 x 50
- 239. Peças de Museu II, 1967. 30 x 60
- 240. Abelhas, 1966. Guache. 50 x 30

**QUISSAK Jr. (1935)**

**EUCATEX**

- 241. **Mediocridade, 1966. 226 x 170**
- 242. **Renascimento, 1966. 264 x 170**

**RAMOS, José Tarcísio (1941)**

**NANQUIM E GUACHE SÓBRE TELA**

- 243. **Composição II, 1967. 162 x 114**
- 244. **Composição III, 1967. 162 x 114**
- 245. **Composição VII, 1967. 162 x 114**

**RANGEL, Eliana (1919)**

**NANQUIM**

- 246. **Gênesis III, 1967. 75 x 50**
- 247. **Gênesis IV, 1967. 75 x 50**
- 248. **Gênesis V, 1967. 75 x 50**

**ROCHA, Eduardo Ribeiro (1949)**

- 249. **OP — IX, 1967. 85 x 60**

**ROCHA, Pompea Britto da (1927)**

- 250. **Desenho IV, 1967. 100 x 70**
- 251. **Desenho V, 1967. 100 x 70**

**RODRIGUES, Glauco (1929)**

(Série "Que Belos São os Teus Amôres, Irmã Minha!  
Oh! Espôsa Minha! Quanto Melhores São Os Teus  
Amôres do que o Vinho!")

- 252. **idem I, 1967. 50 x 70**
- 253. **idem II, 1967. 50 x 70**
- 254. **idem III, 1967. 50 x 70**
- 255. **idem IV, 1967. 50 x 70**
- 256. **idem V, 1967. 50 x 70**
- 257. **idem VI, 1967. 50 x 70**
- 258. **idem VII, 1967. 50 x 70**
- 259. **idem VIII, 1967. 50 x 70**

**SÁFAR, Beatriz (1944)**

**NANQUIM E AGUADA SÓBRE PAPEL CANSON**

- 260. **Homicídio III, 1967. 70 x 50**
- 261. **Homicídio V, 1967. 70 x 50**
- 262. **Homicídio VI, 1967. 70 x 50**

**SALVADOR, Gilberto O. (1946)**

- 263. **Ação Dialética Sobre..., 1967. 100 x 70**



**SAMPAIO, Márcio (1941)**

264. O Círculo Monstrual (Da Série "País das Gerais"), 1966.  
66 x 48  
265. Do Dia D do Deusedemônio, 1966. 66 x 48  
266. Com "Bat-Man", 1967. 73 x 50

**SAMÚ (1929)**

**NANQUIM**

267. Semáforo I, 1967. 96 x 66  
268. Semáforo III, 1967. 96 x 66  
269. Semáforo VI, 1967. 96 x 66

**SANTO, Dionísio del (1925)**

**NANQUIM**

270. Cena Silvestre, 1967. 60 x 44  
271. Sereno Desastre, 1964. 47 x 58  
272. Mulher Molhando Flor, 1967. 56 x 36  
273. Voraz, 1963. 35 x 49

**SANTORO, Fernando Mattiehsen (1937)**

**PAPEL E VIDRO**

274. Fragmento 27, 1967. 70 x 55  
275. Fragmento 28, 1967. 70 x 55

**SANTOS, Jorge**

276. Stegosauros — Abstração.  
277. Stegosauros Alado.  
278. Abstração de Pterosauria.

**SCHENDEL, Mira (1919)**

**ACRÍLICO**

279. Objeto Gráfico 1, 1967. 200 x 100  
280. Objeto Gráfico 2, 1967. 200 x 100  
281. Objeto Gráfico 3, 1967. 200 x 100

**SEOANE (1930)**

**TÉCNICA MISTA SÔBRE PAPEL PERGAMINHO**

282. O Mundo Misterioso da Vegetação 3, 1966. 100 x 75  
283. O Mundo Misterioso da Vegetação 4, 1966. 100 x 75

**SILVA, Marcos (1950)**

**COLAGEM SÔBRE PAPEL CANSON**

284. Queda 822, 1967. 64 x 45  
285. Nota Sôbre o Acontecimento 2239, 1966. 128 x 90

**SOARES, Sinval Correia (1927)**

**DURATEX**

286. Desenho Série B n. 2, 1967. 90 x 50  
287. Desenho Série B n. 4. 1967. 90 x 50

**SOARES, Teresinha (1937)**

**PLÁSTICAS SÔBRE PAPEL CARTÃO**

288. Acoplamento Bem Sucedido, 1967. 50 x 70  
289. Meu Filho no Azul, 1967. 50 x 70  
290. Inseminação Artificial, 1967. 50 x 70

**STÊNIO (1937)**

**PILOT**

291. Eu Te Amo I, 1967. 46 x 38  
292. Eu Te Amo II, 1967. 40 x 36

**SUZUKI, João (1935)**

**MATERIAIS DIVERSOS**

293. Desenho 1967 — A, 1967. 40 x 90  
294. Desenho 1967 — E, 1967. 70 x 50

**SUZUKI, Yukio (1926)**

**CONTE**

295. Obre n.º 5, 1967. 95 x 65  
296. Obre n.º 7, 1967. 95 x 65

**TOROK, Elise Marie Elinger (1925)**

**NANQUIM E AQUARELA**

297. Desenho, 5, 1967. 73 x 55  
298. Desenho 6, 1967. 73 x 55

**TOURON, Pedro (1936)**

299. Jonas, 1967. 50 x 70

**TOYOTA, Yutaka**

**TÉCNICA MISTA**

300. Simbologia I, 1967. 70 x 50  
301. Simbologia II, 1967. 70 x 50  
302. Simbologia Transfigurada I, 1967. 70 x 50  
303. Simbologia Transfigurada II, 1967. 70 x 50  
304. Simbologia Transfigurada III, 1967. 70 x 50  
305. Transfiguração, 1967. 70 x 50  
306. Transfiguração Positivo-Negativa, 1967. 70 x 50  
307. Transfiguração Negativa, 1967. 70 x 50

**TUNEU (1948)**

**TÉCNICA MISTA**

- 308. Desenho 1, 1967. 70 x 50
- 309. Desenho 2, 1967. 70 x 50
- 310. Desenho 4, 1967. 70 x 50

**VATER, Regina (1943)**

**GUACHE**

- 311. Das Origens do Ser, 1967. 50 x 60
- 312. Das Origens do Ser, 1967. 50 x 60
- 313. Das Origens do Ser, 1967. 50 x 60
- 314. Das Origens do Ser, 1967. 50 x 70
- 315. Das Origens do Ser, 1967. 50 x 70

**VELOSO, Teresinha (1936)**

**NANQUIM E ESCOLINE**

- 316. Desenho I, 1967. 70 x 50
- 317. Desenho II, 1967. 70 x 50
- 318. Desenho III, 1967. 70 x 50

**VERGARA, Carlos (1941)**

**TÉCNICA MISTA**

- 319. Sem Título, 1967. 90 x 90
- 320. Sem Título, 1967. 90 x 90
- 321. Sem Título, 1967. 60 x 60
- 322. Sem Título, 1967. 68 x 68
- 323. Sem Título, 1967. 49 x 64
- 324. Sem Título, 1967. 64 x 51
- 325. Sem Título, 1967. 66 x 46
- 326. Sem Título, 1967. 73 x 51

**VIEIRA, Arnaldo (1941)**

**ANILINA**

- 327. Entre-Sonhar-Triste-Alegre n.º 3, 1967. 70 x 100
- 328. Entre-Sonhar-Triste-Alegre n.º 8, 1967. 57 x 77

**VILELA, Marcelo (1947)**

**TÉCNICA MISTA**

- 329. Desenho IV, 1967. 71 x 105
- 330. Desenho VI, 1967. 71 x 105

**WALESKA (1942)**

- 331. Tudo muito Real, Colagem, 1967. 55 x 70
- 332. Especulação com Novos Dados, 1967. 55 x 70

**WASHINGTON, Arturo (1942)**

**NANQUIM SÔBRE PAPEL E MADEIRA**

- 333. Organismo 2, 1966. 76 x 56
- 334. Organismo 3, 1966. 76 x 56

## WESLEY (1931)

### PASTEL

- 335. Jean Harlow, 1967. 70 x 50
- 336. Jean Harlow, 1967. 70 x 50
- 337. Jean Harlow, 1967. 70 x 50
- 338. Jean Harlow, 1967. 70 x 50
- 339. Jean Harlow, 1967. 70 x 50
- 340. Jean Harlow, 1967. 70 x 50
- 341. Jean Harlow, 1967. 70 x 50
- 342. Jean Harlow, 1967. 70 x 50

## WLADYSLAW, Anatol (1913)

### Isento de Júri

### GUACHE, ACRÍLICO SÔBRE TELA

- 343. Cabeça n.º 1, 110 x 90
- 344. Cabeça n.º 2, 1967. 110 x 90
- 345. Cabeça n.º 3, 1967. 110 x 90
- 346. Cabeça n.º 4, 110 x 90

### NANQUIM

- 347. Desenho n.º 1, 1967. 66 x 48
- 348. Desenho n.º 2, 1967. 66 x 48
- 349. Desenho n.º 3, 1967. 66 x 48
- 350. Desenho n.º 4, 1967. 66 x 48

## XANDÓ, Niobe (1914)

### TINTA SÔBRE TELA

- 351. Desenho n.º 4, 1967. 89 x 116
- 352. Desenho n.º 5, 1967. 89 x 116
- 353. Desenho n.º 7, 1967. 89 x 116

## YESQUENLURITTA (1939)

### TÉCNICA MISTA

- 354. Maquinária 67 D, 1967. 90 x 70
- 355. Moquinária 67 E, 1967. 90 x 70

## ZARAGOZA, José (1930)

### DESENHO A SÊCO

- 356. Campo, 1966. 55 x 70
- 357. Esfera Furada, 1966. 50 x 60
- 358. Textura Sêca, 1966/67. 50 x 70
- 359. Explosão, 1966/67. 55 x 70
- 360. Meteoro, 1967. 100 x 70
- 361. Espiral, 1967. 100 x 70

## **GRAVURA**

**ADERNE, Iza (1923)**

### **XILOGRAVURA**

1. Estórias II, 1966/67. 80 x 60
2. Estórias IV, 1966/67. 80 x 60
3. Estórias VI, 1966/67. 80 x 60

**AMARAL, Antonio Henrique (1935)**

### **XILOGRAVURA EM PAPEL DE ARROZ**

4. "Quoque Tu, Brutus?" 1967. 70 x 45
5. Passatempo Latino Americano, 1967. 70 x 45
6. O Appetite, 1967. 70 x 45
7. A Grande Mensagem, 1967. 70 x 45
8. A Mesma Língua, 1967. 70 x 45
9. Monumento Século XX, 1967. 70 x 45

**ARAUJO, Emanoel (1940)**

### **XILOGRAVURA**

10. Opus 347, 1967. 110 x 70
11. Opus 348, 1967. 110 x 70
12. Opus 349, 1967. 110 x 70
13. Opus 400, 1967. 110 x 70
14. Opus 401, 1967. 110 x 70
15. Opus 402, 1967. 110 x 70
16. Opus 403, 1967. 110 x 70
17. Opus 404, 1967. 110 x 70

**BABINSKI (1931)**

### **ÁGUA-FORTE**

18. Gravura I, 1966. 62 x 50
19. Gravura II, 1966. 62 x 50
20. Gravura III, 1966. 62 x 50
21. Gravura IV, 1966. 62 x 50

**BARBOSA, Celso (1944)**

### **XILOGRAVURA EM PAPEL DE ARROZ**

22. Duendes V, 1967. 100 x 62
23. Duendes VI, 1967. 100 x 62
24. Duendes VII, 1967. 100 x 62

**BARCELOS, Vera Chaves**

### **XILOGRAVURA**

25. Paisagem Disciplinada, 1966. 80 x 50
26. Ação, Meditação, 1966. 80 x 50
27. Viagem, 1966. 49 x 71
28. Barreira, 1967. 35 x 75

29. Ameaça, 1967. 80 x 45
30. Contraste, 1967. 80 x 50
31. Balanço, 1967. 73 x 50
32. Ganância, 1967. 41 x 80

**BASÍLIO, Dora (1921)**

33. "The hands", 1967. Relêvo, água-forte, aquatinta. 40 x 50
34. "Time", 1967. Relêvo, água-forte. 26 x 48

**BASTOS, Dorothy (1933)**

**XILOGRAVURA EM PAPEL JAPONÊS**

35. Gravura, 1966. 90 x 60
36. Gravura, 1966. 95 x 73
37. Gravura, 1967. 73 x 82
38. Gravura, 1967. 95 x 73

**BEHRING, Edith (1916)**

**AQUATINTA, GRAVURA SÔBRE METAL ESTAMPA**

39. Gravura 1, 1964. 31 x 59
40. Gravura 2, 1966. 39 x 22
41. Gravura 3, 1966. 45 x 45
42. Gravura 4, 1966. 49 x 39
43. Gravura 5, 1966. 50 x 35
44. Gravura 6, 1966. 36 x 52
45. Gravura 7, 1966. 48 x 33
46. Gravura 8, 1966. 48 x 33

**BERLINCK, Izar do Amaral (1918)**

**METAL —TÉCNICA MISTA**

47. Muro Velho e Pelé, 1967. 86 x 50
48. Muro Velho e Caixa Postal, 1967. 66 x 50
49. Muro Velho e Cortina Nova, 1967. 66 x 50

**BESS COURVOISIER, Ruth (1924)**

**AQUATINTA, ÁGUA-FORTE, VERNIZ MOLE, METAL**

50. Tapir Comendo uma Fôlha, 1966. 20 x 60
51. Tatu Fôlha, 1967. 30 x 45
52. Tatu Bola, 1967. 49 x 27
53. Tapir, 1967. 30 x 40

**BETTIOL, Zoravia (1935)**

**XILOGRAVURA (SÉRIE O CIRCO)**

54. O Mágico, 1967. 77 x 51
55. Ciclismo Fantástico, 1967. 69 x 53
56. Malabarista, 1967. 77 x 52

**BONOMI, Maria (1935)**

Isenta de Júri

**XILOGRAVURA EM PAPEL JAPONÊS**

57. Homenagem a Nara Leão, 1966. 115 x 140
58. Cobra Norato, 1966. 115 x 140
59. Acoplamento, 1966. 125 x 145
60. "Pour la Paix", 1967. 135 x 140
61. Todos os Túmulos do Mundo, 1967. 135 x 140
62. A Águia, 1967. 140 x 155
63. Hyperprisma, 1967. 140 x 140
64. Mechanicus, 1967. 115 x 140

**BOTELHO, Adir (1932)**

**XILOGRAVURA**

65. Gravura 4, 1966/67. 70 x 50
66. Gravura 5, 1966/67. 70 x 50

**BRATKE, Carlos**

**ISOPOR EM PLACA RÍGIDA**

67. Gravura — tema B, 1967. 150 x 140
68. Gravura — tema C, 1967. 150 x 140
69. Gravura — tema D, 1967. 125 x 110

**BRYCH, Marie (1928)**

**XILOGRAVURA**

70. Xilogravura III, 1967. 60 x 45
71. Xilogravura IV, 1967. 60 x 45
72. Xilogravura VI, 1967. 60 x 45
73. Xilogravura VII, 1967. 60 x 45

**CARO, Bernardo (1931)**

**XILOGRAVURA — PRANCHA-PLÁSTICO**

74. Mulheres X Destino, 1967. 88 x 62
75. Mulheres X Ritual, 1967. 88 x 62
76. Mulheres X Saravá, 1967. 88 x 62
77. Mulheres X Sexo, 1967. 88 x 62
78. Mulheres X Fim, 1967. 88 x 62

**CASTRO, Sônia, (1934)**

**XILOGRAVURA**

79. "Mis-en-page" I, 1967. 96 x 66
80. "Mis-en-page" II, 1967. 96 x 66
81. "Mis-en-page" III, 1967. 96 x 66
82. "Mis-en-page" IV, 1967. 96 x 66
83. "Mis-en-page" V, 1967. 96 x 66
84. "Mis-en-page" VI, 1967. 96 x 66
85. "Mis-en-page" VII, 1967. 96 x 66
86. "Mis-en-page" VIII, 1967. 96 x 66

**CAVALCANTI, Newton (1930)**

**XILOGRAVURA EM PAPEL JAPONÊS**

87. O Silêncio, 1966. 55 x 65
88. Ao Som da Guitarra, 1966. 55 x 60

**CERQUEIRA, Miriam**

**SEILOGRAVURA**

89. O Barco da Morte, 1966. 35 x 35
90. Brincando de Roda, 1967. 31 x 39

**CHIAVERNI, Miriam (1940)**

**XILOGRAVURA**

91. Gravura XXII, 1967. 87 x 114
92. Gravura XXIII, 1967. 87 x 114
93. Gravura XXIV, 1967. 87 x 115
94. Gravura XXV, 1967. 80 x 110
95. Gravura XXVI, 1967. 153 x 112
96. Gravura XXVII, 1967. 78 x 85
97. Gravura XXVIII, 1967. 78 x 85
98. Gravura XXIX, 1967. 78 x 85

**DE LAMONICA, Roberto (1933)**

**Isento de Júri**

**METAL**

99. Gravura "Go Go", 1966. 120 x 72
100. Circo, 1966. 52 x 70
101. Dia de São Patrício, 1966. 81 x 122
102. "Go Go" Rosa da Paz, 1967. 132 x 81
103. "Wha", 1967. 127 x 82
104. Sem Título, 1967. 87 x 62

**LITOGRAFIA**

105. História de Bandido, 1966. 75 x 95
106. "Cheetah" (Discoteca), 1967. 75 x 95

**DUARTE, Elber (1941)**

**PAPEL-RELÉVO**

107. Gravura V, 1967. 44 x 15
108. Gravura VI, 1967. 48 x 29
109. Gravura VII, 1967. 40 x 30

**FUHRO, H. (1936)**

**XILOGRAVURA EM PAPEL JAPONÊS**

110. Atenção, Já Passa das 5!, 1967. 50 x 30
111. O Senhor é a Salvação, 1967. 34 x 23



**POLIESTIRENO**

- 112. Espectador, 1967. 28 x 16
- 113. O Nascimento do Gênio Militar, 1967. 39 x 23
- 114. O Esquiador, 1967. 31 x 27

**GEIGER, Ana Bella (1933)**

**ÁGUA-FORTE, PAPEL RELÉVO**

- 115. Cérebro, 1966. 47 x 80
- 116. Fígado, 1966. 57 x 75
- 117. Garganta, 1967. 56 x 77
- 118. Pulmão, 1967. 80 x 65
- 119. Do Coração, 1967. 56 x 77
- 120. Como Funciona o Nosso Organismo, 1967. 69 x 51
- 121. Feminino e Masculino, 1967. 77 x 64

**GERHARD, Victor Décio (1936)**

**XILOGRAVURA**

- 122. Metamorfose Vinte, 1967. 90 x 60
- 123. Metamorfose Noventa, 1967. 90 x 60
- 124. Metamorfose Cem, 1967. 90 x 60
- 125. Metamorfose Cento e Dez, 1967. 90 x 60
- 126. Metamorfose Cento e Trinta, 1967. 90 x 60
- 127. Metamorfose Cento e Oitenta, 1967. 90 x 60
- 128. Metamorfose Duzentos, 1967. 90 x 60
- 129. Metamorfose Duzentos e Dez, 1967. 90 x 60

**GRASSMANN, Marcelo (1925)**

**Isento de Júri**

**ÁGUA-FORTE**

- 130. Gravura I, 1967. 40 x 60
- 131. Gravura II, 1967. 40 x 60
- 132. Gravura III, 1967. 40 x 60
- 133. Gravura IV, 1967. 40 x 60
- 134. Gravura V, 1967. 40 x 60
- 135. Gravura VI, 1967. 40 x 60
- 136. Gravura VII, 1967. 40 x 60
- 137. Gravura VIII, 1967. 40 x 60

**GRUDZINSKI, Hans Suliman (1921)**

**METAL-TÉCNICA MISTA**

- 138. Paralelos e Meridianos, 1967. 60 x 54
- 139. Jôgo de Sombras, 1967. 62 x 46

**GUARIGLIA, Cypriano (1935)**

- 140. Tijolo de 8 Furos, 1967. Serigrafia-vidro. 51 x 51

**GUERSONI, O.**

**XILOGRAVURA EM CARTÃO**

- 141. Antes e Depois, 1966. 66 x 85
- 142. Vida, Opressão e Morte, 1967. 90 x 60

**JARDIM, Evandro Carlos (1935)**

- 143. Gravura I, 1967. 27 x 30
- 144. Gravura II, 1967. 30 x 27
- 145. Gravura III, 1967. 40 x 30

**LIMA, José (1934)**

**RELÉVO-METAL**

- 146. Café, 1/67. 70 x 50
- 147. Café, 2/67. 70 x 50
- 148. Café, 8/67. 70 x 50

**LINS, Darel Valença (1924)**

**Isento de Júri**

**ÁGUA-FORTE**

- 149. Da Série Máquinas n.º 1, 1967. 50 x 70
- 150. Da Série Máquinas n.º 2, 1967. 60 x 70
- 151. Da Série Máquinas n.º 3, 1967. 60 x 70
- 152. Da Série Máquinas n.º 4, 1967. 60 x 70
- 153. Da Série Máquinas n.º 5, 1967. 60 x 70
- 154. Da Série Máquinas n.º 6, 1967. 70 x 80
- 155. Da Série Máquinas n.º 7, 1967. 60 x 70
- 156. Da Série Máquinas n.º 8, 1967. 60 x 70

**LUZ, Edison da (1942)**

**XILOGRAVURA SÔBRE LINHO**

- 157. Revolução Mística n.º 1, 1966. 120 x 50
- 158. Revolução Mística n.º 2, 1966. 120 x 50
- 159. Revolução Mística n.º 5, 1966. 120 x 50

**MAIOLINO, Ana Maria (1942)**

**XILOGRAVURA**

- 160. Rio 1952, 1966. 68 x 55
- 161. Mãe, 1966. 90 x 63
- 162. Encontro, 1967. 67 x 48
- 163. "Ecce Homo", 1967. 65 x 56

**MARTINS, Wilma (1934)**

**XILOGRAVURA, PAPEL JAPONÊS, TINTA DE IMPRENSA**

- 164. A Espera, 1967. 90 x 50
- 165. O Poço, 1967. 85 x 50
- 166. Carne, 1967. 55 x 80
- 167. Médo, 1967. 85 x 50

**MELHEM, Georgette (1938)**

**XILOGRAVURA**

- 168. Ela Hoje I, 1967. 35 x 40
- 169. Ela Hoje III, 1967. 35 x 40

**MINDLIN, Vera Bocayuva (1920)**

- 170. Litografia, 1966. 75 x 56
- 171. Litografia, 1966. 75 x 56

**OSTROWER, Fayga (1920)**

Isento de Júri

**XILOGRAVURA EM CÔRES SÔBRE PAPEL DE ARROZ**

- 172. Gravura n.º 6714, 1967. 60 x 90
- 173. Gravura n.º 6715, 1967. 60 x 90
- 174. Gravura n.º 6717, 1967. 80 x 35
- 175. Gravura n.º 6719, 1967. 85 x 50
- 176. Gravura n.º 6720, 1967. 30 x 70
- 177. Gravura n.º 6724, 1967. 40 x 60
- 178. Gravura n.º 6727, 1967. 40 x 60
- 179. Gravura n.º 6728, 1967. 40 x 60

**PEREZ, Rossini (1932)**

**METAL, RELÉVO, AQUATINTA, ÁGUA-FORTE**

- 180. Gestação I, 1966. 65 x 50
- 181. Dois Azulejos, 1966. 50 x 20
- 182. Três Azulejos, 1966. 50 x 20
- 183. Tonsurada, 1967. 80 x 50
- 184. Invertida, 1967. 60 x 50

**PILÓ, Conceição (1927)**

**XILOGRAVURA**

- 185. Gravura I, 1967. 80 x 60
- 186. Gravura II, 1967. 80 x 60
- 187. Gravura III, 1967. 80 x 60
- 188. Gravura IV, 1967. 80 x 60

**PIZA, Arthur Luiz (1928)**

Isento de Júri

**RELÉVO, ÁGUA-FORTE EM CÔRES**

- 189. Espaço de Sombra, 1967. 90 x 64
- 190. Terra, 1967. 64 x 90
- 191. Balançar, 1967. 64 x 50
- 192. Composição, 1967. 75 x 55
- 193. Galáxia I, 1967. 65 x 50
- 194. Galáxia II, 1967. 65 x 50
- 195. Galáxia III, 1967. 54 x 75
- 196. Cume, 1967. 64 x 50

**PONS, Isabel (1912)**

Isento de Júri

**ÁGUA-FORTE EM CÔRES**

- 197. Porta do Céu, 1966. 50 x 40
- 198. Navios Velhos, 1966. 55 x 30

- 199. Casal VI, 1966. 50 x 40
- 200. Caminho das Estrêlas, 1966. 40 x 50
- 201. Costa Dálmata, 1967. 40 x 50
- 202. Inseto, 1967. 30 x 50
- 203. Cartão de Natal, 1967. 50 x 40
- 204. Grandes Personagens, 1967. 40 x 50

**QUADROS, Anna Letycia (1929)**

- 205. Gravura 3, 1967. 50 x 40
- 206. Gravura 5, 1967. 60 x 30
- 207. Gravura 10, 1967. 50 x 20
- 208. Gravura 11, 1967. 35 x 55
- 209. Gravura 20, 1967. 50 x 70
- 210. Gravura 21, 1967. 50 x 40
- 211. Gravura 25, 1967. 80 x 40
- 212. Gravura 26, 1967. 60 x 20

**RAIMO (1912)**

**XILOGRAVURA**

- 213. Gravura IV, 1967. 68 x 48
- 214. Gravura V, 1967. 68 x 48

**RAPOPORT, Alexandre (1929)**

**XILOGRAVURA SÓBRE PAPEL DE ARROZ**

- 215. Gravura 4, 1967. 84 x 59
- 216. Gravura 5, 1967. 84 x 59

**RODRIGUES, Glauco (1929)**

**SERICRAFIA**

- 217. Do Cântico dos Cânticos do Rei Salomão, 1967. 31 x 46
- 218. Do Cântico dos Cânticos do Rei Salomão, 1967. 31 x 46
- 219. Do Cântico dos Cânticos do Rei Salomão, 1967. 31 x 46
- 220. Do Cântico dos Cânticos do Rei Salomão, 1967. 31 x 46
- 221. Do Cântico dos Cânticos do Rei Salomão, 1967. 31 x 46

**RODRIGUES, Marília (1937)**

**AQUATINTA — RELEVO-METAL**

- 222. Frutos I, 1966. 80 x 60
- 223. Frutos, Branco e Prêto, 1966. 80 x 60
- 224. O Grande Fruto Vermelho, 1967. 80 x 80
- 225. Frutos V, 1967. 80 x 60

**SAMICO (1928)**

**XILOGRAVURA**

- 226. Apocalipse, 1964. 51 x 36
- 227. O Pecado, 1964. 40 x 44
- 228. A Traição, 1964. 35 x 40
- 229. O Galo de Ouro, 1965. 40 x 40

**SAMBSURSKY, Miriam (1930)**

**XILOGRAVURA**

230. Introdução à Máquina I, 1967. 62 x 42  
231. A Máquina I, 1967. 60 x 60

**SCHALDERS, Célia (1934)**

**XILOGRAVURA SOBRE PAPEL JAPONÊS**

232. Pista 322, 1967. 60 x 90  
233. Pista 323, 1967. 60 x 90

**SOUZA, José Assumpção (1924)**

**METAL**

234. Fragmentos I, 1967, 55 x 65  
235. Fragmentos II, 1967. 68 x 55  
236. Fragmentos III, 1967. 77 x 113

**STEFANOW, Siegrid (1928)**

**METAL**

237. Planta, 1966. 71 x 52  
238. Fôlha, 1966. 71 x 52

**STROSBERG, Rachel (1927)**

**XILOGRAVURA**

239. Série Portões II, 1967. 148 x 110  
240. Série Portões III, 1967. 149 x 115  
241. Série Portões V, 1967. 145 x 111

**TUPINAMBÁ, Yara (1932)**

**XILOGRAVURA**

(Série Lendas Brasileiras)

242. Assombração, 1967. 70 x 51  
243. Maria Mandioca, 1967. 71 x 70  
244. Lobishomem, 1967. 70 x 50

**VERGARA, Carlos (1941)**

**SERICRAFIA**

245. O Facista, 1967. 31 x 46  
246. Beija-me, Imbecil, 1967. 46 x 31  
247. Eu também vou Embora pra Passárgada, 1967. 46 x 31  
248. "Só" ou Personagem do "Le Bateau", 1967. 46 x 31  
249. É Plop e não Pop, ou O Sangue Sempre Cai na Cabeça de Alguém, 1967. 46 x 31

**VIEIRA, Lygia Coutinho Martins**

**MONOTIPIA**

250. Composição 1, 1967. 70 x 100  
251. Composição 2, 1967. 70 x 100

## ESCULTURA

ALDIR (1941)

MADEIRA, FERRO E GÊSSO

1. Colônia Terrestre I, 1967. 100 x 60
2. Colônia Terrestre III, 1967. 175 x 80
3. Colônia Terrestre IV, 1967. 130 x 80

ANDRADE, Farnese de

MONTAGEM

4. A Prisioneira, 1967. 42 x 32
5. O Ser, 1967. 52 x 50
6. A Molécula, 1967. 72 x 15
7. Maternidade e Mutação, 1967. 80 x 30

BARAVELLI, Luiz Paulo (1942)

MONTAGEM

8. Escultura, 1967. 57 x 38 x 26
9. Escultura, 1967. 42 x 40 x 40
10. Escultura, 1967. 20 x 20 x 20

BLANK, Carlos (1911)

FERRO

11. Colmeia II, 1967. 60 x 40
12. Colmeia III, 1967. 60 x 40
13. Colmeia V, 1967, 40 x 40

CALABRONE (1928)

METAL

14. Novos Horizontes, 1967. 75 x 75
15. Totem III, 1967. 160 x 80
16. Homenagem aos Novos Heróis, 1967. 220 x 180
17. Discosfera, 1967. 200 x 150
18. Grande Robot Espacial, 1967. 100 x 150

CARLOS ALBERTO

MADEIRA

19. Metamorfose Econômica, 1967. 122 x 63
20. Metamorfose Espiritual, 1967. 168 x 64
21. Paraíso dos Inocentes, 1967. 107 x 52

CARO, Bernardo (1931)

PESQUISA ÓTICA — CAIXA, ESPELHOS, MOLAS

22. Caixa A — Movimento Vertical, 1967. 70 x 60 x 30
23. Caixa E — Movimento Espiral, 1967. 40 x 70 x 30
24. Caixa S — Movimento Inclinado, 1967. 70 x 60 x 30
25. Caixa U — Movimento Circular, 1967. 50 x 50 x 50

**CEDRAN, Lourdes de Amorim (1930)**

**TÉCNICA MISTA — MADEIRA**

26. Serenidade, 1967. 160 alt.
27. Surpresa I, 1967. 120 x 40
28. Surpresa II, 1967. 160 x 40
29. Vivenda I, 1967. 120 x 120
30. Vivenda II, 1967. 160

**CLARK, Lygia**

**Isento de Júri**

**PLÁSTICO, ALUMÍNIO, BORRACHA**

31. Roupa — Corpo — Roupa, 1967.
32. Cesariana, 1967.
33. O Livro dos Sentidos, 1967.
34. Pingue-Pongue, 1967.
35. Respira Comigo, 1967.

**CORDEIRO, Waldemar**

**TÉCNICA MISTA**

36. Ponto de Vista, 1965. 10 x 20 x 20
37. Rebolando, 1965. 60 x 45
38. Massa e/ou Indivíduo, 1966. 30 x 32 x 30
39. Auto-Retrato Probabilístico, 1967. 30 x 30 x 34

**COUTINHO, Heitor (1924)**

**MADEIRA, CRISTAL, COLAGEM**

40. Caixa Circular 1, 1967. 60
41. Caixa Circular 2, 1967. 100
42. Cidade Monumental, 1967. 160 x 100
43. Grande Cidade, 1967. 100 x 100
44. Quatro Estações, 1967. 100 x 100

**EBLING, Sônia (1926)**

**CIMENTO**

45. Relêvo 44, 1966. 133 x 75

**ECKENBERGER, Reinaldo (1938)**

**MONTAGEM EM MADEIRA**

46. Uma Maculada Conceição, 1967. 110 x 185
47. Gramofonismo, 1967. 75 x 30
48. Nicho Cochicho, 1967. 110 x 40

**FERRARI, Donato (1933)**

**FERRO E PLÁSTICO (MÓBILE)**

49. Situação Imprevista I — Personagem, 1967. 300 x 320 (diâmetro)
50. Situação Imprevista II — Personagem, 1967. 320 x 260

51. Situação Imprevista III — Personagem, 1967.  
270 x 160 x 130
52. Situação Imprevista IV — Personagem, 1967.  
300 x 350 (diâm.)
53. Situação Imprevista V — Personagem, 1967. 300 x 300  
(diâm.)

**FRANCO FILHO, Di (1948)**

**DISCOS**

54. Disco I, 1967. 100 x 100
55. Disco II, 1967. 100 x 100

**FRANCO, Sulita di (1942)**

**ISOPOR**

56. Forma Sideral, 1967. 100 x 50
57. Espacial, 1967. 100 x 50

**GERCHMANN, Rubens (1942)**

**PLÁSTICO, MADEIRA, NEON, ESPELHOS, TECIDO**

58. Caixa Corpo — Homenagem à Lygia Clark, 1967.  
400 x 400
59. O Altar, 1967. 220 x 160 x 160
60. Novas Caixas de Morar, 1967. 180 x 90 x 90
61. Sempre Junto de Ti, 1967. 200 x 200

**GILBERT, Ilie (1920)**

62. Fauna Topológica, 1967. Bronze fundido, 20 x 30
63. Monocasal, 1967. Epoxy fundida. 50 x 20

**GOLDBERG (1947)**

64. Geométricas, 1965. Madeira. 130 x 70

**COROVITZ, Mona (1937)**

**TÉCNICA MISTA**

65. Madame Seignobos, 1964. 130 x 69
66. Mademoiselle Moreno, 1966. 95 x 48

**GUARIGLIA, Cypriano (1935)**

**ISOPOR**

67. A — Seqüência, 1967. 100 x 210
68. C — Seqüência, 1967. 75 x 210
69. E — Seqüência, 1967. 75 x 155

**GUIMA (1944)**

**FERRO**

70. Animi Effusio 1, 1967. 73 x 35
71. Animi Effusio 4, 1967. 90 x 23
72. Animi Effusio 5, 1967. 60 x 20



**GUIRAR, Read — (Ver Held, Ary)**

**HELD, Ary de (1946) e Read GUIRAR (1945)**

**CIMENTO, FERRO E PAPEL**

- 73. Luiz, 1966. 65 x 55 x 80
- 74. Read, 1966. 108 x 65 x 10

**HENRIQUE, Gastão Manoel (1933)**

**MADEIRA**

- 75. Conversível n.º 1, 1967. 30 x 40 x 40
- 76. Conversível n.º 4, 1967. 30 x 40 x 40
- 77. Conversível n.º 7, 1967. 40 x 40 x 40
- 78. Conversível n.º 9, 1967. 40 x 40 x 40
- 79. Conversível n.º 10, 1967. 40 x 40 x 40

**ITO, Tadayoshi, (1919)**

- 80. Época I, 1966. 120 x 140
- 81. Época II, 1966. 120 x 100

**JURGENSEN, Geraldo (1920)**

**FERRO**

- 82. Escultura A — Máquina, 1967. 100
- 83. Escultura C — Máquina, 1967. 100

**KARMAN, Ernestina Sanná (1915)**

**MADEIRA, DURAL, PLÁSTICO, FERRO E AÇO INOXIDÁVEL**

- 84. Rosácea de Ferro, 1967. 88 x 88
- 85. Cilindro Vasado, 1967. 90 x 90
- 86. Esquadriha, 1967. 108 x 88
- 87. Objetos Voadores, 1967. 148 x 58

**LACERDA, Wilde (1929)**

**MONTAGEM EM VIDRO**

- 88. Composição e Montagem n.º 1, 1967. 110 x 20
- 89. Composição e Montagem n.º 2, 1967. 70 x 33

**LAENDER, Paulo Frade (1945)**

- 90. Objeto, 1967.
- 91. Objeto, 1967
- 92. Objeto, 1967.

**LEIRNER, Felícia (1904)**

**Isento de Júri**

**GESSO**

- 93. Habitáculo I, 1966/67. 130 x 100
- 94. Habitáculo II, 1966/67. 150 x 90

95. Habitáculo III, 1966/67. 260 x 230
96. Habitáculo IV, 1966/67. 145 x 90
97. Habitáculo V, 1966/67. 470 x 60

**LIMA, Balducci (1936)**

98. E.S. 1, 1966. Montagem. 50 x 50 x 100

**LIUBA (1923)**

**BRONZE**

99. Forma Vegetal, 1966. 104 x 85
100. Águila, 1966. 110 x 65
101. Animal de Três Elementos, 1966. 107 x 85
102. Animal e Vegetal, 1966. 111 x 93
103. Animal Estático, 1966. Cimento. 104 x 62

**LUIZ GONZAGA (1944)**

**MADEIRA**

104. "3,14", 1965. 200 x 200 x 200
105. "3,14", 1965. 150 x 150 x 150

**MAGNO, Montez (1934)**

**PLÁSTICO E FIBRA**

106. Ouriço I, 1967. 65 x 35 x 40
107. Ouriço II, 1967. 40 x 70 x 40
108. Ouriço III, 1967. 70 x 35 x 40
109. Ouriço IV, 1967. 70 x 40 x 60
110. Ouriço V, 1967. 70 x 50 x 60

**MARAINES, Sula Back (1936)**

111. Pesquisa Parapsicológica n.º 1, Eletrônica, 200 x 85 x 35
112. Paz, 1965. Madeira. 110 x 150 x 30

**MARTINS, Paulo Roberto (1942) e Jorge Sirito De Vives (1925)**

(Ver VIVES, Jorge Sirito de)

**MATTAR, Márcio (1944)**

**FIBRA DE VIDRO, POLIESTER E PLÁSTICO**

113. T 50, 1967. 160 x 110
114. T 51, 1967. 150 x 90
115. T 52, 1967. 150 x 100
116. T 53, 1967. 160 x 80
117. T 54, 1967. 60 x 100

**MORICONI, Roberto (1932)**

**ÓLEO SOBRE MADEIRA**

118. Quadro Carimbado, 1967. 220 x 120
119. Movimento Verdadeiro, 1967. 170 x 77

**MOROSI (1930)**

**FERRO**

- 120. Interferência Ciclo-Cósmica A-1, 1967. 220 x 100
- 121. Interferência Ciclo-Cósmica A-4, 1967. 240 x 240
- 122. Interferência Ciclo-Cósmica A-5, 1967. 200 x 200

**NITSCHKE, Marcelo (1942)**

- 123. "Superman", 1966. Montagem. 270 x 204
- 124. "Splach", 1967. Fibra de vidro, isopor etc 70 x 232
- 125. Toc-Toc-Toc-Toc, 1967. Plástico, madeira, eletricidade. 200 x 300 x 125
- 126. Pátria Amada 3, 1967. Alumínio, eletricidade, pano. 155 x 30
- 127. WJ 5, 1967, Eucatex, eletricidade, madeira. 244 x 274 x 250

**OHARA, Hisao**

**PLÁSTICO E GÊSSO**

- 128. Possibilidade para o Espaço n.º 3, 1967. 50 x 50 x 50
- 129. Possibilidade para o Espaço n.º 7, 1967. 50 x 50 x 50
- 130. Possibilidade para o Espaço n.º 9, 1967. 50 x 50 x 50

**OLIVEIRA, Domingos Domingues de (1916)**

- 131. Coração do Brasil, 1965. Cimento e Ferro. 78 x 174

**OLIVEIRA, Lucia Fleury de (1933)**

**ALUMÍNIO**

- 132. Punhado de Ritmos, 1967. 38 x 72 x 05
- 133. Lembranças de uma Árvore, 1967. 44 x 24 x 12
- 134. Inscrição Feita Para Você, 1967. 40 x 75 x 02
- 135. Os Raios de Sol que Guardei para Você, 1967. 55 x 60 x 05

**PALATNIK, Abraham (1928)**

**ELETRO-MECÂNICA**

- 136. Seqüência Visual 55 — C, 1966. 90 x 72
- 137. Seqüência Visual 60 — S, 1967. 90 x 72
- 138. Informação Dinâmica, 1967. 110 x 80
- 139. Informação Dinâmica, 1967. 150 x 80
- 140. Informação Dinâmica, 1967. 150 x 120

**PARENTE (1932)**

- 141. Construções, 1963. Vidro. 80 x 72

**PINO, Wladimir Dias (1927)**

**MADEIRA E BORRACHA**

- 142. Desmontável, 1964. 60 x 50 x 50
- 143. Pousa-Formas, 1964. 30 x 30 x 30
- 144. Partitura Optativa, 1965. 60 x 50 x 50
- 145. Auto-Tato, 1965. 30 x 15 x 20
- 146. O Não-Jôgo, 1966. 10 x 50 x 60

**PITZALIS, Leda**

**CORTIÇA, GESSO, ETC.**

- 147. Mulher na Roca, 1967. 150 x 70
- 148. Banho Nupcial, 1967. 140 x 100

**PRADO, Vasco (1914)**

**BRONZE**

- 149. Pomona, 1967. 76 (larg.)
- 150. Ninfa, 1967. 60 (larg.)
- 151. A Nuvem, 1967. 72 (larg.)

**PUTZOLU, Efsio (1930)**

**PLÁSTICO, MADEIRA, FIBERGLASS**

- 152. Eco 1.º, 1967. 200 x 300 x 50
- 153. Trapola Iônica (2 peças), 1967 220 x 60 x 60
- 154. Cavidades Ressoantes, 1967. 270 x 59
- 155. Negativo e Positivo, 1967. 100 x 150 x 40
- 156. Filamento, 1967. 15 x 50 x 80

**REINSBERG, Lisette (1908)**

**CIMENTO, VIDRO E FERRO**

- 157. Escultura n.º 1, 1966/67. 90 x 70 x 15
- 158. Escultura n.º 5, 1967. 50 x 40 x 16

**REZENDE, José (1945)**

**MONTAGEM, PLÁSTICO, VINIL, ALUMÍNIO, ÓLEO, CORDA**

- 159. Homenagem ao Horizonte Longínquo, 1966. 250 x 150 x 150
- 160. "Liaisons Dangereuses", 1966. 170 x 70 x 70
- 161. Nupcias no Tapete Mágico, 1967. 150 x 50 x 200
- 162. Projeto em Evolução do Defumador, 1967. 180 x 106 x 140
- 163. Coluna de Lua II, 1967. 190 x 190

**SALGUEIRO, Maurício (1930)**

**MADEIRA E FERRO — ELETRO-MECÂNICO**

- 164. Urbis IX, 1967. 300 x 100 x 800
- 165. Urbis X, 1967. 300 x 100 x 1500

**SIMON, Rajá (1947)**

**FERRO**

- 166. Escultura 1, 1967. 50 x 50 x 50
- 167. Escultura 2, 1967. 70 x 70 x 70

**STEINBERGER, Erika (1937)**

**SUCATA COM FLÔRES DE PLÁSTICO**

- 168. Primavera, 1967. 187 x 57 x 152
- 169. Casa, 1967. 123 x 45 x 263
- 170. Serrasol, 1967. 47 x 47

**TOLEDO, Amélia Amorim (1926)**

- 171. Objeto I, 1967. Eternit e aço inoxidável. 1 m<sup>3</sup>.
- 172. Objeto II, 1967. Eternit e aço inoxidável. 1 m<sup>3</sup>.
- 173. Objeto III, 1967. Aço. 1 m<sup>3</sup>.
- 174. Objeto IV, 1967. Aço. 1 m<sup>3</sup>.
- 175. Objeto V, 1967. Aço e acrílico. 1 m<sup>3</sup>.

**TORRES, Caciporé (1932)**

**FERRO FUNDIDO**

- 176. A Mensageira, 1966. 150 x 70
- 177. Caixa Tabu, 1966. 100 x 60
- 178. A Árvore, 1967. 220 x 100
- 179. A Origem, 1967. 220 x 70
- 180. Parede com Ruptura, 1967. 240 x 300

**TSUCHIMOTO, Masumi (1934)**

**MADEIRA**

- 181. Obra A, 1967. 320 x 120
- 182. Obra E, 1967. 320 x 120

**VARELA, Cibele (1943)**

**MADEIRA**

- 183. O Presente, 1967. 65 x 65
- 184. Lousa Sepulcral, 1967. 165 x 59

**VIVES, Jorge Sirito de (1925) e Paulo Roberto Martins (1942)**

**CONCRETO, CIMENTO E FERRO**

- 185. Totem n.º 1, 1967. 120 x 35
- 186. Totem n.º 2, 1967. 120 x 35

**VLAVIANOS, Nicolas (1929)**

**FERRO SOLDADO, REBITADO E PINTADO**

- 187. O Indômito I, 1967. 100
- 188. O Indômito II, 1967. 100
- 189. O Indômito III, 1967. 100
- 190. O Indômito IV, 1967. 150
- 191. O Indômito V, 1967. 150

**WEISSMANN, Franz (1914)**

**Isento de Júri**

**DURALUMÍNIO**

- 192. Escultura, 1966. 100 x 100
- 193. Escultura, 1967. 60 x 60
- 194. Espaço Aberto, 1967. 60 x 60 x 50
- 195. Espaço Vertical, 1967. Ferro pintado. 200 x 50 x 50
- 196. Espaço Mutavel, 1967. Ferro pintado. 100 x 100 x 100

**YASHIMOTO, Mary (1931)**

**CHAPA DE FERRO**

- 197. Escultura I, 1967. 140 x 140
- 198. Escultura III, 1967. 140 x 140
- 199. Escultura IV, 1967. 175 x 35

**ZANOTO, Luigi (1910)**

**TÉCNICA MISTA**

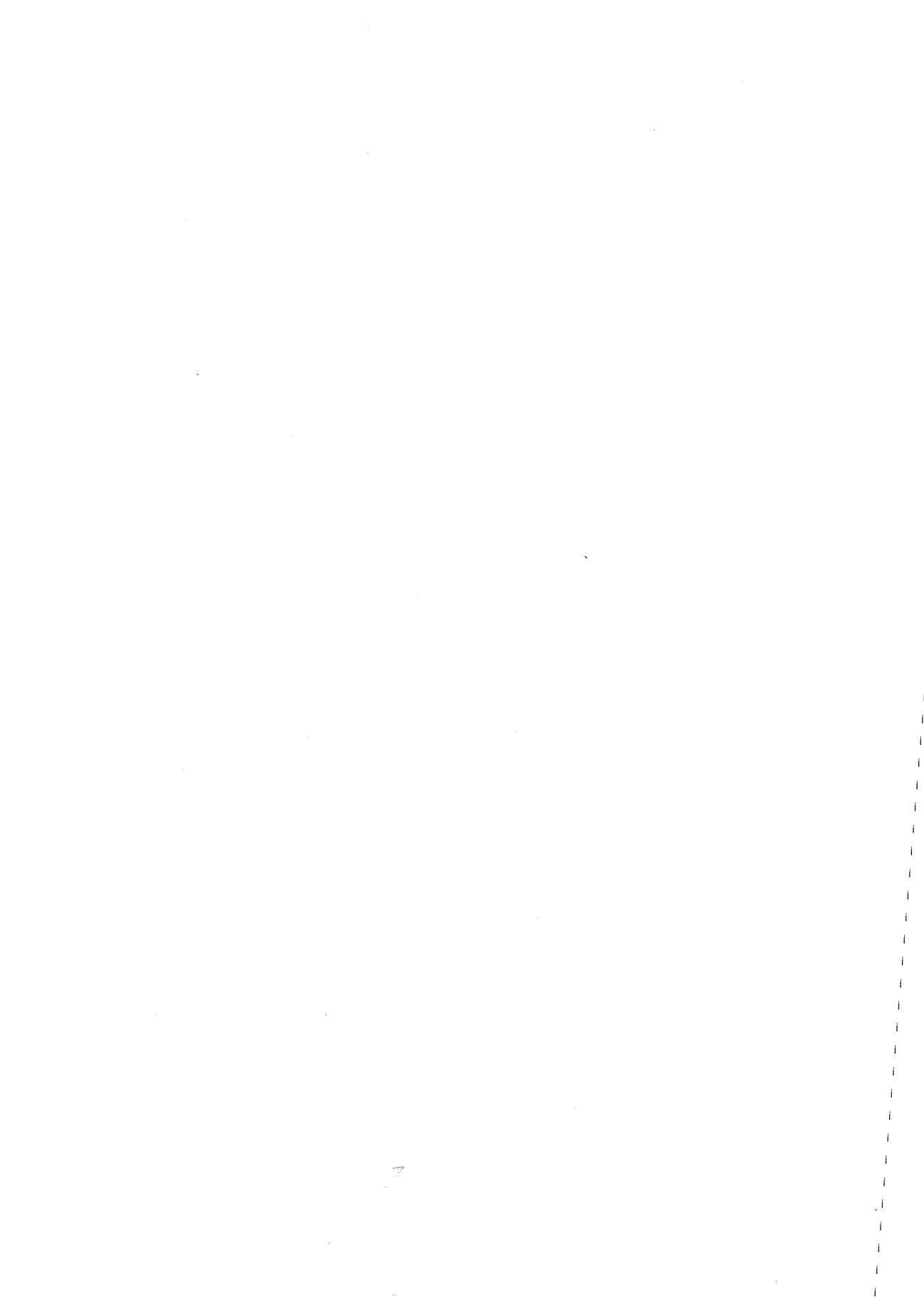
- 200. Escultura n.º 1, 1967. 60 x 40
- 201. Escultura n.º 2, 1967. 60 x 40
- 202. Escultura n.º 3, 1967. 60 x 40
- 203. Escultura n.º 4, 1967. 60 x 40

**ZÉ DEMÉTRIO (1939)**

- 204. Transe, 1967. Montagem mista. 180 x 200

# **BULGÁRIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
UNION DES ARTISTES-PEINTRES  
BULGARES, SOFIA.





## GRAVURA

**BALKANSKI, Pentcho (1908)**

LITOGRAFIA EM CÔRES

1. Casa Azul, 1966. 49 x 35
2. Semeadoras, 1966. 50 x 38
3. Môça, 1966. 70 x 49
4. Domingo na Vila de Bogdan, 1967. 60 x 38
5. Epopéia de Abril, 1967. 70 x 49

**DABOVA, Zlatka (1927)**

XILOGRAVURA

6. Redondo, 1965. 60 x 65
7. Taverna, 1965. 50 x 70
8. A Cripta, 1965. 50 x 70
9. Moeda, 1966. 50 (diâmetros)
10. "Konkeri", 1966. 48 x 62

**DIMANOV, Liuben (1933)**

11. Cabeça, 1967. 70 x 52
12. Gêmeos, 1967. 70 x 52
13. Figura, 1967. 52 x 70
14. "Atelier" de Escultura, 1967. 53 x 42
15. "Atelier", 1967. 42 x 53

**GRIVICHKA, Violeta (1937)**

16. Ciclo "Canções Populares Búlgaras", 1966. Xilogravura. 55 x 45
17. Ciclo "Canções Populares Búlgaras — Juventude", 1966. Xilogravura em côres. 63 x 44
18. Ciclo "Canções Populares Búlgaras — As Canções Líricas", 1966. Xilogravura em côres. 50 x 58
19. Ciclo "Canções Populares Búlgaras — "Sonho", 1967. Xilogravura em côres. 55 x 45
20. Ciclo Canções Populares Búlgaras — "O Amor", 1967. Xilogravura em côres. 51 x 48

**KAZAKOV, Dimitar (1933)**

21. Recém-Casada, 1967. 50 x 70
22. Mãe, 1967. 50 x 70
23. Festa, 1967, 50 x 70
24. Nôvo Cidadão, 1967. 50 x 70
25. Mulher Contemporânea, 1967. 50 x 70

**PANAIOTOVA, Anastásia (1931)**

LITOGRAFIA EM CÔRES

26. Cabeça, 1965. 44 x 30
27. Recém-Casada, 1966. 71 x 51
28. Hóspede, 1966. 52 x 59
29. Môça, 1966. 54 x 45

**PANAIOTOV, Todor (1927)**

**ÁGUA-FORTE**

30. Paisagem, 1966. 30 x 60
31. Paisagem, 1966. 40 x 55
32. Festa, 1967. 35 x 85
33. Camponeses, 1967. 55 x 40
34. Menino com Rede. 50 x 40

**PETKOV, Mihail (1908)**

**ÁGUA-FORTE**

35. Rochedos, 1965. 32 x 50
36. Paisagem "Baltchik", 1965. 32 x 50
37. Paisagem "Roumanie", 1965. 32 x 50
38. Paisagem "Doubroudja", 1966. 32 x 50
39. Paisagem, 1967. 32 x 50

**STOEV, Borislav (1927)**

**LITOGRAFIA EM CÔRES**

40. Caçador e Camponeses, 1965. 46 x 65
41. Senhores e Camponeses, 43 x 67
42. Ciclo Samarkand": "Recordações de Samarkand", 1967.  
43 x 59
43. Velhos "Ouzbecks" Divertem-se. 43 x 59
44. Vendedor de Pássaros. 44 x 58

**VENOV, Simeon (1933)**

**ÁGUA-FORTE**

45. Cabeça, 1965. 30 x 44
46. O Mar, 1965. 32 x 46
47. Ritmo, 1966. 33 x 45
48. Céu, 1966. 29 x 44
49. Chuva, 1966. 32 x 47

# **CANADÁ**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA POR  
THE NATIONAL GALLERY  
OF CANADA, OTTAWA.

COMISSÁRIO:  
JEAN-RENÉ OSTIGUY



# CANADÁ

Os dois artistas que êste ano representam o Canadá, na IX Bienal de São Paulo, distinguem-se por um lirismo que não despreza a organização geométrica do quadro. Ambos, porém, em certos momentos de sua carreira, realizaram uma pintura gestual. Jacques Hurtubise, há alguns anos, tentou adaptar suas criações "manchistas" a planos de contôrno bem definidos. A partir de 1965, multiplicando o número de planos do quadro, procurava organizar os motivos com vista a aumentar o dinamismo do espaço. Acabou chegando a um gênero de organização de canais imaginários aos quais se prendem ideogramas evocadores. Êstes, repetindo-se sem semelhança idêntica, dinamizam o espaço, sobretudo pela sua frequência modelada na vibração ótica.

Jack Bush preferiu a mais completa libertação. Em 1955, abandonou todo e qualquer laço expressionista para dedicar-se à evocação pura e simples de três ou quatro planos coloridos. De há três anos a esta data, — o jôgo dêsses planos, todos em ligação comum — aperfeiçoou-se gradualmente. Hoje, seus espaços velados organizam-se em composições evocativas de vastos e múltiplos horizontes, sàbiamente combinados para criar um movimento de proximidade e de afastamento. Os processos de aplicação da côr desempenham papel importante nesta arte de calma ambiência etérea.

Jean-René Ostiguy

## PINTURA

### BUSH, Jack (1909)

1. Coluna em Marrom, 1965. Col. R. Elkon. N. Y. 205 x 151
2. Ocre, 1965. 224 x 156
3. Mar Profundo, 1965. 224 x 147
4. "Indian Red Low", 1965. 176 x 224
5. "Tall Green", 1965. 275 x 124
6. Árvore da Escola, 1965. 226 x 177
7. Rosa Vermelha e Vermelho, 1966. 151 x 276

### ACRÍLICO

8. "Mainly Tan", 1966. 266 x 206
9. Teste, 1966. 209 x 201
10. Painel Beige, 1966. 226 x 204
11. Azul M, 1966. Col. Sr. D. Mirvish, Toronto. 224 x 204
12. Duas Vêzes Acima, 1966. Col. Canadá Council, Ottawa 289 x 174
13. "Across and Down", 1966. 201 x 282
14. Pilar Verde e Vermelho, 1966. 206 x 281
15. Tóido, 1966. Col. Canada Council, Ottawa. 169 x 226
16. "V Cut", 1967. 151 x 276

### HURTUBISE, Jacques (1939)

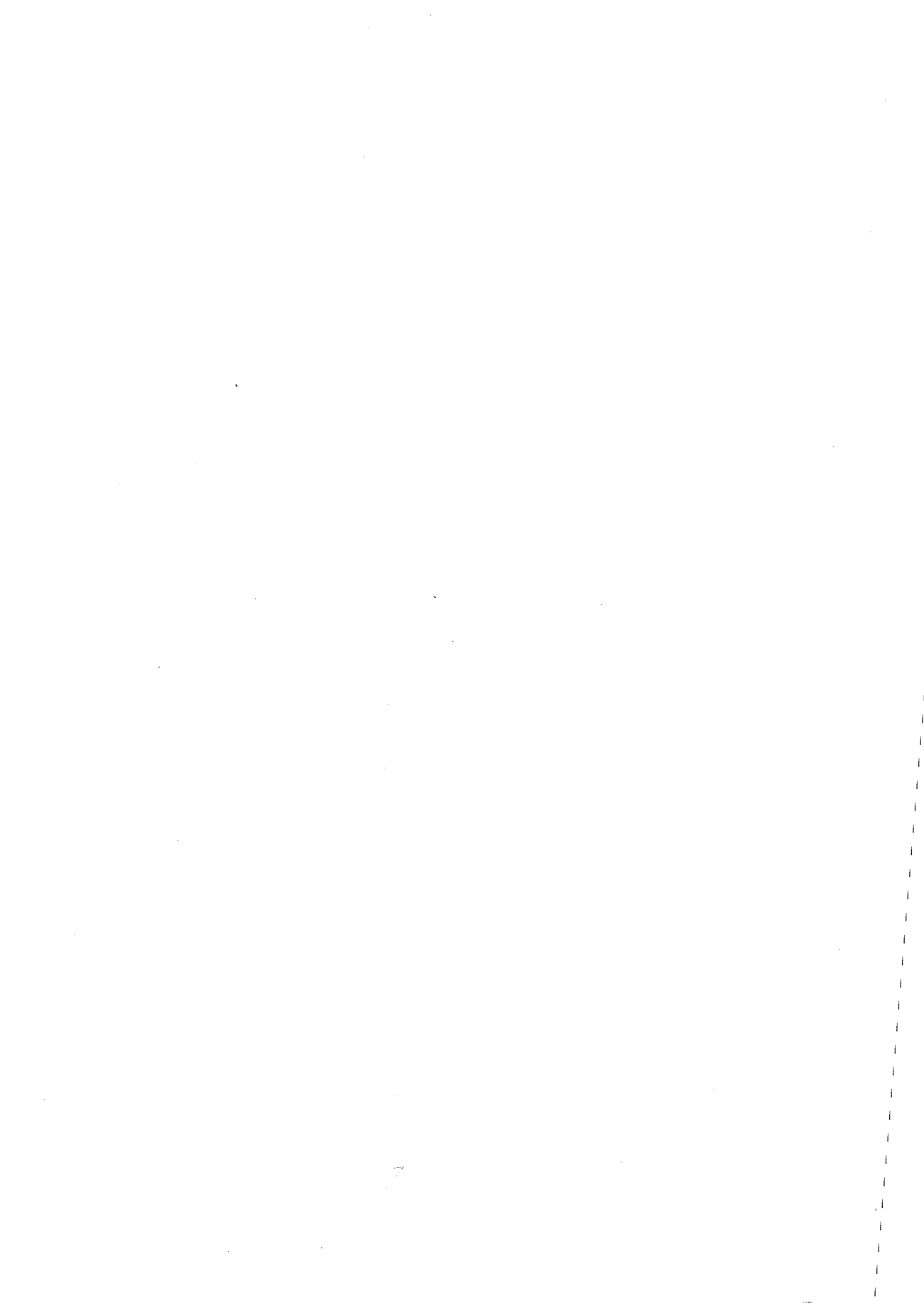
#### ACRÍLICO

17. Erymanthe, 1966. 124 x 101
18. Ephramille, 1966. 181 x 151
19. Hyacinthe, 1966. 171 x 171
20. Hilara, 1966. 171 x 171
21. Normande, 1967. 171 x 171
22. Marietta, 1967. 201 x 201
23. Lily, 1967. 171 x 341
24. Margaret, 1967. 201 x 201
25. Monique, 1967. 284 x 284
26. Nadine, 1967. 241 x 241
27. Nefertiti, 1967. 241 x 241
28. Marise, 1967. 201 x 201
29. Maya, 1967. 241 x 241
30. Kathleen, 1967. 171 x 171
31. Katherine, 1967. 171 x 171
32. Mona Lisa, 1967. Díptico. 171 x 171

# **CEILÃO**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
ARTS COUNCIL OF CEYLON,  
COLOMBO.

COMISSÁRIO: G. A. FERNANDO





# CEILÃO

O Ceilão possui longa tradição pictórica: sua pintura, tão antiga como sua escultura e arquitetura, continua inspirada pelo mais importante acontecimento verificado na cultura cingalesa — a introdução do budismo no ano 243 A. C. Exemplos de um considerável ciclo da pintura no Ceilão são as decorações (afrescos) em Sigiriya (a Rocha do Leão), fortaleza construída por um rei. Na idade média, a arte cingalesa, como era natural, teve muito de sua inspiração derivada da Índia, passando a ser fortemente influenciada, do século XVI em diante, pela tradição e técnica da Europa. Na constante mutação de nossos dias, a importância da arte do Ceilão reside na síntese das formas da arte tradicional e das originárias do Ocidente, do que resultam pinturas de caráter Oriental (Rasa) mas ainda assim de validade universal. Como escreveu certa vez o crítico britânico William Graham: “Sua grande vitalidade procede da visão humanista-contemplativa, que produz uma interpretação imaginativa e lírica da vida na Ilha. É uma arte ao mesmo tempo profunda e otimista”.

São três as principais correntes da pintura contemporânea cingalesa: Os “orientalistas” que, com sua pintura renovadora, efetuaram a volta aos velhos estilos; os acadêmicos, com sua atenção meticulosa para fatos observados, e os modernistas, voltados para os princípios da simplificação, formas significativas e expressionistas. O expressionismo tornou-se fenômeno internacional, com conseqüências além de sua origem — a Europa Central — variando segundo a condição individual, geográfica e nacional. Não surpreende, portanto, o forte estilo expressionista que se observa nas obras de Justin Deraniyagala, o mais individualista e marcante deles e nas do jovem Francis Lenus Obris, pintor relativamente ignorado até bem pouco tempo. O talento de George Keyt reside na forma pela qual triunfou no aprimoramento de uma linguagem para si próprio — uma síntese entre Ajanta-Sigiriya e Picasso. Encontra inspiração na antiga arte oriental, na mitologia cingalesa e indiana. Os trabalhos de Keyt possuem poesia enternecedora, caligrafia oriental, ao mesmo tempo em que reconhece certa influência de Picasso, cujo trabalho tem admirado em reproduções. Por outro lado, Richard Gabriel é um pintor sem qualquer sofisticação, que transmite em suas obras o nosso meio ambiente, dotando-o de grande sensibilidade poética. Um pintor igualmente importante, capaz de expressar-se por qualquer dos processos modernos, é Stanley Abeyesinghe, atualmente Chefe da Divisão de Arte da Escola de Belas Artes. Talvez o maior talento em potencial entre a juventude do Ceilão seja Senaka Senanayake, com apenas 16 anos; é um pintor auto-didata e de fértil produção. Começando aos 6 anos realizou exposições nos 5 continentes, no percurso de Moscou à Melbourne e de Nova Iorque à Roma. O trabalho desse menino é de alto estilo e notável pela vivacidade de cores, ritmo e composição. Estimulantes obras de pintura são produzidas também por H. A. Karunaratne, conhecido artista gráfico, Dayasiri Somapala e Frank Rajakaruna.

A evolução da escultura moderna no Ceilão, como em qualquer outro lugar, tem sido tão revolucionária quanto fundamental é o seu desafio às formas tradicionais. É através de Tissa Ranasinghe, mais do que qualquer outro escultor individual no Ceilão, que nossa escultura contemporânea atingiu sua maioria e alcançou reconhecimento internacional. Sua escultura "Penance", na VII Bienal de São Paulo, conquistou menção honrosa. Pushpananda Weerasinghe, sua "descoberta", é essencialmente um escultor, mas distingue-se também em pintura abstrata.

Não poderiam 36 pinturas e 6 peças de escultura, embora cuidadosamente selecionadas, representar a arte contemporânea cingalesa. Mesmo o dobro desse número dificilmente permitiria incluir as diferentes-correntes que, reunidas, formam a principal expressão da pintura no Ceilão de hoje. Obras executadas após 1963 por alguns de nossos pintores não estavam disponíveis; não obstante o conjunto de obras na presente coleção caracteriza tanto o artista como a geração em que vive.

A arte atual do Ceilão está atravessando uma das mais saudáveis e vigorosas fases dos últimos tempos.

L. P. Goonetilleke

## **PINTURA**

**ABEYESINGHE, Stanley**

1. Composição.

**ABEYESINGHE, Tilak**

2. Pássaro Vermelho. 66 x 40

**DERANIYAGALA, Justin**

3. Composição I.
4. Composição II.

**DORAISAMY, S.**

5. Paisagem. 50 x 40

**FERNANDO, Susila**

6. Composição.

**GABRIEL, Richard**

7. Paisagem.

**GUNAWARDENA, Upasena**

8. Preparando a Armadilha.

**JAYAWARDENA, Swarna**

9. Composição.

**KARUNARATNA, H. A.**

10. Vermelho e Azul.

**OBRIS, Lenus**

11. Esperança. 120 x 60
12. Desejo. 120 x 60
13. Violino Partido.

**RAJAKARUNA, Frank**

14. Fim de Rua. 55 x 37
15. Meditação. 62 x 50

**SALDIN, Q. V.**

16. Jogadores de Cartas. 117 x 60

**SENANAYAKE, Senaka**

17. Tocador de Tambor.
18. Carros de Boi.

**WEERASINGHE, Pushpananda**

19. Entendimento. 116 x 61
20. Impressões. 116 x 55
21. Jornada. 97 x 65
22. Sonho. 116 x 65

**GRAVURA**

**DHARMASIRI, Albert**

1. Mulher Reclinada. Litografia. 72 x 50
2. A Raposa e a Garça. Água-Forte. 45 x 90

**SOMAPALA, Dayasiri**

3. Figura Humana. 45 x 30

**ESCULTURA**

**MALALGODA, Chandra**

1. Mãe e Filhos.

**RANASINGHE, Tissa**

2. Mithuma I.
3. Mithuma II.
4. Dançarino.

**WEERASINGHE, Pushpananda**

5. Meta.
6. Figura em Pé.

**WIJESEKERA, A. K. V.**

7. Monja Budista.

# CHILE

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
INSTITUTO DE EXTENSIÓN  
DE ARTES PLÁSTICAS,  
DE LA UNIVERSIDAD DE CHILE,  
SANTIAGO DO CHILE.

COMISSÁRIO: FEDERICO ASSLER



# CHILE

A Representação Chilena na IX Bienal de São Paulo — organizada pelo Instituto de Extensão de Artes Plásticas da Universidade do Chile — propõe-se a divulgar a obra de alguns pintores e gravadores que se destacaram no país nos últimos anos. Seus estilos diferem, não só por seus temperamentos e afinidades, como pela diversidade de formação. Quase todos tiveram a oportunidade de trabalhar em centros artísticos da Europa ou dos Estados Unidos, sem cortar definitivamente suas amarras com o movimento humano de seu povo.

Do surrealismo de Toral e Assler ao realismo mágico de Bravo, passando pelo expressionismo abstrato de Gracia Barrios, não há um fio condutor que os una, exceto a paixão comum pela tarefa expressiva. Esses artistas situam-se perfeitamente no segundo após-guerra — variam suas idades entre 31 e 40 anos — e suas visões estão condicionadas pelas intuições e práticas de nosso tempo. Seria assunto de detido estudo averiguar em que medida suas obras — e com elas as gravuras de Bernal Ponce, Dolores Walker e Ivan Vial — contêm ingredientes que permitam distingui-las das mais diversas criações contemporâneas de outras latitudes geográficas e culturais. A plástica chilena, por causa de fatos gerais do país e de sua história, não se caracteriza por uma originalidade nacional marcante. Os artistas, que aparecem hoje em São Paulo, não constituem exceção. São cidadãos livres da república universal das artes, mas, como a maioria de seus contemporâneos latino-americanos, esforçam-se para aprofundar-se em si mesmos e em sua terra natal, num afã de autenticidade expressiva.

Federico Assler (1929), Curador do “Museo de Arte Contemporaneo de Santiago de Chile”, é um explorador onírico que penetra nos domínios que pertencem tanto às imagens do inconsciente como ao próprio subsolo mágico da natureza. Como seu colega Mario Toral, participou da Seção de Arte Fantástica da VIII Bienal de São Paulo.

Gracia Barrios (1927), professora da “Escuela de Bellas Artes de la Universidad de Chile”, figurou nas I e II Bienais de São Paulo e na Bienal de Paris de 1961. Formou-se artisticamente em contato com o movimento plástico espanhol, que deixou marcantes sinais em seu estilo.

Mario Toral (1934) espírito essencialmente inquieto, formado no Uruguai, Brasil e Paris, caracteriza-se por seu experimentalismo imaginativo e a delicadeza de seu estilo. Como gravador, dirigiu ateliers de grande atividade e edições artísticas que mereceram valiosas laúreas: o Calendário Lord Cochrane em 1965 obteve na Bienal de São Paulo o prêmio do melhor livro de Arte. Apresenta agora, na IX Bienal, “Arte de Pássaros”, de Pablo Neruda, e “Jôgo de Xadrez”.

Claudio Bravo (1937), radicado desde 1961 em Madri, mergulha devotadamente em um mundo que une, à sua extrema nitidez, um absurdo onírico que se comprime na reiteração dos

motivos. Suas obras testemunham a vida interior dolorosamente cristalizada no visível.

Em nenhum dêles há intenções políticas expressas nem definições realistas. O real, simbolicamente transposto, dá vida a seus quadros, eleva-os sôbre o vazio.

Outro tanto se pode dizer dos três gravadores; Juan Bernal Ponce (1939), Ivan Vial (1928) e Dolores Walker (1931). Todos êles, depois de estudar em seu país, foram para a Europa em plena juventude e de lá voltaram para dar prosseguimento ao seu trabalho criador em centros universitários. Formam parte do grupo de gravadores jovens que renovaram totalmente essa arte no Chile. Além disso, são pintores influentes no meio nacional.

Luiz Oyarzún P.



## PINTURA

### ASSLER, Federico (1929)

1. Terra do Amor n.º 1, 1967. 120 x 150
2. Terra do Amor n.º 2, 1967. 450 x 120
3. Terra do Amor n.º 3, 1967. 270 x 170
4. Terra do Amor n.º 4, 1967. 308 x 154
5. Terra do Amor n.º 5, 1967. 185 x 90

### BARRIOS, Gracia (1927)

#### TÉCNICA MISTA

6. Homens e Mulheres 1, 1966. 130 x 200
7. Homens e Mulheres 2, 1966. 120 x 127
8. Homens e Mulheres 3, 1966. 120 x 130
9. Homens e Mulheres 4, 1966. 125 x 110
10. Homens e Mulheres 5, 1966. 149 x 178
11. Presença 1, 1966. 120 x 140
12. Presença 2, 1966. 128 x 110
13. Presença 3, 1966. 120 x 100
14. Presença 4, 1967. 160 x 150
15. Presença 5, 1967. 160 x 150

### BRAVO, Claudio (1937)

16. Composição n.º 1.
17. Composição n.º 2.
18. Composição n.º 3.
19. Composição n.º 4.
20. Composição n.º 5.

### TORAL, Mario (1934)

21. Torre de Babel 2, 1967. 180 x 160
22. Torre de Babel 3, 1967. 160 x 120
23. Torre de Babel 4, 1967. 260 x 180
24. Torre de Babel 5, 1967. 180 x 160
25. Torre de Babel 6, 1967. 240 x 180
26. Torre de Babel 7, 1967. 180 x 160
27. Torre de Babel 8, 1967. 180 x 120
28. Torre de Babel 9, 1967. 180 x 160

## DESENHO

### TORAL, Mario (1934)

1. Desenho I.
2. Desenho II.
3. Desenho III.
4. Desenho IV.
5. Desenho V.
6. Desenho VI.
7. Desenho VII.

## GRAVURA

PONCE, Juan Bernal (1938)

### ÁGUA — FORTE

1. Gravura I, 1967. 32 x 32
2. Gravura II, 1967. 32 x 32
3. Gravura III, 1967. 32 x 32
4. Gravura IV, 1967. 32 x 32
5. Gravura V, 1967. 32 x 32
6. Gravura VI, 1967. 32 x 32
7. Gravura VII, 1967. 48 x 65
8. Gravura VIII, 1967. 48 x 65
9. Gravura IX, 1967. 48 x 65
10. Gravura X, 1967. 48 x 65

VIAL, Ivan (1928)

### ÁGUA — FORTE

11. Premonitório 28 de Março, 1966. 40 x 30
12. Condecoração para uma Mocinha, 1966. 40 x 30
13. "Art Nouveau", 1966. 40 x 30
14. Interior de um Músico, 1967. 40 x 30
15. Virgo, 1967. 40 x 30
16. Condecoração para uma Pomba, 1967. 40 x 30
17. "Hobby" n.º 1, 1967. 40 x 30
18. Aleteo, 1967. 40 x 30
19. Condecoração para Mim, 1967. 40 x 30
20. Condecoração para Mamãe, 1967. 40 x 30

WALKER, Dolores (1931)

### ÁGUA — FORTE

21. Nunca Houve outro Comêço como Êste, 1966. 22 x 43
22. Anjo Louco Condenado, 1967. 40 x 36
23. "Madame", 1967. 40 x 60
24. Pátria de Adão, 1967. 60 x 50
25. Multipliquem-se Quantos Queiram, 1967. 60 x 25
26. Outro Território, 1967. 60 x 50
27. Parte Oculta de um Rosto, 1967. 40 x 50
28. Homem, 1967. 50 x 60
29. Homem e Mulher, 1967. 50 x 50

### LITOGRAFIA

30. Fetiche, 1966. 33 x 59

# **CHINA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
NATIONAL MUSEUM OF  
HISTORY. TAIPEI, TAIWAN.



# CHINA

A Arte Moderna Chinesa é um produto das mudanças sociais recentemente ocorridas. A ansiedade e a expectativa manifestadas nos trabalhos dos artistas modernos, sómente poderão, assim, ser apreciadas depois de perfeito entendimento de sua luta social e cultural.

Os chineses, além de sua longa tradição, possuem acentuada susceptibilidade. Sua teoria da beleza, por essa razão, tende a ser transcendental. Profundamente mergulhados na tradição e na filosofia da beleza, mesmo nos dias presentes, são seus conceitos de vida e sua cosmologia que lhes ensinam existir um mundo além. Isto constitui a fundamental e a intransponível diferença do pensamento básico dos artistas modernos ocidentais. A Arte Moderna do Ocidente, ao contrário, baseia-se na nova consciência do ser, num mundo de ciência moderna e de tecnologia, em rebelião contra o naturalismo. Esse antagonismo, com efeito, tem, de certa maneira, analogia com a luta dos artistas chineses e sua tradição, observando ou absorvendo os elementos ocidentais. A diferença, porém, é que os nossos artistas, tradicionalmente ascetas, estão passivamente encontrando a Arte Moderna do Ocidente ao invés de participarem positivamente dela. Esse entendimento é necessário para apreciar as obras e o pensamento dos modernos artistas chineses, embora, reconhecidamente, o nível dos trabalhos e o controle do material ainda possam ser aperfeiçoados.

As características da Arte Moderna Chinesa, conseqüentemente, incluem:

- 1 — Respeito à cultura tradicional chinesa e admiração pela beleza clássica.
- 2 — Tenta absorver inspirações, há muito escondidas na velha Cultura Chinesa.
- 3 — Absorve, sob certas condições, o espírito ocidental.
- 4 — Devido à sua antecipação subjetiva de que a arte ocidental, em espírito e substância, está se desenvolvendo invariavelmente em direção ao Oriente, reafirma essencialmente suas próprias características e experimenta manter o que é oriental e reunir o que o Ocidente perdeu, isto é, a crença e a apreciação da filosofia.
- 5 — Toma atitude, de algum modo ambígua, no que os ocidentais consideram novo e progressivo e mantém sua própria tendência secular.
- 6 — É mística, budista e latentemente religiosa.

São grandes, na verdade, as mudanças espirituais dos Artistas Chineses Modernos. Mas isto é, talvez, característico de todas as artes modernas. Muito trabalho e muito tempo são requeridos, certamente, no caso da Arte Moderna Chinesa, para que os expectadores possam ver claramente as alterações manifestadas, conscientemente ou não, nas obras atuais de nossos artistas.

## PINTURA

**CHAO, Linus T. H. (1930)**

**AQUARELA EM PAPEL**

1. Chuvas na Primavera, 1967 77 x 97
2. Costa de Hokkaido, 1967 73 x 94
3. Ondas, 1967. 73 x 94

**DE — JINN, Shiy (1923)**

4. Ano Nôvo Chinês, 1966. 92,5 x 277,5
5. Festival Chinês, 1966. 92,5 x 184,5
6. Tábua de Lavar Roupa, 1967. Óleo sôbre prancha de madeira. 60 x 119

**HU, Chi — Chung (1927)**

7. Pintura 6714, 1967 163 x 166
8. Pintura 6716, 1967 136 x 163
9. Pintura 6718, 1967 163 x 136
10. Pintura 6719, 1967 136 x 163
11. Pintura 6720, 1967 163 x 135

**LIM, K. K. (1901)**

**ÓLEO SÔBRE PAPEL**

12. Emaranhado, 1964 73 x 63
13. Concurso, 1965 96 x 77,5
14. Campo de Gêlo, 1966 62 x 74,5
15. Verdade, 1967. 51,5 x 62

**SHUN — YOU, Lu (1923)**

16. Alegria, 1967. 133 x 166
17. Cortar, 1967. 133 x 166
18. Girar, 1967. 133 x 166
19. Longevidade, 1967. 133 x 166

**WONG — WU, Kathleen**

20. Fantasia, 1967. 62 x 73
21. Vista de uma Colônia de Pesca Chinesa, 1967. 62 x 73

**YANG, Ying — Feng (1928)**

**CELATURE**

22. Hilaridade, 1967 90 x 120
23. Criação, 1967 103 x 147
24. "Mundone", 1967 30 x 40

# COLÔMBIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTERIO DE EDUCACIÓN  
NACIONAL, BOGOTÁ.

COMISSÁRIO:  
DR. OSCAR LANDMANN





# COLÔMBIA

Desde 1944, quando concorreu pela primeira vez ao Salão Nacional, Alejandro Obregón preside a Seleção artística da Colômbia. Até aquela data a dinâmica das artes plásticas e da pintura em particular, havia refletido apenas simbioses provincianas de índole acadêmica, tradicionalismos da escola Sanfernandina ou, na melhor das hipóteses, após a década de 30, a marca do muralismo mexicano nem sempre bem assimilado.

A pintura obregoniana, ao contrário, rompe com as normas acatadas pelo colonialismo de uma falsa rebeldia; utiliza a côr, os vigorosos traços do mundo tropical e sua contradição e alça o particular a níveis extraterritoriais. Dois aspectos novos aparecem na Colômbia com a arte de Obregón: a surpreendente nota colorida que situa e enquadra os elementos aparentemente desordenados da composição, tomados todos eles do universo tropical e a linguagem contemporânea, atual, da expressão artística. Como consequência, num torrencial mas controlado cáos barroco, surge constante e renovado simbolismo, observando-se, na interpretação do mito, um definido acento romântico que humaniza a objetividade da pintura obregoniana. Aprofundando-se no substrato da "América Caliente", a arte de Obregón tem sido, até agora, fiel a estas constantes que podem qualificar-se, em resumo, como "real-maravilhoso", para usar o binômio de Alejo Carpentier, definição autêntica da presença da arte de nosso cálido Continente.

Alejandro Obregón, em plena juventude criadora, participou de todos os Salões Nacionais da Colômbia a partir de 1944, comparecendo ainda a diversos certames internacionais. No Salão de 1962 obteve o 1.º prêmio, com a obra "Violência", estupenda concepção em tons cinzas de certo impacto dramático. É titular do Prêmio Guggenheim (1959); do Primeiro Prêmio Gulf Cariben International Exhibition Houston, Texas (1959); do Primeiro Prêmio no Salón Inter-Americano de Barranquilla, Colômbia (1960); do Primeiro Prêmio no Salón Nacional de Cúcuta, Colômbia, (1960); de uma Menção Honrosa na Bienal de São Paulo (1960); do Primeiro Prêmio na Bienal de Córdoba, Argentina (1963) etc. etc.

Como convidado especial concorreu, entre outras, à Exposição de Arte Colombiana, organizada pela ESSO, que visitou Baden-Baden, Oslo, Roma e Madri (1962); ao Festival de Spoleto, Itália (1963); à Exposição Seashore "Paintings of the 19th and 20th Centuries", do Museu de Arte, "Institute Pittsburgh, Penn" (1965); à Exposição de Arte Latino-americana desde a Independência (1966); organizada pela Yale University (USA) e agora participa da Bienal de São Paulo como único representante da Colômbia, escolhido por um Júri especial de seu país.

Alejandro Obregón vive em Barranquilla, Colômbia Apartado Aéreo 37.

Eugenio Barney Cabrera

## PINTURA

**OBRÉCON, Alejandro (1920)**

**ACRÍLICO SÔBRE TELA**

1. Homem Pássaro, 1967. 140 x 160
2. Mãe de Ícaro, 1967. 140 x 160
3. Sinal de Saída do Labirinto, 1967. 140 x 160
4. Ícaro Calcinado, 1967. 160 x 140
5. Coisas do Ar, 1967. 140 x 160
6. Armadilha, 1967. 140 x 160
7. Aqui Caiu Ícaro, 1967. 140 x 160
8. A Tintureira Pegou-o, 1967. 140 x 160
9. Últimos Momentos, 1967. 140 x 160
10. Monumento a Ícaro, 1967. 160 x 140
11. Ninho de Vespas, 1967. 160 x 140
12. Mar, 1967. 160 x 140

# **CORÉIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
KOREAN FINE ARTS  
ASSOCIATION, SEUL.

COMISSÁRIO: KIM, IN-SOONG



# CORÉIA

Aqui estão peregrinos da arte do Oriente realizando nova e apreciada peregrinação a São Paulo, convertida em centro de reuniões da arte mundial. São os nossos mais imaginativos artistas de hoje, de idade variando entre 30 e 50 anos: 11 pintores e 4 escultores. Precisamos considerar que apesar de sua sólida herança cultural tiveram de enfrentar a súbita mudança do mundo atual e, não podemos esquecer, como louvável iniciativa, sua peregrinação a um país longínquo, procurando ligar a utilidade, a produtividade da vida moderna, a paixão e a intranquilidade às atividades criadoras, formando um todo.

A multiplicidade das formas de expressão constituiu uma das marcantes características das artes contemporâneas. Essa multiplicidade é, em certo sentido, a verdadeira tendência espiritual de nossa geração, a verdadeira expressão espiritual de riqueza, poder e paixão. É o símbolo de sinceridade e variedade e também a marca da afeição superabundante. Os artistas, nossos peregrinos de hoje, nascido conscientes de sua época são, acima de tudo, mais vigorosos, sinceros, cheios de entusiasmo e variados em seu modo de expressão que quaisquer outros. Expressando o que sentem em comum, têm consciência do que sua arte é capaz de advogar. Como as melhores testemunhas desta era e da sociedade de que são produtos, orgulham-se em figurar como vanguardeiros na criação de uma história, nova. Possuem, igualmente, a força de vontade necessária para empreenderem qualquer aventura e sacrifício com o fito de transformar sua visão e convicção em realidade.

As belas artes de hoje não são mais apenas de Paris ou Nova Iorque, isto porque refletem mudanças em larga escala e reformas rápidas da moderna civilização. A atividade criadora da nova história, nas belas artes, testemunhando e realçando esta época, não é mais da responsabilidade exclusiva do Oriente ou do Ocidente. O trabalho de uma nova cultura espiritual, pelo qual cada um de nós está ávido, terá de ser encontrado num entendimento mútuo, na participação comum e no íntimo do coração, excluídos totalmente o regionalismo e o preconceito. Eis outro significado para a atual peregrinação de nossas belas artes.

Não ousamos imaginar que cada um de nossos trabalhos represente, por si, um microcosmo. Sob este ponto de vista não reivindicamos ou pedimos nada para eles. Enviamos nossos trabalhos como mensageiros da alma, capazes de sussurrar um diálogo de vida com outrem e penetrar em seus corações. Não temos a menor idéia de quais ou quantos permanecerão após o julgamento da História. A esse respeito, a peregrinação de nossas belas artes está cheia de liberdade e aventura.

Kim, In-Soong

## PINTURA

**CHO, Yong — Ik (1934)**

1. Obra 107, 1967. 146 x 112
2. Obra 109, 1967. 146 x 112

**CHUNG, Sang — Hwa (1930)**

3. Obra A, 1965. 161 x 130
4. Obra B, 1965. 161 x 130

**HA, Chong — Hyun (1935)**

5. Luz oriental n.º 1, 1966. 112 x 131
6. Luz oriental n.º 2, 1967. 112 x 125

**JUNG, Young — Yul (1932)**

7. Obra 66, 1966. 130 x 130
8. Obra 67, 1967. 130 x 130

**LEE, Joon**

9. Outono A, 1967. 146 x 112
10. Outono B, 1967. 146 x 112

**MOON, Hak — Jin (1925)**

11. Niu, 1967. 140 x 120
12. Vaca, 1967. 140 x 120

**NAM, Kwan (1913)**

13. Fantasia Oriental n.º 1, 1967. 162 x 131
14. Fantasia Oriental n.º 2, 1967. 162 x 131

**PARK, Re — Hyun (1921)**

15. Obra A, 1967. 173 x 140
16. Obra B, 1967. 173 x 140

**PARK, Sok — Ho (1921)**

17. Família, 1966. 110 x 95
18. Mito, 1966. 110 x 97

**YOO, Kyung — Chai (1920)**

19. Estação 67, 1967. 140 x 92
20. Estação 67 — 2, 1967. 132 x 97

**YOUN, Myeung — Ro (1936)**

21. "Homo Sapiens A", 1967. 160 x 130
22. "Homo Sapiens B", 1967. 160 x 130

## ESCULTURA

### KIM, Chung — Sook

1. Emoção voadora, 1966. 62 x 98 x 42
2. Torso, 1967. 94 x 46 x 25

### KIM, Young — Hak (1926)

3. C. W. 72, 1966. 178 x 26 x 26
4. I. W. 71, 1966. 112 x 33 x 33

### PARK, Chong — Bae (1935)

5. Obra A, 1966. 70 x 26 x 18
6. Obra B, 1966. 76 x 30 x 30

### SONG, Yong — Soo (1930)

7. Mártir, 1967. 140 x 85 x 28
8. Fases da vida, 1967. 50 x 50 x 40





# **DINAMARCA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTERIET FOR KULTURELLE  
ANLIGGENDER, COPENHAGUE.

COMISSÁRIO: ANGE HELLMAN



# DINAMARCA

A arte pictórica dinamarquesa possui antiquíssima tradição. Sua característica principal é a moderação na cor e na forma. É o que vemos nas telas — retratando nossas paisagens calmas como são as da planície da Dinamarca com seus braços de mar e canais azuis — ou ainda na própria pintura figurativa. Essa característica pode ser observada igualmente em nossa arte abstrata moderna. Tivemos e temos, contudo, artistas que romperam tais limitações e, abandonando a tradição, manifestam-se numa linguagem expressionista. Esta pode nascer do temperamento pessoal, da oposição, mas jamais devemos ignorar a influência da arte germânica.

Svend Wiig Hansen que participa da Bienal deste ano, exprime nitidamente o artista que desenvolveu uma pintura figurativa, embora em forma expressionista, nascida de uma mensagem do coração. É um artista que segue seu caminho — não ortodoxo e pessoal.

O outro artista que escolhemos para representar a Dinamarca nesta exposição é o pintor Paul Gadegaard. É o oposto completo de Wiig Hansen. Pertence à corrente dos artistas concretistas, que desejam dizer as coisas o mais precisamente possível. Em seus trabalhos encontram-se alguns ornamentos, em madeira pintada, nos quais combina pintura com algo de escultura.

Na torrente de significativos pontos de vista adotados em nossos dias, podemos dizer muito bem que esses dois artistas permanecem em pólos opostos, nitidamente distintos no meio do caleidoscópio retrato do mundo artístico — o expressivo e o concreto.

Kai Mottlan

## PINTURA

### GADEGAARD, Paul (1920)

1. Pintura em Tela, n.º 174, 1959. Col. Age Damgard. 205 x 145
2. Pintura em Madeira, n.º 157, 1959. Col. Age Damgard. 97 x 130
3. Pintura em Madeira, Tridimensional, n.º 173, 1960. Col. Age Damgard. 130 x 97
4. Pintura em Madeira, Tridimensional, n.º 183, 1960. Col. Age Damgard. 130 x 97
5. Pintura em Madeira, Tridimensional, acromática, n.º 171, 1960. Col. Age Damgard. 130 x 97
6. Pintura em Tela, n.º 175, 1960. Col. Age Damgard. 130 x 97
7. Pintura em Madeira, n.º 165, 1960. Col. Age Damgard. 130 x 97
8. Pintura em Tela, Acromática, n.º 170, 1960. Col. Age Damgard. 73 x 60
9. Pintura em Madeira, Côres e Ouro, n.º 166, 1960. Col. Age Damgard. 130 x 97
10. Pintura em Madeira, Tridimensional, Cromática, n.º 456, 1961. Col. Age Damgard. 120 x 153
11. Pintura em Madeira, Tridimensional, Acromática, n.º 457, 1961. Col. Age Damgard. 153 x 120
12. Pintura em Madeira, n.º XY 17, 1964. Col. Age Damgard. 130 x 97
13. Pintura em Madeira, n.º XY 18, 1964. Col. Johannes Jensen. 130 x 97
14. Pintura em Madeira, n.º XY 19, 1964. Col. Age Damgard. 97 x 130
15. Pintura em Madeira, n.º XY 21, 1964. Col. Age Damgard. 73 x 60
16. Pintura em Madeira, n.º XY 22, 1964. Col. Age Damgard. 97 x 130

### HANSEN, Svend Wiig (1922)

17. Solitário, 1955. 87 x 61
18. Movimento, 1961. 200 x 120
19. Sessão de Retrato, 1964. 80 x 100
20. Auto-Retrato, 1964. 100 x 80
21. Conversa, Conversação, 1966. 100 x 80
22. Modelo, 1966. 100 x 80
23. Figura, 1966. 100 x 80
24. Nuvem Amarela, 1966. 100 x 80
25. Forte, 1966. 100 x 80
26. Dança do Fogo, 1966. 100 x 80
27. Solitário, 1966. 100 x 80
28. Pintura 1, 1967. 135 x 155
29. Pintura 2, 1967. 135 x 155
30. Pintura 3, 1967. 155 x 135
31. Pintura 4, 1967. 155 x 135
32. Pintura 5, 1967. 155 x 135

## ESCULTURA

HANSEN, Svend Wiig (1922)

1. Figura Sentada, 1957. Em peltre. Col. Bo Jacobsen, Skjoldagervej, Gentofte. 30
2. Figura Sentada, 1957. Em bronze. Col. Poul Spleth, Gronnevej, Virum. 30
3. Sem Nariz, 1958, Em cimento. 36
4. Figura em Pé, 1958. Em bronze. Col. Niels Helledie, Gal. Skagen. 57
5. Figura em Pé, 1959. Em bronze. Col. Bo Jacobsen, Skjoldagervej, Gentofte. 45
6. Retrato, 1960. Em bronze. 23
7. Retrato, 1960. Em peltre. Col. Eigil Wendt, Dragor. 30 x 20
8. "Delos", 1962. Em bronze. Col. The Danish State Art Foundation. 54
9. Figura Ajoelhada, 1962. Em bronze. Col. Poul Spleth Gronnevej, Virum. 25
10. Retrato, 1962. Em bronze. Col. Göteborg Konstnaevn, 55



# **EL SALVADOR**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
DIRECCIÓN GENERAL DE BELLAS  
ARTES, SAN SALVADOR.

COMISSÁRIO:  
BENJAMÍN SAÚL QUIROGA





# EL SALVADOR

Dos cinco artistas que integram a exposição salvadorenha Julia Diaz é a única que já participou de uma Bienal: a VI, em 1961, onde conquistou, com seus trabalhos, uma menção honrosa.

As artes plásticas em El Salvador tiveram grande impulso a partir de 1947. Existe hoje uma geração definida de artistas, buscando soluções válidas e expressivas que estão projetando internacionalmente a arte salvadorenha.

Ao lado de Julia Diaz, figuram Raul Elias Reyes, que já participou de várias exposições no exterior, Benjamin Cañas Herrera e dois jovens, de menos de trinta anos: Mario C. Martí e Antonio Grandique, sendo que este é um autodidata. Começou a pintar aos 6 anos sem frequentar qualquer escola.

## **PINTURA**

**DIAZ, Julia (1924)**

1. Composição, 1966. 164 x 100
2. Composição em cinza. 97 x 62

**GRANDIQUE, Antonio (1946)**

**AQUARELA**

3. Realidade Subjetiva, 1966. 54 x 33
4. Meu Outro Mundo, 1967. 54 x 30

**HERRERA, José Benjamin Cañas (1933)**

**TINTAS EM MADEIRA E FOGO**

5. "Concreción", 1967. 120 x 120
6. O Vaso da História, 1967. 120 x 120

**MARTI, Mario C. (1940)**

**ÓLEO EM MADEIRA**

7. Lázaro, 1967. 163 x 122
8. "Cego ... Ouve", 1967. 122 x 80

**REYES, Raul Elías**

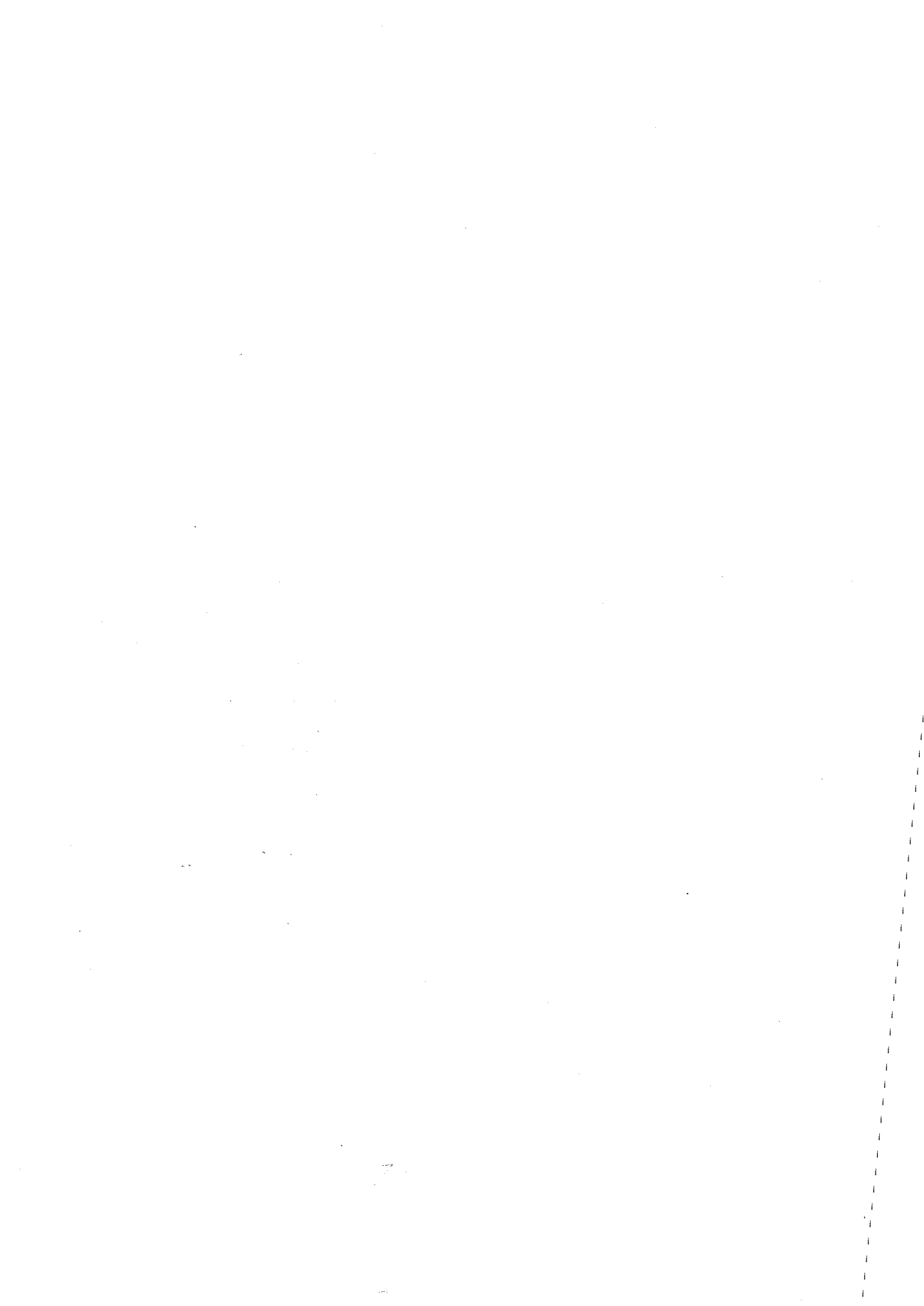
**ACRÍLICO E ÓLEO**

9. Trópico, 1967. 146 x 89
10. Paisagem de Verão, 1967. 92 x 73

# **ESPAÑA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
DIRECCIÓN GENERAL DE  
RELACIONES CULTURALES DEL  
MINISTERIO DE ASUNTOS  
EXTERIORES, MADRI.

COMISSÁRIO:  
LUIS GONZÁLEZ-ROBLES



# ESPAÑHA

Ano após ano, nas diversas Bienais de São Paulo, procuramos apresentar o mais completo possível panorama da preocupação plástica dos jovens artistas espanhóis. E dizemos jovens com consciência da ampla expressão que êste qualificativo encerra. Aqui estão, uns já em sua maturidade com experiências vencidas e outros que iniciam sua inquietação plástica com a total ilusão de uma fé inflamada. Todos, porém, com o denominador comum da honrada tarefa de livremente expressar sentimentos, emoções, preocupações, com uma singular maneira de fazer e dizer, o que, por tradição e com rigorosa vocação, vem ocorrendo na história artística da Espanha através dos tempos.

Completa-se a representação da Espanha com um conjunto de tapêtes especialmente selecionados para a Seção de Artes Aplicadas da Bienal. São tapêtes do artezão catalão Grau-Garriga, que soube utilizar, de maneira singular, o conhecimento de técnicas tradicionais e experiências atuais, para conseguir suas equilibradas composições.

Eis pois, nesta IX Bienal do Brasil, um amplo e variado horizonte de expressões plásticas atuais, abrangendo do depurado construtivismo geométrico — de raiz racionalista — à obra em que tôda a realidade visível foi subjugada e anulada, passando por exemplos pessoais interpretativos das tendências vigentes da chamada nova figuração.

Luis González-Robles

## **PINTURA**

**ALBERCA, Gabriel (1934)**

**ÓLEO SOBRE MADEIRA**

1. Queda, 1967. 115 x 89
2. Janela, 1967. 100 x 75
3. Elemento Humano em Movimento, 1967. 100 x 75

**ANZO, José Iranzo (1934)**

**ÓLEO E ESMALTE SOBRE TELA**

4. Antoine, 1966. 170 x 170
5. Fugitivo, 1967. 200 x 162
6. Senhor! Compre-me Esta Flor, 1967. 114 x 146

**AUTE, Luis Eduardo**

7. Recém-Casados, 1967. 114 x 162
8. "Vietnam, Mon Amour", 1967. 146 x 114
9. El Cid, 1967. 130 x 91

**AVEDAN, Manuel (1930)**

**TÉCNICA MISTA**

10. Personagens, 1967. 180 x 200
11. A Caça, 1967. 130 x 184
12. Explosão da Infanta, 1967. 100 x 81

**BARBADILLO, Manuel (1929)**

13. Composição Medular, 1965. 125 x 125
14. Representação Flúida, com Módulos Positivos e Negativos, 1966. 200 x 100
15. Tríptico Transformável, 1966. 165 x 165
16. Agrupamento de Módulos, Associados em Forma de Óvulos, de Dois em Dois, 1966. 130 x 130
17. Integração de Módulos, através de Associações Hermafroditas, 1966/67. 162 x 162
18. Ritmos Concentrados, 1966/67. 184 x 184

**BLANCO, Ulises (1935)**

19. Sória I, 1967, 120 x 161
20. Sória II, 1967, 138 x 196
21. Sória III, 1967. 138 x 196

**BLASCO, Arcádio (1928)**

22. "Taula", 1966. 100 x 81
23. Sôbre a Evolução, 1967. 100 x 81
24. Sôbre a Criação, 1967. 90 x 116
25. A Terra Nasce, 1967. 90 x 116
26. O Amor de Deus, 1967. 116 x 90

**BRINKMANN, Enrique (1938)**

**TÉCNICA MISTA**

- 27. Metamorfose, 1967. 72 x 98
- 28. Inseto, 1967. 87 x 59
- 29. Sucessos, 1967. 98 x 72

**GARCIA MARTIN, José**

- 30. Canto à Boa Terra, 1967. 130 x 114
- 31. Retábulo Mísero, 1967. 116 x 89
- 32. Estampa Bélica, 1967. 116 x 89

**LLIMÓS, Roberto (1943)**

- 33. Títeres — Armário, 1967. 146 x 114
- 34. Títeres — Guarda-Chuva, 1967. 114 x 146
- 35. Encaixotado — Títere, 1967. 89 x 116

**MOLINERO CARDENAL, Marcos (1944)**

- 36. Numância, 1967. 120 x 160
- 37. Torso de Sória, 1967. 120 x 160
- 38. Pintura, 1967. 120 x 160

**PADROS, Antonio (1937)**

- 39. "Happening" Frustrado, 1967. 88 x 107
- 40. Juízo Sumaríssimo e Execução de Caim, 1967. 100 x 81
- 41. Mamãe, que Faço com os Espíritos?, 1967. 100 x 81

**PLAZA, Julio (1938)**

- 42. Elementos Modulares Programados, 1967. 100 x 100
- 43. Objeto Cibernético (obra aberta), 1967. 100 x 100
- 44. Cubos Programados de Vértice (obra aberta), 1967. 100 x 100
- 45. Móvel Programado (pendente, obra aberta) 1967. 100 x 100

**SUAREZ, Antonio (1923)**

- 46. Pintura, 1960. 162 x 135
- 47. Nu, 1964. 116 x 116
- 48. Paisagem, 1967. 162 x 130
- 49. Pintura, 1967. 130 x 162
- 50. Paisagem, 1967. 116 x 116
- 51. Natureza Morta em Vermelho, 1967. 130 x 130
- 52. Rosa, 1967. 116 x 89
- 53. Branco e Ocre, 1967. 130 x 146
- 54. Díptico Cinza, 1967. 81 x 200
- 55. Em Vermelho, 1967. 73 x 92

## VICTORIA, Salvador (1929)

### TÉCNICA MISTA

56. Formas em Azul, 1966. 195 x 125
57. Formas em Azul e Vermelho, 1966. 146 x 114
58. Formas para uma Homenagem, 1966. 108 x 130
59. Formas em Segunda Posição, 1966. 100 x 130
60. Satélite em Vermelho, 1967. 126 x 100
61. Cabeça, 1967. 85 x 100
62. Cabeça, Segunda Posição, 1967. 75 x 100
63. Elementos Espaciais, 1967. 66 x 81

## YTURRALDE, José Maria (1942)

### ÓLEO SÔBRE MADEIRA

64. Situação Intensa no Espaço, 1967. 130 x 109
65. Movimento no Espaço Oposto, 1967. 65 x 81
66. Situação Limite no Espaço, 1967. 130 x 90

## DESENHO

### ARTIGAU, Francisco (1940)

#### ÓLEO SÔBRE TELA

1. A Hamburguesa, 1967. 97 x 130
2. Sob a Bandeira Estrelada, 1967. 164 x 114
3. Taça de Chá, 1967. 97 x 130

### GALI, Jorge (1944)

#### TINTA SÔBRE TELA

4. Ismos, 1967. 162 x 130
5. Nôvo, 1967. 182 x 120
6. "Super Girl", 1967. 140 x 195

### PORTA, Alberto (1946)

#### TINTA PLÁSTICA E ACRÍLICA SÔBRE TABLEX

7. Boso, 1967. 122 x 162
8. Fisis, 1967. 122 x 162
9. Solomo, 1967. 122 x 162

## GRAVURA

### ALEXANCO, José Luiz (1942)

#### SERIGRAFIA

1. Movimento em Vermelho e Verde, 1967. 45 x 66
2. Situação Dupla, 1967. 41 x 60
3. Superposição de Figuras, 1967. 38 x 65
4. Duas Posturas para Homem que Corre, 1967. 64 x 42
5. Homem Atravessando um Espaço I, 1967. 42 x 131



6. Homem Atravessando um Espaço II, 1967. 42 x 131
7. Homem Girando Sobre Si Mesmo I, 1967. 89 x 134
8. Homem Girando Sobre Si Mesmo II, 1967. 89 x 134
9. Homem Girando Sobre Si Mesmo III, 1967. 89 x 134
10. Homem Girando Sobre Si Mesmo IV, 1967. 89 x 134
11. Postura para Homem que Cai I, 1967. 96 x 114
12. Postura para Homem que Cai II, 1967. 96 x 114
13. Postura para Homem que Cai III, 1967. 96 x 114
14. Postura para Homem que Cai IV, 1967. 96 x 114
15. Postura para Homem que Dá a Volta I, 1967. 114 x 84
16. Postura para Homem que Dá a Volta II, 1967. 114 x 80
17. Postura para Homem que Dá a Volta III, 1967. 114 x 80
18. Postura para Homem que Dá a Volta IV, 1967. 114 x 80

## ESCULTURA

### HERNANDEZ, Feliciano (1936)

1. Escultura em Ferro I, 1966. 29 x 14
2. Escultura em Ferro II, 1967. 24 x 24 x 8
3. Escultura em Ferro III, 1967. 90 x 50 x 28
4. Escultura em Ferro IV, 1967. 40 x 38 x 25
5. Escultura em Ferro V, 1967. 35 x 28 x 10
6. Escultura em Ferro VI, 1967. 130 x 110 x 60
7. Relêvo em Madeira I, 1967. 165 x 105 x 15
8. Relêvo em Madeira II, 1967. 105 x 90 x 15
9. Relêvo em Madeira III, 1967. 165 x 150 x 15

### SACRAMENTO, Antonio (1915)

10. Fumo, 1966. Em Ferro. 200 (alt.)
11. Pelvis, 1966. Em Ferro. 64 x 65
12. Samotrácia, 1966. Em Bronze. 90 x 50
13. Cristo, 1967. Em ferro. 35 x 35
14. "Chineria", 1966. Em ferro. 50 x 45
15. Careta, 1966. Em ferro. 170 x 100 x 92
16. Continuidade Espacial, 1966. Em ferro. 60 x 93
17. "Agguato", 1966. Em ferro. 170 x 80 x 93
18. Abstração, 1966. Em ferro. 85 x 130

## TAPEÇARIA

### GRAU — GARRIGA, José (1929)

1. Olhos Mágicos, 1964. 106 x 225
2. Sol de Inverno, 1965. 111 x 128
3. Triunfo, 1965. 160 x 135
4. Equilíbrio Estético, 1965. 140 x 175
5. A Recordação e a Imagem, 1966. 143 x 133
6. Tapête do Amor, 1966. 95 x 155
7. Mártires da Paz Universal, 1966. 180 x 240

8. Evocação, 1966. 135 x 140
9. Janela, 1966. 108 x 170
10. Oasis, 1966. 140 x 190
11. Pomba, 1967. 140 x 170
12. A Terra, 1967. 285 x 215
13. Esperança de Bom Tempo, 1967. 174 x 134
14. Chuva Sobre as "Alpujarras", 1967. 173 x 160

# **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
SMITHSONIAN INSTITUTION,  
WASHINGTON D.C.

COMISSÁRIO: WILLIAM C. SEITZ



# ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Os Estados Unidos são representados nesta "IX Bienal" por duas exposições: "Ambiente U.S.A.: 1957-1967", incluindo 21 artistas, e a mostra individual de renomado mestre recentemente falecido: Edward Hopper. A escolha das pinturas de Hopper para exibição, em sala especial, deve-se a que, embora seus óleos, aquarelas e gravuras sejam muito conhecidos nos Estados Unidos, só muito raramente foram vistos em outros países e assim mesmo em exposições coletivas. Inflexível realista, Hopper foi, no entanto, admirado tanto pelos artistas abstratos e figurativos como pelos da "avant-garde" e conservadores. Sua morte, aos 84 anos, ocorrida a 15 de maio de 1967, cinco meses após ter sido selecionado para representar os Estados Unidos em São Paulo, transformou em exposição "in memoriam" o que deveria ter sido a primeira apresentação internacional de um eminente pintor americano.

"Ambiente U.S.A.: 1957-1967" inclui trabalhos de Allan D'Arcangelo, Llyn Foulkes, James Gill, Sante Graziani, Paul Harris, Robert Indiana, Jasper Johns, Gerald Laing, Roy Lichtenstein, Richard Lindner, Malcolm Morley, Lowell Nesbitt, Claes Oldenburg, Joe Raffaele, Robert Rauschenberg, James Rosenquist, Edward Ruscha, George Segal, Wayne Thiebaud, Andy Warhol e Tom Wesselman. Embora não estejam estes artistas em desarmonia com as tendências abstratas predominantes, os trabalhos expostos expressam um assunto reconhecível, com temas, como os de Hopper, tirados do ambiente e da vida nos Estados Unidos. A imagem que apresentam é nítida, não sentimental e algumas vezes irônica, humorística ou desencantada, em estilo audacioso, semelhante em 1960 ao estabelecido por Hopper antes de 1920.

Além dêsse campo comum, relacionam-se ainda mais as duas exposições pelo contraste do que pela similaridade. Contudo o confronto vincula trabalhos recentes a uma tradição americana e demonstra igualmente como a pintura de Hopper, que, em essência, pouco mudou de década para década, conservou sua autoridade. Hopper foi o realista americano líder de sua geração. Jamais deixou de ser um autêntico contemporâneo. Sua individualidade resoluta e sua realização pessoal abrangeram mais de 50 anos sem perder seu valor para a vida e a arte do Século Vinte.

William C. Seitz

SALA ESPECIAL  
EDWARD HOPPER  
(1882 - 1967)

PINTURA

ÓLEO

1. Bar da Esquina, 1913. Museum of Modern Art, N.Y. 60 x 73
2. Edifícios de Apartamentos, 1923. Pennsylvania Academy of Fine Arts, Phila. 64 x 80
3. Onze Horas, 1926. Joseph H. Hirshhorn, Foundation, N.Y. 70 x 90
4. Restaurante Automático, 1927. Edmundson Collection, Des Moines. 70 x 90
5. "Drug Store", 1927. Museum of Fine Arts, Boston. 73 x 100
6. Dois no Corredor, 1927. Toledo Museum of Art, Ohio. 102 x 122
7. Vagões de Carga, Gloucester, 1928. Addison Gallery of American Art, Mass. 73 x 100
8. Janelas à Noite, 1929. Museum of Modern Art, N.Y. 73 x 85
9. Da Ponte de Williamsburg, 1928. Metropolitan Museum of Art, N.Y. 73 x 108
10. Curva da Ponte de Manhattan, 1928. Addison Gallery of American Art, Mass. 88 x 150
11. Domingo de Manhã Cedó, 1930. Whitney Museum of American Art, N.Y. 88 x 150
12. Mesas para Senhoras, 1930. Metropolitan Museum of Art, N.Y. 122 x 153
13. A Corcova do Camelo, 1931. Munson-Williams-Proctor Institute, N.Y. 82 x 125
14. A Barbearia, 1931. Prop. Mr. and Mrs. Roy R. Neuberger, N.Y. 150 x 195
15. New York, New Haven e Hartford, 1931. Art. Association of Indianapolis Herron Museum, Indiana. 73 x 125
16. Quarto no Brooklyn, 1932. Museum of Fine Arts, Boston. 73 x 85
17. Quarto em Nova Iorque, 1932. Univ. of Nebraska Art Galleries. 73 x 90
18. Vento do Leste sobre Weehawken, 1934. Pennsylvania Academy of Fine Arts, Phila. 88 x 127
19. Cinema Sheridan, 1936/37. The Newark Museum, N.J. 43 x 64
20. Compartimento C, Carro 293, 1938. IBM Corporation, N.Y. 50 x 45
21. "Ground Swell", 1939. Corcoran Gallery of Art, Washington. 93 x 126
22. Cinema em Nova Iorque, 1939. Museum of Modern Art, N.Y. 80 x 102
23. Escritório à Noite, 1940. Walker Art Center, Minn. 58 x 63
24. Rodovia 6, Eastham, 1941. Sheldon Swope Art. Gallery, Ind. 68 x 95
25. Crepúsculo na Pensilvânia, 1942. Prop. Dr. and Mrs. James Hustead Semans, Durham. 62 x 113

26. Saguão de Hotel, 1943. Art. Association of Indianapolis, Ind. 110 x 150
27. Manhã numa Cidade, 144. Prop. Lawrence H. Bloedel, Williamstown, Mass. 110 x 150
28. Meio-Dia, 1949. Prop. Mr. and Mrs. Anthony Haswell, Dayton, Ohio. 70 x 100
29. Verão na Cidade, 1950. Prop. Mrs. Lynn Farnol, N.Y. 50 x 75
30. Primeira Fila da Orquestra, 1951. Joseph H. Hirshhorn Foundation, N.Y. 78 x 100
31. Escritório numa Pequena Cidade, 1953. Metropolitan Museum of Art, N.Y. 70 x 100
32. Luz do Sol na Cidade, 1954. Joseph H. Hirshhorn Foundation, N.Y. 70 x 100
33. Estrada de Quatro Pistas, 1956. Prop. Mr. and Mrs. Malcolm G. Chace Jr. Rhode Island. 70 x 105
34. Motel do Oeste, 1957. Yale University Art Gallery, Conn. 78 x 128
35. Luz do Sol no Restaurante, 1958. Yale University Art Gallery, Conn. 103 x 153
36. Pessoas ao Sol, 1960. National Collection of Fine Arts, Smithsonian Institution, Washington 100 x 150
37. Luz do Sol no Segundo Andar, 1960. Whitney Museum of American Art, N.Y. 100 x 125
38. Estradas e Árvores, 1962. Prop. Mr. and Mrs. John Clancy, N.Y. 85 x 100
39. Carro Pullman, 1965. Prop. Dr. and Mrs. David B. Pall, N.Y. 100 x 125

## SALA GERAL

### "Ambiente U.S.A.: 1957/67"

**ARCANGELO, Ailan D' (1930)**

**ACRÍLICO SOBRE TELA**

1. Rodovia U.S. 1, n.º 2, 1963. Prop. Mr. e Mrs. Max Wasserman. Massachusetts. 180 x 203
2. Gradil de Proteção, 1964. Alambrado (proteção contra ciclone) e arame farpado. Prop. John G. Powers, Colorado. 163 x 200
3. Projeto n.º 9, 1966. Prop. Walker Art Center, Minesota. 163 x 135

**FOULKÉS, Lynn (1934)**

4. "Canyon", 1964. Prop. Mr. e Mrs. Richard Willington, Califórnia. 163 x 270
5. Sem Título, 1966. 330 x 390

**GILL, James (1934)**

6. Marilyn, 1962. Óleo sobre composição de papelão (tríptico). Prop. Dominique and John de Menil, N.Y. 120 x 90.

**GRAZIANI, Sante (1920)**

**ACRÍLICO SÓBRE TELA**

7. Arco Iris sobre "Inness Lackwanna Valley". 150 x 150
8. Vermelho, Branco e Azul, 1966. Com lâmpadas elétricas.  
183 x 183

**INDIANA, Robert (1928)**

9. Sonho Americano de Denmuth, n.º 5, 1963. 360 x 360
10. Mãe é Mãe, Pai é Pai, 1963/65. 180 x 300
11. U.S.A. 666, 1966. 255 x 255

**JASPER, Johns (1930)**

**ENCAUSTICA SÓBRE TELA**

12. Três Bandeiras, 1958. (3 planos) Prop. Mr. e Mrs. Burton G. Tremanine, N.Y. 78 x 113
13. Mapa, 1962. Colagem. Prop. Mr. e Mrs. Frederick Weisman, Califórnia. 150 x 233
14. Mapa Branco Duplo, 1965. Colagem. Prop. Mr. e Mrs. Robert Scull, N.Y. 225 x 175

**LAING, Gerald (1936)**

15. Fôrça G, 1963. Prop. Ronald Winston. N.Y. 90 x 143
16. Jean Harlow, 1964. Prop. John G. Powers, Colorado  
183 x 125
17. C.T. Stokers, 1964. 165 x 264

**LICHTENSTEIN, Roy (1923)**

**ÓLEO MAGNA SÓBRE TELA**

18. "O.K. Hot Shot", 1963. Prop. Remo Morone. Itália.  
200 x 170
19. Menina, 1965. 120 x 120
20. Pintura Moderna com Segmento Verde. Prop. Mr. e Mrs.  
.Horace Solomon. N.Y. 170 x 170

**LINDNER, Richard (1901)**

21. New York City III, 1964. 175 x 150
22. Hello, 1966/67. Prop. Harry N. Abrams-Family Collection  
— N.Y. 175 x 150

**MORLEY, Malcolm (1931)**

23. Estados Unidos com (NY) Horizonte, 1965. Liquitex sobre  
tela. Prop. Leon Kraushar, Lawrence. N.Y 115 x 150
24. Jantar de Gala no Navio, 1966. Magna em côres. Prop.  
John G. Powers, Colorado. 210 x 160



**NESBITT, Lowell (1933)**

25. IBM 1440. Sistema de Processamento de Dados, 1965.  
150 x 150
26. IBM 6400, 1965. Prop. Edith Cook — Washington D.C.  
200 x 200

**OLDENBURG, Claes (1929)**

27. Quarto, 1963. Técnica mista. Para um quarto de 561 x  
660 x 330

**RAFFAELE, Joe (1933)**

28. Rosto, Macaco, 1961. 178 x 125
29. Cabeças, Pássaros, 1966. Prop. Krannert Art Museum,  
Illinois. 190 x 125

**RAUSCHEMBERG, Robert (1925)**

30. Batelão, 1962. 200 x 973
31. Búfalo II, 1964. Óleo sôbre tela com silkscreen. Prop. Mr.  
e Mrs. Robert Mayer, Illinois. 240 x 180

**ROSENQUIST, James (1933)**

32. F-III, 1965. Óleo sôbre tela c/alumínio. Prop. Mr. e Mrs.  
Robert C. Scull, N.Y. 330 x 284

**RUSCHA, Edward (1937)**

33. Pôsto de Gasolina da Standard, Amarillo, Texas (Day)  
1963. Prop. Donald Factor, Califórnia. 163 x 313

**THIEBAUD, Wayne (1920)**

34. "Star Pinball", 1962. 150 x 90
35. Bolos, 1963. Prop. Harry N. Abrams — Family Collection,  
N.Y. 165 x 198
36. Balcão de Mercearia, 1963. Prop. Mr. e Mrs. Stephen D.  
Paine, Massachussets. 165 x 198

**WARHOL, Andy (1930)**

37. Desastre Alaranjado, 1963. Silkscreen sôbre Liquitex. Prop.  
Harry N. Abrams-Family Collection, N.Y. 265 x 205
38. "Jackie", 1964. Acrílico e tinta silkscreen sôbre tela. Prop.  
Allan Power, England. (16 painéis cada um com 50 x 40)
39. Desastre de Sábado, 1964. Óleo-silkscreen sôbre tela. Prop.  
Brandeis Univ. Art. Collection, Gervitz Munchin Purchase  
Fund, by exchange Brandeis Univ. Waltham,  
Massachussets. 298 x 205

**WESSELMAN, Tom (1931)**

40. Grande Nu Americano n.º 53, 1954. Liquitex e colagem (12 seções de 330 x 132) 330 x 264
41. Interior n.º 4, 1964. "Assemblage" com luzes fluorescentes e relógio. 182 x 149 x 23

**ESCULTURA**

**HARRIS, Paul (1925)**

1. Mulher Rindo, 1964/65. Pano e madeira. Tamanho natural. Prop. Mr. e Mrs. Burt Kleiner, Califórnia.
2. Mulher Olhando o Mar. Pano, madeira, metal. Tamanho natural.

**SEGAL, George (1924)**

3. MÔça Sentada na Cama. Gesso e construção. Tamanho natural. Prop. Mr e Mrs. C. Bagley Wright, Washington.
4. Pôsto de Gasolina, 1963. Gesso e técnica mista. 330 x 330 x 660

# ETIÓPIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
IMPERIAL ETHIOPIAN  
GOVERNMENT, ADIS-ABEBA.

COMISSÁRIO: MARY TADESSE



# ETIÓPIA

Três artistas etíopes, que tomam parte na presente Bienal, representam a "avant-garde" das modernas tendências da Etiópia atual. Embora mal tenham atingido os 30 anos de idade, já mostraram suas personalidades distintas.

Afewerk Tekle, versátil e disciplinado artista, sente-se à vontade com monumentais criações em vidro colorido, óleos, esboços, desenhos, selos e também cartazes. Em cada trabalho imprime sua inconfundível consciência de "grandeur". Gebre Kristos Desta está em constante e amargo confronto com a realidade: não há paz nem serenidade em sua torturada visão do mundo. Skunder, por seu lado, pulveriza esta visão em um conto de fadas de luz, em um contínuo rodopio de partículas de côres e, obviamente, aprecia êstes "jeux de lumière" cósmicos.

O mais promissor dos aspectos dos modernos artistas etíopes está em sua juventude. Os aqui discutidos são dinâmicos, pesquisadores, e, considerando seu meio ambiente, por vêzes audaciosos. Cada um dêles teve oportunidade de estudar no exterior e explora os problemas da era moderna na arte.

Sendo receptivos, foram necessariamente influenciados por uma ou outra tendência. Sua arte, conseqüentemente, pode ser também chamada internacional em um sentido amplo, como uma expressão de unidade de sentimentos e aproximação de toda vida humana. Não adotaram, contudo, qualquer dessas tendências como sua: parece que a essência de sua personalidade artística é ainda a procura da expressão própria. Isto deveria ser observado também no fundo das realizações da arte tradicional etíopica. Embora os etíopes tenham abraçado as tendências da arte moderna, mais ou menos nas últimas três décadas, a transição do tradicional para o moderno foi facilitada pelos caracteres da arte, herdados de gerações passadas. Na arte pictórica dos etíopes, apreciada há quase mil anos, não parece existir o desejo de imitar o mundo real, mas antes, o de exprimir o artista sua sensibilidade pela côr, o que foi feito, às vêzes, com absoluto desprezo pelo mundo visível.

Explorando possibilidades, o ávido estirar de braços em tôdas as direções, leva, necessariamente a aventuras em diversas linguagens artísticas, do figurativo ao abstrato, passando por diversos "ismos" mas, finalmente, fundindo-se no idioma de sua própria região.

Os três artistas sentem, em comum, os sacrifícios impostos pelo desenvolvimento e suas implicações. Sentem sua identidade com as profundas camadas da vida espiritual de seu povo: uma herança de quase dois milênios de Cristianismo. No "Golgotha" de Gebre Kristos Desta está expresso, em idioma moderno, o drama máximo da História Divina, vivido repetidas vêzes por seus antepassados. No "Jonas e a Baleia" revive Afewerk um episódio da Bíblia, alimento primordial das almas dos etíopes

desde tempos imemoriais. Os artistas etíopes modernos também encontraram seu lugar em um contexto Africano mais amplo. Skunder, no seu "Domingo", lembra-nos que a "joie de vie", a alegria e a dança, são apreciadas por milhões no continente, após os dias de labuta e sofrimento. Em suas telas há uma explosão de côres vibrando na poeira levantada pelo entusiasmo dos dançarinos do Domingo.

## **PINTURA**

**DESTA, Gebre Kristos (1932)**

1. Gólgota. 186 x 125

**SKUNDER, B. Skunder (1937)**

2. União. 185 x 191
3. Domingo. 120 x 93

**TEKLE, Afewerk (1932)**

4. Jonas e a Baleia. 147 x 123





# **FILIPINAS**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
ART ASSOCIATION OF THE  
PHILIPPINES, MANILHA.

COMISSÁRIO:  
LEONIDAS V. BENESA



# FILIPINAS

Representam três movimentos distintos da Arte Contemporânea nas Filipinas — de após-guerra — os trabalhos dos cinco artistas que apresentamos nesta Bienal.

Hernando R. Ocampo pertence ao grupo chamado “Neo-Realista”. Pintor autodidata aborda um trabalho metódicamente com recortes de papel e fórmulas de côr. Esta abordagem científica combina-se, porém, com um sentido de côr tropical, textura e forma de grande riqueza em termos de significação simbólica e expressionista.

J. Elizalde Navarro, que chamou a atenção do público com suas pinturas construtivistas, utiliza a madeira para criar peças basicamente clássicas em espírito, se não na forma. A escultura das Filipinas vem tomando atualmente outros rumos com um grupo nôvo denominado “Sociedade dos Escultores Filipinos”. Cesar Legaspi, Josefina Escudero, Virgílio Aviado e Manuel Rodriguez Jr. apresentam um nôvo interêsse: a gravura. Os quatro são do “Contemporary Graphic Art Workshop” em Manilha. Em 1965 as Filipinas foram representadas na Bienal pelos trabalhos dos artistas gráficos Manuel Rodriguez Jr. e Rodolfo P. Perez.

Os cinco artistas que participam desta Bienal pertencem à Associação de Artes das Filipinas (AAP). É uma organização de artistas e amantes da arte, sem fins lucrativos e que celebra, êste ano, o seu 20.º aniversário. A participação Filipina na Bienal é uma das maiores atividades da AAP, na comemoração dêste evento.

LEONIDAS V. BENESA  
Comissário Geral das Filipinas

## PINTURA

**OCAMPO, Hernando R. (1911)**

1. Motivo Decorativo, 1965. Col. Sra. Mila Furer. 90 x 130
2. Variações da Dança, 1965. Col. Sr. Eric Torres. 105 x 80
3. Os Conquistadores, 1965. Col. Sra. Mila Furer. 90 x 130
4. Formas Votivas, 1966. Col. Sr. Cesar Lavino. 105 x 80
5. Rituais, 1966. Col. Sr. F. Aguilar Cr. 90 x 130
6. "Cotillon", 1967. 90 x 130
7. Pagoda, 1967. 105 x 80
8. Páscoa, 1967. 90 x 130

## GRAVURA

**AVIADO, Virgílio (1944)**

**ARTE GRÁFICA "COLLAGRAPH"**

1. Ceva, 1966. 32 x 32
2. Homenagem a E.T., 1966. 32 x 32
3. Cotilidone, 1966. 80 x 65

**ESCUDEIRO, Josefina de Leon (1917)**

**ARTE GRÁFICA INTÁGLIO**

4. Pôr do Sol, 1967. 62 x 22
5. Fuga para o Egito, 1967. 39 x 22
6. Auto-Retrato, 1967. 45 x 34

**LEGASPI, Cesar (1917)**

**ARTE GRÁFICA INTÁGLIO EM CÔRES**

7. Reflexos, 1964. 45 x 57
8. Composição com Figuras, 1965. 49 x 65
9. Composição com Luas, 1966. 53 x 56

**RODRIGUEZ JR., Manuel (1942)**

**ARTE GRÁFICA INTÁGLIO EM CÔRES**

10. Campo de Concentração em Repouso, 1967. 75 x 100
11. Exposição, 1967. 75 x 100
12. Sala de Espera, 1967. 75 x 100

## ESCULTURA

**NAVARRO, J. Elizalde (1924)**

**MADEIRA**

1. Enigma, 1967. 90 x 60
2. "Tonquefute", 1967. 90 x 150
3. Mulher-Homem, 1967. 90 x 45

# **FINLÂNDIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
SUOMEN TAITEILIJASEURA,  
HÉLSINQUI.

COMISSÁRIO: KAARLO KOROMA



# FINLÂNDIA

A Finlândia celebra, êste ano, o cinquentenário de sua independência. A arte de nosso país assinalou nesse período, intenso florescimento. Libertou-se ainda de seu isolamento nacional, passando a ser influenciada pela arte internacional. Tornando-se internacionalmente multi-expressiva, talvez não seja tão fácil agora discernir em nossa arte a linha essencialmente finlandesa. Para o espectador, contudo, a essência finlandesa ou escandinava deve ser observada na natureza especial das expressões de côr.

A influência estrangeira começou a fazer-se sentir um tanto tarde. Apenas a partir de 1950 teve "chance" de ganhar terreno de forma cabal. A tendência geométrica não figurativa, de Paris, conseguiu logo posição bastante sólida. São numerosos os exemplos disso em nossa exposição. Um dos aspectos mais característicos dêste estilo consistia em concentrar a atenção dos artistas no perfeito conhecimento técnico, o qual, devido à guerra, tornou-se relativamente lento.

A maior agitação em nossa arte, no entanto, foi provocada, na última década, pelo fluxo das novas tendências, das quais a pintura espontânea, o tachismo e o informalismo são as mais evidentes. Essa influência sôbre nossa arte teve o efeito de uma avalanche, forte e efetiva mas passageira. Dificilmente o informalismo é admitido hoje. Em todo caso, tais tendências deram aos artistas novas possibilidades tanto técnicas quanto materiais, o que, pelo menos inicialmente, foi muito bem recebido. A forma libertou-se da formal superfície geométrica e voltou à familiar maneira da pintura expressionista.

A extremada dispersão da forma não teve sucesso entre nós e cedo surgiu nova geração de artistas que controlaram a forma, vinculando-a à uma maneira pessoal de expressão. Em nossa representação podem ser vistos diversos exemplos disso.

O interêsse da nova geração volta-se para as possibilidades que apareceram com o neo-realismo e a pop-art. Isso dá oportunidade de pintar as realidades visíveis da vida de maneira nova, embora o interêsse pareça limitar-se, até agora, a um pequeno grupo. Nossa arte, no momento, vive um período de trabalho, cheio de paz. Juntamente com os novos, o trabalho sério dos artistas veteranos continua nos moldes abstratos, sob a influência de tendências diversas.

Embora nossa exposição seja de algum modo limitada, esperamos que possa dar ao espectador uma visão do esforço de nossos artistas e, ao mesmo tempo, transmitir-lhe uma idéia da natureza e do homem de nossa longínqua região.

Kaarlo Koroma

## PINTURA

### AUGUSTSSON, Göran (1936)

1. Composição em Cinza e Amarelo, 1966. 87 x 102
2. Divisão I, 1966. 112 x 130
3. Espaço Azul, Acento Vermelho, 1966. 102 x 118
4. Espaço Limitado, 1967. 92 x 92
5. Elementos, 1967. 112 x 112

### FREDRIKSSON, Stig (1929)

6. Fonte de Vaucluse, 1966. 63 x 76
7. Folhagem, 1966. 63 x 76
8. Mar, 1966. 152 x 102
9. Bola Animal, 1966. 133 x 126
10. Noite, 1967. 185 x 122

### HEIKKILÄ, Erkki (1933)

11. Tramas, 1967. 148 x 116
12. "Moreeni", 1967. 122 x 142
13. Granito Incolor, 1967. 122 x 142

### HELLMAN, Karin

(Colagem)

14. Rodas do Sol, 1966. 212 x 316
15. Ôlho de Eva, 1967. 81 x 124
16. Ôlho de Adão, 1967. 81 x 124
17. Árvore, 1967. 136 x 127

### HIETANEN, Reino (1932)

18. Formas Simbólicas, 1967. 210 x 160
19. Conexão, 1967. 190 x 155
20. Verão Abrazador, 1967. 155 x 190
21. Muro dos Fundos, 1967. Guache. 150 x 120
22. Tôrre com Buracos, 1967. Guache. 150 x 120
23. Sinais, 1967. Guache. 140 x 110

### LANU, Olavi (1925)

TÊMPERA E AREIA

24. Salto de Potro, 1967. 164 x 121
25. Moda Espanhola, 1967. 147 x 202
26. Desenhado na Finlândia IV — 1966/67. 152 x 152

### RANTANEN, Ulla (1938)

27. Grupo, 1966. 172 x 132
28. Cinco Pessoas, 1967. 152 x 137
29. Pintura, 1967. Têmpera. 137 x 161



**TIRRONEN, Esko (1934)**

30. Aberto, 1966. 154 x 144
31. Sob a Passagem, 1966. Acrílico 177 x 166
32. Meu Irmão Passeando no Verão. 154 x 194

**VIONOJA, Veikho (1909)**

33. A Janela do Músico, 1963. 95 x 136
34. Paisagem de Inverno, 1965. 86 x 106
35. Noite de Verão, 1966. 106 x 88
36. Manhã de Verão, 1966. 96 x 121
37. Manhã de Verão à Janela, 1967. 91 x 122

**WARDI, Rafael (1928)**

38. Crianças ao Sol, 1964. 90 x 103
39. Crianças, 1964. 85 x 104
40. Tôdas as Minhas Flôres, 1964. 89 x 114
41. Arranjos com Repolhos Vermelhos, 1965. 70 x 105
42. A Menina e a Maçã, 1966. 90 x 119

**GRAVURA**

**AHLGRËN, Lauri (1929)**

**LITOGRAFIA**

1. Passando na Noite, 1966. 85 x 70
2. Luz de Primavera, 1966. 85 x 70
3. Deus Cuspindo, 1966. 85 x 70
4. Dança de Outono, 1966. 85 x 70
5. Sinais Amarelos, 1966. 85 x 70
6. Nascimento da Primavera, 1967. 85 x 70
7. Terra Sêca, 1967. 85 x 70
8. Nuvem Chuvosa, 1967. 85 x 70

**HANNULA, Simo (1922)**

9. Arranjo no Crepúsculo, 1963. Água-forte. 65 x 60
10. De Algures para Alhures, 1963. Água-forte. 70 x 59
11. Arrumando, 1964. Água-forte. 64 x 79
12. Som Côncavo, 1964. "Soft Ground." 75 x 62
13. In Memoriam Dag Hammarskjold, 1964. "Soft Ground." 70 x 65
14. Delta, 1965. "Soft Ground." 57 x 65
15. Abandonados, 1966. 57 x 65
16. Emboscada, 1966. 60 x 69
17. Indo e Vindo, 1966. 64 x 72
18. Uma Vez à Meia Noite, 1966. 65 x 57
19. Satélite, 1966. 74 x 65
20. Pro-Humanitate, 1966. 72 x 65

**KAHONEN, Maria (1939)**

**PONTA — SÉCA**

21. Aizier Durante a Floração da Cerejeira, 1965. 47 x 49
22. A Caminho, 1965. 42 x 51
23. Vila da Normandia, 1965. 41 x 44
24. Composição, 1966. 40 x 45
25. Composição, III, 1966. 43 x 51
26. Claridade, 1967. 39 x 45
27. Lembro-me de Uma Vez no Caminho, 1967. 41 x 44

**ÁGUA-FORTE**

28. Paisagem de Sonho, 1965. 56 x 84
29. Era das Máquinas, 1966. 62 x 70
30. "Human Closet", 1966. 64 x 70

**NIEMINEM, Antti (1924)**

**LITOGRAFIA**

31. Orfeu, 1967. 63 x 70
32. Eurídice, 1967. 63 x 70
33. Praça Deserta, 1967. 52 x 75
34. Grande Palco, 1967. 63 x 70

**PIETILA, Tuulikki (1917)**

35. Rodinhas. Verniz suave. 69 x 58
36. Infinito. Aquatinta. 63 x 58
37. Formas em Movimento. Aquatinta. 64 x 69
38. Bôlhas. Aquatinta. 60 x 68
39. Improvização Espacial. Verniz suave. 70 x 60
40. Pesadelo. Água-forte. 67 x 57
41. Fantasmagoria. Verniz suave. 67 x 57
42. Cortinas de Bruma. Verniz suave. 68 x 59
43. Corte em Vidro. Verniz suave. 70 x 60

**ROUVINEN, Väino (1932)**

44. Na Escuridão, 1963. Água-forte e Aquatinta. 40 x 60
45. A Montanha, 1963. Água-forte. 43 x 64
46. A Montanha II, 1964. Água-forte. 45 x 54
47. Paisagem Morta, 1964. Água-forte. 44 x 70
48. Fantasia II, 1965. Aquatinta, 55 x 65
49. Paisagem Morta II, 1965. Água-forte e Aquatinta. 55 x 69
50. Em Direção da Luz, 1965. Água-forte e Aquatinta. 55 x 65

**ESCULTURA**

**HÄIVAOJA, Heikki (1929)**

**BRONZE**

1. Reflexo, 1964. 20 x 70
2. Acontecimento I, 1964. 40
3. Acontecimento II, 1965. 40

4. Manhã, 1966. 60
5. A Queda, 1966. 180

**JUNNO, Sapio (1940)**

**BRONZE**

6. Augúrio, 1964. 60 x 60
7. Soldado Moribundo, 1965. 50 x 60

**JUVA, Kari (1939)**

**BRONZE**

8. Torso, 1965. 90
9. Trapézio, 1966. 120
10. A Jovem, 1966. 110
11. Futuro Biológico, 1966. 60 x 70

**KIVIJARVI, Harry (1931)**

**BRONZE**

12. Dia Ventoso, 1964. 38
13. "Andreas", 1964. 21 x 90

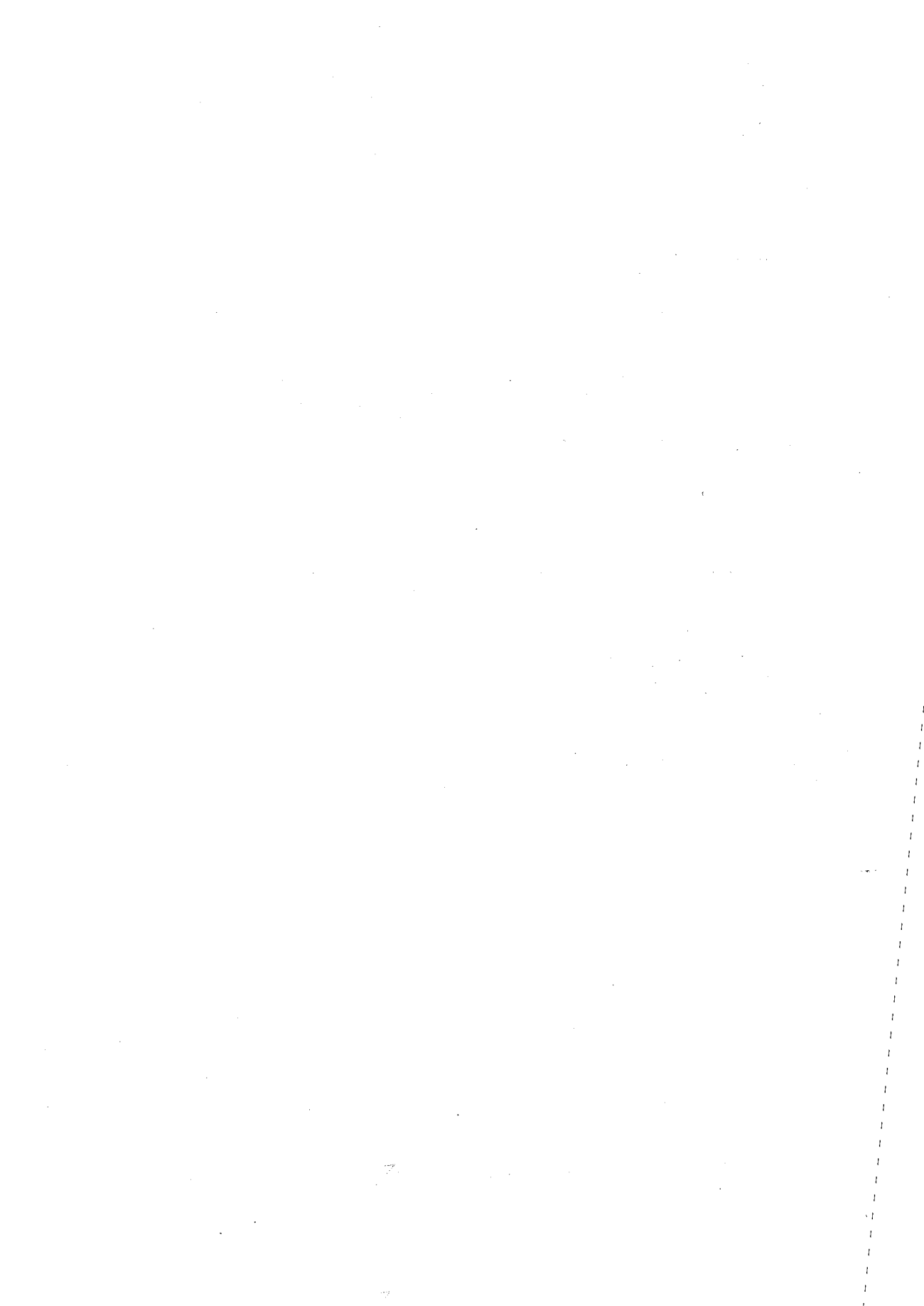
**DIORITO**

14. Vela Negra, 1965. 78
15. Placa de Pedra, 1966. 78
16. Velame, 1966. 95
17. Electra, 1966. 20

**RASANEN, Kauko (1926)**

**BRONZE**

18. Elemento, 1964. 67
19. Orfeu, 1964. 80
20. Totem, 1965. 85
21. "Locustid", 1963-/66. 40



# FRANÇA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
ASSOCIATION FRANÇAISE  
D'ACTION ARTISTIQUE, PARIS.

COMISSÁRIO: MICHEL RAGON



# FRANÇA

Dois objetivos determinaram nossa seleção: a seleção dos artistas mais jovens que os outrora apresentados pela França em confrontos internacionais, e a redução do número de participantes afim de assegurar a cada um maior representação.

Assim, escolhemos apenas quatro artistas, dois em plena maturidade: César e Guitet, e dois muito jovens: Jacquet e Raynaud.

César, com 46 anos, é um dos mais ilustres escultores franceses. Dividido, como Picasso, entre as tentações do classicismo e o pendor pela extrema "avant-garde", muito contribuiu para popularizar a escultura da ferragem. Depois não hesitou em zombar do academicismo dela resultante, apresentando, como obras de arte, carros prensados de uma tonelada. Reunindo refugos industriais pode tão bem fazer uma Vênus de perturbadora sensualidade como relevos de concepção abstrata, usando lataria de carros. Do expressionismo de seus animais, sempre moldados em bronze, ao realismo total de seu "Polegar", modelado em matéria plástica, César mostra-se apaixonado pelas técnicas que sempre consegue dominar pela riqueza de sua imaginação. A vitalidade da escultura de César, sua força, sua qualidade de execução, seu espírito inventivo sempre desperto, contribuíram para tornar esse artista excepcional uma das figuras mais populares da arte francesa atual.

James Guitet, de 42 anos, é um dos mais ilustres gravadores franceses, premiado tanto na Bienal de Veneza como na de Ljubliana. É igualmente um dos mais qualificados pintores da segunda geração abstrato-lírica, surgida na França após a guerra. É menos conhecido como desenhista, embora, também nesse campo, tenha criado, para seu uso, um "estilo" bem pessoal.

Assim, pensamos em destacar unicamente seus desenhos abstratos, a bico de pena, alguns de grandes dimensões, outros móveis, todos extremamente sutis, de uma delicadeza e purismo vibrantes que contrastam com certa dose de brutalidade comum aos outros três expositores.

Alain Jacquet e Jean-Pierre Raynaud têm ambos vinte e oito anos.

Alain Jacquet possui toda uma carreira de pintor. Em 1962, aos 23 anos, afirmava-se expondo "Jogos de Cubos" que se anteciparam às "primary sculptures", por sua estrutura, e ao "pop", pela tela vinílica de flôres que os recobria. Nessa ocasião o "pop" apenas começava sua carreira em Nova Iorque. Suas camuflagens de telas célebres, seus "plexiglas" recurvados, suas tramas tipográficas, sua recente pintura "laser" dão a Alain Jacquet um estilo todo particular, sempre alerta à descoberta, à juventude e ao humor. Selecionado em 1964 pelo Guggenheim International, Alain Jacquet já participou de numerosas exposições internacionais. Eis porque, em nossa seleção, representa a pintura, ao lado de César com escultura e Guitet com as artes gráficas.

Em que categoria classificar Jean Pi re Raynaud que nos parece a revela o parisiense de 1966? Seus insólitos objetos-esculturas, cuidadosa e higienicamente pintados em branco poderão parecer alucina es. São, de fato, a ilustra o perfeita da c ebre defini o surrealista: o impacto produzido pelo encontro inopinado de um guarda-chuva e de uma máquina de costura s bre uma mesa de vivisse o. Êste mundo glacial, bizarro   mais inquietante em sua tranqüila perfei o.

Michel Ragon



## PINTURA

### JACQUET, Alain (1939)

1. Retrato de Mulher. Côres acrílicas sôbre tela. Propriedade Sr. Daniel Varenne. 260 x 390
2. Retrato de Homem, Detalhe do Almôço sôbre a Grama. Serigrafia em tela. 162 x 114
3. Almôço sôbre a Grama. Serigrafia em tela. 175 x 195
4. Plexiglas Recurvado. Serigrafia sôbre plexiglas. 45 x 65 x 20
5. Jôgo de Cubos (6 unidades). Tela encerada sôbre madeira. 50 x 50 x 50
6. A Fonte. Serigrafia sôbre vinil. Quadro de moldura inflavel. 110 x 70 x 10
7. Guindaste e Armazens. Côres acrílicas em plexiglas transparente. 185 x 124 x 15
8. Homens Sentados. Côres Acrílicas sôbre plexiglas transparente. 185 x 124 x 15
9. Holograma 67. Caixa luminosa. Fotos tomadas com "laser". 150 x 50 x 50
10. Miguel Ângelo — Gênio. Prop. do Snr. Daniel Varenne. 200 x 190
11. Fogos de Bengala. Serigrafia em vinil. 162 x 114

## DESENHO

### GUITET, James (1935)

1. Desenho a Bico de Pena n.º 1. Papel. 76 x 57
2. Desenho a Bico de Pena n.º 2. Papel. 58 x 78
3. Desenho a Bico de Pena n.º 3. Tinta da China. 78 x 58
4. Desenho a Bico de Pena n.º 4. Tinta da China. 58 x 78
5. Desenho a Bico de Pena n.º 5. Tinta da China. 57 x 76
6. Desenho a Bico de Pena n.º 6. Tinta da China. 57 x 76
7. Desenho a Bico de Pena n.º 7. Tinta da China. 106 x 76
8. Desenho a Bico de Pena n.º 8. Tinta da China. 108 x 76
9. Desenho a Pincel n.º 9. Tinta da China em papel Japão. 185 x 96
10. Desenho a Pincel n.º 10. Tinta da China em papel Japão. 185 x 96
11. Desenho a Pincel n.º 11. Tinta da China em papel Japão. 185 x 96
12. Desenho Móvel n.º 12. Bico de pena sôbre filme de acetato. 68 x 70-104 x 104

## ESCULTURA

### CESAR, Baldacini (1921)

1. Homem de Figanières. Ferro. 260 x 160
2. Irmã do Outro. Ferro. 164 x 110
3. Marselha. Bronze. 245 x 145
4. Homem de Draguignau. Bronze. 71 x 104
5. Ginete. Bronze. 67 (altura)
6. Vênus de Villetaneuse. Bronze. 105 (altura)

7. "Klackson". Lataria-carroceria. 200 x 220
8. Bob. Cobre. Prop. do Snr. Bob Calle. 143 x 40 x 40
9. Compressão. Ferro. 45 x 34 x 10
10. Compressão. Ferro. 80 x 50 x 10
11. Pacholette. Bronze. 85 x 77 x 102
12. Polegar de Cesar. Poliester. 100 x 40
13. Expansão Controlada. Plástico. 220 x 160
14. 13 Litros em Expansão. Espuma de polistireno. 160 x 170 x 80
15. Seio. Plástico. 50 x 190 x 220
16. Três Baldes em Expansão. Plástico. 60 x 70 x 50
17. Vitória de Villetaneuse. Bronze. 240

**RAYNAUD, Jean — Pièrre (1939)**

18. Psico — Objeto, Torre de Babel. Panolac, plexiglas e alumínio. 200 x 60 x 300
19. Psico — Objeto, Maçã. Panolac, plexiglas e alumínio. 35 x 103 x 93
20. Psico — Objeto 27, Auto — Retrato. Panolac, plexiglas e alumínio. 45 x 60 x 180
21. Psico — Objeto 27 A 1. Ferro, panolac, tecido e plexiglas. 15 x 45 x 90
22. Psico — Objeto 27 — Rosto Censurado. Panolac, alumínio, plexiglas e foto. 210 x 310
23. Psico — Objeto 27 Canto A. 96 x 72 x 72
24. Psico — Objeto 27 A 6. Ferro, panolac e alumínio. 160 x 60 x 165
25. Psico — Objeto 27, Tôrre. Madeira, panolac, alumínio e plexiglas. 460 x 91 x 91
26. Psico — Objeto 27, Duplo. Panolac, alumínio, plexiglas, foto. 210 x 70

# **GRÃ- BRETANHA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
BRITISH COUNCIL, LONDRES.

COMISSÁRIO:  
LILIAN SOMERVILLE



# GRÃ-BRETANHA

## RICHARD SMITH

Durante a última década o mundo artístico internacional se viu exposto a uma variedade de linguagens sem precedentes — do Expressionismo Abstrato às Estruturas Primárias, — cada uma das quais gozando de voga e aceitação em escala transcontinental. Em lugar de comprometer-se exclusivamente com esta ou aquela escola, Richard Smith realiza a proeza de combinar com êxito elementos de diversas tendências numa síntese altamente original. Já em 1956, ainda simples estudante do Royal College of Art, escrevia artigos sobre cultura popular para a revista Ark. Mais ou menos por essa época viu a pintura de Sam Francis — a primeira, em sua experiência, que ia além do modernismo “tradicional” da Escola de Paris.

Começou a pintar num estilo baseado no Expressionismo Abstrato, investigando as possibilidades da “all-over painting” (camadas uniformes sobre a tela toda), à maneira de Pollock.

Em 1959 mudou-se para Nova Iorque, graças a uma bolsa de pós-graduação (“Harkness Fellowship”), e durante esta permanência inicial, de dois anos, sua pintura começou a ganhar formas definidas. Tudo não passou, a princípio, de uma simples questão de substituir o “all-over brush work” (trabalho de pincel sobre a tela toda) por áreas definidas de cor, mas, em torno de 1961, Smith estava lançando mão de referências muito claras à publicidade de cartazes e a manhas de técnicas fotográficas. Chegando a acôrdo com a nova pintura pôde prosseguir caminho e iniciar a investigação sistemática do “Soft Sell” (técnica de sutilezas publicitárias). A familiaridade com o livro “The Mechanical Bride”, de McLuhan, pode ter sido decisiva no desviar sua atenção das imagens da cultura popular para os meios de transmiti-las ao público. Passou a se interessar pela sensibilidade dos meios de influenciar a massa — mudanças nos hábitos visuais, por exemplo, determinadas pela introdução do tecnicolor e do cinemascopo, por novas técnicas de embalagem e apresentação, e mudanças de estilo na fotografia de publicidade.

A pintura de Smith nos primeiros anos do atual decênio manteve-se suficientemente “pintura” (“painterly”, “malerisch” — não linear, volume e cor) para satisfazer o purista, mas seu interesse pela manipulação da visão buscada pela publicidade de massas tornou-se cada vez mais óbvia. Começando por alusões de nível muito geral — um quadro podia partilhar certo sentido de escala, certa área de sensação retiniana, com um filme cinematográfico para telas largas — passou a referências muito diretas. Em 1962 seu interesse por embalagem levou-o a pintar suas primeiras telas “caixa.” Embalagens — muitas vezes carteiras de cigarros — eram apresentadas em perspectiva dramática. Embora reconhecíveis, estavam longe de constituir representações do tipo “trompe l’oeil”. Por vezes a imagem era múltipla, imitando a repetição de motivos de arte publicitária,

doutras, exploravam-se certos artifícios da publicidade de massas — iluminação por refletores, por exemplo.

Os quadros eram freqüentemente grandes, refletindo um mundo em que era possível, como frizou o artista, “afogar-se num copo de cerveja e viver em habitações geminadas construídas com carteiras de cigarros”. Começou a empregar telas modeladas a fim de dar maior destaque às suas caixas. Seguiu-se a utilização de extensões tri-dimensionais na pintura, mais uma vez dentro das linhas adotadas pelos artistas de cartazes, que freqüentemente levantam estruturas a partir da superfície do quadro numa tentativa de dar ao produto anunciado nova dimensão de “realidade”.

A ferramenta padrão do pintor “Pop” é a colagem — seja a montagem efetiva de objetos e imagens fotográficas, seja a “colagem pintada”, como a utilizada por artistas como Rosenquist. Em contraste, o ponto de partida de Smith tem sido sempre a manipulação de pintura, forma, côr e objetos como coisas em si mesmas. Tal como o artista “Pop” êle tem explorado as sensibilidades da publicidade de massas, embora exclusivamente em t ermos de pintura. Em lugar de trazer a publicidade de massas à pintura êle levou a pintura à publicidade de massas. Em seu trabalho mais recente os interesses “painterly” (“malerish” — não-linear, volume e côr) acentuaram notórias referências às imagens populares, mas de uma forma que antes desenvolve que contradiz sua visão anterior. A tela modulada e estendida passou a interess -lo como uma idéia de possibilidades próprias. Tendo incorporado as novas sensibilidades à sua técnica pessoal, não havia razões que justificassem ficar êle pr so ao motivo central eventualmente tratado por elas.

Trabalhos recentes tiram proveito dos suaves contornos tridimensionais obtidos pela distensão de uma tela s bre uma arma o retangular rasa, de profundidade irregular. As dimensões da arma o determinam a aparência do trabalho final. Entram em jôgo apenas duas op es: o artista decide a respeito da estrutura e do tamanho da arma o e escolhe as côres, que são aplicadas em rigorosa obediência à topografia da tela. As dimensões podem variar numa base modular e, em conseq ncia, o resultado será constituído por uma série de pinturas matematicamente relacionadas.   tentador considerar essas pinturas como uma ponte lançada entre a escultura e a pintura, mas esta não constitui a inten o do artista. O conceito da superfície do quadro continua a ser vital ao seu trabalho. Em algumas de suas primeiras pinturas êle se interessou pelas no es “em foco” e “fora de foco”. Podemos apreciar a continuidade de seu desenvolvimento se considerarmos êsses trabalhos mais recentes, aparentemente abstratos, como uma explora o, em t ermos muito parecidos, das conven es da superfície do quadro. Êste campo de investiga o está muito distante de tudo o que seja escultural. Smith sempre foi, e continua sendo, essencialmente pintor; um pintor que expandiu enormemente a sensibilidade de sua técnica sem qualquer sacrifício de sua integridade.

Christopher Finch

## WILLIAM TURNBULL

William Turnbull (nascido em 1922) era um dos mais jovens integrantes do grupo de oito escultores britânicos que expuseram pela primeira vez em âmbito internacional na Bienal de Veneza de 1952, lembrando ao mundo que a escultura britânica não se resumia a Moore e Hepworth. A partir de então tem exibido muito na Europa e nos Estados Unidos.

A primeira fase da carreira de Turnbull corre paralelamente à de Paolozzi. Ambos nasceram na Escócia, estudaram na Slade School, em Londres, e trabalharam a seguir em Paris, antes de se fixarem permanentemente em Londres, em 1950. Não é de estranhar, por conseguinte, que existam pontos de contato em seus trabalhos iniciais. Tais semelhanças refletem, de certa forma, influências comuns (a exemplo do que ocorre com Moore e Hepworth); mas, durante a década 1950-59, tornaram-se mais evidentes as qualidades individuais dos dois escultores e Turnbull surgiu, em 1960, como um pintor de considerável significação.

Brançusi e Giacometti serviram-lhe de coordenadas: pode-se mesmo dizer que Turnbull decidiu colocar-se na tradição dêles, fora do alcance de influências inglêsas. Isto foi feito pensada e deliberadamente: Turnbull não é um artista agressivamente revolucionário, e, em retrospecto, o desenvolvimento de seu trabalho é de uma lógica transparente e clássica. Um climax inicial foi alcançado nas esculturas de 1955-63, peças hieráticas e quase-ícones, em que se combinam elementos simples, feitos de materiais tradicionais de escultura-bronze, pedra e madeira. O artista chamou a êsses trabalhos "imagens sem templos" — estava então muito interessado na relação entre a experiência religiosa e a experiência artística, e na importância do ambiente em que a arte produz a sua impressão. Para êle, ver uma exposição de Pollock e de Rothko, de Monet ou de Matisse da última fase, era "uma experiência vizinha da exaltação do sagrado, um ritual de celebração que evitava a culpa da Crucifixação, ou o sangue de sacrifício que associou muitas vezes a tais sensações".

As ambigüidades de Turnbull, como as suas intenções, são filosóficas, não são formais. Como vimos, seu temperamento evita o drama e a paixão do Cristianismo, preferindo adotar, como Brancusi, uma visão mais contemplativa do mundo, e encontrando inspiração na filosofia oriental. Mas se a resposta é eterna, a indagação é muito de nosso tempo. Turnbull reconciliou-se com o presente, e seu trabalho manifesta sua crença na liberdade de ação do homem, na necessidade de escolha e de decisão a todo instante. Tudo precisa ser desbastado e reduzido à sua essência, de forma a tornar mais clara esta situação existencial.

Esta é também a lição das pinturas. Elas não têm forma, contórno ou imagem; só têm côr. Este era o elemento que costumava faltar à escultura, mas desde que Turnbull passou a trabalhar com aço, a distinção desapareceu, e agora a pintura e a escultura estão mais intimamente integradas. Ambas, por

exemplo, partilham de um formato relacionado com a dimensão humana. A pintura parece aspirar ao monocromático — ao campo saturado de cor — embora necessite de um bordo, de uma cambiante de cores, a fim de estabelecer certa tensão. Ela não é platônica nem geométrica, nem é Turnbull um pintor de “bordos duros” (“a hard-edge painter”). Um dos primeiros europeus a admirar os pintores americanos de ação, Turnbull vem pintando telas simétricas há quase dez anos. Exibiu-as pela primeira vez na exposição “Situation”, em Londres, em 1960 — ocasião importante, porque marcou a apresentação pública de um novo grupo de pintores, muitos dos quais mais jovens do que Turnbull, com o sentido de proporção e uma qualidade de abstração novas na arte inglesa. A pintura de Turnbull era talvez a mais radical que vinha sendo então feita na Inglaterra, e o convertera numa figura central entre os artistas. Sua extrema simplicidade revelou-se, todavia, desconcertante, e esses quadros têm sido pouco exibidos e escassamente colecionados. É difícil para um pintor-escultor genuíno, como Turnbull, conquistar a aceitação do público.

E para voltar aos trabalhos. Tanto os quadros como as esculturas produzem o mesmo efeito. Eles não são propriamente objetos memoráveis, existindo fora do tempo. Parecem existir somente em nossa experiência deles. Mantem-se perturbadores também, porque nos interrogam e nos deixam com a responsabilidade de opinar não sobre o trabalho em si mesmo, mas sobre a qualidade de nossa reação diante dele.

Alan Bowness

## PATRICK CAULFIELD, DAVID HOCKNEY, ALLEN JONES

Este ano, a contribuição britânica à Bienal de São Paulo é integrada pela obra de três destacados artistas da nova geração. Além de trabalhos gráficos, cada um deles envia, como pintura, um quadro grande. Quando Patrick Caulfield (nascido em 1936), David Hockney (nascido em 1937) e Allen Jones (nascido em 1936) estudavam no Royal College of Art, em Londres, no ano de 1960, uma nova pintura estava sendo inventada. Lawrence Alloway chamou-a Pop Art, rótulo que logo se transformou em nome de guerra de amplitude internacional, mas que inicialmente descrevia fenômeno puramente britânico.

Tendo embora algo em comum, cada um desses três artistas se expressa de forma distinta e inteiramente pessoal (caberia aqui notar, talvez, que o desenvolvimento de Caulfield foi independente do de Lichtenstein). São todos pintores pós-abstratos, para os quais a imagem pictórica possui importância, e cujos quadros são inteiramente feitos de imagens de amor e de afeto. Suas atitudes em relação à vida são positivas, afirmativas e, de maneira geral, singularmente bem-humoradas. As litografias de Allen Jones foram, em sua maioria, escolhidas de duas séries recentes — “A New Perspective on Floors” (Uma Nova Perspectiva sobre Assoalhos), e “A Fleet of Buses” (Uma Frota de Ônibus) — assuntos favoritos em que atualmente se reflete nas gravuras a capacidade inventiva de seus “shaped



paintings” (quadros com formato, i. e., não retangulares). Ao erotismo altamente matizado do trabalho de Jones corresponde a forma mais discreta de David Hockney nas águas-fortes Cavafy. O fascínio de Hockney por Alexandria (que êle visitou pela primeira vez em 1963) quase rivaliza com sua afeição por Los Angeles, e seu talento para a ilustração encontra campo ideal nas linhas nostálgicas de Cavafy. Falta ao trabalho de Caulfield, por outro lado, sensualidade mais sofisticada e faz indagações mais ousadas sôbre a natureza da obra de arte. Por trás da imagem banal se esconde desígnio de estupendo poder.

Alan Bowness

## PINTURA

### CAULFIELD, Patrick (1936)

1. Vista da Baía, 1964. 122 x 183

### HOCKNEY, David (1939)

2. Retrato Rodeado de Objetos Artísticos, 1965. Tinta plástica sobre tela. 152 x 183

### JONES, Allen (1936)

3. Mulher Vista de Relance, 1965. 152 x 152

### SMITH, Richard (1931)

#### ACRÍLICO SÔBRE TELA

4. Um Ano Completo, Um Meio Dia, n.º 1, 1966. 152 x 152 x 30
5. Um Ano Completo, Um Meio Dia, n.º 3, 1966. 152 x 152 x 30
6. Um Ano Completo, Um Meio Dia, n.º 6, 1966. 152 x 152 x 30
7. Um Ano Completo, Um Meio Dia, n.º 8, 1966. 152 x 152 x 30
8. Um Ano Completo, Um Meio Dia, n.º 10, 1966. 152 x 152 x 30
9. Um Ano Completo, Um Meio Dia, n.º 12, 1966. 152 x 152 x 30
10. Alfabeto Sumário (A), 1966. 72 x 72 x 25
11. Alfabeto Sumário (B), 1966. 72 x 72 x 25
12. Alfabeto Sumário (C), 1966. 72 x 72 x 25
13. Bembelelém, 1966. 213 x 640 x 43
14. Segunda Volta I, 1967. 137 x 137 x 18
15. Segunda Volta II, 1967. 137 x 137 x 18
16. Segunda Volta III, 1967. 137 x 137 x 18
17. Segunda Volta IV, 1967. 137 x 137 x 18
18. Segunda Volta V, 1967. 137 x 137 x 18

### TURNBULL, William (1922)

19. 11-1965. 140 x 254
20. 7-1966, acrílico sobre tela. 178 x 178
21. 8-1966, acrílico sobre tela. 178 x 178
22. 12-1966, acrílico sobre tela. 203 x 153

## GRAVURA

### CAULFIELD, Patrick (1936)

#### SERÍGRAFIA

1. I.C.A. Serigrafia (Ruínas), 1964. 51 x 76
2. Cabana de Fim de Semana, 1966. 56 x 92
3. "Bonbonnière", 1966. 56 x 92
4. Natureza Morta Colorida, 1966. 56 x 92
5. Terracota, 1966. 49 x 76
6. A Carta, 1966. 49 x 76
7. O Eremita, 1966. 56 x 84

HOCKNEY, David (1939)

8. Hipnotizador, 1963. Água-forte. Col. John Kasmair, Londres, 50 x 50
9. Natureza Morta, 1963. Litografia. 56 x 41
10. Edward Lear, 1964. Água-forte. 50 x 40
11. Menino da Selva, 1964. Água-forte. 40 x 50
12. "Pacific Mutual Life", 1964. Litografia. 52 x 64
13. Água Caindo em Piscina, Santa Mônica, 1964. Litografia. 51 x 66
14. Retrato em Frente de Uma Cortina, 1964. Litografia. 50 x 66

SÉRIE COLEÇÃO HOLLYWOOD, 1965

LITOGRAFIA

15. Natureza Morta com Moldura de Prata Lavrada. 78 x 52
16. Paisagem com Moldura de Ouro Lavrado. 78 x 52
17. Retrato com Moldura de Prata. 78 x 52
18. "Melrose Avenue" com Decorativa Moldura de Ouro. 78 x 52
19. Nu Tradicional (desenho) com Moldura Simples. 78 x 52
20. Abstração sem Sentido Emoldurada sob Vidro. 78 x 50

SÉRIE "14 POEMAS E C. P. CAVAFY, 1966"

21. Retrato de Cavafy. Água-forte. 36 x 23
22. Dois Jovens de 23 e 24 Anos. Água-forte e Aquatinta. 36 x 23
23. Êle Indagava a Qualidade. Água-forte e Aquatinta 36 x 23
24. Permanecer. Água-forte e Aquatinta. 36 x 23
25. De Acôrdo com a Fórmula de Antigos Feiticeiros. Água-forte. 36 x 23
26. Num Livro Antigo. Água-forte. 36 x 23
27. Vitrina de Tabacaria. Água-forte e Aquatinta. 36 x 23
28. Numa Vila Sombria. Água-forte. 36 x 23
29. O Comêço. Água-forte. 36 x 23
30. Uma noite. Água-forte e Aquatinta. 36 x 23
31. Desespêro. Água-forte. 36 x 23
32. Belas Flôres Brancas. Água-forte e Aquatinta. 36 x 23

JONES, Allen (1936)

LITOGRAFIA

33. Cabeça de Hermafrodita, 1964. 71 x 56
34. Sôbre o Casamento n.º 1, 1964. 76 x 56
35. Sôbre o Casamento n.º 2, 1964. 76 x 56
36. Sôbre o Casamento n.º 3, 1964. 76 x 56
37. Sôbre o Casamento n.º 4, 1964. 76 x 56
38. Sôbre o Casamento n.º 5, 1964. 76 x 56
39. Sôbre o Casamento n.º 6, 1964. Col. The British Council. 77 x 56
40. Sôbre o Casamento n.º 7, 1964. Col. The British Council. 77 x 56

41. Sôbre o Casamento n. 8, 1964. 76 x 56
42. Mulher, 1965. Litografia e colagem. 71 x 56
43. Ônibus Grande, 1966. 103 x 109
44. Frota de Ônibus, I, 1966. 64 x 56
45. Frota de Ônibus, II, 1966. 64 x 56
46. Frota de Ônibus, III, 1956. 64 x 56
47. Frota de Ônibus, IV, 1966. 64 x 56
48. Frota de Ônibus, V, 1966. 64 x 56
49. Nova Perspectiva em Assoalhos I, 1966. 76 x 57
50. Nova Perspectiva em Assoalhos II, 1966. 76 x 57
51. Nova Perspectiva em Assoalhos III, 76 x 57
52. Nova Perspectiva em Assoalhos IV, 1966. 76 x 57
53. Nova Perspectiva em Assoalhos V, 1966. 76 x 57
54. Nova Perspectiva em Assoalhos VI, 1966. 76 x 57

## ESCULTURA

### WILLIAM, Turnbull (1922)

1. N.º 3, 1964. Aço pintado em azul. 259 x 38
2. 3 x 1, 1966. Aço pintado em vermelho. 254 x 236 x 79
3. 3/4/5, 1966. Aço pintado em vermelho e laranja. Col. Mr. and Mrs. Alistair McAlpine, Londres. 254 x 236 x 79
4. Fim, 1966. Aço pintado em cinzento. 216 x 89 x 46
5. X, 1966. Aço pintado em azul. 164 x 221 x 102
6. Tríplice, 1966. Aço pintado em vermelho. 224 x 127 x 56
7. Ruptura, 1966. Aço pintado em azul. 68 x 272 x 64
8. Cano, 1966. Aço inoxidável. 119 x 51 x 51

# GRÉCIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
DIRECTION DES BEAUX ARTS,  
MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION  
NATIONALE ET DES CULTES,  
ATENAS.



# GRÉCIA

Os sete artistas — pintores, escultores e gravadores — que representam a arte grega atual na IX Bienal, diferem uns dos outros em estilo e tendências.

Considerando-os em relação aos nossos artistas que participaram da Bienal anterior, em 1965, observa-se uma ampliação no campo das pesquisas plásticas, o que dá igualmente uma idéia da diversidade das formas da arte grega contemporânea.

Dos três pintores, Gaitis, colorista de grande intensidade, empresta a suas imagens uma visão cheia de frescor, imagens de festas ao ar livre e arquetipos da infância em estilo de figuração narrativa e encerrando certos elementos da tradição e da fantasia populares. Caras, por sua vez, desenvolve em suas telas acentuado poder de expressão. Suas figuras e máscaras, cuja deformação aumenta a tensão dramática, situam-no no linha de um expressionismo neo-figurativo. E, finalmente, Tsoclis, com uma originalidade bem viva, à qual não falta certa ordem, apresenta seus objetos em relêvo plástico sôbre madeira.

Quanto aos escultores, nota-se a espontaneidade viril de concepção e a força expressiva dos bronzes de Parmakelis. Por seu lado Polychronopoulos atinge, em suas esculturas abstratas, um equilíbrio essencial entre volume e espaço.

Os dois gravadores são notáveis pelo apêgo a seus processos e pelo espírito de procura inquieta. Helena Iconomidou domina a expressão e simplificação das formas. As gravuras em madeira e calcografias em côres de Pandelakis revelam sua técnica firme e senso de equilíbrio.

A arte grega, em nossos dias, em virtude das trocas de influência com o Ocidente, evidencia uma diversidade de expressão que chega às mais avançadas formas da "avant-garde". Mas, ao mesmo tempo, mantém seu caráter próprio, que reside no senso da medida e no conteúdo humano, ditados pelo meio natural, pela harmonia das linhas do solo, pela limpidez luminosa da atmosfera e pelos fatores moderadores das tradições clássica e bizantina. Os artistas gregos tomam parte ativa nas pesquisas plásticas e nas realizações dos grandes centros artísticos do Ocidente, mas não deixam de guardar o traço específico da arte helenica contemporânea.

## PINTURA

### CARAS, Christos

1. O Homem de Dachau, 1966. 100 x 73
2. Duas Pessoas Aterrorizadas. Cena Vista Duas Vêzes, 1966. 194 x 146
3. Casal Jovem Visto uma Vez de Perfil e Duas Vêzes de Frente. 291 x 146
4. Torso — Uma Vez de Costas e Três Vêzes de Perfil, 1967. 88 x 175
5. Mulheres que Esperam, 1967. 162 x 73
6. Figura que Olha, 1967. 146 x 114
7. Casal em Fundo Riscado, 1967. 130 x 130

### GAITIS, Yannis (1923)

8. Turno da Morte, 1967. 160 x 230
9. Espectadores, 1967. 160 x 230
10. Espelhos, 1967. 160 x 230
11. Uma Estória, 1967. 160 x 230
12. Automóveis, 1967. 200 x 160
13. Cavalinhos de Pau, 1967. 200 x 160
14. Volta ao Mundo com 20 Cêntimos, 1967. 220 x 175

### TSOCLIS, Constantin (1930)

#### PLÁSTICO SOBRE MADEIRA

15. Mesa, 1967. 180 x 122
16. Cadeira Desmontável, 1967. 180 x 122
17. Interdição, 1967. 180 x 220
18. Porta, 1967. 220 x 125
19. Janela, 1967. 130 x 125
20. Caixas de Embalagem, 1967. 153 x 111
21. Caixas de Embalagem, 1967. 153 x 111

## GRAVURA

### ICONOMIDOU, Helena (1939)

#### XILOGRAVURA

1. Ôlho, 1966. 54 x 91
2. O mundo, 1966. 55 x 89
3. Verde e azul, 1966. 66 x 80

#### LITOGRAVURA

4. O piano, 1967. 56 x 71
5. Mesa, 1967. 54 x 72
6. Após, 1967. 75 x 55
7. Composição, 1967. 59 x 70
8. Composição, 1967. 54 x 57
9. Acima da Rua, 1967. 73 x 51
10. Rosto, 1967. 85 x 39



## **PANDELAKIS, Basile (1934)**

### **CHALCOLITOGRAFIA**

11. Nu, Número 1, 1963. 26 x 41
12. Composição n.º 1, 1963. 45 x 34
13. Composição n.º 2, 1964. 31 x 41
14. Nu, Número 2, 1965. 28 x 37
15. Composição n.º 3, 1965. 51 x 36

### **XILOGRAVURA**

16. Composição n.º 4, 1966. 36 x 55
17. Cabeça, 1966. 21 x 28

### **LITOGRAFIA**

18. Peixe, 1966. 50 x 34
19. Composição n.º 5, 1966. 37 x 51

## **ESCULTURA**

### **PARMAKELIS, Jean**

#### **BRONZE**

1. Mulher Sentada, 1966. 120 x 95 x 30
2. Corpo de Homem, 1966. 80 x 45 x 50

### **POLYCHRONOPOULOS, Costas (1931)**

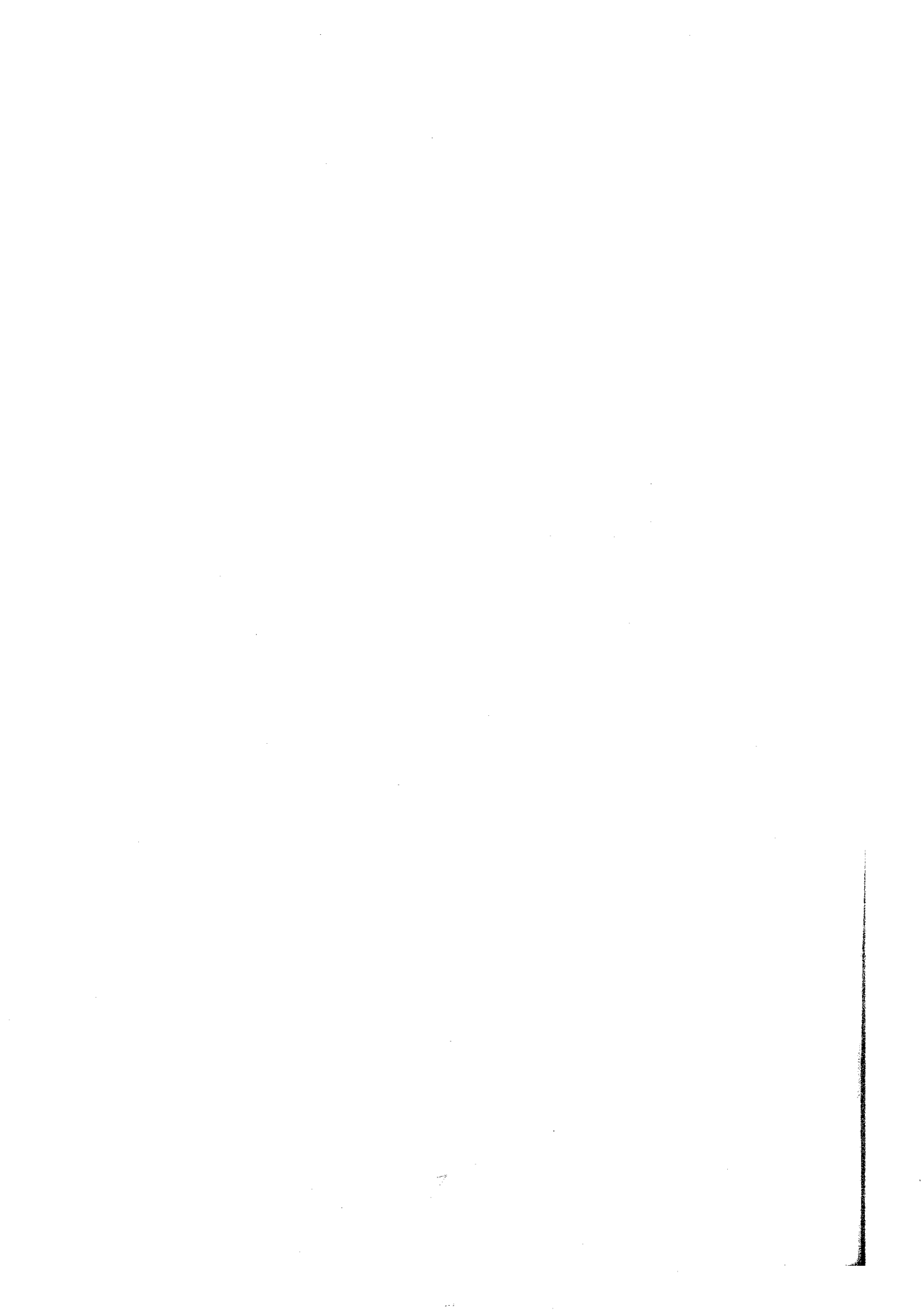
#### **MÁRMORE**

3. Espírito Skironiano, 1967. 200 x 45 x 35
4. Gênese, 1967. 140 x 165 x 80



# **GUATEMALA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
DIRECCIÓN GENERAL  
DE CULTURA  
Y BELLAS ARTES,  
DO MINISTERIO DE EDUCACIÓN,  
GUATEMALA.



## PINTURA

**DIAZ A., Luis H. (1939)**

TÉCNICA MISTA

1. Pintura I, 1967. 82 x 122
2. Pintura II, 1967. 82 x 122
3. Pintura III, 1967. 82 x 130
4. Pintura IV, 1967. 82 x 122
5. Pintura V, 1967. 82 x 122

**MISHAAN, Rodolfo (1924)**

ACRÍLICO COM OURO

6. O Quetzal Ferido, 1967. 110 x 150
7. "Tecun Ascende", 1967. 110 x 150

**ROJAS, Elmar (1937)**

TÉCNICA MISTA

8. Tema I. Encontro, 1963. 82 x 130
9. Tema II. Homens de Argila, 1965. 86 x 120
10. Tema III. Menino Petrificado, 1965. 78 x 116
11. Tema IV. Jardim de Crianças, 1965. 82 x 120

## DESENHO

**CABRERA, Roberto (1939)**

TINTA

1. Genesis I, 1967. 99 x 72
2. Genesis II, 1967. 99 x 72
3. Genesis III, 1967. 99 x 72
4. Genesis IV, 1967. 99 x 72
5. Genesis V, 1967. 99 x 72
6. Genesis VI, 1967. 99 x 72
7. Genesis VII, 1967. 99 x 72
8. Genesis VIII, 1967. 99 x 72

## GRAVURA

**CABRERA, Roberto (1939)**

AQUATINTA

1. Mulata de Tal n.º 10, 1967. 30 x 40
2. Mulata de Tal n.º 11, 1967. 30 x 40
3. Mulata de Tal n.º 12, 1967. 30 x 40
4. Mulata de Tal n.º 13, 1967. 30 x 40
5. Mulata de Tal n.º 14, 1967. 30 x 40
6. Mulata de Tal n.º 15, 1967. 30 x 40
7. Mulata de Tal n.º 16, 1967. 30 x 40



# HAITI

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
FOYER DES ARTS PLASTIQUES,  
PORT-AU-PRINCE.

COMISSÁRIO:  
WILSON JOLICOEUR





# HAITI

Existe atualmente forte corrente de modernismo especificamente haitiano entre os nossos artistas da "avant-garde".

Houve, sempre, ao lado de nossos notórios primitivos — que apresentaram a arte haitiana ao mundo cultural — os modernos que praticaram a "pintura intelectual". Dêstes, entretanto, quase todos imitaram os fauvistas e os mestres da Escola de Paris.

É agora o grupo "Frido-Vilaire-Tiga que, em manifesto, no "Boletim Artístico n.º 1", de 26 de Março de 1967, apresenta suas idéias sôbre a tendência atual da arte no Haiti e preconiza o caminho mais positivo com vistas à uma Arte Nova, uma Arte Moderna Haitiana.

Jean Claude Garoute, porta-voz do grupo escreve: "Parece hoje que a arte haitiana se interroga. Sua tendência principal é a da volta ao "vodou" e de sua utilização, desta vez consciente, para expressar não a mentalidade religiosa ou particular do haitiano, mas, através dos símbolos e dos sinais, o homem, em sua universalidade. Permanecer haitiano e lançar-se ao cosmos, tal parece ser a ambição das correntes mais jovens e mais dinâmicas de nossa pintura contemporânea".

Fora dos artistas do grupo de Garoute, constatamos, em algumas obras apresentadas à IX Bienal de São Paulo, êste mesmo esforço de estilização ou de criação moderna a partir do "vodou". "Os 2 Mundos" de Joseph D. Raymond; "Senhora da Floresta" de Dieudonné Cédor; "Cena de Vodou" de Joseph Jacob; "Janvalou para Iris", "Barão Samedi, Embaixador da Paz", "Banda Layé d'Ornega para Alpha" e "Zaca, Governador do Orvalho" de Wilson Jolicoeur; "Harmonia no Balcão do Paraíso" de Arntz Dérose.

Assim, paralelamente ao grupo Garoute, que prossegue em suas pesquisas sôbre o folclore nacional na cerâmica e na pintura, outros artistas procuram exprimir em suas obras seu protesto, sua poesia e sua esperança, como pessoas humanas que são, no caminho da cultura e das crenças populares haitianas.

Wilson Jolicoeur

## PINTURA

AUSTIN, Wilfrid (Frido) (1945)

PASTEL

1. Choque, 1967. 51 x 61
2. Esperança, 1967. 51 x 61

CÉDOR, Dieudonné (1925)

3. Senhora da Floresta, 1967. 61 x 92

DÉROSE, Arntz (1934)

4. Harmonia no Balcão do Paraíso, 1966. 60 x 35
5. Natureza Morta com Frutos Tropicais, 1967. 56 x 41

EXUMÉ, Raynold (1955)

6. Cena de Mercado, 1967. Óleo sôbre papelão, 30 x 50
7. Hospital, Local de Nascimento, 1967. Óleo sôbre papelão. 23 x 41
8. "Rara", 1967. Óleo sôbre papelão.

EXUMÉ, René (1929)

9. Dança das Sombras, 1967. 40 x 61
10. Composição, 1967. 41 x 61
11. Dança do Rei de "Rara", 1967. 38 x 61

GARDÈRE, Marie — José (1931)

12. Ritmos, 1967. 61 x 81
13. Ameaça, 1967. Óleo sôbre madeira compensada. 31 x 122
14. Engenho Espacial, 1967. Óleo sôbre madeira compensada. 30 x 40

GAROUTE, Claude

15. O Despertar, 1967. Aquarela. 51 x 61
16. Fogo, 1967. Aquarela. 51 x 61

JACOB, Joseph (1924)

17. Cena "Voudou", 1967. 46 x 66

JACQUES, Harry M. (1937)

18. Mexicanos, 1967. Cêra sôbre tela. 76 x 102
19. O Corpo de Cristo, 1967. Cêra sôbre tela. 61 x 102
20. A Igreja, 1.º Estudo, 1967. 61 x 61

JOLICOEUR, Emmanuel (1928)

21. Farândola de Máscaras, 1966. Óleo sôbre papelão. 40 x 60
22. Trio em Coração, 1966. 50 x 60

**JOLICOEUR, Wilson (1932)**

23. Zaca, Governador do Orvalho, 1967. 40 x 56
24. Barão "Samedi", Embaixador da Paz, 1967. 42 x 52
25. "Banda Layé d'Omega para Alpha", 1967. 44 x 65
26. "Yanvalou" para Iris, 1967. 45 x 66

**JOSEPH, Charles Christian (1929)**

27. Ovos com Esporas, 1967. Óleo sobre papelão. 45 x 45

**LAFONTANT, Daniel (1922)**

28. Paisagem, 1967. 45 x 76

**LAMOTHE, Ghislaine F. (Gizou) (1935)**

29. Transparências, 1967. Óleo sobre madeira compensada. 81 x 102
30. Movimento de Asas, 1967. Óleo sobre papelão. 72 x 93

**MALLEBRANCHE, Elzira (1919)**

31. Zumbi, 1966. 41 x 51
32. Rosa, 1966. 40 x 40
33. Máscara, 1966. 36 x 46

**NAUDÉ, Andrée Georges (1904)**

34. Ruas Vermelhas de Dallas, 1967. Colagem. 95 x 130
35. Colagem, 1967. 51 x 61
36. Ritmo, 1967. 41 x 51

**RAYMOND, Joseph (1931)**

37. Dois Mundos, 1967. 46 x 71
38. Ritmo "Voudou", 1967. 40 x 51

**DESENHO**

**PLACIDE, Marc — Émile (Milo) 1945)**

**BICO DE PENA**

1. Escrita I, 1967. 51 x 61
2. Escrita II, 1967. 51 x 61
3. Escrita III, 1967. 51 x 61

**VILAIRE, Patrick (1941)**

**TINTA**

4. Fogo Vermelho, 1967. 51 x 51
5. Aurora, 1967. 51 x 61



# **HOLANDA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTERE VAN CULTUUR  
RECREATIE EN  
MAATSCHAPPELIJK WERK,  
RIJSWIJK.

COMISSÁRIO: E. L. L. WILDE



# HOLANDA

A nova geração evidencia que reencontrou o contacto com a realidade social. Seu ponto de partida não é nem um idealismo social nem a negação da sociedade. Aceita, ao contrário, não apenas os resultados científicos e técnicos, como os fatos econômicos e sociais.

A arte reflete (como um espelho) essa mudança de atitude. Descreve a fisionomia de nossa paisagem urbana. A luz de néon substituiu a luz do dia (sol). A indústria substituiu a natureza orgânica. Em nossa sociedade artificial o idílio da natureza deixou de exprimir a realidade.

Outro sintoma é a nova abstração. Na simplicidade das formas livres, que se orientam em direções nitidamente definidas, a forma e a cor unificam-se. A energia, que se liberta, parece a expressão do poder e do espaço que nosso tempo conquistou. Outros estudam as leis dos fenômenos visuais. Suas estruturas regulares possuem a fria beleza que os matemáticos encontram em seus sistemas. Não falam de suas pinturas mas de seus programas.

Não obstante a atitude de objetividade científica, a fantasia pessoal salta aos olhos.

Dentro dessa corrente, que possui tradição nos Países Baixos, escolhemos três artistas:

Schoonhoven: estruturas simples, com carácter matemático regular determinado pela sensibilidade.

Dekkers: evolução sistemática da forma geométrica, dando lugar ao movimento.

Struycken: forma e cor, submetidas à mesma lei matemática, unificam-se.

E. L. L. de Wilde

## PINTURA

### DEKKERS, Ad (1938)

1. Quadrados Deslocados, 1965. Madeira. Col. Museu Municipal, Schildam. 120 x 120
2. Relêvo com 18 linhas II, 1965. Madeira 125 x 125
3. Relêvo com Cortes à Serra, 1965. Madeira. W. A. Van Ravesteyn, Amsterdam. 90 x 90
4. Relêvo com Linha e Meia, 1965. Madeira H. Ribbens, Amsterdam. 90 x 90
5. Relêvo com Blocos Brancos, 1965/66. Poliéster. Col. Estadual de Haia. 100 x 200
6. Variação sobre Círculo II, 1965. Madeira. Col. Museu Municipal de Haia. 120 (diâmetro)
7. Variação sobre Círculo III, 1965/67. Poliéster 120 (diâmetro)
8. Relêvo com Pequenos Blocos, 1966. Madeira. 100 x 100
9. Círculo e Quadrado em Transição, 1966. 90 x 90
10. Variação sobre Círculo V, 1966/67. Poliéster. 90 (diâmetro)
11. Octógonos Deslocados I, 1967. Poliéster 160 x 160

### SCHOONHOVEN, Jan (1914)

12. Relêvo de Quadrado Grande, 1959. Técnica mista. Col. Museu Municipal Van Abbe Einchoven. 103 x 127
13. R 1961/64, 1961. Papelão. Col. Eng. J. de Haan, Amsterdam. 90 x 75
14. Prato, 1963. Papelão. Col. Eng. J. de Haan. Amsterdam 98 x 79
15. "Corrugated Cardboard", 1964. Papelão. 120 x 100
16. "Corrugated Cardboard" II, 1964. Papelão. 120 x 100
17. 144 Quadrados, 1965. Papelão. Col. Sra. J. M. Weeber — Hendriks, Rotterdam. 100 x 100
18. Relêvo Horizontal, 1965. Papelão. Col. Gust Romijn, Rotterdam. 80 x 70
19. Três em Um, 1966. Papelão. 100 x 100
20. Superfícies Oblíquas em Quatro Direções, 1966. 100 x 100
21. Círculo, 1967. Papelão. 120 (diâmetro)
22. Quadrado em Ação, 1967. Papelão. Col. Estadual de Haia. 106 x 101
23. Diagonais, 1967. Papelão 126 x 86
24. Quadrado com Diagonal, 1967. Papelão. 104 x 104

### STRUYCKEN, Peter (1935)

25. Relêvo, 1966. Ferro. 121 x 121
26. Estrutura, 1967. Perspex. Col. Sra. G. Van Tricht-Ringeling. — Arnhem. 100 x 100
27. Estrutura, 1967 — Perspex. 100 x 100
28. Estrutura, 1967. Perspex. 100 x 100
29. Estrutura IV, 1967. Perspex. Col. H. Verburg, Arnhem. 100 x 100
30. Estrutura VIII, 1967. Perspex. 100 x 100
31. Estrutura X, 1967, Perspex. 100 x 100



32. Estrutura XI, 1967, Perspex. Col. E. M. G. Scheveningen. 100 x 100
33. Estrutura (XI), 1967 Perspex. 100 x 100
34. Estrutura XII, 1967. Perspex. 100 x 100
35. Estrutura XV, 1967. Perspex. 100 x 100
36. Estrutura XVI, 1967. Perspex. 100 x 100
37. Estrutura XVII, 1967. Perspex. 100 x 100
38. Estrutura XVIII, 1967. Perspex. 100 x 100



# **HONDURAS**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
ESCUELA NACIONAL DE BELLAS  
ARTES, TEGUCIGALPA



# HONDURAS

Dez artistas, com um total de 25 obras, representam Honduras na IX Bienal. O movimento plástico no país, após prolongada busca, em tempo e esforço, vem adquirindo uma fisionomia que tende a dar-lhe caráter próprio dentro das tendências atuais da plástica.

O grupo hondurenho, heterogêneo em muitos aspectos — técnica, preparação, antecedentes, etc. — permite uma visão ampla da atualidade plástica de Honduras. Nêle unem-se professôres e ex-alunos. Entre os primeiros, Arturo López Rodezno (estudou na Itália) remonta às raízes maias trabalhando, especialmente, a técnica do esmalte em cobre; Mario M. Castillo, também com estudos na Itália, busca no acrílico o material adequado para expressar sua criação; Arturo Luna, escultor, ceramista e pintor, recorre, às vêzes, a elementos estranhos que respondam à sua visão plástica. Entre os ex-alunos, Carlos Aníbal Cruz penetra nas formas seculares para extrair delas uma visão própria e renovada de seu universo. Gregório E. Sabillón, por sua vez, volta-se na direção do pessoal e talvez do onírico, resultando disso uma expressão plástica rica em simbolismo. Artemio Villafranca encontrou sua posição vital nas técnicas abstracionistas. Kenneth Vittetoe, auto-didata, (fêz cursos livres, esporadicamente, na Venezuela e Estados Unidos) tende a um abstracionismo construtivo no qual a côr tem vital importância.

Completam a representação de Honduras, Gelásio Giménez, que nasceu em Cuba, onde deixou trabalhos escultóricos, e é atualmente naturalizado hondurenho. Sua técnica apoia-se nos estudos realizados na Academia de Bellas Artes "San Alejandro", em Havana, e suas realizações tendem a revelar um mundo próprio plasticamente expresso. Harold Fonseca, costarriquenho, representa em Honduras uma corrente definida de expressão plástica — formas geométricas, côr, composição — alheia a tôda representação ou interpretação realista. Franz Bagus, chileno, vivendo há muito em Honduras, apresenta três de suas obras trabalhadas em técnica mixta. Seu mundo plástico dá uma visão diferente o que, de certo modo, equilibra as diversas tendências da atualidade hondurenha, servindo assim de ligação entre o profundamente ancestral e o estritamente abstrato.

O fato de ser esta a primeira grande remessa de Honduras a São Paulo indica que nossa arte plástica já ingressa em uma fase de maturidade da qual participam elementos jovens como Carlos Aníbal Cruz e Gregório E. Sabillón, há um ano ainda alunos da Escola de Belas Artes e agora ao lado dos que foram seus mestres; Arturo López Rodezno, atual Diretor Geral de Serviços Culturais e Educação Artística; Mario M. Castillo, Diretor da Escola Nacional de Belas Artes e Arturo Luna (especialização em cerâmica no Instituto Superior de Cerâmica de Faenza, Itália), professor da Escola Nacional de Belas Artes.

Indubitavelmente, é muito cedo para julgamento, na sua totalidade, do alcance e da intensidade dêste movimento. Considerando-se, porém, o passado, não há dúvida de que se

vive uma época de intensidade criadora, de luta pelo domínio de técnicas e de seriedade ante o trabalho. Mesmo que êsse movimento chegue à sua etapa final sem deixar pegadas que fortaleçam outros, pode-se prever que, na vida plástica de Honduras, terá o mesmo de ser considerado, ao escrever-se a história das artes, em nosso país.

Falta — e isto é sensível — uma unidade filosófica a êsse movimento. Poder-se-ia, assim, dizer que responde à uma intuição que se alimenta do íntimo da própria realidade de Honduras: seu passado indígena, presente em muitos motivos e em não poucas “transformações”; seu momento atual, com os problemas de país em desenvolvimento em luta contra o tempo; angústia de algumas formas e violência de alguns coloridos e, igualmente, a pujante necessidade de conseguir um lugar no mundo.

Talvez satisfeitas essas urgências surja uma ordenação ideológica que unifique e dê forma a êsse movimento, transformando-o em um ponto de partida da evolução plástica de Honduras. Em todo o caso já se estabeleceu um marco e pode-se falar em termos de “antes” e “depois”. Antes é o passado remoto — mesmo que tenha terminado ontem — e depois o presente que se projeta para o futuro.

Além de seu valor intrínseco é isto o que representa o envio de Honduras à Bienal de São Paulo — a pequena história atrás da história.

Sergio Honorato

## PINTURA

**BAGUS, Frans (1928)**

TÉCNICA MISTA

1. Desintegração.
2. Reflexo.
3. Desprendimento.

**CASTILLO, Mario M.**

ACRÍLICO

4. Descida.
5. Ginete.

**CRUZ, Carlos Anibal (1943)**

6. Comêço.
7. Primeiro Passo.
8. Diálogo.

**FONSECA, Harold (1920)**

9. Guanaja.
10. Roatan.
11. Cidadela.

**GIMENEZ, Gelásio (1926)**

12. Predestinado.
13. Esquecimento do Passado.
14. Sacrifício Inútil.
15. Catedral Sem Luz.

**LUNA, Arturo (1926)**

TÉCNICA MISTA

16. Bandeiras.
17. Dinamismo

**MOYA, Artemio Villafranca (1941)**

19. Opostos. Técnica mista.

**RODEZNO, Arturo Lopes (1908)**

ESMALTE SÔBRE COBRE

19. Pedras Misteriosas.
20. Visão Mágica de Copas

**SABILLON, Gregorio Enrique (1945)**

21. Repouso.
22. Namorados.

VITTETOE, Kenneth (1940)

23. Verde e Graça.

## DESENHO

RODEZNO, Arturo Lopes (1908)

DESENHO A BICO DE PENA

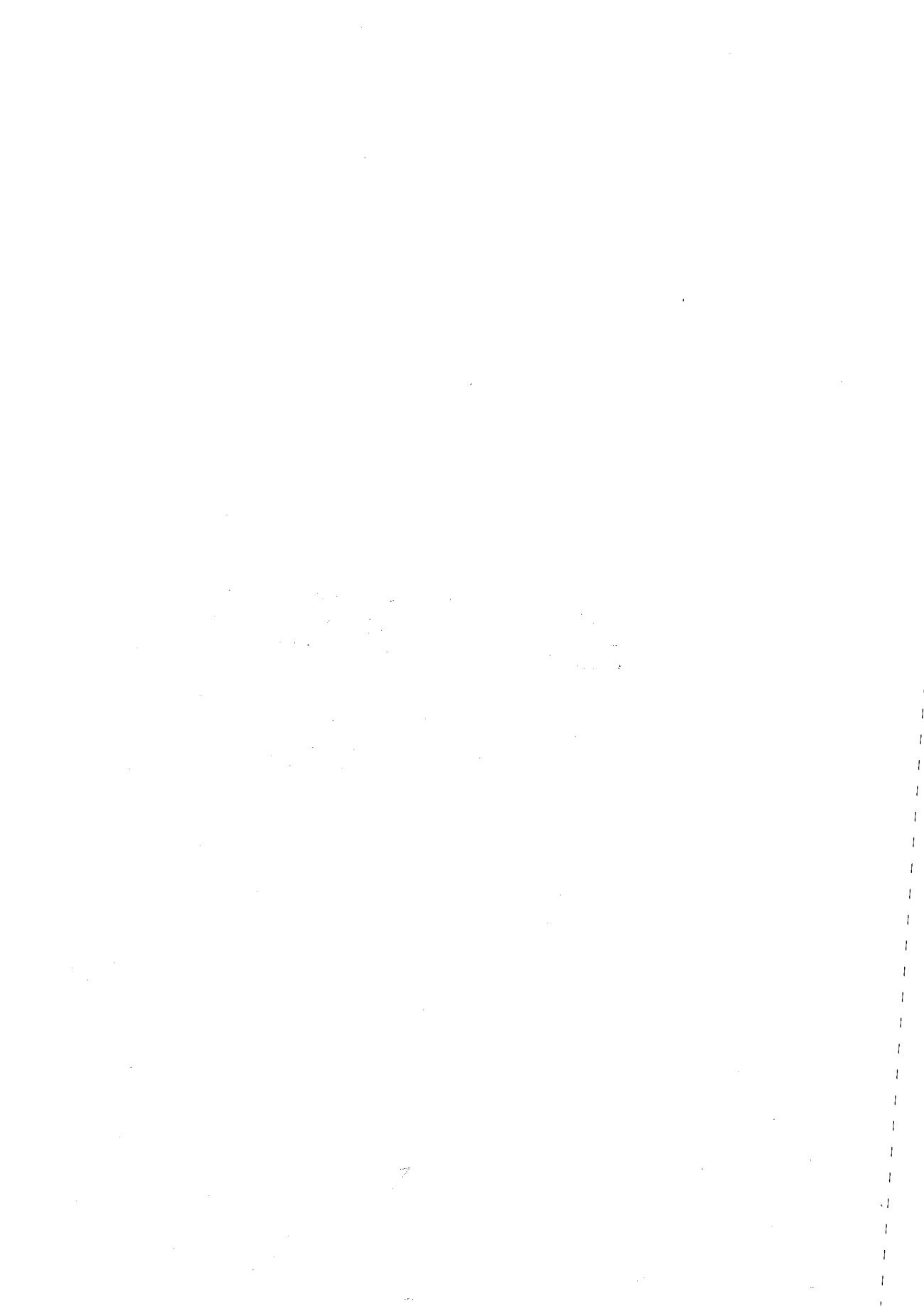
1. Retábulo
2. Totem.



# HUNGRIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
KULTURÁLIS KAPCSOLATOK  
INTEZETE, BUDAPESTE.

COMISSÁRIO:  
SANDOR HEMBERGER



# HUNGRIA

Na mostra húngara na IX Bienal pode ser visto o trabalho de dez gravadores, diferentes entre si e utilizando técnicas diversas em seu "metier".

Gyula Feledy é encarado como um dos expoentes da gravura húngara. Suas ilustrações, especialmente para as obras literárias antigas, expressam, com particular sensibilidade, os pensamentos mais importantes que estimulam a fantasia do leitor de nossos dias, ao oferecer-lhe uma imagem artística resultante da unidade completa da abstração do conteúdo e da forma. Em suas gravuras, notadamente nas em série, mostra acentuada receptividade pelos problemas sociais e consegue captar, ao mesmo tempo, os sentimentos mais diretos da vida cotidiana.

Livius Gyulai é ilustrador que possui grande força de caracterização, conhecendo muito bem a linguagem humanística e as possibilidades artísticas do grotesco.

Arnold Gross já tem no seu ativo uma importante láurea: o prêmio Munkácsy. Em suas gravuras conseguiu criar um mundo de imagens muito característico. Suas água-fortes, de minuciosidade insólita, apresentam um quadro irônico dos costumes da pequena burguesia. Em algumas de suas gravuras cria campos florecidos, povoados por figuras de forma humana. Sua expressão artística apresenta traços irônicos e satíricos.

Gabor Jacs filtra a realidade segundo seu modo particular de ver. Em suas obras a redução exigida pela técnica gráfica ajuda-o a captar a idéia essencial artística.

Béla Stettner é outro gravador de destaque entre os que integram a representação húngara. Em suas mais recentes obras pode ser vista a intenção de expressar um conteúdo rico em idéias e de elaborar meios artísticos variados, na técnica da monotipia em côres homogeneamente distribuídas.

Gabor Pasztor mantém em suas obras como que uma ordem rigorosa. Suas gravuras, que apresentam um estilo todo pessoal, parecem ampliar visualmente o conteúdo da obra literária que ilustram.

Adam Wartz mostra-se atraído por uma inclinação épica, na ilustração de obras literárias. Já tomou parte em várias exposições internacionais, destacando-se entre as mesmas a Bienal de Veneza, Artistas Jovens de Paris, Ljubljana e Moscou.

Béla Kondor é um artista de inclinações filosóficas que vem revolucionando a arte gráfica húngara. Suas gravuras baseiam-se sempre no conteúdo espiritual. Construiu um novo mundo de formas, dentro de um simbolismo completamente pessoal. Seus

símbolos radicam-se no mundo moderno, sem conter nem por simples acaso elementos usuais, e reflete a esperança e a angústia de nossa época.

Dora Maurer é a figura mais nova do grupo, já tendo suas gravuras expostas em Berlim, Belgrado e Viena.

Endre Szasz, que durante muito tempo trabalhou como decorador, é atualmente um dos mais prestigiados ilustradores de livros. É um artista que conseguiu numerosos resultados no campo da renovação das técnicas da gravura. Recebeu, entre outros o Prêmio Munkácsy.

## GRAVURA

FELEDY, Gyula (1928)

### ÁGUA-FORTE

1. "Canticus Canticorum II", 1966. 33 x 32
2. "Canticus Canticorum VII", 1966. 34 x 44
3. "Canticus Canticorum VIII", 1966. 44 x 42

GACS, Gábor (1930)

### LITOGRAFIA

4. A Princesa do Castelo, 1958. 47 x 53
5. Conto, 1965. 50 x 70
6. Recordação, 1965. 33 x 47
7. Recordação de Homens, 1966. 25 x 37
8. Vagabundo, 1966. 34 x 25

GROSS, Arnold (1929)

### ÁGUA-FORTE

9. Jardim que Nunca Murcha, 1962. 13 x 20
10. Jardim dos Artistas, 1966, 1966. 36 x 19
11. Pequena Cidade Italiana, 1966. 13 x 25
12. Recordação de Roma, 1966. 17 x 22
13. Fim de Verão, 1966. 13 x 24

GYULAI, Liviusz (1937)

### LINÓLEO

14. "Carmina Burana", 1964. 13 x 6
15. "Carmina Burana", 1964. 14 x 14
16. "Carmina Burana", 1964. 10 x 10
17. Estampa de Villon, 1966. 25 x 26

### ÁGUA-FORTE

18. Jardim Zoológico de Londres, 1965. 11 x 18

KONDOR, Béla (1931)

19. Máquina Debulhadora, 1966. Água-forte em cores. 19 x 25
20. Ataque, 1966. Técnica mista. 50 x 65
21. Cabeças, 1966. Técnica mista. 50 x 65

MAURER, Dóra (1937)

### TÉCNICA MISTA

22. O Paraíso, 1964. 28 x 29
23. Cidade Morta, 1964. 28 x 29
24. A Pesca, 1965. 22 x 23
25. Encontro de Aves Primitivas, 1967. 30 x 14
26. Assalto na Rua, 1967. 27 x 21

**PÁSZTOR, Gábor (1933)**

**LITOGRAFIA**

27. Composição, 1966. 20 x 34
28. Poema de Apóstolos, 1966. 50 x 70
29. Fortíssimo, 1966. 70 x 50
30. Ano-Nôvo de 1918, 1966. 70 x 50
31. 1956, 1967. 50 x 70

**STETTNER, Béla (1928)**

**MONOTIPIA**

32. Jovens, 1966. 33 x 31
33. Tecelã de Gobelin, 1966. 37 x 49
34. Sesta, 1966. 37 x 50
35. Canteiros, 1966. 34 x 48
36. Minha Avó, 1966. 56 x 29

**SZÁSZ, Endre (1926)**

**TÉCNICA GRÁFICA A ÓLEO**

37. Relógios, 1966. 45 x 32
38. Fumaça sobre a Cidade, 1967. 48 x 58
39. Guerra, 1967. 48 x 58
40. Composição, 1967. 29 x 20
41. Anseio, 1967. 48 x 58

**WURTZ, Adám (1927)**

**ÁGUA-FORTE EM CÔRES**

42. Conto Popular Húngaro, 1967. 40 x 60
43. Bandidos, 1967. 43 x 32
44. Caleidoscópio, 1967. 29 x 39
45. Romeu e Julieta I, 1967. 30 x 40
46. Romeu e Julieta II, 1967. 30 x 40

# ÍNDIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
LALIT KALA AKADEMI,  
NOVA DELHI.

COMISSÁRIO: K. H. SIDDIQI





# ÍNDIA

Nos últimos vinte anos, desde a independência da Índia, nossa arte percorreu longo caminho. Um sentimento nôvo de confiança e maturidade, de respeito ao passado ao lado do desejo de construir algo nôvo, caracteriza o cenário artístico de nosso país.

Abrimos, também, as portas ao mundo e o artista da Índia de hoje tem, mais do que nunca, oportunidade de estudar e apreciar a arte de outros países. O crescente interêsse que a arte moderna internacional vem despertando, criou no país, por sua vez, um público nôvo e mesmo inspirado, com o qual o artista pode comunicar-se.

Sendo a Índia uma região extensa, muitas e variadas tendências artísticas coexistem e florescem simultâneamente. Há grande tolerância e, poder-se-ia mesmo dizer, uma demanda de diferentes espécies de obras, das tradicionais às muito novas. Se nossa arte ainda não contribuiu muito para a arte mundial é, precisamente, em razão das tendências serem livres e não haver um estilo predominante. A essência da arte Indiana é como a região, sua história e seus povos: heterogênea, multi-facetada, prolífica.

A presente seleção de obras mostra apenas uma fração da imensa quantidade de trabalhos que estamos produzindo. A Índia está, igualmente, representada por nomes novos, cujos trabalhos ainda não foram vistos na Bienal de São Paulo. Êsses pintores e escultores já atingiram, porém, a posição em suas carreiras em que sua produção se caracteriza por um estilo pessoal altamente desenvolvido. Cada um dêles construiu uma linguagem nova, adequada à sua personalidade e expressão. O Grupo, como um todo, representa tanto a extensão panorâmica da moderna Índia criadora, como a determinação individual do artista. Quer como simbolistas, figurativistas ou etèreamente abstracionistas estão contribuindo com algo de vital para o cenário da arte indiana. Podem, por isso, ser considerados como os embaixadores adequados de nossa arte contemporânea no estrangeiro.

Jaya Appasamy

## PINTURA

### ALI, J. Sultan (1925)

1. Vendedor de Pássaros Janadhi, 1966. 84 x 96
2. Dança Tribal do Sol e da Lua, 1966. 86 x 103
3. Deus Tribal e Vida, 1966. 88 x 171
4. Drushta — Kala, 1966. 66 x 127
5. Soubhagyavati, 1966. 83 x 96
6. Shiva — Nandi, 1966. 83 x 122
7. Pandra — Janma, 1967. 132 x 182

### AMBADAS, U. Khobragade (1922)

8. Enigma da Efigie Dourada, 1966. 122 x 77
9. Interioração e Transcendência, 1966. 122 x 92
10. Da Terra e da Praia, 1966. 77 x 61
11. Possesso, 1967. 122 x 77
12. Seu Corpo! O! Carne Real que Amadurece o Lamento do Mar, 1967. 127 x 112
13. Acasalamento do Mal, 1967. 122 x 77
14. Divindades sem Rosto, 1967. 183 x 102

### ARUN, Bose (1934)

15. Pintura n.º 1, 1966. 76 x 102
16. Pintura n.º 2, 1966. 76 x 102
17. Pintura n.º 3, 1966. 76 x 102
18. Pintura n.º 4, 1966. 76 x 102
19. Pintura n.º 5, 1966. 76 x 102
20. Pintura n.º 6, 1967. 76 x 102
21. Pintura n.º 7, 1967. 81 x 66

### BAL, Chhabda (1923)

22. O Rosto e a Cruz, 1963. 183 x 244
23. Três Graças e Mulher Reclinada, 1964. 175 x 175
24. "Ama Teu Vizinho Como a Ti Mesmo. O Senhor o Disse, Não o Vizinho, 1965. 132 x 297
25. Orfeu Negro, 1965. 92 x 183
26. Mulher Grávida, 1966. 102 x 173
27. Eva, 1966. 71 x 130
28. Eterno Triângulo, 1967. 130 x 201

### DOSS, C. J. Anthony (1933)

29. Tribos, 1966. 46 x 99
30. Bela Vista, 1966. 58 x 53
31. Tão Humano, 1966. 52 x 95
32. Compaixão, 1966. 112 x 69
33. O Sol, 1967. 58 x 53
34. Noiva, 1967. 38 x 38
35. Bisbilhotice, 1967. 38 x 38

REDDY, P. T. (1915)

36. Lua e Mulher, 1963. 92 x 95
37. Povo Pescador, 1963. 76 x 66
38. Cântico da Vida, 1964. 92 x 76
39. Nu Sentado, 1965. 121 x 90
40. Estamos Algemados, 1965. 121 x 90
41. Família, 1966. 119 x 92
42. Nós Dois, 1966. 124 x 74

VAGHELA, Gautam (1936)

ÓLEO E OURO EM FÓLHA

43. Yakshini "Rati Priya", 1967. 122 x 153
44. Yakshini "Bhramarini", 1967. 122 x 153
45. Yakshini "Sur Sudari", 1967. 92 x 153
46. Yakshini "Vibhrama", 1967. 92 x 153
47. Yakshini "Chandrika", 1967. 107 x 137
48. Yakshini "Virupa", 1967. 107 x 137
49. Yakshini "Mohini", 1967. 92 x 122

## GRAVURA

CHOPRA, Jagmohan (1935)

1. Composição A, 1967. 49 x 36
2. Composição B, 1965. Intágio impresso em côr. 37 x 36
3. Composição C, 1967. 36 x 30
4. Composição D, 1966. 36 x 30
5. Composição E, 1964. 34 x 27
6. Composição F, 1966. 30 x 30
7. Composição G, 1964. 35 x 27

## ESCULTURA

JANAKIRAM, P. V. (1930)

CHAPA DE COBRE

1. Deusa da Guerra, 1966. 78 x 55 x 8
2. Compaixão, 1966. 62 x 38 x 6
3. O Rei, 1967. 85 x 20 x 8

PANDYA, Mahendra Dhirajram (1926)

MADEIRA

4. O Senhor sôbre o Lotus Branco, 1964/65. 156 x 33 x 20
5. Êle Era Amarelo, 1964/65. 147 x 54 x 29
6. Êle e Sua Casa, 1964/65. 123 x 48 x 48

PATEL, Nagajibhai M. (1937)

7. Divindade I, 1965. Mármore. 90 x 30 x 21
8. Divindade II, 1966. Pedra. 52 x 30 x 21
9. Divindade III, 1967. Madeira. Col. Lalit Kala Akademi. 205 x 27 x 45



# **ISRAEL**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTRY OF EDUCATION  
AND CULTURE, TELAVIV.

COMISSÁRIO: HAIM GAMZU



# ISRAEL

Israel apresenta à IX Bienal de São Paulo dois jovens artistas: o pintor Avigdor Arikha e o escultor Igael Tumarkin; dois temperamentos muito diferentes um do outro, duas personalidades que reagem, cada um a seu modo, aos problemas estéticos de nosso tempo.

I — AVIGDOR ARIKHA, de 38 anos, possui notável carreira. Seus primeiros passos como desenhista e ilustrador foram tão brilhantes que, aos 25 anos, já havia eclipsado a maioria dos desenhistas de Israel. A inteligência e a originalidade do traço lhe eram inatas. A isso deve-se acrescentar o fervor e a virtuosidade de um ser apaixonado que sabe, no entanto, reprimir suas emoções por meio de uma lógica quase austera. Há um aparente dualismo na carreira artística de Arikha: desenhista extraordinário a princípio, ilustrador original e sutil, sempre figurativo, transformou-se em pintor abstrato, desde sua chegada a Paris em 1951. Desenvolvendo um estilo próprio, a pintura abstrata tornou-se, para ele, meio de expressão quase exclusivo. Afastando-se cada vez mais da imagem, Arikha aproximou-se da pintura. Definiu esta transição, afirmando:

“A pintura é visível fora de sua significação. A imagem só é visível pelo seu significado. A pintura revela. A imagem lembra... A pintura não é vista, pois, com o mesmo olhar com que se vê a imagem. O olhar, mal ajustado, substitue o ler ao ver e faz de uma fonte de emoção um sistema de sinais. Apaga a pintura e clareia a imagem”.

Assim, Arikha optou pela pintura contra a imagem, e depois pela pintura abstrata.

Esta sua conquista da pintura foi resolvida e rica em descobertas. Nela, revelou-se Arikha criador de um universo muito pessoal, o de um artista voltado para o destino de sua época, atormentado pelos perigos que ela enfrenta, mas que se recusa obstinadamente a aceitar a fatalidade de um cataclisma. Uma luz interior fende as trevas de suas pinturas e as inflama: alusão a um novo nascimento, à dolorosa gestação de um mundo melhor.

Mesmo em suas obras pintadas, quase que exclusivamente em branco e preto, adivinha-se uma riqueza de cores e valores que se afirmam implicitamente. Estabelece-se então um diálogo, entre o espectador e o artista, através da obra que, ao mesmo tempo, é pessoal e eminentemente universal. Arikha procura sempre uma espécie de encontro entre duas realidades: a racional, quase palpável, e a emocional que provém do âmago de seu ser esfaimado de mistério. Os mundos apolíneo e dionisíaco travam sempre feroz combate na alma deste homem culto, sutil, nervoso, inquieto, sempre desperto e à procura da expressão adequada, aspirando, em seu fôro íntimo, por um pórtico tranquilo no qual sua alma atormentada encontre repouso.

II — IGAEL TUMARKIN não pertence ao tipo do artista que olha com equanimidade para o que o cerca. Não é dos que se retiram para a torre de marfim de seu trabalho. Considera importante transmitir sua mensagem artística a seus contemporâneos.

Tumarkin especializa-se em “assemblage” de tendência “pop”. Com pedaços de ferro enferrujado, restos de armas quebradas e estragadas, fragmentos de metal nos quais se misturam mãos decepada e máscaras, constrói um universo de pesadelo onde destroços preenchem as paisagens mais íntimas de suas ansiedades. Gangsterismo, violência e morte ameaçam a humanidade por todos os lados. Como escapar desta mórbida obsessão, desta terrificante angústia sinão pela criação? É por meio do grito metálico que Tumarkin tenta libertar-se daquilo que o preocupa noite e dia.

Não é artista de romper compromissos. Afortunadamente para êle e sua obra, não possui a “astúcia” que lhe permitiria manter-se em um plano de meias medidas, pois nem êle e nem seu trabalho procuram favor público. Para Tumarkin, o principal é revelar o que sente e se não pode fazê-lo de modo calmo e educado não hesita em apregoar a verdade que sente a em que acredita e isso, no seu modo pessoal e espontâneamente rude.

Apenas os que não tem fé desconhecem o gôsto acre do desapontamento. Tumarkin pertence aos que acreditam que o homem não é essencialmente mau, e que há propósito na luta dos homens de boa vontade por uma vida melhor. Mas para alcançá-la deve, o homem, muitas vêzes passar pelos Sete Portões do Inferno. É uma luta cruel e o homem tem de ser inflexível para não submergir. Tumarkin, como artista e como homem aceita o desafio.

Esta mostra é uma expressão de identificação. A identificação do artista com os homens que desejam a paz onde quer que estejam.

É um manifesto, demonstração em ferro, aço e bronze, contra os horrores da guerra. É um paradoxo: restos de armas, fragmentos retorcidos de armamentos, são por si-próprios armas em prol da paz. Aquêles que reclamar contra o método do artista, dará, apenas, uma demonstração de quão insensível é, ao drama de nossa era, à tragédia de nossa geração.

Haim Gamzu



## PINTURA

### ARIKHA, Avigdor (1929)

1. Quadrado de Eclipse, 1964/65. 160 x 195
2. Convergência, 1964. 130 x 162
3. Branco-Negro, 1964. Propriedade do Snr. Najar, Telaviv. 130 x 50
4. Negro e Brancura, 1965. Propriedade do Snr. Becket, Telaviv. 162 x 130
5. Grande Negro, 1965. 162 x 130
6. Caseína, 1965. 148 x 108
7. Baixa, 1965. Caseína, papel. 150 x 200
8. Atormentado, 1965. Caseína, papel. 150 x 110
9. Agudo, 1965/66. 146 x 114
10. Retângulo, 1966. 162 x 114
11. Horizontal, 1966. 114 x 146

## ESCULTURA

### TUMARKIN, Igael (1933)

1. Anjo Caído, 1965/66. Bronze e ferro. 210 x 115 x 60
2. Grande Chefe ou Prometeu Demente, 1965/66.
  - a) Aço soldado 220 x 100 x 90
  - Acessório b) 56 x 128 x 40
  - Acessório c) 56 x 128 x 40
  - Acessório d) 56 x 128 x 40
3. Último Grito, 1965/66. Bronze. 100 x 70 x 65
4. Retrato do Artista como Mártir, 1965. Bronze. 40 x 50 x 50
5. Auto-Retrato, 1965/66. Relêvo Poliester. 260 x 130 x 30
6. "Mãos ao Alto 3", 1965/66. Bronze. 87 x 74 x 62
7. Retrato do Artista Quando Jovem, 1966. Relêvo, Técnica mista. 130 x 100
8. Tríptico, Dia de São Valentim. Relêvo e técnica mista. Três molduras separadas. 130 x 330
9. Feliz Aniversário I, 1965/66. Bronze. 53 x 39 x 39
10. Mãos ao Alto 4, 1965/66. 87 x 63 x 54



# ITÁLIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
BIENALE DI VENEZIA, A CARGO  
DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES  
EXTERIORES E DO MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO, VENEZA.

COMISSÁRIO: GUIDO PEROCCO



# ITÁLIA

Não é tarefa muito fácil a apresentação do panorama completo da arte italiana segundo a sua evolução destes últimos anos, embora preferíssemos, nesta Bienal de São Paulo, limitar a seleção aos artistas das últimas gerações, evitando assim organizar uma exposição que pudesse apresentar-se como exaltadora de artistas já conhecidos nos meios internacionais. Apenas incluímos — único pintor mais velho entre os jovens — o veneziano Mário De Luigi: individualidade notabilíssima entre os que lutaram pela afirmação da pintura abstrata na Itália, e que nunca fôra convidado para São Paulo.

Entre os artistas selecionados procuramos excluir também os que já tinham participado em outras Bienais. Podemos, portanto, afirmar que êles constituem um panorama decididamente nôvo e inédito de nossa arte visual mais recente e são suficientemente autônomos para despertar o interêsse do público brasileiro e internacional.

Esperamos, portanto, conseguir evidenciar nesta exposição dois aspectos significativos da situação italiana atual: a presença na nossa terra de individualidades que se distinguem das “modas” epidérmicas internacionais e também, por outro lado, o fato da nossa arte alinhar-se perfeitamente com a arte das nações mais vivas e criadoras.

Usei expressamente o termo “arte visual” para indicar que, na secção italiana, não só estão expostos trabalhos de pintura e de escultura “tradicionais”, como também outras obras pertencentes ao setor da *arte programada e cinética*.

Entre os artistas que podem ser incluídos na primeira tendência, ou seja, a que parte do estudo atento da planificação organizada de antemão para a implantação da obra de arte, estão representados nesta exposição Enzo Mari e Marcello Morandini, os quais, com processos e características diferentes, conseguem análogos resultados de equilíbrio e rigorosa modulação: Mari com as suas impecáveis estruturas de células múltiplas;

Morandini com as suas graduais variações a preto e branco.

Gianni Colombo, um dos mais coerentes e fantasistas realizadores neste campo, consegue resultados não diferentes no setor da arte cinética (que conta na Itália um numeroso grupo de adeptos). Apresenta uma seleção das diferentes maneiras como consegue utilizar o fator movimento para realizar obras visualmente significativas, quer aproveitando o jôgo das superfícies vibratórias ou dos cilindros giratórios, quer baseando-se na ação recíproca do elemento luminoso e do ambiente escuro.

Agostino Bonalumi, em contrapartida, afasta-se do verdadeiro e especial filão da arte programada com as suas obras quase sempre monocromáticas e de tendência tridimensional, prossequindo na busca de motivos essencialmente espaciais, servindo-se do particular artifício técnico do “acolchoado” para

conferir aos seus objetos plásticos a qualidade de moduladores e continentes espaciais, duma coerência tal que cremos não ter sido atingida, em parte alguma, com tanta eficácia.

Se o setor da “pintura-objeto” está bem representado por Bonalumi, e o da arte programada e cinética por Mari, Morandini e Colombo, o setor da pintura abstrata, tradicionalmente compreendida, tem como representante o já citado Mário De Luigi, com as suas obras baseadas no elemento da “tessitura” (onde uma espécie de micro-semântica, conseguida mediante um subtil ondulado grafito, apresenta requintados efeitos cromáticos,) e, em parte, Carlos Ciussi, natural do Friúli, com as suas telas baseadas no encontro de figuras geométricas elementares, tornadas mais “pictóricas” mediante o uso de uma matéria muito sensível. Também dois dos artistas gráficos aqui apresentados, podem ser incluídos no setor abstrato: Guido Strazza com a série de suas “Rimas”, superfícies sobrepostas em materiais plásticos, sutilmente equilibrados, e Ezio Gribaudo, com os seus relevos brancos, procedentes de anteriores pesquisas tipográficas; Volpini, com as suas criaturas mecanomorfas, filia-se, de preferência, ao movimento que seguidamente analisamos.

No pólo oposto ao que até agora consideramos, podemos colocar um grupo de artistas atentos a captar o aspecto tipicamente iconológico da arte moderna, onde a figuração redescoberta se alia a novas técnicas e a novos materiais.

É esse o setor da arte italiana que aparentemente manifesta maiores afinidades com o da “pop art” internacional, principalmente a americana, embora se mantenha substancialmente alheio e independente.

Assim o romano Franco Angeli, cujas amplas figuras essencialmente emblemáticas aproveitam elementos simbólicos tirados das mais atuais iconologias (por exemplo, o dolar, como expressão duma situação especial neocapitalista), onde adquirem igual pêso os aspectos compositivo e abstrato e a denúncia ideológica. Ou então o romano Mário Céroli, com as suas composições baseadas no uso de tábuas toscas de madeira grosseira: uma das obras mais originais da jovem escultura italiana, onde certo aspecto sarcástico e denunciatório se funde no aspecto inteiramente plástico, em que as sombras atingem muitas vêzes uma materialidade quase de ectoplasma, enquanto os perfis, que a luz intensifica e realça, são mais evidentes e mais eficazes na sua absurdez de silhuetas planas do que as vulgares esculturas em relêvo.

Se as figuras de Céroli se mantêm ainda aderentes à certa realidade existencial de nossos dias, as do napolitano Guido Biasi inserem-se num universo que oscila entre o onírico e o simbólico, valendo-se de sutil camada, mediante o uso de processos pictóricos que sugerem, muitas vêzes, atmosferas do passado, evocando — como nãas suas “Câmaras de Insônia” ou nos seus “Interiores mágicos” — um mundo decadente e em desintegração.

Valério Adami, pelo contrário, utiliza uma espécie de denúncia entre o sardônico e os “comic strips” em muitas de suas amplas e rápidas composições, onde seu próprio universo figurativo é construído através da realidade captada a fim de constituir novas “entidades” antropomórficas, resultantes geralmente da aglutinação de imagens-memória, desligadas mas levadas a confluir e agir reciprocamente na mesma pintura.

Nestes últimos tempos, as barreiras entre a pintura e a escultura de tal modo se desvaneceram, que deveremos aproximar as obras de escultura bidimensional de Céroli aos trabalhos quase pictóricos no seu hipercromatismo tecnológico de Gino Marotta ou às estruturas polidas em fôlha luzidia de Carlo Lorenzetti, que também aproveitam muitas vezes a presença de superfícies vivamente coloridas, ou às obras de Pascali, na sua cândida aparência zoomórfica.

As obras de Pino Pascali quase constituem blocos de espaço coalhado, onde os “esparcos membros” de girafas e rinocerontes servem unicamente de pretexto para criar novas e aliciantes configurações plásticas que, apesar de seu elementarismo, conservam uma sugestão narrativa; assim como também as flôres e as árvores gigantescas do “jardim” de Marotta são, simultaneamente, uma narração fabulosa e a denúncia de nova dimensão tecnológica inspirada pela atual “sociedade de consumo”.

Nesta Bienal, só obras como as de Floriano Bodini e Pierluca poderão ainda ser razoavelmente incluídas nos cânones da escultura tradicionalmente considerada como procura de valores plásticos e da matéria: Bodini, com as suas figuras geralmente desconcertantes em seu “pathos” grotesco, e Pierluca, com as suas estruturas dramaticamente dilaceradas. Seria insensato querer somente basear a própria crítica no critério de mera seleção técnica, ressaltando os casos em que justamente é do uso do “medium” especial que resulta a verdadeira natureza da obra. É esse, precisamente, o caso de Michelângelo Pistoletto, natural de Turim, criador de um universo especular que se vai constituindo mediante a involuntária colaboração do espectador. As aparências sucessivamente refletidas na chapa de metal, ao lado das formas pintadas pelo artista com a ficção meticulosa duma realidade já de si fictícia, criam, segundo os modos e os tempos, composições “vivas” sempre renovadas, conferindo à sua obra o encanto de uma ambiguidade em contínua metamorfose.

Talvez que a presença e a coexistência de expressões artísticas tão diferentes como as que acabamos de mencionar possam parecer um motivo desfavorável à homogeneidade do panorama artístico italiano.

Estamos convencidos, porém, de que esse fato constitui justamente uma prerrogativa do atual momento histórico: é justamente do encontro de tendências tão diversas e da

dialética contínua entre formas expressivas, aparentemente antitéticas, que poderá resultar para o público uma possibilidade mais ampla de ajuizar e a esperança de captar para o futuro êsse fio condutor, não destinado a partir-se rapidamente, como hoje tantas vêzes acontece, mas capaz de tecer novas tramas dum devir artístico, continuamente renovado.

Gillo Dorfles



## PINTURA

ADAMI, VALÉRIO (1935)

CRILA

1. O Caso da Camareira de Bom Coração, n.º 1. 195 x 130
2. O Caso da Camareira de Bom Coração, n.º 2. 195 x 130
3. O Caso da Camareira de Bom Coração, n.º 3. 195 x 130

ANGELI, Franco (1935)

TÉCNICA MISTA

4. "Half Dollar", 1967. 220 x 180
5. "Half Dollar", (Detalhe da Flexa), 1967. 250 x 125
6. "Half Dollar" (Detalhe da Estrêla), 1967. 130 x 195

BIASI, GUIDO (1933)

7. Interior Mágico, 1965. 130 x 160
8. Câmara das Insônias, 1965. 130 x 160
9. Homenagem a Fellini, 1966. 130 x 160
10. Museu Imaginário, 1966. 100 x 150

BONALUMI, Agostinho (1935)

CÔRES ACRÍLICAS

11. Azul, n.º 13, 1967. 180 x 150
12. Azul, n.º 14, 1967. 180 x 150
13. Azul, n.º 15, 1967. 180 x 150

CIUSSI, Carlo (1930)

14. XV, 1967. 150 x 150
15. XVIII, 1967. 116 x 116
16. XXIII, 1967. 100 x 100
17. XXIV, 1967. 80 x 80

DE LUIGI, Mário (1908)

ÓLEO "GRATTÉ"

18. G.M., 202, 1966. 150 x 205
19. G.R., 303, 1966. 40 x 46
20. G.I., 031, 1967. 116 x 73
21. G.G., 032, 1967. 81 x 81
22. G.N., 032, 1967. 81 x 81

MARI, Enzo (1932)

RELÊVO — ALUMÍNIO

23. Estrutura n.º 733, 1963. 66 x 96
24. Estrutura n.º 743, 1964. 126 x 126
25. Estrutura n.º 753, 1964. 103 x 62

**MORANDINI, Marcello (1940)**

**ARTE PROGRAMADA**

26. Pressão Curva, 1964. 44 x 64
27. Progressão Formal, 1965. 54 x 54
28. Pressão Leve, 1965. 47 x 69
29. Evolução de Dois Sólidos, 1966. 52 x 52
30. Formação Gradual de um Cubo, 1966. 54 x 54
31. Estrutura de um Cubo, 1966. 41 x 60
32. Formação de 2/4 de Esfera, 1966. 54 x 54
33. Paralelepípedo Caído, 1966. 33 x 66

**PISTOLETTO, Michelângelo**

**COLAGEM EM PAINEL DE AÇO**

34. Môça Caminhando, 1967. 230 x 120
35. Ela e Êle Falando, 1967. 230 x 120
36. Amantes, 1967. 230 x 120
37. Homem Consertando Caminhão, 1967. 230 x 120

**GRAVURA**

**GRIBAUDO, Ezio (1929)**

**TÉCNICA MISTA**

1. Panotipia XX, 1967. 58 x 45
2. Palinódia IV, 1967. 58 x 45
3. Greco Della Regina IX, 58 x 45
4. Ierática, III, 1967. 58 x 45
5. Spitzertipia XV, 1967. 58 x 45
6. Cirílica XV, 1967. 58 x 45
7. Zootrópio, V, 1967. 58 x 45
8. Lettinoplástica C, 1967. 58 x 45
9. Diacrítico II, 1967. 58 x 45
10. Glifotipia I, 1967. 58 x 45

**STRAZZA, Guido**

**AQUATINTA SÓBRE CARTÃO E PLÁSTICO**

11. Rima I, 1967. 70 x 100
12. Rima II, 1967. 70 x 100
13. Rima, III, 1967. 70 x 100
14. Rima, IV, 1967. 80 x 120

**VOLPINI, Renato**

**ÁGUA-FORTE**

15. Projeto de Máquina Inútil, 1967. 100 x 70
16. Projeto de Máquina Inútil, 1967. 78 x 63
17. Maquinária em Série, 1967. 73 x 53
18. Maquinária em Série, 1967. 53 x 38

19. Imaginação, 1967. 73 x 53
20. Imaginação, 1967. 73 x 53
21. Imaginação, 1967. 78 x 63
22. Imaginação, 1967. 53 x 38

## ESCULTURA

**BODINI, Floriano (1933)**

### BRONZE

1. O Irmão, 1964. 71 x 72
2. Mãe e Filha, 1965. 64 x 48
3. Carla Giacobino, 1965. 68 x 59

**CEROLI, Mário (1938)**

### MADEIRA

4. A Escalada 245 x 300
5. A Fila. 200 x 200

**COLOMBO, Gianni (1937)**

### ARTE CINÉTICA

#### ESTRUTURAS À LUZ NATURAL

6. Estrutura Pulsante, 1959/66. 173 x 196
7. Estrutura Acêntrica, 1962/65. 160 x 60
8. Dois Cubos, 1966. 173 x 80

#### ESTRUTURAS À LUZ ARTIFICIAL

9. Estrutura Cine-Visual Habitável, 1964. 93 x 93 x 93
10. Sismo-Estrutura, 1961/64. 39 x 43
11. Estrutura Rítmica-Quadrado Pulsante, 1965. 60 x 50

**LORENZETTI Carlo (1934)**

12. Estrutura em Aço Inoxidável em Esmalte Azul, 1966.  
198 x 50
13. Estrutura em Aço Inoxidável em Esmalte Vermelho, 1966.  
198 x 60
14. Estrutura em Aço Inoxidável em Esmalte Amarelo, 1966.  
198 x 52

**MAROTTA, Gino (1935)**

15. Jardim Tríptico, 1967. Madeira. 240 x 170 x 240

**PASCALI, Pino (1935)**

16. Degolação da GIRAFA, 1966. Escultura-Tela.  
270 x 250 x 250
17. Degolação do Rinoceronte, 1966. Escultura-tela.  
100 x 330 x 90

**PIERLUCA, (1926)**

**AÇO**

18. O Crime Coletivo N.º 1124 — H.L., 1965. 100 x 120
19. O Crime Coletivo n.º 1125 — H.I., 1965. 110 x 170
20. O Crime Coletivo N.º 1126 — D.K., 1965. 110 x 170

# IUGOSLÁVIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MUSÉE D'ART MODERNE  
RIJEKA.

COMISSÁRIO: BORIS VIZINTIN



# IUGOSLÁVIA

Jamais, como hoje, foi tão aquilatada a importância da personalidade artística, como escala essencial do valor da obra de arte. Esforços análogos, o clima comum da criação e as tendências que transparecem dos resultados individuais, compondo o quadro de uma geração artística determinada, ligam os artistas do mundo inteiro, deixando em segundo plano as diversas "escolas". A arte, mais e mais, tende para uma "linguagem universal" que, por meio de símbolos e idiomas, facilitará a compreensão, perdendo aos poucos a aspereza e inflexibilidade que ainda possui.

Sabemos que é preciso procurar a origem de uma expressão artística na personalidade, no tempo e na própria arte, mas não sabemos de que modo e em que proporções e combinações, a fantasia criadora e a vontade artística, consideradas como forças unificadoras, fundem em um todo orgânico único, na obra artística, os diversos elementos destas diferentes esferas. Estamos sempre no domínio do ambíguo e do vago. O registro biográfico da personalidade, o registro sociológico e intelectual da época, a consciência estética global e a depuração dos movimentos artísticos e dos valores quando se manifesta uma nova personalidade são, sem dúvida, determinantes decisivas. No entanto, as duas primeiras existem igual e geralmente para numerosos artistas e, por isso mesmo, não explicam completamente a personalidade artística determinada. Esta, por outro lado, considerada como primeiro fator na presente equação de três membros não pode explicar-se nem pelos seus próprios dados biográficos, entre os quais se encontram sempre espaços obscuros, acontecimentos invisíveis, um constante e silencioso amadurecimento, perambulações, uma depuração que muitas vezes não deixa vestígios. Exceto uma que, objetiva e definitivamente os ultrapassa: a obra artística. Assim, pois, recebemos esta como consequência de algo cuja importância jamais compreendemos completamente — as propriedades quantitativas e qualitativas características.

Percebe-se, na arte iugoslava contemporânea, os contatos com artistas de todo o mundo, por meio de bienais e uma série ininterrupta de exposições. Esta dialética das relações reflete-se também na diversidade das orientações, diversidade que pode até parecer inaceitável mas que, finalmente, representa, ao menos, alguma coisa de louvável pois mostra claramente como, em uma ampla região, tantos artistas podem viver em comum, rivalizando-se mutuamente, num clima tenso e excitante.

Desde 1953 participa a Iugoslávia, com sucesso, da Bienal de São Paulo. Embora nem todos os artistas participantes, este ano, pertençam à mesma geração, suas obras, em seus traços principais, permitem uma visão do caráter geral de nossa criação figurativa e da diversidade dos pontos de vista artísticos. Há, entre eles, alguns que constroem suas realizações sem ligação visível com o mundo exterior; outros inspiram-se na rica herança cultural, enquanto temos ainda os que buscam suas

experiências estéticas nas formas da natureza. Oscilando entre o figurativismo e o abstracionismo na agitação de pesquisas diversas e na riqueza das variações, em que se entrelaçam teses diferentes, até mesmo opostas, esforçam-se todos para criar seu mundo particular e para falar uma língua que permita reconhecê-los e identificá-los facilmente. Aumentaram seu ângulo visual, aprofundaram o olhar em sua própria espiritualidade, compreendendo que a fenomenologia, do mundo em que vivemos, foi enriquecida de grande quantidade de formas novas que oferecem possibilidades de expressão ilimitadas e inesgotáveis.

Pelo seu vivo e sensível instinto. Murtic Edo alargou o espaço da realidade e afastou o muro que separa o espaço e o tempo, o exterior e o interior, o alto e o baixo, para definir a matéria que se tornou transparente e a ótica de uma nova experiência do mundo, posta em música. As formas que se manifestam e se interpenetram podem ser ao mesmo tempo uma referência à confusão do tráfego em uma cidade de muitos milhões de habitantes, à explosão do magma na borda de uma cratera ou às paisagens desconhecidas do subconsciente. Não há, nelas, centro determinado do quadro, nem limites das superfícies pintadas. Esta dimensão do ilimitado, que provoca em nós a sensação de estarmos de pé no centro do quadro, é consequência da teoria contemporânea de espaço, adotada por numerosos pintores. Murtic deu-lhe sua sintaxe pessoal que corresponde à força e à intensidade de seus sentimentos.

O segundo pintor, Lazar Vozarevic, procurou a confirmação de suas primeiras preocupações nas reminiscências de nossa arte medieval e confirmou-as nas fontes da disciplina cubista. Seus atuais trabalhos prenunciam novos caminhos e novas possibilidades. A rede de pontos metálicos, dispostos em formas geométricas regulares, encaminha para a ordem física das coisas, para os estados de repouso e de oscilação que se descobrem com ajuda dos microscópios eletrônicos ou dos pólos magnéticos. Estes pontos metálicos parecem ter sido levados à tela pela mão experiente de um velho artesão da Idade-Média. Uma técnica brilhante, um domínio perfeito do pincel, a concepção artística em sua perfeição formal — todos os valores de uma pintura amadurecida atingiram aqui sua expressão.

Dimitar Kondovski é um pintor de outro tipo e interesse. Sua posição em relação à herança direta é patente. Cultiva grande amor por nossa arte medieval, pelos velhos ícones e trípticos, esmaecidos pelo tempo nas sombras internas das igrejas e mosteiros isolados. Trata-se de um amor inato, respeito pela herança cultural e, por conseguinte, propensão para os valores correspondentes: o racional e o medido, o anedótico e o organizado. De seus quadros o tempo parece haver tirado tudo o que era visível nos velhos ícones, exceto os traços da tessitura pictórica e uma atmosfera impregnada de mística e de voluptuosidade que escapam aos olhos mas penetram nas esferas que estão fora de nossas percepções.



O único escultor que expõe nesta Bienal é Kosta Angeli-Radovani. A experiência renovada das obras dos grandes criadores do passado e o estudo aprofundado de certos princípios formais dêstes, convenceram Angeli-Radovani de que, para o mais direto possível funcionamento das qualidades plásticas da escultura é, antes de tudo, importante a formação precisa das formas cuja massa fundamental satisfará inteiramente as exigências da estética e do equilíbrio, enquanto a superfície dará ao seu aspecto exterior, a clareza indispensável dos planos e das linhas de contornos. Angeli-Radovani traz sua mensagem de profunda fé no volume como única possibilidade durável para a definição do espaço e das sensações esculturais. Sua obra fala em prol da solidez, da clareza do volume, da simplicidade e da concentração na expressão, em prol da concepção moderna do motivo e contra as estilizações deformadas, de origem sentimental ou em moda. O gravador e desenhista Dzevad Hozo pertence à geração cuja característica é a paixão pela pesquisa, a procura dos caminhos mais progressistas bem como a descoberta de caminhos novos, desconhecidos. Procurando e encontrando inspiração no rico passado cultural, nos motivos específicos dos monumentos funerários muçulmanos simples e monumentais, Hozo os transformou em novos símbolos plásticos, cheios de colorido e com vida própria.

A tapeçaria na Iugoslávia não tem tradição especial. No sentido contemporâneo da palavra, começou-se a praticá-la somente após a Segunda Guerra Mundial. Mas, nestes últimos anos, alguns autores já se afirmaram no exterior. Um dos mais importantes é, sem dúvida, Jagoda Buic, cujas tapeçarias se distinguem por uma sensibilidade autêntica e, antes de tudo, por soluções espaciais e conexões bidimensionais.

Enfim, a arquitetura iugoslava contemporânea e suas realizações são representadas nesta bienal pelo renomado arquiteto Edo Ravnikar, autor de numerosas e felizes soluções e de vários projetos de edifícios públicos e particulares.

Parece-me que o visitante da nossa sala, nesta exposição, poderá julgar, precisamente pelo contraste e diversidade das orientações, como as águas da criação iugoslava contemporânea estão hoje encapeladas. E ainda como esta criação volta-se sempre para os problemas do momento e é sensível às aspirações naturais das novas gerações, nascidas em uma atmosfera dramática e muitas vezes agitada, por causa da falta de paz que, infelizmente, mantém na incerteza os povos do mundo.

Boris Vizintin

## PINTURA

### EDO, Murtic (1921)

1. Ângulo Vermelho, 1966. 162 x 132
2. Quadro Amarelo-Azul, 1966. 97 x 130
3. Verão Fértil, 1966. 130 x 162
4. Dia Sereno, 1966. 162 x 130
5. Espaço Agressivo, 1966. 190 x 240
6. Triângulo Vermelho, 1967. 130 x 114
7. Base Branca, 1967. 91 x 130
8. Manhã de Sol, 1967. 130 x 81
9. Quadro Verde, 1967. 81 x 130
10. Quadro Azul, 1967. 97 x 130

### KONDOVSKI, Dimitar (1927)

#### TÉMPERA: OURO SÔBRE MADEIRA

11. Lembranças Esmaecidas, 1963. 52 x 38
12. Tríptico, 1964. 122 x 55, 122 x 110, 122 x 55
13. Grande Ornamento, 1964. 167 x 75
14. Políptico I, 1964. 122 x 84
15. Políptico III, 1965. 122 x 89
16. Rondó, 1965. 149 x 83
17. Velhas Lembranças, 1965. 133 x 68
18. Pequeno Quadro de Festa, 1965. 69 x 37
19. Dia de Festa, 1965. 66 x 146

### VOZAREVIC, Lazar (1925)

#### ÓLEO, METAL

20. Divisão, 1965. 200 x 125
21. Forma em Vermelho, 1966. 162 x 130
22. Grande Embalagem, 1967. 194 x 270
23. Círculo, 1967. 208 x 160
24. Coesão, 1967. 194 x 200
25. Embalagem Circular, 1967. 218 x 228
26. Superfície Quebrada, 1967. 208 x 160
27. Forma Compacta, 1967. 208 x 160
28. Superfície, 1967. 208 x 160
29. Diamante, 1967. 70 x 52

## GRAVURA

### HOZO, Dzevad (1938)

#### AQUATINTA

1. Reflexo e Realidade, 1964. 50 x 65
2. Pedra Verde, 1965. 42 x 64
3. Montanha Prateada, 1965. 50 x 65
4. Grande Pedra, 1965. 50 x 65
5. Grande Sombra, 1967. 50 x 32
6. Só, 1967. 50 x 65

7. Sombras Côr de Castanha, 1967. 50 x 32
8. Sombra Dupla, 1967. 50 x 32
9. Grande Pedra Funerária, 1967. 50 x 32
10. Casal, 1967. 50 x 32

## ESCULTURA

ANGELI — RADOVANI, Kosta (1916)

BRONZE

1. Dunja IV, 1963. 54 x 64 x 61
2. Mulher Caindo, 1964. 64 x 78 x 66
3. Pequena Dunja, 1965. 36 x 14 x 18
4. Duas Môças, 1965. 40 x 31 x 21
5. Torso Redondo, 1965. 26 x 17 x 20
6. Menina sôbre Cubo, 1965. 44 x 16 x 17
7. Pequena Deitada, 1965. 17 x 36 x 23
8. Mulher com Máscara, 1966. 38 x 21 x 22
9. Môça sôbre Mourão, 1966. 39 x 20 x 18
10. Mulher e Môça, 1966. 50 x 52 x 35

## TAPEÇARIA

BUIC, Jagoda (1930)

1. Monólogo I, 1965. 50 x 120
2. Diálogo, 1965. 120 x 80
3. Monólogo Estrutural, 1966. 250 x 200
4. Rasema I, 1966. 250 x 300
5. Políptico, 1967. 250 x 550
6. Carnaval, 1967. 250 x 100
7. Anjo Expulso, 1967. 250 x 200



# JAPÃO

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
KOKUSAI BUNKA SHINKOKAI,  
TÓQUIO.

COMISSÁRIO:  
YOSHONOBU MASUDA



# JAPÃO

No Século XIX, quando o regime decadente do Shogunato Tokugawa foi substituído pelo do Período Meiji, a xilogravura floresceu entre o povo japonês. Nos países ocidentais a qualidade artística dessas gravuras era altamente valorizada e apreciada. Tem-se a impressão de que aquela técnica tradicional desapareceu por completo do campo do artesanato da gravura. Somente poucos seguiram os caminhos dessa técnica simples de reproduzir as excelentes obras do passado. A atividade criadora dos gravuristas modernos baseia-se em concepção e técnica completamente diferentes. Apesar disso, há algo que não mudou até hoje: é a predileção dos japoneses pela prancha de madeira e pelo papel. Esta aproximação surge da fonte de uma sensibilidade inerente e genuína que tem suas raízes no espírito do povo japonês.

Com o desenvolvimento técnico, surgiu uma época de inevitável universalismo das atividades humanas. O mundo artístico do Japão não é uma exceção ao todo. Os estilos e formas encontrados em qualquer parte do mundo, podem ser vistos também nas inúmeras exposições que se realizam no Japão, e chegam êsses casos a atingir, no momento, um ponto de saturação.

Quando olhamos, no entanto, para êstes trabalhos com calma e olhos benevolentes, descobrimos, muitas vezes, nas suas novas formas e estilos, um quê da tradição da arte japonesa à guisa de expressão artística moderna. Além disso, a afinidade do artista com o papel é somada à sua paixão pela criação e o resultado nos leva a um intenso sentido de exaltação.

A concepção da gravura capaz de ser reproduzida em numerosas cópias, torna-se obsoleta. Uma interpretação de que até mesmo um monotipo pode ser chamado gravura artística é um dos mais revolucionários fatos hodiernos no campo desta arte. Esta interpretação sobre gravura parece trazer infinitas possibilidades à capacidade criadora na arte da gravura que vinha sendo considerada limitada quanto à técnica. Estou certo de que o mundo da gravura japonesa sofrerá uma marcante transformação nos próximos anos. Com exceção daqueles artistas conhecidos, já premiados em exposições internacionais anteriores, os que participam desta mostra foram selecionados, com a intenção de dar uma idéia geral das atuais correntes da gravura moderna japonesa.

O Senhor Isato Maruki, cujos trabalhos de sumi-e ou tinta da Índia são aqui apresentados, abandona e até mesmo destrói o estilo tradicional da pintura japonesa, embora use materiais convencionais. Confiando apenas no seu senso plástico constrói suas formas com seu tato arrojado. Somado a isto está o fato de que o seu espírito sadio controla com perfeição a energia dinâmica que se esconde na sua pintura.

Os trabalhos da Senhora Tamako Kataoka são um tanto diferentes dos de autoria do pintor Maruki. Suas obras são extremamente coloridas. Tenta expressar tudo em côres.

Esquece as nobres e elegantes côres japonêsas dos Séculos XI e XII. Recusa também as côres estravagantes e exuberantes do Período Momoyama. Está interessada nas côres mais vernaculares das gravuras que eram o produto do popular no Período de Edo e cria, assim, um domínio próprio dela mesma. Nos seus trabalhos, côr produz côr e espaço cria espaço. É pela virtude da recreação simples que nasceu o seu gôsto singular pela côr. Seus trabalhos tem raízes nas bases da cultura étnica do Japão onde as características únicas e encantadoras da sua descoberta são largamente conhecidas e apreciadas.

Quando tomamos parte em exposições internacionais, procuramos ter todo o cuidado de bem entender o motivo primeiro daqueles que as patrocinam e organizam. Dar importância demasiada à distribuição de prêmios pode criar ambiente desagradável. Estôu inteiramente convencido de que o principal sentido e a principal importância das exposições internacionais devam ser o entendimento mútuo das nações através da arte. É indispensável mostrar da maneira mais agradável possível aquêles que pareçam ser os melhores no Japão. Ficarei extremamente feliz se as obras da mostra do Japão acrescentarem uma parcela de encanto à Bienal Internacional de São Paulo dêste ano.

Yoshonobu Masuda



## PINTURA

KATAOKA, Tamako (1905)

### PINTURA JAPONÊSA

1. Paisagem de Izu, 1964. 182 x 259
2. Mt. Asama, 1965. 162 x 259
3. Face Desafiadora: Ashikaga Takauji, 1966. 162 x 130
4. Face Desafiadora: Ashikaga Yoshimitsu, 1966. 162 x 130.
5. Face Desafiadora: Ashikaga Yoshimasa, 1966. 162 x 130.
6. Antiga Dança da Côrte: Hassen, 1967. 162 x 130.
7. Antiga Dança da Côrte: Batô, 1967. 162 x 130
8. Antiga Dança da Côrte: Gengoraku, 1967. 162 x 130.

MARUKI, Iri (1901)

### PINTURA JAPONÊSA

9. Primavera Prematura, 1963. 180 x 180.
10. Floresta Cerrada, 1964. 153 x 85.
11. Mar Negro, 1964. 82 x 149.
12. Mar no Nordeste, 1964. 93 x 136.
13. Horizonte, 1965. 80 x 147.
14. Mar, 1965. 68 x 134.
15. Velha Árvore no Tôpo da Montanha, 1966. 68 x 134.
16. Flôres de Ameixas Vermelhas, 1966. 180 x 180.
17. Carpa, 1967. 68 x 134.
18. Mt. Daisen a Meia Noite, 1967. 68 x 134.

## GRAVURA

AMANO, Kasumi (1927)

### XILOGRAVURA

1. Fabricação (Pressão), 1966. 105 x 65
2. Fabricação (Inclusão), 1966. 105 x 65
3. Fabricação (Solidês), 1966. 105 x 65
4. Fabricação (Corte), 1966. 105 x 65
5. Fabricação (Aceitação), 1967. 65 x 105
6. Fabricação (Inconstância), 1967. 105 x 65
7. Fabricação (Mutualidade), 1967. 105 x 65
8. Fabricação (Duplo), 1967. 105 x 65

AMANO, Kunihiro (1929)

### XILOGRAVURA

9. Recordação Distante I, 1966. 110 x 80
10. Recordação Distante II, 1966. 110 x 80
11. Recordação Distante III, 1966. 110 x 80
12. Recordação Distante IV, 1966. 110 x 80
13. Recordação Distante V, 1966. 110 x 80
14. Recordação Distante VI, 1966. 110 x 80
15. Recordação Distante VII, 1966. 110 x 80
16. Recordação Distante VIII, 1966. 110 x 80

**ENOKIDO, Maki (1938)**

**INTÁGLIO**

17. "66 Florescente B", 1966. 105 x 65
18. "66 Florescente E", 1966. 80 x 60
19. "66 Florescente F", 1966. 60 x 80
20. "66 Florescente P", 1966. 105 x 65
21. "66 Florescente Q", 1966. 105 x 65
22. "66 Florescente R", 1966. 105 x 65
23. "67 Florescente C", 1967. 105 x 60
24. "67 Florescente D", 1967. 105 x 65

**FUKAZAWA, Yukio (1924)**

**ÁGUA — FORTE**

25. Canção Gravada, 1965. 80 x 60
26. Domínio da Cruz, 1965. 80 x 60
27. Lenda, 1966. Col. Nihonibashi Gallery, Tóquio 80 x 60
28. Fora da Neblina, 1966. 80 x 60
29. Canção da Juventude, 1966. 80 x 60
30. Bandeiras, 1966. 80 x 60
31. Balada Antiga, 1966. 80 x 60
32. Castelo em Meu Coração, 1966. 80 x 60

**FUKITA, Fumiaki (1926)**

**XILOGRAVURA**

33. Cruz Azul, 1965. 100 x 80
34. Bong, 1966. 110 x 80
35. Perseguido o Coração que Passa, 1966. 100 x 80
36. Estrêla Fragmentando-se, 1966. 100 x 80
37. Dois no Campo, 1966. 110 x 80
38. Espaço Desocupado, 1967. 100 x 80
39. Mundo Sem Véu, 1967. 80 x 110
40. Nova Estrêla, 1967. 110 x 80

**HAGIWARA, Hideo (1913)**

**XILOGRAVURA**

41. Reino das Fadas n.º 8, 1967. 80 x 110
42. Reino das Fadas n.º 9, 1967. 110 x 80
43. Reino das Fadas n.º 10, 1967. 80 x 110
44. Reino das Fadas n.º 11, 1967. 80 x 110
45. Reino das Fadas n.º 12, 1967. 80 x 110
46. Reino das Fadas n.º 13, 1967. 110 x 80
47. Reino das Fadas n.º 14, 1967. 80 x 110
48. Reino das Fadas n.º 15, 1967. 80 x 110

**JOICHI, Hoshi (1913)**

**XILOGRAVURA**

49. Obra A, 1967. 80 x 100
50. Obra B, 1967. 80 x 100
51. Obra C, 1967. 80 x 100
52. Obra D, 1967. 80 x 100

53. Obra E, 1967. 80 x 100
54. Obra F, 1967. 80 x 100
55. Obra G, 1967. 80 x 100

**KANO, Mitsuo (1933)**

**TÉCNICA MISTA**

56. Fôlhas de Parreira com Etiquetas Douradas, 1966. 100 x 80
57. A Mõça com Óculos Olha a Flexa, 1966. 100 x 80
58. Prioridade para Voar, 1967. 100 x 80
59. Obra I, 1967. 100 x 80
60. Obra II, 1967. 100 x 80
61. Obra III, 1967. 100 x 80
62. Obra IV, 1967. 100 x 80
63. Obra V, 1967. 100 x 90

**KIDOKORO, Sho (1934)**

**XILOGRAVURA**

64. Nuvens e Três Vistas, 1965. 60 x 80
65. Rio e Melodia, 1966. 60 x 80
66. Face Triangular, 1966. 60 x 80
67. Velha Estrêla, 1966. 60 x 80
68. Cidade, 1966. 60 x 80
69. Templo, 1967. 60 x 80
70. Aves do Ar, 1967. 60 x 80
71. Gramado sôbre a Terra, 1967. 60 x 80

**KUSAKA, Kenji (1936)**

**XILOGRAVURA**

72. Obra 15 B, 1965. 100 x 80
73. Obra 18, 1965. 100 x 80
74. Obra 29, 1965. 100 x 80
75. Obra 29 B, 1965. 100 x 80
76. Obra 32, 1965. 100 x 80
77. Obra 38, 1966. 100 x 80
78. Obra 67 — 1, 1967. 100 x 80
79. Obra 67 — 2, 1967. 100 x 80

**MIYASHITA, Tokio (1930)**

**ÁGUA — FORTE XILOGRAVURA**

80. Obra B — 2, 1965. 80 x 110
81. Obra G — 5, 1965. 60 x 80
82. Obra V — 5, 1965. 110 x 80
83. Obra Y — 4, 1965. 80 x 110
84. Obra B — 5, 1966. 80 x 60
85. Obra V — 14, 1966. 80 x 60
86. Vento (Fevereiro), 1967. 110 x 80
87. Vento (Março), 1967. 110 x 80

**MURAI, Masanari (1905)**

**LITOGRAFIA**

88. Duas Pessoas, 1964. 80 x 60
89. Face Quadrada, 1966. 80 x 60
90. Face Redonda, 1966. 80 x 60
91. Duas Faces, 1966. 80 x 60
92. Água, 1966. 80 x 60
93. Rosto de Menino, 1967. 80 x 60
94. Face Pensativa, 1967. 80 x 60
95. Faces Vermelha e Preta, 1967. 80 x 60

**SASAJIMA, Kihei (1906)**

**XILOGRAVURA**

96. Deus do Vento, 1963. 80 x 60
97. Deus do Trovão, 1963. 80 x 60
98. Rei dos Asuras, 1965. 80 x 60
99. Kichijô Ten (Mahasri) A, 1965. 80 x 60
100. Kichijô Ten (Mahasri) B, 1965. 80 x 60
101. Zaô Gongen (Shinto God) D, 1965. 80 x 60
102. Aizen Myôô (Raga-rajá) D, 1965. 80 x 60
103. Fudô Myôô (Acalanatha) n.º 20, 1966. 80 x 60

**SHIRAI, Akiko (1935)**

**INTÁGLIO E ACRÍLICO**

104. Imagem 4 (Anjo). 80 x 100
105. Imagem 7 (Anjo). 80 x 100
106. A Primavera Chega Atrazada. 80 x 100
107. Canção de Passarinho. 60 x 80
108. Sorrisos do Amor. 80 x 100
109. Esperando pelo Verão. 80 x 110
110. Imagem (Festival). 65 x 105

**TAKAGI, Shiro (1934)**

**XILOGRAVURA**

111. Mulher. 80 x 110
112. Mulher de "Maillot". 80 x 110
113. Frente e Costas de Uma Mulher. 80 x 110
114. Mulher Forte. 80 x 110
115. Môça com Berloque. 80 x 110
116. Mulher com Manto. 80 x 110
117. Guarda de Porteira. 80 x 110
118. Homem Sendo Assassinado. 80 x 110

**YOSHIDA, Hodaka (1926)**

119. Mito em Férias. Xilogravura e Litografia. 80 x 60
120. Mito. Litografia. 110 x 80
121. Dias Compactos A. Serigrafia. 90 x 120

122. Dias Compactos B. Serigrafia. 90 x 120
123. Koyomi (Calendário) Vermelho. Xilogravura e Litografia. 100 x 80
124. Koyomi (Calendário) Azul. Xilogravura e Litografia. 100 x 80
125. Mito no Verão. Litografia. 60 x 80
126. Mito em 5 Atos. Litografia. 80 x 60

**YOSHIDA, Masagi (1917)**

**XILOGRAFIA**

127. Éco n.º 1. 100 x 80
128. Éco n.º 2. 100 x 80
129. Sino Despedindo o Ano Velho, n.º 1. 100 x 80
130. Sino Despedindo o Ano Velho, n.º 2. 100 x 80
131. Reverberação n.º 1. 100 x 80
132. Reverberação n.º 2. 100 x 80
133. Reverberação n.º 3. 100 x 80
134. Reverberação n.º 4. 100 x 80

**YOSHIHARA, Hideo (1931)**

**LITOGRAFIA PONTA SÉCA**

135. Senhora I. 80 x 60
136. Norte, Noroeste. 80 x 60
137. Evento. 80 x 60
138. Evento II. 80 x 60
139. Ímpeto I. 80 x 60
140. Expectativa. 80 x 60
141. Carnaval. 80 x 60
142. Senhora II. 80 x 60



# **LÍBANO**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
DÉPARTAMENT DES BEAUX-ARTS,  
MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION  
NATIONALE, BEIRUTE.





# LÍBANO

Seria prematuro querer definir a pintura libanesa, ainda jovem em sua tomada de consciência do contexto pictórico que, aliás, se recusa a seguir cegamente.

É instintivamente e através da assimilação da herança tradicional para uns e da formação ocidental para outros, que se fazem tôdas as pesquisas pictóricas colocadas sob o sinal da sinceridade.

Quaisquer que sejam suas ressonâncias, capta-se em tôdas o éco de uma geração que aspira exprimir-se, não por uma exteriorização violenta e por vêzes gratuita, mas pela consciência de sua nova missão.

A Mensagem é certamente bela e plena de vastas possibilidades.

Joseph Abou Risk

## **PINTURA**

**CHAFAF, Rafic (1932)**

1. Arco do Triunfo, 1965. 110 x 80

**EL KHAL, Helène**

2. Monte Líbano, 1966. 100 x 100

**GUIRAGOSSIAN, Paul (1925)**

3. Grupo, 1966. 109 x 83

**KHALIFÉ Jean (1923)**

4. Apocalipse, 1965. 200 x 100

**NAHLÉ, Wajih (1932)**

5. Arabêsko, 1966. 90 x 80

**NAJM, Mounir (1933)**

6. Mística do Oriente, 1966. Prop. Éducation Nationale. 70 x 45

**RAOUDA, Chocair Salwa (1916)**

7. Quadrados Brancos, 1965 (colagem) 90 x 117

**RAYESS, Aref (1928)**

8. Tapête Voador, 1965. 150 x 100

**SAGHIR, Adel (1930)**

9. Absoluto, 1963. 140 x 107

**SAIKALI, Thomas Nadia (1936)**

10. Composição, 1967. 90 x 90

**SARGOLOGO, Ivette (1930)**

11. Composição, 1966. 95 x 72

**SERAPHIM, Juliana (1934)**

12. Paisagem, 1967. 100 x 80

**YERAMIAN, Sophie**

13. Colheita de Laranjas, 1966. 70 x 90

**ZGAIB, Khalil (1912)**

14. Jogos de Crianças, 1964. 100 x 62

# LUXEMBURGO

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MUSÉE DE L'ÉTAT À  
LUXEMBOURG, LUXEMBURGO.

COMISSÁRIO:  
JOSEPH-ÉMILE MULLER



# LUXEMBURGO

Depois de 1955, quando pela primeira vez figurou na Bienal de São Paulo, a pintura de Mett Hoffmann assinalou grandes transformações. De figurativa, tornou-se abstrata. Sobressaiam então as cores brilhantes, enquanto agora dominam o cinza e o negro: o claro-escuro substituiu os contrastes das cores vivas. As tintas, freqüentemente empastadas, as manchas vagamente geométricas ou com leves nuanças, aqui e ali num desenho anguloso ou uma matéria com a rugosidade da argamassa, eis o que nos oferecem as obras recentes que, em seu aparente clima meditativo, nos fazem descobrir inquietações e angústias. Não obstante, se Hoffmann esmaeceu sua paleta, não empobreceu sua pintura: o que perdeu em brilho, ganhou em delicadeza.

A forma de Henri Dillenburg mudou também no decorrer dos últimos anos. Situa-se agora nos confins da figuração: discreta alusão ao invés de representar claramente pessoas ou objetos. Pela fantasia e humor que testemunha, pelo lado ligeiramente grotesco de certas formas e de certas cores, Dillenburg aproxima-se das novas tendências figurativas que se manifestam atualmente no mundo. Está longe, no entanto, de querer sacrificar-se à anti-pintura. Ama a execução livre, mas não as negligências da pressa. Procura a poesia, observando as diferenças de seus acordes como sua força e seu sabor.

Joseph-Émile Muller

## PINTURA

**DILLENBURG, Henri**

### GUACHE

1. Natureza Morta, 1964. 61 x 78
2. Os Comediantes, 1964. 61 x 78
3. Estandarte, 1965. 62 x 51
4. Noite Rural, 1965. 51 x 62
5. Pombal, 1965. 36 x 67
6. Paisagem Ornitológica, 1966. 51 x 62
7. O Inválido, 1966. 78 x 61
8. Figura Heróica, 1966. 78 x 61
9. Cidade Noturna, 1966. 61 x 78
10. Veterano, 1966. 62 x 51

**HOFFMANN, Mett**

11. Sobre Fundo Cinza, 1961-63. 82 x 72
12. Extravagante, 1963 — Técnica mista. 122 x 97
13. Dia de Chuva, 1963 — Técnica mista. 132 x 102
14. A Fera, 1963. 130 x 92
15. Glacial, 1963. 82 x 62
16. Voando, 1962-64. 122 x 102
17. Pintura, 1963-64 — Técnica mista. 180 x 100
18. Vermelho e Pontas, 1964 — Técnica mista. 77 x 67

# MÉXICO

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
INSTITUTO NACIONAL  
DE BELLAS ARTES,  
MÉXICO.

COMISSÁRIO:  
JORGE HERNANDEZ CAMPOS





# MÉXICO

O Instituto Nacional de Belas Artes, ao escolher, como seus enviados à IX Bienal de São Paulo, os pintores Leonora Carrington e Francisco Corzas, propôs-se a salientar dois aspectos particulares da arte mexicana contemporânea: a pintura fantástica e a pintura enraizada na história. Bem considerados, êstes dois aspectos são duas constantes da arte mexicana recente. Figuram inclusive no idioma plástico dos grandes muralistas contemporâneos, nos quais a fantasia serviu como base para os elementos irracionais e mágicos que tanta influência exerceram nas culturas de cuja fusão nasceu o México, enquanto a história e a reflexão da história serviram de apoio racional para meditar sobre a própria situação no mundo. Isto faz com que a pintura mexicana seja, desde suas origens, uma pintura de "ligação" mais do que "rompimento", ao contrário do que foram, em geral, os movimentos do século XX. Qual será a função desta arte em nosso tempo? Supomos que será uma função importante. Como e quando são questões que o tempo se encarregará de precisar.

## PINTURA

### CARRINGTON, Leonora

1. Sta. Tereza de Ávila na Cozinha, 1952. 51 x 100
2. O Histrião. 95 x 95
3. É Você Realmente "Syrius"?, 1953. 54 x 92
4. "Orplied", 1955. 90 x 131
5. Férias no Deserto", 1957. 90 x 100
6. "Arabian Cache", 1959. 50 x 110
7. "El Rarvarok", 1964. 70 x 100
8. "The Burning of Giordano Bruno", 1964. 61 x 81
9. Piromância, 1965. 61 x 80
10. O Grande Kudu, 1965. 60 x 100
11. Santuário, 1966. 60 x 81
12. A Volta da Ursa Maior, 1966. 60 x 100

### CORZAS, Francisco (1936)

13. Pintor Romântico, 1965. 95 x 98
14. Direito de Propriedade, 1967. 200 x 170
15. Caminho para a Mancha, 1967. 165 x 205
16. Transmigrantes, 1967. 165 x 182
17. Nana, 1967. 90 x 70
18. Flor do Mal, 1967. 120 x 75
19. Visionário, 1967. 125 x 100
20. Mensageiro, 1967. 120 x 100
21. Anacoreta, 1967. 100 x 80
22. O Palhaço das Bofetadas, 1967. 100 x 80
23. Sobrevivente, 1967. 145 x 165
24. Pintor, 1967. 125 x 90

## DESENHO

### CARRINGTON, Leonora

#### ACRÍLICO SÔBRE PAPEL

1. Os Três Batlonim, 1967. 56 x 71
2. "Señor Ruiz, el Ruiseñor", 1967. 37 x 59
3. Aranha, 1967. 57 x 77
4. Cavaleiros, 1967. 44 x 59
5. Arco Iris, 1967. 57 x 77
6. O Grande Sacerdote, 1967. 46 x 60
7. Leye e Frade, 1967. 46 x 50
8. O Mensageiro, 1967. 60 x 46
9. Os Juízes, 1967. 46 x 60
10. Meyer e Sender, 1967. 46 x 60
11. Leye Volta Transformado no Dybbuk, 1967. 46 x 60

#### AGUADA DE TINTA

12. Deusa das Serpentes, 1967. 25 x 31
13. Cervo, 1967. 25 x 31
14. Unicórnio, 1967. 25 x 31

15. Elefante Ferido, 1967. 25 x 31
16. Esqueleto, 1967. 25 x 31

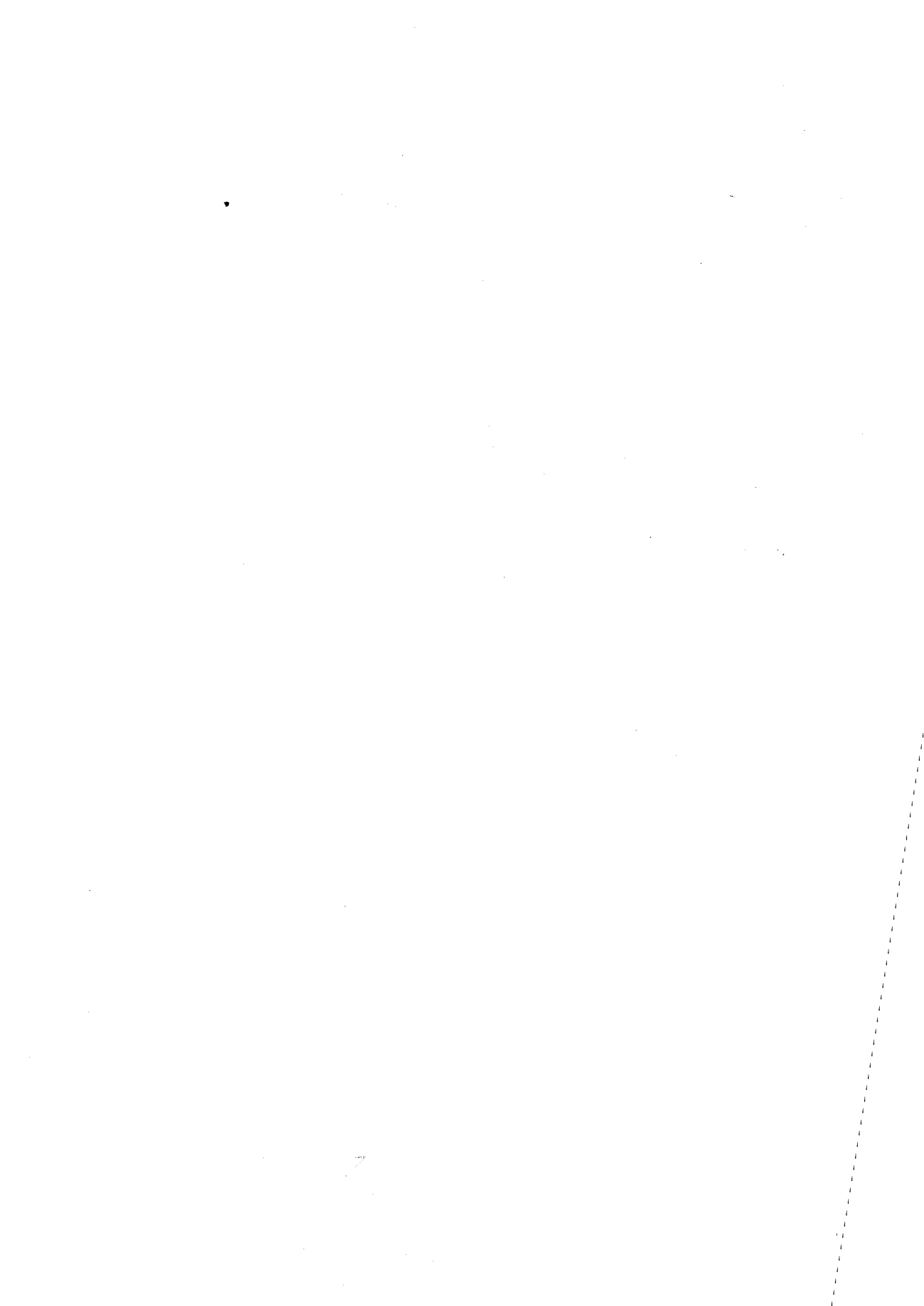
**CRAYON E TINTA**

17. Elefantes Sagrados Possuídos pelos Espíritos dos Danados, 1967. 25 x 31
18. Mulher num Jardim Lendo a Assinatura das Flôres, 1967. 25 x 31

**CORZAS, Francisco (1936)**

**TINTA E AQUARELA**

19. Casal, 1965. 53 x 51
20. Feliz Mortal, 1966. 63 x 77
21. Casal, 1967. 45 x 54
22. O Touro Modêlo, 1967. 50 x 66
23. Modelos e Pintor, 1967. 68 x 87
24. As Visitas do Pintor, 1967. 74 x 94
25. A Vaca do Velho Mundo, 1967. 85 x 105
26. Passeio Noturno, 1967. 79 x 156



# **NICARÁGUA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTERIO DE EDUCACIÓN  
PÚBLICA, MANAGUA.

COMISSÁRIO: ALBERTO YCASA



# NICARÁGUA

Apresenta a Nicarágua na atual mostra apenas uma expositora, a senhora Adela Vargas, com três telas.

Estamos diante de uma pintora néo-primitiva, autodidata, que ainda não completou dois anos de atividade artística.

Expôs seu primeiro quadro em janeiro do corrente ano no concurso internacional "Ruben Dário", na Nicarágua. Tendo seu trabalho chamado a atenção foi convidada pela União Pan Americana para realizar uma exposição pessoal em Washington em 1968.

## PINTURA

VARGAS, Adela (1910)

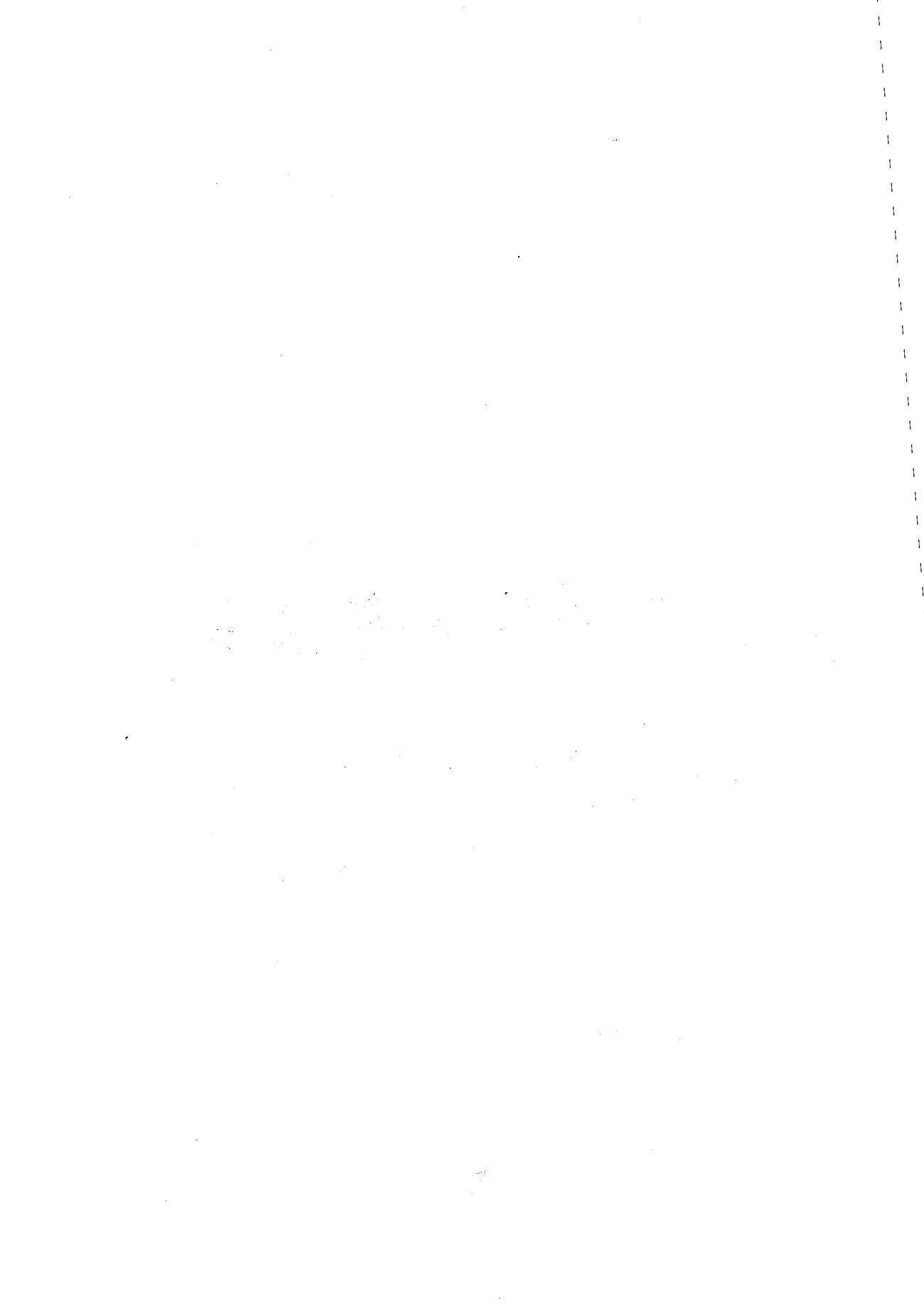
1. Popol-Vuh — Janeiro 1967. 43 x 51
2. Lavadeiras Noturnas, 1967. 51 x 61
3. "Velha León", 1967. Sr. Hope Somoza. 46 x 61



# **NORUEGA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTÈRE ROYAL DES  
AFFAIRES ETRANGÈRES, OSLO.

COMISSÁRIO: PER REMFELDT



# NORUEGA

A arte de Johannes Rian amadureceu lentamente, atingindo, através desse processo, clareza independente e caráter colorido. Não há aqui quem se iguale a êle e — temos a liberdade de presumir — nem no mundo inteiro.

Não nos espantaria se alguém afirmasse que Rian é um convidado inesperado destas latitudes à Bienal. Em suas obras não encontramos reflexo algum da rigidez das paisagens norueguesas nem qualquer paralelo com a arte diabólica e problemática de Edvard Munch. Mas não podemos, apesar disso, deixar de considerá-lo como a expressão genuína e autêntica de nossa cultura.

Rian nasceu em Namdalen, em 1891, bem ao norte da Noruega, quase abaixo do Círculo Polar. Crescendo sempre em íntimo contáto com essa natureza austera, sómente aos 36 anos teve oportunidade de iniciar seus estudos de arte. Embora seguindo as linhas clássicas, foi sempre uma figura diferente dos demais, no desenvolvimento comum da época. Quando muitos procuravam o misticismo da natureza ou o patetismo social, afastava-se êle de tôdas essas associações. Enquanto outros buscavam uma forma rígida e uma composição trabalhada intelectualmente, Rian pesquisava formas intuitivas e motivadas puramente por considerações do colorido.

Apenas nos últimos 10 a 15 anos evidenciou-se a perfeição resultante de seu longo trabalho. Deparamos uma arte ao mesmo tempo simples e sutil, uma pintura feita na Terra, mas igualmente dela desprendida, já que suas telas maravilhosas e inexplicáveis têm grande profundidade. É uma arte calma, contemplativa, construída numa delicada justaposição de côres serenas, escolhidas com um conhecimento excepcional de sua característica e força de expressão. Como disse o próprio artista: “A côr é, acima de tudo, o que procuro em minha arte. Cada tom deverá revelar sua essência. Deverá encontrar-se na Terra, mas de tal forma que com facilidade possa abrir-se para o espaço”. Não obstante sua maneira peculiar e excelente de pintar, Rian enquadra-se com naturalidade na nossa tradição nacional artística, visto que a criação e a expressão clara das côres tem sido sempre uma das linhas mestras da arte visual na Noruega.

## PINTURA

RIAN, Johannes (1891)

1. Sol Branco, 1963. Col. Sra. Toril Hofseth, Oslo. 122 x 102
2. Forma Negra sobre Fundo Cinza, 1963. 92 x 72
3. Amarelo e Vermelho, 1964. 92 x 72
4. Azul II, 1963. Galerie Nationale, Oslo. 82 x 92
5. Vermelho e Negro, 1963. Col. Sr. Reidas Wahe, Oslo. 102 x 83
6. Vermelho, 1964. Col. Sra. Marit Poulsson, Oslo. 92 x 72
7. Azul II, 1964. Col. Sta. Brita Scheel, Oslo. 93 x 73
8. Forma Vermelha sobre Fundo Negro, 1964. Col. Sr. Haaken A. Christensen, Oslo. 94 x 74
9. Púrpura, Hélios e Negro, 1964. Col. Snr. P. Natvig, Drammen. 102 x 80
10. Formas sobre Fundo Negro, 1964. Col. Snr. Magne Malmanger, Oslo. 91 x 72
11. Forma Negra sobre Fundo Vermelho, 1964. Galerie Itinerante Norvégienne, Oslo. 92 x 82
12. Luz e Obscuridade. 92 x 72
13. Vóo, 1964. 92 x 82
14. Luar, 1965. Col. Sta. Inger Guell, Oslo. 44 x 50
15. Azul, 1965. Col. Sra. Ingeborg Guell, Oslo. 92 x 82
16. Amarelo e Prêto sobre Roxo e Coral, 1965. Col. Snr. Geir Refsdal, Oslo. 92 x 102
17. Amarelo, 1965. Col. Sr. Haaken A. Christensen, Oslo. 93 x 73
18. Formas sobre Fundo Amarelo, 1965. Col. Kari Vik, Oslo. 91 x 71
19. Formas sobre Fundo Negro, 1965. 102 x 80
20. Azul, 1965. Col. Sr. Nils Ole Lund, Aarkus. 82 x 70
21. Azul, 1966. Col. Cidade de Trondheim. 92 x 102
22. Composição, 1966. 100 x 100
23. Composição, 1966. 202 x 162
24. Luar, 1966. 132 x 122
25. Vermelho, 1966. 102 x 82
26. Decoração, 1966. Hosp. Central de Trondheim. 202 x 402
27. Composição, 1967. 152 x 162
28. Formas sobre Negro e Lilás, 1967. Galerie Municipale de Stavanger. 102 x 117
29. Formas Azuis, 1967. 92 x 83

# **PANAMÁ**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
INSTITUTO PANAMEÑO DE  
ARTE, PANAMÁ.



# PANAMÁ

A exposição com que o Panamá comparece à IX Bienal é integrada por pinturas e gravuras de cinco artistas.

Em sua quase totalidade já se apresentaram em São Paulo, em Bienais anteriores, tendo Guillermo Trujillo, conquistado menção honrosa em 1959. Em Trujillo observa-se perfeito equilíbrio entre sua personalidade e seu trabalho. É um artista realmente panamenho, não só pelo nascimento mas igualmente pelo que exprime em suas telas. Nesta exposição apresentará "Tasca" e "Paisagem". Pela alta qualidade de seu trabalho atingiu posição de destaque no campo das artes.

Eudoro Silvera, outro dos integrantes da representação panamenha, obteve menção honrosa na IV Bienal. Comparece agora com três telas do ano passado, de duas séries denominadas "Entomologia" e "Composição".

Alfredo Sinclair, Juan Janine e Amalia Janine retornam à mostra de 1965. Vários quadros de Sinclair foram incluídos na exposição "Pintura da América após a Independência", que percorreu vários países de nosso continente. Julio Augusto Zachrisson, atualmente na Espanha, completa a representação panamenha, no setor de gravuras.

## **PINTURA**

### **JEANINE, Amalia R.**

1. Amanhecer Risonho. 63 x 93
2. Maternidade Índia. Óleo sobre cartão. 53 x 67

### **JEANINE, Juan B. (1922)**

3. Filho Ausente. Óleo sobre madeira. 58 x 87
4. O Guitarrista. Óleo sobre madeira. 62 x 87
5. Natureza Morta. Aquarela e Guache sobre papel. 46 x 61.
6. Ideologia. Fluorescente e esmalte. 56 x 95
7. Balcões Indiscretos. Fluorescente e esmalte. 79 x 116.

### **SILVEIRA, Eudoro (1916)**

8. Entomologia 3, 1966. 101 x 127
9. Entomologia 4, 1966. 160 x 65
10. Composição II, 1966. 97 x 77

### **SINCLAIR, Alfredo B. (1915)**

11. Trovador, 1967. 90 x 120
12. Barracuda 223, 1967. 90 x 120

### **TRUJILLO A., Guilherme R. (1927)**

13. Tasca I, 1966. 72 x 91
14. Tasca II, 1966. 76 x 120
15. Tasca III, 1966. 60 x 120
16. Paisagem I, 1966. 80 x 113
17. Passagem III, 1966. 60 x 100
18. Paisagem III, 1966. 60 x 100



# PAQUISTÃO

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
THE ARTS COUNCIL OF  
PAKISTAN, MINISTRY OF  
EDUCATION, KARACHI.



# PAQUISTÃO

Obras de dois artistas integrarão a sala destinada ao Paquistão na Presente Bienal. A embaixatriz, senhora Parvin Iftikhar Ali, com seis telas à óleo, participa pela primeira vez da mostra de São Paulo, enquanto o pintor Geoffrey Iqbal o faz pela terceira vez.

É longa a tradição da pintura no Paquistão, caracterizando-se as obras dos artistas de há mil anos, pelo delicado uso da linha, colorido vivo e notável senso de composição, de acôrdo com expressão do crítico Amjad Ali. Com a crescente influência da arte ocidental, a partir do século passado, e a evolução do nacionalismo no país, observou-se como que um renascimento das culturas Hindu e Muçulmana, buscando os artistas inspiração no passado. Só tardiamente, da década de 20 em diante, fez-se sentir a presença da arte moderna, que hoje conta com numerosos partidários entusiastas entre os artistas paquistaneses.

## MRS. PARVIN IFTIKHAR ALI

A embaixatriz Iftikhar Ali, espôsa do embaixador do Paquistão no Brasil, aprimorou seu trabalho no Ocidente, efetuando cursos com mestres franceses, ingleses e norte-americanos.

Seus trabalhos apresentam brilhantes côres, que os identificam com a sua terra natal, de flora colorida, rica e variada, de um povo que se moderniza e de um país em processo de desenvolvimento.

Já participou de numerosas mostras coletivas realizadas no Cairo, Ankara, Tunis e Londres, tendo organizado três exposições individuais no ano passado nos Estados Unidos.

## GEOFFREY J. IQBAL

Embora jovem, de apenas 28 anos, é Geoffrey J. Iqbal apontado como artista de excelente capacidade realizadora desde sua primeira apresentação, em 1962, com o quadro "A Menina e a Maçã", em Washington.

Sôbre Iqbal, escreve a princesa Aquilaparveen: "J. Iqbal está longe de ser um sucesso comercial; atravessou muitas tempestades e sobreviveu a muitos sofrimentos. Seu trabalho, nas palavras do Prof. Norbert Lynton, está acima do nacional e transcende as barreiras geográficas. Pintou alguns dos mais gloriosos ícones de nosso tempo mas sempre evitou a publicidade e a comercialização.

Os quadros desta exposição fazem parte da sua célebre "A Procura de uma Paisagem Ideal", série que o fez viajar quasi a metade de um milhão de milhas. Isto não é arte da moda. Isto é arte que realça as tragédias e compara os triunfos da era

confusa em que vivemos. Sir Philip Hendy observou: "Pode ser difícil para alguns encarar o fato de que Geoffrey é um homem da renascença que deu dignidade nova à nossa atividade estética". Apesar disso J. Iqbal Geoffrey passa a maior parte de seu tempo nos E.E.U.U. ou na Inglaterra; sua terra natal refere-se afetivamente a êle como o "Musaware — Azam" (Grande Artista) e o Dr. Thomas W. Leavitt do Santa Bárbara-Museum of Art escreveu:

"Está baseando sua jovem vida sôbre o conceito de que aquilo que é profundo dentro dêle, inevitavelmente passará a outros através de suas pinturas. Se está certo, há ainda esperança de liberdade para os artistas. Se está errado, podemos muito bem estar às portas de uma transformação no papel do artista na Sociedade e a Arte pode ainda uma vez servir às necessidades do homem de preferência a criá-las".

Princesa Aquilaparveen

## PINTURA

ALI, Parvin Iftikhar (1937)

1. Estrada "Bandar Karachi", 1966. 107 x 77
2. "Pink Dopatta", 1966. 133 x 92
3. Amor de Pino, 1966. 57 x 46
4. Dançando "Khattaks de Khyber", 1967. 116 x 89
5. "Anarkali Lahore", 1967. 61 x 49
6. Sombras de Azul, 1967. 72 x 59

GEOFFREY, J. Iqbal (1939)

### TÉCNICA MISTA

1. Em Busca de uma Paisagem Ideal, I, 1965/66. 122 x 122
2. Em Busca de uma Paisagem Ideal, II, 1965/66. 122 x 122
3. Em Busca de uma Paisagem Ideal, III, 1965/66. 122 x 122
4. Em Busca de uma Paisagem Ideal, IV, 1965/66. 122 x 122
5. Em Busca de uma Paisagem Ideal, V, 1965/66. 122 x 122
6. Em Busca de uma Paisagem Ideal, VI, 1965/66. 122 x 122

## GRAVURA

GEOFFREY, J. Iqbal (1939)

1. Paisagem I, 1966.
2. Paisagem II, 1966.



# **PARAGUAI**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTERIO DE EDUCACIÓN  
Y CULTO, ASSUNÇÃO.





# PARAGUAI

## JOSÉ LATERZA PARODI — 1915 SALA ESPECIAL

A escultura profana carece no Paraguai de tradição. Faltam os antecedentes de uma escultura moderna, se não contarmos a presença de Vicente Pollarolo, um dos epígonos do impressionismo rodiniano, depois de 1930, e os aspectos modernizantes de algumas obras de Julian de la Herreria, entre 1924 e 1930. As conquistas de alguns de nossos escultores, a partir desses lustros, revestem, assim, caráter de milagre. José Parodi é, praticamente, um autodidata.

A vocação escultórica de Parodi manifestou-se pela cerâmica; por volta de 1946. Na II Bienal de São Paulo, apresentou uma escultura em madeira — TATATI-POI — “Madeira de Fumaça”, em guarani — que além de ser seu primeiro ensaio com as goivas, foi também a única obra salva do naufrágio crítico da representação paraguaia de 1953. Passaram-se vários anos, durante os quais, se sonhou com a madeira, não chegou a manifestar-se. Continuou dedicado à cerâmica, nela projetando suas ansiedades de forma. De um primitivismo, de alento americano, passou a um rumo conceptivo mais contemporâneo, que o levou a abandonar totalmente o elemento figurativo. Em suas ansiedades de forma. De um primitivismo, de alento terrígeno, apresentou na IV Bienal (1957) uma série de quatro esculturas, intituladas RITMOS INDÍGENAS, em colaboração com Josefina Plá, e que obtiveram nessa ocasião o Prêmio ARNO. A trajetória com o barro continuou com exposições em Buenos Aires e Montevidéu, Valência (Espanha), São Paulo (a convite do Museu de Arte Moderna, juntamente com Josefina Plá, 1957) e Washington. Mas sempre cerâmica. Somente em 1963 a vocação represada transbordou e o artista passou a dedicar à madeira um tempo cada vez mais exclusivo. Em 1965 apresentou sua primeira exposição individual de esculturas em madeira no Salão do SEPRO em Assunção.

Os anos de sua atividade cerâmica não foram, porém, anos perdidos. As formas sacrificadas parecem ter incorporado, por assim dizer, sua trajetória evolutiva à da obra em barro. Não obstante a diferença de matéria e de técnica, o processo de atualização encontrou seu curso naquela. Quando começou a trabalhar a madeira, o artista estilizante de 1953 encontrou-se com toda naturalidade em uma linha contemporânea: linha sem estridências, mas não sem originalidade.

Na predileção de Parodi pela madeira vemos reiterar-se o misterioso desígnio, ao qual eu certa vez já aludira, que leva o artista local para a madeira como matéria de eleição, e nela plasma as mais originais e representativas conquistas — pinturas de Carlos Colombino, gravuras em madeira de Olga Blinder e Jacinto Rivero. Parodi confessa sua paixão pela madeira, em cuja cerne, bête e côr acha sensual deleitamento, assim como a

alegria da luta com uma substância a um tempo nobre e de não fácil entrega. A obra do barroco hispano-guarani foi um verdadeiro desdobramento em madeira: as mesmas madeiras que hoje trabalha o artista — cedro, carandá, lapacho, palosanto, urunday-mi, guayaigüi, ybiraró. Para êle a forma tem — assim o declara — importância determinante. Não pertence Parodi ao número de artistas intelectuais, nos quais a forma nasce como um suporte substancial de uma idéia, como metáfora plástica, e de que dá um esplêndido exemplo, neste mesmo país, Herman Guggiari. Não se alista tampouco na vanguarda que persegue antes de tudo o nôvo, o diferente, que nasce marcado pelo efêmero. Parodi crê no pacto tradicional e perdurável com a matéria; concebe a forma como um harmonioso equilíbrio de volumes; a idéia em todo caso brotará da forma. Esta é, para êle, um deslocamento irrepêtil, portanto insubstituível, do espaço.

Talvez, em um ou outro caso, uma escultura de Parodi surja em função da massa-mãe determinante: o tronco ou a peça de madeira dão à forma uma direção inicial; êsse pressentimento de uma forma pode aproximar ligeiramente a criação ao nível da "raiz" (CONJUNCIÓN, 1964). Mas na imensa maioria das vezes a forma pressentida é perseguida dentro da massa compacta como a borboleta dentro de seu casulo.

A coleção apresentada por Parodi compreende trabalhos de 1963 a 1967. Prazo demasiadamente curto para figurar como uma retrospectiva mas, suficiente, no entanto, para que possamos vê-la à guisa de uma panorâmica da evolução do artista.

Em algumas de suas primeiras peças (MADONA-1963) há certa sugestão figurativa; esta etapa, brevíssima, dá lugar a outra em que a forma, compacta, busca sua expressão dinâmica na complexidade dos volumes sugeridos, justapostos em um esquema labiríntico, como na já mencionada CONSOLACIÓN (1963).

Segue-se uma etapa na qual a figura, permanecendo em certo modo compacta, cingida a si mesma, deixa desprender, o que antes eram volumes apenas diferenciados, em curvas dinâmicas, espiralóides e helicoidais, que intentam uma evasão mas, estrangidas pelo seu próprio dinamismo, regressam e se fundem de nôvo na massa (FORMA EN MOVIMIENTO, 1964); (BROTE, 1965). Êste impulso centrífugo se aplaca mais tarde: as curvas tornam-se levemente estáticas procurando seu efeito na continuidade mais que no movimento (FOSILES I y II, 1965). Continua uma etapa na qual os volumes se organizam obedecendo a um impulso vertical: são figuras esguias, agudas como chamas, das quais só aparecem nesta coleção os exemplos mais atenuados e compactos, que marcam o final do período (FORMA I, 1966) (RECOGIMIENTO III, 1966). As figuras nas quais os espaços vazios assumem função estrutural, próprias do período precedente, voltam agora à anterior concepção de massa, em que os volumes se insinuam sem desprender-se da mesma, quase como relevos. Sômente que agora os relevos, recolhidos

sôbre si mesmos num enquistamento fetal, circunscrevem-se em um bloco, estático, geométrico, cujos limites espaciais não transcendem (SUEÑO DE RAICES I y II, 1967), e onde parece palpitar o telúrico de certas concepções pré-colombianas.

Neste momento em que a arte insiste na novidade, andam devagar os artistas como Parodi, que crêem ser a procura o essencial e que o resto se dá por acréscimo. Para Parodi, a arte continua sendo transfiguração da matéria, infusão de uma ânsia eterna no perecível. É um artista sincero e portanto honesto. Sua obra, profundamente sentida, surge quase que como uma indiferenciada imagem do mundo vegetal, virgem ainda, onde as formas esperam a mão ordenadora do homem.

Josefina Plá

**PARODI, José Laterza**

**ESCULTURA — Madeira (entalhe direto)**

1. Madona, 1963. 90
2. Conjunção I, 1963. Col. José Apesteguía. 125
3. Conjunção II, 1963. Col. Miguel A. Fernandez. 120
4. Consolação, 1963. 70
5. Ritmo Helicoidal, 1964. 40
6. Medea, 1964. 84
7. Forma em Movimento. 76
8. Brote em Eclipse, 1965. Col. Lívio Abramo. 60
9. Desenvolvimento, 1965. 100
10. Fossil I, 1965. 70
11. Fossil II, 1965. 90
12. Forma I, 1966. Museu Particular de Julian de la Herrería, 78
13. Recolhimento I, 1966. 77
14. Recolhimento II, 1966. 75
15. Recolhimento III, 1966. 104
16. Sonho de Raizes I, 1967. 32
17. Sonho de Raizes II, 1967. 70
18. Sonho de Raizes III, 1967. 60

**SALA GERAL**

**PINTURA**

**BLINDER, Olga (1921)**

**TÉCNICA MISTA**

1. Senhoritas. 130 x 70
2. Upa. 130 x 70
3. Queda. 130 x 70
4. Carisma. 130 x 70
5. Diz que... 130 x 70
6. Conselho. 130 x 70

**BURT, Michael (1931)**

**ACRÍLICO**

7. Arquitetura I. 60 x 100
8. Arquitetura II. 100 x 60
9. Arquitetura III. 60 x 100
10. Arquitetura IV. 100 x 100
11. Arquitetura V. 60 x 100
12. Arquitetura VI. 100 x 100
13. Arquitetura VII. 60 x 100

**COLOMBINO, Carlos (1937)**

**XILOPINTURA**

14. Marechal do Ar, 1967. 240 x 150
15. Morte, 1967. 150 x 120

16. Catafalco, 1967. 70 x 170
17. Pitonisa, 1967. 120 x 60 x 120
18. Togados, 1967. 160 x 320
19. Denúncia, 1967. 140 x 140
20. Homem, 1967. 200 x 70 x 70

#### **KETTERER, Frederico Guilherme**

##### **COLAGEM**

21. Feitiço de Guarânia 1. 170 x 125
22. Feitiço de Guarânia 2. 170 x 125
23. Feitiço de Guarânia 3. 170 x 125

#### **LASCIO, Pedro Di (1906)**

24. O Senhor Sol. 140 x 140
25. A Senhora Lua. 140 x 140
26. O Senhor Astronauta. 140 x 140

#### **TORFS, Leonardo (1927)**

27. Entêrro de um Anjo. 120 x 100
28. Manifestação. 120 x 100
29. Procissão. 120 x 100
30. Tôrre Humana. 120 x 100

## **GRAVURA**

#### **JIMÉNEZ, Edith**

##### **XILOGRAVURA**

1. N.º 79. 170 x 74
2. Noite da Madeira. 170 x 74
3. Olhos na Madeira. 170 x 74
4. O Coração na Madeira. 170 x 74
5. Suas Mãos. 100 x 59
6. O Sangue na Madeira. 100 x 54

## **ESCULTURA**

#### **CAREAGA, Henrique Martins (1944)**

##### **PLÁSTICO, CONTRAPLACA, GUACHE ACRÍLICO, MOTOR, LUZ, ETC**

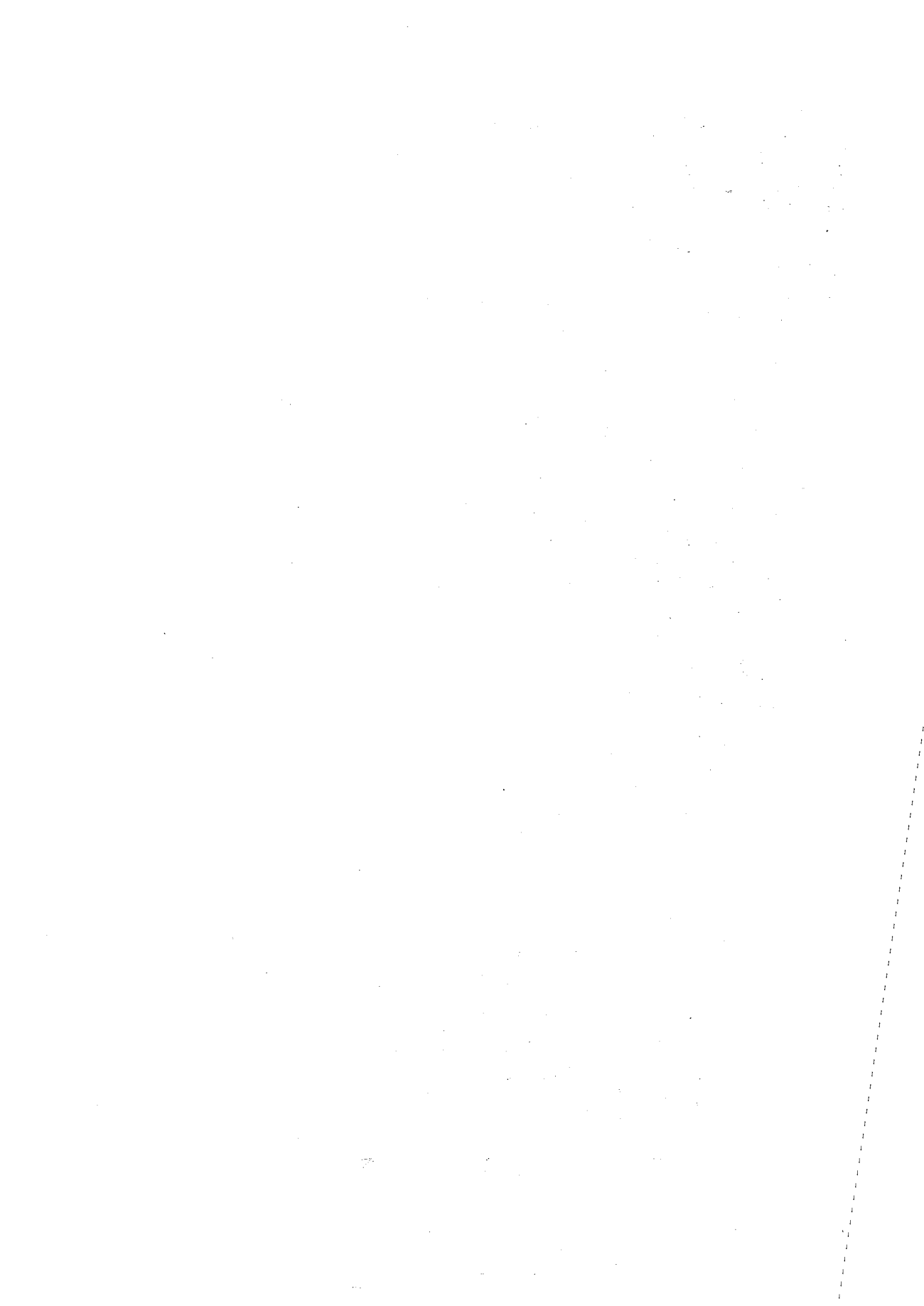
1. Círculos em Movimento, 1967. 140 x 110 x 30
2. Espirais em Movimento, 1967. 120 x 190 x 30
3. Côres — Vibração I, 1967. 120 x 100 x 30
4. Côres — Vibração II, 1967. 120 x 100 x 30
5. Côres — Vibração III, 1967. 120 x 100 x 30

#### **MARQUES, Laura (1929)**

6. Portas Inúteis. 300 x 70

#### **PINDÚ, Jenaro**

7. Virus. Em massa e cola. 300 x 100



# **PERU**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
CASA DE LA CULTURA  
DEL PERU, LIMA.

COMISSÁRIO:  
JOSÉ FELIPE VALENCIA ARENAS





# PERU

A Juan de la Colina pode-se atribuir, com a concordância geral, o título de primeiro pintor abstrato peruano.

Logo após chegar a Lima, em outubro de 1942, expôs na Sala "Entre Nous" dois quadros abstratos que pintou em Londres. Dez anos depois apresentou na Sociedade dos Arquitetos, em uma exposição individual, peças não-figurativas orientadas para a abstração geométrica. Esses dois acontecimentos asseguraram-lhe o pioneirismo, no Peru, no campo da arte abstrata.

Juan Manuel de La Colina nasceu em Barcelona a 17 de Julho de 1917. Descende de heróis e diplomatas. Seu avô materno, Don Rafael Vilanova Domenech foi fuzilado aos 75 anos, na Fortaleza de Montjuich, durante a guerra civil espanhola de 1936-39. Seu avô paterno, Don Narciso de la Colina, foi um dos principais heróis de Miraflores, morto à frente de seu batalhão na Guerra do Pacífico. Seu pai era o distinto diplomata peruano José Manuel de la Colina, casado com a senhora Maria Vilanova de la Colina.

Educou-se na Holanda, na Espanha, Austrália, Inglaterra e Peru, diplomando-se em pintura na "Gallery of Art" de Melbourne em 1939, onde completou em dois anos curso programado para 6 anos. Em Londres cursou, em 1939, a "Royal Academy of Art". Por ocasião da morte de seu pai ocorrida em 1942, e após suportar os rigores da Guerra em Londres e Liverpool, mudou-se para Nova Iorque. Em seguida a uma vida de ativo trabalho de pesquisa estética em diversos museus e centros de arte, mudou-se para Nova Orleans e, por fim chegou ao Peru em 1942.

Em Lima, Colina desenvolveu intensa atividade plástica. Foi nomeado em 1945 professor da Escola Nacional de Belas Artes e casou-se com a senhora Nelly Maria de Rossi Araoz, pintora peruana, que havia sido sua aluna. Em 1949 viajou para a França, onde ficou um ano, tendo exposto seus trabalhos na Maison de l'Amérique Latine, em Paris.

Três anos depois de seu retorno a Lima voltou a Paris onde mora até hoje. No Velho Mundo, especialmente em Paris, realizou tarefa artística reconhecida nos mais exigentes meios plásticos. Desenvolveu intensa atividade profissional com aplausos da crítica francesa. Seu trabalho, que pode ser visto em sua sala especial, apresenta um mundo singular de vivências plásticas e um universo de formas pictóricas profundamente sugestivas e originais.

\* \* \*

Na Sala Geral figuram vinte gravuras de um jovem gravador peruano: Claudio Juárez Castilha. Já realizou várias exposições individuais no Peru e em vários países. Recebendo uma bolsa de estudos do governo brasileiro, trabalhou nos anos de 1962 a 1963 com a gravadora brasileira Edith Behring no Rio de Janeiro.

## PINTURA

### COLINA, Juan de La (1917)

1. Busto Egípcio, 1963. 136 x 93
2. Busto Arcáico de Apolo, 1963. Col. Snr. A Gonzalez Pardo. 136 x 95
3. Estátua Egípcia e Personagem, 1964. 150 x 109
4. Dois Personagens Fugindo, 1965. 150 x 109
5. Personagem I, 1965. 136 x 101
6. Personagens em Movimento I, 1966. 117 x 215
7. Personagens em Movimento II, 1966. 215 x 117
8. Busto e Cabeça, 1967. 112 x 85
9. Dois Personagens, 1967. 112 x 85
10. Cabeça e Perfil, 1967. 112 x 85
11. Cabeça e Dois Perfis, 1967. 85 x 112
12. Personagem Marchando, 1967. 136 x 101
13. Personagens, 1967. 112 x 85
14. Dois Personagens II, 1967. 136 x 101
15. Personagens Andando, 1967. 117 x 182
16. Personagens Andando II, 1967. 182 x 117
17. Personagens em Movimento III, 1967. 117 x 410

## SALA GERAL

## PINTURA

### COLINA, Juan de la (1917)

1. Colagem I, 1967. 100 x 60
2. Colagem II, 1967. 100 x 60
3. Colagem III, 1967. 100 x 60
4. Colagem IV, 1967. 100 x 60
5. Colagem V, 1967. 100 x 60
6. Colagem VI, 1967. 100 x 60
7. Colagem VII, 1967. 100 x 60
8. Colagem VIII, 1967. 100 x 60
9. Colagem IX, 1967. 100 x 60
10. Colagem X, 1967. 100 x 60

## GRAVURA

### JUAREZ CASTILLA, Claudio (1935)

#### AGUA — FORTE

1. Composição I, 1966.
2. Composição II, 1966.
3. Composição III, 1966.
4. Composição IV, 1966.
5. Composição V, 1966.

6. Elementos Incas I, 1967.
7. Elementos Incas II, 1967.
8. Elementos Incas III, 1967.
9. Elementos Incas IV, 1967.
10. Elementos Incas V, 1967.
11. Elementos Ancestrais I, 1967.
12. Elementos Ancestrais II, 1967.
13. Elementos Ancestrais III, 1967.
14. Elementos Ancestrais IV, 1967.
15. Elementos Ancestrais V, 1967.
16. Formas Arquitetônicas I, 1967.
17. Formas Arquitetônicas II, 1967.
18. Formas Arquitetônicas III, 1967.
19. Formas Arquitetônicas IV, 1967.
20. Formas Arquitetônicas V, 1967.



# **POLÔNIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
BIURO WSPOLPRACY  
KULTURALNEJ Z ZAGRANICA,  
VARSÓVIA.

COMISSÁRIO:  
ANDRZEJ J. WROBLEWSKI



# POLÔNIA

A Exposição Polonesa na "IX Bienal", continuando a mesma concepção base de nossas apresentações anteriores, pretende demonstrar a imensa dimensão das correntes artísticas que se manifestam claramente e que caracterizam as tendências evolutivas da arte dos últimos anos em nosso país.

A mostra atual, em relação às precedentes, possui, porém, certa particularidade específica. Pela primeira vez é apresentada a escultura polonesa, cuja corrente dinâmica de pesquisas contemporâneas prende-se à trama de antigas tradições populares.

Todos os nossos expositores na IX Bienal pertencem à geração que formou sua expressão artística após a guerra. Nas diferentes disciplinas artísticas procuramos confrontar estilos de artistas de inspirações e temperamentos diversos que abordam de maneira variada os problemas do "métier" e do material, o que permitiu realçar melhor a personalidade de cada um deles. A atual mostra reúne os trabalhos de apenas seis artistas graças ao que se tornou possível apresentar amplamente sua obra.

No domínio da pintura comparamos Tadeusz Kantor e Jerzy Krawczyk, cujas obras evidenciam tendências diametralmente opostas. Foi também, seguindo o princípio do confronto-contraste, que apresentamos as esculturas de dois artistas que denotam perfeito conhecimento do material de escultura que escolheram. De um lado, Jerzy Jarnuszkiewicz que aplica a técnica moderna em metal. Do outro, Jerzy Berés enfeitado pela tradição da madeira, material polonês de escultura popular. A seção de artes gráficas está representada por Lucjan Mianowski e Włodzimierz Kung, artistas de criações felizes no emprêgo de técnicas gráficas de toda espécie.

Os organizadores da exposição polonesa para a IX Bienal esperam que esta continue a tornar mais conhecidos os problemas atuais da arte contemporânea polonesa.

Andrzej J. Wróblewski

## PINTURA

**KANTOR, Tadeusz (1915)**

### TÉCNICA MISTA

1. ... Art ... S ... Suppli ..., 1965. 204 x 92
2. Ao Senhor T. U. A., 1965. 121 x 101
3. "Emballage" Metafórica, 1966. 98 x 261
4. "Infante" 1966. 163 x 101
5. "Emballage" Infantil, 1966. 82 x 101
6. "Emballage" I, 1967. 161 x 206
7. "Emballage" II, 1967. 206 x 161
8. "Emballage" III, 1967. 161 x 206
9. "Emballage" IV, 1967. 206 x 161
10. "Emballage" V, 1967. 161 x 206
11. "Emballage" VI, 1967. 206 x 161
12. "Emballage" VII, 1967. 101 x 164
13. "Emballage" VIII, 1967. 111 x 181
14. "Emballage" IX, 1967. 82 x 101
15. "Emballage" X, 1967. 82 x 101
16. "Emballage" XI, 1967. 82 x 102
17. "Emballage" XII, 1967. 82 x 101
18. "Emballage" XIII, 1967. 82 x 101
19. "Emballage" XIV, 1967. 82 x 101

**KRAWCZYK, Jerzy (1921)**

20. "Collegium Anatomium", 1965. 68 x 50
21. Rabbi, onde Moras?, 1965. 69 x 74
22. Jerusalém, 1965. 79 x 94
23. Mulher Sentada, 1965. 116 x 96
24. Loja de Chapéus, 1965. 103 x 133
25. Espelho, 1965. 126 x 96
26. "Atelier" 1965. 101 x 128
27. Sem Título, 1965. 171 x 40
28. A Vida, 1966. 123 x 60
29. Janela, 1966. 110 x 136
30. Clínica de Bonecas, 1966. 95 x 61
31. Palavra Feia, 1966. 55 x 48
32. Composição Espacial com Um Nu, 1966. 81 x 71
33. Composição Espacial com Uma Reprodução, 1966. 78 x 54
34. Silêncio Alivia, 1966. 37 x 101
35. Janela, 1966. 108 x 91
36. Romeu e Julieta, 1967. 71 x 81
37. Composição Espacial com Círculos, 1967. 131 x 44

## GRAVURA

**KUNZ, Wladzimirz (1926)**

### TÉCNICA MISTA

1. Fábrica II, 1966. 70 x 100
2. Vênus de Milo I, 1966. 70 x 100



3. Mediterrâneo I, 1966. 70 x 100
4. Mediterrâneo II, 1966. 70 x 100
5. Jardim, 1966. 70 x 100

#### LITOGRAFIA EM CÔRES

6. Moisés, 1966. 70 x 100
7. Verão, 1966. 70 x 100
8. Vênus de Milo II, 1966. 70 x 100
9. Borboleta Biella, 1966. 70 x 100
10. Fábrica III, 1967. 70 x 100
11. Fábrica IV, 1967. 70 x 100
12. Fábrica V, 1967. 70 x 100

#### MIANOWSKI, Lucjan (1933)

##### LITOGRAFIA EM CÔRES

13. Litografia 10 A, 1961. 100 x 70
14. Litografia 10 B, 1961. 100 x 70
15. Cabeça, 1963. 100 x 70
16. Paisagem com Lua A, 1964. 100 x 70
17. Paisagem com Lua B, 1964. 70 x 100
18. Cabeça, 1965. 100 x 70
19. "Match I", 1965. 100 x 70
20. "Match II", 1965. 70 x 100
21. Pôr do Sol I A, 1965. 70 x 100
22. Pôr do Sol I B, 1965. 70 x 100
23. Pôr do Sol II, 1965. 70 x 100
24. Pôr do Sol III, 1965. 100 x 70
25. Pôr do Sol IV, 1965. 100 x 70
26. Pôr do Sol V, 1965. 70 x 100
27. Pôr do Sol V A, 1965. 70 x 100
28. Pôr do Sol VI, 1965. 70 x 100
29. Pôr do Sol V B, 1966. 70 x 100
30. Pôr do Sol VII, 1967. 100 x 70
31. Pôr do Sol VIII, 1967. 100 x 70
32. Pôr do Sol IX, 1967. 70 x 100

## ESCULTURA

#### BERÉS, Jerzy (1930)

1. Fantasma — Sino, 1963. Madeira e Pedra. 250
2. Fantasma de Couro, 1965. Madeira e couro. 210
3. Fantasma Branco e Vermelho I, 1965. Madeira e Pedra 230
4. Fantasma Branco e Vermelho II, 1966. Madeira e corda. 300
5. Fantasma Belo, 1967. Madeira. 360
6. Fantasma — Oráculo, 1967. Madeira e Pedra. 360

#### JARNUSZKIEWICZ, Jerzy (1919)

##### FERRO SOLDADO

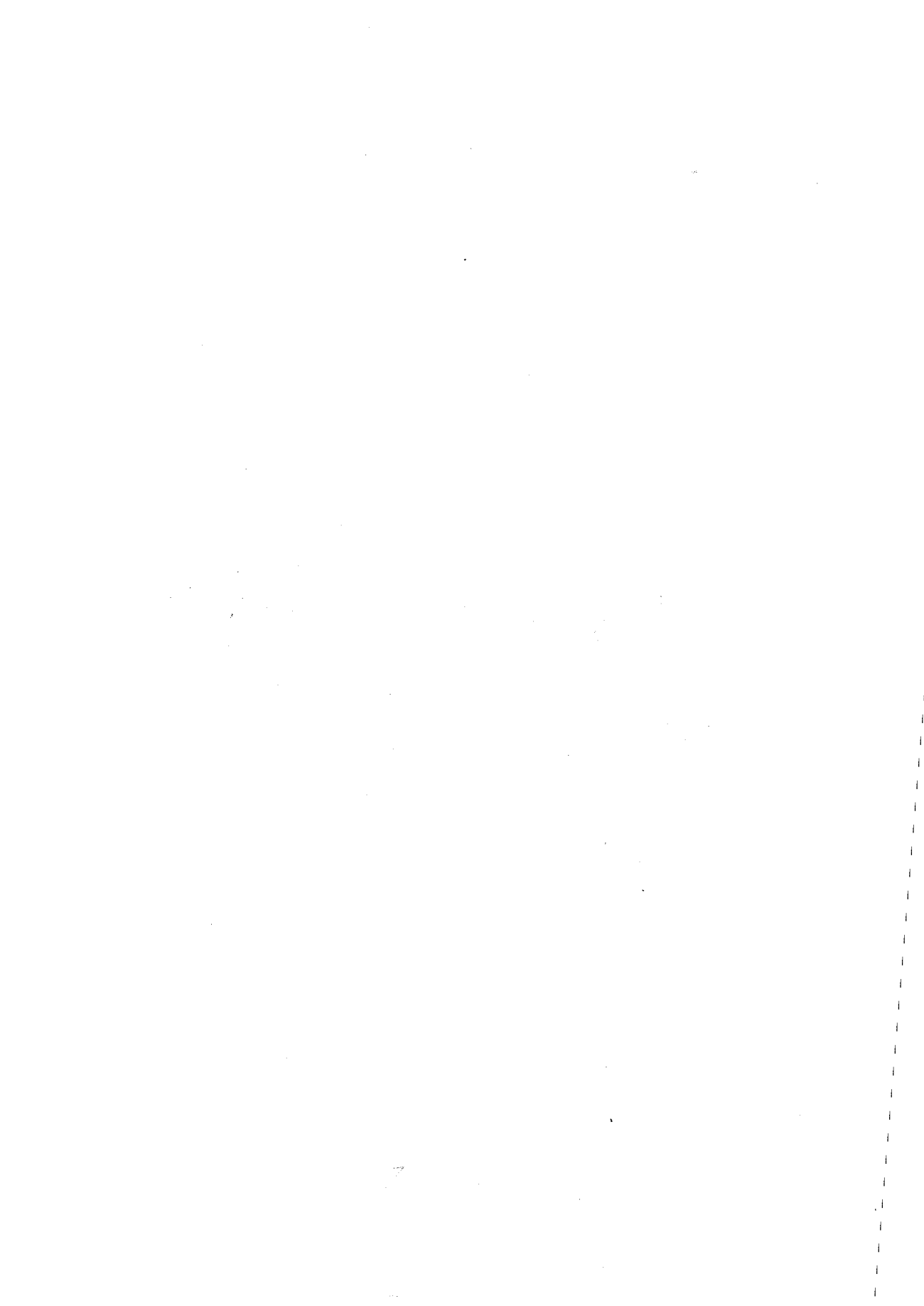
7. Raios, 1964. 90
8. Objetos, 1964. 100

9. "Le Cérébral", 1964. 35
10. Interior I, 1964. 25
11. Interior II, 1964. 30
12. Explosão, 1964. 45
13. Gnomo, 1964. 63
14. Cogumelos, 1964. 45
15. Ganchos, 1964. 140 (largura)
16. Sinal, 1964. 38 (largura)

# **PORTUGAL**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
SECRETARIADO NACIONAL  
DA INFORMAÇÃO, CULTURA  
POPULAR E TURISMO, LISBOA.

COMISSÁRIO: FELNER COSTA



# PORTUGAL

Estabelecer definições de tendências ou de caminhos andados; historiar como a Arte portuguesa se encontrou européia e por meio e mérito de quantos o termo modernidade não é só mais um termo de ficheiro de um nôvo dicionário ou enciclopédia; agrupar os artistas nas novas e atuais descobertas; dêles e suas obras, partindo, analisar e concluir o quanto lhes devemos no entendimento universal da atual escultura e pintura portuguesas, eram aspectos, facetas e soluções de um problema apetecível de justiça, esclarecido pelos próprios elementos fornecidos por tôdas as anteriores presenças portuguesas na Bienal, magnífica de convívio e avaliação, de São Paulo, destruindo-se de vez que em Portugal escultura não há e pintores modernos, antes atuais, tantos que os dedos de uma mão chegam para os contar, não sendo êstes nenhum dos cinco.

Não chamemos ao conjunto das obras de José Rodrigues com as de Maria Irene Vilar mais as de Areal mais as de Carlos Calvet representação nacional portuguesa, coisa que a tantos causa engulhos e calafrios, como se entre nós houvesse o costume de menos sèriamente tratar com outrém as coisas sérias.

Chamemos sim, às obras de cada um e cada um em separado, agrupados por razões de família inegáveis e indiscutíveis, presença da Arte portuguesa.

Os críticos avisados e afeitos a ver muito, e o público entendido ou só amador, dirão de sua justiça: só isso esperam e só nisso confiam os quatro artistas portugueses, conscientes êles e quem os seleccionou, da sua posição no complexo cultural nacional.

Sellés Paes

## PINTURA

### AREAL, Antonio

1. O Fantasma de Avignon I 100 x 170
2. O Fantasma de Avignon II 100 x 170
3. O Fantasma de Avignon III 100 x 170
4. O Fantasma de Avignon IV 100 x 170
5. O Fantasma de Avignon V 100 x 170
6. O Fantasma de Avignon VI 100 x 170

### CALVET, Carlos

7. Prometeu Prometido 100 x 170
8. O Cavaleiro Negro 100 x 170
9. O Lápis Revelador 76 x 170
10. Quando? 70 x 160
11. Sintropismo 116 x 100
12. Aí Vêm Eles! 116 x 130
13. Os Ciclopes 89 x 130

## DESENHO

### RODRIGUES, José Joaquim

1. Desenho I 60 x 80
2. Desenho II 60 x 80
3. Desenho III 60 x 80
4. Desenho IV 60 x 80
5. Desenho V 60 x 80
6. Desenho VI 60 x 80

## ESCULTURA

### RODRIGUES, José Joaquim

1. Escultura I, Ferro 60 x 40
2. Escultura II, Ferro 160 x 120
3. Escultura III, Ferro 300 x 100
4. Escultura IV, Ferro 100 x 50
5. Escultura V, Ferro 85 x 50
6. Escultura VI, Ferro 200 x 70
7. Relêvo I, Metal 75 x 75
8. Relêvo II, Metal 75 x 75
9. Relêvo III, Metal 75 x 75
10. Relêvo IV, Metal 60 x 60
11. Relêvo V, Metal 60 x 60
12. Relêvo VI, Metal 60 x 60

### VILAR, Maria Irene

### MADEIRA

13. Castelo Feudal 129 x 98
14. Máquina do Suplício 82 x 67

# **REPÚBLICA DOMINICANA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
SECRETARIA DE EDUCACIÓN  
Y BELLAS ARTES,  
SÃO DOMINGOS.





## **PINTURA**

### **BIDÓ, Candido (1942)**

1. Miséria, 1967. 119 x 92
2. Vendedoras de Garrafas. 119 x 92

### **CHICON, Guillermo Pérez (1930)**

3. Canaveral. 40 x 34
4. Sol Antilhano. 32 x 40

### **DEFILLÓ, Fernando Peña (1928)**

5. Tela Mágica, 1967. 168 x 133
6. Paisagem Serena, 1967. 168 x 133

### **ORTEGA, Gilberto Hernandez (1923)**

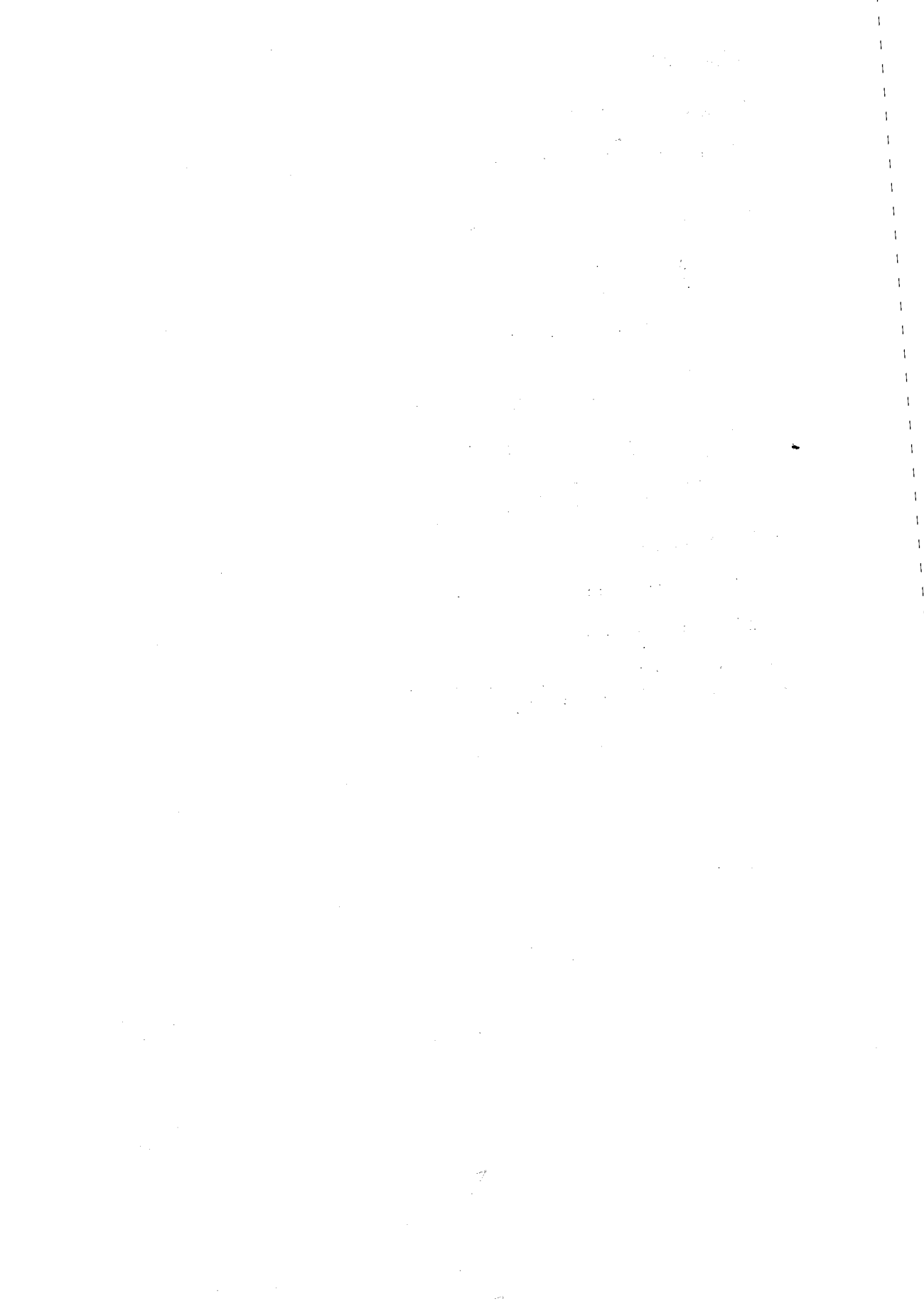
7. Transfiguração, 1967. 128 x 112
8. Umbral, 1967. 128 x 112

### **OVIEDO, Ramón**

9. Tasca. 115 x 113

### **PEREZ, Leopoldo (Lepe)**

10. Nu de Mulher em uma Praia. 39 x 32
11. Natureza Morta com Esqueleto. 39 x 32



# REPÚBLICA DO SUDÃO

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MINISTRY OF INFORMATION  
AND SOCIAL AFFAIRS,  
CARTUM.

COMISSÁRIO:  
MR. ABDALLA M. EL GUNEID



# REPÚBLICA DO SUDÃO

Pela primeira vez a República do Sudão participa da Bienal de São Paulo. Trinta e dois trabalhos de dois-escultores e de nove pintores e desenhistas possibilitam ao visitante uma idéia do movimento artístico sudanês de nossos dias.

É oportuno destacar, desde logo, a juventude dos expositores, de idade variando entre 21 e 35 anos. Apesar disso, em sua maior parte, são artistas que já realizaram mostras de seu trabalho fora de seu país, não só no próprio continente africano, como na Europa, América e Ásia.

A seleção efetuada reúne os mais recentes trabalhos — elaborados em 1966 e em 1967 — de Tag Ahmed, Bahri Mustafa Vilal, Ahmed Mohamed El Arabi, Mohamed El Fahim, Salih El Zaki, Kumala Ishag, Mohamed Omer Khalil, Mohamed Abdel Razag, Ibrahim Salahi, Hussein Shariffe e Ahmed Mohamed Shibrain.

No Sudão, como em tôdas as parte do mundo, a preocupação é a mesma: a expressão livre do pensamento artístico, a busca de novas formas a intensa pesquisa, enfim, a criação de uma obra de arte capaz de refletir os novos anseios sociais e morais do homem e as condições locais, emprestando à mesma valor universal.

As influências mais diretas na formação artística da atual representação do Sudão são da Inglaterra, Itália e Alemanha, onde estudaram vários dos expositores da IX Bienal. Mas o que se observa em seus trabalhos é a expressão de sua própria sensibilidade, dentro do estilo nascido da forma de ser, da personalidade, da capacidade criadora de cada um.

## PINTURA

### AHMED, Tag (1933)

1. Margem Azul, 1965. 100 x 100
2. Uniforme de Batalha Otomana, 1965. 102 x 106
3. Personagem do Norte de Cartum, 1967. 91 x 91

### BILAL, Bahri Mustafa (1945)

4. Sem Título, 1966. 52 x 42
5. Sem Título, 1966/67 82 x 61
6. Sem Título, 1967. 34 x 36
7. Sem Título, 1967. 63 x 25

### EL ARABI, Ahmed Mohamed (1933)

8. Colméia de Abelhas, 1967. Tinta e cêra colorida. 80 x 40

### EL FAHIM, (1935)

9. Bailarinos, 1967. 50 x 50
10. Músicos, 1967. 38 x 38

### ISHAG, Kamala Ibrahim (1939)

11. Última Ceia com Dedos, 1966. 122 x 183
12. Orgulho, 1967. 50 x 37
13. Macho e Fêmea. Pastel em côres. 31 x 25
14. Dama Voadora e Serpente. Lápis e tinta. 34 x 31

### KHALIL, Mohamed Omer (1936)

15. Página Amarela, 1967. 50 x 60

### SALAH, Ibrahim (1930)

16. "Al Baghara". 91 x 122
17. Êles Sempre Aparecem (a) 38 x 59
18. Êles Sempre Aparecem (b) 46 x 61

### SHARIFFE, Hussein (1937)

19. Tudo acima de Marrakish, 1963. 180 x 150

### SHIBRAIN, Ahmed Mohamed (1931)

#### AQUARELA

20. Mensagem I, 1966. 59 x 59
21. Tempo, 1967. 79 x 31

## DESENHO

### AHMED, Tag (1933)

1. Casa, 1967. 19 x 25
2. Interior, 1967. 20 x 26

**SALAH, Ibraim (1930)**

**BICO DE PENA**

3. Êles Sempre Aparecem (c). 29 x 39
4. Êles Sempre Aparecem (d). 34 x 44
5. Mulher Voando Sôbre a Cidade (a). 39 x 29
6. Mulher Voando Sôbre a Cidade (b). 39 x 29

**ESCULTURA**

**EL ZAKE, Salik (1940)**

**ARGILA**

1. Cabeça, 1967. 37 x 20
2. "Shiluk", 1967. 41 x 30
3. Nuba, 1967. 42 x 26

**RAZAG, Mohamed Abdel (1946)**

**ARGILA**

4. Cabeça de Menina (1), 1967. 30 x 15
5. Cabeça de Menina (2), 1967. 33 x 16





# **ROMÂNIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
COMITÉ D'ÉTAT POUR LA  
CULTURE ET L'ART, DE  
L'INSTITUT ROUMAIN POUR LES  
RELATIONS CULTURELLES AVEC  
L'ÉTRANGER, BUCAREST.



# ROMÂNIA

Há artistas a quem não conhecemos mas que esperamos e, de certo modo, pressentimos. Assim dizia Lionello Venturi, referindo-se a um dos mais autênticos pintores romenos, que descobriu numa Bienal veneziana. Petrascu era um artista sóbrio, avaro em efusões, mas ao ver seus quadros, Venturi reconheceu nêle um amigo, precisamente porque sua arte, não sendo estritamente local, buscava enquadrar-se, característica e límpida, nas coordenadas da pintura européia.

“A Arte tem pátria” — declarava há algumas décadas um pintor romeno, que foi também uma consciência teórica, Francisco Sirato. Contudo êle mesmo, procurando os mananciais em que bebera, respondia com estas palavras elucidativas: “Cézanne e a arte popular romena”. O que podemos considerar um programa de *síntese* entre o especificamente nacional e as exigências do universal.

*Mutatis mutandis*, tal programa encontramos de nôvo, e não poucas vêzes, no esforço de nossos artistas de hoje. Entenda-se, porém, que ao falarmos de “arte popular” não queremos dizer etnografia barata. Em nosso contexto histórico a arte camponesa é mais do que uma sobrevivência de épocas mortas, mais do que um pretexto sentimental. “Fiel às convenções que delimitam o seu estilo, jamais é sistemática”, dizia, com espanto, Henri Fossillon desta criação vivaz e anônima, que alguns milênios atrás desabrochou nas margens do Danúbio. “É como se tivesse sido inventada na véspera”. Ir ao encontro de tais humildes tesouros não significa procurar um alibi pitoresco e cômodo, que iluda a áspera exigência das sínteses modernas. Não esqueçamos que estamos no país de Brancusi, o artista infável e fundamental que nos deixou o exemplo de uma aliança rara, feita de arrôjo e sabedoria; que soube extrair dêsse dote folclórico, uma cristalina arquitetura de conceitos ontológicos, de sublimes e primordiais revelações. Num ambiente dessa natureza não têm sentido divisões pedantês entre artistas *eruditos* e artistas *genuínos*. A candura poética dos quadros de Aurel Cojan — o mais velho do grupo romeno representado em São Paulo — filtra-se através de valores de antiquíssima sensibilidade. Um ar enfeitado de conto oriental, em côres que tudo são, menos suaves, com um não sei quê de madura gravidade, de timbre cálido, por vêzes como que de velha cerâmica; não é difícil ver que êsse “fabuloso” supera a inspiração da pintura ingênua, chega a outros confrontos e nos conduz à graça sábio-ingênua de um Klee.

Certa gravidade hierática pode ser vista, também, nas composições de Virgil Almasanu. Cresce no quadro “Rapsodos”, onde flui com uma espécie de abandono sonhador como a cabeça da “Musa Dormindo” de Brancusi. A existência sonhada por essas figuras é a que sentimos na pintura de nossos antigos afrescos medievais, alheia a qualquer orgulho ou exibição de virtuosidade; alheia tanto à retórica dos volumes como à da côr. A matéria sacode a untuosidade complacente do óleo, deixa-se arranhar e mortificar de modo imprevisível, tomando

o aspecto mate e venerável das velhas paredes que o tempo desgastou. É uma química de metamorfoses não apenas material, mas contendo tôda uma isenção de espírito. Assim a pintura de cavalete, de um instrumento da descontinuidade individualista, aspira a tornar-se expressão de uma grande coesão coletiva. Continuando a ser êle próprio, sem cair no "pastiche" — o artista ascende a uma nova dignidade, impessoal e mais profunda.

Sôbre essa superfície de uma urdidura austera e complexa, o pintor lança as volutas dum desenho distendido que delinea "Calmos Meandros", que modula vagas, ao ritmo da diáfana litania de um "Lamento sôbre as vítimas da Revolta de 1907".

Em Ion Bitan, o terceiro pintor presente no Pavilhão da România, a unidade das linhas desdobra-se, explodindo, chicoteando, com uma espontaneidade repassada de fervor lírico. Com meios "clássicos", trabalhados com refinamento, consegue uma flexibilidade desenvolta, da pintura de gesto, como se, desejoso de ultrapassar as antinomias, se detivesse para associar a alusão arqueológica — imagem das ruínas de monumentos, daqui ou da Itália — com notas agudamente modernas, com elegâncias provocantemente publicitárias, do tipo de algumas silhuetas de cartazes pop-art. São "Dimensões Complementares" — como se intitula um quadro seu — dimensões tanto mais reveladoras, quando êsse artista, impaciente e diverso, nasceu numa terra antiga, cheia de sol e de augustas recordações sobrepostas, da expedição persa de Dario e das cidadelas greco-romanas até hoje: na Doborgea, espécie de Sicília da România, destinada a conhecer, em nossos dias, a efervescência de esforços juvenis e a vocação de primavera que a época contemporânea fez eclodir.

Dan Hăulică

## PINTURA

### ALMASANU, Virgil (1926)

1. Noturno, 1964. 74 x 62
2. Casas e Jardins, 1964. 62 x 81
3. Pela Paz e Amizade, 1964. Col. C.S.C.A. 115 x 161
4. Espírito da Terra, 1965. 82 x 94
5. Arquitetura, 1966. 85 x 100
6. Figura, 1966. 50 x 66
7. Modulação Lírica, 1966. 85 x 100
8. Trovadores, 1966. Col. C.S.C.A. 135 x 121
9. Cântico, 1967. 141 x 181
10. Calmos Meandros, 1967. 65 x 81
11. Cidade entre Colinas, 1967. 69 x 79

### BITZAN, Icn (1924)

12. Diana no Banho, 1966. 51 x 66
13. Pássaro da Madrugada, 1966. 53 x 70
14. Dimensões Complementares, 1966. 121 x 150
15. Recordações da Itália, 1966. 74 x 100
16. "Tropaeum Trajani", 1966. 80 x 81
17. Parque, 1967. 80 x 100
18. Ponte Altaneira, 1967. 80 x 100
19. Pátio, 1967. 80 x 100

### COJAN, Aurel (1914)

20. Janela, 1963. Óleo sobre cartão. Col. C.S.C.A. 54 x 45
21. Mulheres com Louça de Barro, 1963. Óleo sobre cartão. Col. C.S.C.A. 72 x 47
22. Almôço, 1963. Óleo sobre cartão. 50 x 66
23. Beco de Cães, 1963. 60 x 70
24. Composição com Duas Figuras, 1963/64. Óleo sobre cartão. 53 x 75
25. Muro Branco, 1964. Óleo sobre cartão. 64 x 60
26. Varanda, 1964. Óleo sobre cartão. 55 x 71
27. Vendedora de Flôres, 1966. Óleo sobre cartão. 55 x 73

## DESENHO

### COJAN, Aurel (1914)

1. Composição, 1963. Nanquim. 43 x 61
2. Martelo Gigante, 1963. Nanquim e Guache. 43 x 69
3. Interior com Nus, 1963. Guache. 34 x 48
4. Menina na Cozinha, 1963. Aquarela. 49 x 34
5. Circo, 1963. Aquarela. 31 x 37
6. Marinha, 1963. Aquarela. 48 x 36
7. Personagem Sentada, 1963. Aquarela. 49 x 34
8. Semeaduras recentes, 1963. Aquarela. 41 x 61
9. Figuras na Janela, 1963. Nanquim. 43 x 61
10. Ramos Suspensos, 1964. Aquarela. 49 x 34
11. Nu Alvacento, 1964. Nanquim. 49 x 34
12. Chuva, 1964. Aquarela. 34 x 49

13. Figura em Ocre, 1964. Aquarela. 49 x 34
14. Perfil Exótico, 1964. Aquarela. 49 x 34
15. Composição em Vermelho e Preto, 1964. Guache. 34 x 49
16. Composição em Vermelho e Preto, 1964. Guache. 34 x 49  
República Socialista da România — Bucareste. 35 x 49
17. Sala de Jantar, 1964. Aquarela e Guache. Museu de Arte  
da República Socialista da România — Bucareste. 34 x 48

# **SUÉCIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
MODERNA MUSÉET,  
ESTOCOLMO.

COMISSÁRIO: K. G. HULTÉN





# SUÉCIA

A arte de Lage Lindell sugere o movimento, visualisa forças, é carregada de explosiva matéria dramática. As cores são relativamente puras e densas: preto sobre branco ou, alternadamente, uma alegre gama colorida azul-amarelo-vermelho, por exemplo. O desenho incisivo, com formas que se soltam em silhueta como um “galo de torre”, ou como letras sobre uma página branca. A arte de Lage Lindell é abstrata. Justapõe formas que não são mais que simples alusão à uma semelhança e elementos formais inteiramente não figurativos. As pinturas — e isto é verdade sobretudo nas grandes imagens em preto e branco de seus últimos anos — têm caráter caligráfico; aquilo que foi mundo exterior e fonte de inspiração volatizou-se e transformou-se em nova realidade surpreendente. Mundo de formas que se basta, que possui a faculdade de despertar os impulsos e transmitir experiências. As formas amontoam-se sobre elas mesmas, precipitam-se sobre o espectador, comprimem-se, sob o efeito de não se sabe que opressão, estendem-se, alçam vôo. São manifestações que é necessário perceber e viver fisicamente, com todo o nosso ser, como se fossem parte integrante de nosso presente subjetivo. Quanto a saber como interpretaremos suas imagens no plano objetivo, ou mais exatamente na “ótica do motivo”, a resposta dependerá inteiramente das experiências particulares de cada um de nós. Alguns acharão, talvez, as figuras patéticas, grandiosas, shakespearianas; outros pensarão estar ante situações burlescas tiradas de qualquer pantomima. Reconhecerão, talvez com um sorriso, a sombra do tio do Pato Donald, Joachim, um campeão de salto de extensão ou um boxeador em ação. As mil interpretações ou associações de idéias que suscitam as pinturas de Lage Lindell têm o seu interesse, pois mostram a que ponto é rica ou, mais exatamente, complexa. É, porém, o movimento e a dramática que constituem o elemento primordial, o ponto de partida, o motivo propriamente dito.

## PINTURA

LINDELL, Lage (1920)

ACRÍLICO EM ALGODÃO

1. Composição I, 1966/67. 200 x 300
2. Composição II, 1966/67. 200 x 300
3. Composição III, 1966/67. 200 x 300
4. Composição IV, 1966/67. 200 x 300
5. Composição V, 1966/67. 200 x 300
6. Pintura I, 1966/67. 50 x 60
7. Pintura II, 1966/67. 50 x 60
8. Pintura III, 1966/67. 50 x 60
9. Pintura IV, 1966/67. 50 x 60
10. Pintura V, 1966/67. 50 x 60
11. Pintura VI, 1966/67. 50 x 60
12. Pintura VII, 1966/67. 50 x 60
13. Pintura VIII, 1966/67. 50 x 60
14. Pintura IX, 1966/67. 50 x 60
15. Pintura X, 1966/67. 50 x 60
16. Pintura XI, 1966/67. 50 x 60
17. Pintura XII, 1966/67. 50 x 60
18. Pintura XIII, 1966/67. 50 x 60
19. Pintura XIV, 1966/67. 50 x 60

# SUIÇA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
DÉPARTMENT FÉDÉRAL  
DE L'INTÉRIEUR,  
BERNA.

COMISSÁRIO: FERNAND ROBERT



## PINTURA

### STAMPFLI, Peter (1937)

1. "Pudding", 1964. 146 x 165
2. "Party", 1964. 166 x 182
3. Gêlo, 1964. 169 x 140
4. "Maquillage", 1965. 113 x 179
5. Gala, 1965. 218 x 159
6. Garrafa, 1965. 210 x 142
7. Grande Esporte, 1966. 166 x 130
8. Quatro Rosas, 1966. 192 x 192
9. Delta, 1966. 175 x 184
10. "Le Mans", 1966. 180 x 180
11. "Polara", 1966. 187 x 200
12. Super Esporte, 1966. 194 x 191
13. Esporte, 1966. 196 x 132
14. Beijo Vermelho, 1966. 91 x 233
15. "Brandy", 1967. 188 x 131

## ESCULTURA

### CHRISTEN, Andreas (1936)

#### OBJETOS EM POLIESTER

1. Forma Única 7, 1961. 114 x 170 x 13
2. Forma Única 9, 1961. 148 x 148 x 13
3. Forma Única 1/2, 1963. 198 x 198
4. Forma Única 2/2, 1963. 120 x 120 x 9
5. Forma Única 1/3, 1964. 120 x 120 x 9
6. Forma Única 2/3, 1964. 120 x 120 x 9
7. Forma Única 3/3, 1964. 120 x 120 x 9
8. Forma Única 4/3, 1964. 120 x 120 x 9
9. Poliester 2/4, 1966. 100 x 100
10. Poliester 3/4, 1966. 100 x 100
11. Poliester 4/4, 1967. 120 x 120
12. Poliester 5/4, 1967. 120 x 120
13. Poliester 6/4, 1967. 140 x 140
14. Poliester 7/4, 1967. 140 x 140



# TAILÂNDIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
THE FINE ARTS DEPARTMENT,  
BANCOC.





# TAILÂNDIA

A Tailândia tem grande honra e satisfação em participar da "IX Bienal Internacional", que se constitui, naturalmente, no meio e modo de promover a arte e a cultura, estreitando assim os laços de amizade entre as nações do mundo, sem levar em conta injunções de ordem política.

A Tailândia compreendeu a importância desta exposição e, por esse motivo, convidou artistas tailandeses de diferentes campos, atendendo às disposições do Regulamento da IX Bienal. As obras de arte foram cuidadosamente selecionadas por um Comitê, indicado pelo Departamento de Belas Artes (Fine Arts Department) com o assentimento dos artistas. Embora o número de trabalhos seja reduzido, a qualidade é da responsabilidade de artistas preeminentes cujas experiências, criações e técnicas foram expressadas individualmente de acordo com sua inclinação e temperamento.

As atividades da arte contemporânea, na Tailândia, são recentes, de há aproximadamente vinte anos. Além da situação dos artistas tailandeses e de seu ambiente natural, influências religiosas e culturais modelaram suas características especiais, produzindo criações e expressões diferentes das observadas na Europa ou América. O desenvolvimento artístico e a evolução da arte de nossos dias na Tailândia são promovidos por numerosos jovens que estudaram no exterior, trazendo de volta técnicas e conceitos que, proporcionando aos artistas tailandeses melhor entendimento da arte contemporânea, possibilitaram uma combinação do novo e do velho.

A Tailândia aproveita a ocasião para desejar grande sucesso à Exposição Internacional de Arte da Fundação Bienal de São Paulo. A divulgação da arte e da cultura dos diversos países participantes contribui para a promoção de mútuo entendimento entre os artistas e igualmente fortalece a Paz Mundial, mais necessária hoje do que nunca.

## **PINTURA**

### **TANTISUK, Sawardi (1925)**

1. Forma Móvel, 1965. 74 x 120
2. Composição, 1967. 60 x 90

### **UPA — IN, Sompot (1934)**

3. A mão da Piedade, 1967. 100 x 150

## **GRAVURA**

### **NIMSAMER, Chalood (1929)**

#### **INTÁGLO**

1. Gravura 203, 1967. 61 x 76
2. Gravura 205, 1967. 61 x 77

### **POO — AREE, Manit (1935)**

#### **ZINCO**

3. Sexto Sentido, 1967. 65 x 46
4. Princípio da Vida, 1967. 65 x 46

### **SARAKORNBORIRAK, San (1934)**

#### **XILOGRAVURA**

5. Responsabilidade, 1967. 63 x 95
6. Madeira Verde, 1967. 72 x 93

### **SRISUTA, Praphan (1939)**

7. Monotipia I, 1966. 54 x 91
8. Monotipia II, 1966. 58 x 65

### **WONGSAM, Inson (1934)**

9. Por Nascer, 1967. Xilogravura. 100 x 42

## **ESCULTURA**

### **VICHIENTKET, Chamreung (1931)**

1. Figura, 1967. Bronze. 240 x 40

### **YIMSIRI, Khien (1922)**

2. Crescimento, 1965. Bronze. 42 x 42

# TAITI

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA COM  
A COLABORAÇÃO DA  
DIRECTIONS DES RELATIONS  
ET ÉCHANGES CULTURELS,  
PAPITI.



# TAITI

Jean Guillois, é um pensador e um pesquisador. Pelos críticos de arte de Madagascar foi chamado de "O pintor de fogo". "Luz" — palavra chave de cada uma de suas obras — constitui o fundamento de sua pesquisa artística.

Nos últimos doze anos, desde quando passou a viver em Taiti, acentuou Guillois o caráter místico e científico de seus trabalhos, em busca do que êle mesmo intitulou: "A luz intemporal", que, segundo êle, deve situar-se na escala do Universo inteiro.

Em Taiti a tendência espiritualista de Guillois se cristalizou particularmente na obra "Pastoral Taitiana", afresco baseado em uma estrutura programada feita unicamente de figuras plásticas locais: a repetição e o reflexo parecem evocar a luz pura dos grandes espaços.

Êste nôvo período marcado no plano técnico, por meios decididamente científicos, e no plano conceitual, por um escatologismo radioso, testemunha a maturidade artística de Guillois que, desligado dos preceitos de escolas, criou suas próprias leis que, por sua vez, irão fazer escola.

Completam a representação as obras dos artistas Frank Fay e Alfred Mourareau, do "Centre d'Art Abstrait", que pela terceira vez envia trabalhos de seus associados à Bienal de São Paulo.

Frank Fay, há dois anos, executou diversos relêvos murais importantes no país (100 m<sup>2</sup>). Nesses murais, de estilo geométrico, procurou, na abstração pura, integrar certo conteúdo mental e, às vezes, afetivo, mediante a utilização de uma nova linguagem de sinais ligada à arte do relêvo ancestral (gravuras não-figurativas) das quais, hoje, em dia, não temos o significado.

Na pintura, Fay entrega-se principalmente à colagem com relêvos. Abandonando os meios tradicionais de expressão, compõe grandes painéis, cujas telas pintadas permanecem flexíveis, criando-se uma meia distância entre a pintura e o colorido. Êsse gênero de pintura, segundo o artista, é uma opção categórica para o futuro.

A necessidade atual de tal pintura é por êle explicada assim: o nomadismo, que se tornou verdadeira obsessão dos individuos de nossa sociedade cada vez mais concentrada, e, igualmente, a vontade de alcançarmos a dimensão mural de nossa época ou, precisamente, a parede, a superfície estável e opaca, que tende a desaparecer. Este gênero de pintura constitui, portanto, uma opção categórica para o futuro.

Alfred Mourareau, que sempre tendeu igualmente para enfrentar os espaços murais, deixou-se tentar por esta nova concepção de pintura, chamada, sem qualquer dúvida, a alterar profundamente a evolução dos artistas não-conformistas do país.

## **PINTURA**

**FAY, Frank (1921)**

**GLICEROFTÁLICO SÓBRE TELA**

1. Taiti, Hoje, 1967. 192 x 500
2. Urbanisação, 1967. 192 x 500

**GUILLOIS, Jean (1917)**

3. Pintura, 1967. Líquido plástico. 72 x 87

**MOURAREAU, Alfred (1913)**

**GLICEROFTÁLICO SÓBRE TELA**

4. Composição, 1967. 192 x 300
5. Integração, 1967. 192 x 300

# **TCHECOSLO- VÁQUIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
SPRAVA KULTURNICH  
ZARIZENI, PRAGA.

COMISSÁRIO: JIRI KOTALIK





## PINTURA

KREJCI, Ljuba

FIO CRU FINO

1. Para onde Vai o Alento? 70 x 50
2. Captando os Sonhos. 50 x 70
3. Vertigem. 70 x 50
4. Pequenos Guarda-Chuvas Vermelhos. 95 x 74
5. Pequenos Guarda-chuvas Vermelhos II. 95 x 85
6. Bruxa do Meio Dia. 100 x 55
7. Sôbre a Terra e o Universo. 115 x 108
8. "Kosicari". 108 x 80
9. Os Pés no Céu. 120 x 90
10. Instituição dos Cometas. 140 x 100
11. Alto-Profundo. 185 x 85
12. Como Enegrece a Preta. 100 x 140
13. "Fifajdy". 120 x 120
14. Passarinho Purpurino. 170 x 200
15. Viagem para o Sol. 200 x 200
16. Cânhamo. 275 x 250

LALUHA, Milan (1930)

17. Noite de "Micina". 73 x 47
18. Composição em Vermelho. 62 x 88
19. 33rd. Subway Station. 45 x 27
20. Casas. 75 x 62
21. Quadro.
22. Fora da Aldeia
23. Composição B 972/67. 90 x 120
24. Três Homenzarrões, 1967. 90 x 120
25. Trabalhando com o Ancinho, II, 1967.
26. Dois Homenzarrões, 1967.

VOZNIAK, J.

TINTA SÔBRE MADEIRA

27. Riso. 100 x 70
28. Espaços. 39 x 52
29. Faces.
30. Ovo. 39 x 52
31. Teatro I. 39 x 52

TINTA SÔBRE PAPEL

32. "Strip-Tease", 43 x 70
33. Amantes. 43 x 70
34. De Noite. 43 x 70

## DESENHO

VOZNIAK, J.

ENVERNIZADO

1. Teatro II. 100 x 71

2. Geraldina. 71 x 100
3. Animais. 100 x 71

## GRAVURA

BALCAR, J.

AQUATINTA

1. Presidência. 32 x 17
2. Alfabeto. 32 x 17
3. Três Senhoritas. 32 x 17
4. Senhorita de Revista. 32 x 17
5. Figura. 32 x 17
6. Escola Auxiliar. 32 x 17
7. Companhia Difícilmente Descritível. 32 x 21
8. Círculo Restaurado. 32 x 21
9. Mesa de Família. 32 x 21
10. Uma Amiga? 32 x 21
11. Com os Seus. 32 x 21
12. Meus Nove Dias na Semana. 33 x 16
13. "C". 32 x 17
14. Senhora de Óculos. 36 x 20
15. N.º 11.

## LITOGRAFIA EM CÔRES

16. Espera AHO-G. 45 x 27
17. Espera AWMZ. 45 x 27
18. 33rd. Subway Station. 45 x 27
19. Espera T. 45 x 27
20. Tarde de Domingo. 45 x 27
21. Vai Chegar Alguém. 45 x 27
22. Meus Pequenos. 45 x 27
23. Pequeno Incidente na Tertúlia. 45 x 27
24. Reverso e Anverso. 45 x 27
25. Semana Interessante.

HLOZNÍK, Vicente

XILOGRAVURA EM CÔRES

26. Sinal de Cabeça de Animal. 65 x 49
27. Encontro do Asco. 65 x 49
28. Ciclo de Nove Fôlhas. 33 x 31
29. Tristeza no Interior. 46 x 41
30. Silêncio no Debate. 40 x 46
31. Ciclo Sêlos-Estigmas I.
32. Ciclo Sêlos-Estigmas II.
33. Ciclo Sêlos-Estigma III.
34. Ciclo Sêlos-Estigma IV.
35. Ciclo Sêlos-Estigma V.
36. Ciclo Sêlos-Estigma VI.
37. Ciclo Sêlos-Estigma VII.
38. Ciclo Sêlos-Estigma VIII.
39. Ciclo Sêlos-Estigma IX.
40. Ciclo Sêlos-Estigma X.

## ESCULTURA

### PRECLIK, V.

1. II. Madeira em côres. 50 altura
2. Trono com Espinhos. Madeira impregnada. 176 altura
3. DO RE MI FÁ SOL LÁ. Madeira impregnada. 65
4. Velha Cidade Provençal. Madeira em côres. 254
5. Azul do Céu. Madeira em côres. 41
6. Arena. Madeira em côres. 34
7. Cidade Agrilhoada. Madeira em côres. 167
8. Cidade-Prisão. Madeira em côres. 200
9. Cidade-Prisão II. Madeira em côres. 200
10. Máquina para o Frizado dos Raios do Sol. Madeira em côres. 174
11. Caixa de Música I. Madeira em côres. 41
12. Bastion Dantip. Madeira em côres. 53
13. Pantimáquina Vertical. Madeira impregnada. 71
14. Pantimáquina Vertical VII. Madeira em côres. 49
15. Partitura I. Madeira em côres. 134
16. Grande Cofre para Jóias. Madeira em côres. 108

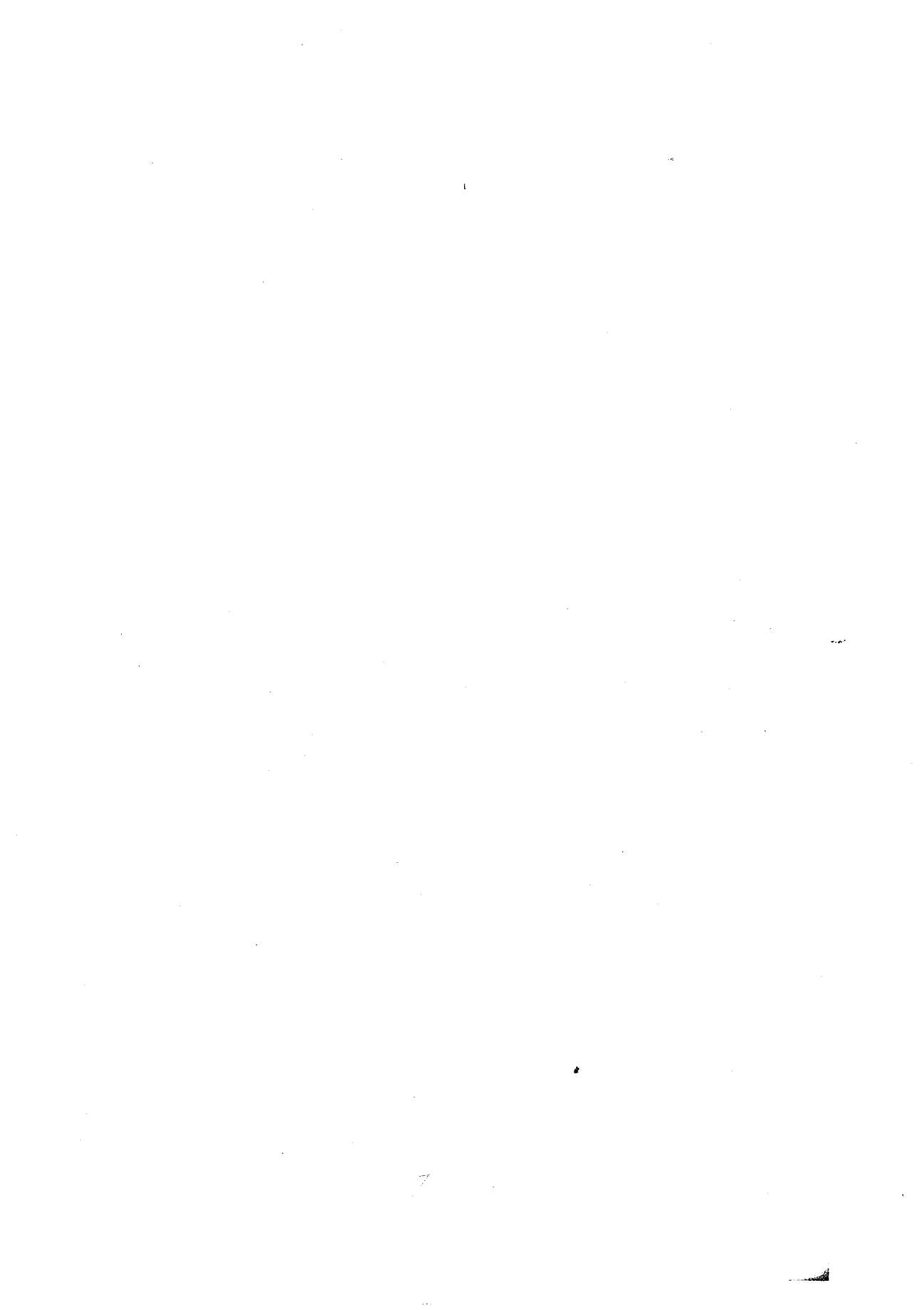
### RUDAVSKY, A.

#### BRONZE

17. Cabeça do Assassino Peregrino. 83
18. Mulher. 70
19. Sacrifício. 75
20. Sabedoria do Tempo. 76

### TRIZULJAK, A.

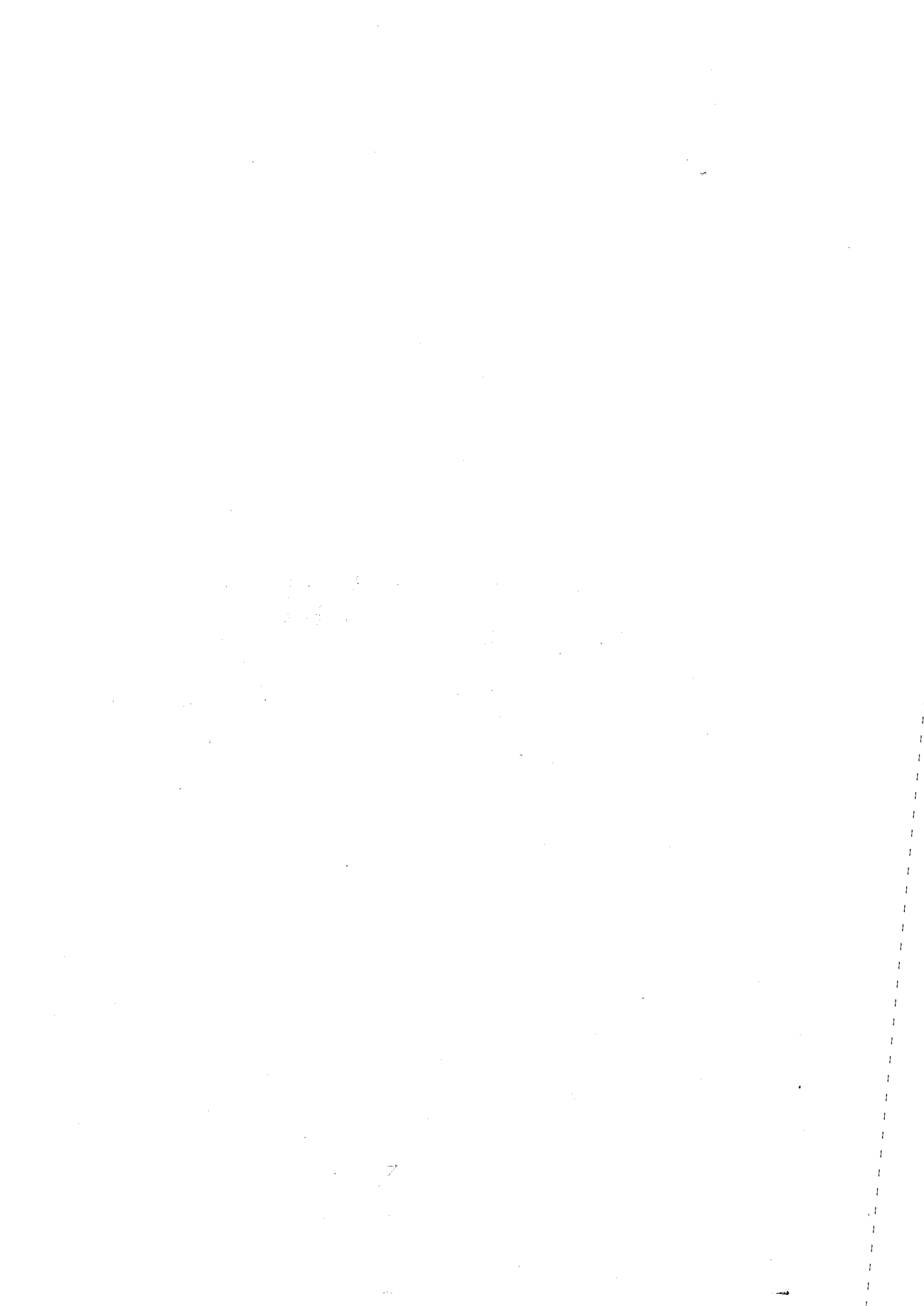
21. Flor I — B 998/67 — Latão. 200
22. Variação sôbre o Infinito I. Alumínio. 200
23. Variação sôbre o Infinito II. Alumínio. 200
24. Variação sôbre o Infinito III. Alumínio. 185
25. Variação sôbre o Infinito IV. Alumínio. 200
26. Variação sôbre o Infinito V. Cobre. 140
27. Variação sôbre o Infinito VI. Aço.
28. Variação sôbre o Infinito VII. Alumínio.
29. Variação sôbre o Infinito VIII. Alumínio.



# **TURQUIA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
ACADÉMIE DES BEAUX-ARTS  
DE L'ÉTAT, ISTAMBUL.

COMISSÁRIO: SABRI BERKEL



# TURQUIA

Para uma idéia geral da arte gráfica e da arte pictórica turcas, escolhemos estas obras sem considerar as tendências ou a idade dos artistas. Embora, à primeira vista, o estilo pareça internacional, podemos ver, concentrando nossa atenção, que a fonte de inspiração é local e autêntica, evidenciando-se a poderosa personalidade que se desprende de cada obra.

Há 7.000 anos nosso país foi o berço de grandes civilizações e obras de arte incontáveis estão espalhadas por todo o território. Nossos artistas, portanto, realizando suas obras dentro do espírito e da técnica contemporâneas, naturalmente incluíram nelas o espírito do passado.

A arquitetura, a escultura, a cerâmica, a miniatura, o desenho, os tapêtes e diferentes artes folclóricas ornaram nossa terra natal, que se enriqueceu ainda mais pela beleza da natureza. Este conjunto feliz forma a fonte onde nossos artistas beberam. Estes mesmos artistas que estão a meu ver, mais perto da contemplação meditativa que dos princípios visuais, encontram-se naturalmente no caminho de uma abstração toda pessoal. Esta razoável abstração não diminuiu em nada sua substância principal e, ao contrário, muito a ela acrescentou.

A análise da arte turca nos mostra que se formou dentro de uma compreensão toda abstrata, completada pela perfeição e refinamento. Cheios desse entusiasmo nossos artistas, abstenendo-se de grandes pretensões, mas desejosos de serem sempre simples e substanciais, fizeram da introspecção um princípio e foi dentro dessa emoção que realizaram suas obras.

Sabri Berkel

## PINTURA

### ATALIK, Resat (1937)

1. Borboleta no Mundo Sexual, 1965. 130 x 162

### ERBIL, Devrim (1937)

2. Variações sôbre Anatólia II, 1967. 180 x 130
3. Variações sôbre Anatólia III, 1967. 100 x 73
4. Variações sôbre a Natureza, 1967. 102 x 73

### ERIMEZ, Dinçer (1932)

5. Natal, 1964. 89 x 146
6. O Trem, 1967. 90 x 152
7. A Escola, 1967. 92 x 150
8. A Festa, 1967. 90 x 150

### GOLONU Gündüz (1937)

9. Istambul I, 1966. 58 x 68
10. Istambul II, 1966. 60 x 55
11. Ponte de Gálata, 1966. 45 x 43

### IZER, Zeki Faik (1905)

12. Composição, 1963. 130 x 132
13. Sinfonia Imperial, 1964. 162 x 130
14. Homenagem a Y. Soufy, 1964. 100 x 130
15. O Pássaro Inquieto, 1964. 200 x 200
16. "Guilgamiché II", 1965. 180 x 200

### KAVRUK, Hasan (1919)

17. Despertar de Anatólia, 1966. 200 x 132

## GRAVURA

### ASLIER, Mustafá (1926)

#### EM CÔRES SÔBRE METAL

1. Pão — Água, 1966. 56 x 73
2. Êles Esqueceram, 1966. 56 x 73
3. Jovem Mãe, 1967. 56 x 73
4. Coroa de Amor, 1967. 56 x 73
5. Tôrre de Babel, 1967. 56 x 73

### GERMANER, Ali Teoman (1934)

#### ÁGUA FORTE EM CÔRES

6. Composição, 1965. 56 x 73
7. Composição, 1966. 56 x 73
8. Composição, 1967. 56 x 73



**KAYAALP, Fethi (1923)**

**EM CÔRES SÔBRE METAL**

9. Composição, 1965. 56 x 73
10. Jesus, 1966. 56 x 73
11. Paisagem, 1967. 56 x 73

**LITOGRAVURA**

12. Composição, 1966. 71 x 90
13. Composição, 1966. 71 x 90



# **TRINDADE E TOBAGO**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
THE DIVISION OF CULTURE OF  
THE MINISTRY OF EDUCATION  
AND CULTURE, PORT-OF-SPAIN.

COMISSÁRIO: M. P. ALLADIN



# TRINDADE E TOBAGO

Nos últimos anos a arte visual e o desenho adquiriram interesse e popularidade novos nesta região, graças, em grande parte, à aproximação inteligente, realizada e incrementada pela Educação Artística. Anualmente aumenta o número de exposições de arte: pelo menos 12 realizaram-se em 1966. Embora os artistas não possam ainda viver apenas da venda de seus trabalhos, o movimento de compras cresceu, com as aquisições realizadas em sua maior parte pelo governo, personalidades locais e turistas.

O primeiro bolsista de arte, graduado e treinado no estrangeiro às expensas do Governo, voltou e começou a ensinar, pintar, fazer cerâmica e arte comercial.

Firmas industriais e comerciais, desejosas de incrementar suas vendas, utilizam artistas locais e desenhistas diretamente ou através das agências de publicidade, objetivando a criação de imagens visuais de seus produtos.

Prossegue a tradição de pinturas nos templos e em pequenos restaurantes, bares, salas de recepção, confeitarias e igualmente em vitrais. Estes são, em geral, de laca-esmalte colorido. No campo da escultura, imagens são executadas em argila, concreto ou madeira para as igrejas. E, naturalmente, a mais expressiva arte popular e artesanal pode ser vista nas fantasias de carnaval com seus bordados, aplicações de pérolas, pinturas, papel plástico, arame e papel crepon.

Como não existem escolas de arte, quatro entidades particulares organizam cursos, exposições e conferências. A Divisão de Cultura, do Ministério de Educação e Cultura, organiza palestras e programas de treinamento para todos os níveis, além de semanas de arte nas zonas rurais, exposições itinerantes, concertos etc. Bolsas de estudos de arte são concedidas pelo governo que também adquire obras para o Museu Nacional, Galeria de Arte e para presentes oficiais a outros países. Exposições de arte têm sido igualmente enviadas ao estrangeiro, destacando-se as que percorreram as Índias Ocidentais, Inglaterra, Espanha, Canadá, Estados Unidos, Brasil, etc.

Pelo menos duas dezenas de artistas trabalham ativamente. Suas tendências vão do primitivo, através do naturalismo e impressionismo, ao não-figurativo ou abstrato. Os trabalhos bidimensionais superam de quatro vezes o número de esculturas, sendo aqueles de categoria internacional. Confrontos internacionais deram ao nosso artista a possibilidade de elevar o nível de seu trabalho.

M. P. Alladin

## PINTURA

ALLADIN, M. P. (1919)

1. Tadjah, 1967. Pintura e Colagem. 130 x 100

ATTECH, Sybil (1911)

2. Cais de Pesca, 1966. Polimere. 80 x 70
3. Tôrre d'Água, 1966. Técnica mista. 133 x 73

BALLIE, Alexis (1930)

4. Tambor, 1966. 67 x 30

BANEY, Ralph (1929)

5. Formações, 1967. Técnica mista. 63 x 92

CHANDLER, Terry

6. Vanguarda. 120 x 36

GANNES, Hettie Mejias de (1935)

7. Colheita de Cana, 1967. 59 x 40

GAYADEEN, Hally (1930)

8. Lenhador, 1966. 75 x 55
9. Peixe em Movimento, 1967. 70 x 68

GILBERT, Jones (1926)

10. Briga de Galos, 1967. 69 x 69

GREENIDGE, Knolly (1937)

11. Titusville, 1967. Aquarela. 57 x 72

HERNANDEZ, Edward (1934)

12. Reflexos em Pavimento Molhado, 1967. 65 x 50

ISHAK, Samuel (1928)

13. Morcegos Carnavalescos, 1967. 68 x 70

MAGIN, Arthur (1912)

14. Campos Celestiais, 1967. Colagem. 100 x 150

**SALVATORI, Henry (1912)**

15. **Natureza Morta (Flôres), 1967. 73 x 60**

## **GRAVURA**

**ALLADIN, M. P. (1919)**

1. **Panorama da Cidade, 1967. Monotipia. 83 x 68**





# **UNIÃO PAN- AMERICANA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS  
CULTURAIS DA UNIÃO  
PAN-AMERICANA,  
WASHINGTON, D.C.

COMISSÁRIO: JOSÉ GÓMEZ SICRE



# UNIÃO PANAMERICANA

Como é de praxe na participação da União Pan-Americana na Bienal de São Paulo, nesta oportunidade como nas anteriores, apresentamos pela primeira vez no certame paulista o trabalho de dois artistas de diferentes países, de diferentes meios e de conceitos opostos. São eles pouco conhecidos em seus respectivos países de origem, embora bem conhecidos nos Estados Unidos, onde residem e expõem suas obras.

Mauricio Aguilar nasceu em El Salvador, foi educado na França e estudou arte, primeiramente no atelier de Christian Bérard e mais tarde na "Académie Julian". Residiu posteriormente na Itália, na França e nos Estados Unidos. Nos últimos sete anos vem mantendo estúdios em São Salvador e em Nova Iorque, sem que o meio-ambiente de uma ou de outra cidade haja alterado a firmeza de seu critério. Para Aguilar a pintura se assenta em um ponto obsessivo. A luz, que em seus quadros é uma força destrutiva que dissolve os objetos, que os funde em seu ambiente, que os insinua, ou melhor, que os apresenta como um fantasma do objeto, uma alusão ao mesmo.

A luz, entretanto, lhe serve para situar no espaço os copos, taças e garrafas, que constituem o eixo de sua temática. O efeito de volume é quase inexistente e os quadros foram concebidos em apenas duas dimensões. A côr tende cada vez mais a ser também absorvida pela luz, até converter-se em quase branco, criando um estranho mundo de objetos imóveis, níveis, sugeridos, e de tintas espessas.

Em Alberto Collie encontramos um artista preocupado com o emprêgo da eletrônica dos campos magnéticos e, mais do que com a mobilidade, com a suspensão de formas no espaço vazio. Em geral as leis de física magnética empregadas por Collie para a levitação, êle as subordina à pureza das formas quase sempre geométricas ou que sugerem a forma geométrica, predominantemente a curva.

O artista emprega freqüentemente o alumínio, o magnésio, o berílio e o titânio. Executa seus trabalhos em uma fábrica de Boston que se dedica à produção de aparelhos de radar e peças para submarinos. As partes que constituem cada uma das esculturas são examinadas por técnicos em eletrônica antes que o artista as reúna em suas austeras composições, em que a forma e a energia se associam em um sugestivo conjunto

Agradeço às galerias "Catherine Viviano" e "Lee Nordness", ambas de Nova Iorque, representantes exclusivos das obras de Aguillar e de Collie, respectivamente, a assistência prestada na preparação desta nova apresentação da União Pan-Americana na Bienal de São Paulo.

José Gómez Sicre

## PINTURA

AGUILAR, Mauricio (1919)

1. Xícara, 1967. 140 x 140
2. Garrafa Rosa, 1967, 140 x 95
3. Garrafa Ocre, 1967. 140 x 95

ÓLEO SOBRE MASONITE

4. Copos, 1967. 95 x 120
5. Cinco Garrafas, 1967. 95 x 120
6. Seis Garrafas, 1967. 95 x 120
7. Duas Garrafas, Um Copo, 1967. 120 x 80
8. Garrafas, 1967. 120 x 80
9. Garrafa e Copo, 1967. 100 x 70
10. Nove Garrafas, Um Copo, 1967. 70 x 100
11. Três Garrafas, 1967. 100 x 70
12. Duas Garrafas, 1967. 103 x 73

## ESCULTURA

COLLIE, ALBERTO (1939)

1. "Floatile n.º II". Alumínio e plexiglass. 50 x 85
2. Absoluto Especial n.º 17. Chapa de cobre. 45 x 25
3. Absoluto Espacial n.º 18. Chapa de latão. 20 x 25
4. Absoluto Espacial n.º 19. Alumínio e plexiglass. 23 x 55
5. Absoluto Espacial n.º 20. Alumínio e plexiglass. 20 x 25
6. Absoluto Espacial n.º 21. Chapa de cobre. 60 x 90
7. Absoluto Espacial n.º 22. Alumínio e plexiglass. 35 x 35
8. Absoluto Espacial n.º 23. Alumínio e plexiglass. 22 x 40
9. Absoluto Espacial n.º 24. Alumínio e plexiglass. 19 x 27
10. Absoluto Espacial n.º 25. Alumínio e plexiglass. 23 x 43
11. Absoluto Espacial n.º 26. Alumínio e plexiglass. 22 x 40
12. Absoluto Espacial n.º 27. Chapa de cobre. 17 x 25
13. Absoluto Espacial n.º 28. Alumínio fundido. 50 x 85

# UNIÃO SOVIÉTICA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
DÉPARTMENT DES BEAUX ARTS,  
MINISTÈRE DE LA CULTURE,  
MOSCOU.

COMISSÁRIO: TATIANA SEDOV



# UNIÃO SOVIÉTICA

Na arte de decoração soviética, em sua etapa atual, é característica a tendência de aprimoramento da cultura das formas cênicas. A obra dos mestres da geração anterior, os trabalhos dos pintores jovens, cujos passos confiantes constituem um aspecto feliz do teatro soviético moderno, levam à cena os meios tradicionais das artes figurativas. Antes de tudo a pintura e a gravura, cuja interpretação cênica é complexa, tornam-se um componente específico das formas teatrais e dão possibilidades ao pintor de exprimir, de maneira profunda e emocional, os aspectos poliformes da realidade. Além disso, a arte decorativa moderna apoia-se firmemente na experiência dos pintores do comêço do século e dos primeiros anos do jovem teatro soviético. Em sua mão acha-se o novêlo onde se entrelaçam as mais variadas linhas de pesquisa. Hoje, dêsse novêlo, extraem-se novas concepções relacionadas a problemas atuais, enriquecidas pelas experiências dos últimos anos e que, de maneira complexa e corajosa, sintetizam concepções consideradas, muitas vêzes, no passado, antípodas.

Todos êsses processos de desenvolvimento da decoração soviética estão condicionados às exigências que a vida coloca diante do teatro. E "a vida é tão infinitamente complexa e variada que nenhum método de arte cênica basta para esgotá-la completamente". Êste pensamento do grande reformador do teatro russo K. S. Stanislavski descobre a essência íntima, dialêticamente flexível, larga, livre de tôdas as formas de opiniões preconcebidas e estreitas da poética, poética que define o caráter da arte decorativa soviética e abre perspectivas para os pintores das mais diversas individualidades. Exatamente essa poética, que traz em si a experiência riquíssima das gerações precedentes que não se orienta para uma concepção artística particular e se baseia na própria vida, é a fonte do desenvolvimento ulterior da arte decorativa soviética. Todos êsses experimentos e pesquisas, o movimento em busca de novos horizontes, manifestam-se, de maneira inelutável, nas cenas dos teatros de Moscou, Leningrado, cidades da Rússia, e de outras Repúblicas Soviéticas e dêles encontramos o reflexo nesta mostra.

## PINTURA

ACUDIN, Veniamin (1936)

### GUACHE

1. Esbôço de Vestuário para "A maravilhosa Halatéia", 1964. Diretoria de Exposição do Usbequistão. 62 x 46
2. Esbôço de Vestuário para "A Maravilhosa Halatéia", 1964. Diretoria de Exposição do Usbequistão. 49 x 30
3. Esbôço de Decoração para "A Maravilhosa Halatéia", 1965. Diretoria de Exposição do Usbequistão. 30 x 55
4. Esbôço de Decoração para "A Maravilhosa Halatéia", 1965. Diretoria de Exposição do Usbequistão. 30 x 55
5. Esbôço de Vestuário para "A Canção da Felicidade". Aquarela e guache sôbre papel. Diretoria de Exposição do Usbequistão. 70 x 50
6. Esbôço de Vestuário para "A Canção da Felicidade." Aquarela e guache sôbre papel. Diretoria de Exposição do Usbequistão. 70 x 50

AKIMOV, Nikolai (1901)

### GUACHE

7. Esbôço de Decoração para "O Revisor". Museu Estatal do Teatro. 31 x 50
8. Esbôço de Decoração para "O Casamento de Krechinski", 1966. Museu Estatal do Teatro. 34 x 58
9. Esbôço de Decoração para "O Casamento de Krechinski", 1966. Museu Estatal do Teatro. 34 x 58
10. Esbôço de Decoração para "O Casamento de Krechinski", 1966. Museu Estatal do Teatro. 34 x 59
11. Esbôço de Vestuário para "O Casamento de Krechinski", 1966. Museu Estatal do Teatro. 42 x 31
12. Esbôço de Vestuário para "O Casamento de Krechinski", 1966. Museu Estatal do Teatro. 42 x 31
13. Esbôço de Vestuário para "O Casamento de Krechinski", 1966. Museu Estatal do Teatro. 42 x 31
14. Maquete para a peça "O Casamento de Krechinski", 1966. Museu Estatal do Teatro. 40 x 60

AKMUHAMEDOV, Chamuhamed ((1937)

### TÊMPERA, CARTÃO

15. Esbôço de Decoração para o Balé de Balaçanian "Leily e Medjnun", 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Turkmênia. 50 x 70
16. Esbôço de Decoração para o Balé de Balaçanian "Leily e Medjnun", 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Turkmênia. 50 x 70



**ALTMAN, Natão (1889)**

**LÁPIS DE CÔR E GUACHE**

17. Taberna. Esbôço de Decoração para a Tragédia "Otelo", de W. Shakespeare, 1967. Ministério da Cultura da URSS. 50 x 76
18. Ao lado da Escada. Esbôço de Decoração para a Tragédia "Otelo", de W. Shakespeare, 1967. Ministério da Cultura da URSS. 50 x 76
19. Encontro de Otelo e Desdêmona. Esbôço de Decoração para a Tragédia "Otelo", de W. Shakespeare, 1967. Ministério da Cultura da URSS. 50 x 76
20. Recepção do Doge. Esbôço de Decoração para a Tragédia "Otelo", de W. Shakespeare, 1967. Ministério da Cultura da URSS. 50 x 76

**ARUTCHIAN, Çarquis (1930)**

**TÊMPERA, CARTÃO**

21. Esbôço de Decoração para "As Feiticeiras de Salém", de A. Miller, 1965. Casa do Pintor da Armênia. 60 x 82
22. Maquete de Decoração para "As Feiticeiras de Salém", de A. Miller, 1965. Casa do Pintor de Armênia.
23. Maquete para Encenação da novela "Romeu, Julieta e Escuridão", de J. Otchenachek. Casa do Pintor de Armênia.

**BERDZENICHVILLI, Merab (1929)**

**GUACHE**

24. Esbôço de Decoração para a Opereta "Comblé", de R. Laquidze e Nahuzrichvili, 1963. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 60 x 80
25. Esbôço de Vestuário para a Opereta "Comblé", de R. Laquidze e Nahuzrichvili, 1963. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 50 x 40
26. Esbôço de Vestuário para a Opereta "Comblé", de R. Laquidze e Nahuzrichvili, 1963. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 50 x 40
27. Esbôço de Vestuário para a Opereta "Comblé", de R. Laquidze e Nahuzrichvili, 1963. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 50 x 40
28. Esbôço de Vestuário para a Opereta "Comblé", de R. Laquidze e Nahuzrichvili, 1963. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 50 x 40

**BÓIM, Alexander (1938)**

29. Esbôço de Decoração para a Pantomima "O Soldado e o Diabo". União dos Artistas da Rússia, seção de Moscou. 60 x 100
30. Esbôço de Decoração para a Pantomima "O Soldado e o Diabo". União dos Artistas da Rússia, seção de Moscou. 60 x 100
31. Esbôço de Decoração para a Pantomima "O Soldado e o Diabo". União dos Artistas da Rússia, seção de Moscou. 35 x 80

**BOROVSKI, David (1934)**

32. Maquete para a peça "Nas Profundezas" de Máximo Gorki, 1936. Diretoria de Exposição da Ucrânia.

**BOROVSKI, David (1934) e**

**KLEMENTIEV, William (1934)**

33. Maquete para a Ópera "Katerina Ismailova", de O. Shostakovitch, 1965. Diretoria de Exposição da Ucrânia.

**CHAPORIN, Vasili (1915)**

**TÊMPERA E CARTÃO**

34. Esbôço de Decoração para o Espetáculo "Crime e Castigo", de Dostoievski. 114 x 85
35. Esbôço de Decoração para o Espetáculo "Crime e Castigo", de Dostoievski. 114 x 85

**DVIGUBSKI, Nicolai (1936)**

**ÓLEO SOBRE PAPEL**

36. Bosque. Esbôço de Decoração para a peça "Rei Fanfarrão", de P. Gamarra, 1965. 45 x 60
37. Sala do Trono. Esbôço de Decoração para a peça "Rei Fanfarrão", de P. Gamarra", 1965. 45 x 60
38. Gabinete do Ministério de Caça. Esbôço de Decoração para a peça "O Rei Fanfarrão", de P. Gamarra, 1965. 45 x 60
39. Esbôço de Decoração para a Peça "O Rei Fanfarrão", de P. Gamarra, 1965. 45 x 60

**GÚNIA, Georgio (1938)**

**GUACHE**

40. Esbôço de Decoração para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1964. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 46 x 65
41. Esbôço de Decoração para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1964. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 46 x 65

**HEIDEBRECHT, Ernst (1936)**

**ÓLEO SOBRE CARTÃO**

42. Esbôço de Decoração para a "Lenda da Cidade Invisível" de Kiteje, Ópera de Rimski-Korsacov, 1965. Diretoria de Exposição de Projetos de Monumentos do Kazakstão. 75 x 80
43. Esbôço de Decoração para a "Lenda da Cidade Invisível de Kiteje", Ópera de Rimski-Korsacov, 1965. Diretoria de Exposição de Projetos de Monumentos do Kazakstão. 75 x 80

IUNOVITCH, Sofia (1910)

GUACHE

44. Esbôço de Decoração para a Ópera "Destino de Um Homem", de Dzerjinski, 1963. Museu Estatal do Teatro. 55 x 87
45. Esbôço de Decoração para a Ópera "Destino de Um Homem", de Dzerjinski, 1963. Museu Estatal do Teatro. 55 x 87
46. Esbôço de Decoração para o Espetáculo "10 Dias que abalaram o Mundo", de John Reed, 1963. Museu Central do Teatro da URSS. 65 x 77
47. Esbôço de Vestuário para a Ópera "A Noiva do Czar", de Rimski-Korsakov, 1966. Museu Estatal do Teatro. 21 x 58
48. Esbôço de Vestuário da Ópera "A Noiva do Czar", de Rimski-Korsakov, 1966. Museu Estatal do Teatro. 21 x 58
49. Esbôço de Vestuário da Ópera "A Noiva do Czar", de Rimski-Korsakov, 1966. Museu Estatal do Teatro. 21 x 58

JALALIS, Guintautas (1936)

GUACHE

50. Esbôço de Vestuário para o Conto de Fadas "A Princesa e o Anão", de V. Liubimova 1966. Museu Estatal de Belas Artes, Vilnius. 27 x 17
51. Esbôço de Vestuário para o Conto de Fadas "A Princesa e o Anão", de V. Liubimova 1966. Museu Estatal de Belas Artes, Vilnius. 27 x 17
52. Esbôço de Vestuário para o Conto de Fadas "A Princesa e o Anão", de V. Liubimova 1966. Museu Estatal de Belas Artes, Vilnius. 27 x 17

KIARBIS, Uno (1926)

53. Maquete para a Opereta "Mademoiselle Nitouche", de F. Eroe, 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia.

KOCHAKIDZE, Oleg (1935)

SLOVINSKI, Iuri (1935)

CHIKVAIDZE, Alexei (1934)

GUACHE

54. Esbôço de Decoração para a Peça "As feiticeiras de Salém", de Arthur Miller, 1965. Galeria Estatal de Pintura da Georgia. 49 x 60
55. Esbôço de Decoração para a Peça "Noite de Sol", de N. Dumbadze, 1966. Galeria Estatal de Pintura da Georgia. 50 x 60

**KOROGODIN, Igor (1938)**

**TÊMPERA, PAPEL**

56. Esbôço de Decoração para a Peça "Misteria-Buff", de V. Maiakovski, 1965. Diretoria de Exposição e Projetos de Monumentos do Kazakstão. 75 x 105
57. Esbôço de Decoração para a peça "Misteria-Buff", de V. Maiakovski, 1965. Diretoria de Exposição e Projetos de Monumentos do Kazakstão. 75 x 105
58. Esbôço de Decoração para a Peça "Misteria-Buff", de V. Maiakovski, 1965. Diretoria de Exposição e Projetos de Monumentos do Kazakstão. 75 x 105

**KOROTKOV, Ivã (1902)**

**GUACHE**

59. Esbôço de Decoração para o Espetáculo "Cavalinho — Corcundinha", 1963. Guache em papel. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 50 x 58
60. Esbôço de Decoração para a Ópera "A Lenda do Tsar Saltão", de Rimski-Korsakov, 1966. Ministério de Cultura da URSS. 53 x 72
61. Esbôço de Decoração para a Ópera "A Lenda do Tsar Saltão", de Rimski-Korsakov, 1966. Ministério de Cultura da URSS. 53 x 72

**KOROVIN, Vladimir (1939)**

**TÊMPERA, AQUARELA SÔBRE PAPEL**

62. Esbôço de Decoração para a Ópera "O Lobo e os Sete Cabritos", de M. Koval", 1966. 52 x 78
63. Esbôço de Decoração para a Ópera "O Lobo e os Sete Cabritos", de M. Koval, 1966. 52 x 78

**KRAVEZ, Vladimir (1935)**

**AQUARELA**

64. Assalto ao Palácio de Inverno. Esbôço de Decoração da Peça "10 Dias que Abalaram o Mundo", de John Reed, 1966. Diretoria de Exposições da Ucrânia. 60 x 84
65. Libertação do Kremlim. Esbôço de Decoração da Peça "10 Dias que abalaram o mundo", de John Reed, 1966. Diretoria de Exposição da Ucrânia. 60 x 84
66. Final. Esbôço de Decoração da Peça "10 Dias que abalaram o Mundo", de John Reed, 1966. Diretoria de Exposição da Ucrânia, 62 x 87

**KULA MARIE, Liis (1927)**

**AQUARELA**

67. "Hamlet". Esbôço de Vestuário para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia. 31 x 22
68. "Ofélia". Esbôço de Vestuário para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia. 31 x 22

69. "Cláudio". Esbôço de Vestuário para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia. 31 x 22
70. "Gertrudes". Esbôço de Vestuário para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia. 31 x 22
71. "Gertrudes". Esbôço de Vestuário para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia. 31 x 22
72. "Ator". Esboços de Vestuário para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia. 31 x 22
73. Maquete de Decoração para a Tragédia "Hamlet", de Shakespeare, 1966. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia.
74. Maquete para a Peça "80 Dias ao Redor do Mundo", de P. Kogout. Museu Estatal de Belas Artes da Estônia.

#### KURILKO, Mikhail (1923)

##### TÊMPERA, CARTÃO

75. "No Navio". Esbôço de Decoração para a Peça "Meu Amigo", de N. Pogódim. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 60 x 80
76. "Final". Esbôço de Decoração para a Peça "Meu Amigo", de N. Pogódim. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 60 x 80

#### LADIJENSKI, Efrin (1911)

##### TÊMPERA, CARTÃO

77. "Cortina". Esbôço de Decoração para a Novela "A Cavalaria", de I. Bábel, 1966. Ministério da Cultura da URSS. 70 x 90
78. "Sal". Esbôço de Decoração para a Novela "A Cavalaria", de I. Bábel, 1966. Ministério da Cultura da URSS. 70 x 90
79. "Cemitério". Esbôço de Decoração para a Novela "A Cavalaria", de I. Bábel, 1966. Ministério da Cultura da URSS. 70 x 90

#### LAPIACHILI, Parnaos (1917)

##### TÊMPERA, GUACHE SÓBRE PAPEL

80. Esbôço de Decoração para a Peça "Pirosmani", de G. Nahuzichvili. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 65 x 85
81. Esbôço de Decoração para a Peça "Pirosmani", de G. Nahuzichvili. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 65 x 85

LEVENTAL, Valério (1915)

TEMPERA, TELA

82. "Ao lado do Kremlin". Esbôço de Decoração para a Ópera "Hovanchina", de M. Mussorgski, 1966. 80 x 100
83. "A execução dos Strelzi". Esbôço de Decoração para a Ópera, "Hovanchina", de M. Mussorgski, 1966. 80 x 100
84. "O Bairro dos Strelzi". Esbôço de Decoração para a Ópera "Hovanchina", de M. Mussorgski, 1966. 80 x 100
85. "Galeria dos Ancestrais". Esbôço de Decoração para o Balé "Romeu e Julieta", de S. Prokofief, 1966. 100 x 120
86. Carnaval. Esbôço de Decoração para o Balé "Romeu e Julieta", de S. Prokofiev, 1966. 100 x 120
87. Esbôço de Decoração para a Ópera "Harry Janos" de Z. Kodaly, 1963. Fundo de Obras de Arte da URSS.

LUCHIN, Alexander (1902)

88. Esbôço de Decoração da Ópera "Iolanda", de P. Tchaikovski, 1966. Técnica mista sôbre papel. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 48 x 67
89. Esbôço de Decoração da Ópera "O Filtro do Amor" 1.º Ato, de Donizetti, 1964. Aquarela sôbre guache. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 50 x 70

MALAZONIA, Mamia (1936)

GUACHE

90. Esbôço de Cortina para a Peça "A Espada de Kahaberi", de P. Kakabadze. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 45 x 54
91. Esbôço de Cortina para a Peça "A Espada de Kahaberi", de P. Kakabadze. Galeria Estatal de Pintura da Geórgia. 45 x 54

MANDEL, Semion (1907)

92. Esbôço de Decoração para a peça "História Romana", de A. Zorin, 1965. Guache. 50 x 63
93. Esbôço de Decoração para a Peça "História Romana", de A. Zorin, 1965. Guache. 47 x 63

MATAITENE, Dala (1936)

GUACHE

94. Esbôço de Vestuário para o Côro da Opereta "Barba Azul", de J. Offenbach, 1964. Museu Estatal de Belas Artes, Vilnius. 71 x 40
95. Esbôço de Vestuário para o Côro da Opereta "Barba Azul", de J. Offenbach, 1964. Museu Estatal de Belas Artes. Vilnius. 71 x 40

96. Esbôço de Vestuário para o Côro da Opereta "Barba Azul", de J. Offenbach, 1964. Museu Estatal de Belas Artes, Vilnius. 71 x 40

**MAZURAS, VITALIUS (1934)**

**GUACHE**

97. Esbôço de Vestuário para o Conto de Fadas "Tigrinho Petrik", de G. Ianechevskaia e I. Valkovski, 1967. Museu Estatal de Belas Artes, Vilnius. 55 x 37
98. Esbôço do Vestuário para o Conto de Fadas "Tigrinho Petrik", de G. Ianechevskaia e I. Vilkovski, 1967. Museu Estatal de Belas Artes, Vilnius. 55 x 37

**MESSERER, Boris (1933)**

99. Esbôço de Decoração para o Balé "Três Mosqueteiros", de Basner, 1965. Guache sôbre tela. Ministério da Cultura da URSS. 70 x 100
100. Esbôço de Decoração para o Balé "Três Mosqueteiros", de Basner, 1965. Guache sôbre tela. Ministério da Cultura da URSS. 70 x 100
101. Esbôço da Decoração para o Balé "Três Mosqueteiros", de Basner, 1965. Guache sôbre tela. Ministério da Cultura da URSS. 70 x 100
102. Esbôço de Decoração para o Balé "Três Mosqueteiros", de Basner, 1965. Guache sôbre tela. Ministério da Cultura da URSS. 70 x 100
103. Casamento. Esbôço de Decoração para o Balé "O Tenente Kije", de S. Prokofiev, 1964. Veludo, papel, óleo aplicado. União dos Artistas da URSS seção de Moscou. 59 x 95
104. Guerra. Esbôço de Decoração para o Balé "O Tenente Kije", de S. Prokofiev, 1964. Veludo, papel óleo aplicado. União dos Artistas da URSS seção de Moscou. 59 x 95

**MOSEEV, Georgio (1909)**

105. Casa de Jôgo. Esbôço de Decoração para o Espetáculo "Mascarada", de M. Lermontov, 1963. Tela, têmpera. Museu Estatal do Teatro. Moscou. 60 x 83
106. Em casa da Baronesa Strahl. Esbôço de Decoração para o Espetáculo "Mascarada", M. Lermontov, 1963. Tela, têmpera. Museu Estatal do Teatro. Moscou. 60 x 83
107. Maquete de Decoração para a Ópera "Katerina Izmailova", de O. Shostaàovitch, 1964. Museu Estatal do Teatro. Moscou.

**MUHINA, Valentina (1931)**

**TÊMPERA, PAPEL**

108. Cidadãos. Esbôço de Vestuário para a Ópera "O Barbeiro de Sevilha", de Rossini, 1965. 40 x 57
109. Cidadãos. Esbôço de Vestuário para a Ópera "O Barbeiro de Sevilha", de Rossini, 1965. 39 x 56

**MUKOSEEVA, Margarita (1930)**

**TÊMPERA, TELA**

110. Câmara do Príncipe. Esbôço de Decoração para a Ópera "O Amor por Três Laranjas", de S. Prokofiev, 1963. Fundo de Obras de Arte. 100 x 90
111. Deserto. Esbôço de Decoração para a Ópera "O Amor por Três Laranjas", de S. Prokofiev, 1963. Fundo de Obras de Arte. 100 x 90
112. Final. Esbôço de Decoração para a Ópera "Amor a três laranjas", de S. Prokofiev, 1963. Fundo de Obras de Arte. 100 x 90
113. Esbôço de Decoração para a peça "6 de Julho", de M. Chatrov, 1964. Fundo de Obras de Arte. 65 x 100

**PARUSNICOVA, Galina (1940)**

114. Quarto de Agafia Tikonovna. Esbôço de Decoração para a Comédia "O Casamento", de Gogol, 1965. Óleo sôbre papel, monotipia. União dos Artistas da URSS, seção de Kazan. 57 x 82
115. Esbôço de Vestuário para a Comédia "O Casamento", de Gogol, 1965. Óleo sôbre papel, monotipia. União dos Artistas da URSS, seção de Kazan. 39 x 56

**PONOMARENCO, Anatol (1922)**

**TÊMPERA, CARTÃO**

116. Feira. Esbôço de Decoração para o Balé "Feira de Sorochinsk", de V. Gomoliaka, 1966. Diretoria de Exposição da Ucrânia. 60 x 100
117. Choupana. Esbôço de Decoração para o Balé "Feira de Sorochinski", de V. Gomoliaka, 1966. Diretoria de Exposições da Ucrânia. 60 x 100
118. Casamento. Esbôço de Decoração para o Balé "Feira de Sorochinski", de V. Gomoliaka, 1966. Diretoria de Exposições da Ucrânia. 60 x 100

**RATNER, Herman**

**TÊMPERA, CARTÃO**

119. 3.º Quadro. Esbôço de Decoração para a peça "Visita da Velha Senhora", de Durenmatt. Ministério da Cultura da URSS. 60 x 80
120. 6.º Quadro. Esbôço de Decoração para a peça "Visita da Velha Senhora", de Durenmatt. Ministério da Cultura da URSS. 60 x 80
121. No Cais. Esbôço de Decoração para a peça "Entre Aguadeiros", de A. Stein, 1966. Fundo de Obras de Arte de Moscou. 40 x 94



**RINDIN, Vadim (1902)**

122. Na Capela. Esbôço de Decoração para a Ópera “Dom Carlos”, de Verdi, 1964. Têmpera, pastel sôbre cartão. Museu Estatal de Cultura de Glinka.
123. Saída da Catedral. Esbôço de Decoração para a Ópera “Dom Carlos” de Verdi, 1964. Têmpera, pastel sôbre cartão. Museu Estatal de Cultura de Glinka.
124. Sôbre as Muralhas da Grande Cidade de Kiteje. Esbôço de Decoração para a Ópera “A Lenda da Cidade Invisível de Kiteje”, de Rimski-Korsakov, 1966. Pastel sôbre papel. Ministério de Cultura da URSS. 56 x 89

**ROOSA, Lembit (1920)**

125. Maquete para a Ópera “Casa de Ferro”, de E. Tamberg, 1965. Museu Estatal de Belas Artes de Talin.

**SALAHOV, Tair (1922)**

**TÊMPERA, CARTÃO**

126. Cortina. Esbôço de Decoração para a Tragédia “Antonio e Cleópatra”, de Shakespeare, 1964. Diretoria das Exposições de Obras de Arte, Azerbaidjão. 50 x 70
127. Sepulcro. Esbôço de Decoração para a Tragédia “Antonio e Cleópatra”, de Shakespeare, 1964 Diretoria das Exposições de Obras de Arte, Azerbaidjão. 50 x 70
128. Sala de Cleópatra. Esbôço de Decoração para a Tragédia “Antonio e Cleopatra”, de Shakespeare, 1964. Diretoria das Exposições de Obras de Arte, Azerbaidjão. 50 x 70
129. Navio de Pompeu. Esbôço de Decoração para a Tragédia “Antonio e Cleopatra”, de Shakespeare, 1964. Diretoria das Exposições de Obra de Arte, Azerbaidjão. 50 x 70

**SELVINSKAIA, Tatiana (1927)**

**TÊMPERA, TELA**

130. I.º Ato. Esbôço de Decoração para a Peça “Os Zikovis”, de Máximo Gorki, 1966. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 65 x 80
131. II.º Ato. Esbôço de Decoração para a Peça “Os Zikovis”, de Máximo Gorki, 1966. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 65 x 80

**SEREBROVSKI, Vladimir (1937)**

132. Decoração Geral. Esbôço para a Peça “Uma Libra de Carne”, de Kussani, 1965. União dos Artistas da URSS. Seção de Moscou. 80 x 100
133. I Ação. Esbôço de Decoração para a Comédia “All’s Well That Ends Well”, de Shakespeare, 1965. Óleo sôbre papel. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 73 x 80

134. II Ação. Esbôço de Decoração para a Comédia "All's Well That Ends Well", de Shakespeare, 1965. Óleo sôbre papel. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 73 x 80
135. Em Casa de Manilov. Esbôço de Decoração para Encenação do Poema "Almas Mortas", de Gogol, 1966. Óleo sôbre papel. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 73 x 80
136. Em Casa de Sobakevich. Esbôço de Decoração para Encenação do Poema "Almas Mortas", de Gogol, 1966. Óleo sôbre papel. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 73 x 80
137. Em Casa de Pluchkin. Esbôço de Decoração para Encenação do Poema "Almas Mortas", de Gogol, 1966. Óleo sôbre papel. União dos Artistas da URSS, seção de Moscou. 73 x 80

**STAVZEVA, Svaetlana**

**GUACHE**

138. Esbôço de Vestuário para a Peça "O Canto da Cotovia", de J. Anouilh, 1965. Fundo de Obras de Arte da URSS, seção de Krasnoiark. 56 x 86
139. Plutão. "Esquisse" de Boneco para a Peça "As Rãs" de Aristófanos, 1966. Fundo de Obras de Arte da URSS, Seção de Krasnoiark. 45 x 27
140. "Panneau" para a Peça "Trien-Brien", de N. Pogodin. Fundo de Obras de Arte da URSS, seção de Krasnoiark. 21 x 41

**STENBERG, Enar (1929)**

141. Esbôço de Decoração para a Peça "Douze", de Alexander Block, 1966. Técnica mista. 80 x 100
142. Esbôço de Decoração para a Peça "Douze", de Alexander Block, 1966. Técnica mista. 80 x 100
143. Esbôço de Decoração para a Peça "Douze", de Alexander Block, 1966. Técnica mista. 80 x 100
144. Esbôço de Decoração para a Peça "Douze", de Alexander Block, 1966. Técnica mista. 80 x 100
145. Sala de Visitas do Prefeito. Esbôço de Decoração para a Comédia "O Revisor", de Gogol, 1966. Têmpera, tela.

**TAVADZE, Dimitri (1911)**

**TÊMPERA, PAPEL**

146. Esbôço de Decoração para a Tragédia "Macbeth", de Shakespeare, 1963. Galeria Estatal de Pintura, Geórgia. 60 x 52
147. Esbôço de Decoração para a Tragédia "Macbeth", de Shakespeare, 1963. Galeria Estatal de Pintura, Geórgia. 60 x 52

**TICHLER, Alexander (1898)**

**PASTEL SÔBRE PAPEL**

148. Cena do Espetáculo. Esbôço de Decoração para a Comédia "A Duodécima Noite", de Shakespeare, 1964. 49 x 65

149. Olívia. Esbôço de Vestuário para a Comédia "A Duodécima Noite", de Shakespeare, 1964. 65 x 49
150. Malvólio. Esbôço de Vestuário para a Comédia "A Duodécima Noite", de Shakespeare. 65 x 49

**UCHAKOV, Diodor (1907)**

151. Maquete para a Tragédia "Rei Lear", de Shakespeare. Diretoria de Exposições do Usbequistão.

**VASILIEV, Alexander (1911)**

**GUACHE**

152. Esbôço de Vestuário para a Peça "Le Sommeil de l'Oncle" de Dostoiewski, 1965. 60 x 50
153. Esbôço de Vestuário para a Peça "Le Sommeil de l'Oncle" de Dostoiewski, 1965. 60 x 50
154. Esbôço de Vestuário para a Peça "Le Sommeil de l'Oncle" de Dostoiewski, 1965. 60 x 50
155. Esbôço de Vestuário para a Peça "Le Sommeil de l'Oncle" de Dostoiewski, 1965. 60 x 50
156. Esbôço de Decoração da Novela "Crime e Castigo", de Dostoiewski, 1967. 70 x 70

**VIRCALADZE, Salomão (1909)**

**GUACHE**

157. Esbôço de Decoração para o Balé "Otelo", de A. Machavariani, 1963. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 24 x 30
158. Esbôço de Decoração para o Balé "Otelo", de A. Machavariani, 1963. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 24 x 30
159. Esbôço de Decoração para o Balé "Sheherazade", de Rimski-Korsakov, 1964. Museu Estatal de Teatro, Moscou. 52 x 72
160. Esbôço de Decoração para o Balé "Sheherazade", de Rimski-Korsakov, 1964. Museu Estatal de Teatro, Moscou. 52 x 72

**ZEMGALIS, Gunar**

**TÊMPERA, TELA**

161. Esbôço de Decoração para a Peça "Joana D'Arc", de A. Upit, 1967. Diretoria Central dos Museus da Letônia. 80 x 120
162. Esbôço de Decoração para a Peça "Joana D'Arc", de A. Upit, 1967. Diretoria Central dos Museus da Letônia. 80 x 120

**ZOLOTARIOV, Nicolai (1915)**

163. Esbôço de Decoração para a Ópera "Boris Godunov", de M. Mussorgski, 1966. Têmpera, óleo sôbre cartão. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 59 x 69

164. Esbôço de Decoração para a Ópera "Boris Godunov", de M. Mussorgski, 1966. Têmpera, óleo sôbre cartão. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 59 x 69
165. Esbôço de Decoração para a Ópera "Boris Godunov", de M. Mussorgski, 1966. Têmpera, óleo sôbre cartão. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 59 x 69
166. Esbôço de Decoração para a Ópera "Boris Godunov", de M. Mussorgski, 1966. Têmpera, óleo sôbre cartão. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 59 x 69
167. Esbôço de Decoração para a Ópera "Boris Godunov", de M. Mussorgski, 1966. Têmpera, óleo sôbre cartão. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 59 x 69
168. Esbôço de Decoração para a Ópera "Boris Godunov", de M. Musorgski, 1966. Têmpera, óleo sôbre cartão. Museu Estatal do Teatro, Moscou. 59 x 69
169. Esbôço de Decoração para a Ópera "Virinea", de Slonimski, 1966. Têmpera, Cartão. Ministério da Cultura da URSS. 71 x 92
170. Esbôço de Decoração para a Ópera "Virinea", de Slonimski, 1966. Têmpera, Cartão. Ministério da Cultura da URSS. 71 x 92
171. Esbôço de Decoração para a Ópera "Virinea", de Slonimski, 1966. Têmpera, Cartão. Ministério da Cultura da URSS. 71 x 92
172. Esbôço de Decoração para a Ópera "Virinea", de Slonimski, 1966. Têmpera, Cartão. Ministério da Cultura da URSS. 71 x 92

ZOTOV, Eugenio (1902)

ÓLEO SÔBRE CARTÃO

173. Danças de Roda Primavera. Esbôço de Decoração para o Balé "Primavera Sagrada", de Stravinski, 1966. União dos Artistas da URSS, Seção de Moscou, 90 x 100
174. Inserção Teatral "Cavaleiro". União dos Artistas da URSS, Seção de Moscou, 89 x 65

# **URUGUAI**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
COMISSION NACIONAL DE  
BELLAS ARTES, MONTEVIDÉU.

COMISSÁRIO: ANGEL KALENBERG



# URUGUAI

## CARLOS FEDERICO SAEZ SALA ESPECIAL "IN-MEMORIAN"

"Hors Concours", em homenagem póstuma, a Comissão Nacional de Belas Artes do Uruguai preparou uma seleção de desenhos de Carlos Federico Saez, ilustre artista uruguaio desaparecido.

São, ao todo, 25 trabalhos a lápis, guache, aquarela e tinta da China, que foram cedidos, para a atual apresentação, pelo Museu Nacional de Belas Artes de Montevidéu.

### SALA GERAL

Para representar o Uruguai na IX Bienal de São Paulo, a "Comisión Nacional de Bellas Artes" selecionou dois dos mais altos valores nacionais do momento: os pintores Vicente Martin e Oscar Garcia Reino.

Esta seleção foi realizada após cuidadoso confronto entre o elevado número de grandes artistas com que conta nosso país. A ela chegamos, com a convicção de que ambos possuem méritos sem conta para receber tão honrosa incumbência.

Vicente Martin e Oscar Garcia Reino são pintores que já atingiram o cume de sua carreira artística. Situam-se na alta posição de Mestres que ocupam no campo da arte nacional e internacional, graças à sua límpida e honrosa trajetória de artistas honestos, estudiosos, trabalhadores. Constantemente inspirados na busca da verdade e da beleza em um ideal de superação, construíram, com seu trabalho, uma hierarquia da pintura no Uruguai.

Sua carreira está semeada de êxitos e triunfos em salões e exposições locais e no exterior, onde conquistaram as mais altas recompensas. A obra que realizaram, atingindo a maturidade, está compreendida dentro do informalismo atual, apresentado com maestria pela inspiração e trabalho criador de ambos.

Poderá sua obra ser ou não compartilhada quanto às tendências que representam. O indubitável, que ninguém pode discutir, é, porém, o autêntico valor de seu talento, a poesia delicada com que se expressam, a perfeição de seu artesanato e o genial emprêgo da cor assim como a finura, a delicadeza e a limpidez do toque pictórico.

Ambos, cada um segundo seus próprios meios de expressão, serão, sem dúvida, brilhantes representantes da pintura uruguaia. No selecionado grupo de artistas do mundo inteiro, que figurarão na próxima Bienal de São Paulo, Vicente Martin e Oscar Garcia Reino demonstrarão que o Uruguai alcançou maturidade e hierarquia, situando-se, no campo da arte, à altura dos demais países do mundo.

Rodolfo L. Vigouroux

## DESENHO

SAEZ, Carlos Federico (falecido)

1. Estudo. Lápis e guache. 21 x 13
2. Estudo. Lápis. 22 x 19
3. Estudo. Tinta da China. 16 x 13
4. Estudo. Lápis. 27 x 23
5. Estudo. Lápis. 32 x 25
6. Estudo. Tinta da China. 32 x 49
7. Estudo. Lápis. 27 x 34
8. Estudo. Lápis. 33 x 32
9. Estudo. Lápis. 34 x 27
10. Estudo. Lápis e guache. 32 x 25
11. Estudo. Tinta da China. 32 x 25
12. Estudo. Tinta da China. 30 x 28
13. Estudo. Lápis. 34 x 27
14. Estudo. Lápis. 34 x 27
15. Estudo. Lápis. 27 x 34
16. Estudo. Lápis. 31 x 38
17. Estudo. Lápis. 34 x 27
18. Estudo. Lápis. 25 x 19
19. Estudo. Lápis. 33 x 27
20. Estudo. Lápis. 20 x 27
21. Estudo. Lápis. 29 x 22
22. Estudo. Lápis. 23 x 27
23. Estudo. Lápis. 30 x 23
24. Estudo. Lápis aquarelado. 36 x 34
25. Estudo. Lápis aquarelado. 22 x 30

## PINTURA

MARTIN, Vicente (1911)

ESMALTE

1. Paisagem A, 1966. 148 x 121
2. Paisagem B, 1966. 148 x 121
3. Paisagem C, 1966. 148 x 121
4. Paisagem D, 1966. 148 x 121
5. Paisagem E, 1966. 148 x 121
6. Paisagem F, 1966. 148 x 121
7. Paisagem G, 1966. 148 x 121
8. Paisagem H, 1966. 148 x 121
9. Paisagem I, 1966. 148 x 121
10. Paisagem J, 1966. 162 x 130

REINO, Oscar Garcia

TÉCNICAS COMBINADAS

11. Pintura R 4, 1966. 162 x 114
12. Pintura R 10, 1966. 89 x 130
13. Pintura R 24, 1966. 89 x 130



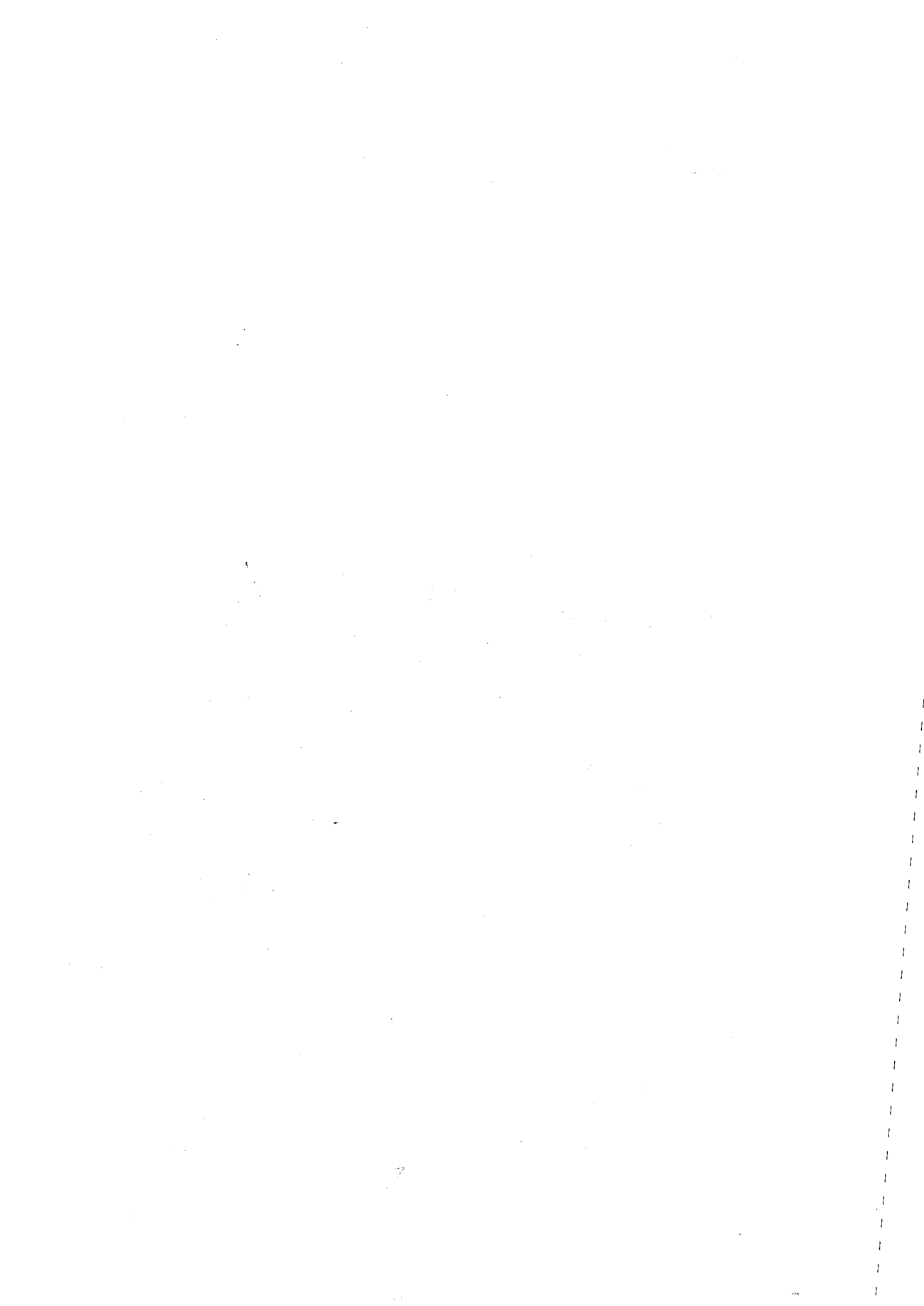
14. Composição n.º 2, 1966. 100 x 160
15. Composição n.º 25, 1966. 100 x 160
16. Composição n.º 16, 1967. 89 x 130
17. Pintura 1967 A, 1967. 130 x 178
18. Pintura 1967 B, 1967. 130 x 178
19. Presença, 1967. 100 x 219
20. Pintura APA — 1061, 1967. 75 x 186



# **VENEZUELA**

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO  
INSTITUTO NACIONAL DE  
CULTURA Y BELLAS ARTES,  
CARACAS.

COMISSÁRIO: CRUZ-DIEZ



# VENEZUELA

Como na Bienal anterior, nossa representação de 1967, é integrada por obras de três criadores que representam tendências muito características da arte atual na Venezuela. São artistas cujas pesquisas se identificam com as tendências gerais que prevalecem na arte internacional. Daí a escolha. A unidade da representação refere-se, sobretudo, à preferência pelo objeto, à negação do plano bi-dimensional próprio da pintura, nêles observada e não na afinidade que se poderia estabelecer entre êsses três artistas dissímiles, fortemente individuais, que muito pouco têm em comum, a começar pelo ponto de vista quanto ao que cada um dêles exprime.

Carlos Cruz-Diez, vencedor do Prêmio Internacional da Bienal de Córdoba, no ano passado, é hoje figura consagrada no movimento cinético internacional. Representa não apenas um grupo estabelecido em Paris, mas uma tendência fortemente enraizada atualmente em Caracas e que reúne numerosos jovens criadores de talento. Relacionada a um mundo autóctono, com o fundo ancestral de magia e superstição latente no nosso povo que interpreta, sem perder sua condição de universalidade, a obra de Mário Abreu, com sua poderosa carga semântica, situa-se, ainda que seja difícil classificá-la, na arte dos objetos. Aparentemente Cruz-Diez e Mário Abreu — um representando o mundo da física e o outro uma espiritualidade selvagem — são “os pintores” dêste grupo. Elaboram certa classe de quadros-múltiplos que diferem dos trabalhos do escultor Harry Abend. Se, pela idade, Cruz-Diez e Mario Abreu pertencem à mesma geração, Abend, que começou a ser conhecido em 1961, é o mais jovem dos três. Atravéz dêle o vigoroso movimento da jovem escultura venezuelana se faz presente na Bienal de São Paulo.

## PINTURA

ABREU, Mario (1919)

### MATERIAIS DIVERSOS

1. Anjo da Criação, 1967. 80 x 80
2. Farol Mágico, 1967. 80 x 80
3. Velório de Um Anjo, 1967. 80 x 80
4. Recordação dos Anos 20, 1967. 80 x 80
5. Lâmpadas Eternas, 1967. 90 x 90
6. Violinista Mágico, 1967. 90 x 90
7. Recordação de Meus Antepassados Arawakos, 1967. 90 x 90
8. Aparição do Anjo Crucificado, 1967. 80 x 80
9. Piedade Guardada pelos Arcanjos, 1967. 80 x 80
10. Janelas no Infinito, 1967. 80 x 80

CRUZ — DIEZ, Carlos (1923)

### EM MADEIRA, PLÁSTICO E MATERIAL CELULÓSICO

11. Psychromie n.º 275, 1966. 121 x 121
12. Psychromie n.º 302, 1967. 151 x 122
13. Psychromie n.º 326, 1967. 180 x 120
14. Psychromie n.º 327, 1967. 184 x 121
15. Psychromie n.º 328, 1967. 364 x 61
16. Psychromie n.º 329, 1967. 364 x 61
17. Psychromie n.º 330, 1967. 120 x 60
18. Psychromie n.º 331, 1967. 364 x 61
19. Psychromie n.º 335, 1967. 243 x 61
20. Psychromie n.º 336, 1967. 243 x 61
21. Psychromie n.º 337, 1967. 121 x 61
22. Psychromie n.º 340, 1967. 61 x 61
23. Psychromie n.º 342, 1967. 61 x 61
24. Psychromie n.º 343, 1967. 61 x 61
25. Psychromie n.º 344, 1967. 61 x 61

## ESCULTURA

ABEND, Harry (1937)

### FUNDIÇÃO

1. Uma Grande Liberdade, 1967. 52 x 54
2. Isabelle, 1967. 40 x 34
3. Kwong — Kwong, 1967. 37 x 31
4. Masihon, 1967. 24 x 32
5. Judith, 1967. 90 x 105
6. Duplo — Eu, 1967. 39 x 49
7. Sophie, 1967. 33 x 40
8. Matilde II, 1967. 33 x 42
9. Lagna, 1967. 28 x 60
10. Tunken, 1967. 44 x 52

# VIETNÃ

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA  
DIRECTION DES BEAUX ARTS,  
MINISTÈRE DE LA CULTURE,  
SAIGON.

COMISSÁRIO: PHAM TANG





# VIETNÃ

Nos últimos vinte anos o Vietnã tornou-se o centro da atenção pública mundial por sua longa e heróica luta pela independência e pela liberdade.

A guerra, com todos os seus aspectos negativos e devastadores, não pôde sufocar êste pequeno povo mártir, dotado de grande força moral e espiritual e de viva sensibilidade artística.

A vontade de salvaguardar sua antiquíssima civilização, rica de tradições culturais, e a firme disposição de inserir-se no grande ritmo da arte moderna levaram o Vietnã a superar o isolamento artístico, decorrência fatal de sua luta para sobreviver, e a apresentar alguns de seus artistas na Bienal Internacional de São Paulo, dando-lhes oportunidade, assim, de serem observados e discutidos pela crítica e pelo público de todo o mundo.

Pham-Tang

## **PINTURA**

**DE, Nguyễn — Hieu (1935)**

1. Alienação, 1967. 80 x 80

**KHAI, Nguyễn (1940)**

2. Pintura n.º 1, 1967. 95 x 65

**LÂM, Nguyễn (1941)**

3. Composição, 1965. 80 x 100

**NGUYỄN, Nguyễn-Cao (1933)**

4. Descida da Cruz. Laca. 95 x 65

**TANG, Pham**

5. Participação Fatorial para uma Composição, 1967. 180 x 180
6. Composição para uma Paz, 1967. 240 x 240

**THANH, Nguyễn-DUY (1931)**

7. Canto de Jardim. 80 x 100

**TRIỆT, Lam (1937)**

8. Gato e Peixe, 50 x 60

**TRUNG, Nguyễn (1940)**

9. Claro-Escuro, 1967. 65 x 80

**TUAN, Thái (1918)**

10. Dragão Ferido. 80 x 100

PREMIAÇÃO  
NACIONAL  
E  
INTERNACIONAL  
(I A VIII BIENNAIS)



## GRANDES PRÊMIOS

- II — Henri Laurens (FRANÇA).
- III — Fernand Léger (FRANÇA).
- IV — Giorgio Morandi (ITÁLIA).
- V — Barbara Hepworth (GRÃ-BRETANHA).
- VI — Maria Helena Vieira da Silva (FRANÇA).
- VII — Adolph Gottlieb (ESTADOS UNIDOS).
- VIII — Alberto Burri (ITÁLIA) e Victor Vasarely (FRANÇA) — Prêmio Bienal de São Paulo “ex-aequo”.

## PRÊMIOS ESPECIAIS

- VI — Prêmio Decenal da Bienal de São Paulo: Julius Bissier (ALEMANHA).
- VII — Prêmio Especial “Pesquisa de Arte”: Yaacov Agam (ISRAEL).  
Prêmio Especial “Arte Aplicada”: “Ex-aequo” — Fritz Riedl (ÁUSTRIA) — Tapeçaria e Henryk Tomaszewski (POLÔNIA) — Cartazes.
- VIII — Prêmio Especial “Pesquisa de Arte”: Jean Tinguely (SUÍÇA) — Medalha de Ouro.  
Prêmio Especial “Arte Aplicada”: Magdalena Abakanowicz (POLÔNIA) — Medalha de Ouro — Tapeçaria.  
Prêmio Encorajamento à Pesquisa de Arte: Carlos Paez Vilaró (URUGUAI) — Medalha de Ouro.  
Prêmio Bienal Americana de Córdoba: Rafael Coronel (MÉXICO).  
Prêmio “Isai Leirner”: Francisco Hung (VENEZUELA).  
Menção Especial com Medalha: S. Libensky e J. Brythtova (TCHECOSLOVÁQUIA).

## PRÊMIOS REGULAMENTARES INTERNACIONAIS:

### PINTURA

- I — Roger Chatel (FRANÇA)
- II — Rufino Tamayo (MÉXICO)
- III — Alberto Magnelli (ITÁLIA)
- IV — Ben Nicholson (GRÃ-BRETANHA)
- V — Modesto Cuixart (ESPANHA)
- VI — Yoshishige Saito (JAPÃO)
- VII — Alan Davie (GRÃ-BRETANHA)
- VIII — Kumi Sugai (JAPÃO)

## DESENHO

- I — Renzo Vespignani (ITÁLIA)
- II — Ben Shan (ESTADOS UNIDOS)
- III — Alfred Kubin (ÁUSTRIA)
- IV — Não atribuído
- V — José Luis Cuevas (MÉXICO)
- VI — Tadeusz Kulisiewicz (POLÓNIA)
- VII — Sonderborg (ALEMANHA)
- VIII — Juan Ponç (ESPANHA)

## ESCULTURA

- I — Max Bill (SUIÇA)
- II — Henry Moore (GRÁ-BRETANHA)
- III — Mirko Basaldella (ITÁLIA)
- IV — Jorge de Oteiza (ESPANHA)
- V — Francesco Somaini (ITÁLIA)
- VI — Alicia Peñalba (ARGENTINA)
- VII — Arnaldo Pomodoro (ITÁLIA)
- VIII — Marta Colvim (CHILE)

## GRAVURA

- I — Giuseppe Viviani (ITÁLIA)
- II — Giorgio Morandi (ITÁLIA)
- III — Jacob Steinhardt (ISRAEL)
- IV — Yoso Hamaguchi (JAPÃO)
- V — Riko Debenjak (IUGOSLÁVIA)
- VI — Leonardo Baskin (ESTADOS UNIDOS)
- VII — Cesar Olmos (ESPANHA)
- VIII — Janez Bernik (IUGOSLÁVIA)

## BRASIL

### PINTURA

- I — Danilo Di Prete
- II — Alfredo Volpi e Emiliano Di Cavalcanti
- III — Milton Dacosta
- IV — Frans Krajcberg
- V — Manabu Mabe
- VI — Iberê Camargo
- VII — Yolanda Mohalyi
- VIII — Danilo Di Prete

### DESENHO

- I — Aldemir Martins
- II — Arnaldo Pedrosa D'Horta
- III — Aldemir Martins e Caribé
- IV — Wega Nery e Fernando Lemos
- V — Marcello Grassmann
- VI — Anatol Wladyslaw
- VII — Darel Valença Lins
- VIII — Fernando Odriozola

## ESCULTURA

- I — Victor Brecheret
- II — Bruno Giorgi
- III — Maria Martins
- IV — Frans Weissmann
- V — Não atribuído
- VI — Lygia Clark
- VII — Felicia Leirner
- VIII — Sérgio Camargo

## GRAVURA

- I — Oswaldo Goeldi
- II — Lívio Abramo
- III — Marcelo Grassmann
- IV — Fayga Ostrower
- V — Arthur Luiz Piza
- VI — Isabel Pons
- VII — Roberto De Lamonica
- VIII — Maria Bonomi





# FOTOGRAFIAS





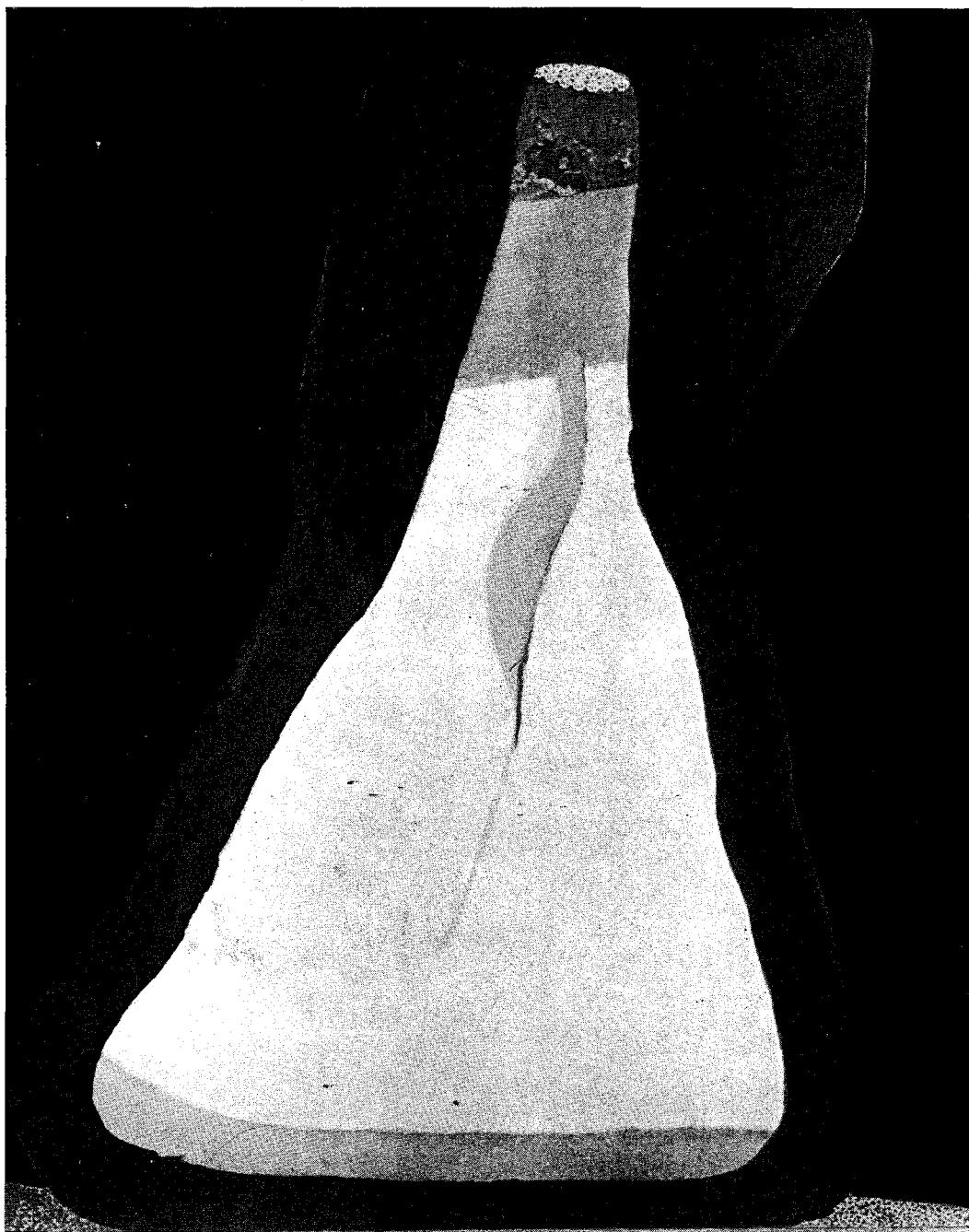
África do Sul / DUMILE / Mulher com Crianças, 1967.



África do Sul / SIDNEY KUMALO / Chefe Zulu, 1967.



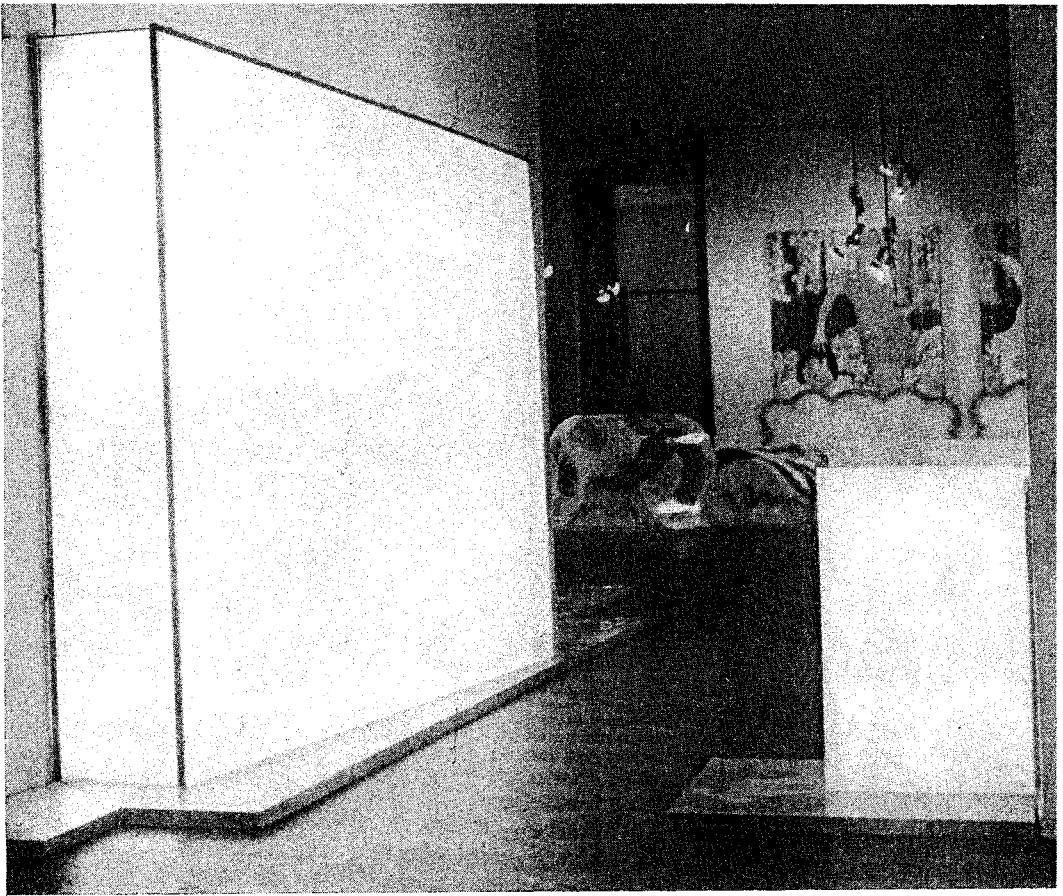
Alemanha / JOSUA REICHERT / Tipografia Joshuatree, 1960.



Alemanha / RAINER KÜCHENMEISTER / A Viúva, 1965.

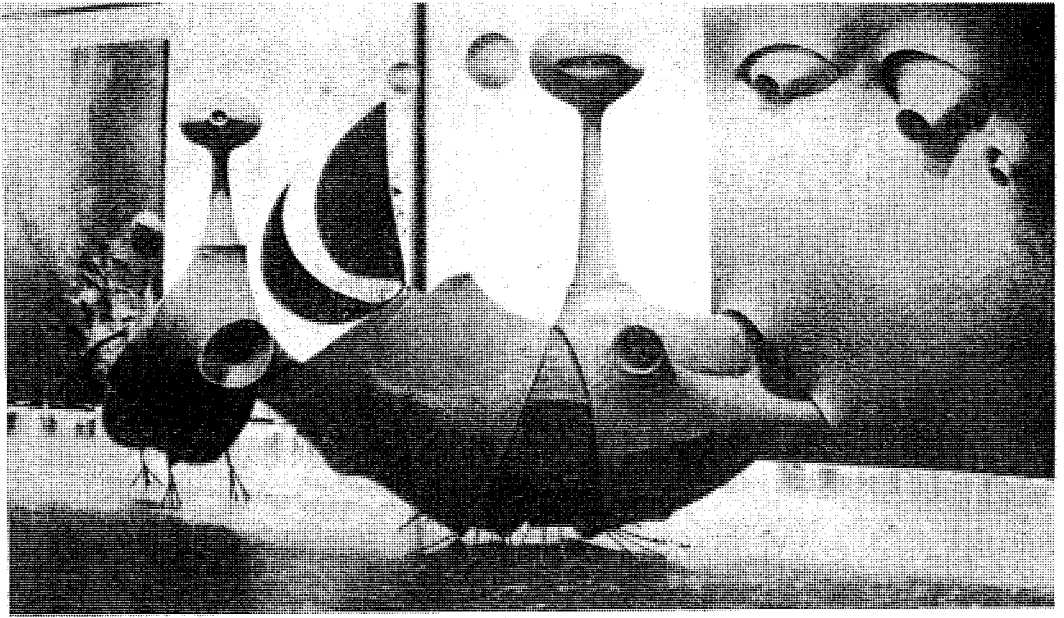


Antilhas Holandesas / LUCILA ENGELS / Ressaca, 1967.



Argentina / DAVID LAMELAS / Reflexão Estática com Limites num Espaço Primário, 1967.





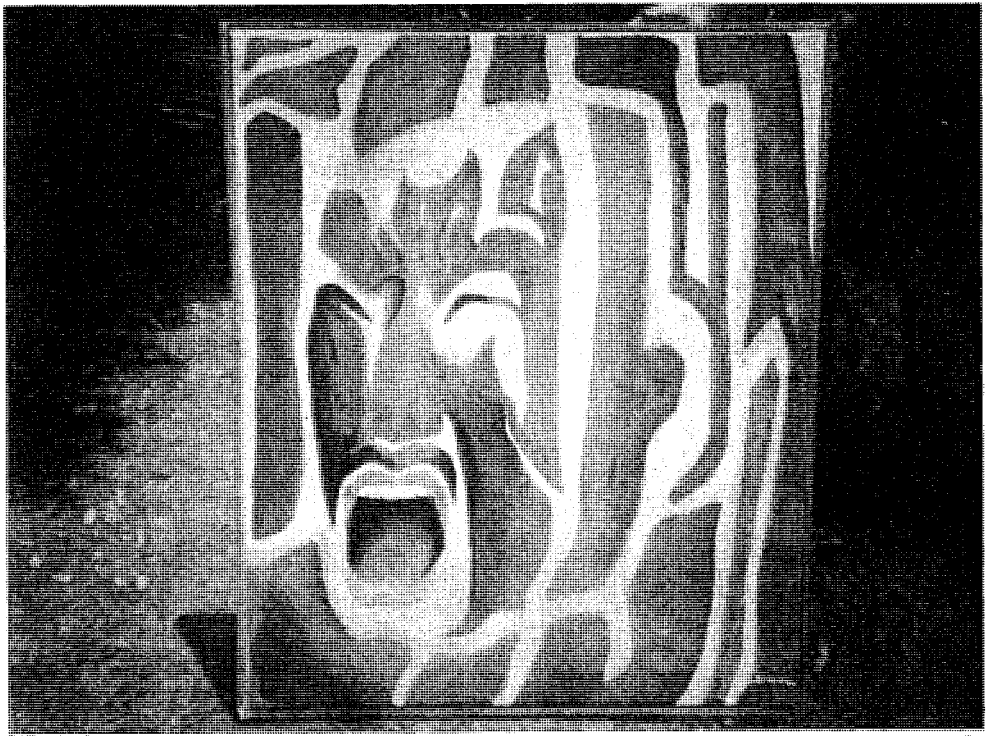
Argentina / EMILIO RENART / "Biocosmos N.º 5", 1962.



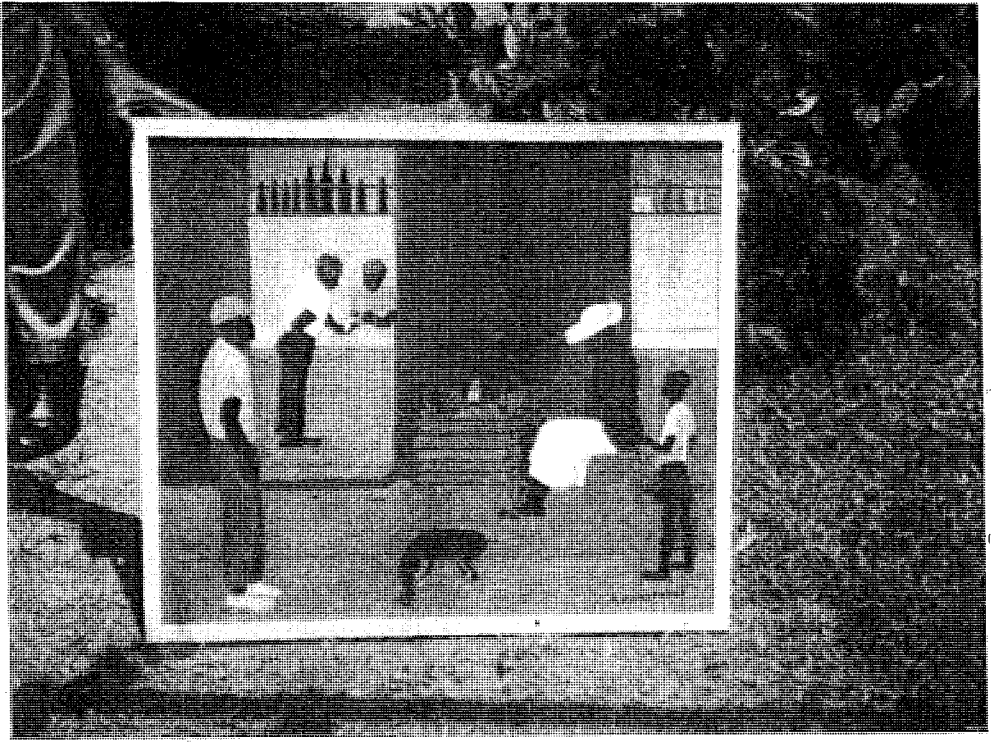
Áustria / ALFRED HRDLICKA / A Nobre Inocência e a Silenciosa Grandeza de Edle, 1965. Detalhe.



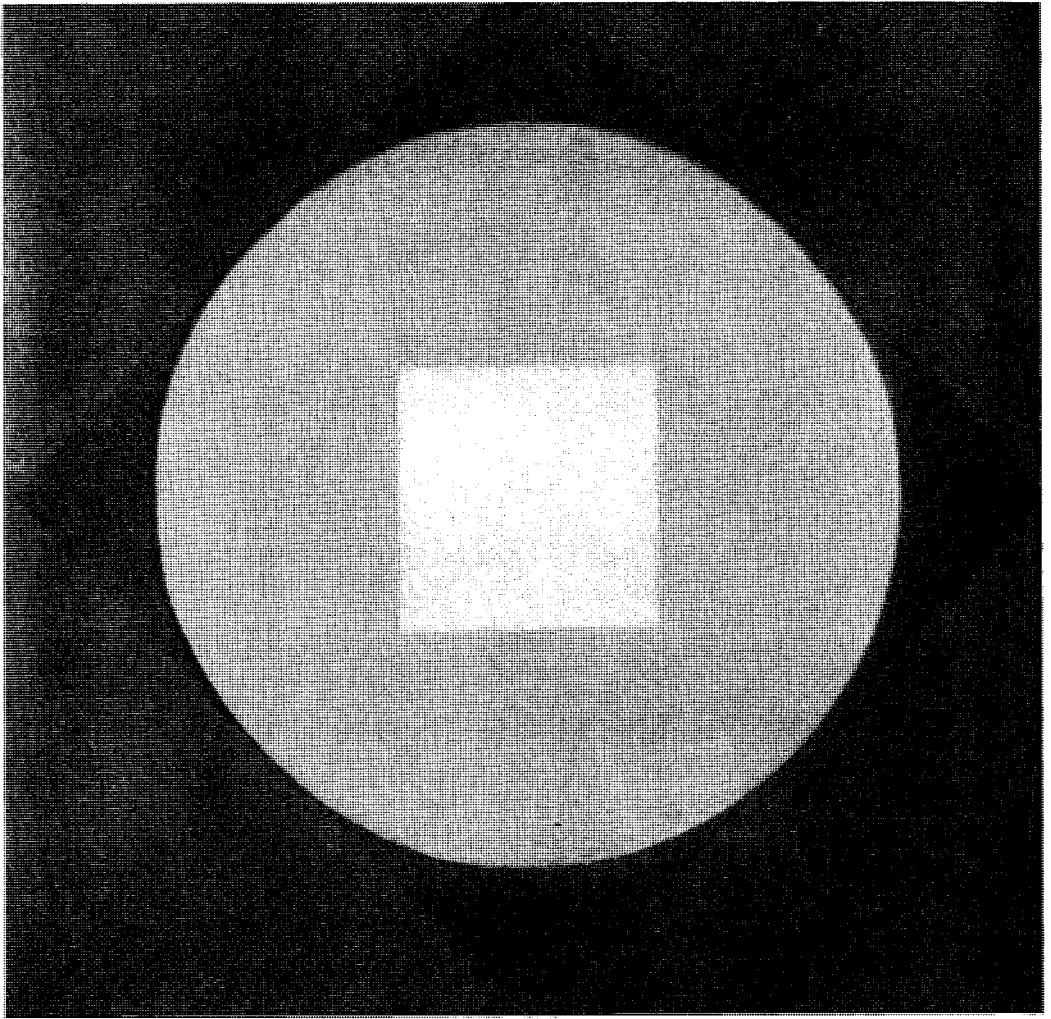
Áustria / WOLFGANG HOLLEGHA / Cabeça, 1966.



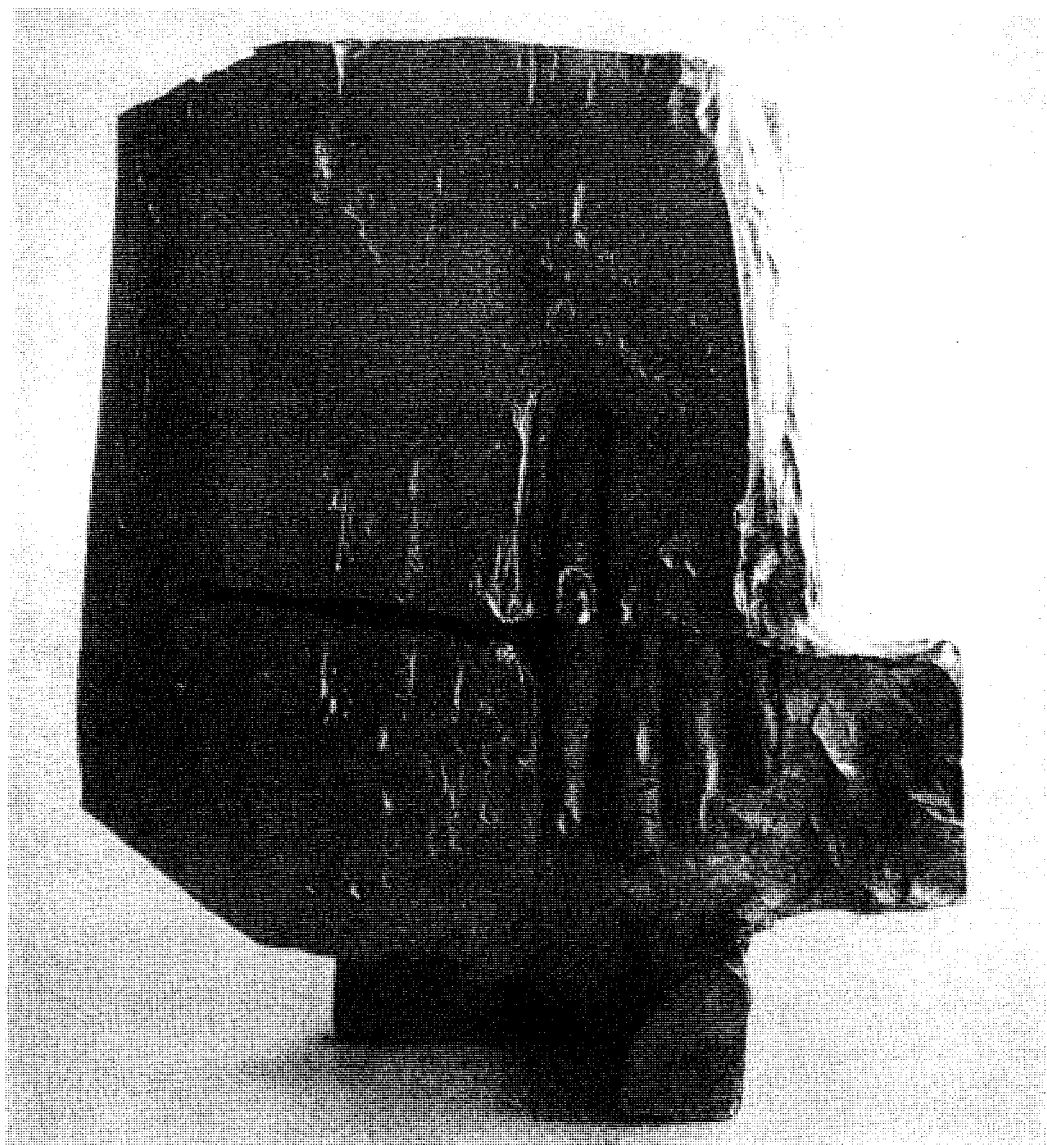
Barbados / BRENDA DANIEL / Angústia, 1966.



Barbados / MARY ARMSTRONG / "Milly, Milly", 1967.

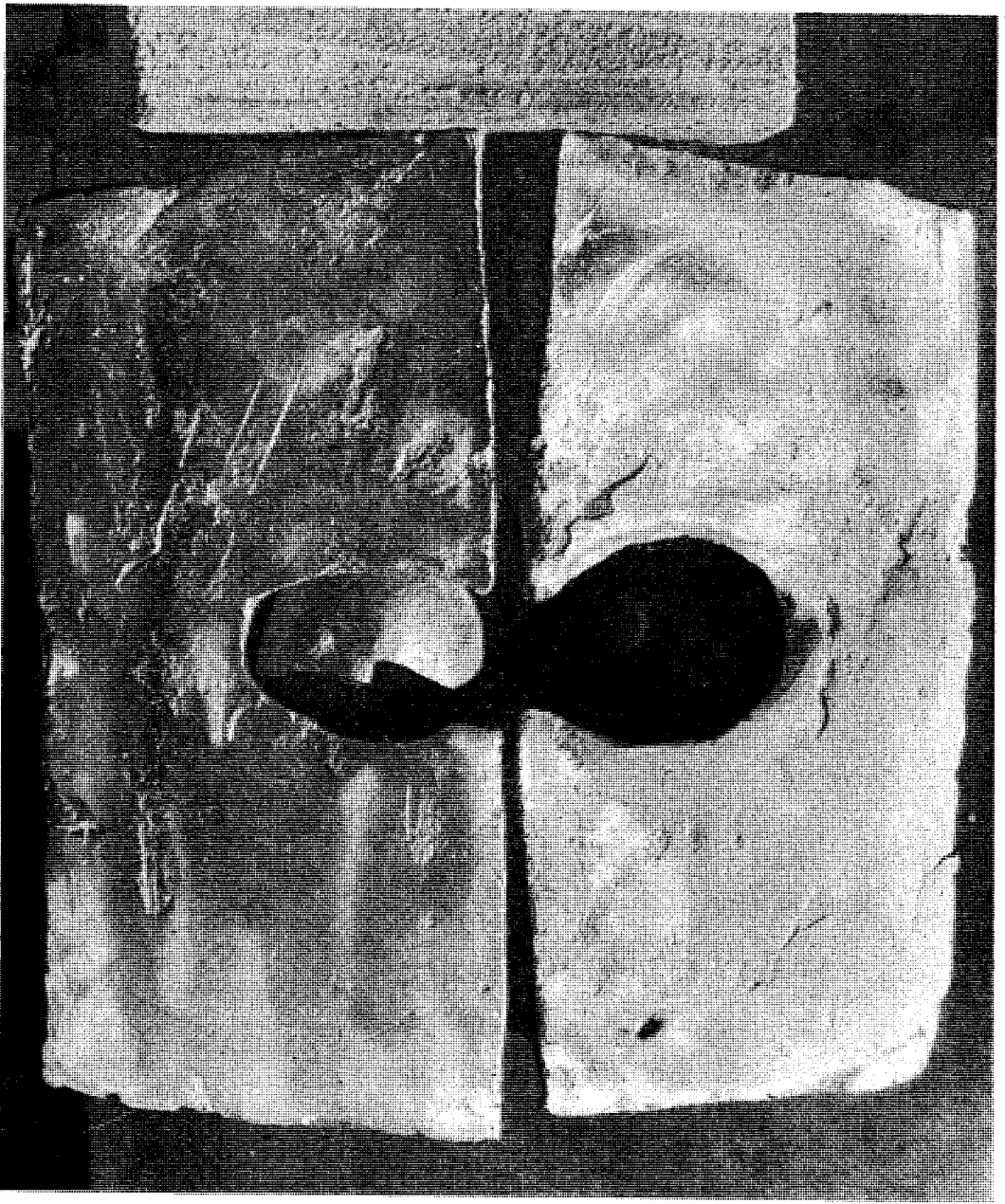


Bélgica / DAN VAN SEVEREN / Composição, 1964/65.



Bélgica / FELIX ROULIN / Relêvo com 5 Dedos, 1966.



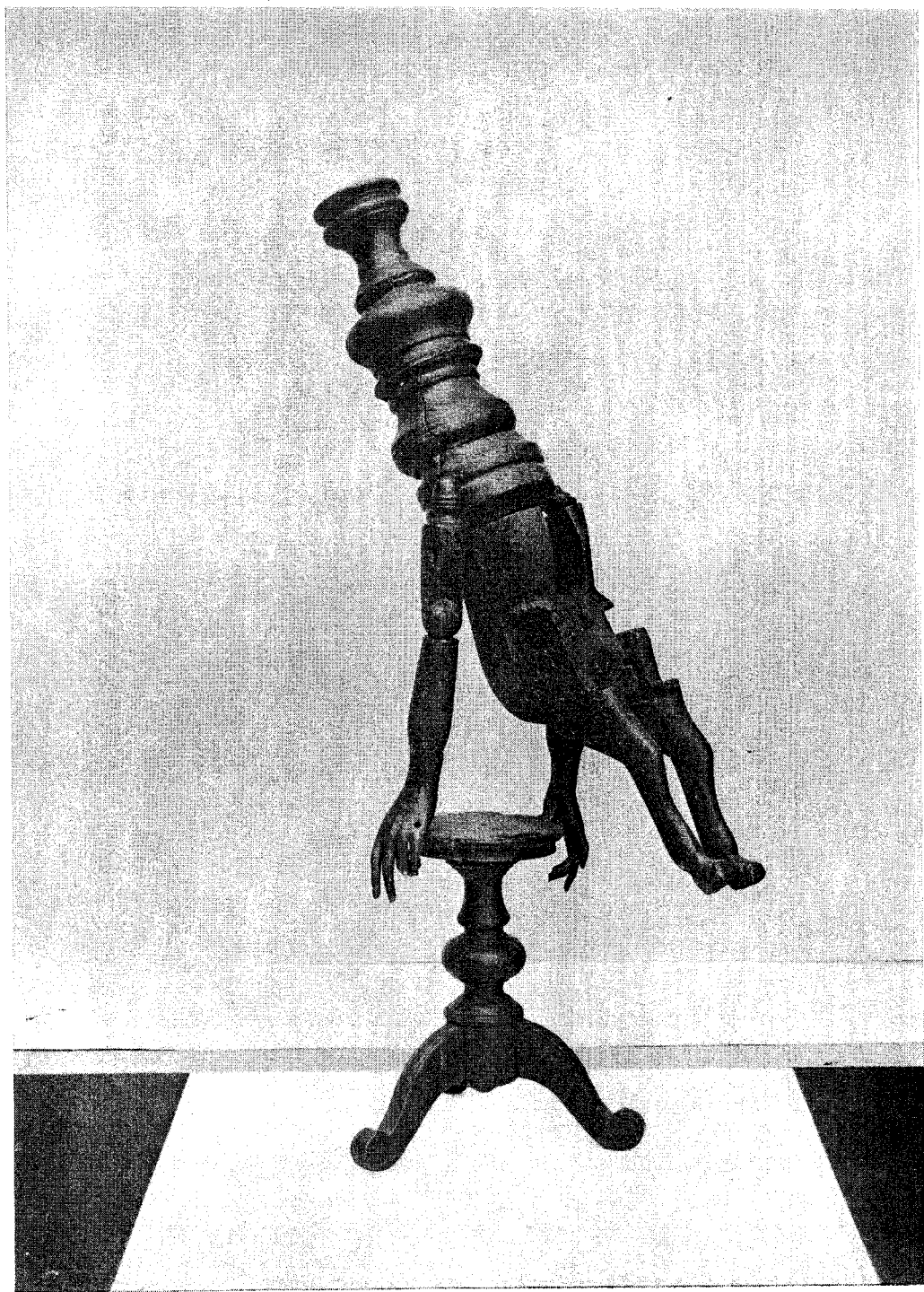


Bélgica / FELIX ROULIN / Superfície com Seios, 1966.

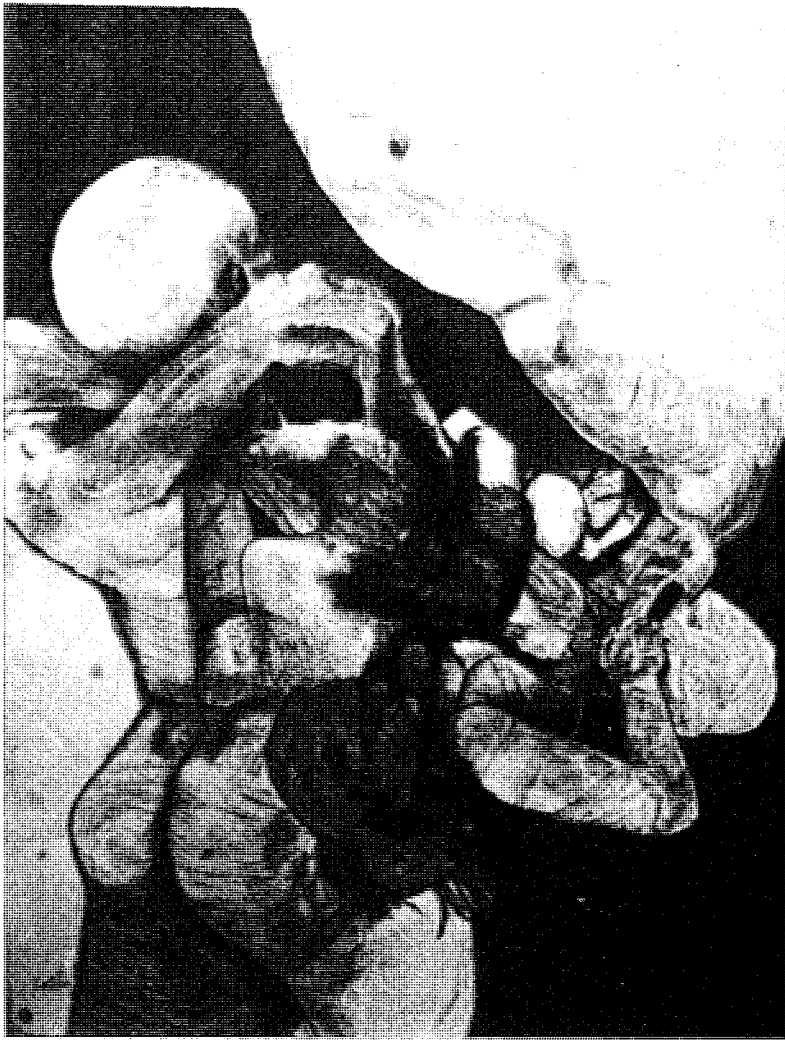




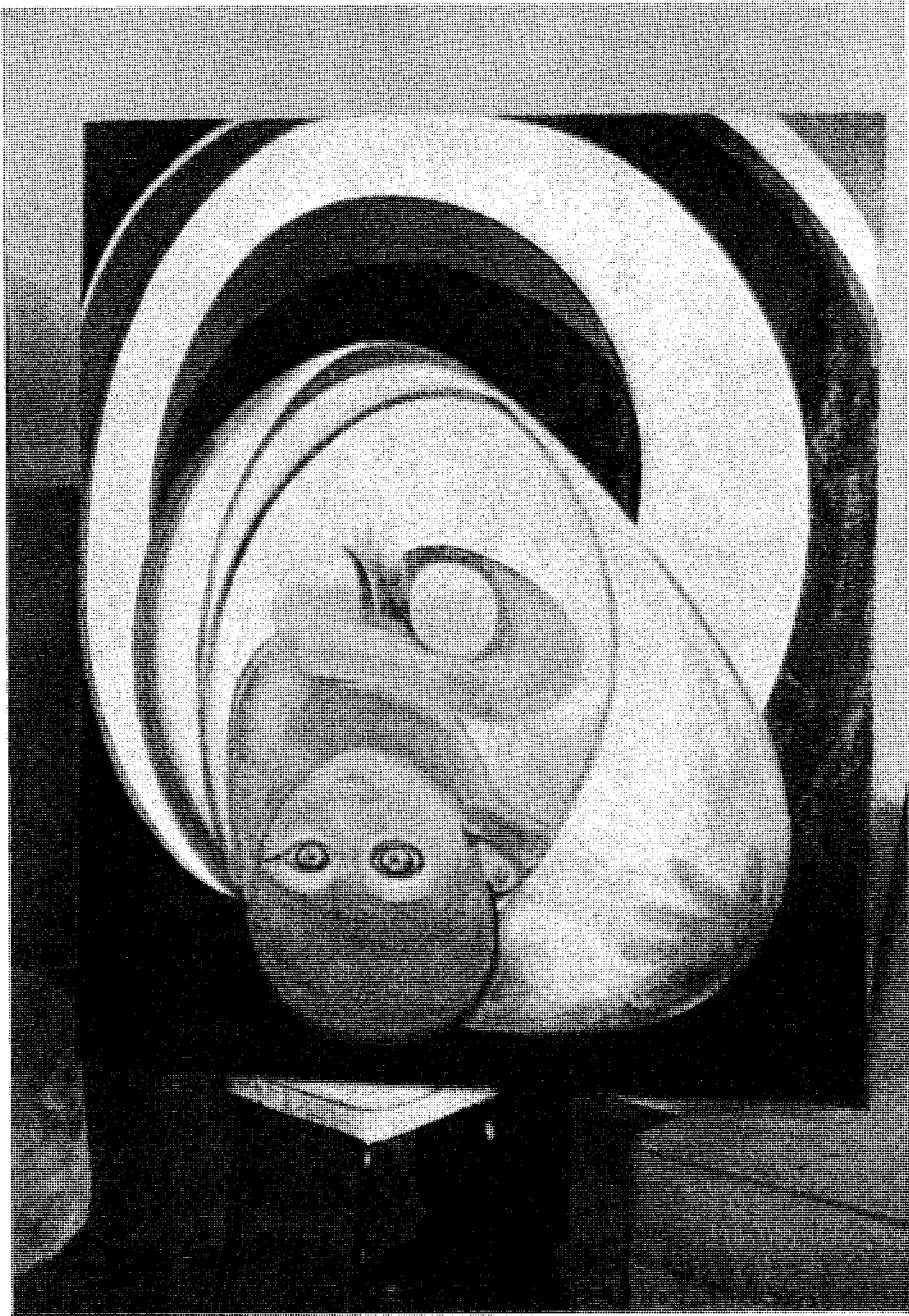
Bélgica / SERGE VANDERCAM / O Poeta, 1967.



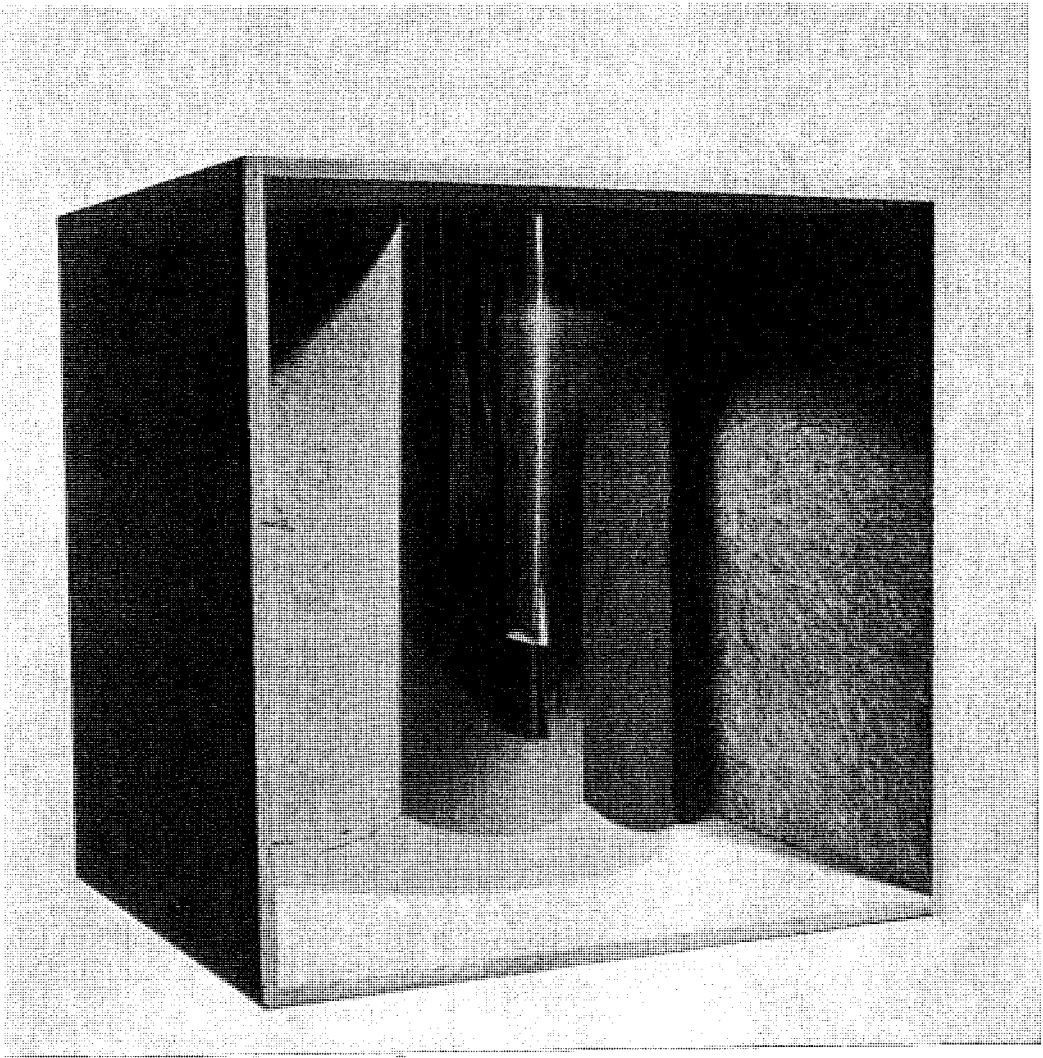
Bélgica / VIC GENTILS / Jôgo de Xadrez, 1965/67.



Bolívia / JOSÉ ASBUN SELEME / "Detalhe".



Bolivia / JOSÉ JEREMÍAS BUSTAMANTE / "Fórmula Humana".

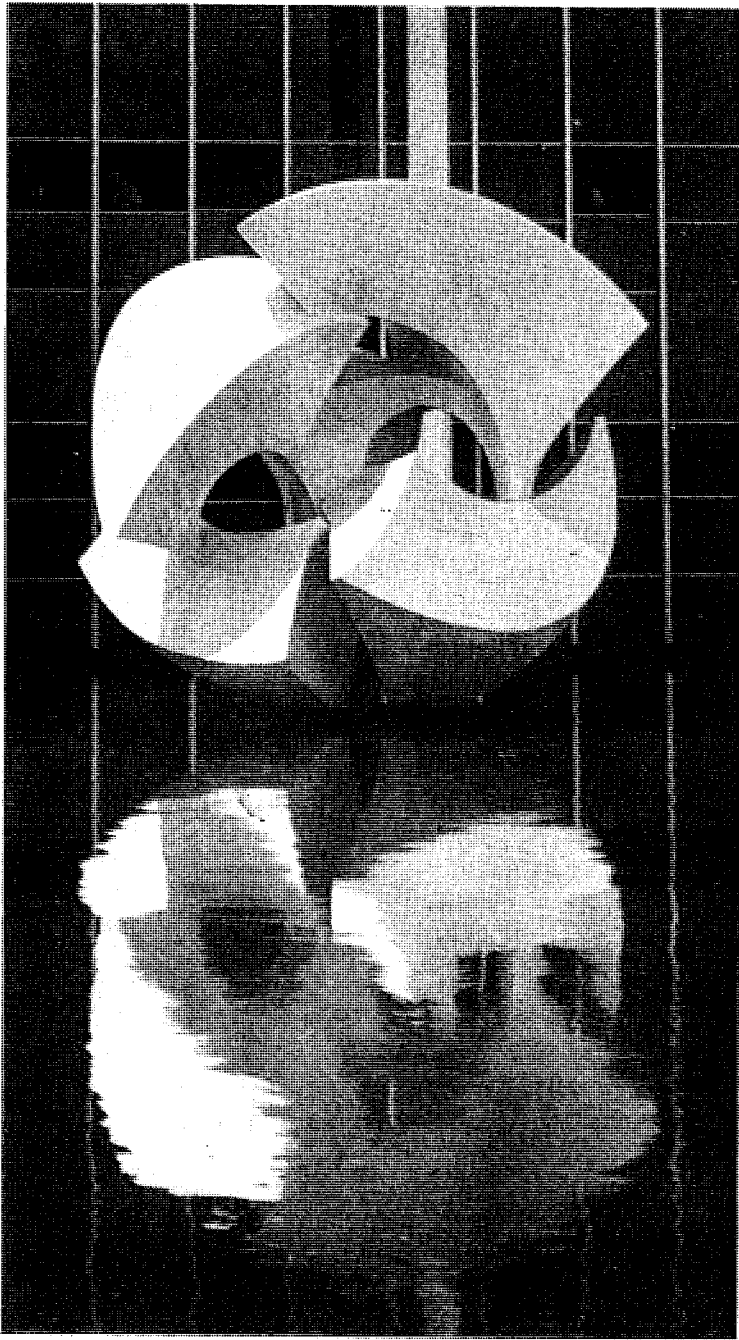


Brasil / AMÉLIA TOLEDO / "Objeto", 1967.

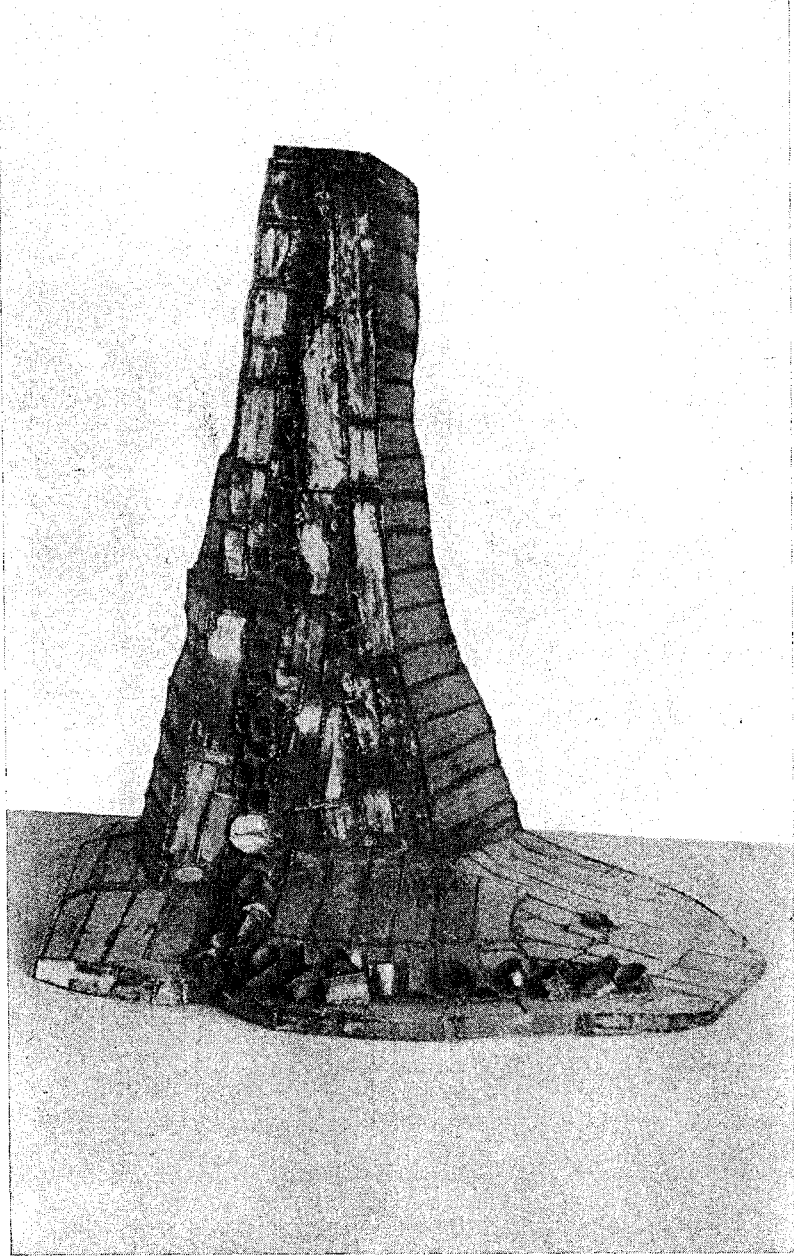


Brasil / ANATOL WLADYSLAW / "Jovem Buda".



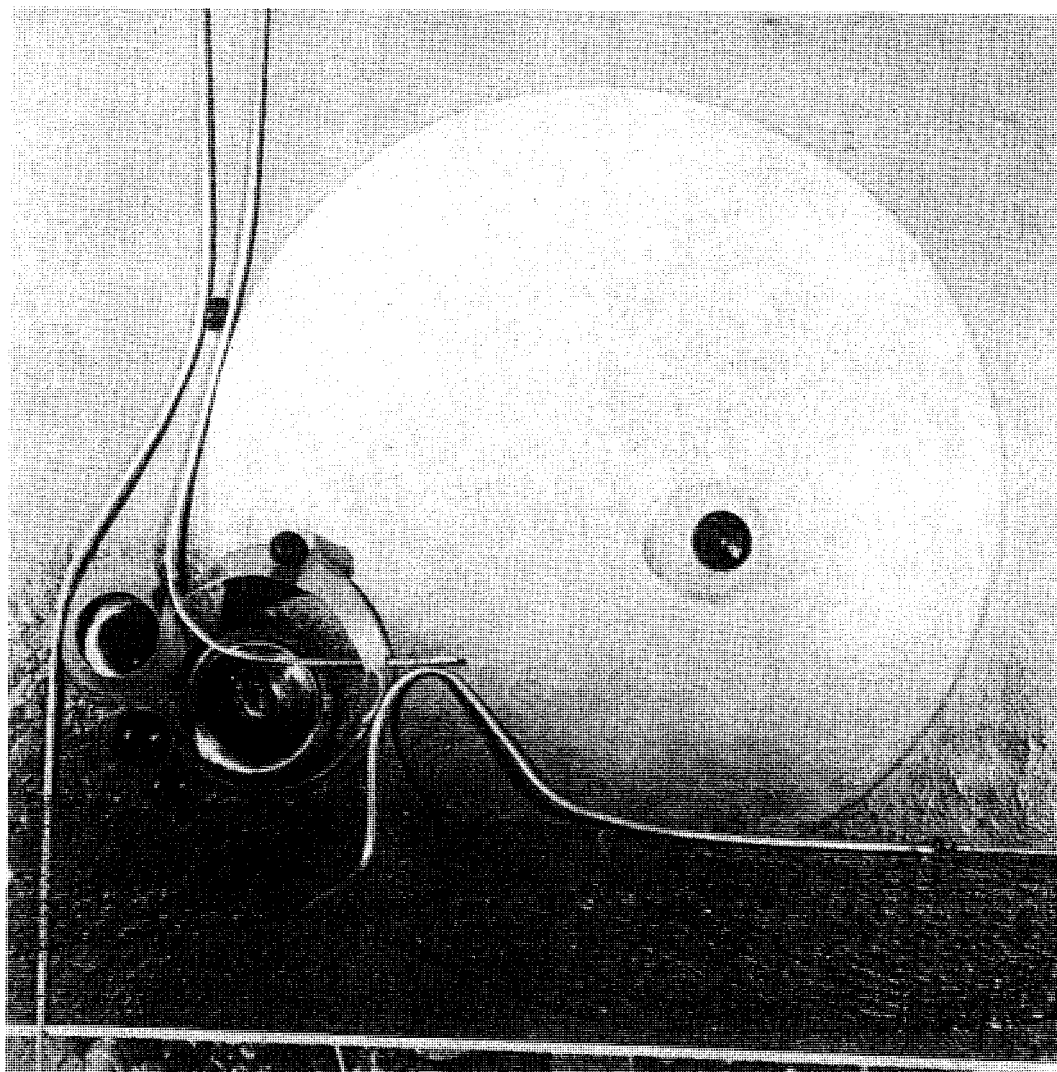


Brasil / BRUNO GIORGI / "Metoro".

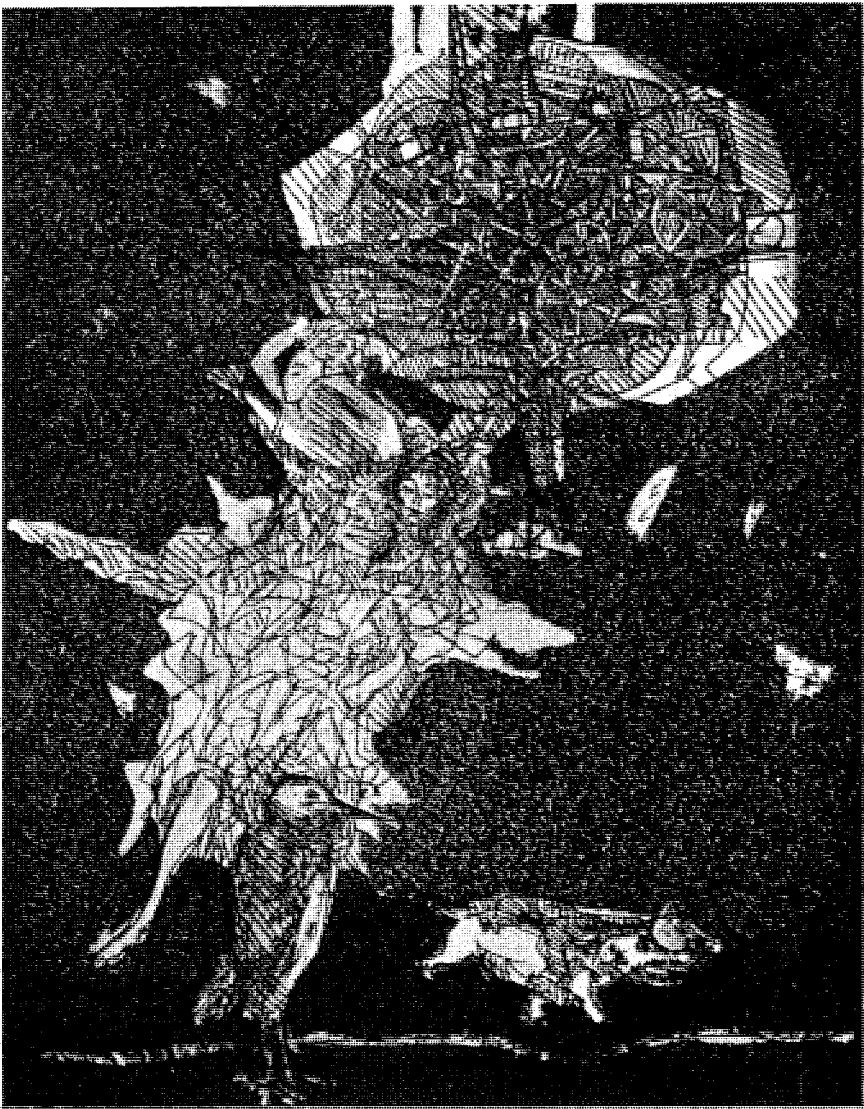


Brasil / CACIPORÉ TORRES / "A Origem", 1967.

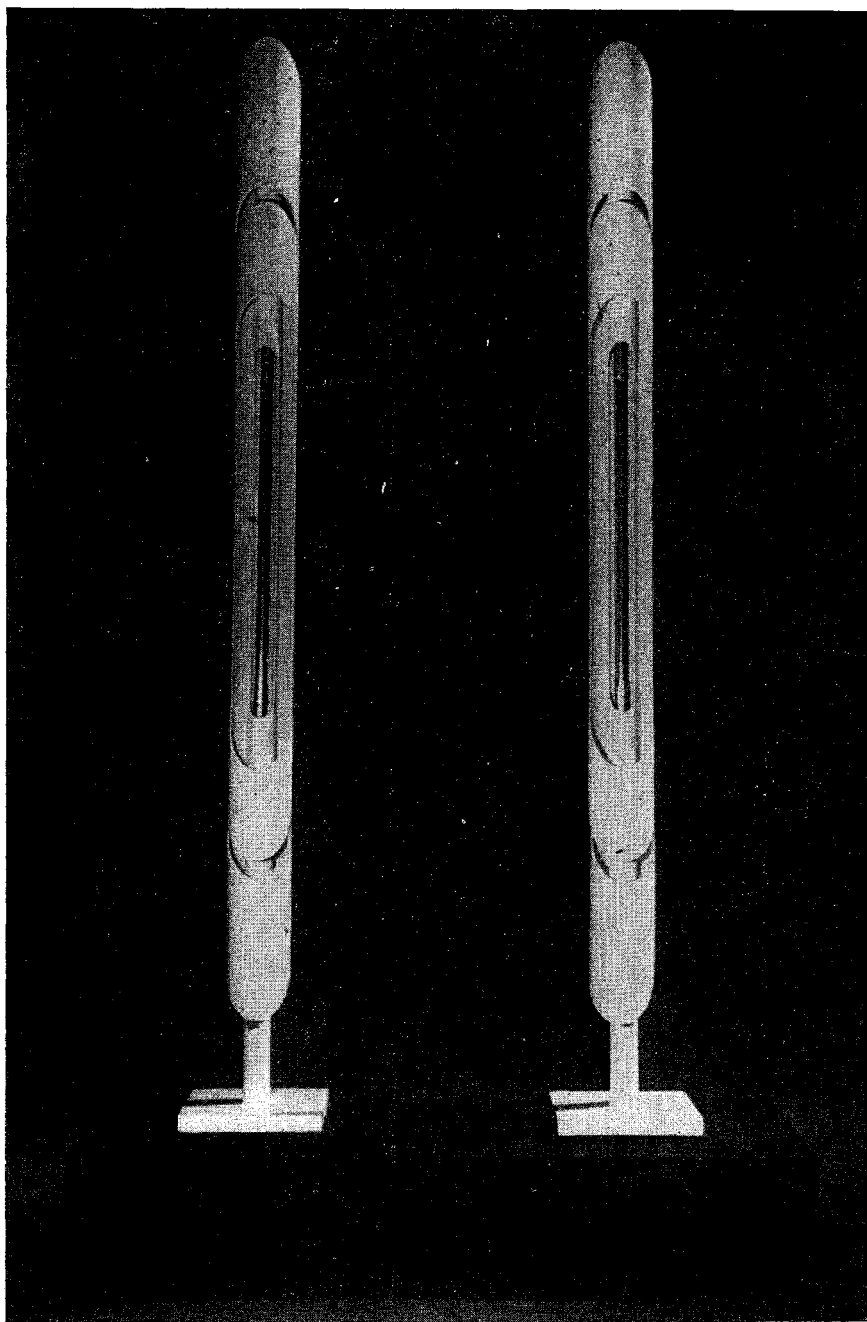




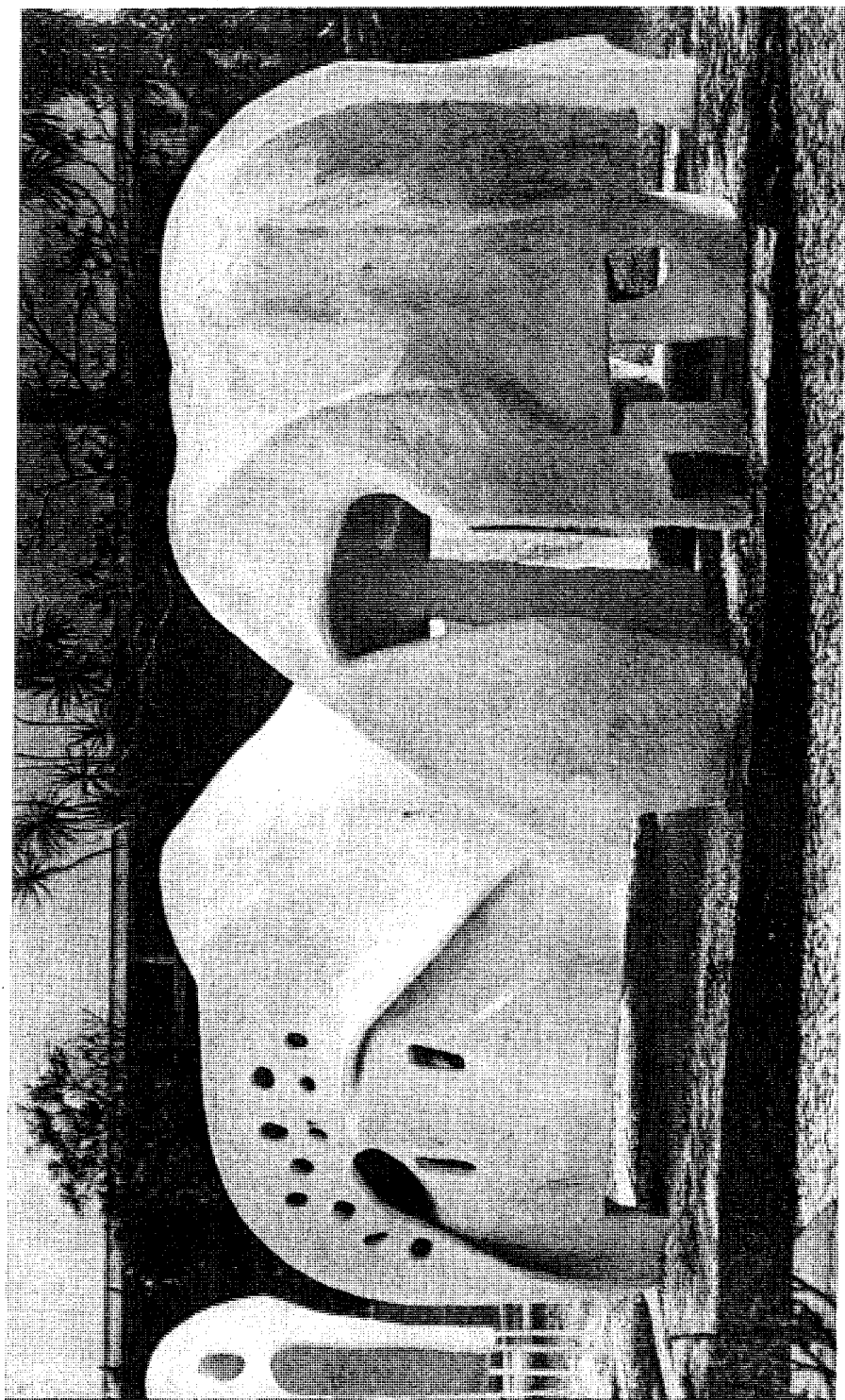
Brasil / DANILO DI PRETE / "Pôr-do-Sol", 1967. Série Homenagem a Brasília.



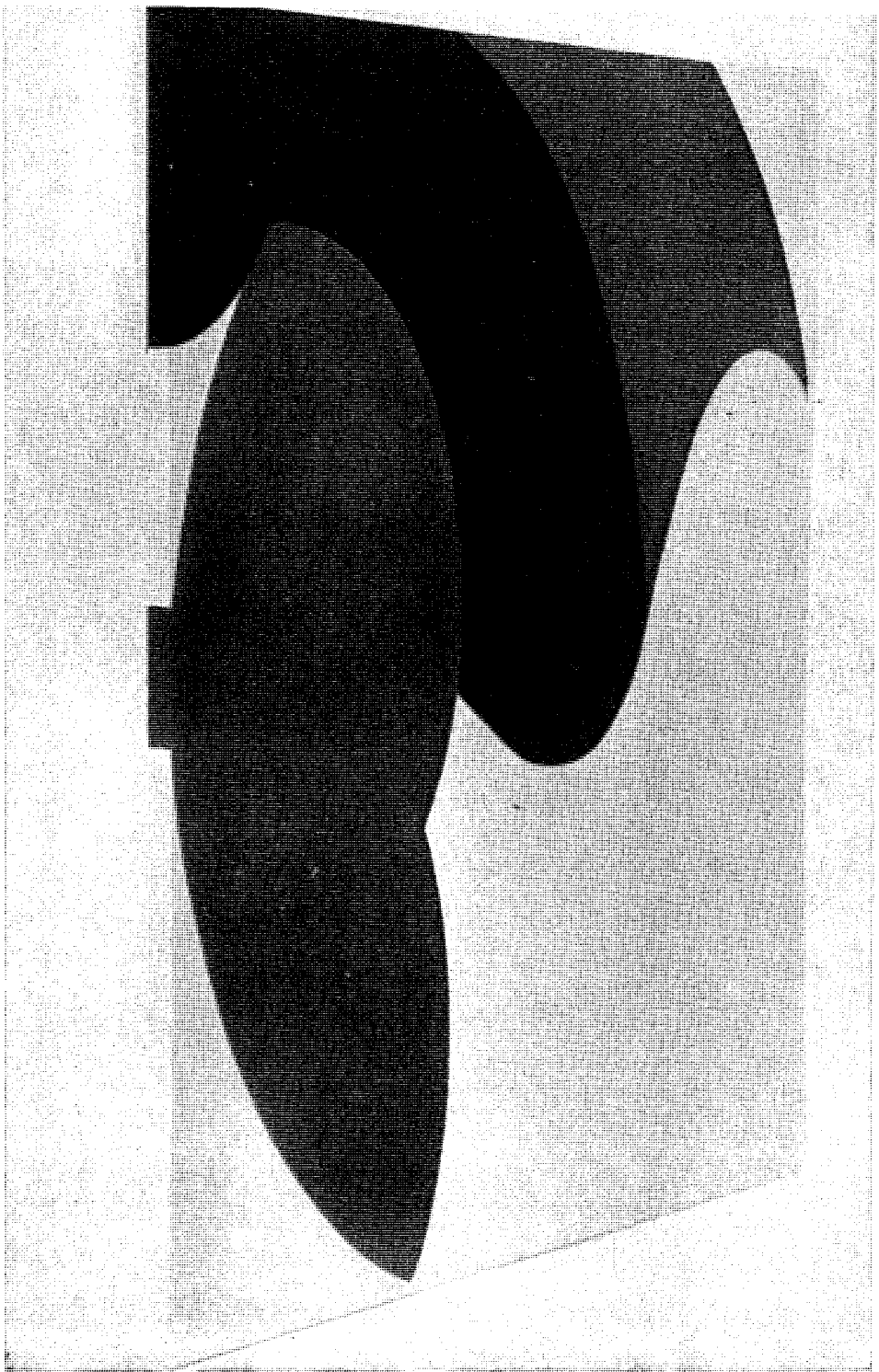
Brasil / DAREL VALENÇA LINS / Da Série “As Máquinas”, 1962.



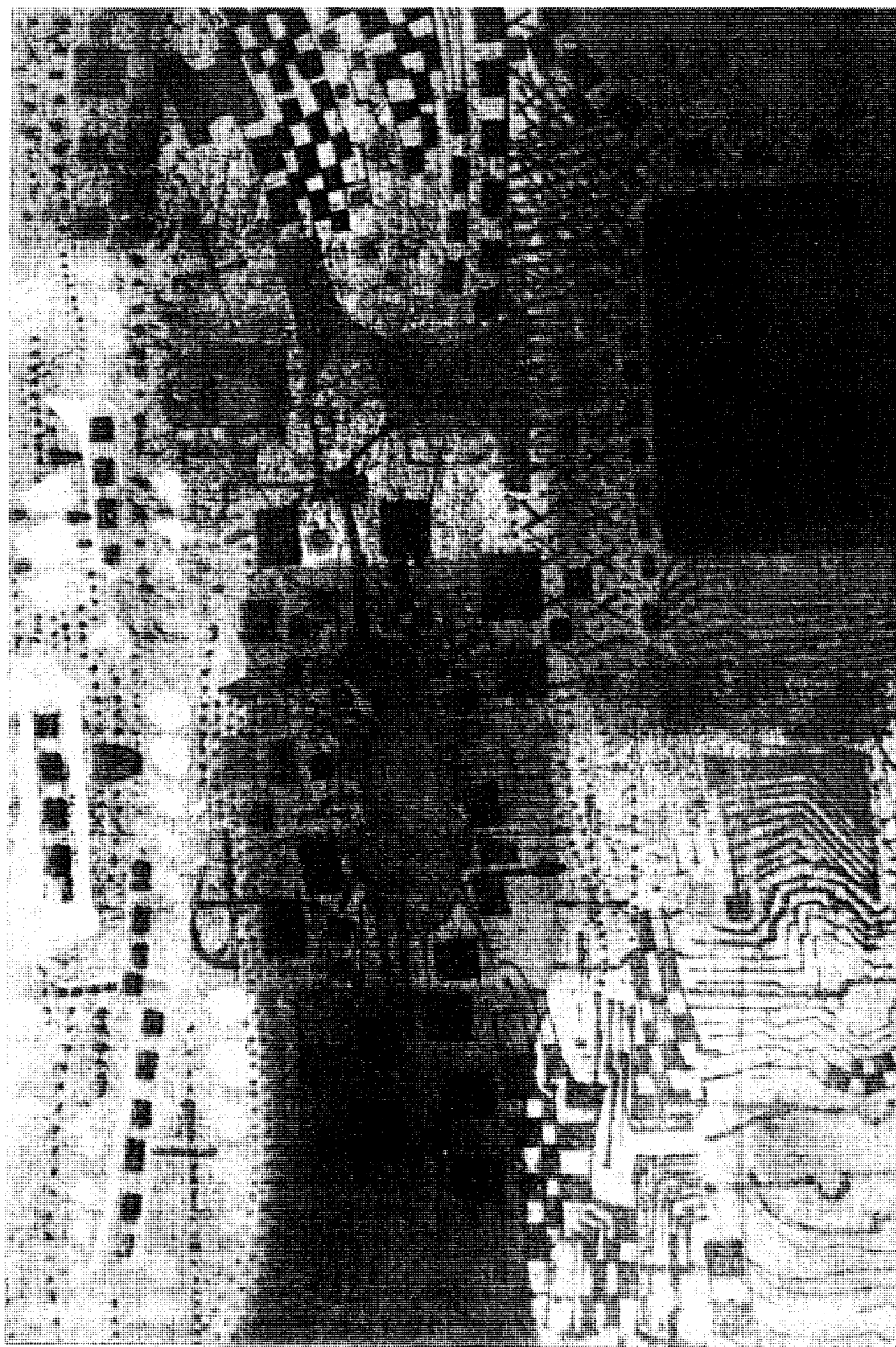
Brasil / EFISIO PUTZOLU / "Cavidade Ressoante".



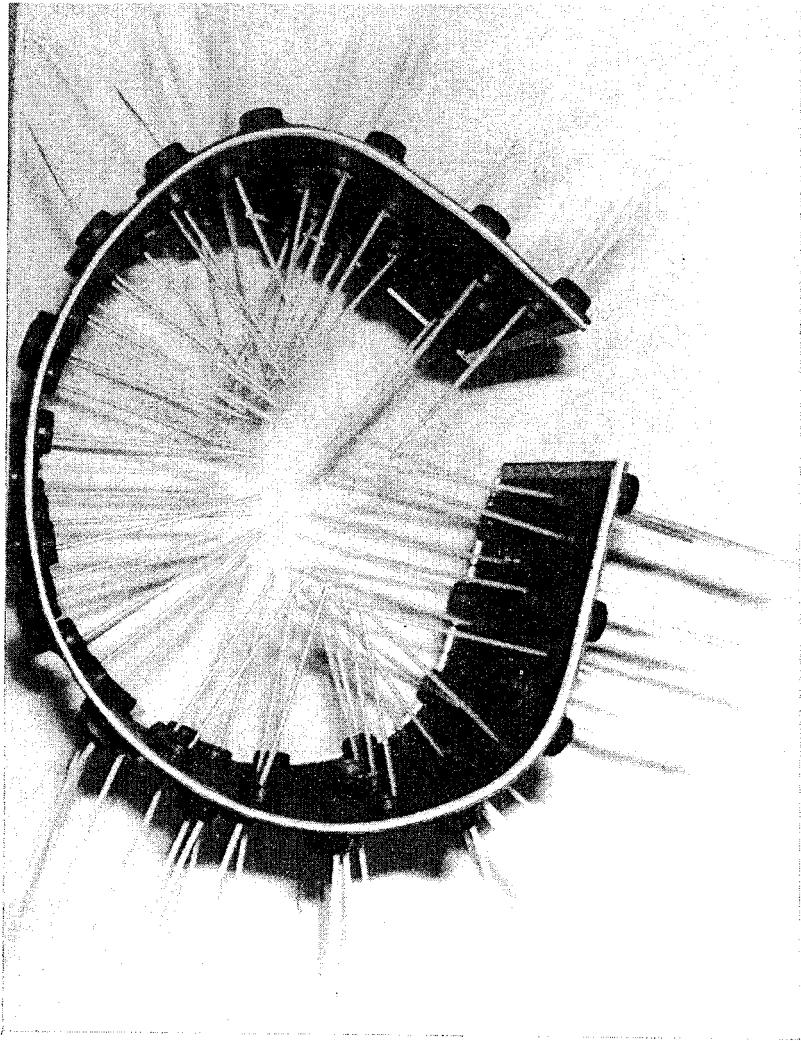
Brasil / FELÍCIA LEIRNER / Habitáculo, 1967.



Brasil / FERNANDO LEMOS / Símbolos, 1966/67.

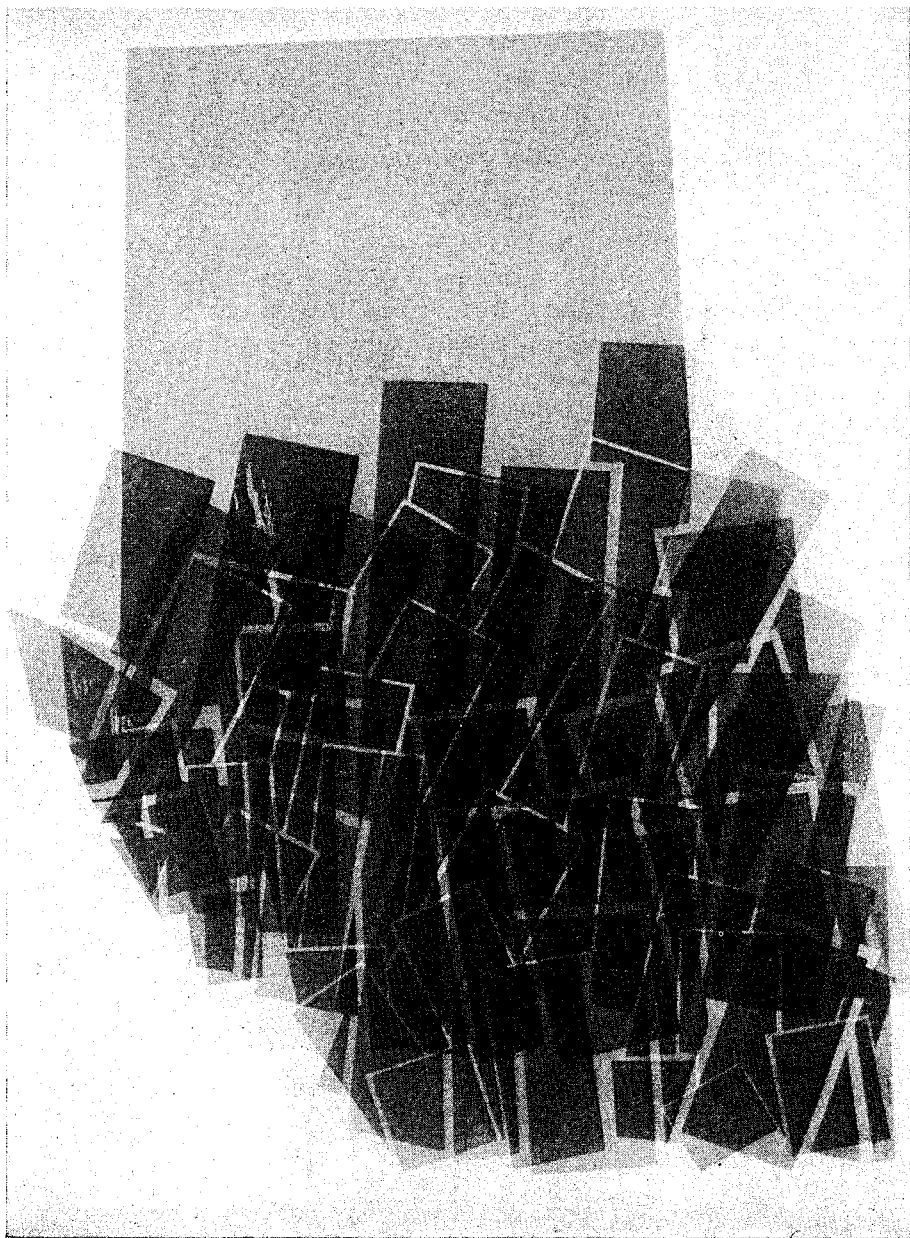


Brasil / FERNANDO ODRIUZOLA / Paisagem.



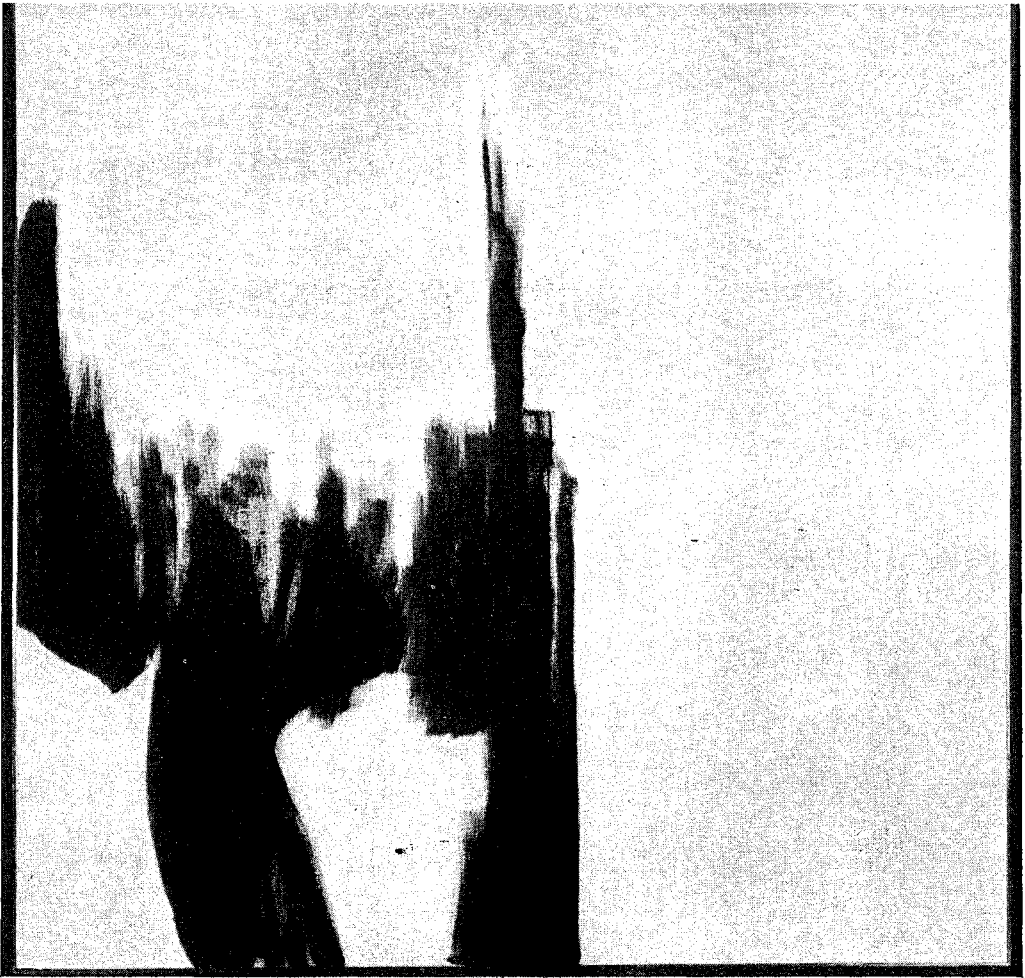
Brasil / MAGNO MONTEZ / "Ouriço I", 1967.





Brasil / MARIA BONOMI / Xilogravura em cinco cores "Todos os Túmulos do Mundo", 1967.

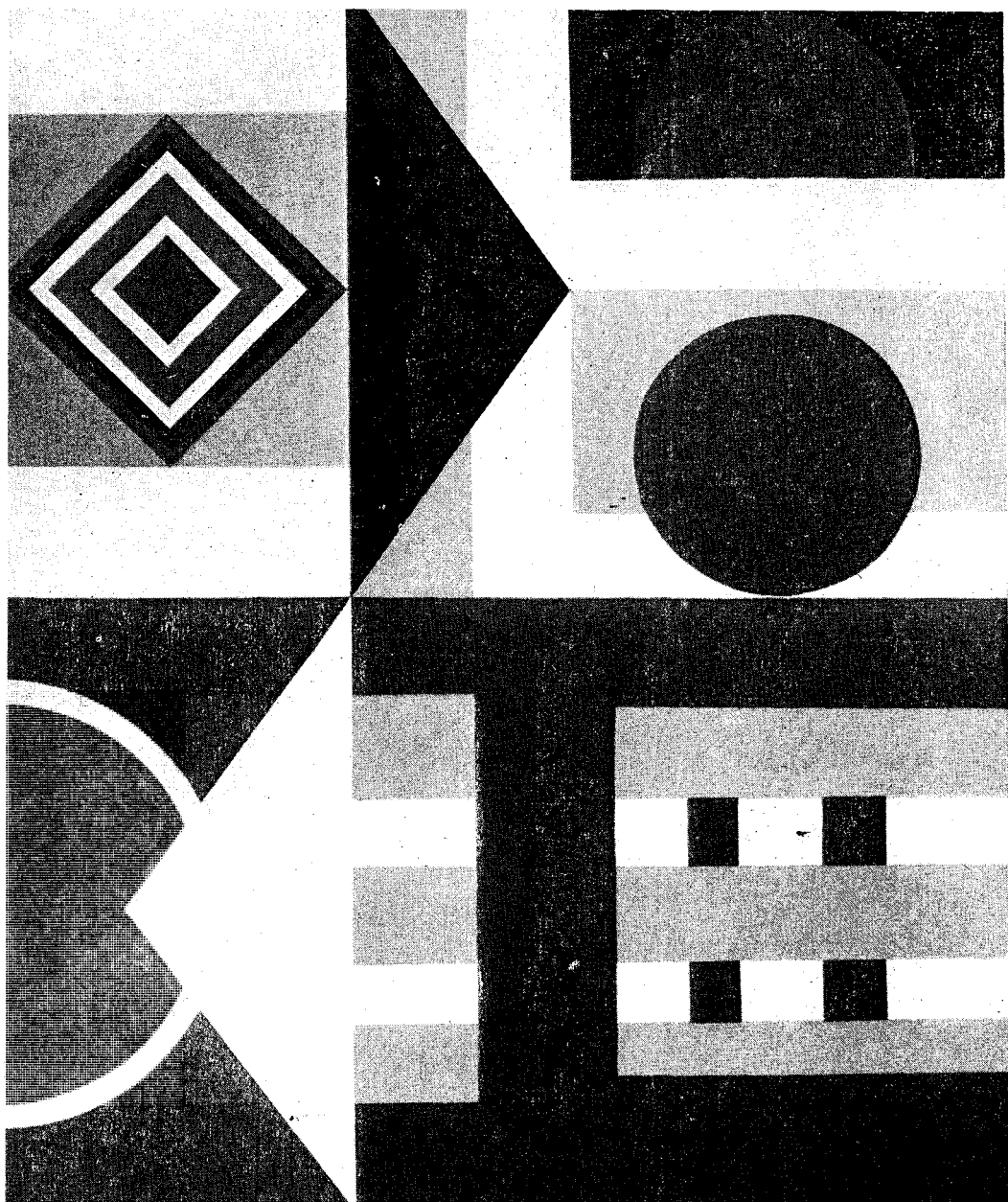




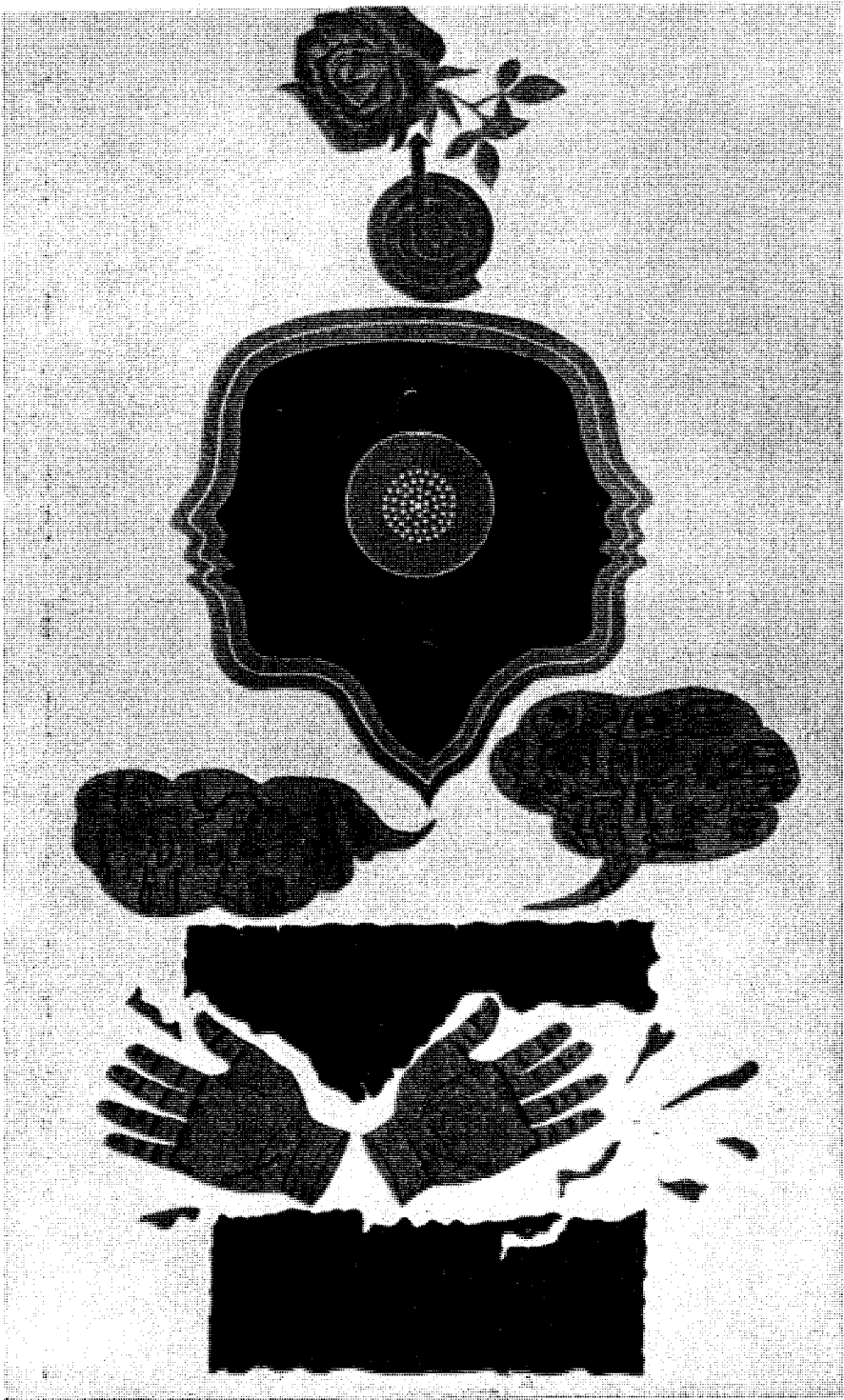
Brasil / MARIA LEONTINA / Pintura, 1967.



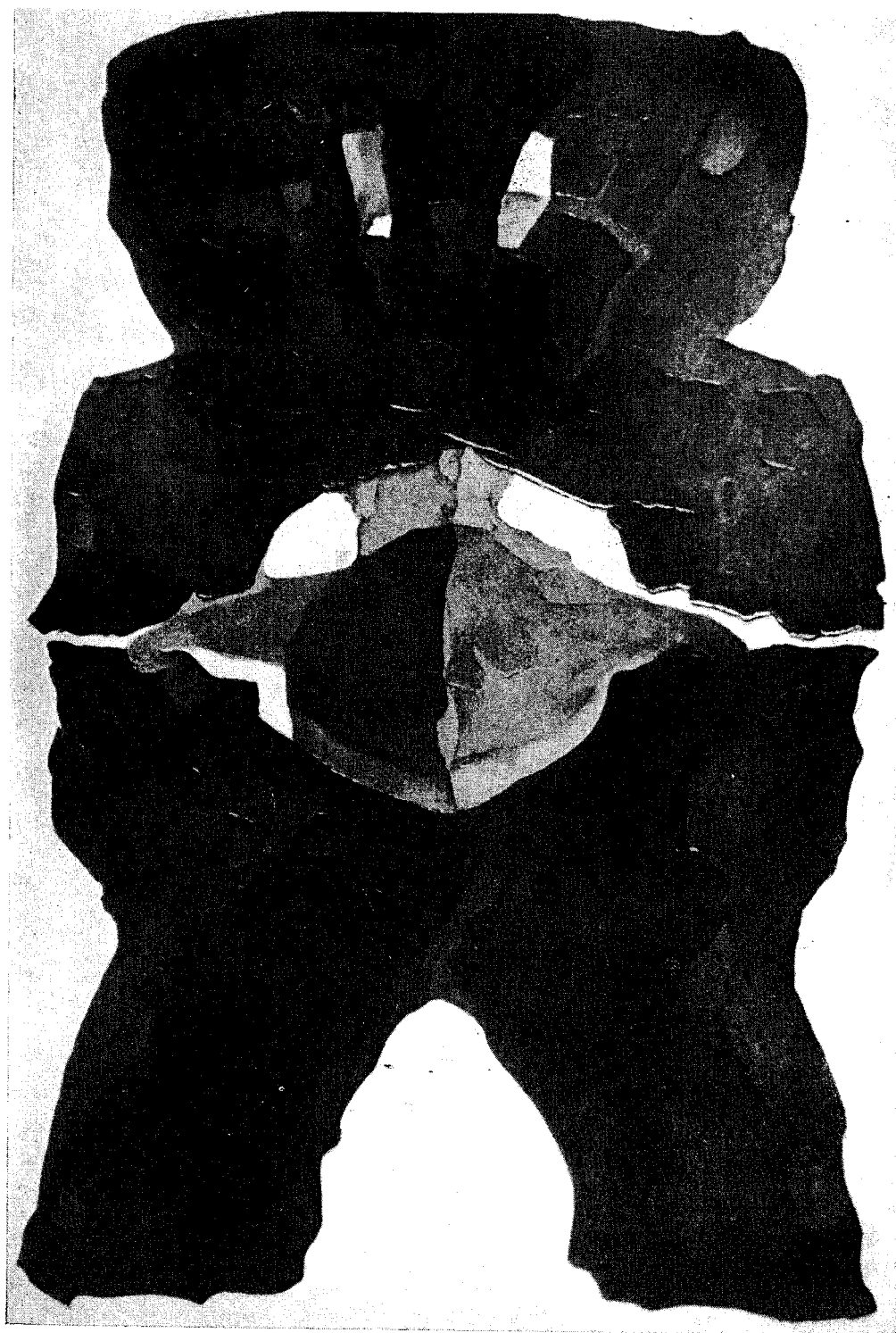
Brasil / MARINA CARAM / "Selos e Carimbos".



Brasil / NORBERTO NICOLA / "Triângulos Opostos".



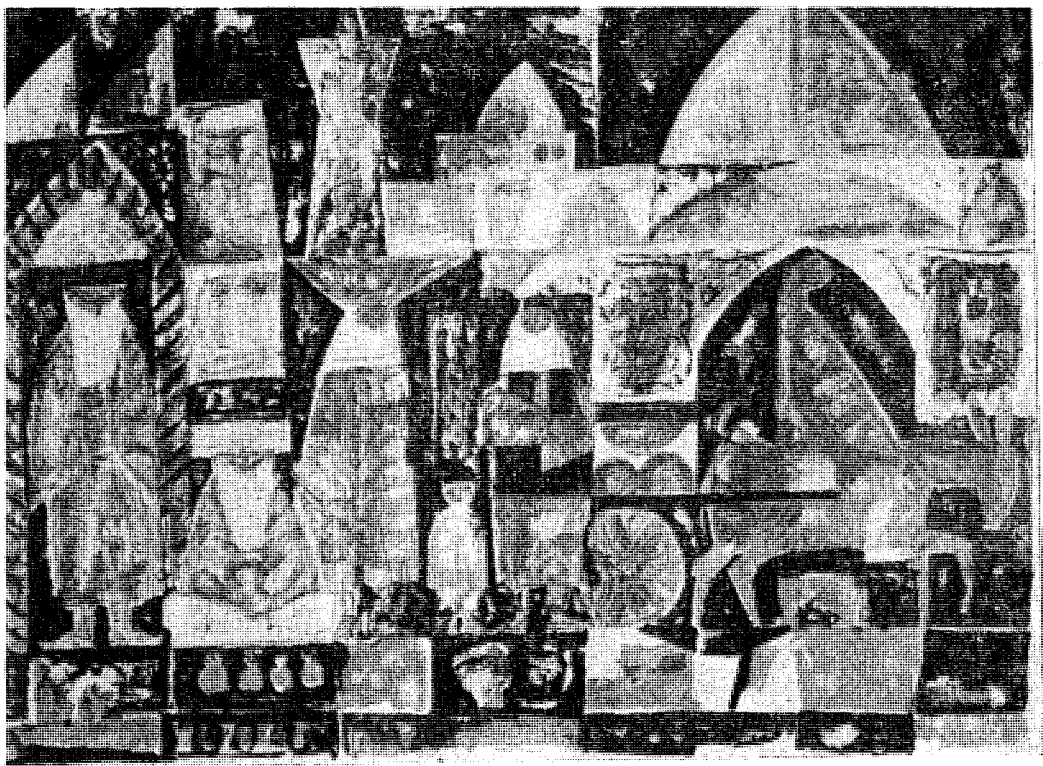
Brasil / ROBERTO DE LAMONICA / "Go-go, Rosa da Paz".



Brasil / SANSON FLEXOR / O Bípede.



Brasil / WESLEY / O Fantasma, 1966.



Bulgária / BORISLAV STOEV / Recordações de "Samarkand", 1967.



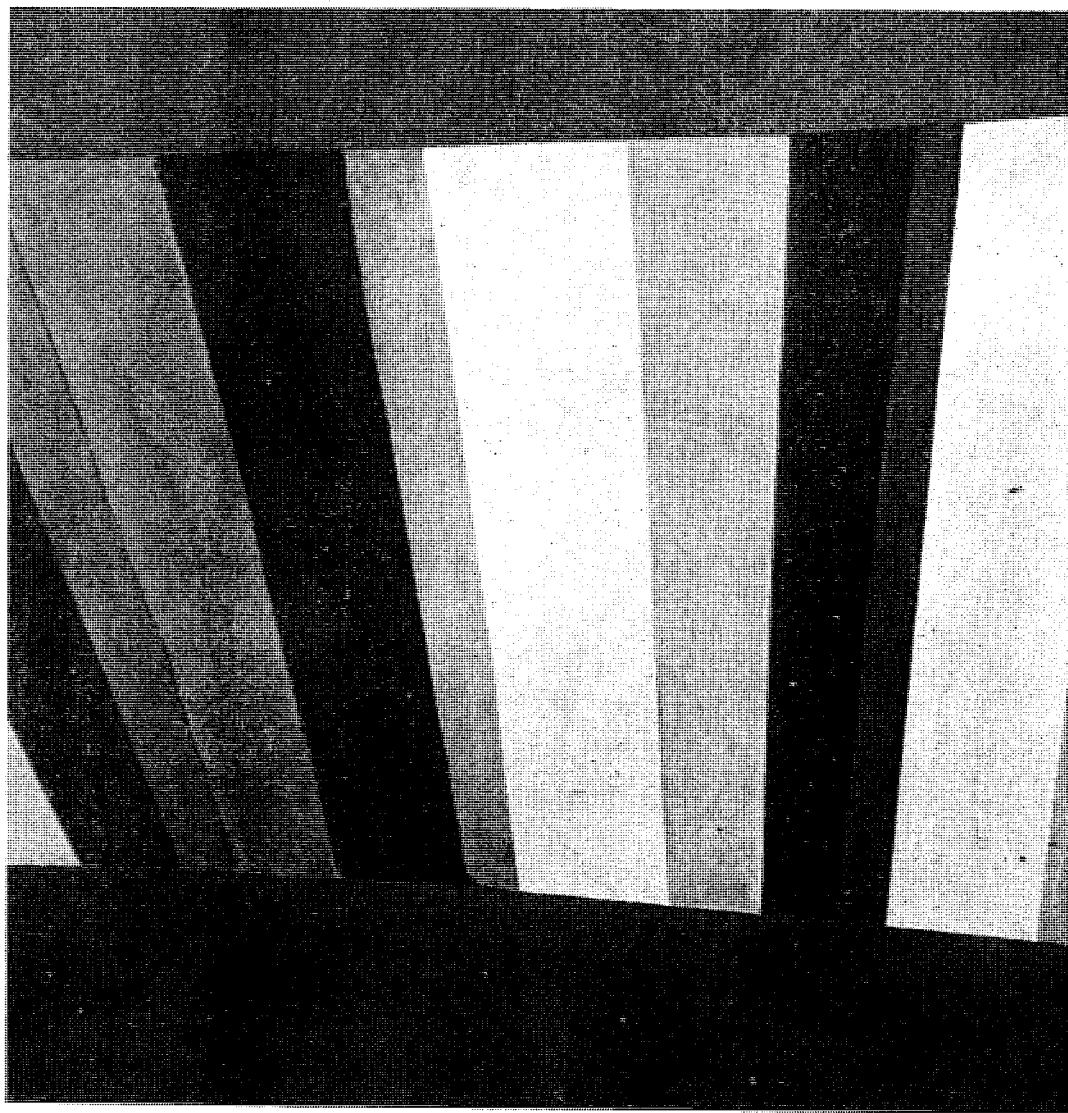


Bulgária / PENTCHO BALKANSKI / Semeadoras, 1966.

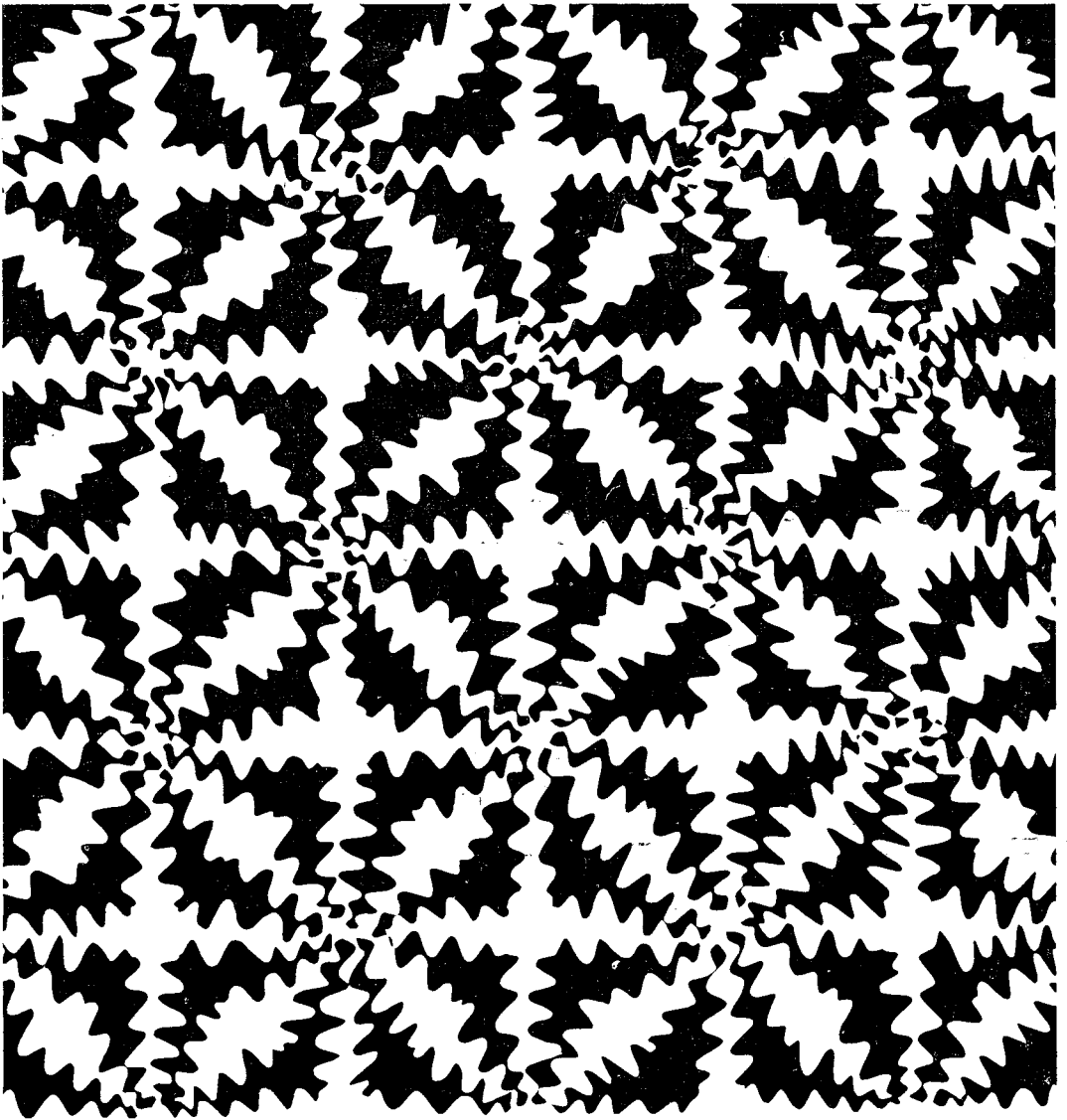




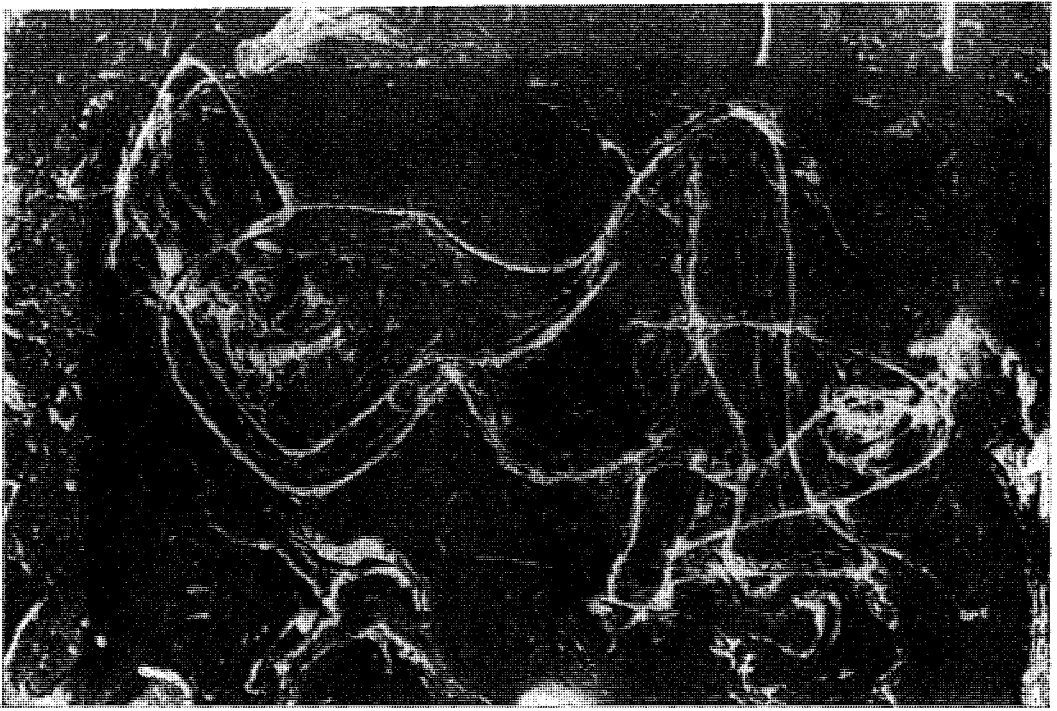
Bulgária / VIOLETA GRIVICHKA / Do Ciclo "Canções Populares —  
Canções Líricas", 1960.



Canadá / JACK BUSH / Teste, 1966.



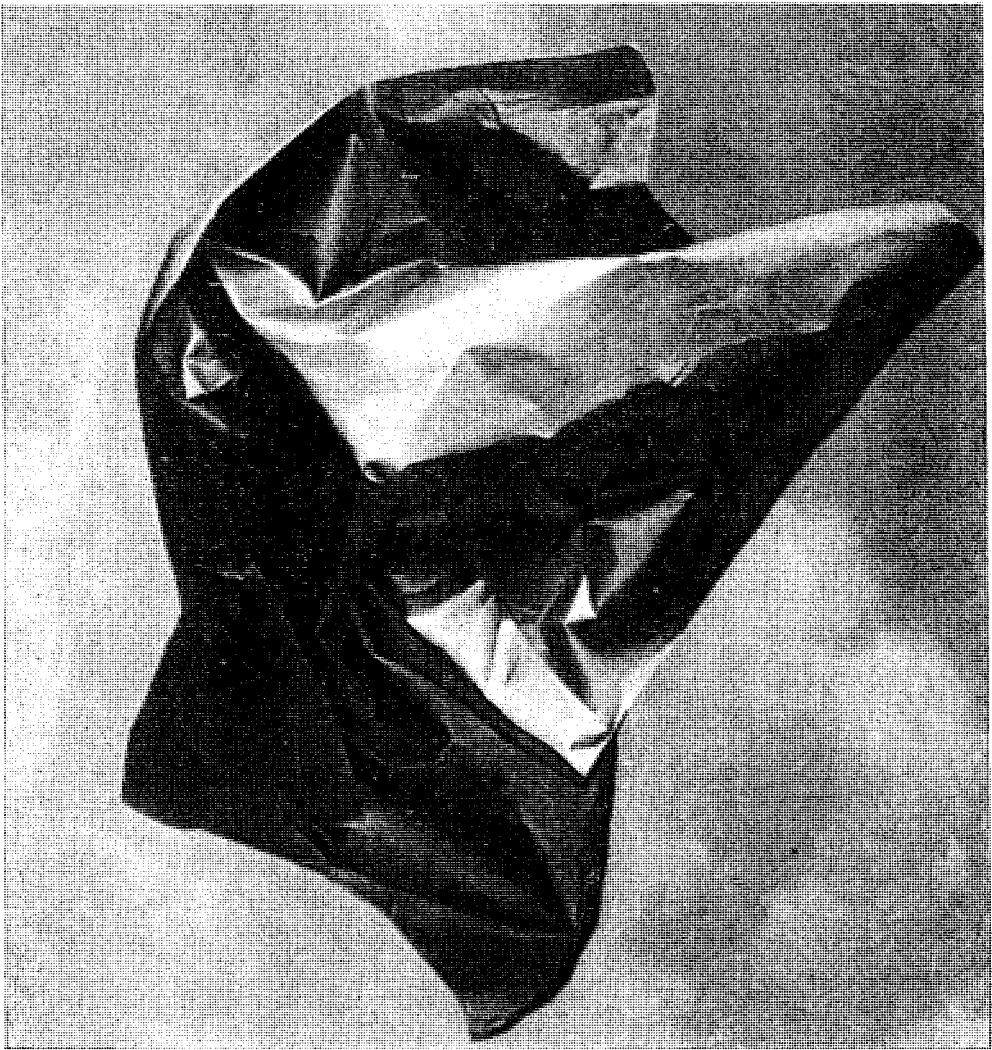
Canadá / JACQUES HURTUBISE / "Marise", 1967.



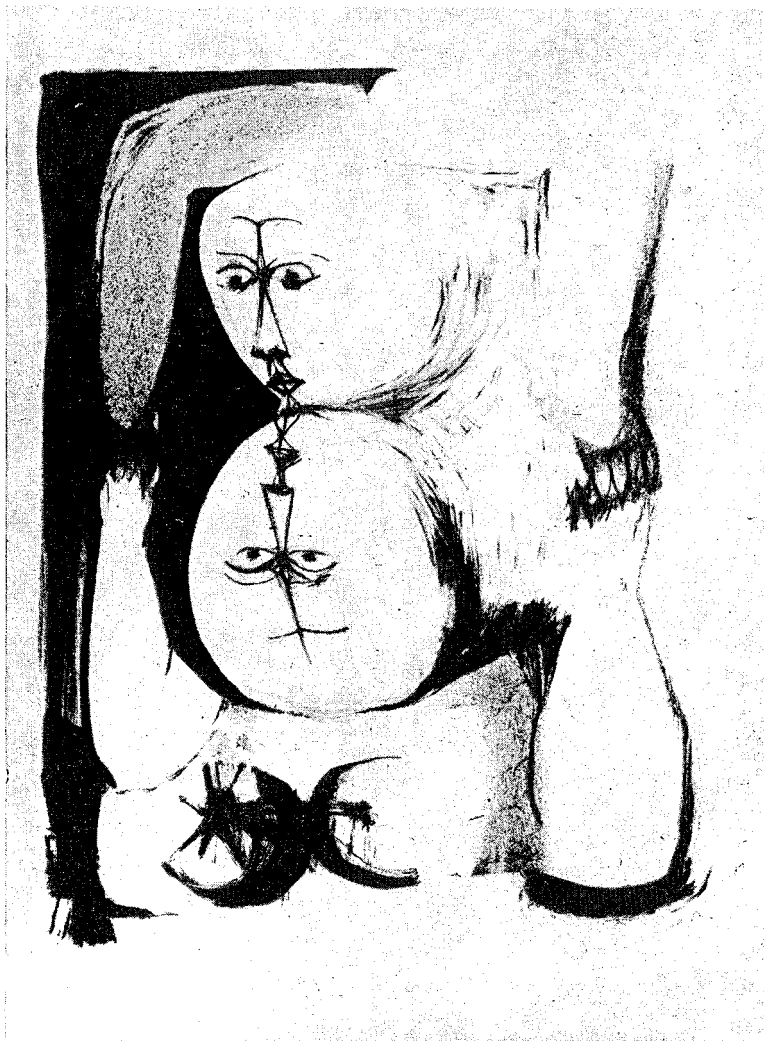
Ceilão / DAYASIRI SOMAPALA / Figura Humana.



Ceilão / S. DORAISAMY / Paisagem.



Chile / CLAUDIO BRAVO / Composição.

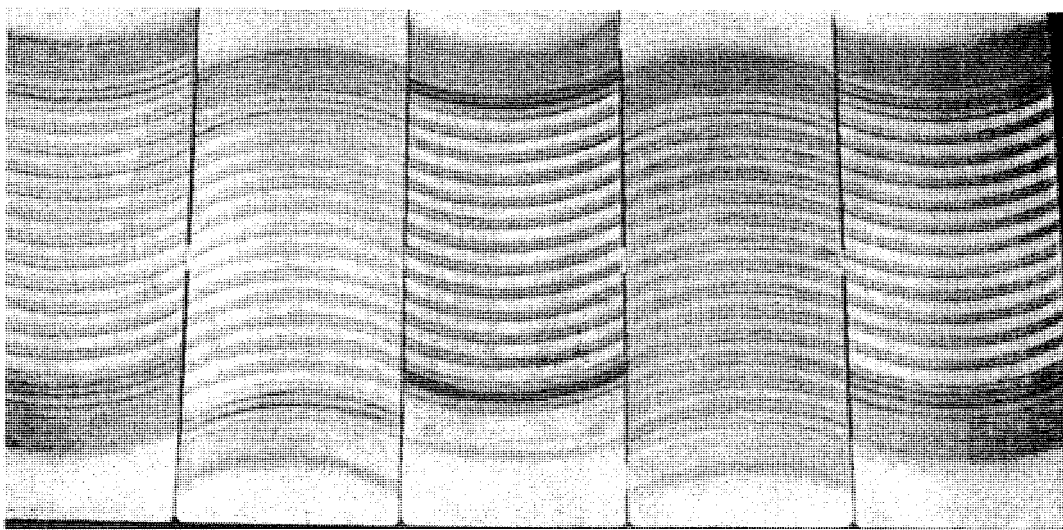


Chile / DOLORES WALKER / "Homem e Mulher, 1967".

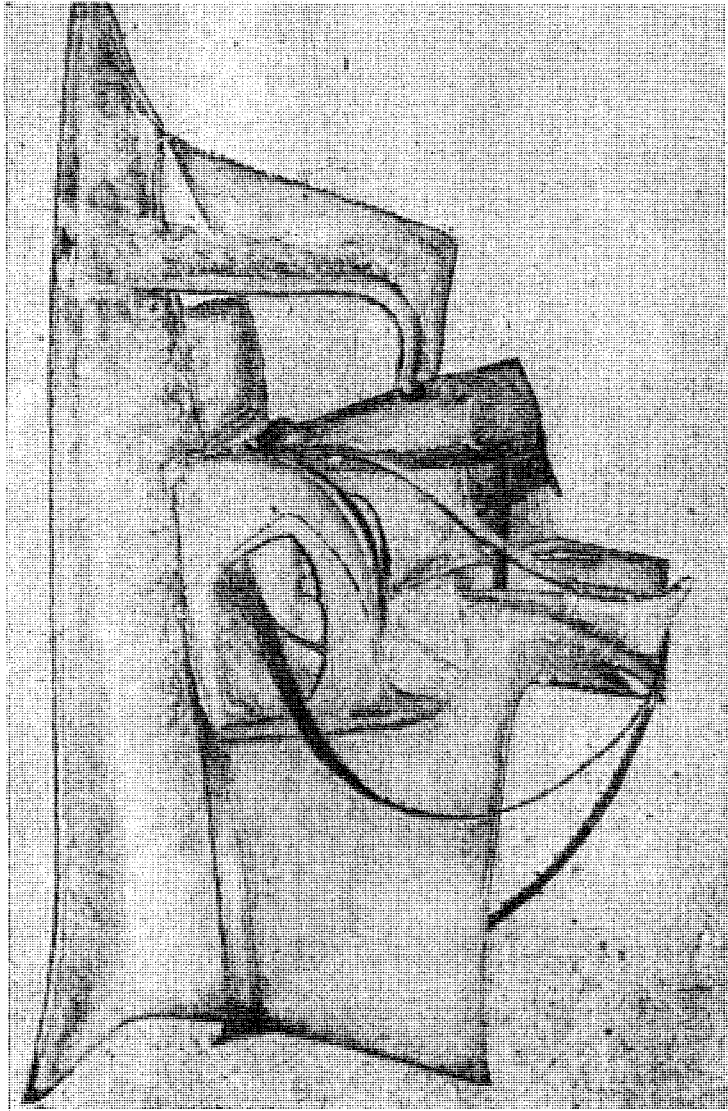


Chile / MARIO TORAL / Tôrre de Babel, 1967.

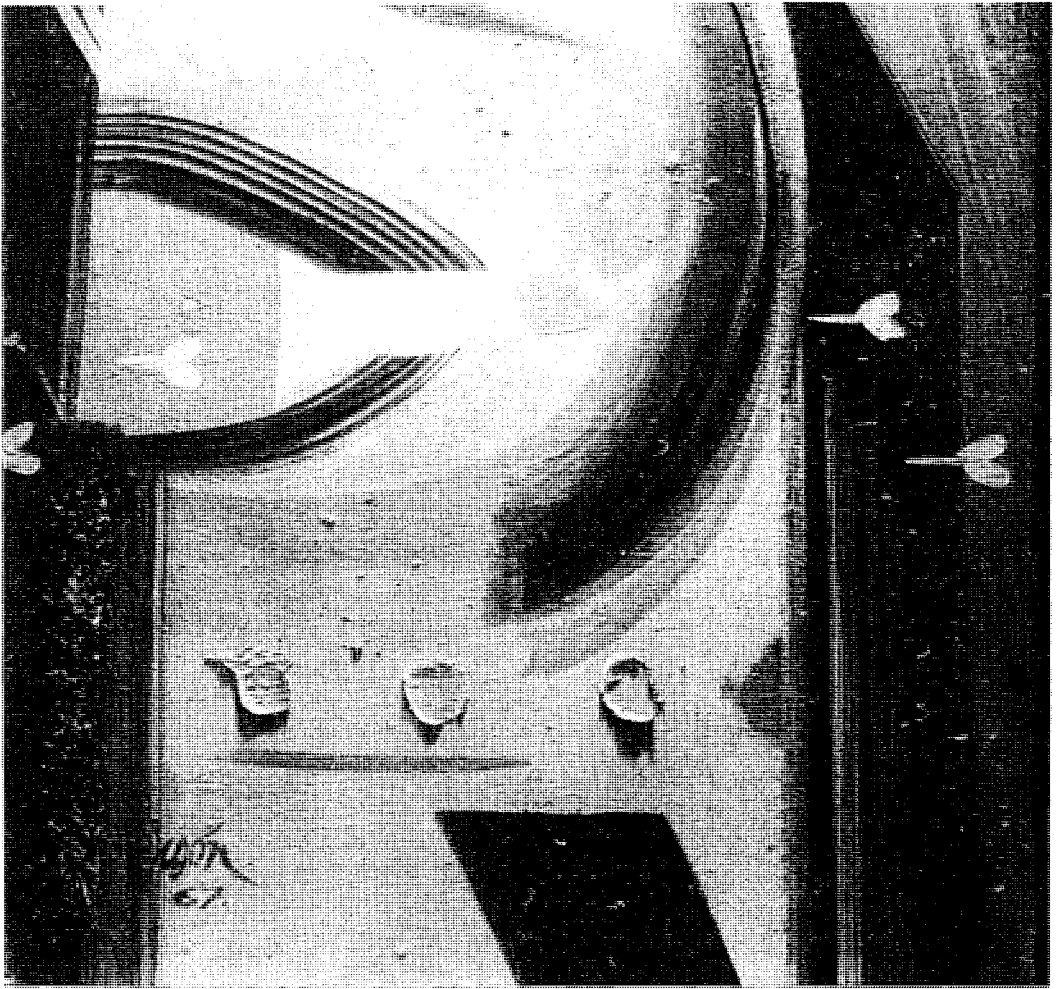




China / SHIY DE-JINN / Tábua de Lavar Roupa, 1967.



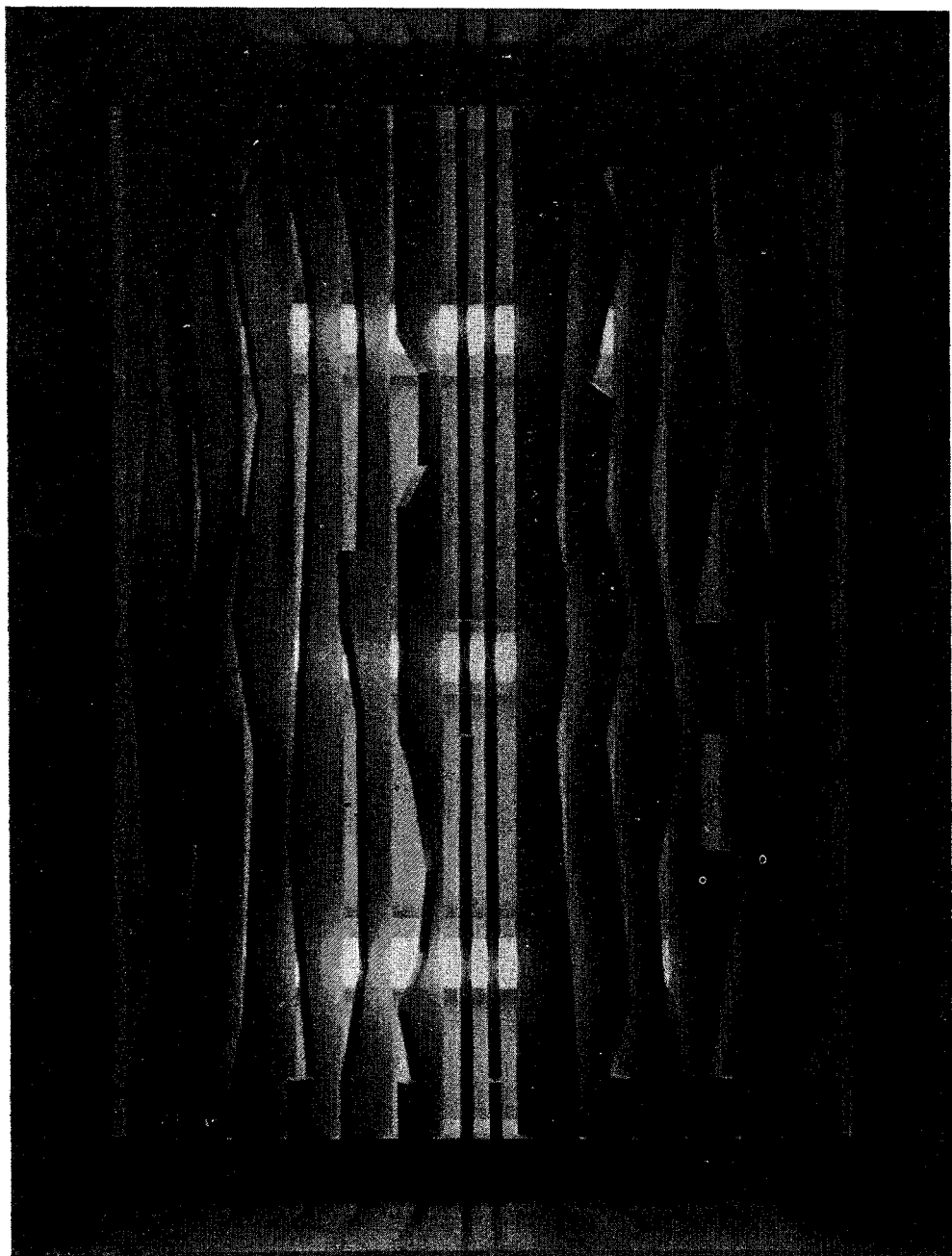
China / YANG YING-FENG / Criação, 1967.



Colômbia / ALEXANDRO OBREGÓN / Ninho de Vespas, 1967.



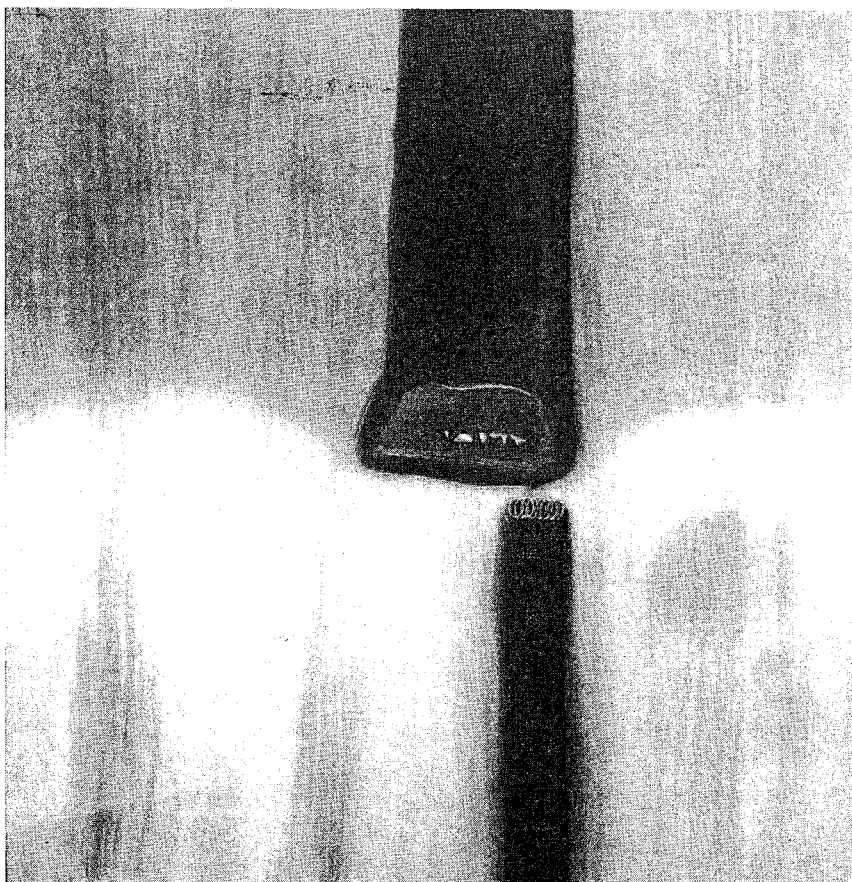
Coréia / KYUNG-CHAI YOO / Estação, 1967.



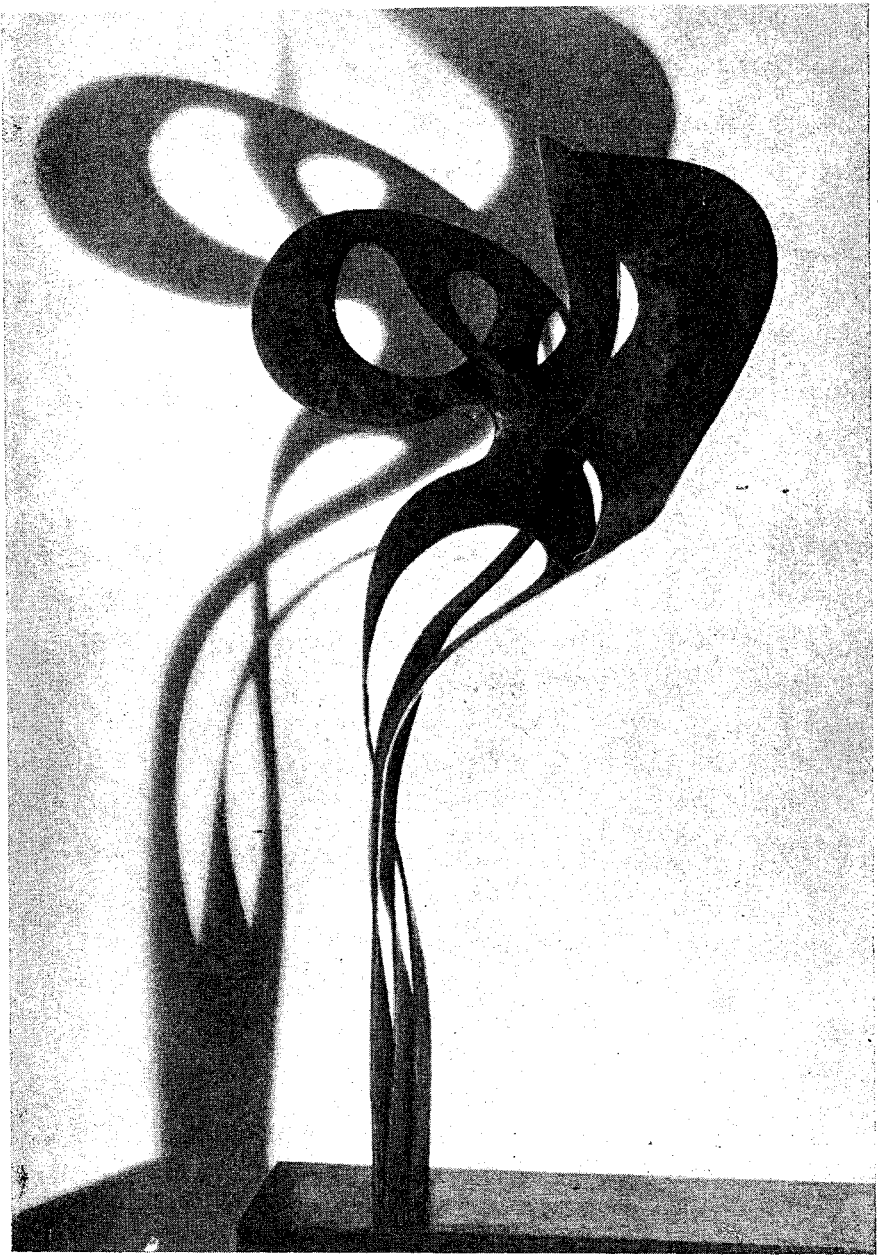
Dinamarca / PAUL GADEGAARD / Pintura em Madeira,  
Tridimensional, Cromática N.º 456, 1961.



Dinamarca / SVEND WIIG HANSEN / Dança do Fogo, 1966.

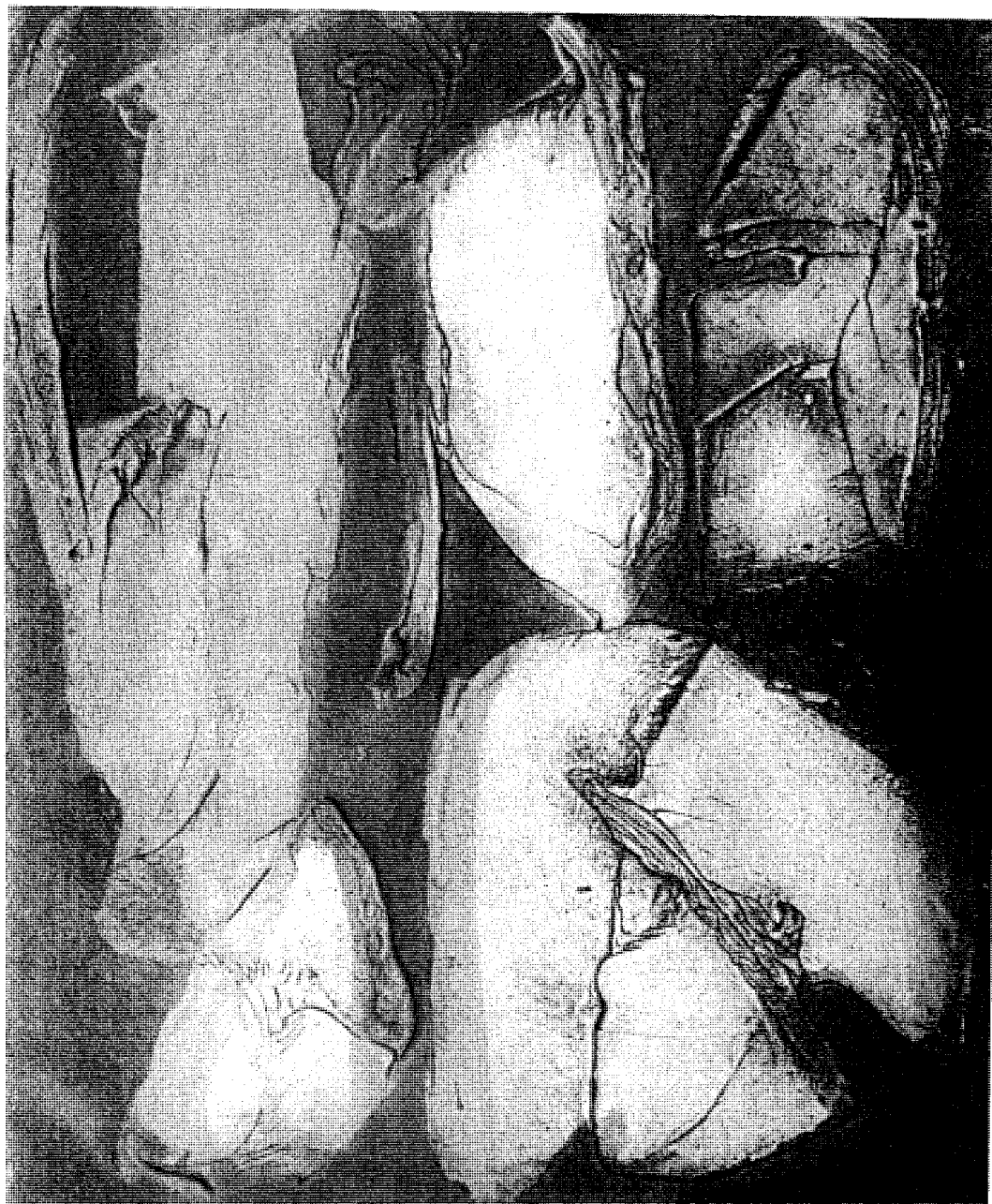


El Salvador / JOSÉ BENJAMÍN CAÑAS HERRERA / Vaso da História,  
1967.

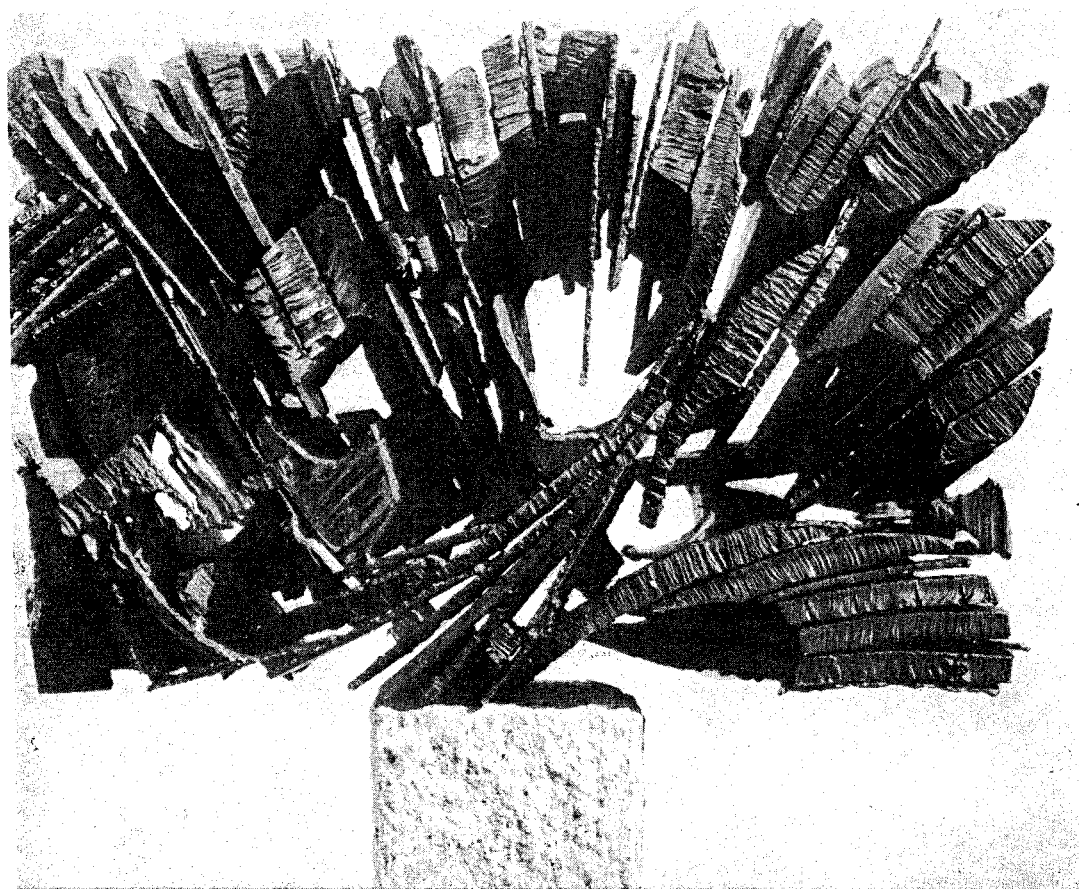


Espanha / ANTONIO SACRAMENTO / Fumo, 1966.

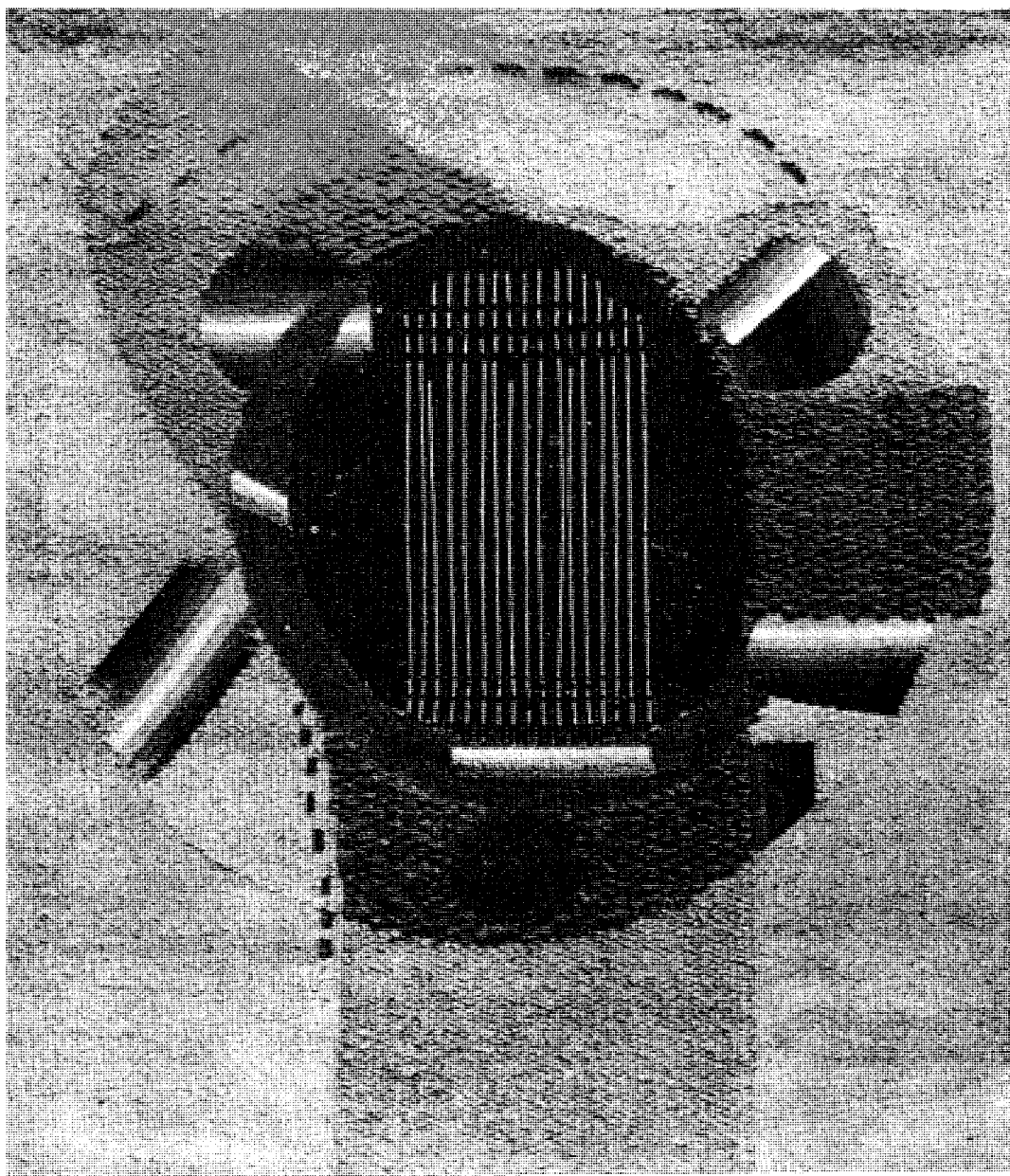




Espanha / ANTONIO SUAREZ / "Díptico Cinza, 1967". Detalhe.



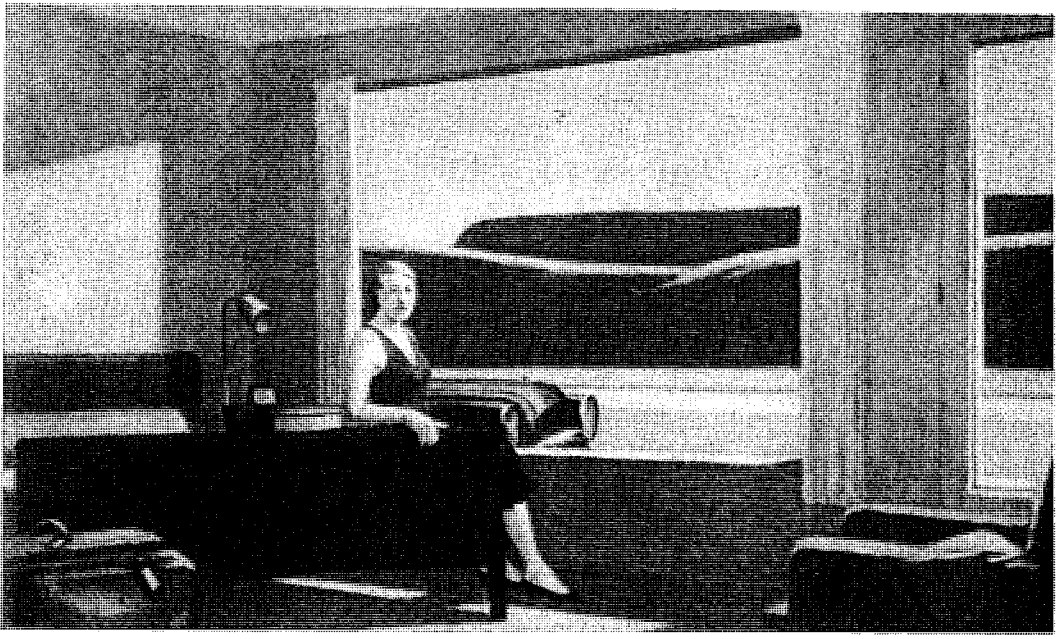
Espanha / HERNANDEZ FELICIANO / Escultura em Ferro N.º 1, 1966.



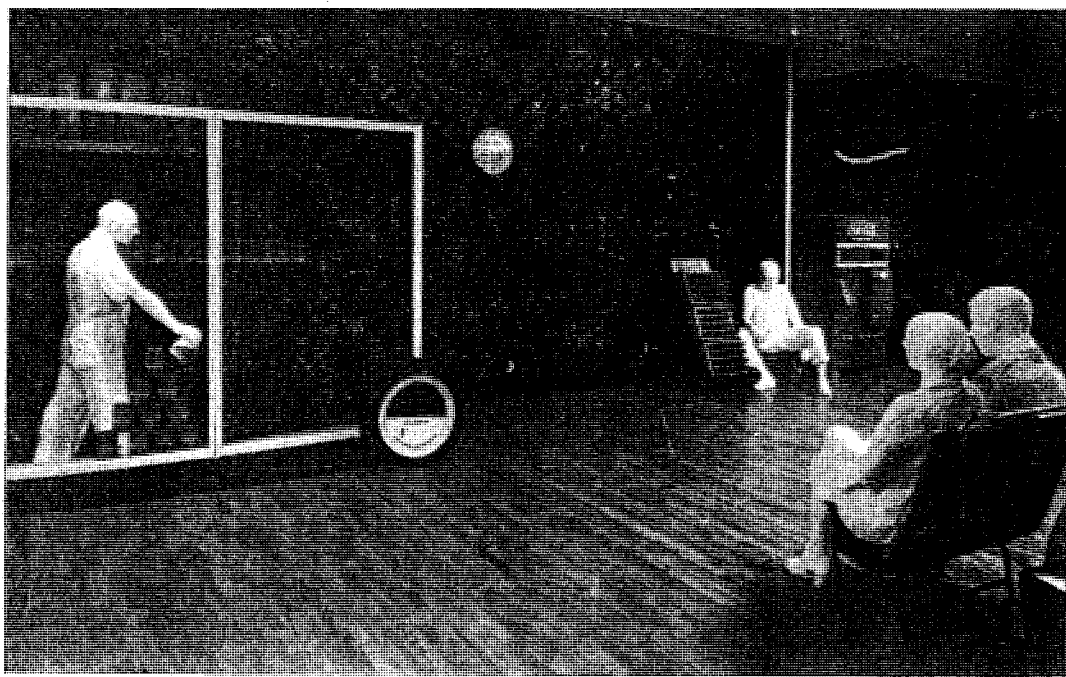
Espanha / J. GRAU-GARRIGA / Equilíbrio Estético, 1965.



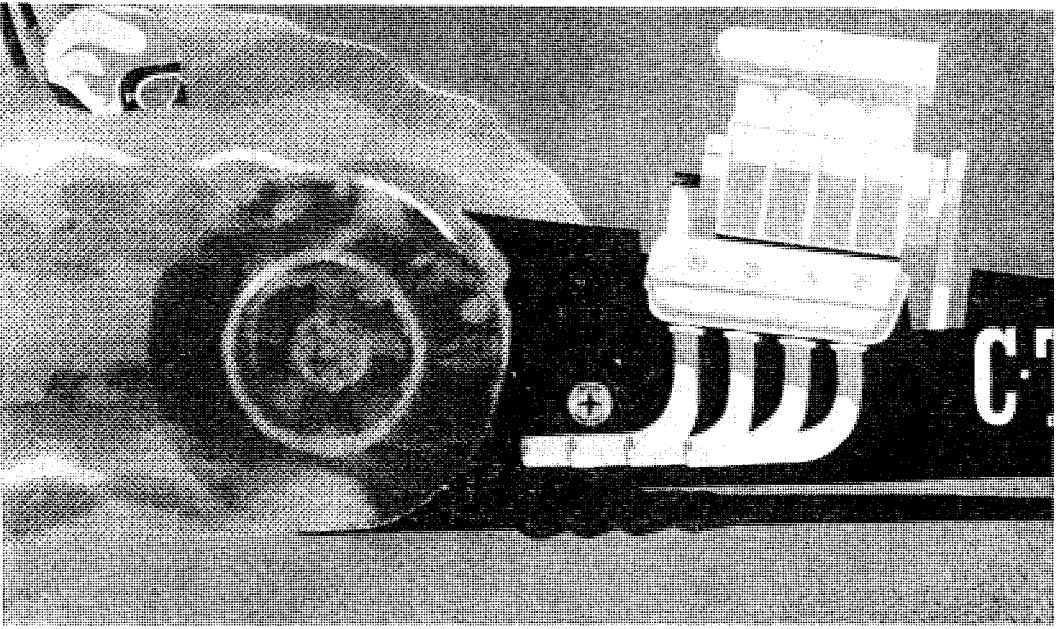
Estados Unidos / EDWARD HOPPER / Domingo de Manhã Cedo,  
1930.



Estados Unidos / EDWARD HOPPER / Motel no Oeste, 1957.



Estados Unidos / GEORGE SEGAL / Pôsto de Gasolina, 1963.



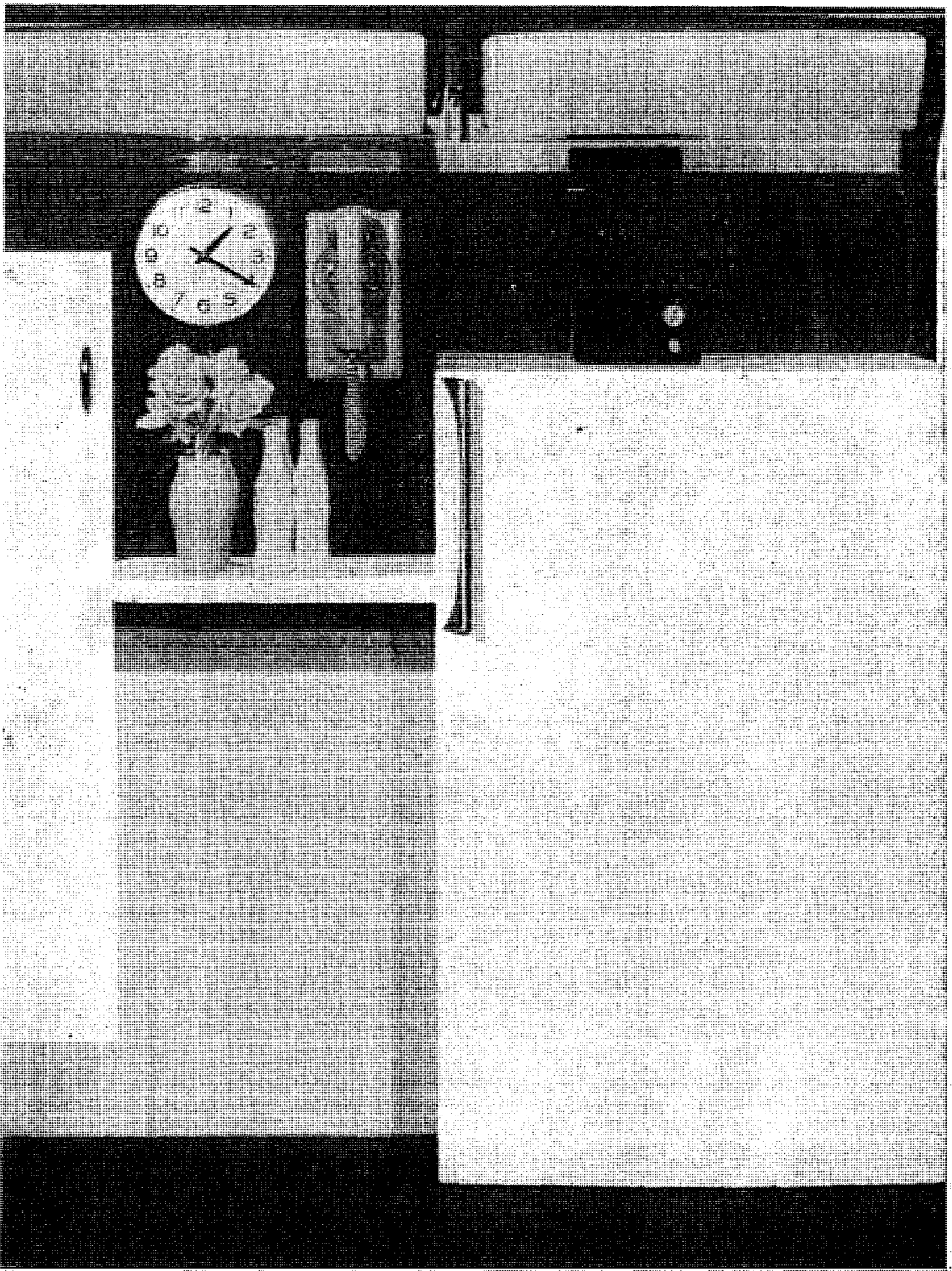
Estados Unidos / GERALDO LAING / C. T. Stokers, 1964.



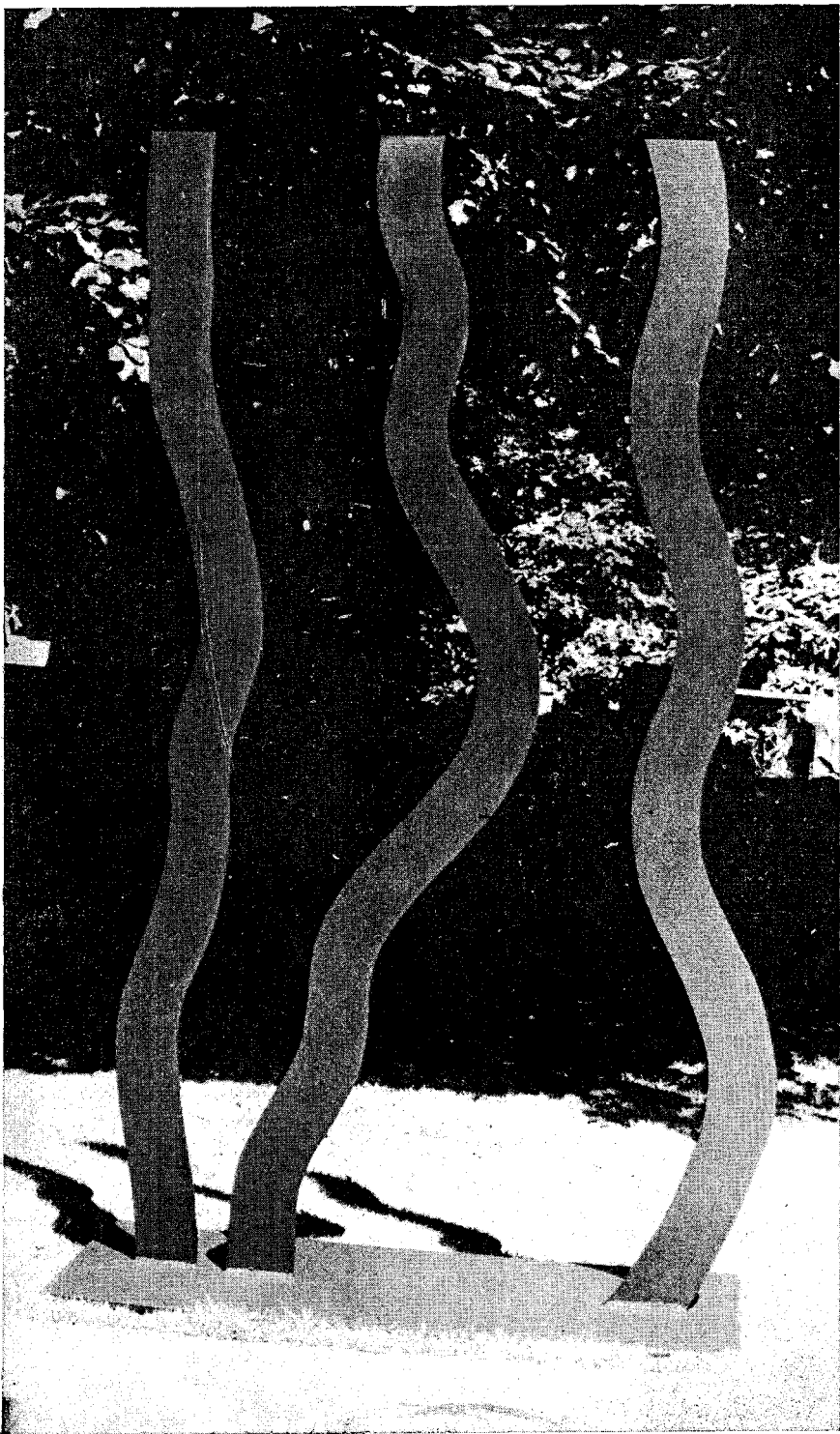


Estados Unidos / ROY LICHTENSTEIN / Sem Título, 1965.





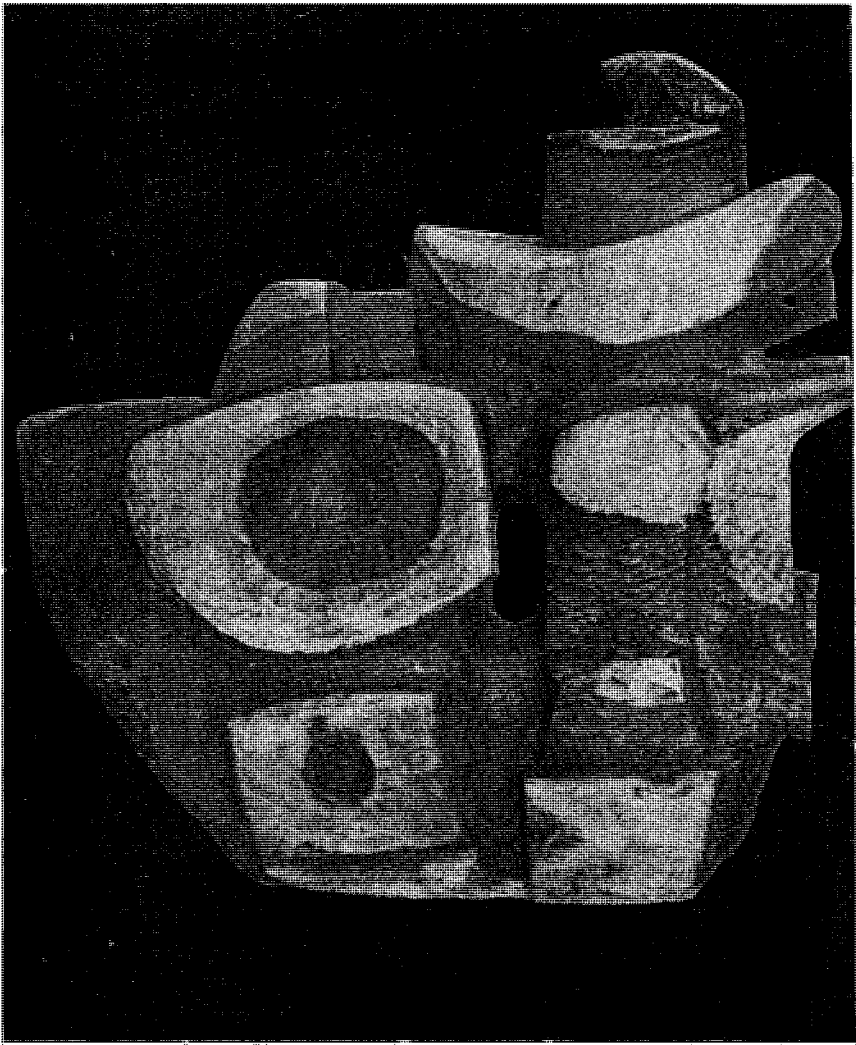
Estados Unidos / TOM WESSELMANN / Interior N.º 4, 1964.



Estados Unidos / WILLIAM TURNBULL / Tríplice, 1966.



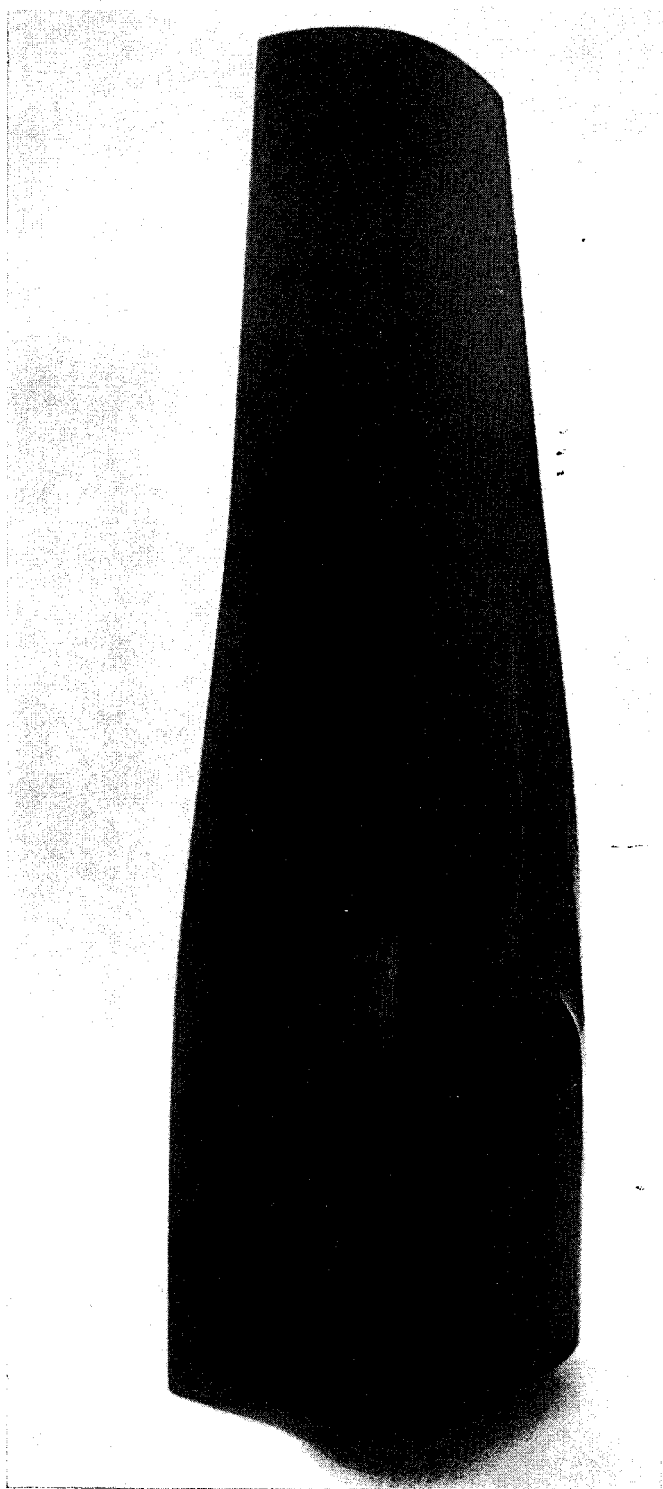
Etiópia / "SKUNDER" B. SKUNDER / Domingo, 1965.



Filipinas / J. ELIZALDE NAVARRO / "Tonquefute", 1967.



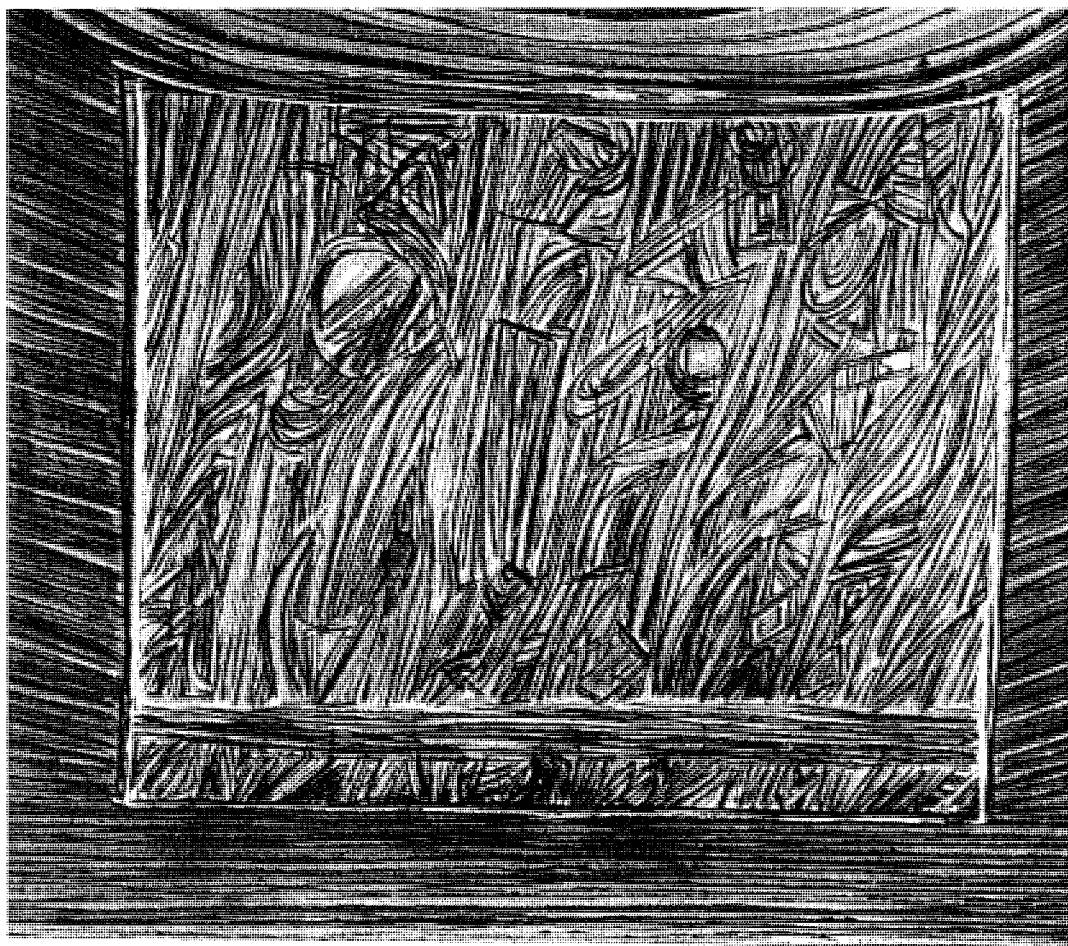
Finlândia / ANTTI NIEMINEN / Era das Máquinas, 1966.



Finlândia / HARRY KIVIJÄRVI / Vela Negra, 1965.



Finlândia / MARIA KÄHÖNEN / Composição III, 1966.

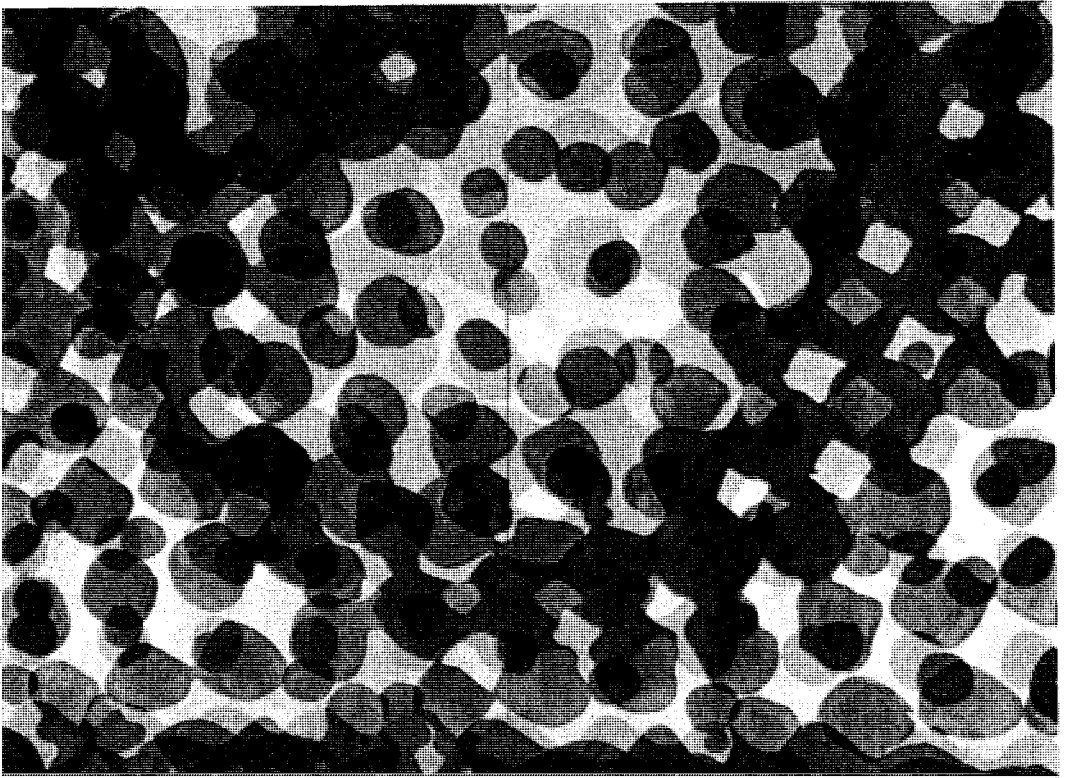


Finlândia / REINO HIETANEN / Verão Abrazador, 1967.





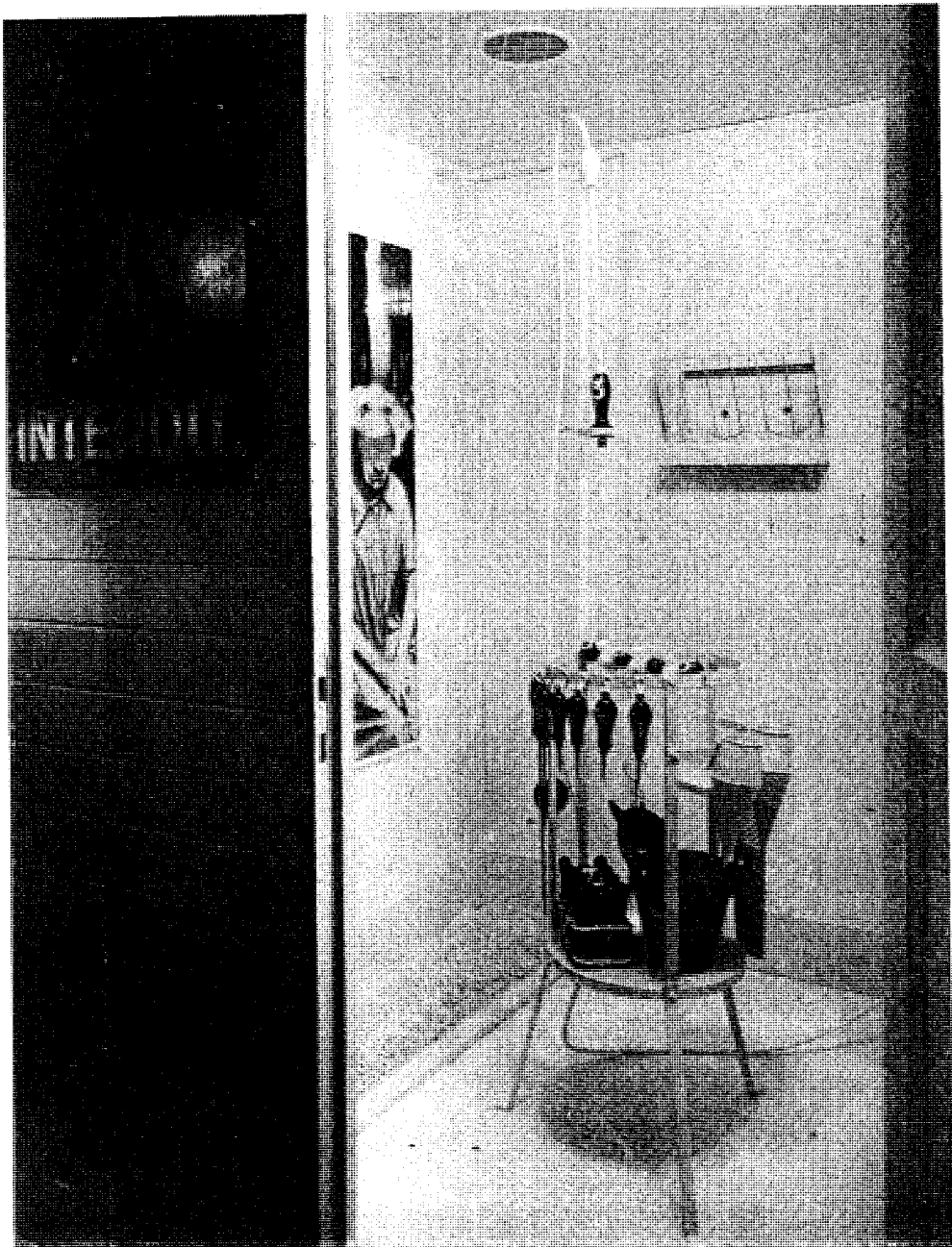
França / ALAIN JACQUET / Almôço Sobre a Grama, 1964.



França / ALAIN JACQUET / Almôço Sobre a Grama, 1966. Detalhe.



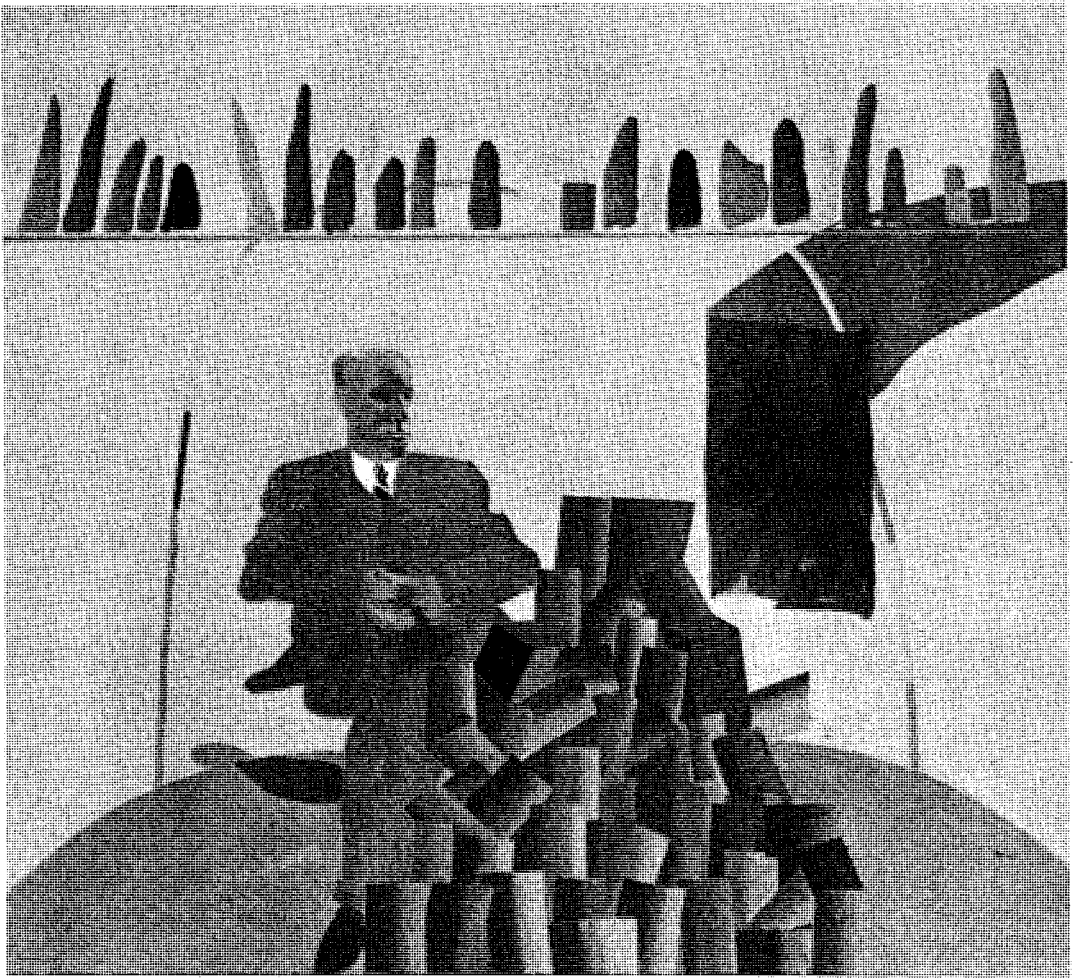
França / CESAR BALDACINI / Polegar de César, 1965.



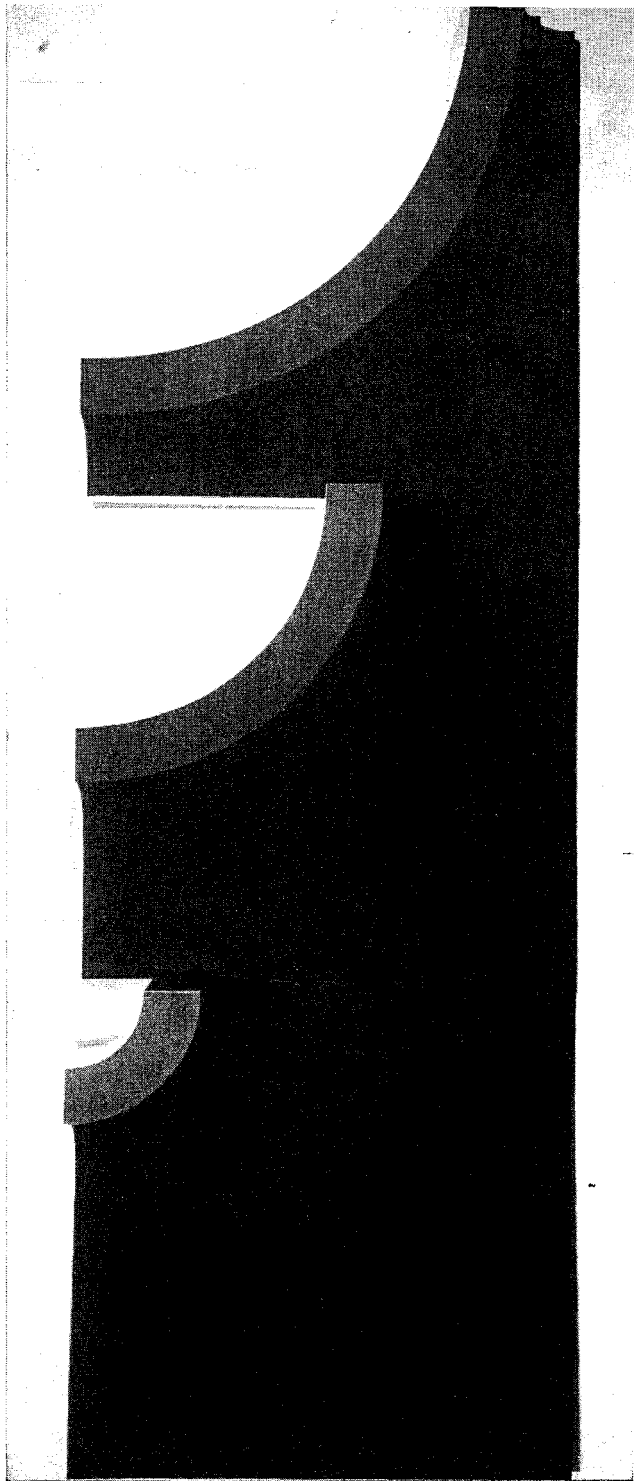
França / JEAN-PIERRE RAYNAUD / Psico-Objeto 27 — Rosto  
Censurado.



Grã-Bretanha / ALLEN JONES / Sobre o Casamento N.º 1, 1964.

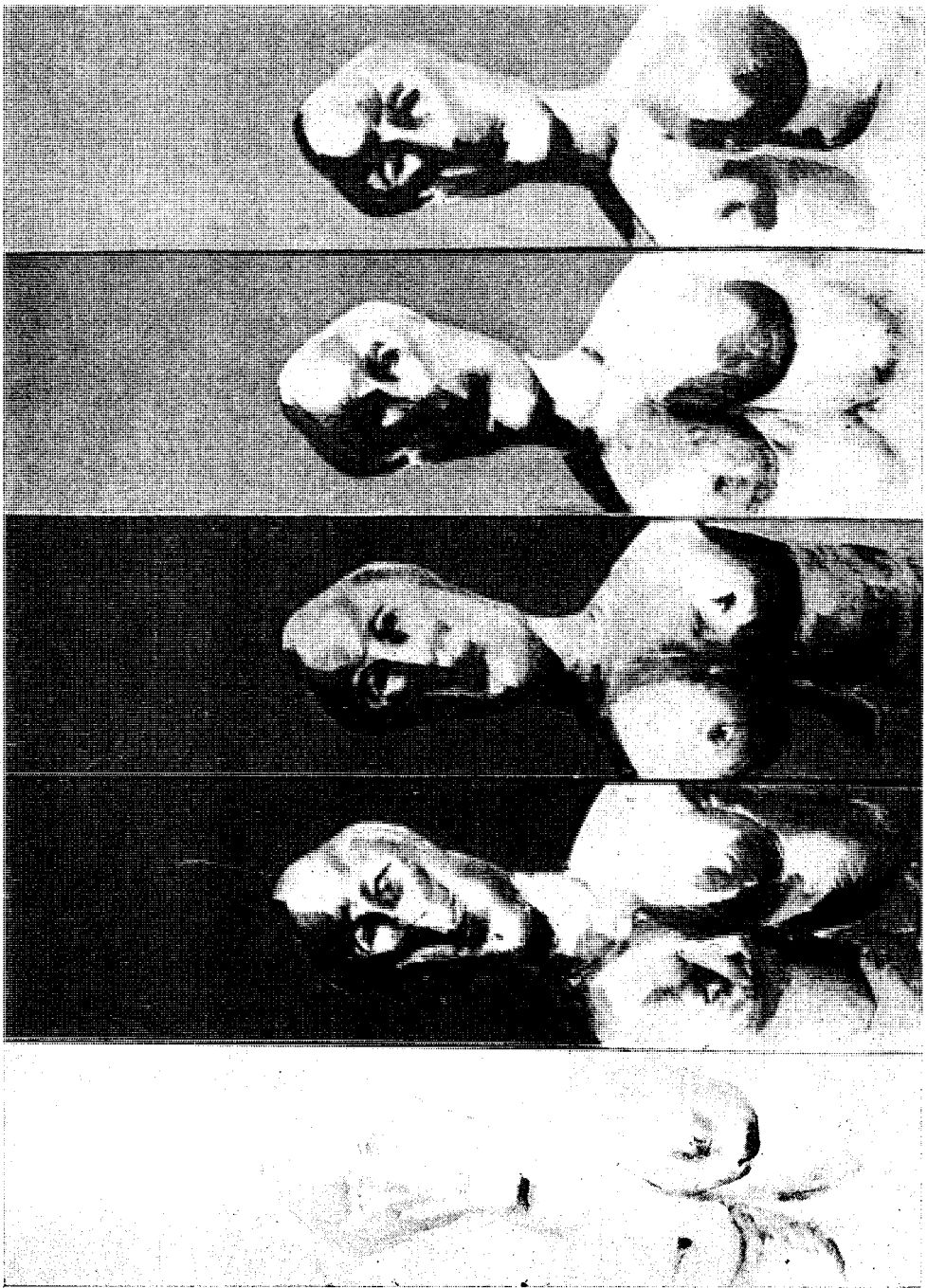


Grã-Bretanha / DAVID HOCKNEY / Retrato Rodeado de Objetos Artísticos, 1965.



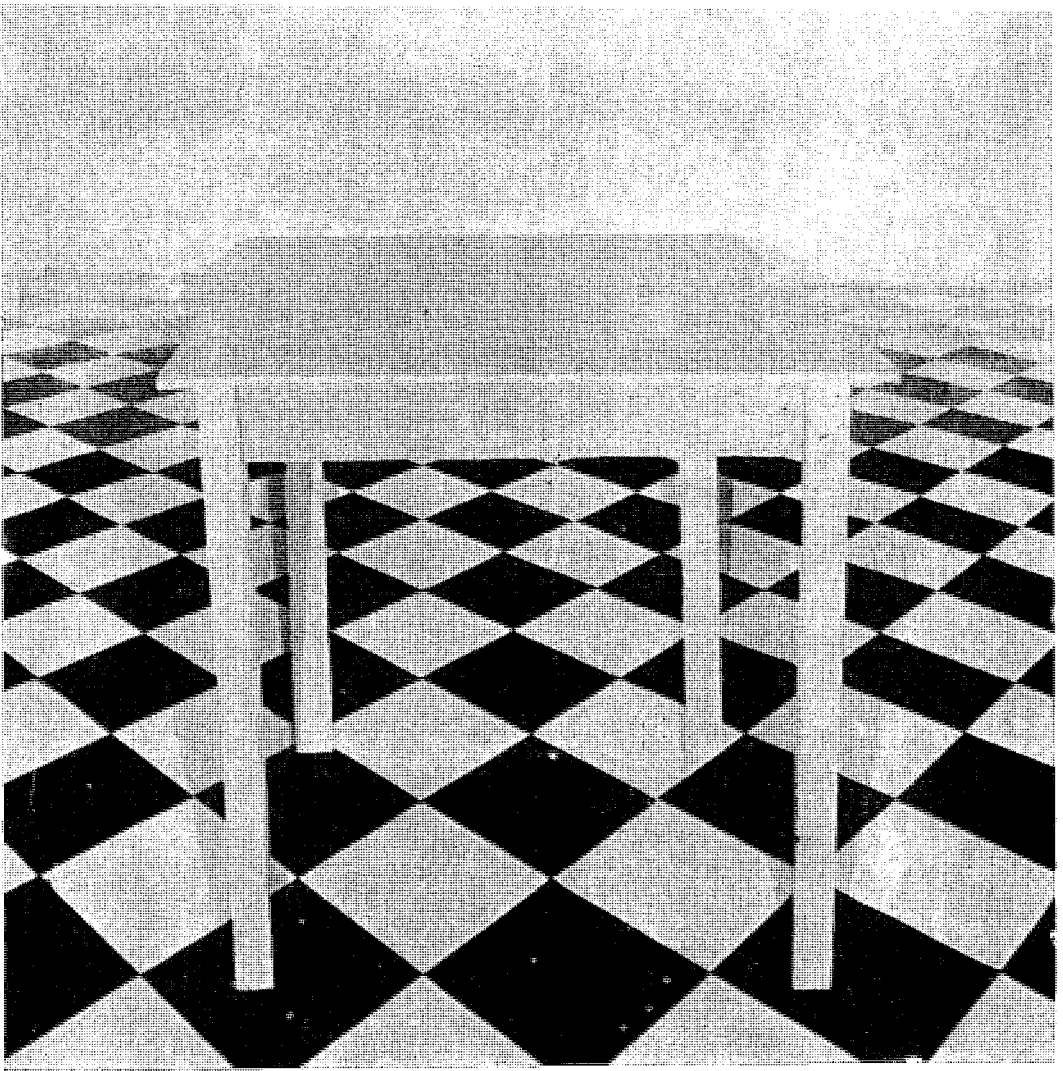
Grã-Bretanha / RICHARD SMITH / Bembelelém, 1966.





Grécia / CHRISTOS CARAS / Mulheres que Esperam, 1967.

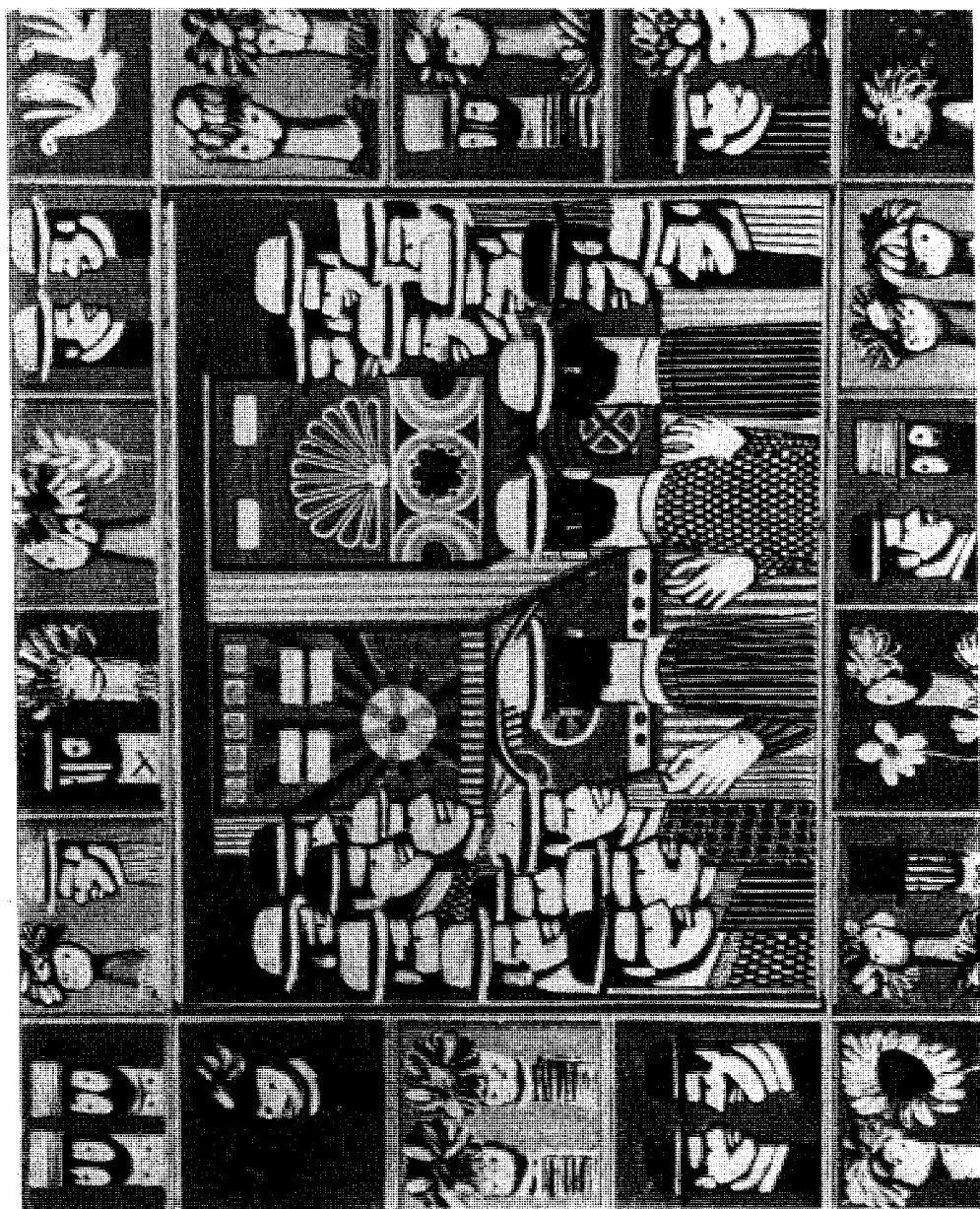




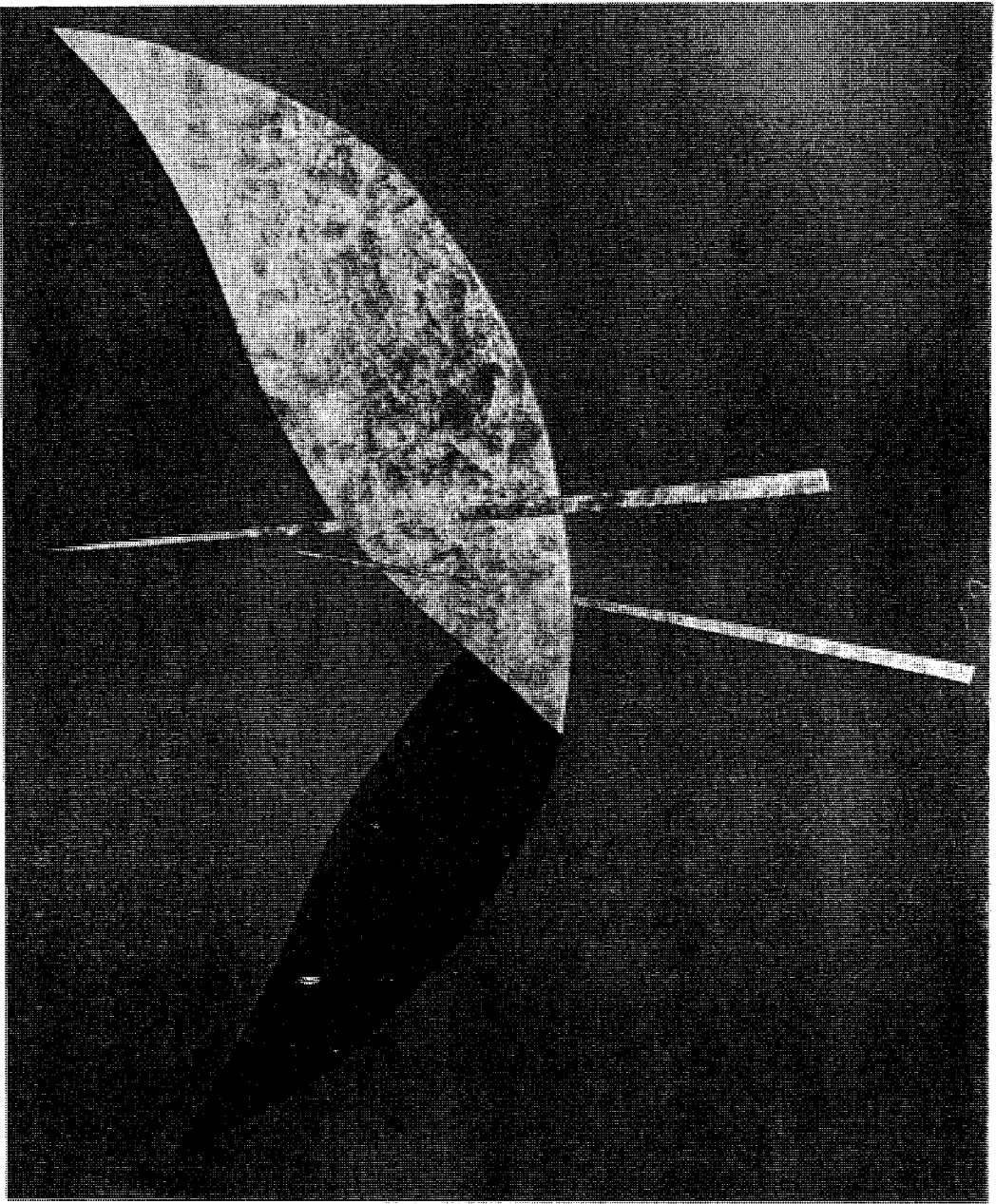
Grécia / CONSTANTIN TSOCLIS / Mesa, 1967.



Grécia / JEAN PARMAKELIS / Mulher Sentada, 1966.



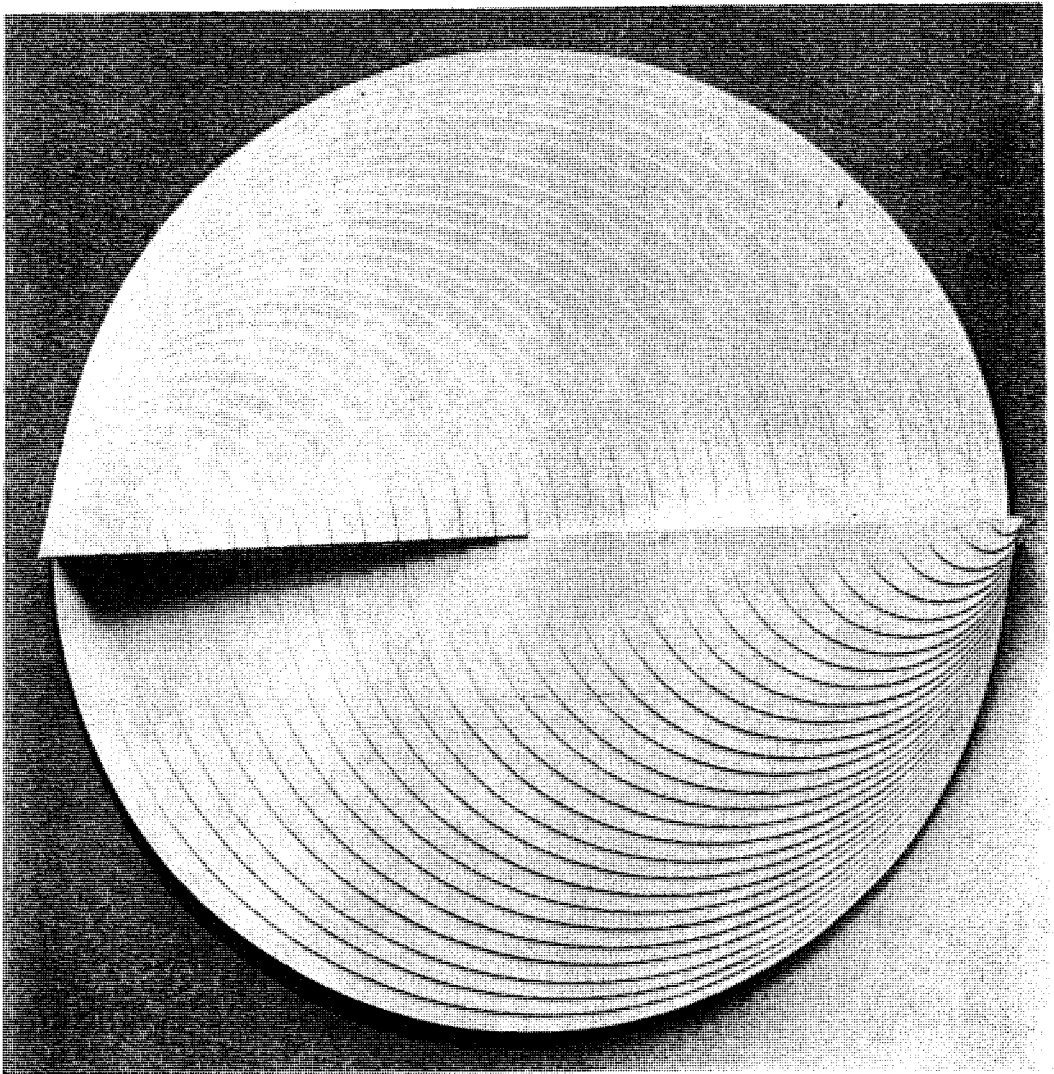
Grécia / YANNIS GAÏTIS / Volta ao Mundo com 20 Cêntimos, 1967.



Guatemala / RODOLFO MISHAAN / O Quetzal Ferido. 1970. 100 x 100 cm. Oil on canvas.

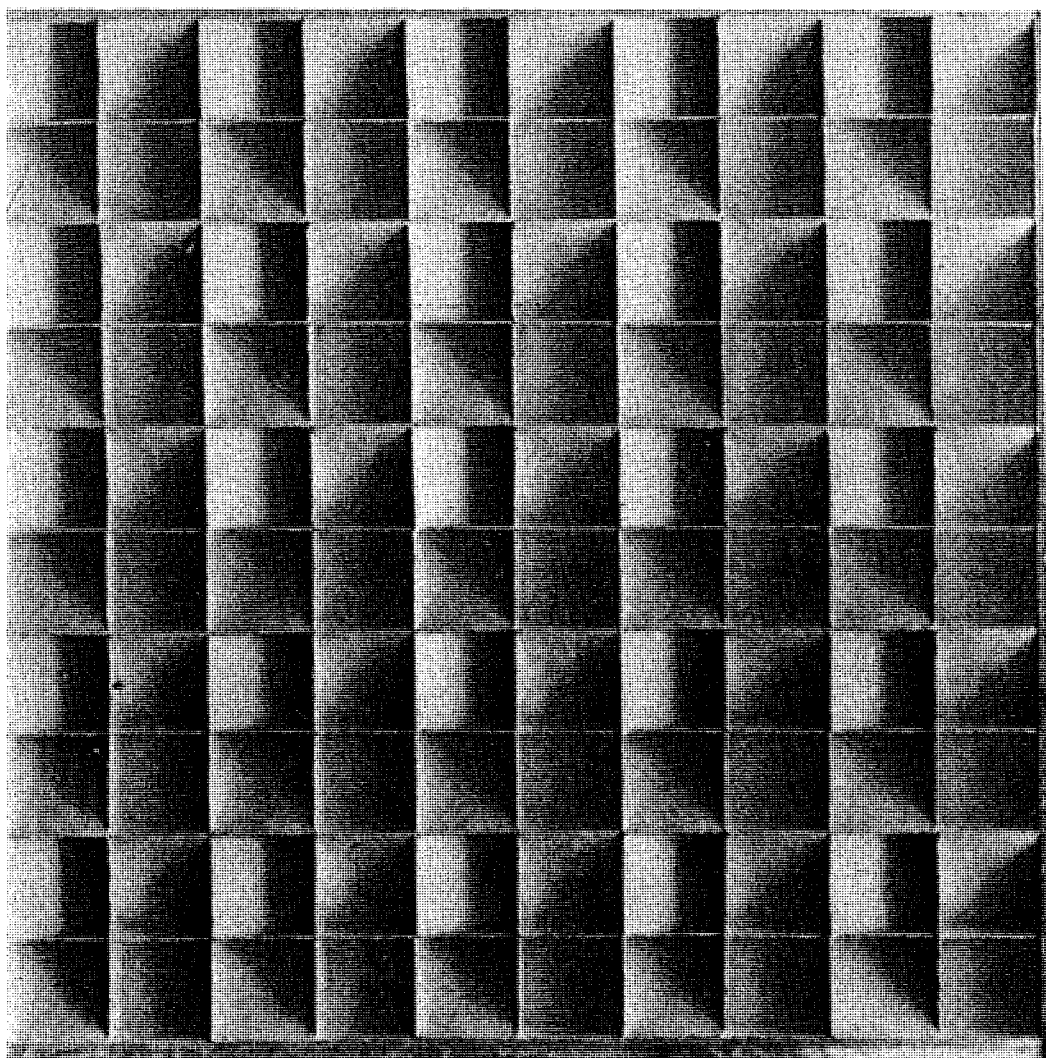


Haiti / ELZIRE MALLEBRANCHE / Máscara, 1967.

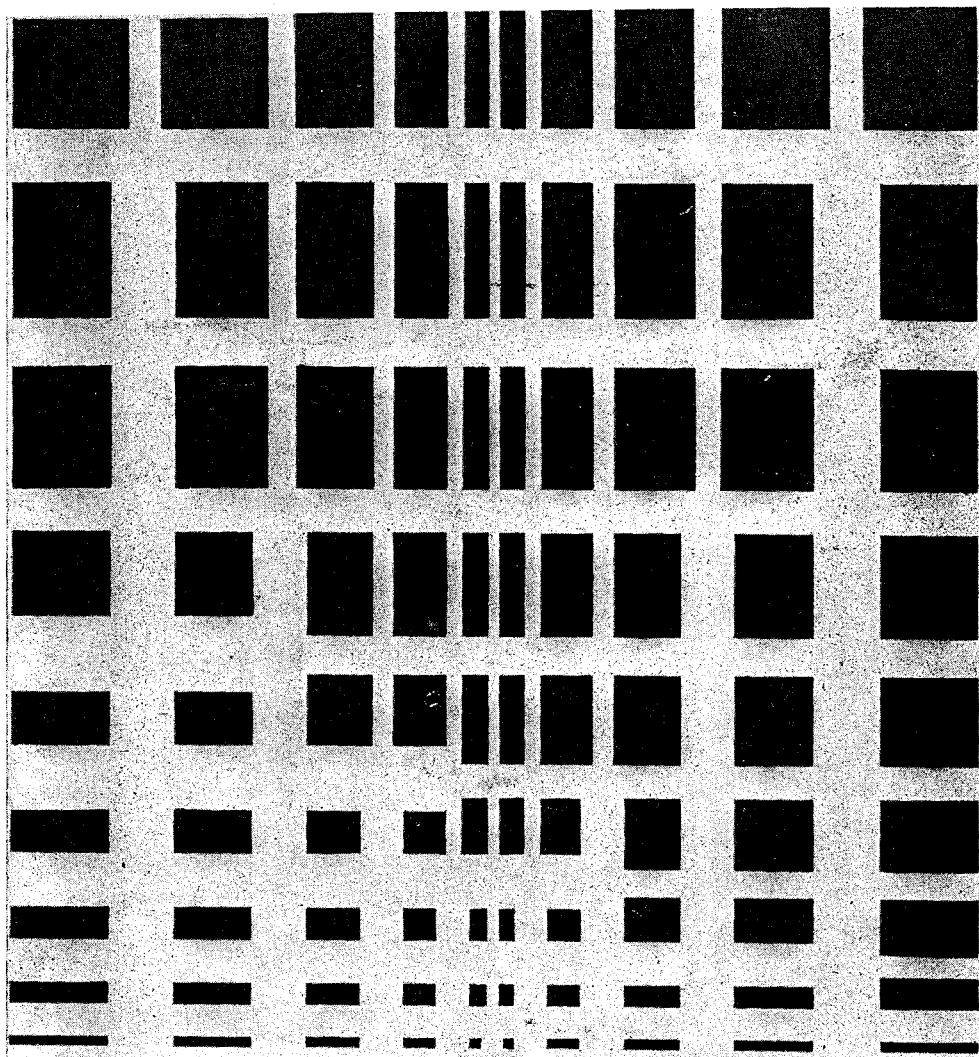


Holanda / AD DEKKERS / Variação Sobre Círculo III, 1963/67.





Holanda / JAN SCHOONHOVEN / Superfícies Obliquas em Quatro  
Direções, 1966.

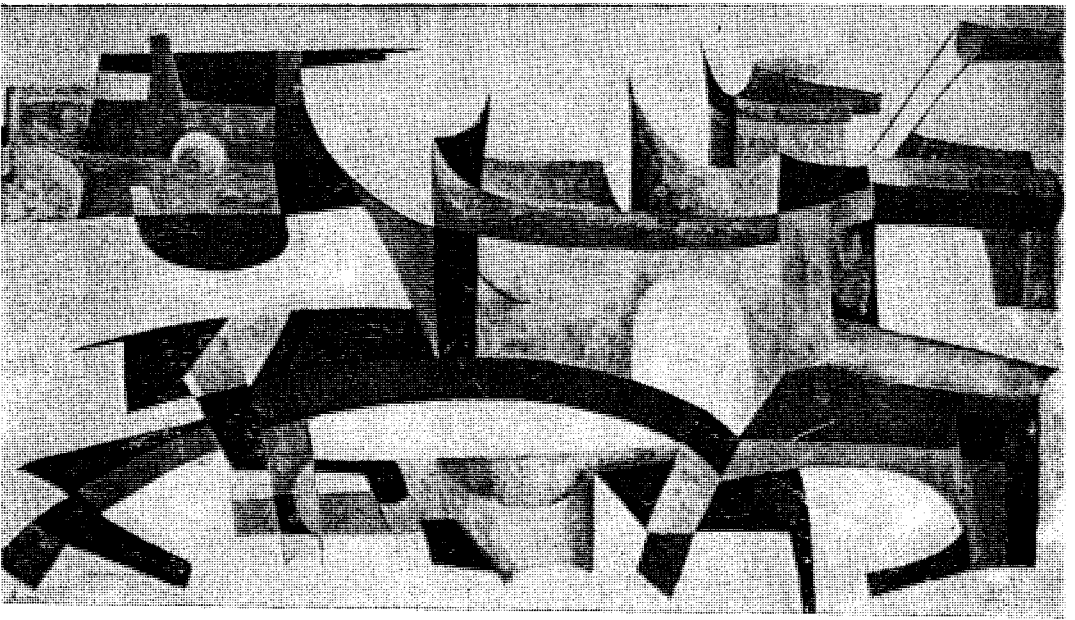


Holanda / PETER STRUYCKEN / Estrutura, 1967.

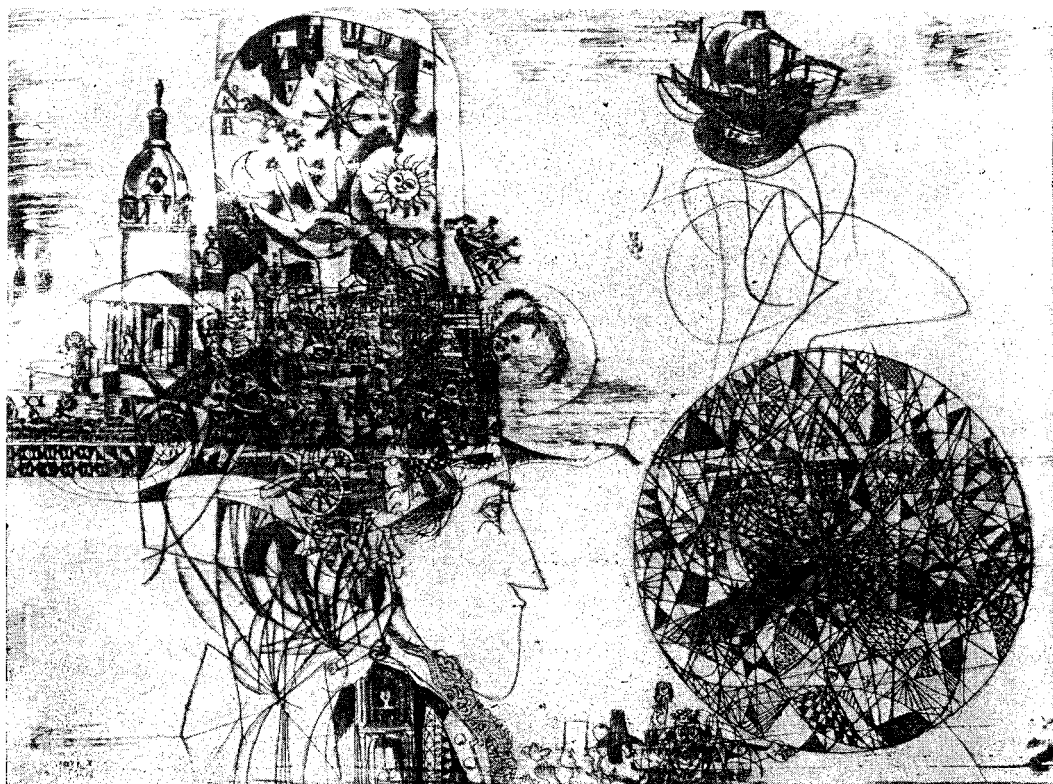




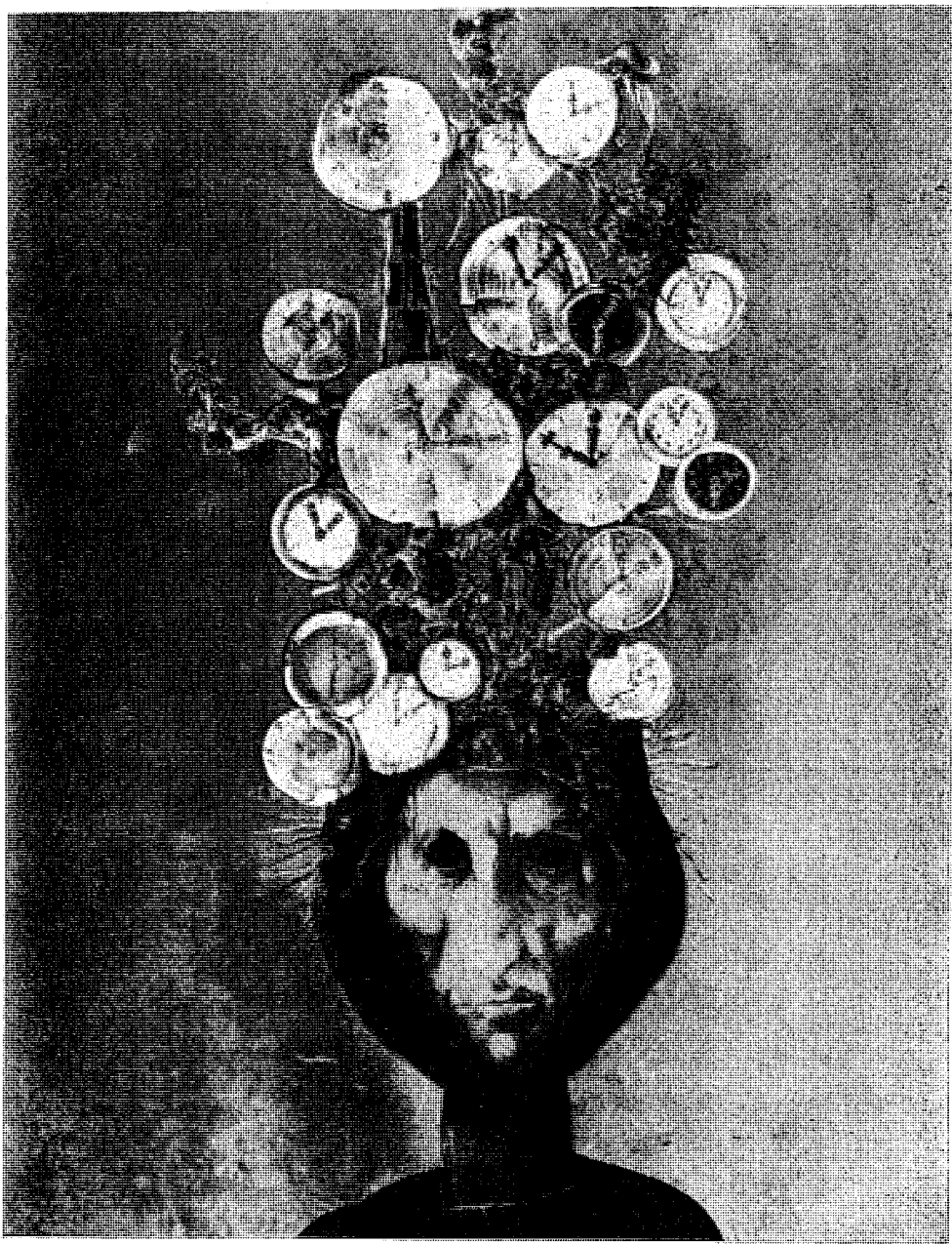
Honduras / ARTURO LÓPEZ RODEZNO / Visão Mágica de Copan.



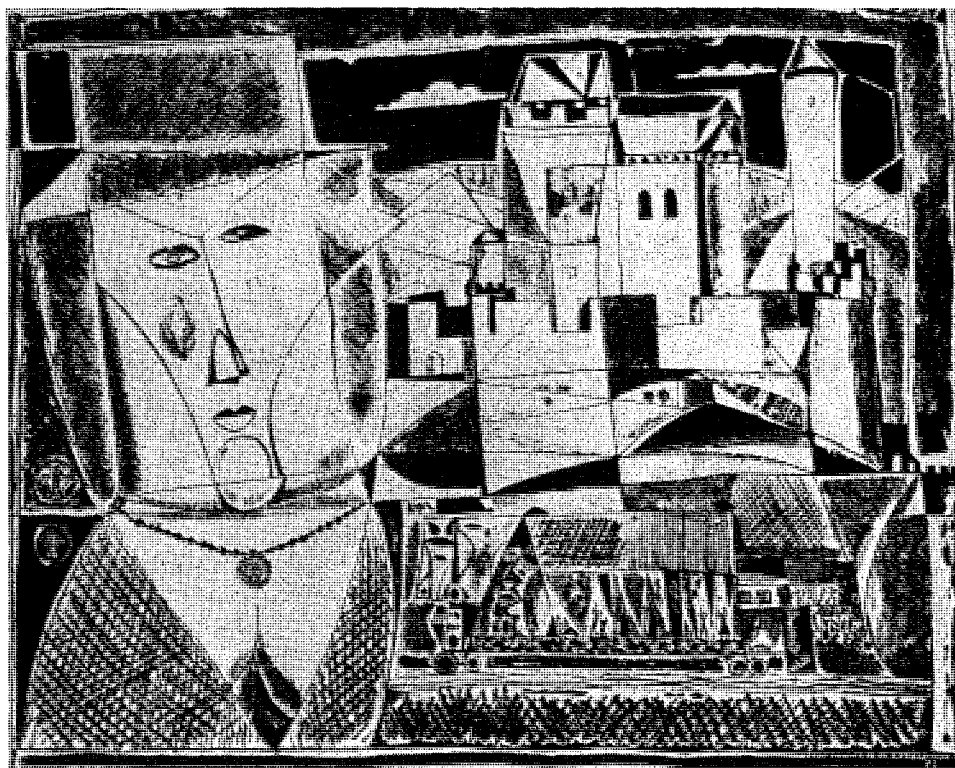
Honduras / ARTURO LUNA / Dinamismo. *Revista de Arte y Cultura* 1962, n.º 1, p. 112



Hungria / ÁDÁM WÜRTZ / Caleidoscópico, 1967.



Hungria / ENDRE SZÁSZ / Relógios, 1966.

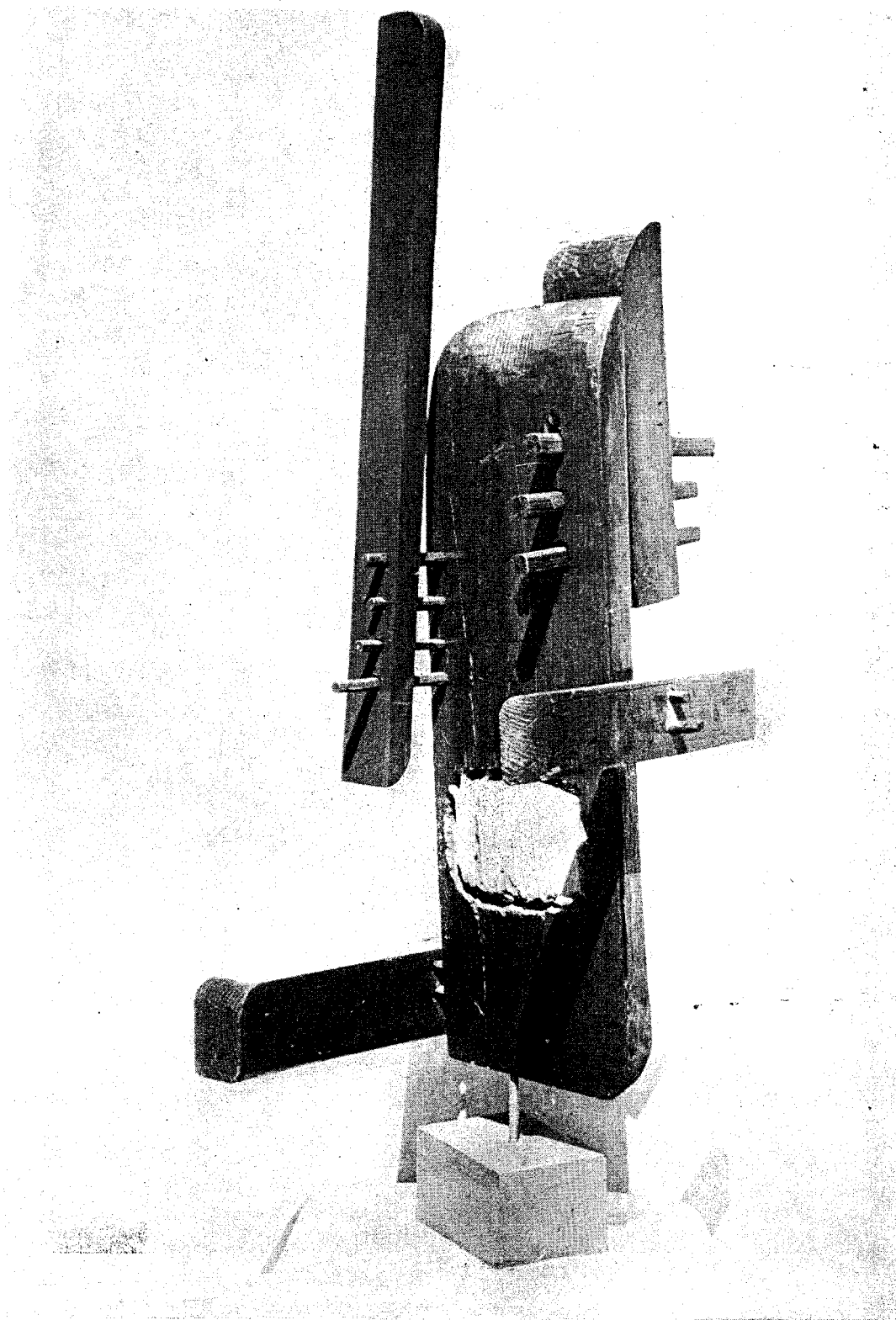


Hungria / GABOR GACS / A Princesa do Castelo, 1958.



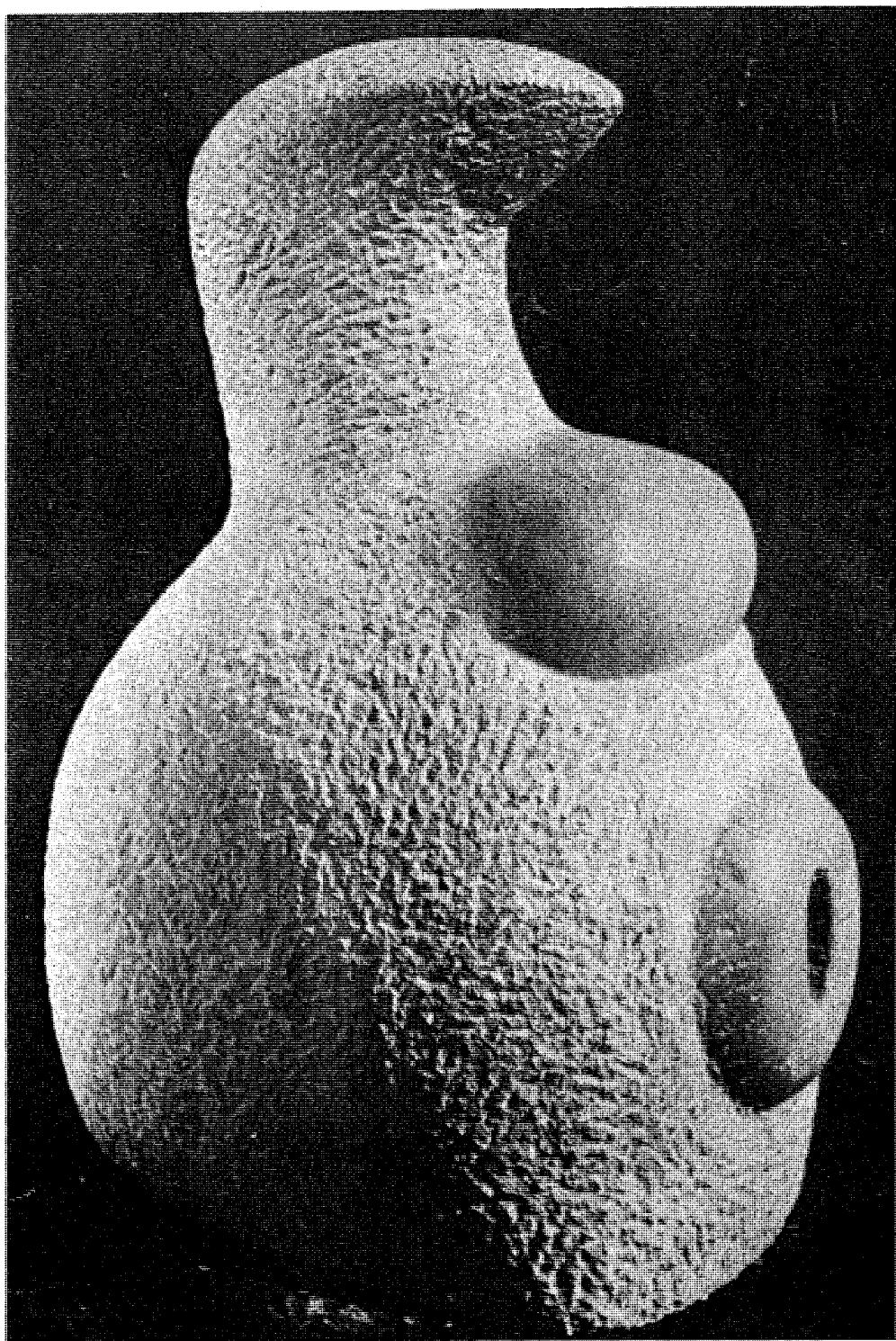
IN HUIUS  
MUNDI PATRIA





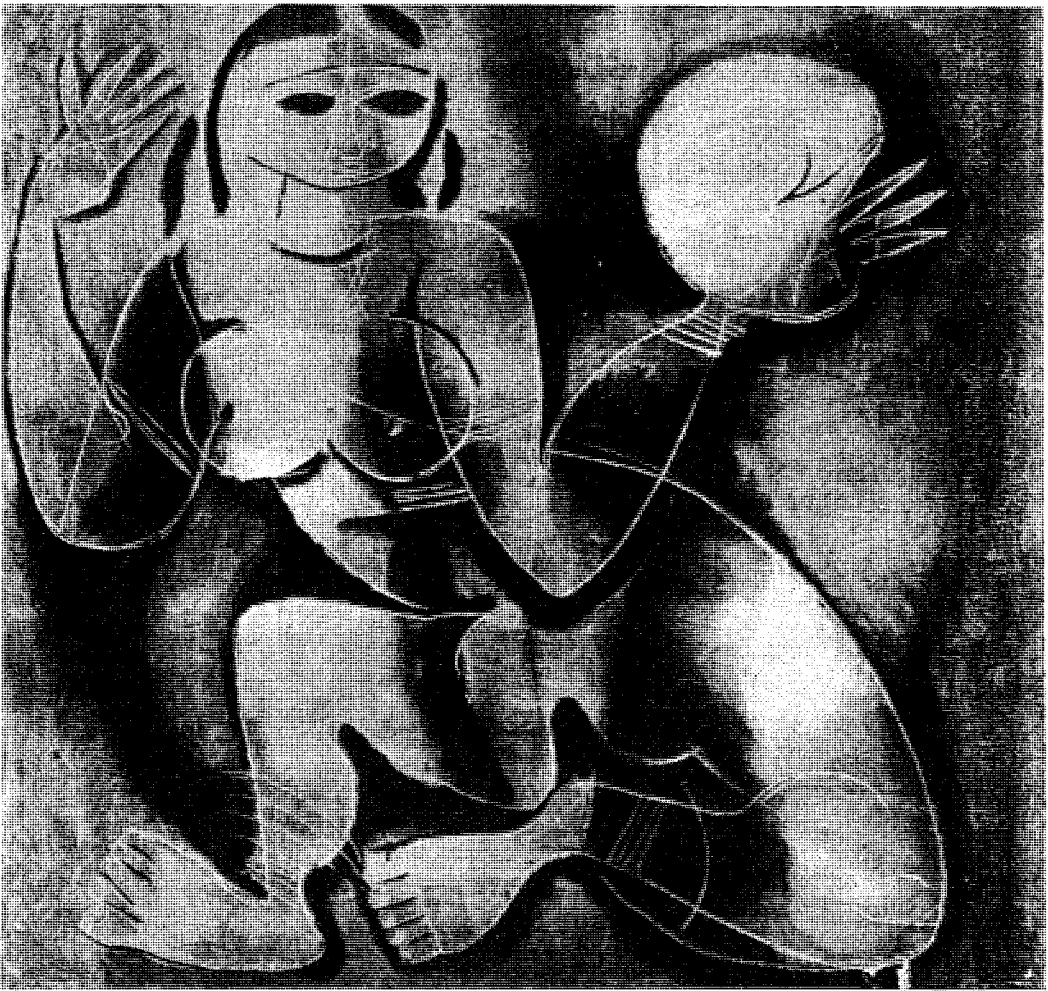
Índia / MAHENDRA DHIRAJRAN PANDYA / Êle e Sua Casa,  
1964/65.





Índia / NAGAJIBHAI M. PATEL / Divindade II, 1966.





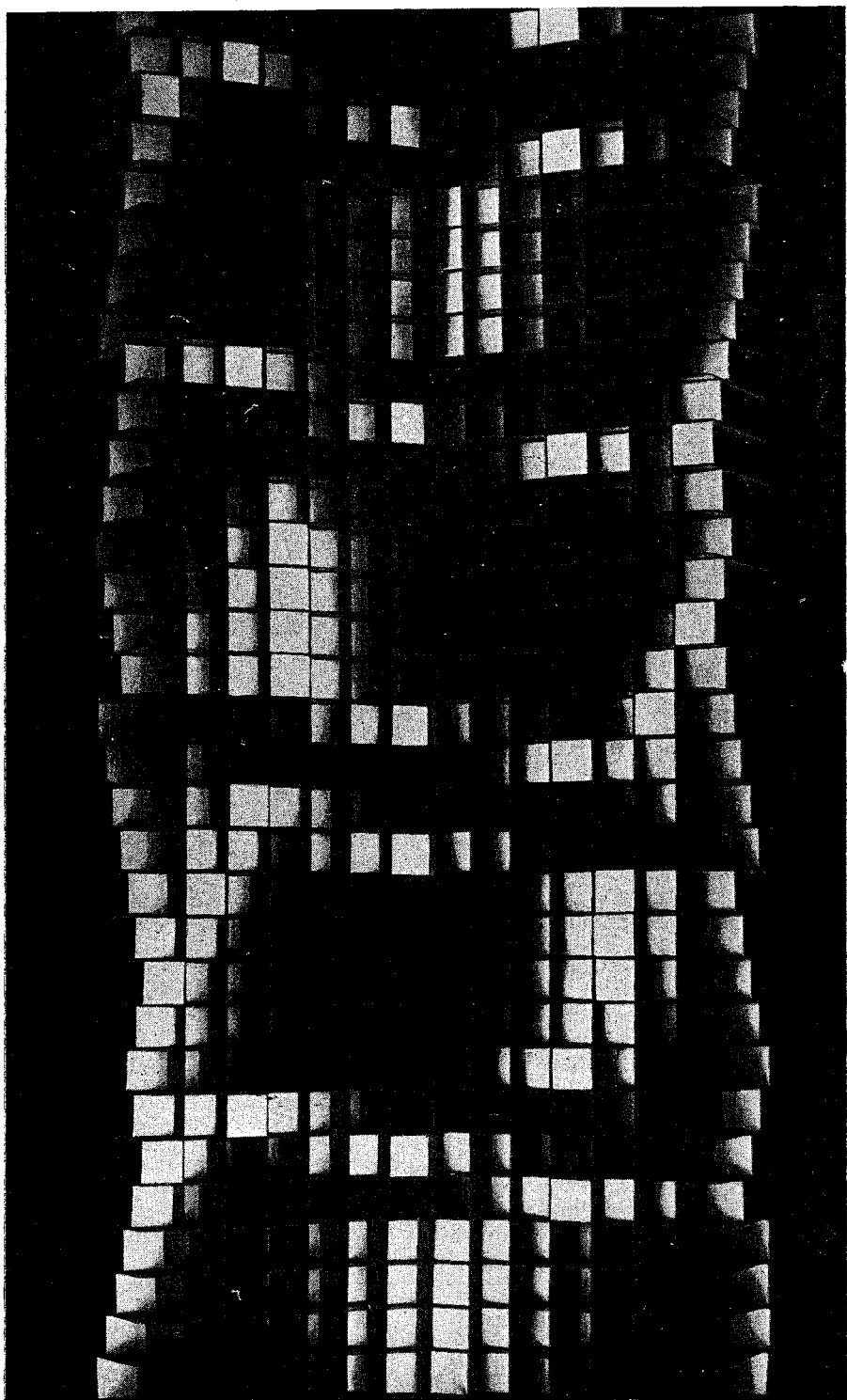
Índia / P. T. REDDY / Lua e Mulher, 1963.



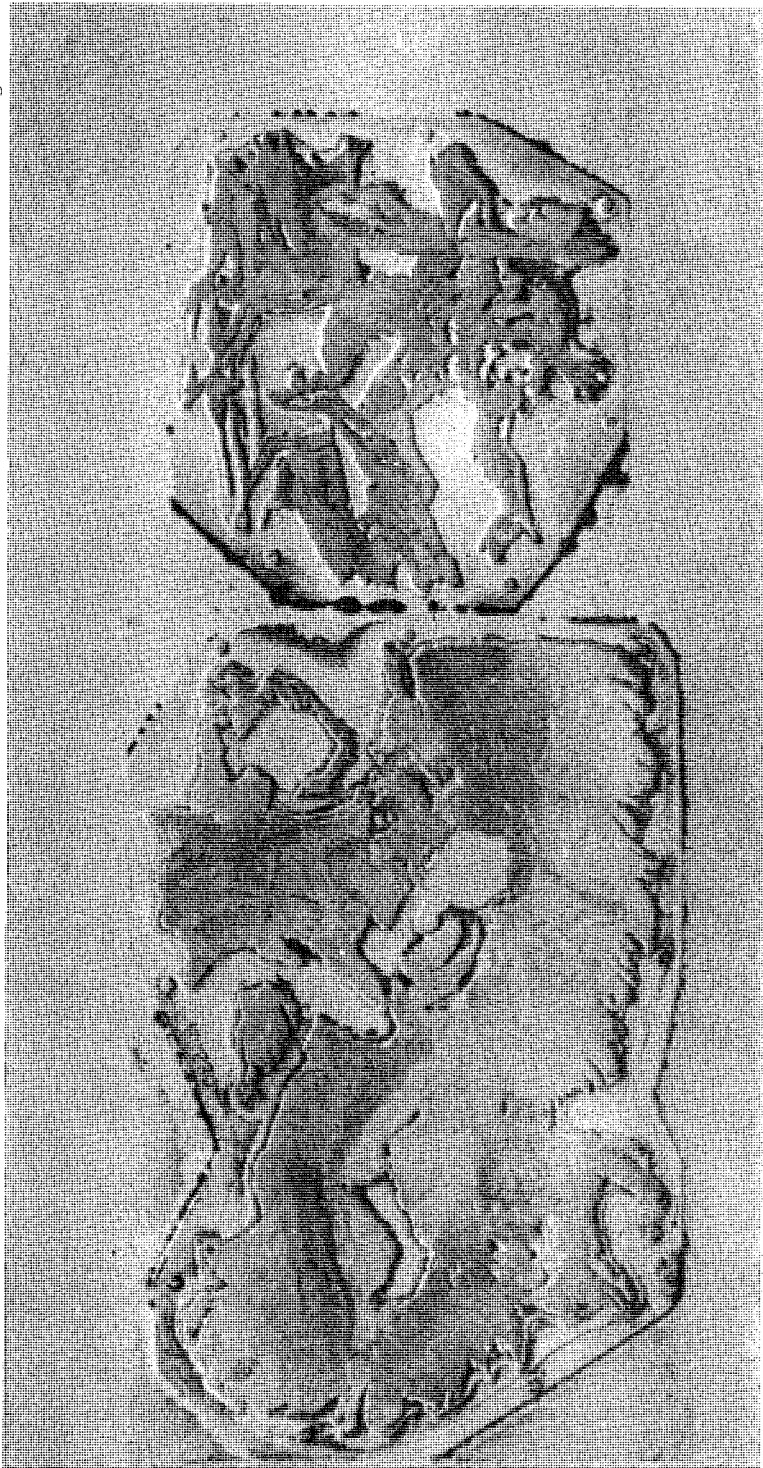
Israel / AVIGDOR ARIKHA / Negro e Brancura, 1965.



Israel / IGAEL TUMARKIN / Retrato do Artista Como Mártir, 1965.



Itália / ENZO MARI / Estrutura N.º 753, 1964. <https://www.museoartemoderna.com.br/enzo-mari>

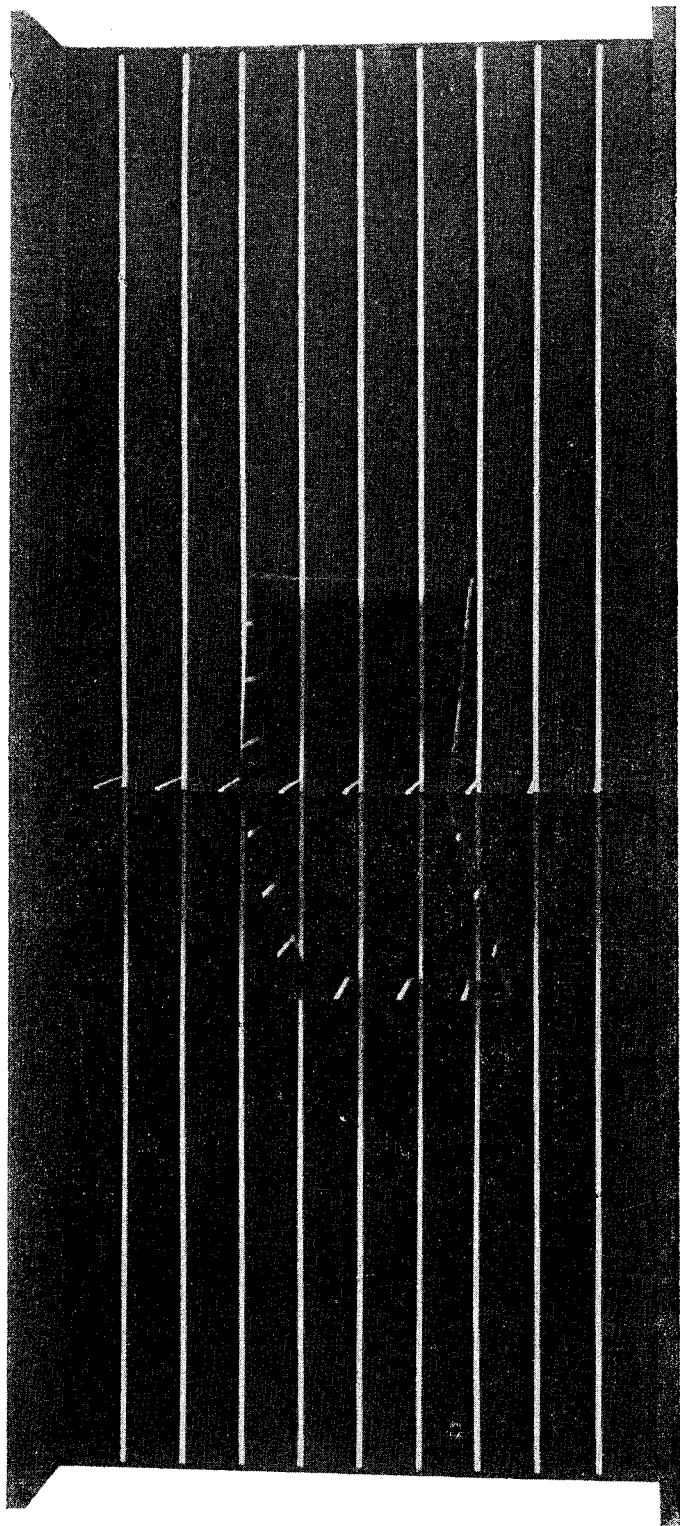


Itália / EZIO GRIBAUDO / "Spitzertipia" XV, 1966.

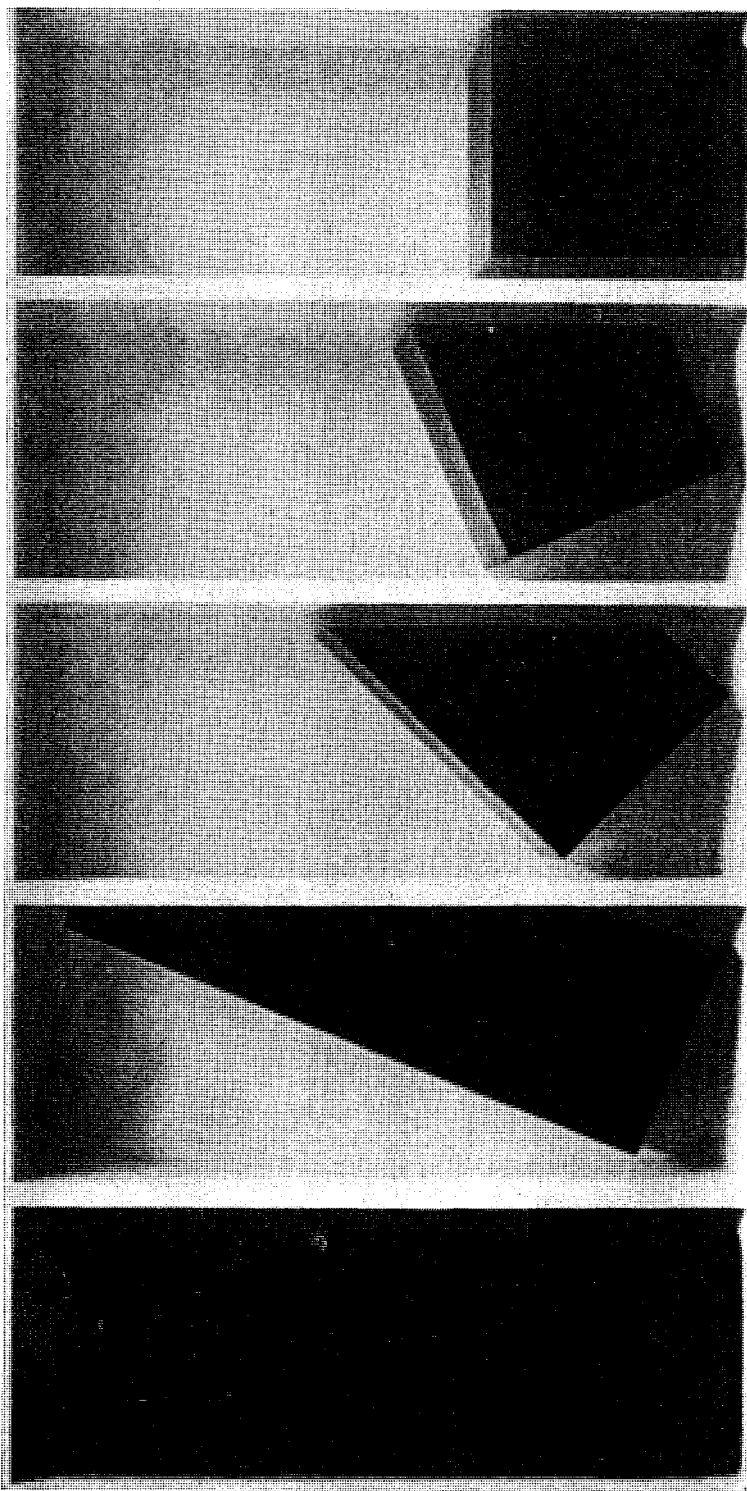




Itália / FLORIANO BODINI / Carla Giacobino, 1965.

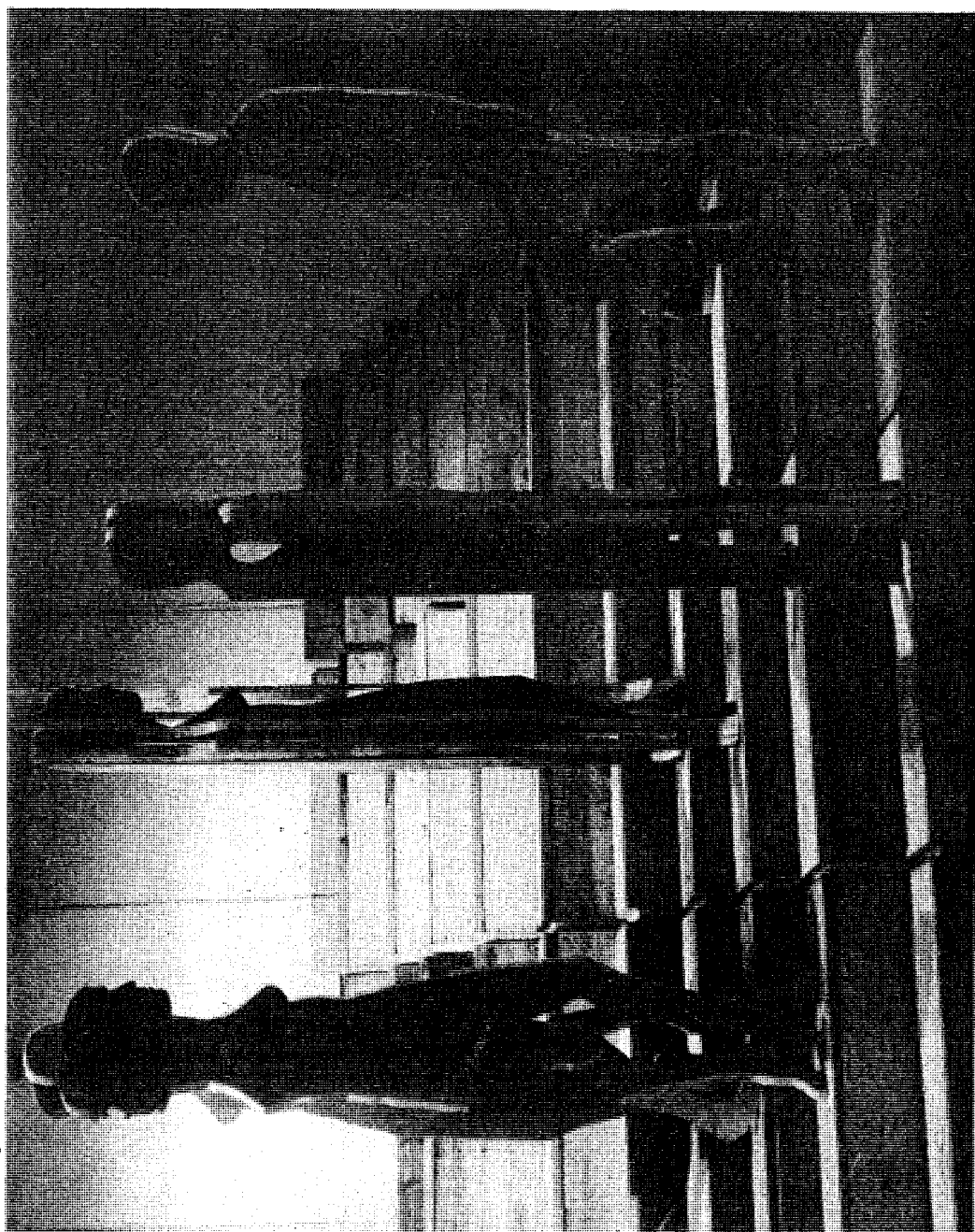


Itália / GIANNI COLOMBO / Dois Cubos, 1962/66.

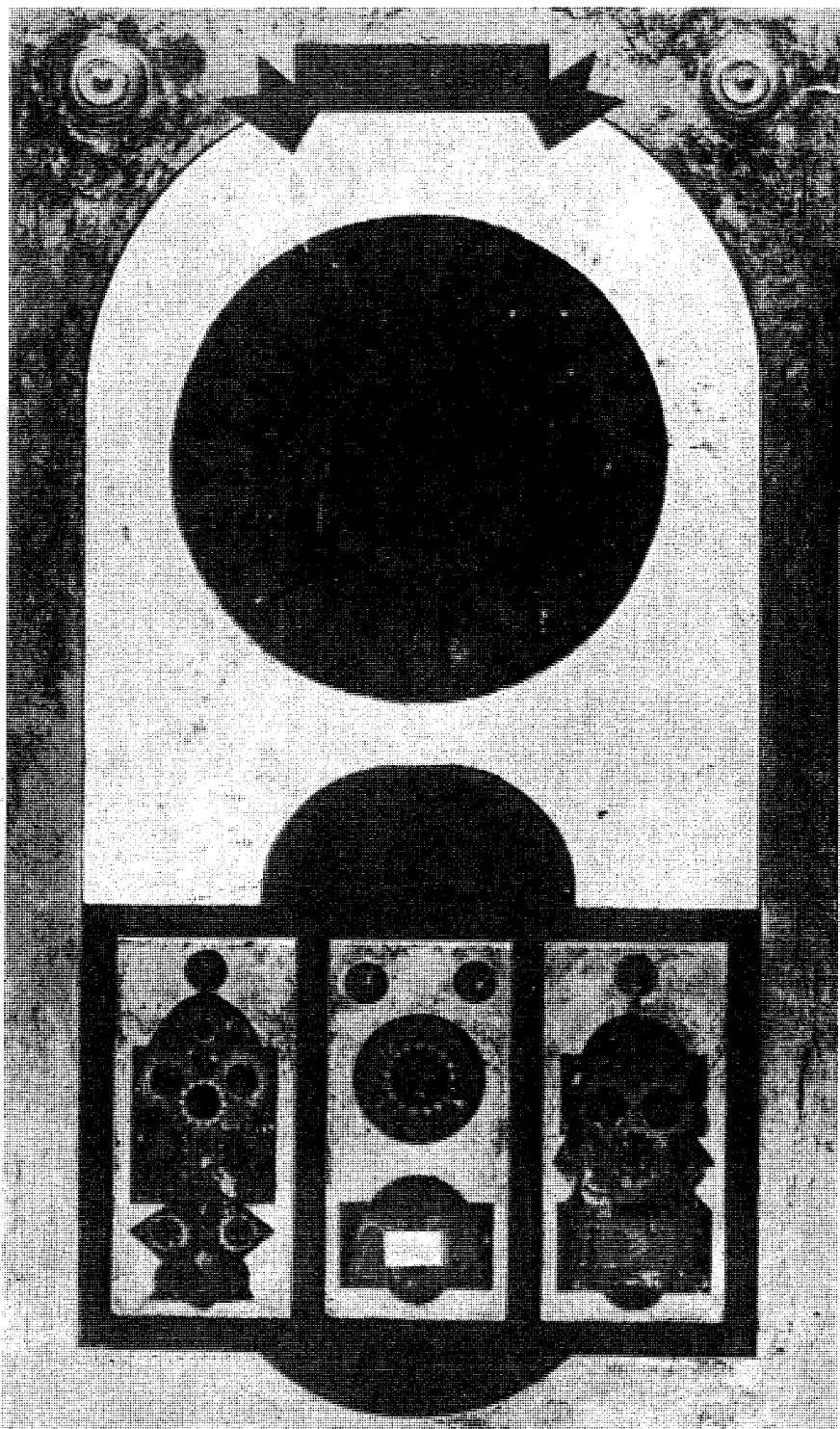


Itália / MARCELLO MORANDINI / Paralelepípedo Caído, 1966.

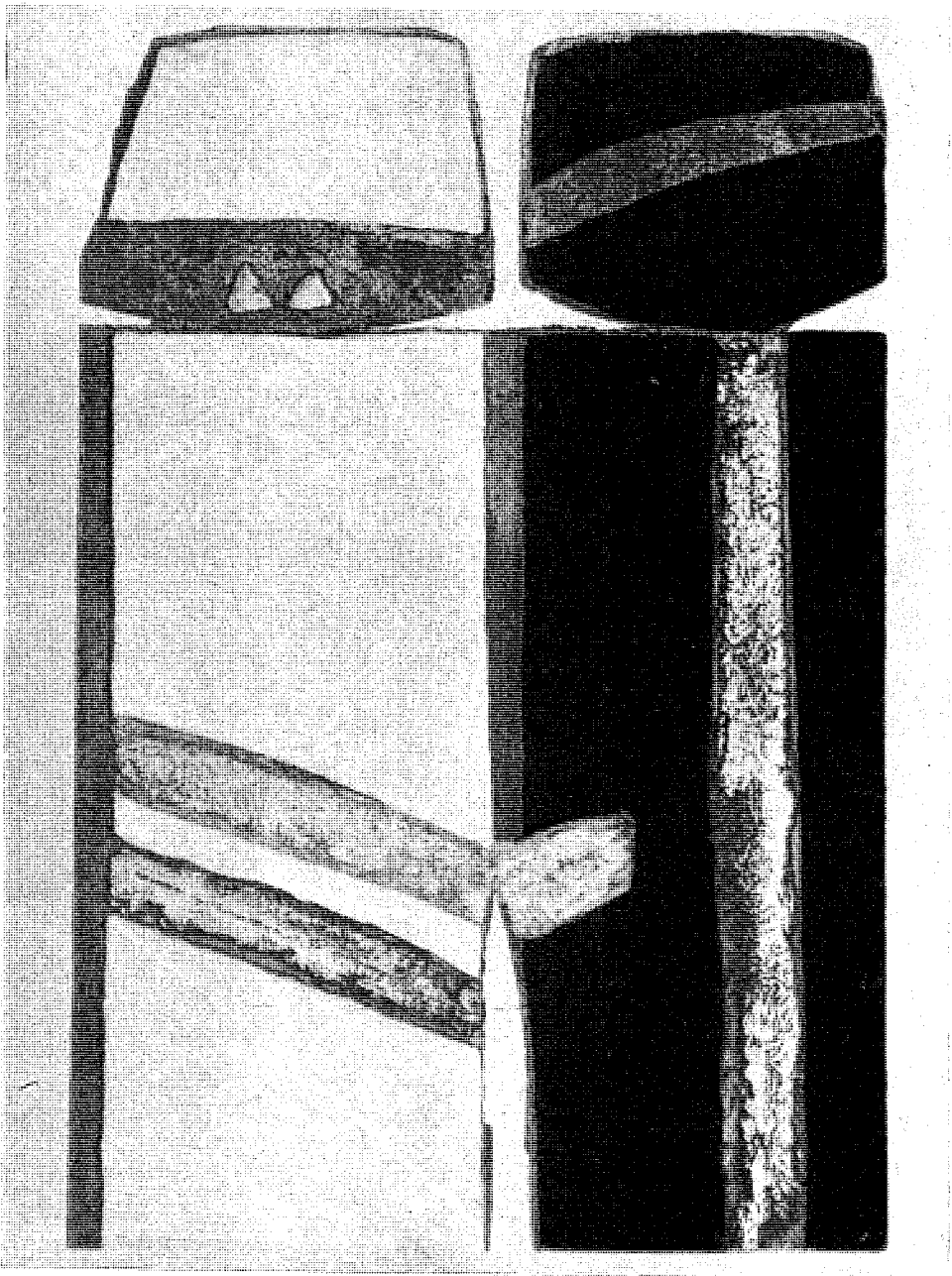




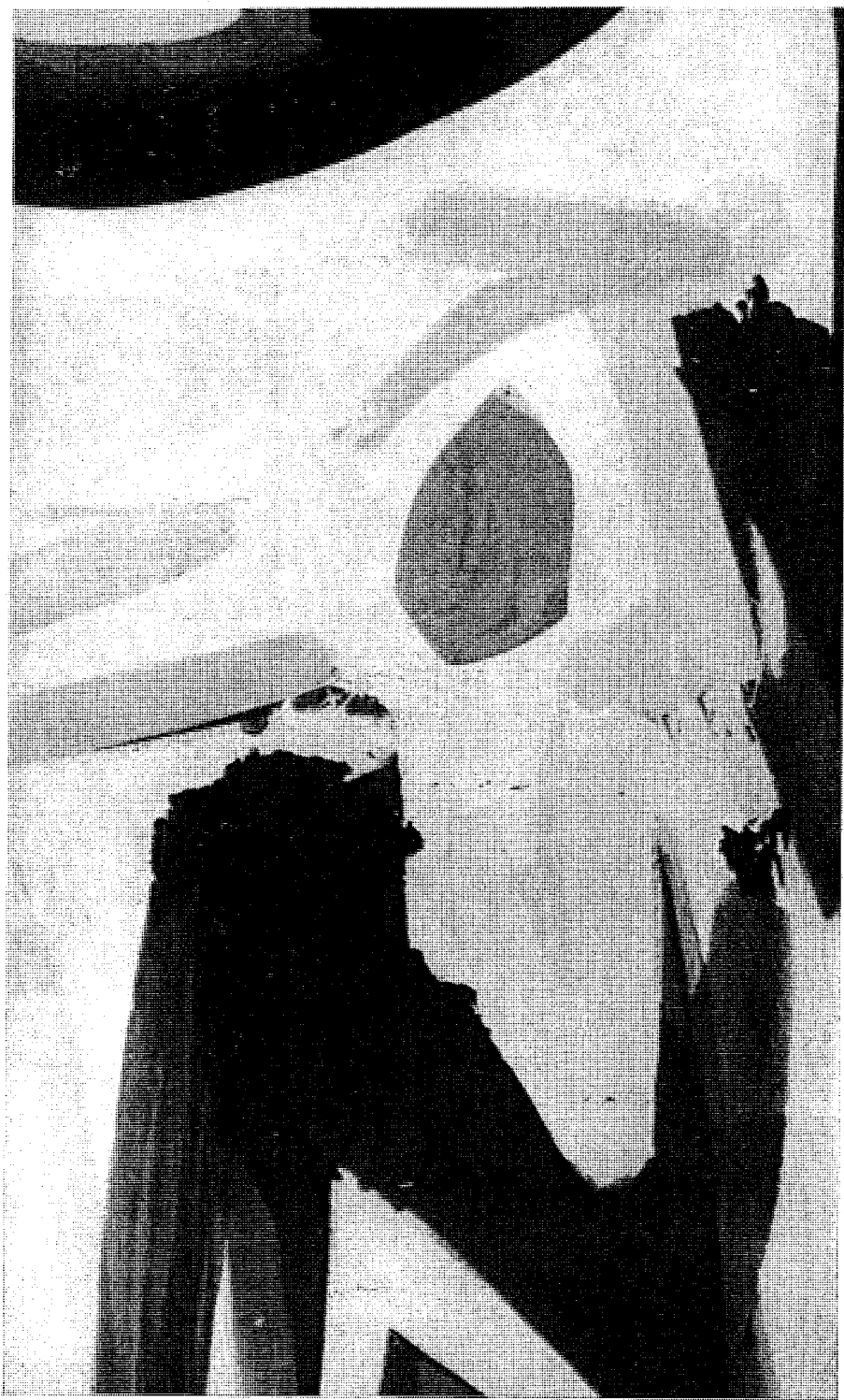
Itália / MÁRIO CEROLI / A Escada, 1965.



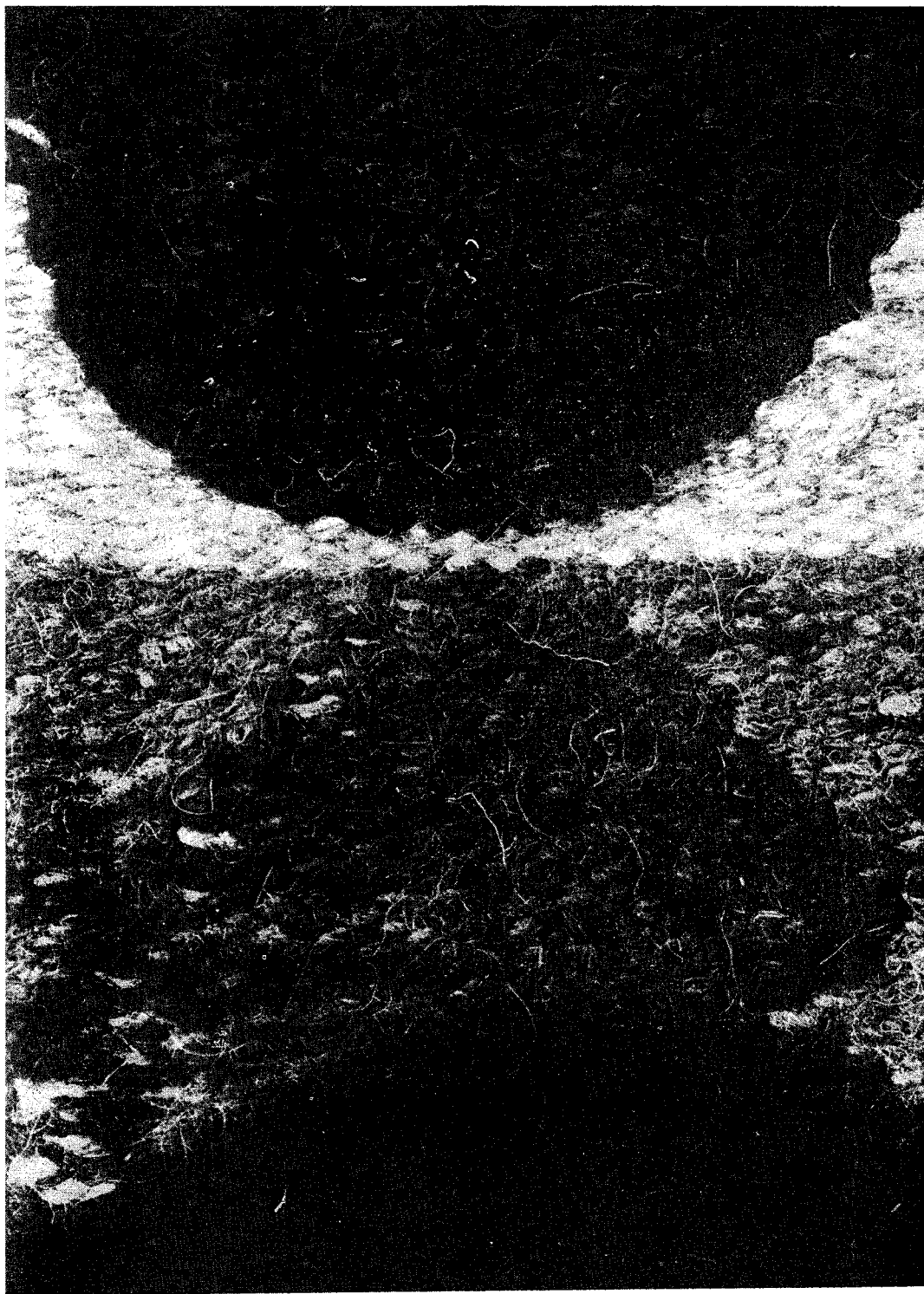
Iugoslávia / DIMITAR KONDOVSKI / Rondó, 1965.



Iugoslávia / DZEVAD HOZO / Casal, 1967.

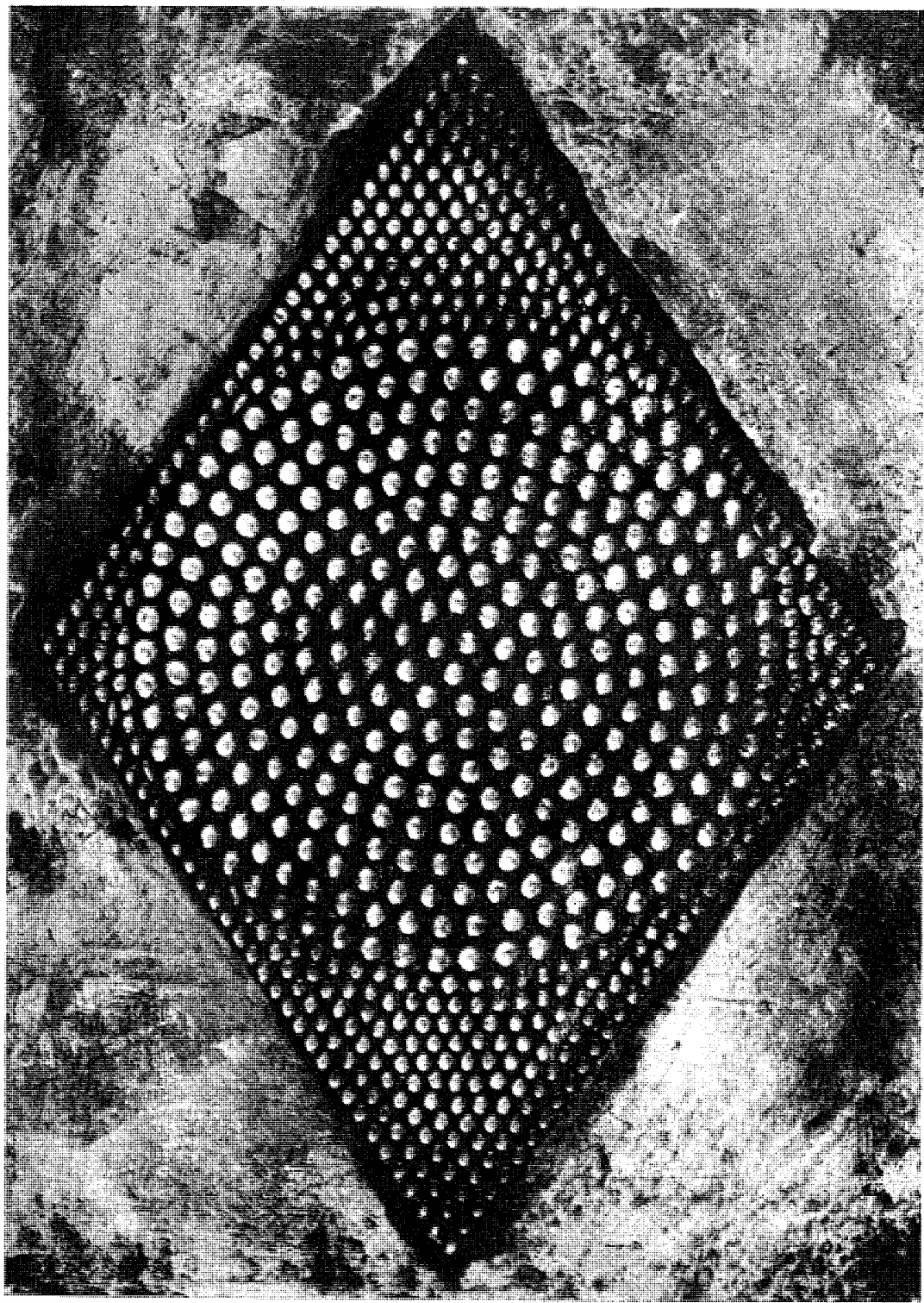


Iugoslávia / MURTIC EDO / Manhã de Sol, 1967.

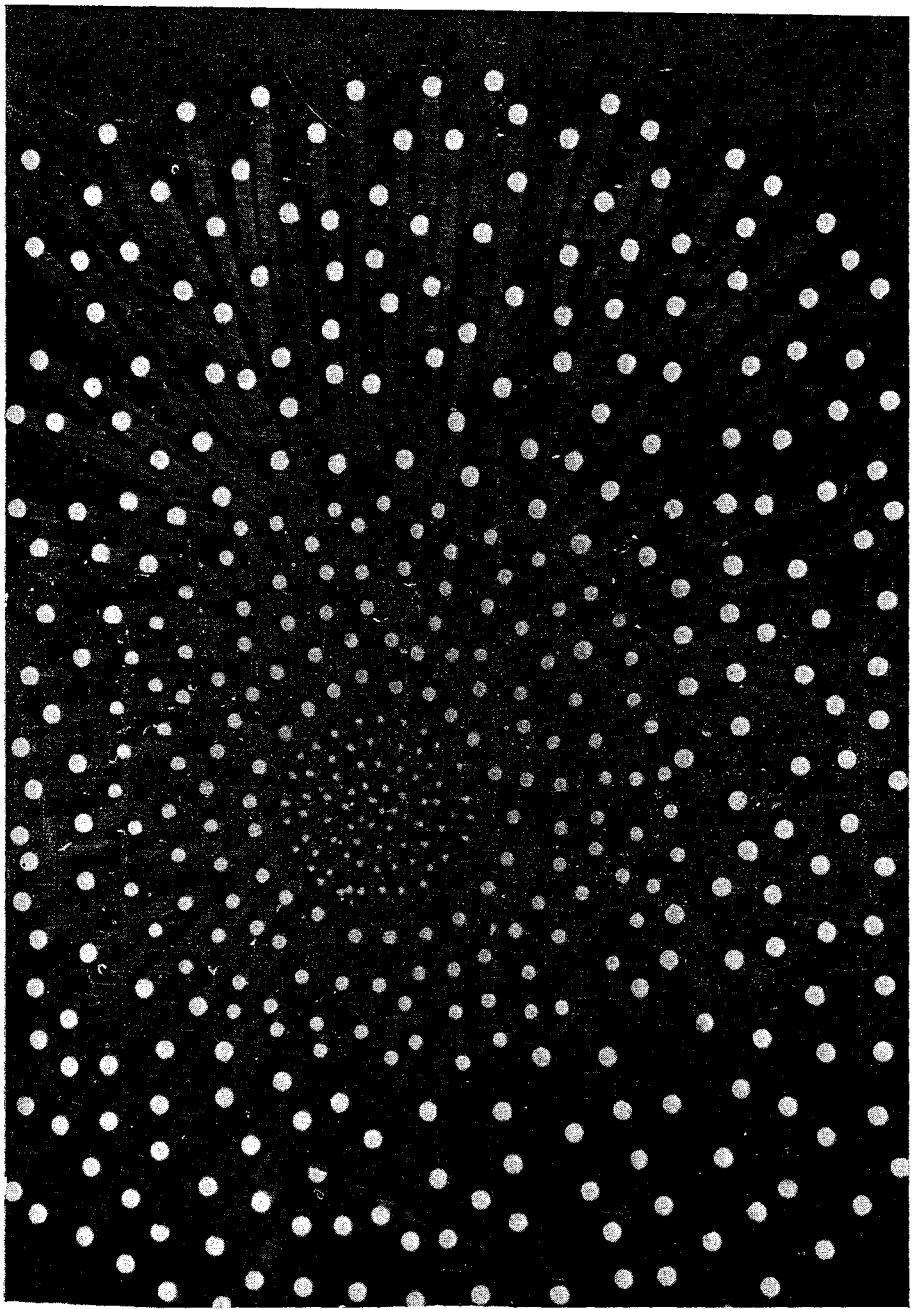


Iugoslávia / JAGODA BUIC / Detalhes, 1967.

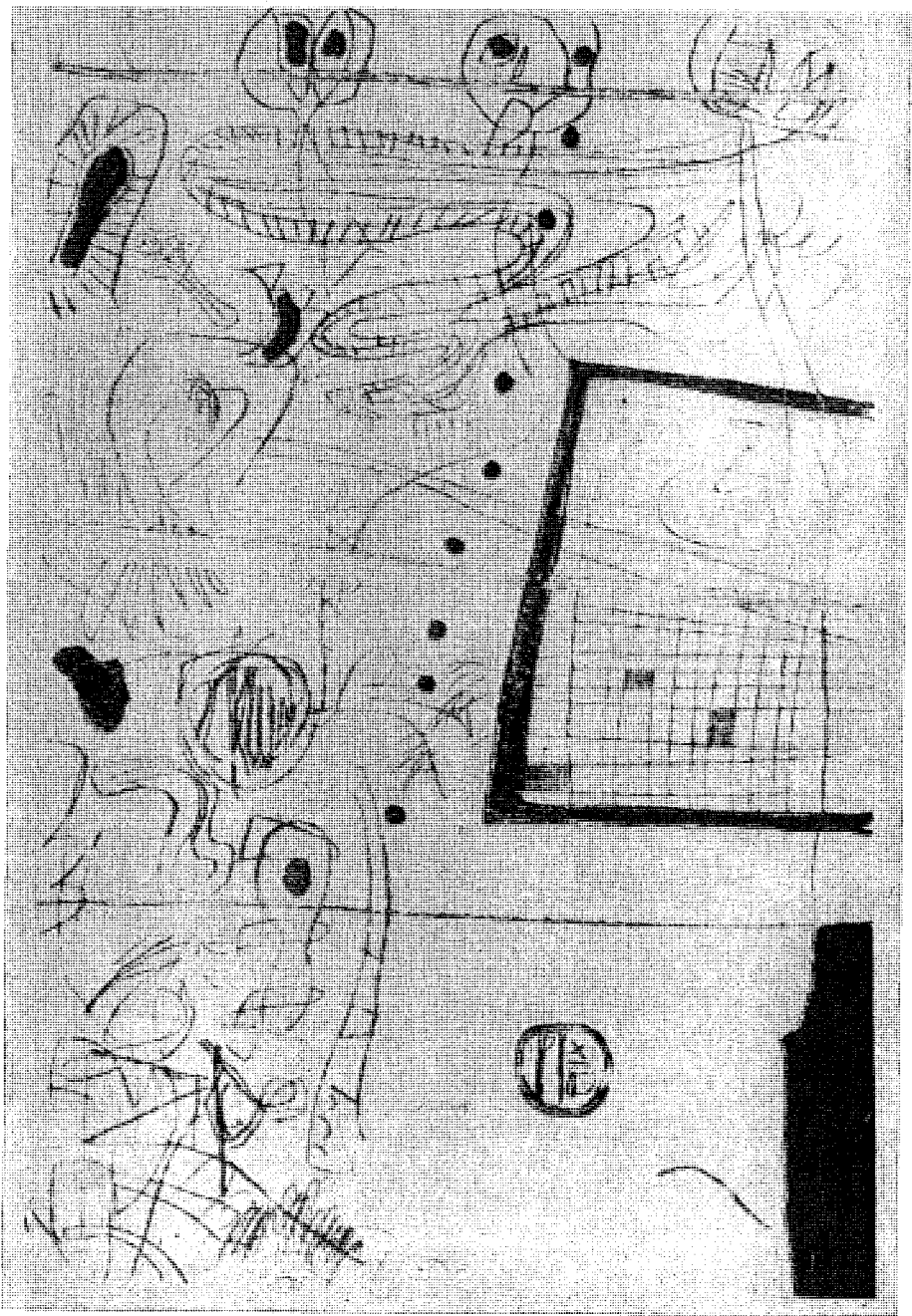




Iugoslávia / LAZAR VOZAREVIC / Diamante, 1967.

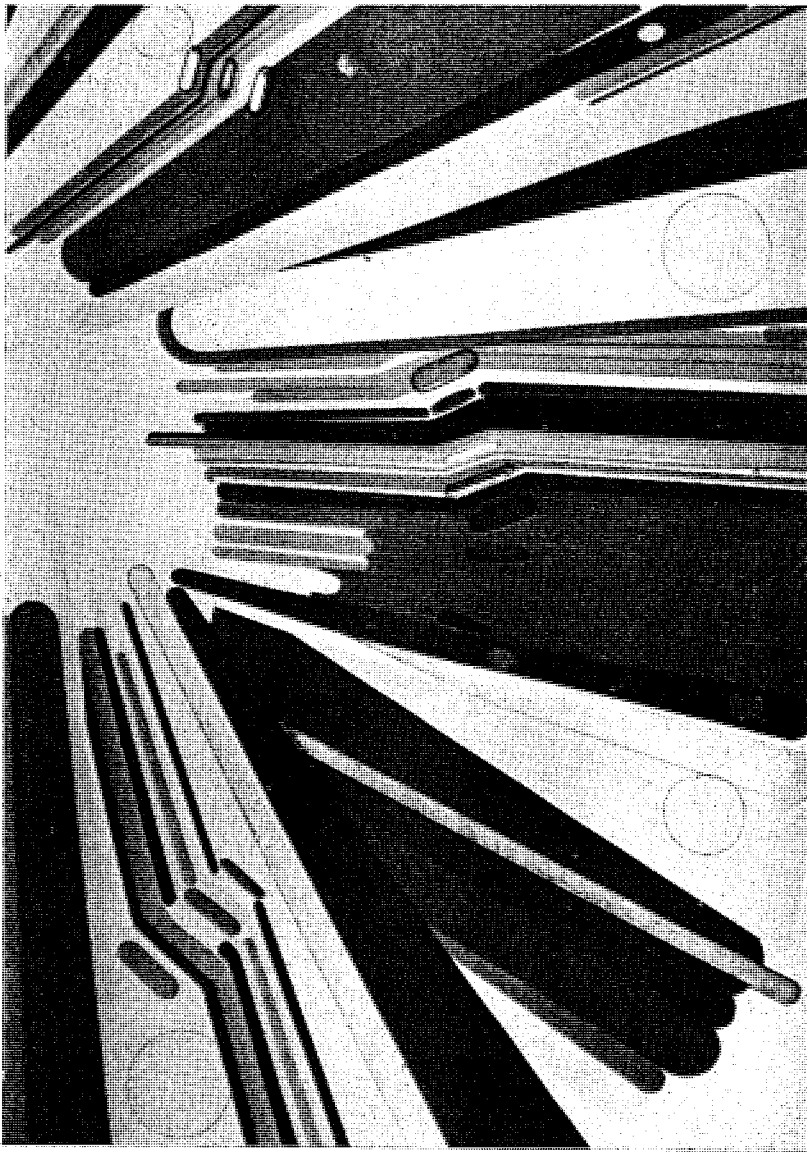


Japão / FUMIAKI FUKITA / Estrêla Fragmentando-se, 1966.



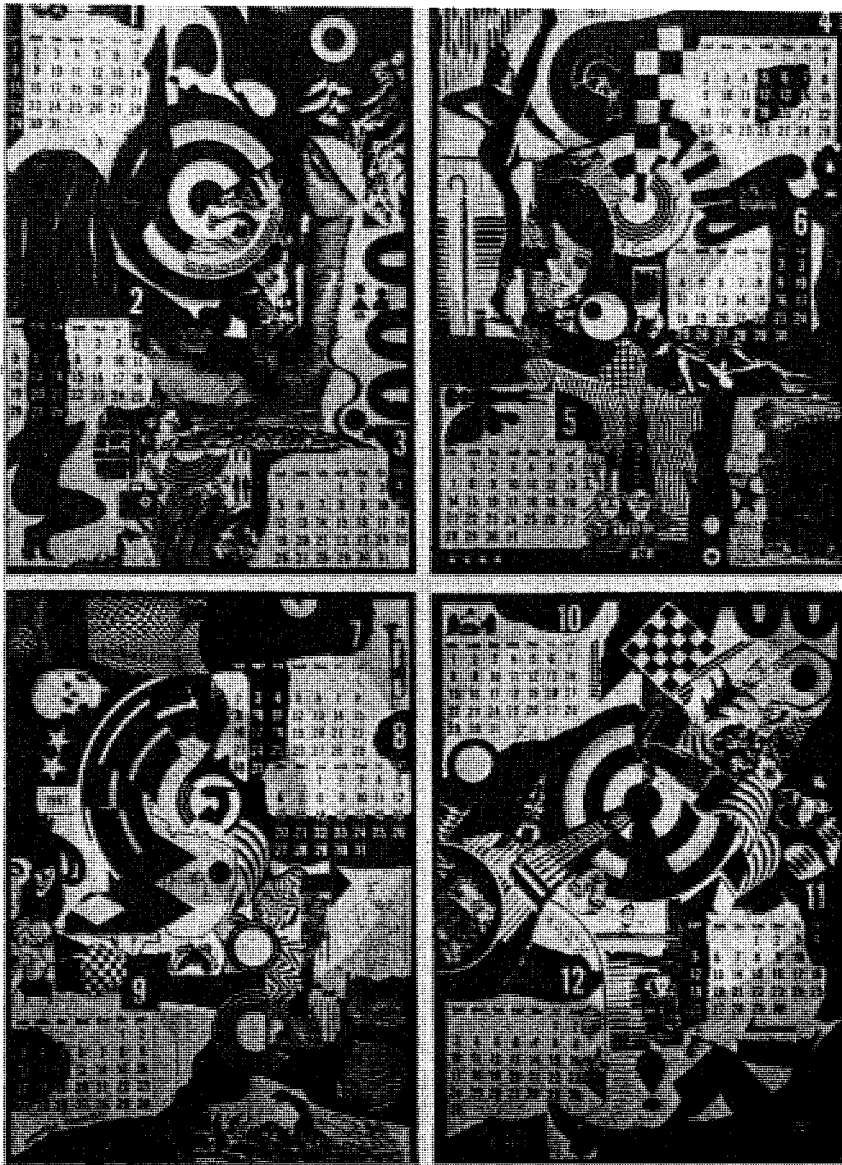
Japão / HIDEKO HAGIWARA / Reino das Fadas N.º 8, 1967.





Japão / KENJI KUSAKA / Obra 15 B, 1965.

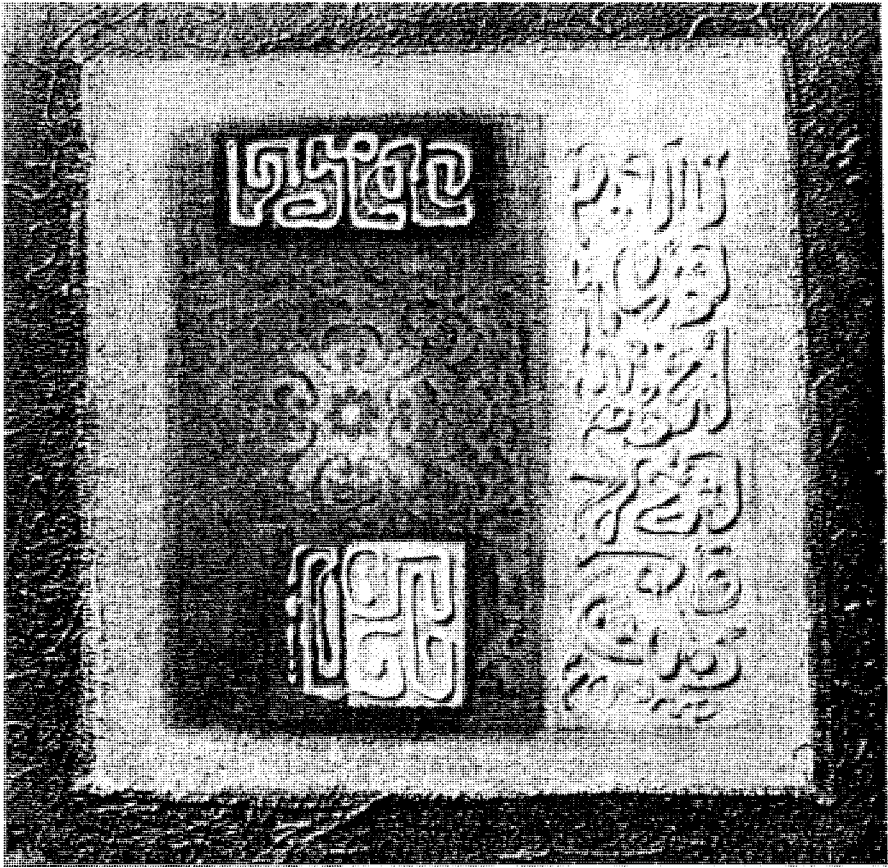




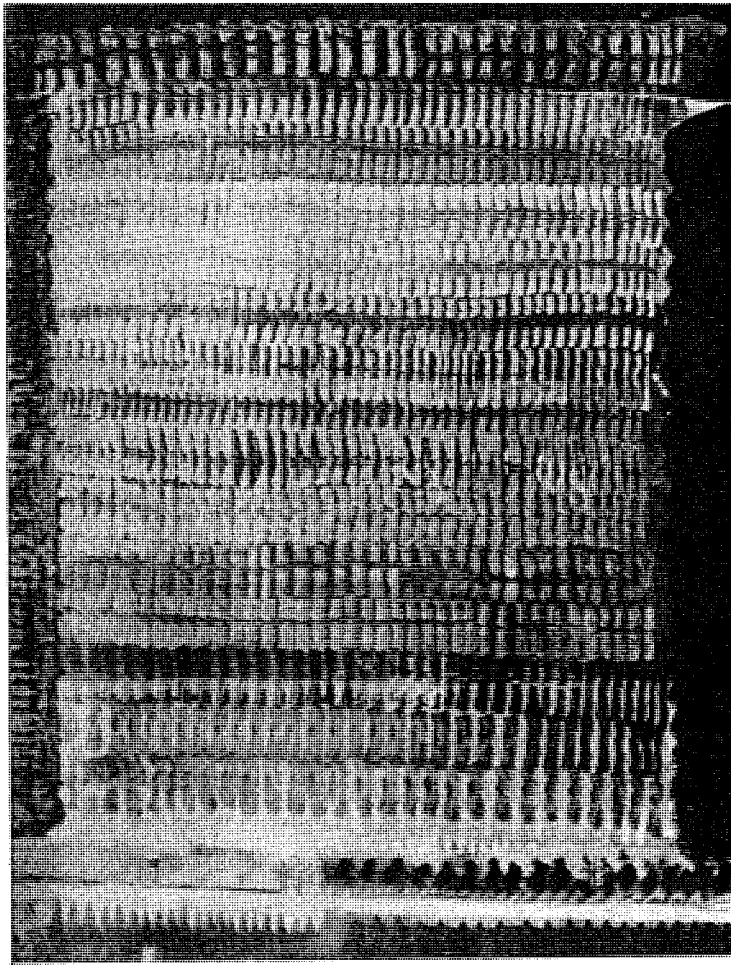
Japão / HODAKA YOSHIDA / Dias Compactos A.



Líbano / SOPHIE YÉRAMIAN / Colheita de Laranjas, 1966.



Líbano / WAJIH NAHLÉ / Arabesco, 1966.



Luxemburgo / HENRI DILLENBURG / Estandarte, 1965.



Luxemburgo / METT HOFFMANN / Sobre Fundo Cinza, 1961/63.



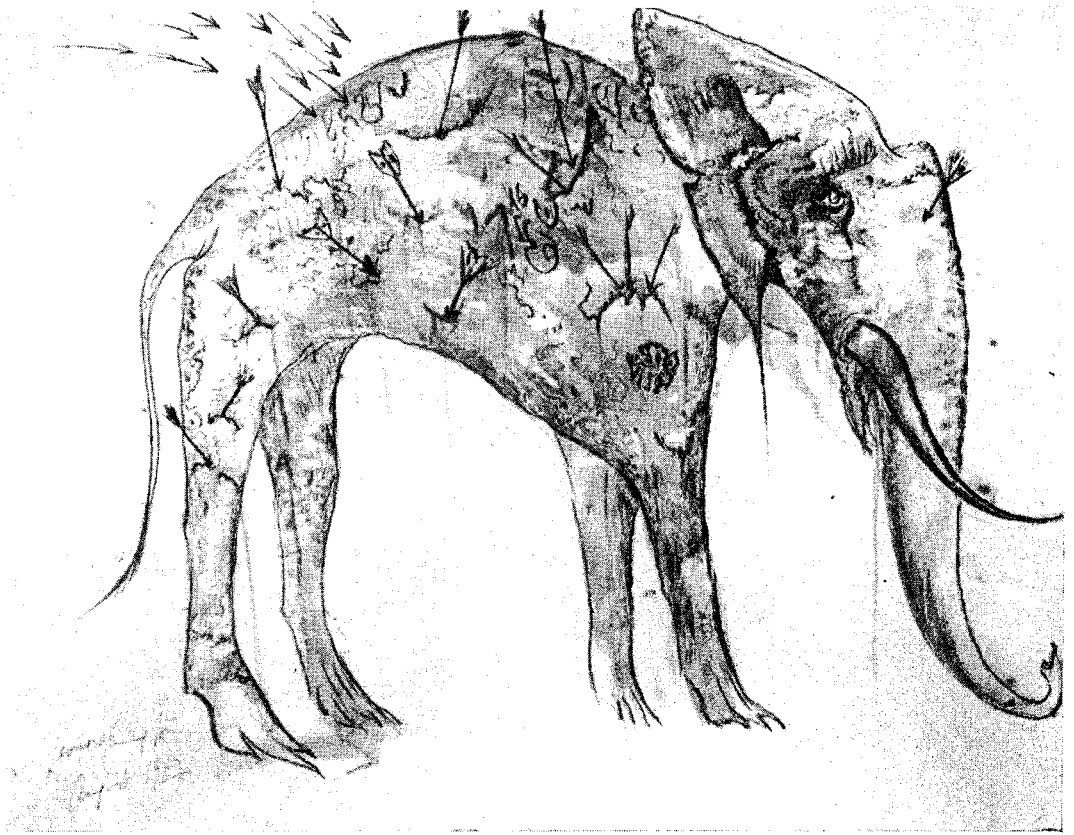


México / FRANCISCO CORZAS / Casal, 1967.

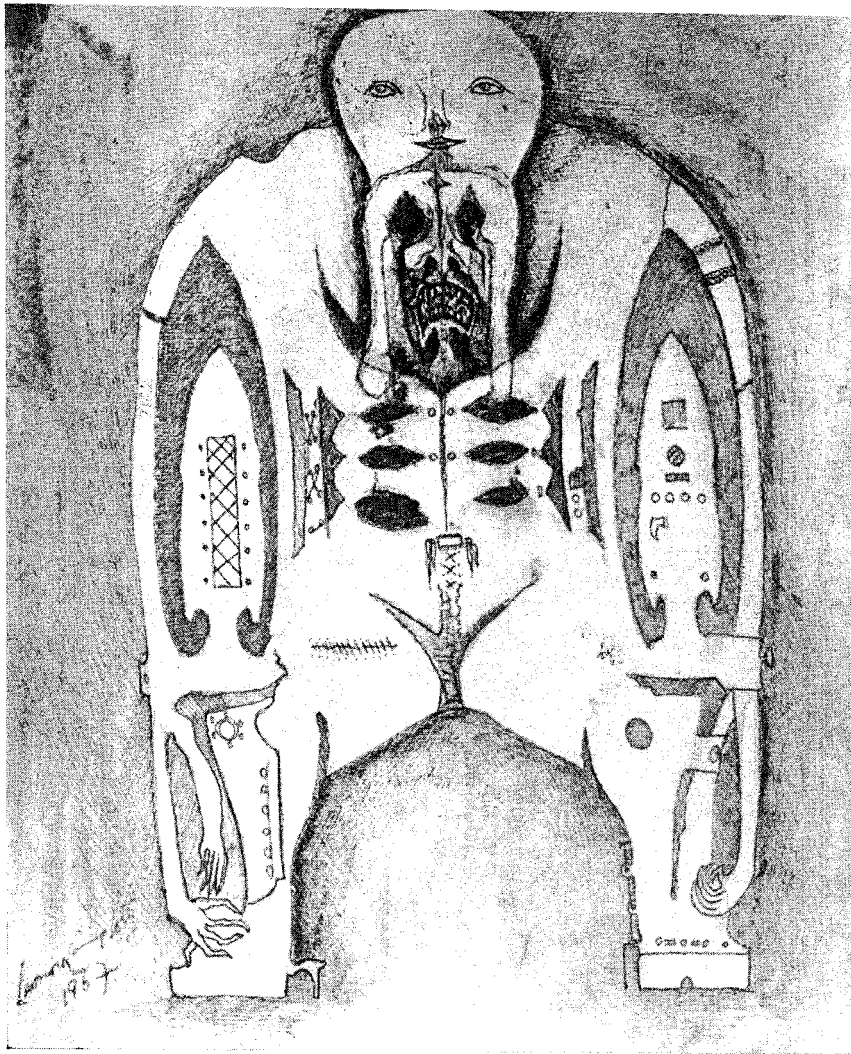




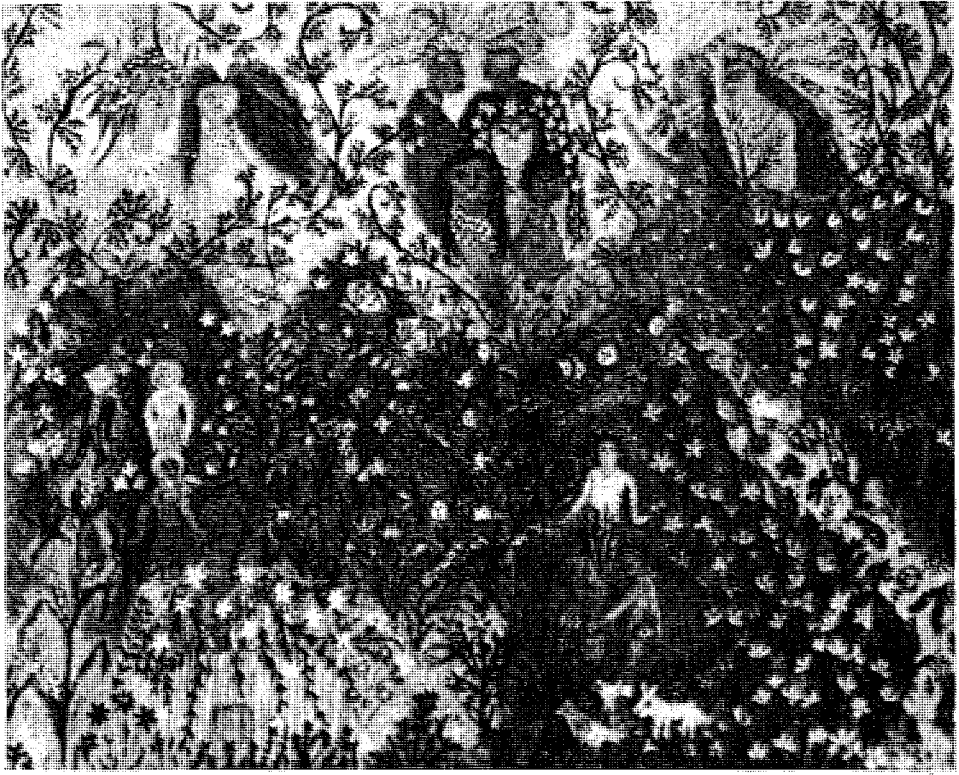
México / FRANCISCO CORZAS / O Palhaço das Bofetadas, 1967.



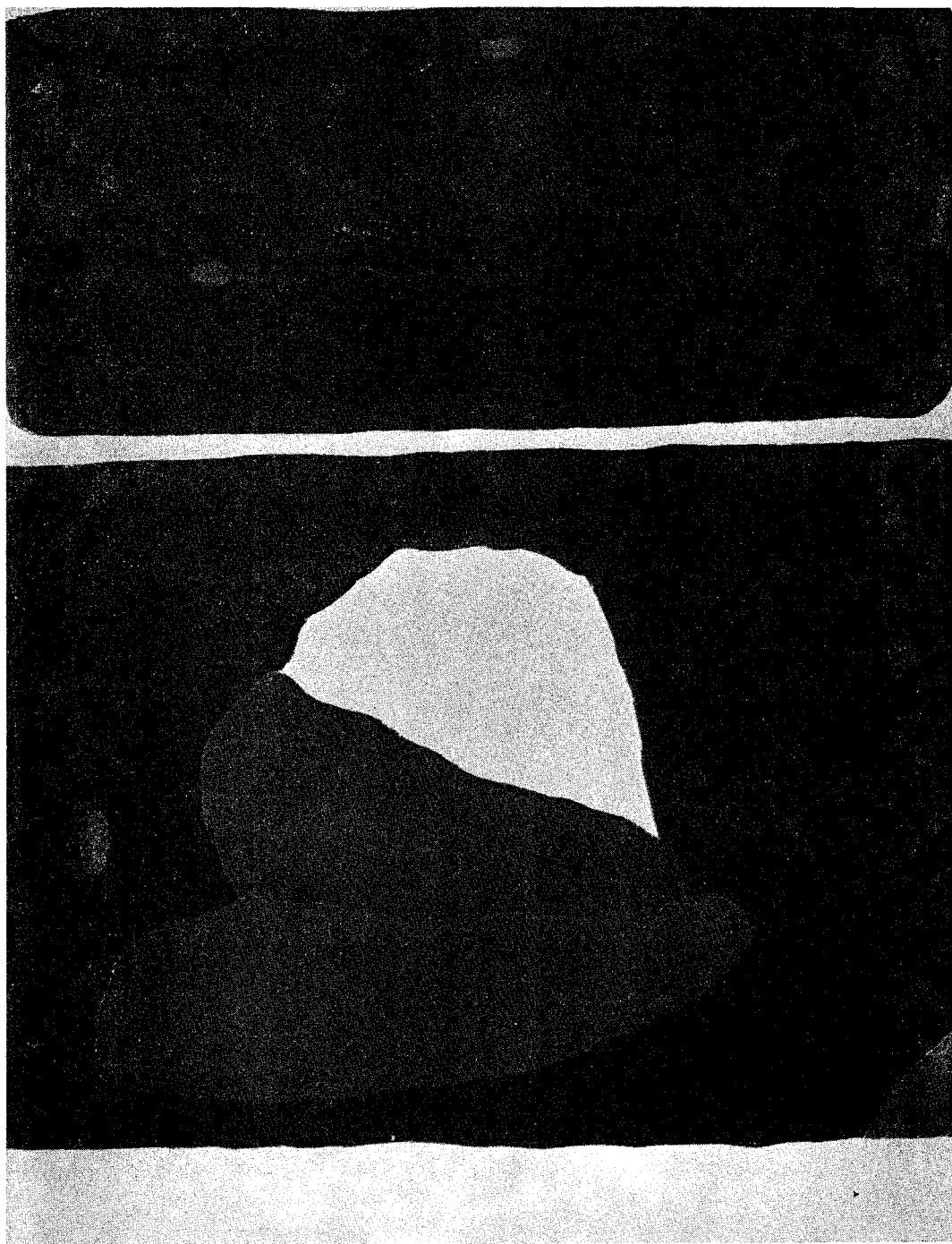
México / LEONORA CARRINGTON / Elefante Ferido, 1967.



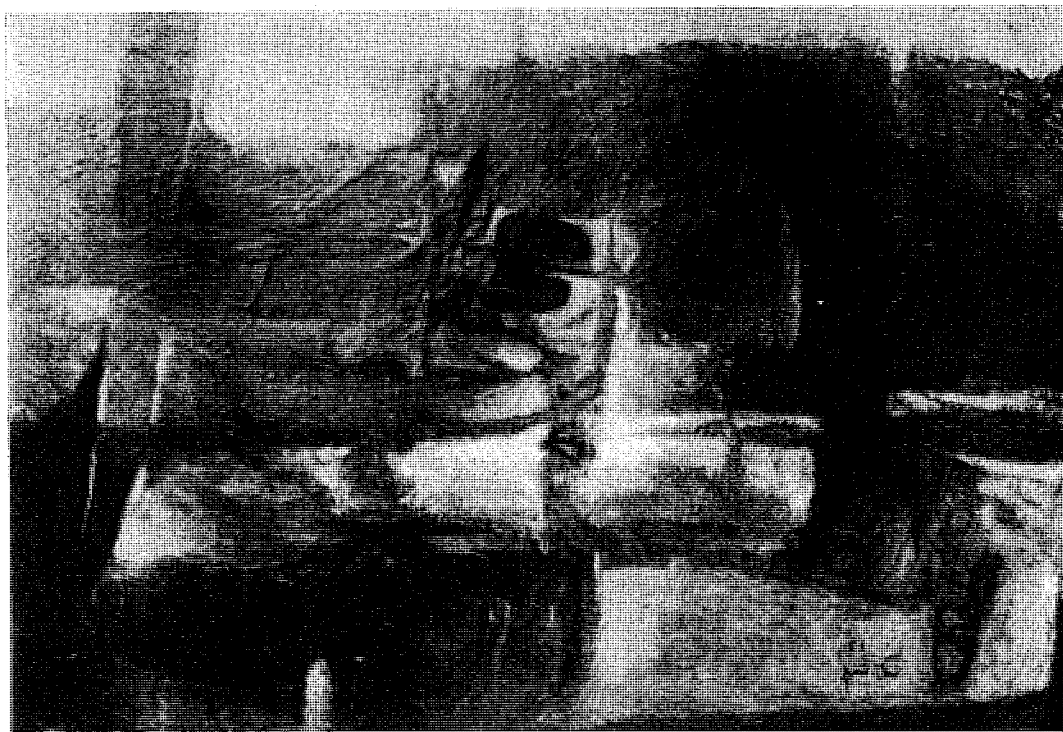
México / LEONORA CARRINGTON / "Esqueleto", 1967.



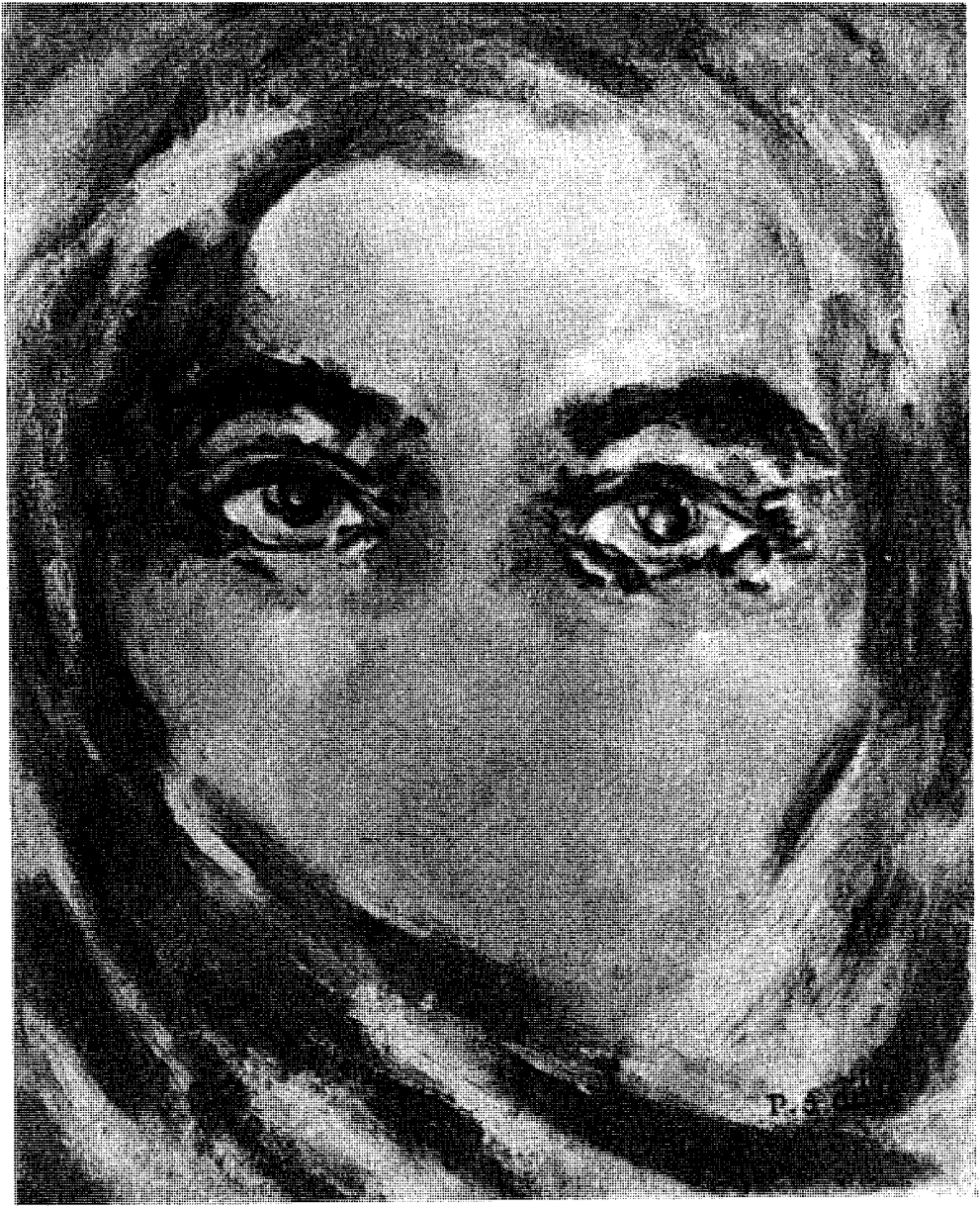
Nicaragua / ADELA VARGAS / "Popol Vuh", 1967.



Noruega / JOHS RIAN / Formas Sobre Fundo Negro, 1964.

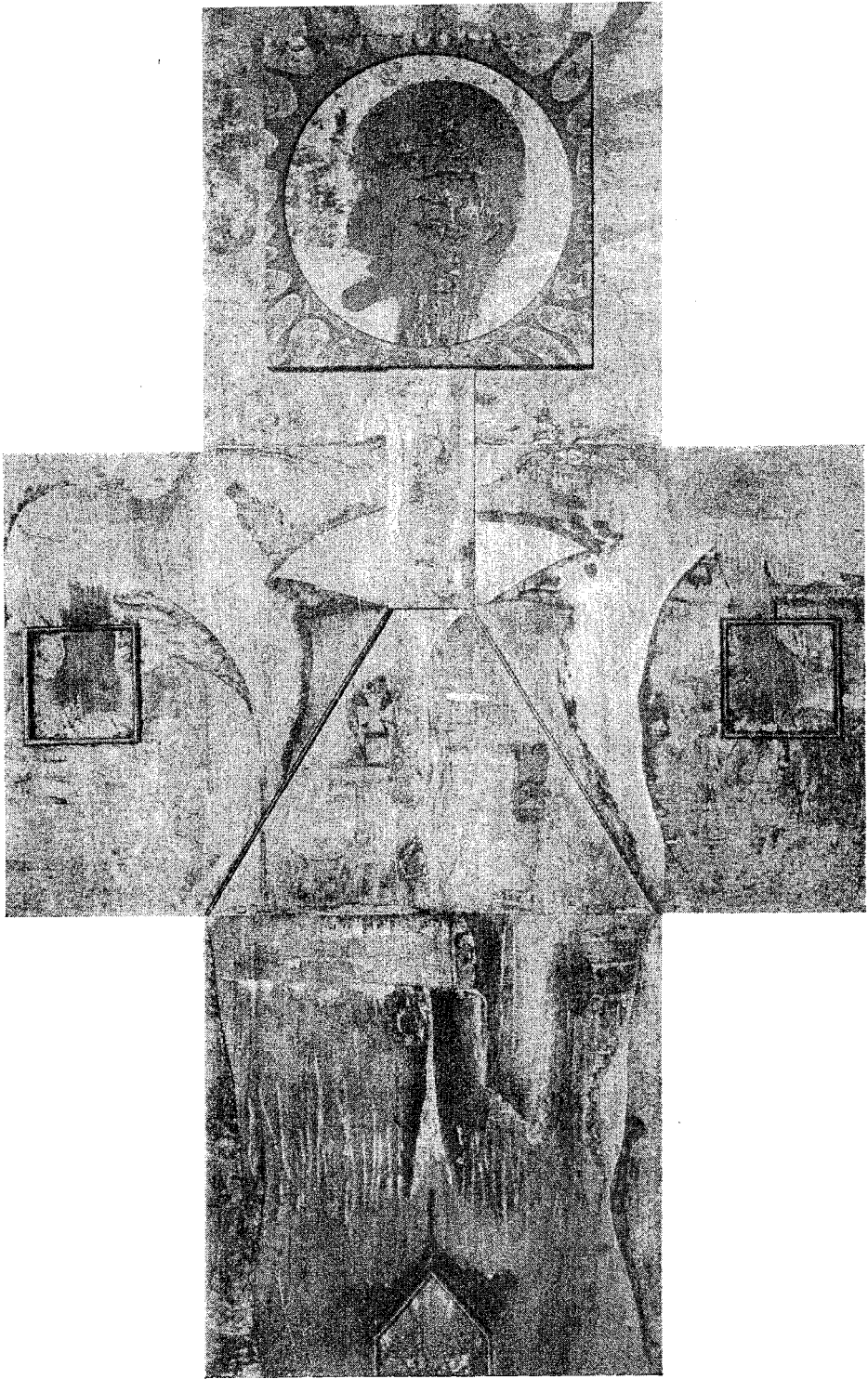


Panamá / GUILLERMO TRUJILLO / Paisagem N.º 1, 1966.



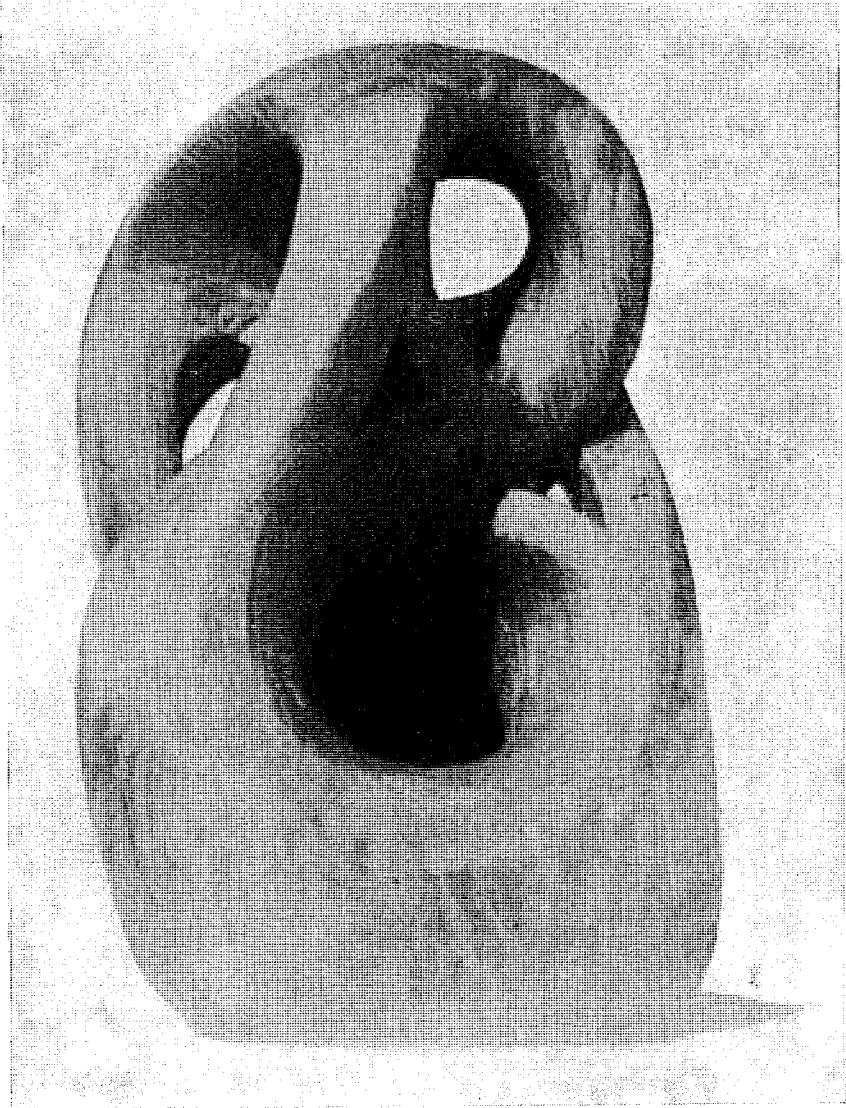
Paquistão / PARVIN IFTIKHAR ALI / Amor de Pino, 1966.



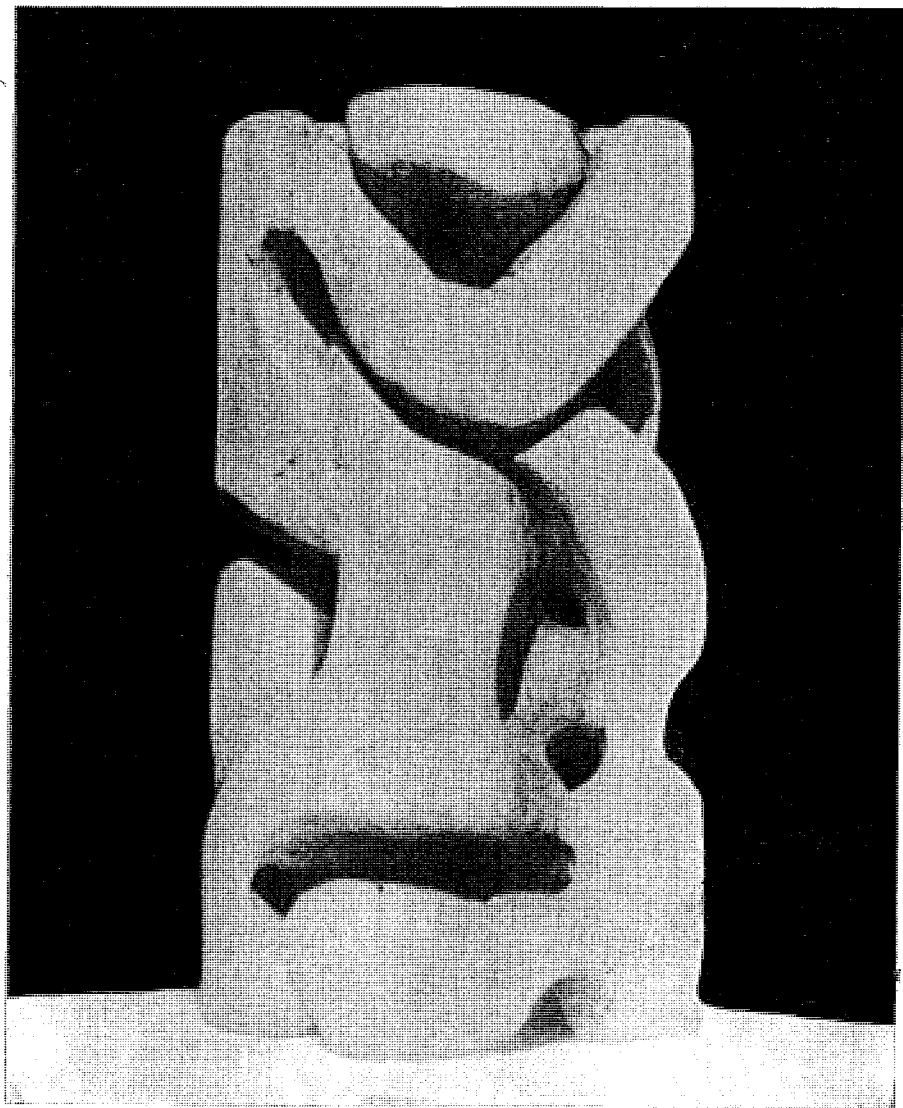


Paraguai / CARLOS COLOMBINO / Marechal do Ar, 1967.

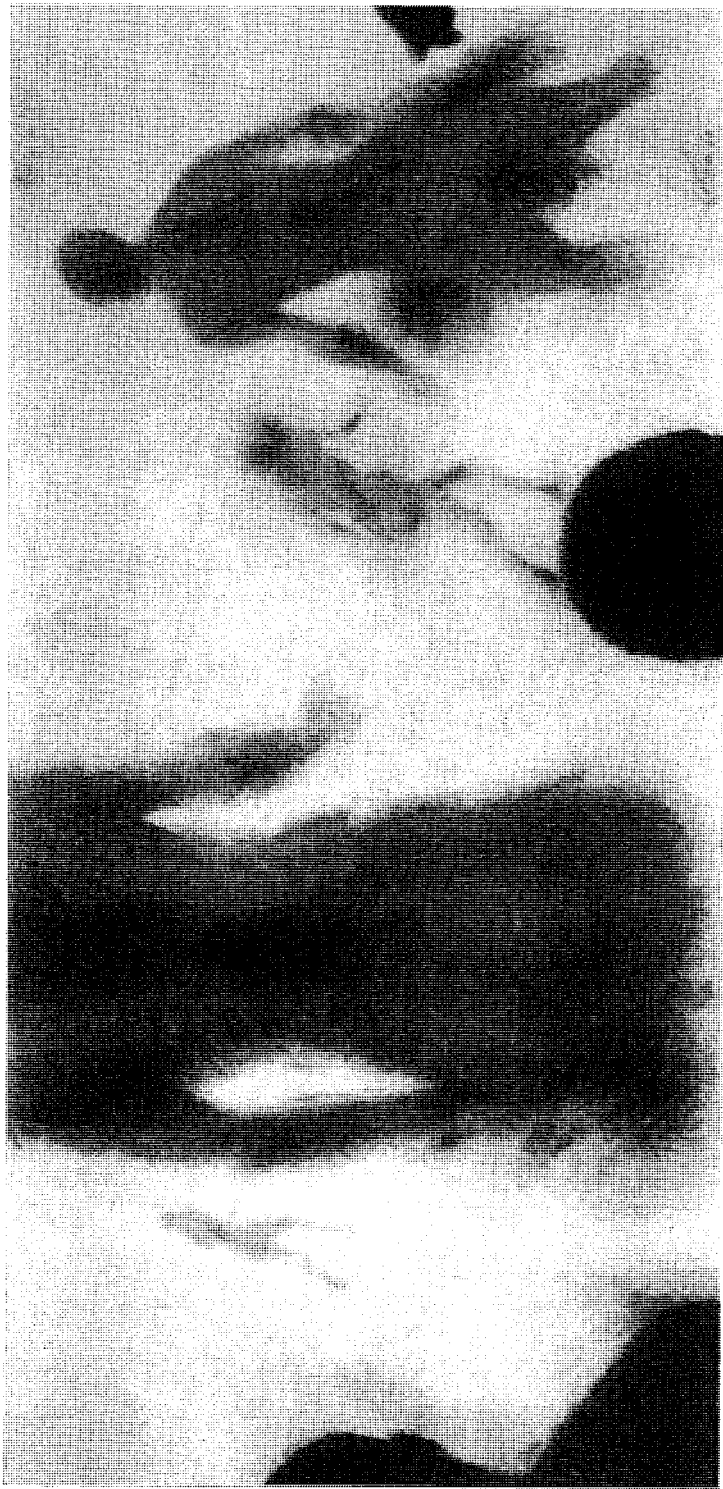




Paraguai / JOSÉ LATERZA PARODI / Recolhimento I, 1966.



Paraguai / JOSÉ LATERZA PARODI / Sonho de Raízes, 1967.



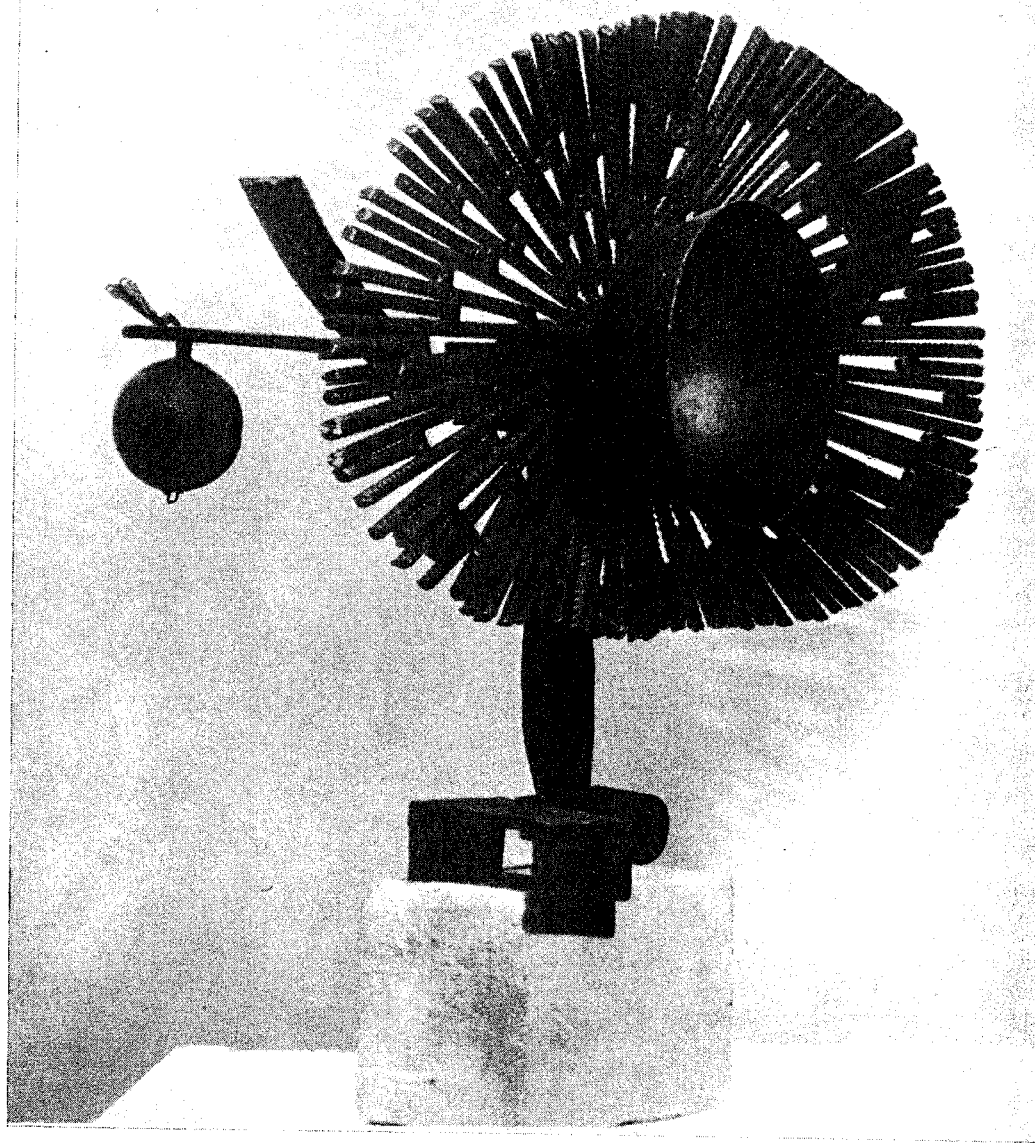
Peru / JUAN DE LA COLINA / Personagens em Movimento I, 1966.



Peru / JUAN DE LA COLINA / Personagens em Movimento III,  
1967.



Polónia / JERZY BERÉS / Fantasma-Sino, 1963.

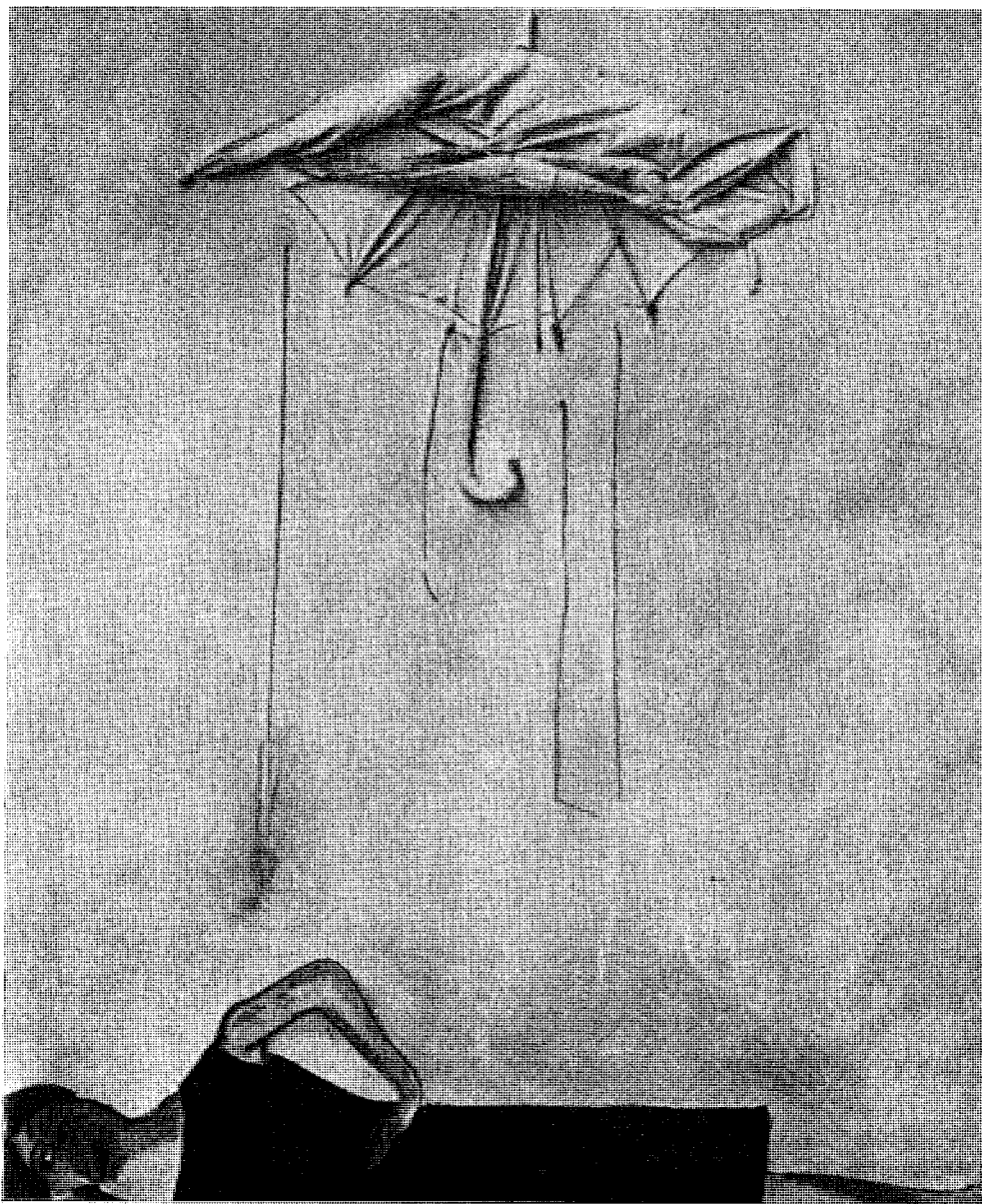


Polónia / JERZY JARNUSZKIEWICZ / Raios, 1964.



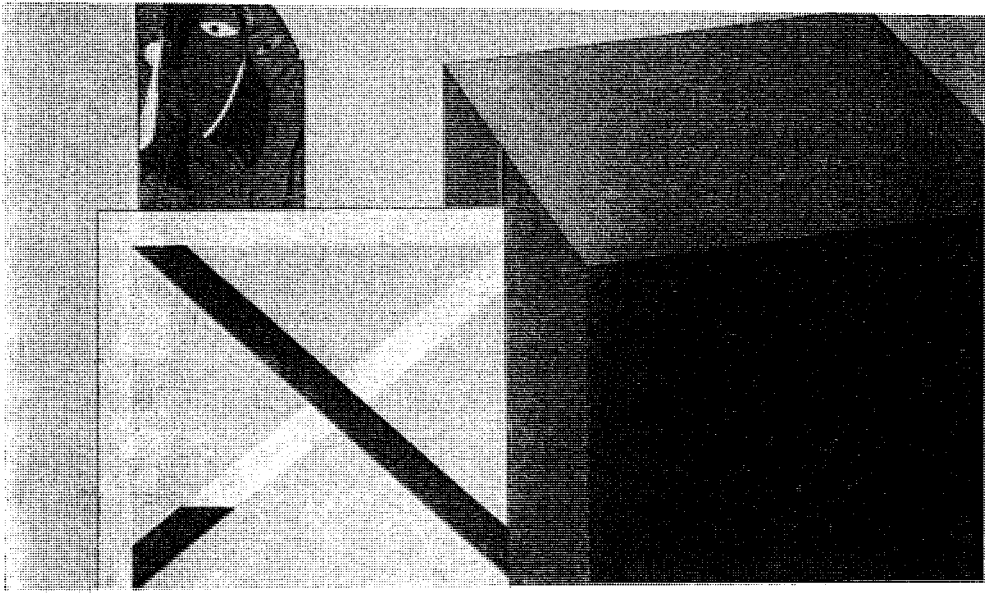
Polônia / LUCJAN MIANOWSKI / Pôr-do-Sol VII, 1967.



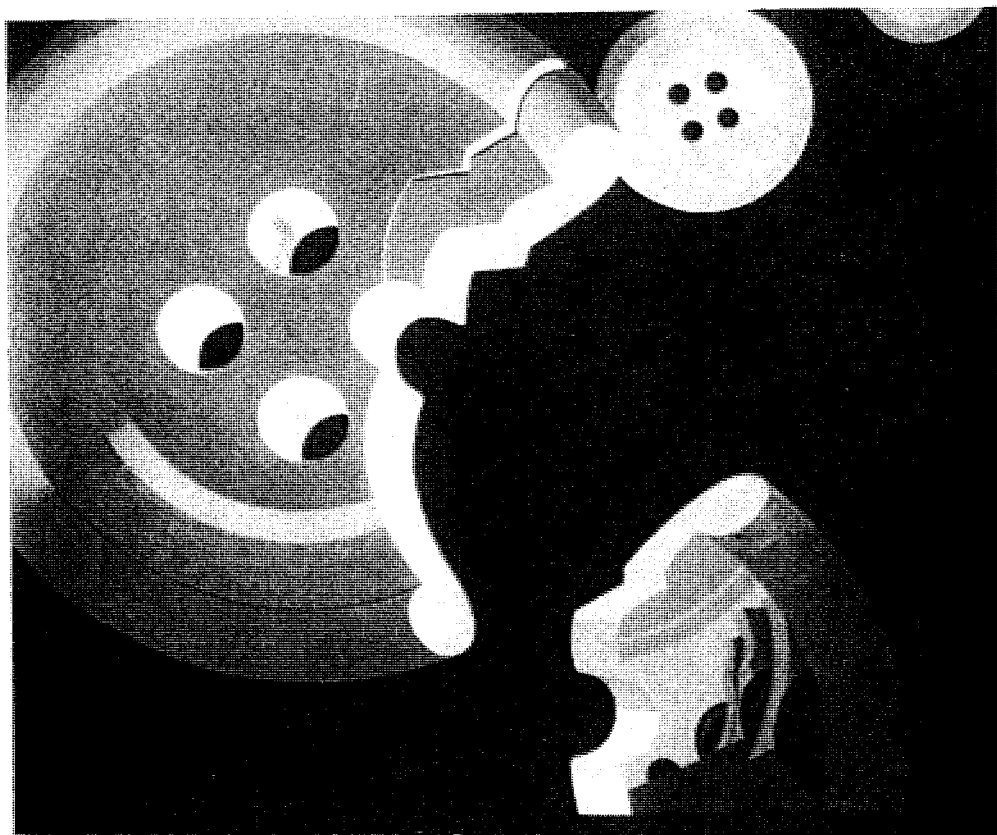


Polónia / TADEUSZ KANTOR / "Emballage" II, 1967.

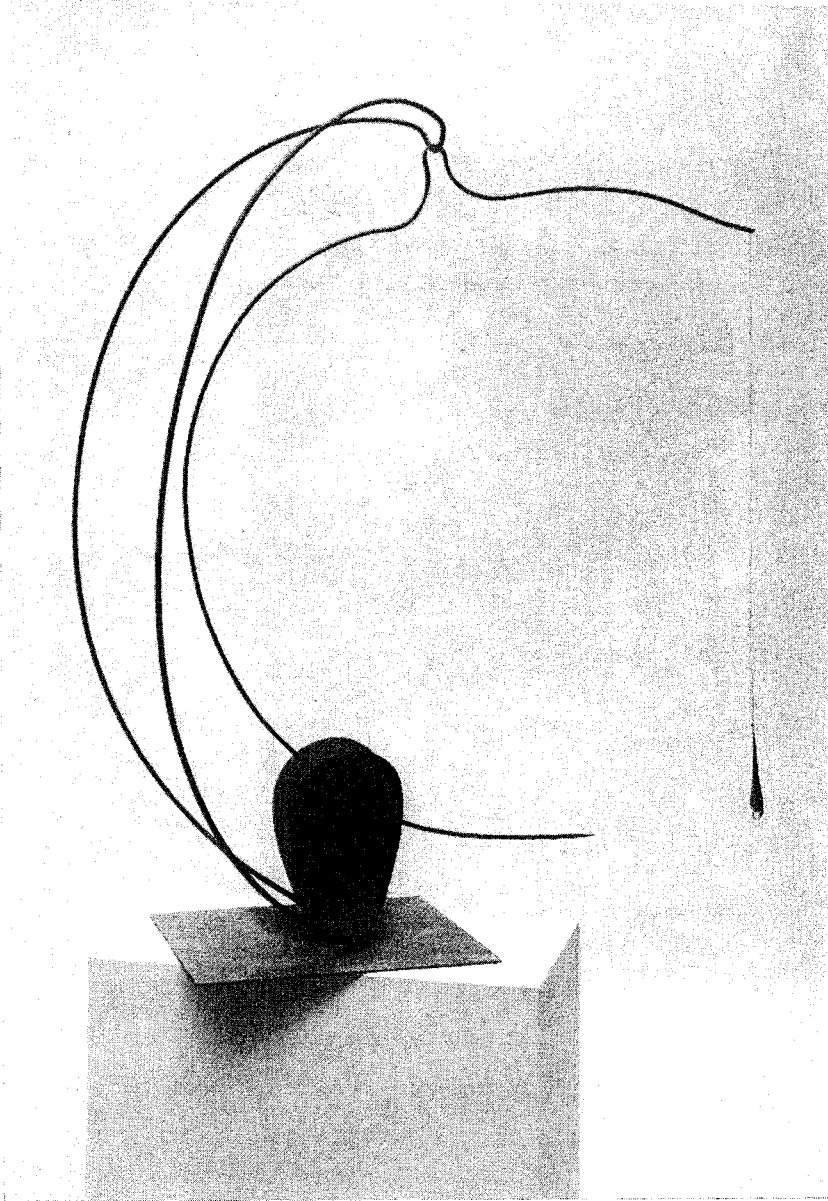




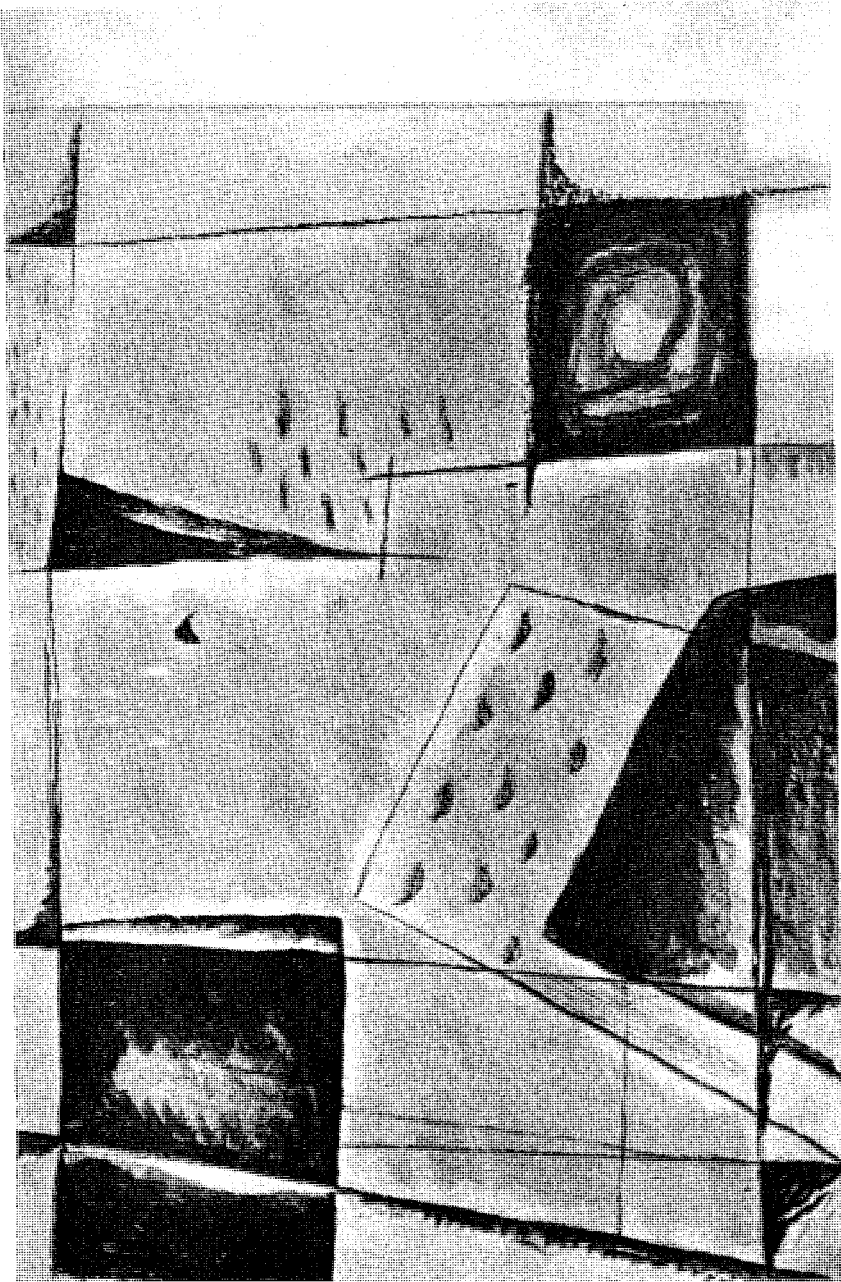
Portugal / ANTÓNIO AREAL / O Fantasma de Avignon.



Portugal / CARLOS CALVET / Aí Vêm Êles!



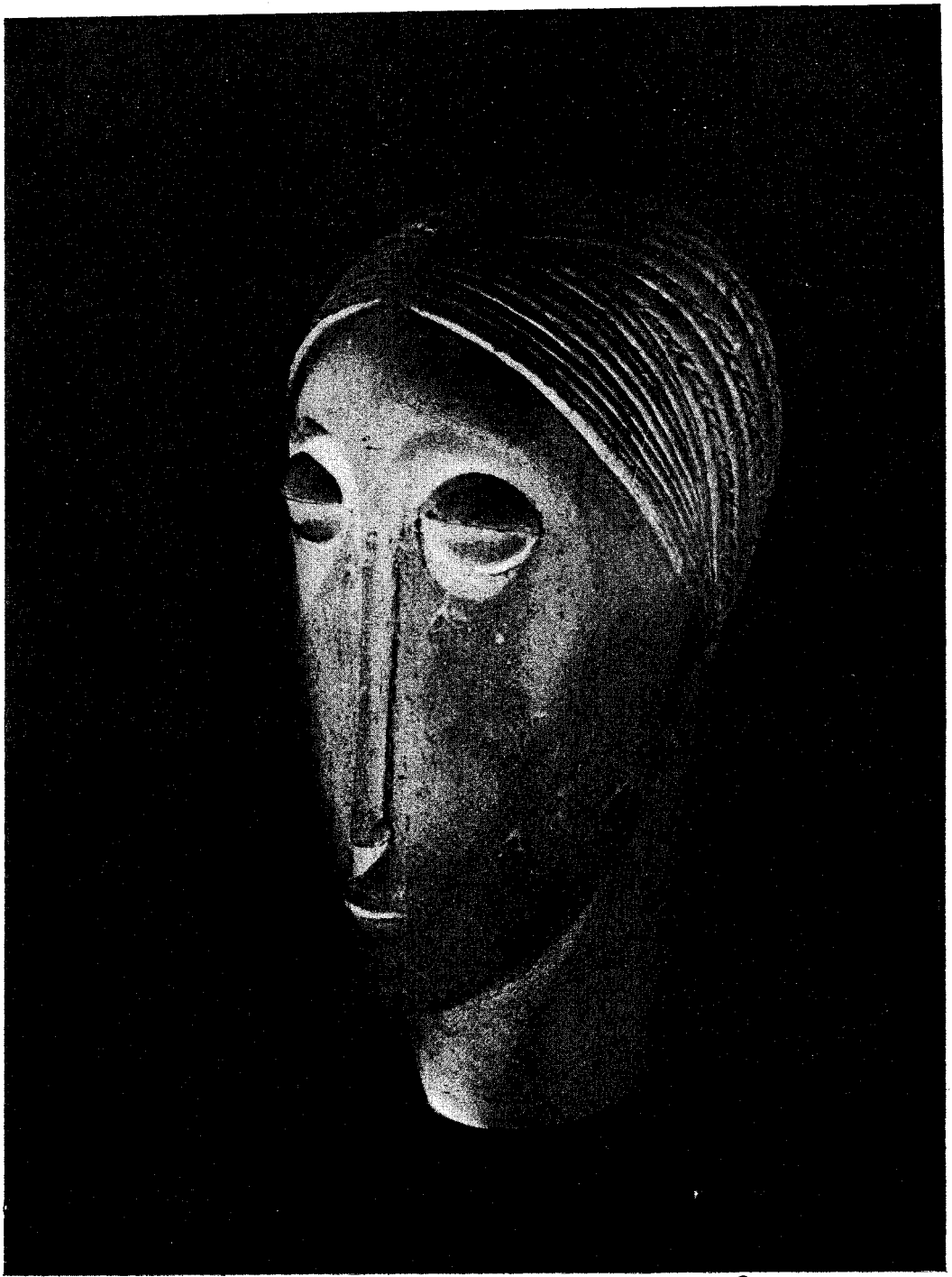
Portugal / JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES / Escultura II.



România / AUREL COJAN / Composição, 1963.



România / VIRGIL ALMĂNSANU / Espíritos da Terra, 1965.



Sudão / MOHAMED ABDEL RAZAG / Cabeça de Môça, 1967.

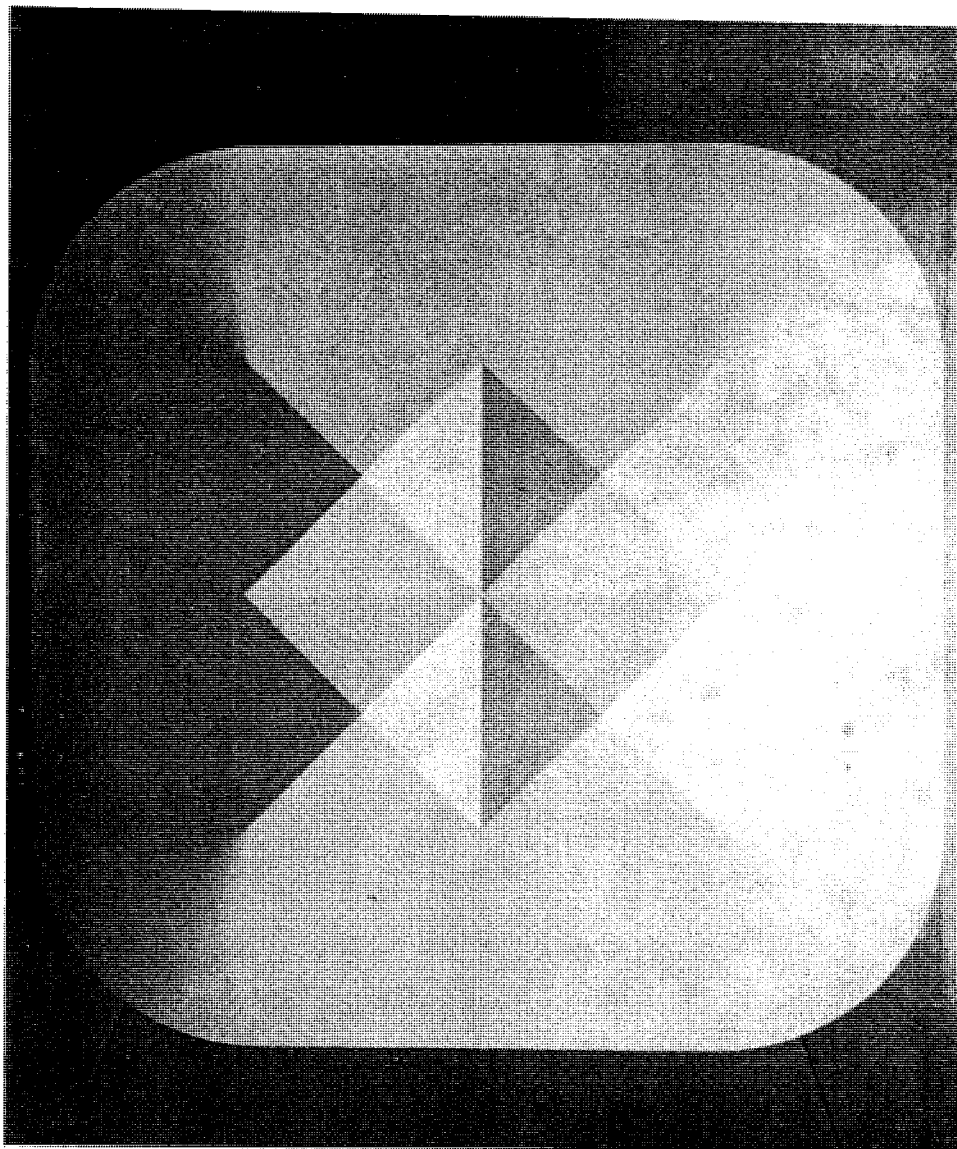


Suécia / LAGE LINDELL / Pintura, 1966/67.

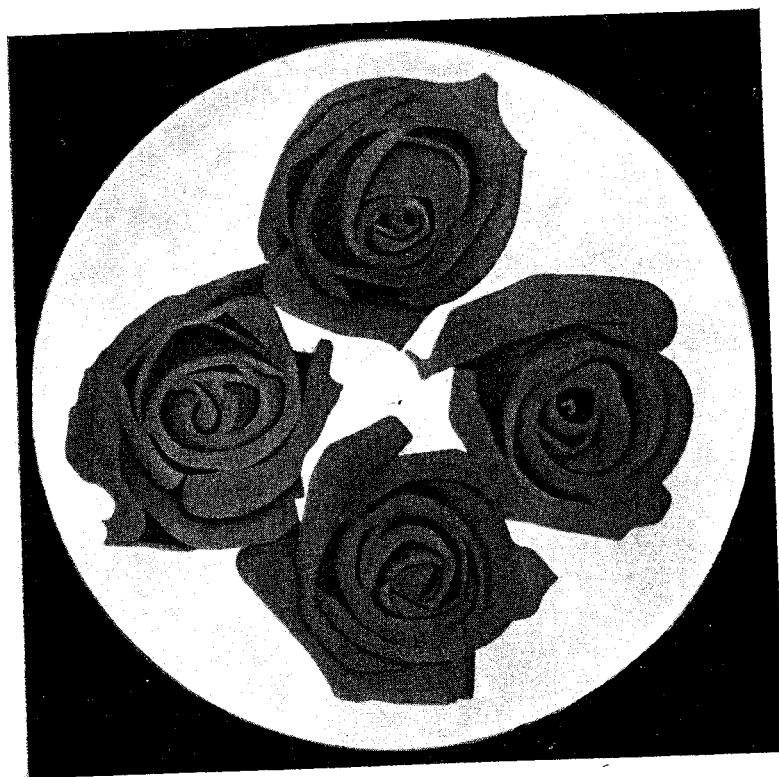


Suécia / LAGE LINDELL / Pintura, 1966/67.





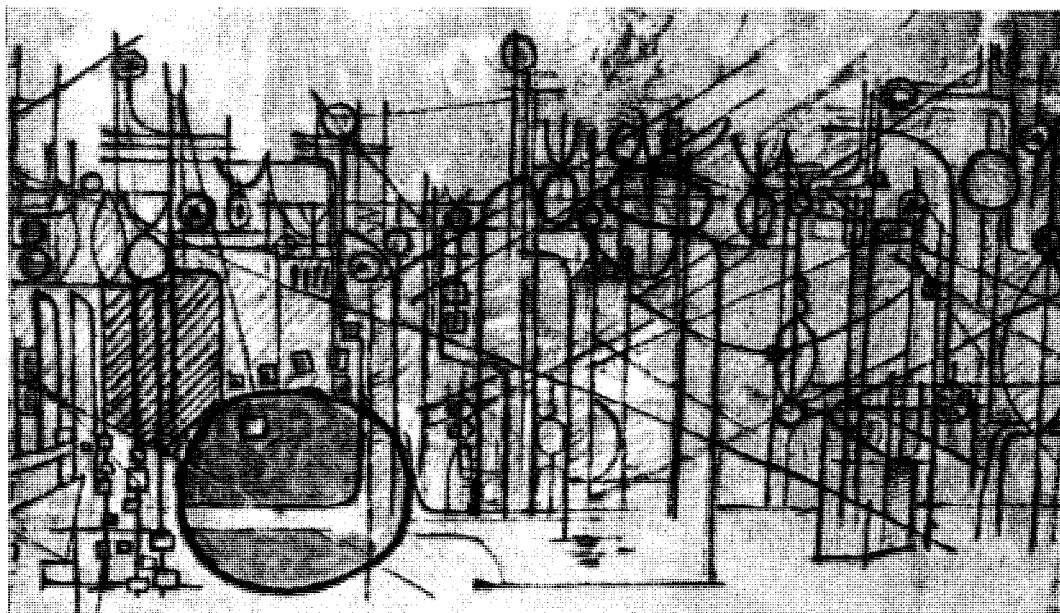
Suíça / ANDREAS CHRISTEN / Forma Única 1/2, 1967.



Suíça / PETER STÄMPFLI / "Le Mans", 1966.  
Suíça / PETER STÄMPFLI / 4 Rosas, 1966.



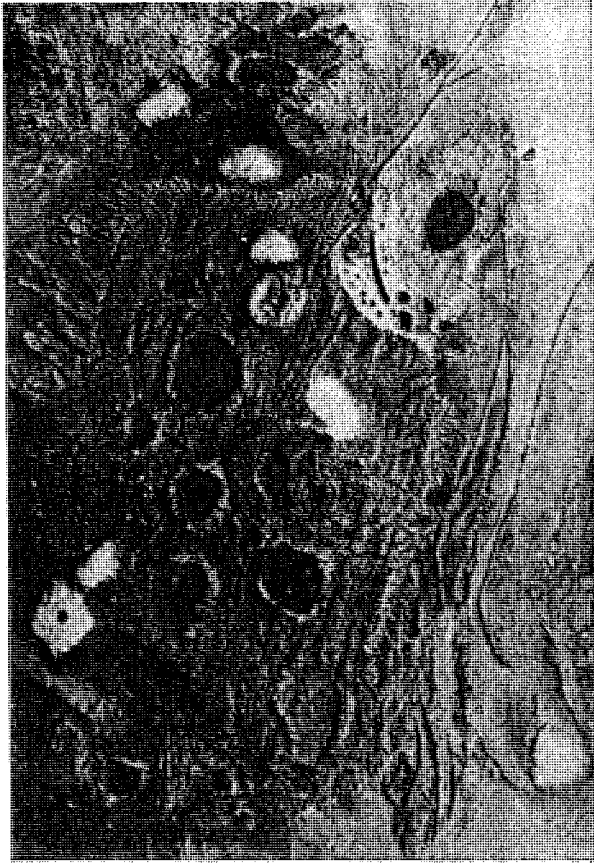
Tailândia / SAN SAKORNBORIRAK / Madeira Verde, 1967.



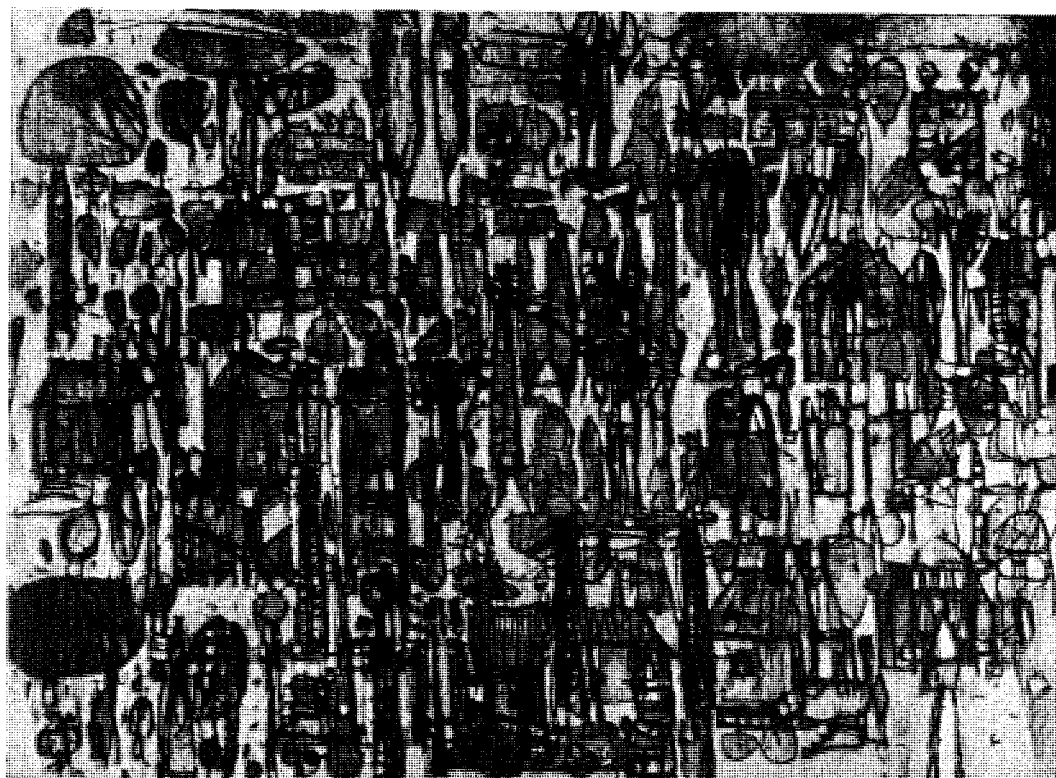
Taiti / FRANK FAY / Urbanização, 1967.



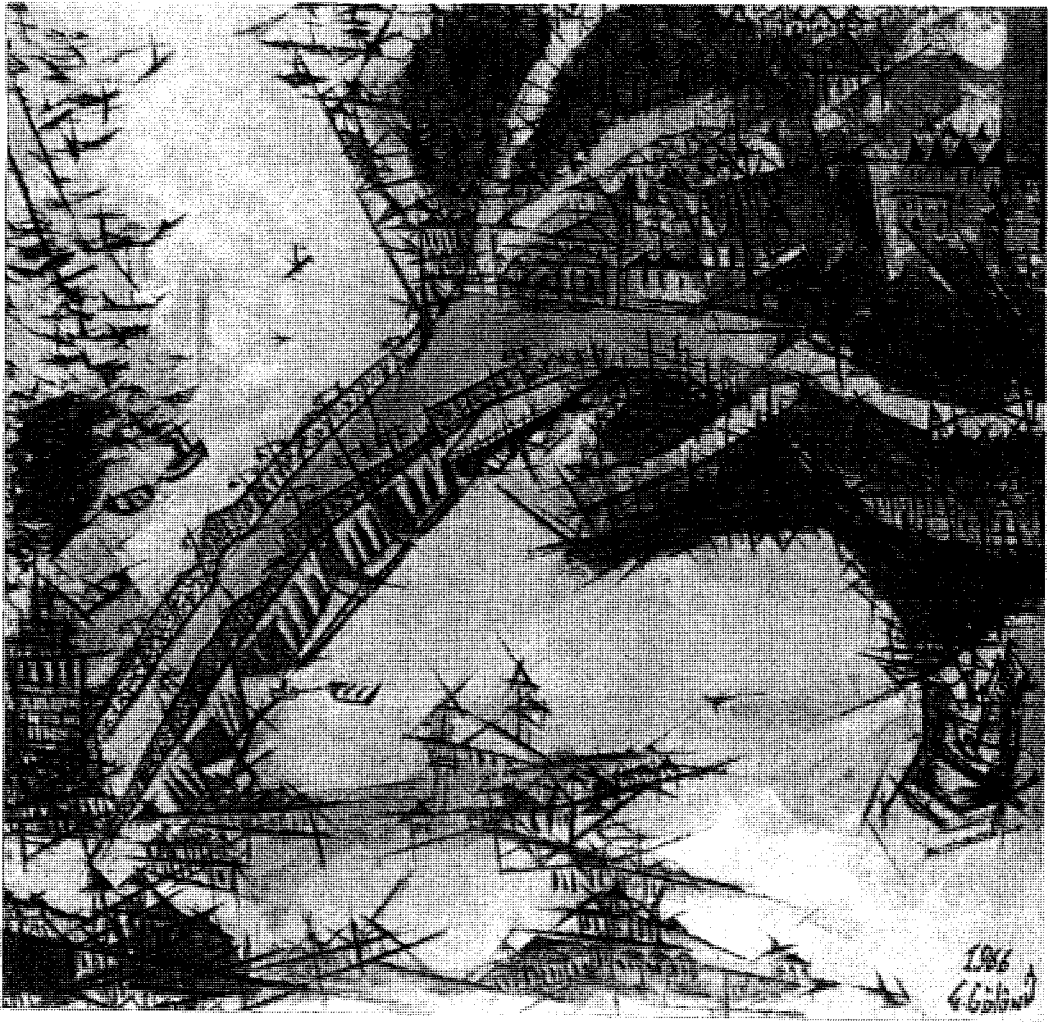
Trinidad e Tobago / ARTHUR MAGIN / Campos Celestiais, 1967.



Trinidad e Tobago / RALPH BANEY / Formações, 1967.

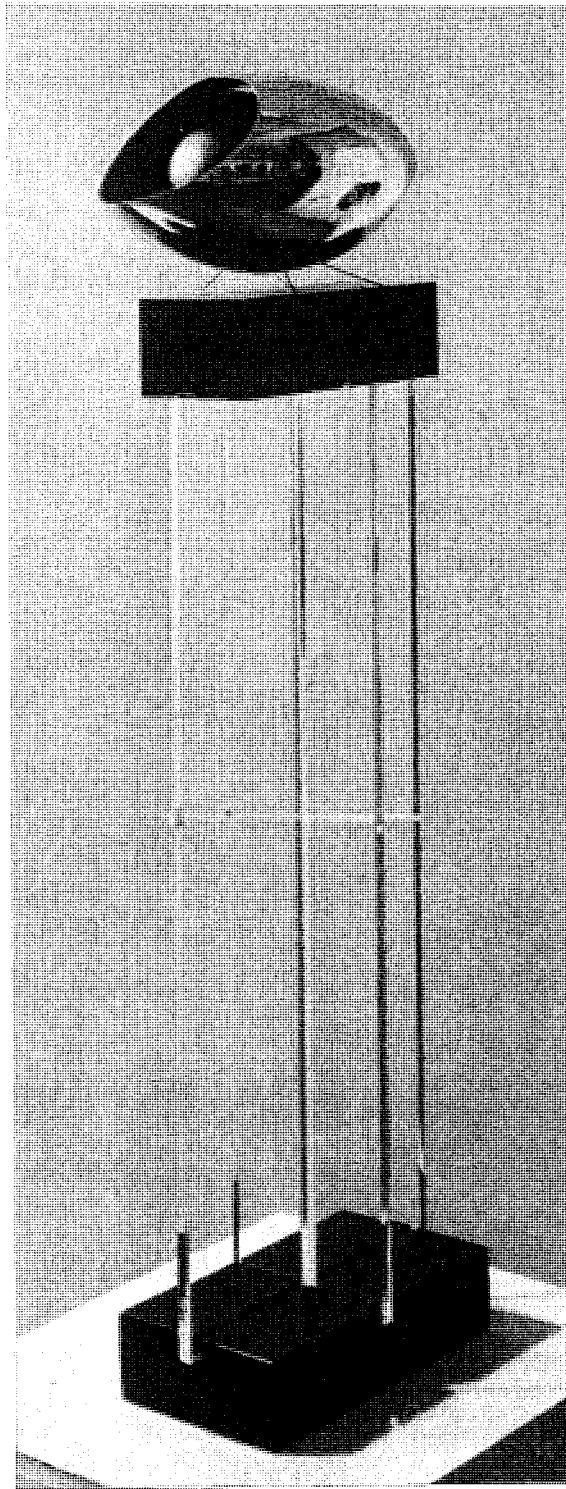


Turquia / ERBIL DEVRIM / Variações Sobre Anatólia, 1967. 110

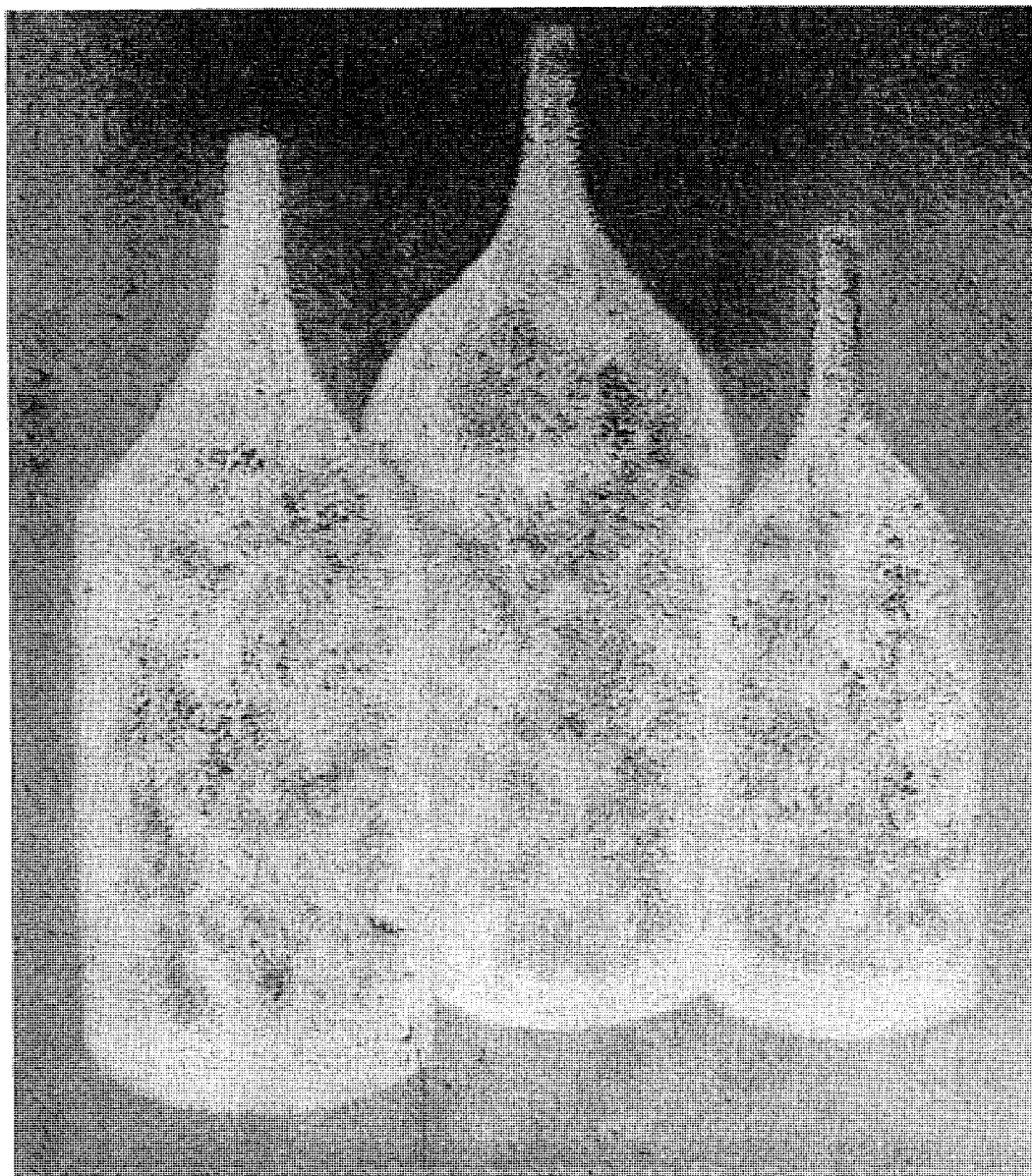


Turquia / GÜNDÜZ GÖLÖNÜ / Ponte de Gálata, 1966.

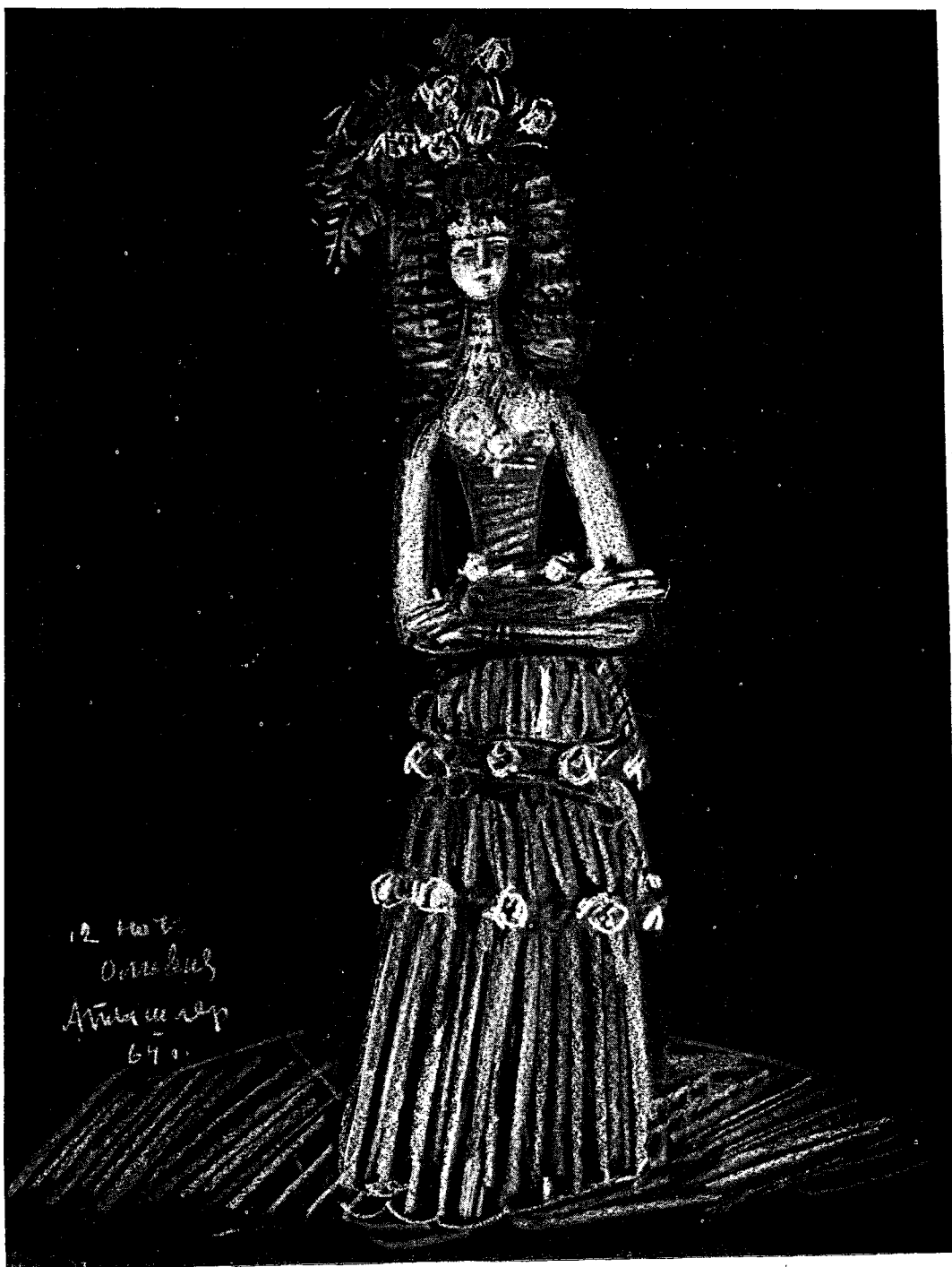




União Panamericana / ALBERTO COLLIE / "Absoluto Espacial"  
N.º 18".



União Panamericana / MAURICIO AGUILAR / "Três Garrafas, 1967".



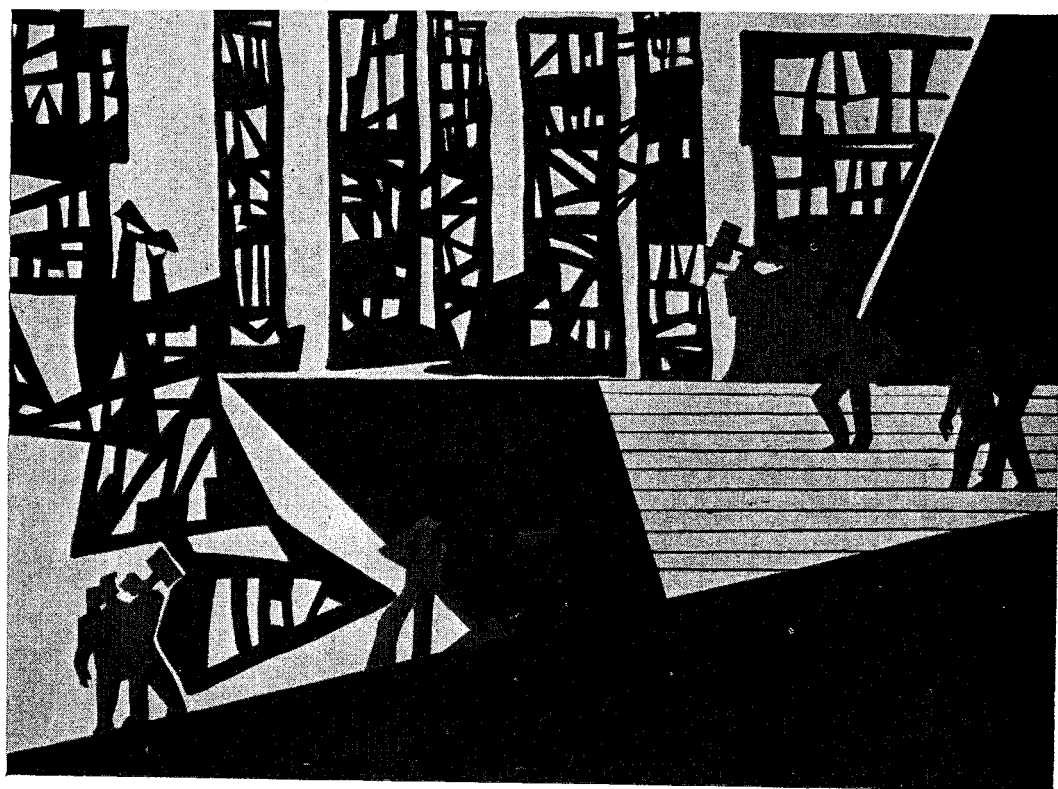
União Soviética / ALEXANDRE TICHLER / Esboço de Vestuário para  
a Comédia "A Duodécima Noite", 1964.



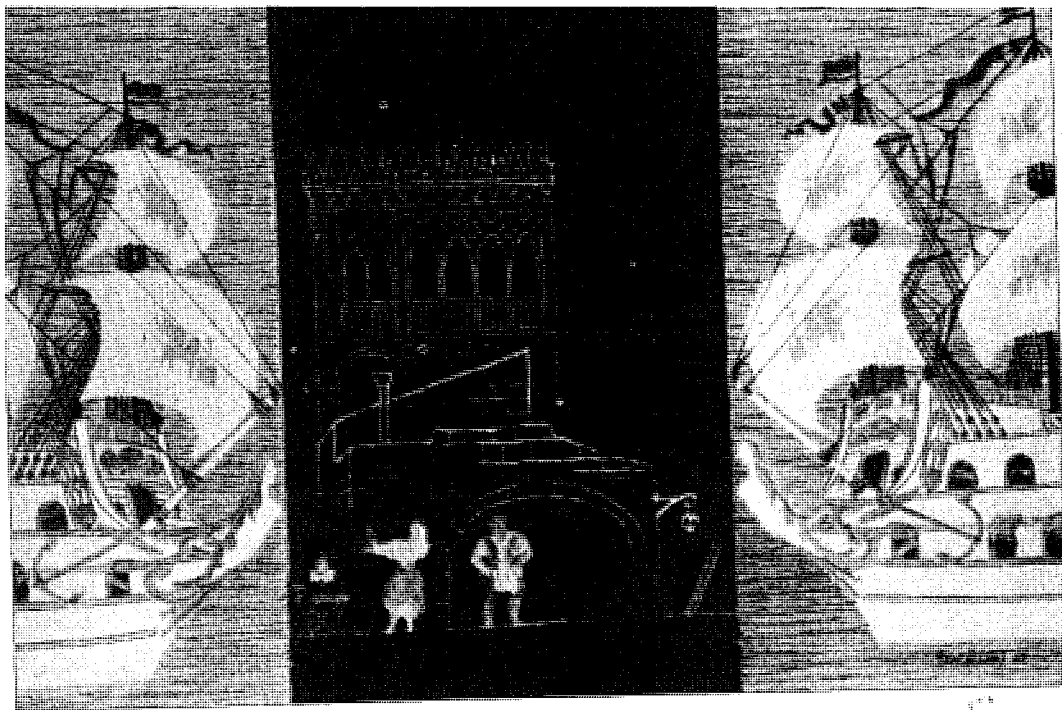
União Soviética / BERDZENICHVILI MERAB / Esbôço de Decoração  
para a Opereta "Comblé", 1963.



União Soviética / BERDZENICHVILI MERAB / Esbôço de Vestuário para a Opereta "Comblé", 1963.

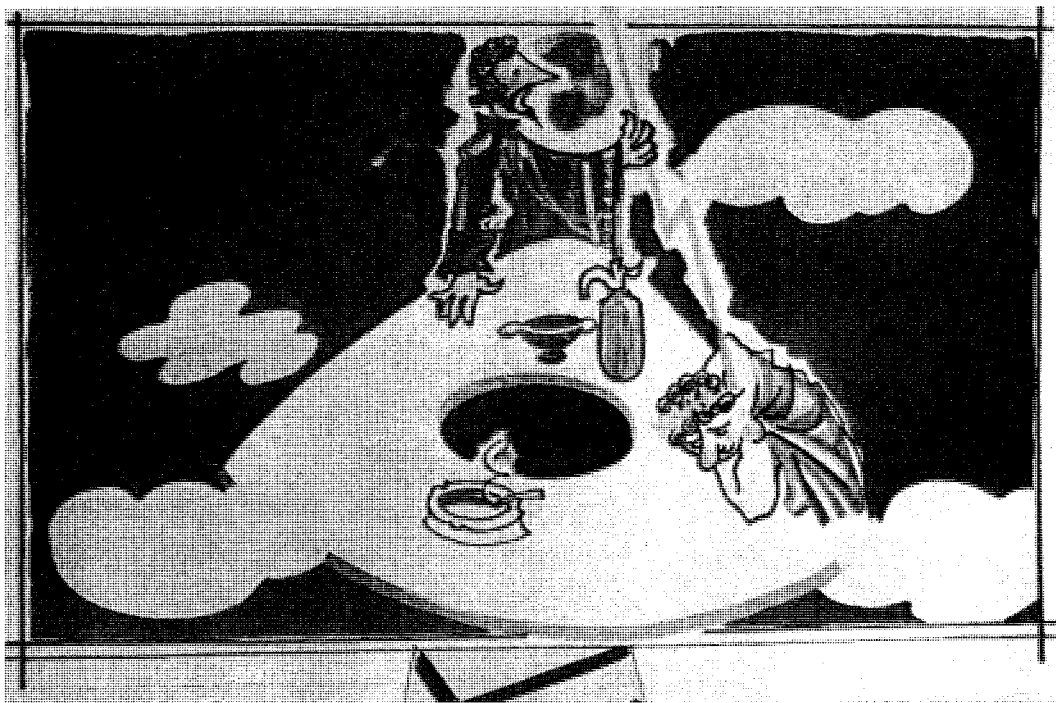


União Soviética / IGOR KOROGODIN / Esboço de Decoração para a Peça "Misteria-Buff", 1965.



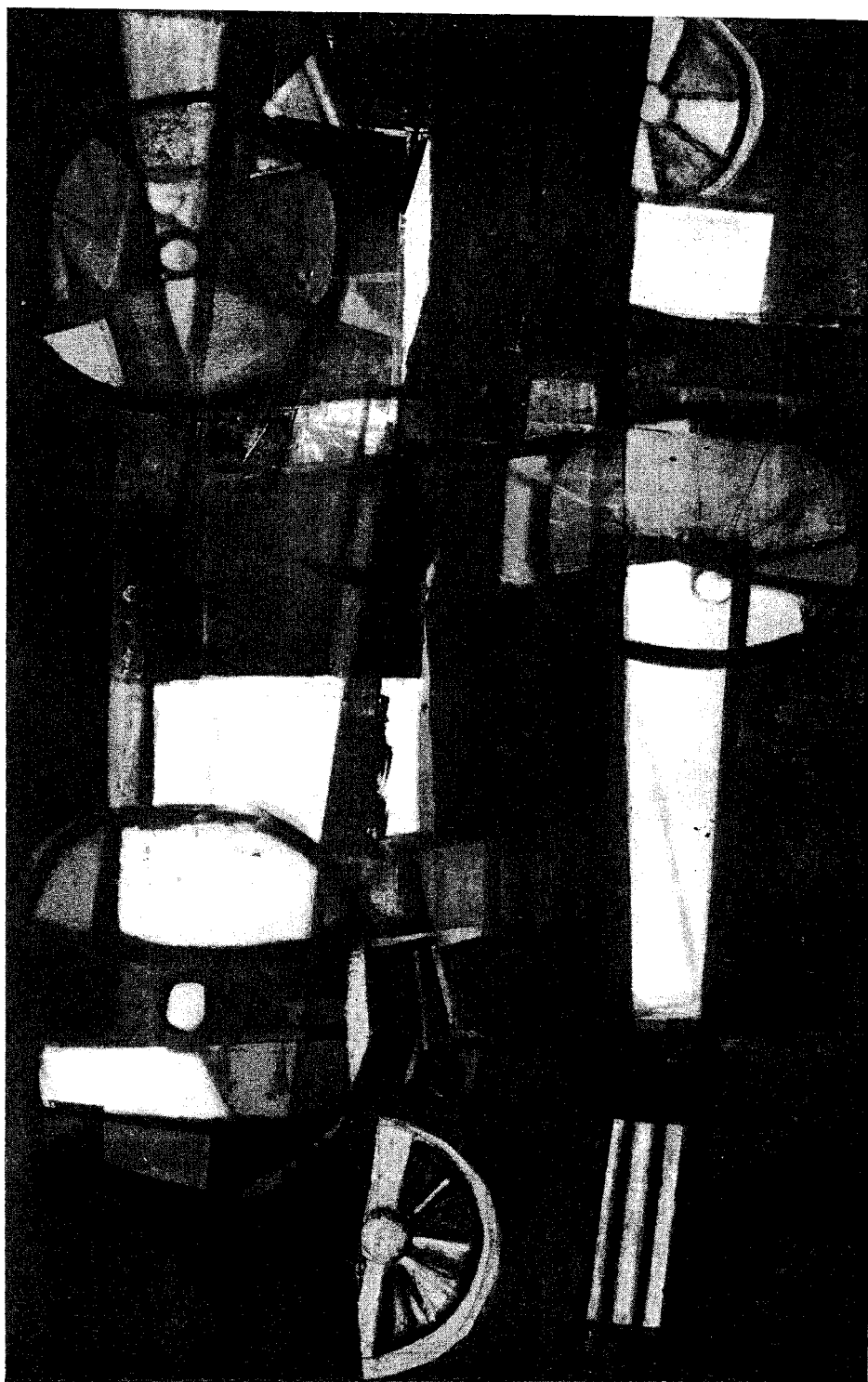
União Soviética / NATÃO ALTMAN / Esbôço de Decoração para a Tragédia "Otelo", 1966.



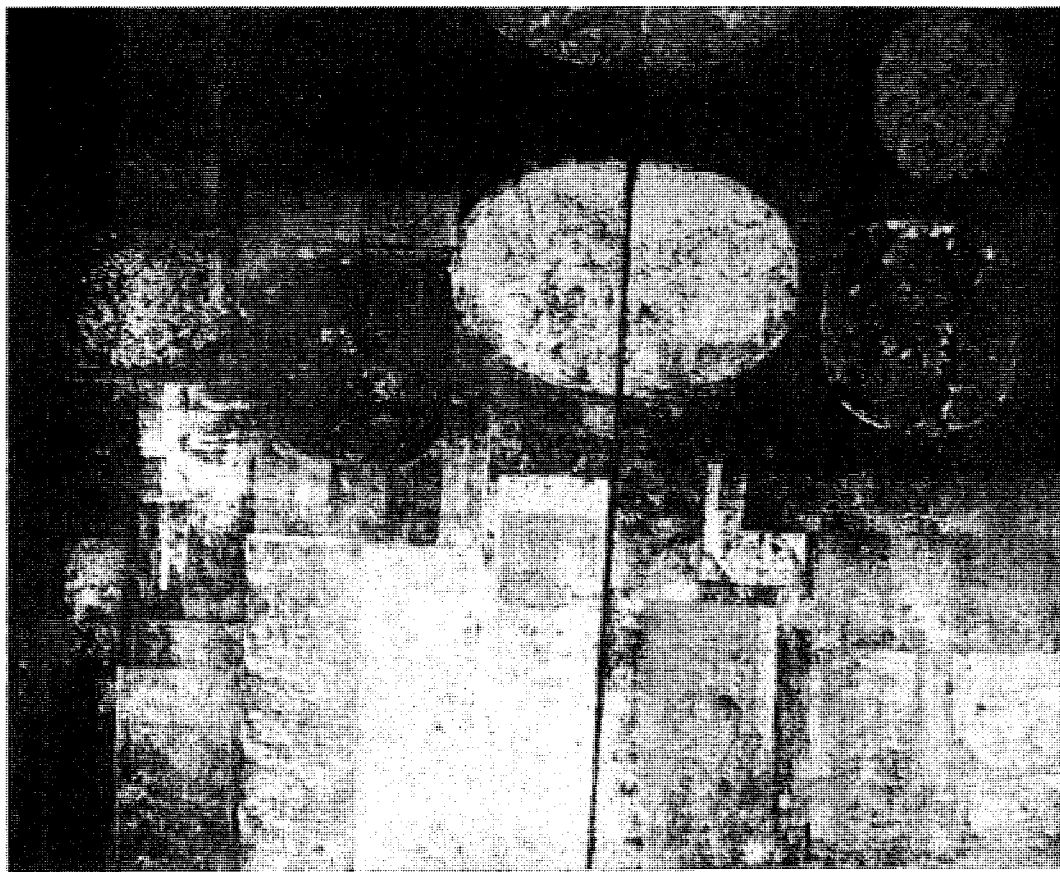


União Soviética / VENIAMIN ACUDIN / Esbôço de Decoração para a Comédia “Halatía”, 1965.

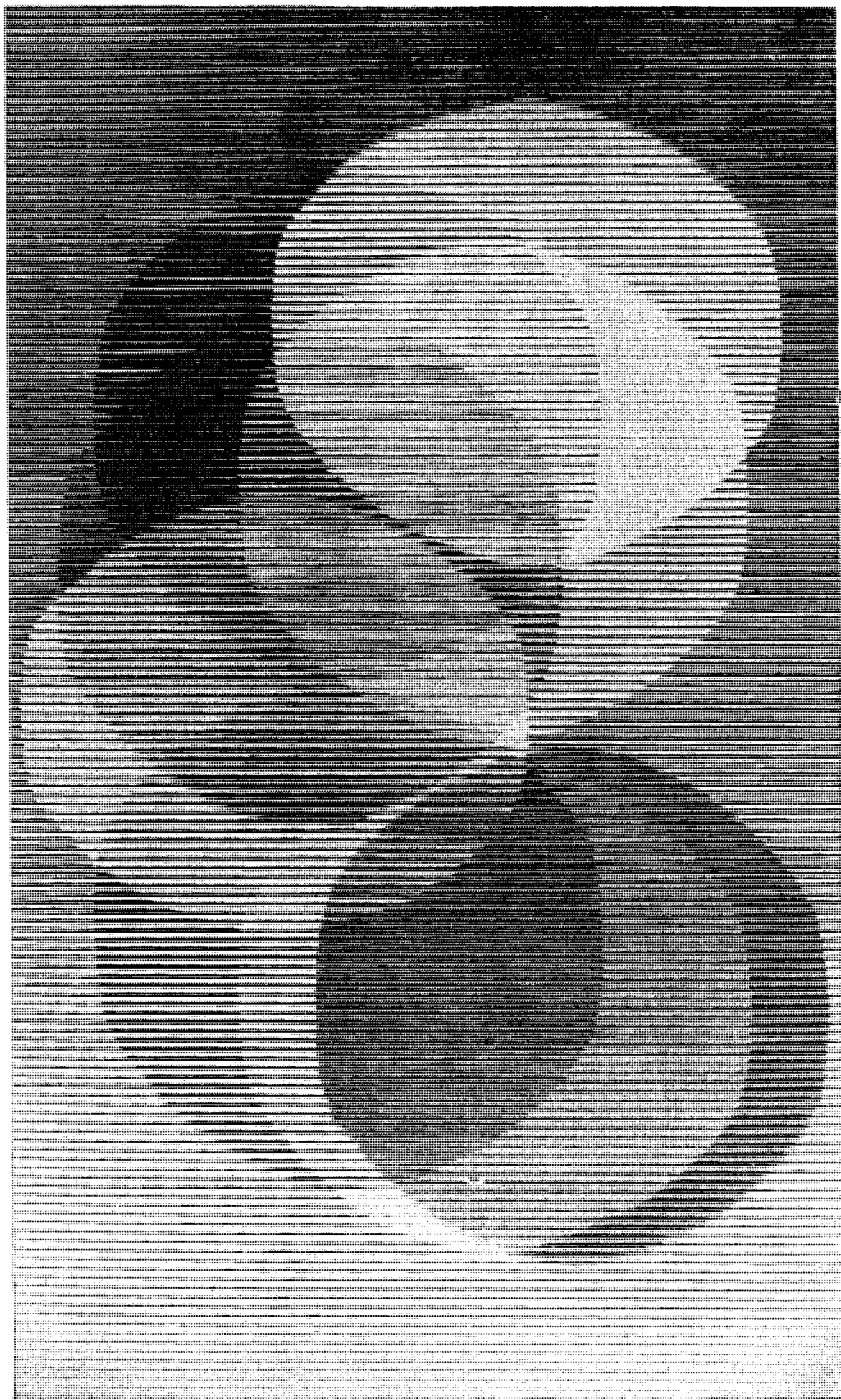




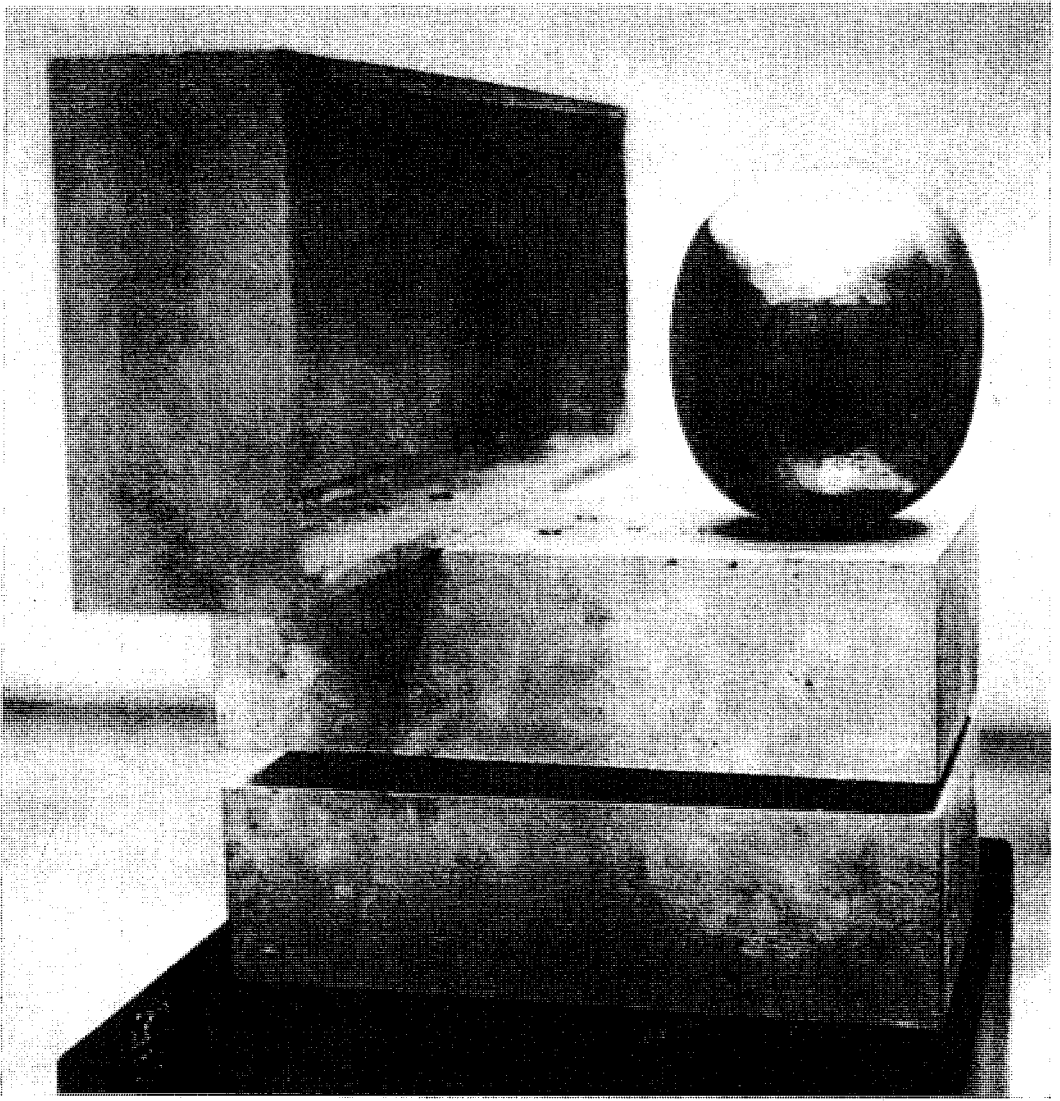
Urugai / OSCAR GARCIA REINO / Pintura B, 1967.



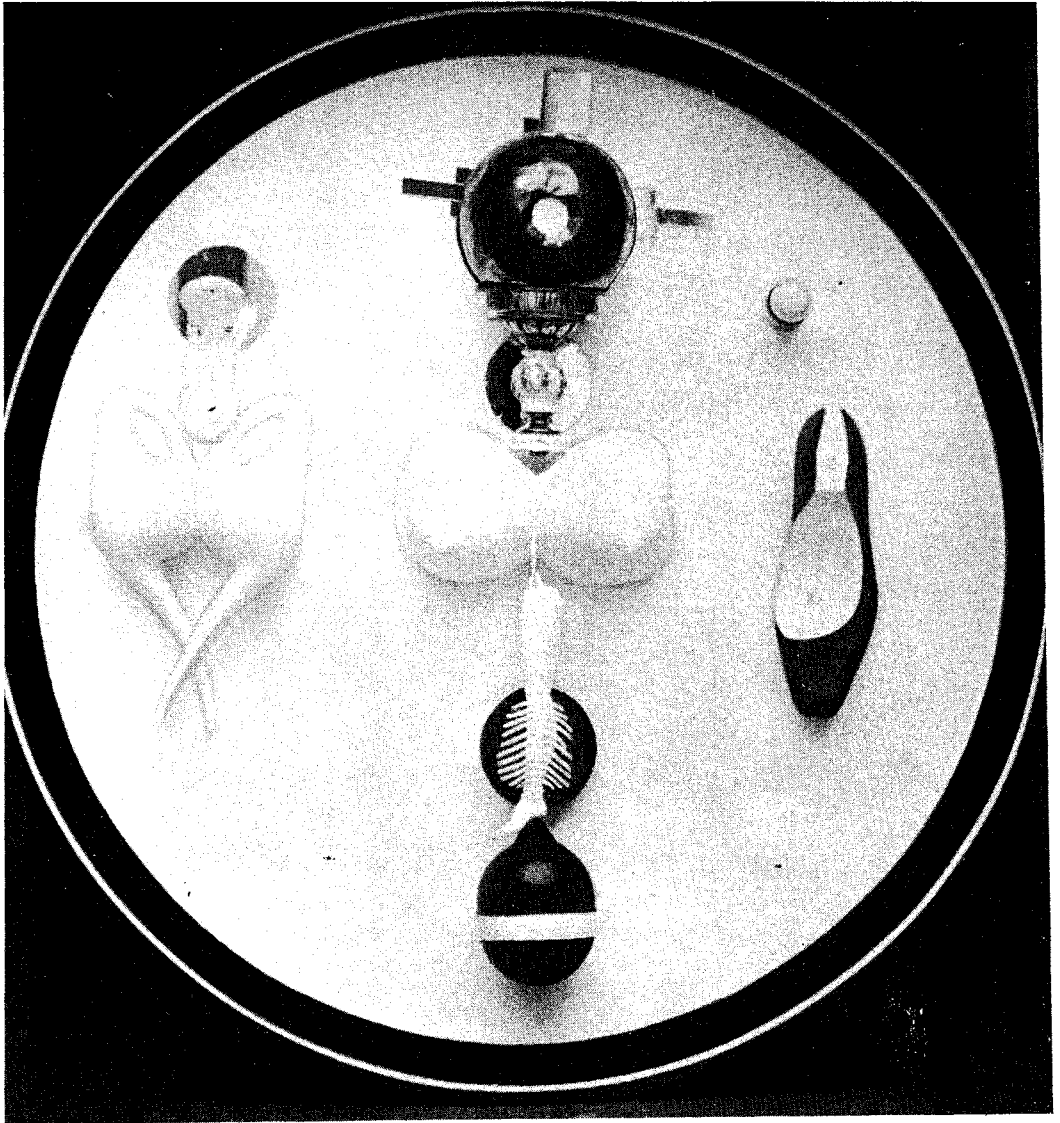
Uruguai / VICENTE MARTIN / Paisagem, 1966.



Venezuela / CRUZ-DIEZ / "Physiochromie" N.º 275, 1966.



Venezuela / HARRY ABEND / "Kwong-Kwong", 1967.



Venezuela / MARIO ABREU / Lâmpadas Eternas, 1967.



Vietnã / NGUYÊN-HIEU DE / Alienação, 1967.

CONCURSO  
NACIONAL  
DE  
ESCOLAS  
DE  
ARQUITETURA





# CONCURSO NACIONAL DE ESCOLAS DE ARQUITETURA

Seis equipes de alunos enviaram "Planos Locais de Conjuntos Residenciais Integrados" à IX Bienal, concorrendo com os mesmos ao I Concurso Nacional de Escolas de Arquitetura, nascido de Convênio firmado pela Fundação Bienal de São Paulo e pelo Banco Nacional da Habitação.

Com prêmios aos três melhores projetos apresentados o Concurso teve como objetivo promover, com a colaboração dos cursos de Arquitetura existentes no país, a apresentação de soluções locais, baseadas em estudos e pesquisas urbanológicas, relativas à comunidades a que se destinam, apresentando, de ponto de vista da construção, características peculiares à região.

Cada Escola concorrente fez-se representar por uma "Equipe", constituída segundo critérios próprios do estabelecimento de ensino, tendo por Coordenador um Professor, e integrada por estudantes, podendo ser assessorada por especialistas de outras profissões, ou estudantes de outras escolas, de livre escolha da Equipe, visando a uma colaboração interdisciplinar na elaboração dos trabalhos.

## DEFINIÇÕES

Para efeitos do presente "Concurso", segundo o art. 4.º, "Das Definições", considerou-se "Plano Local de Conjunto Residencial Integrado":

- 1 — o que, segundo as características da região, preveja a construção de moradias destinadas a famílias com níveis de renda entre um e dez salários mínimos, cuja proporção de atendimento às diversas faixas de renda, a critério das "Equipes", seja resultante das pesquisas e estudos realizados;
- 2 — o que, quanto ao planejamento físico da respectiva área, se integre no plano de desenvolvimento urbano, em consonância com as características sócio-econômicas da respectiva municipalidade;
- 3 — o que se constitua como bairro "semi-autônomo", com vida comunitária própria, alto grau de integração social, e número tal de famílias que justifique a manutenção, pelo menos, de um jardim de infância, e de uma escola primária, e seja dotado de facilidades tanto comerciais como de serviços;

- 4 — o que satisfaça às exigências de aeração, insolação, higiene, de conforto habitacional, de densidade populacional, de espaços destinados à recreação; circulação, áreas verdes, etc., requeridas pela boa técnica urbanística;
- 5 — dependendo das características da área a ser aproveitada e do plano local existente, que se comporte dentro das necessidades regionais, face ao crescimento comunal previsto para determinado período de tempo;
- 6 — que do ponto de vista urbanístico, se constitua como um todo orgânico, integrado na região, de solução funcional e aspecto paisagístico agradável.

## ELEMENTOS FORNECIDOS

Cada equipe participante recebeu os seguintes elementos:

### TERRENO

- a) planta dos limites da área escolhida, com indicação de servidões, se houver, acidente geográficos, limitações legais incidentes sobre a gleba, (área "non aedificandi"), etc.;
- b) planta altimétrica, com curvas de nível;
- c) planta de situação da área em relação ao restante do Município;
- d) indicações sobre a vizinhança, (habitações existentes, escolas, fábricas, hospitais, casas de diversões, comércio, igrejas, clubes, etc.);
- e) possibilidade de abastecimento de água, esgotos, gás, fôrça, luz e telefone;
- f) planta aerofotogramétrica da região com indicação da área, e fotos.

### SÓCIO-ECONÔMICOS

- a) levantamento sócio-econômico, por amostragem, dos habitantes de regiões circunvizinhas à área selecionada, especialmente no tocante à composição e nível da renda familiar;
- b) características ocupacionais da população pesquisada.

Com base nesses elementos as Equipes promoveram estudos sobre as condições existentes, examinando as necessidades de criação ou ampliação de facilidades, com vistas aos seguintes aspectos:

- a) hábitos e tradições locais em relação ao tipo e uso das habitações;
- b) possibilidade e conveniência da criação de novas oportunidades de trabalho e ocupação de mão de obra, tendo em vista as principais atividades industriais e comerciais existentes;
- c) perspectivas de desenvolvimento da região;
- d) meios e locais de abastecimento de produtos essenciais;
- e) escolas em nível médio e de formação profissional;
- f) assistência médico-hospitalar, inclusive de urgência;

- g) centros recreativos, culturais e religiosos;
- h) principais sistemas de transportes coletivos, frequência, número de linhas, capacidade de atendimento e tarifas;
- i) infra-estrutura dos serviços públicos de abastecimento de água, luz, gás, força, esgotos, telefones, pavimentação etc., e respectivas obras complementares.

## O PROJETO

Quanto ao projeto ao art. 6.º do regulamento instituiu:

- 1 — O “Conjunto Habitacional” deverá conter de seis a oito mil habitantes, ficando a critério das “Equipes”, em face do estudo e análise dos dados fornecidos, fixar com base na renda familiar, o número de habitantes de cada faixa populacional a ser atendida pelo projeto e, em decorrência, a densidade demográfica do “Conjunto”.
- 2 — Poderá apresentar solução de habitações isoladas, geminadas, coletivas, ou soluções mistas, ficando a fixação dos gabaritos e outros detalhes a critério das “Equipes”.
- 3 — Sempre tendo em vista a renda familiar das diferentes faixas de população, o plano deve ter por objetivo a redução do custo da construção, seja pela modulação do projeto, seja pela padronização dos materiais ou ainda pelo sistema construtivo, inclusive com a indicação do aproveitamento da mão de obra.
- 4 — O projeto, atentas as características da região, deverá apresentar indicação dos materiais de construção. No caso de utilização de materiais ou sistemas de construção não difundidos, deve ser apresentado estudo de viabilidade de sua produção industrial.
- 5 — Deverá ser elaborado orçamento estimativo da construção residencial (global, por unidade habitacional, e por metro quadrado de construção), dos equipamentos sociais, (escolas, “play-grounds”, estabelecimentos comerciais, creche, etc.).
- 6 — Deverão ser apresentados pelas “Equipes” os seguintes trabalhos:
  - a) implantação do Conjunto, (Planta de situação);
  - b) vias de penetração e sistema viário principal;
  - c) zoneamento de usos da terra;
  - d) zoneamento de densidades demográficas;
  - e) áreas verdes;
  - f) planta de volume de construção;
  - g) esquema de distribuição da rede elétrica;
  - h) esquema do abastecimento de água;
  - i) esquema da distribuição de esgotos;
  - j) equipamento comunitário setorial (indicação em planta, da situação e superfície);
  - l) anteprojeto das unidades habitacionais, (casas e edifícios residenciais), constantes de plantas, cortes, elevações e perspectivas;
  - m) memórias justificativas da solução adotada, a serem incluídas nos painéis previstos no artigo 7.º, do ponto de

vista social, arquitetônico, construtivo e urbanístico, inclusive quanto à eventual discordância das posturas municipais, com apresentação de gráficos, mapas, etc.

A cada Escola, para apresentação do trabalho de sua equipe, foram concedidos até 8 painéis de 2,40 m de largura por 1,20 m de altura. O trabalho — em branco e preto ou colorido — entregue já montado em chapas (papelão, metal, compensado leve ou material equivalente) de 80 cm de largura por 60 cm de altura cada um, até o máximo de 48 (quarenta e oito chapas).

## PRÊMIOS

Foram instituídos os seguintes prêmios em dinheiro para o 1.º Concurso Nacional de Escolas de Arquitetura:

- 1.º Prêmio — Bienal — BNH — NCr\$ 10.000,00
- 2.º " — Bienal — BNH — NCr\$ 6.000,00
- 3.º " — Bienal — BNH — NCr\$ 4.000,00

## JÚRI

O Júri de Premiação foi constituído por cinco arquitetos, arquitetos Henrique Mindlin e Rubens Amaral Portella, indicados pelo Banco Nacional da Habitação; arquitetos Jerônimo Bonilha Esteves e Roberto Claudio dos Santos Aflalo, indicados pelo Instituto de Arquitetos do Brasil e o arquiteto Francisco Bolonha pela Diretoria Executiva da Fundação Bienal de São Paulo.

O Banco Nacional da Habitação organizará em São Paulo, durante o período da IX Bienal, um Simpósio sobre "Planos de Desenvolvimento Local Integrados", com a participação de um Professor de cada Escola e cinco membros de cada "Equipe" dos estudantes que tomarem parte no Concurso.

## AS EQUIPES

Participam do Concurso Nacional de Escolas de Arquitetura as seguintes equipes:

### SÃO PAULO

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Diretor: Pedro Moacyr do Amaral Cruz

Chefe da Equipe: Arquiteto Lúcio Grinover e Roger Smekhol

Autores: Alfredo Talaat (1944)  
Ricardo A. Andrade (1945)  
Jorge Bulgarelli (1943)  
Edgar G. Dente (1944)  
Marcos Acayaba (1944)  
Enzo Grinover (1944)  
Jurandyr Bueno Filho (1942)

Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie

Diretor: Salvador Roque Augusto Cândia

Chefe da Equipe: Paulo Bastos

Autores: Ana Maria d'Andretta (1945)  
Antonio Paulo C. Ribeiro (1943)  
Célia Rocha Paes (1944)  
Clóvis José de O. Souza (1941)  
Eduardo Fontes Hotz (1944)  
Fausto Gomes Cavaleiro (1939)  
Fernando Karazawa (1943)  
José Mário C. Nogueira (1942)  
Leiko Hama (1946)  
Manoel Geraldo C. Pereira (1944)  
Neuza Nazar (1942)

#### GUANABARA

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro

Diretor: José Octacilio de Saboya Ribeiro

Chefe da Equipe: Luiz Carlos Ferreira Neves

Autores: Carlos Henrique Ribeiro Pôrto (1942)  
Luiz Carlos Ferreira Neves (1943)  
Pedro Paulo Vieira Machado (1943)  
José Mauricio Ribeiro Porto (1944)  
Marco Antônio Coelho da Silva (1942)  
Gilson Ramos dos Santos (1942)  
Elvira Lages (1943)

#### PERNAMBUCO

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de  
Pernambuco

Diretor: Dr. Edgar Gonçalves d'Amorim

Chefe da Equipe: Prof. Acácio Gil Borsoi

Autores: Petrônio dos Santos Cunha (1941)  
João Carlos Martins de Araújo (1943)  
Antonio do Amaral e Silva (1943)  
Fernando Eckhardt Luzio (1946)  
Ivaldevan de Araújo Calheiros (1943)  
Marcos Cavalheiro de Mendonça (1943)

#### PARANÁ

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia  
do Centro Politécnico do Paraná

**Diretor:** Ralph Jorge Leitner

**Chefe da Equipe:** Prof. Armando de Oliveira Strambi

**Autores:** Acácio Bui (1939)  
Angel Walter Bernal Acho (1940)  
Carlos Eduardo Ceneviva (1938)  
Manoel Izidro Coelho (1940)  
Moisés Guerrero Lopez (1938)  
Ronald Oliveira Costa (1941)  
Edson Braz Najas Camargo (1939)  
Francisco José Santoro (1944)

#### **RIO GRANDE DO SUL**

**Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Diretor:** Frederico Werner Hugo Grundig

**Chefe da Equipe:** Arq. Moacyr Moojen Marques

**Autores:** Ana Luiza Petrik (1944)  
Antonio Bortolozzo (1937)  
Joy Hui Peng (1937)  
Nelson Saraiva da Silva (1944)  
Salma Cafruni (1937)  
Rogério Malinski (1938)  
Sérgio Ferraz Magalhães (1944)

EXPOSIÇÃO  
INTERNACIONAL DE  
FOTOGRAFIA





# EXPOSIÇÃO

## INTERNACIONAL

### DE FOTOGRAFIA

A Fundação Bienal de São Paulo e o Foto-Cine Clube Bandeirantes apresentam na IX Bienal, uma Exposição Internacional de Fotografia da qual participam 257 fotógrafos de quinze países, com 527 trabalhos em preto e branco, cópias coloridas e dispositivos em cores.

A seleção dos trabalhos nacionais foi efetuada pelos senhores B. J. Duarte, Geraldo de Barros e Eduardo Salvatore.

Participam da seção preto e branco a Alemanha, Argentina, Áustria, Brasil, Bulgária, Estados Unidos, Finlândia, França, Itália, Iugoslávia, Malaia, Polônia, Tchecoslováquia e Uruguai.

Nas seções de cópias coloridas e de diapositivos em cores figuram trabalhos da Alemanha, Argentina, Áustria, Brasil, Índia e Uruguai.

## SEÇÃO PRETO E BRANCO

### ALEMANHA

ENGEL, Selma

1. "Rendez-vous in Park".
2. "Greisin".
3. "Netz".
4. "Am Fenster".

PESCHEL, Dieter

5. "Skeptisch".
6. "Abgewandt".
7. "Portrait".
8. "Christa".

SCHEIDT, J.

9. "Raketen-Fahrt".
10. "Dramatik".
11. "Kronenkranch".
12. "Silverlicht".

SCHORN, H.

13. "Such mich".
14. "Hafenkran".
15. "Hochsprung".
16. "Halbakt II".

**STIEL, K. Heinz**

17. "Aufsteigend Technik".
18. "Betrachtung".
19. "Bei der Arbeit".
20. "Windjammer".

## **ARGENTINA**

**FACIO, Sara**

21. Multidão

**FILIMORES, Hugo**

22. Parenteses

**HEINRICH, Annemarie**

23. Dar a Mão.

**JEANMART, Feliciano**

24. "Claro de Luna".
25. "Tradición Boquense".

**LUIZ FERNANDO**

26. Autoretrato subjetivo

**MORILLA, Luis R.**

27. "Cafetin de Buenos Aires".
28. "Weekend".

**RAOTA, Pedro**

29. Horizonte.

**SANGUINETTI, Ricardo**

30. "Pax 67".

**VARELA, Oscar**

31. Orientais.

## **ÁUSTRIA**

**GRUBER, A.**

32. "Ohne titel".
33. "Schlafft".
34. "Akt".
35. "Augen".

## **HABLIC L.**

36. "Akt".
37. Romana.
38. "Schiwanderung".
39. "Felder im Neuschnee".

## **HAGENBERGER Wilhelm**

40. Tivoli.
41. "Nach Denklich".
42. "Gel Giebel".
43. "Der Brunnen".

## **HIRSCH, Hartmut**

44. "Heuschober".
45. "Die Krone".
46. Luzia.
47. "Die Scheidung".

## **JOCHADE L.**

48. "Hallo Mutti".
49. "Der Schatten".
50. "Ende der Saison".
51. "Karussell".

## **KARBER Rudi**

52. "Dächer".
53. "Hirsch".
54. "Möventrio".
55. "Motocross I".

## **KARBER Rudolf**

56. "Bäuerin".
57. Sandra.
58. "Pussy".
59. Balé.

## **MIKULA Friedrich**

60. "Disteln".
61. "Morgennbel".
62. "Willi".
63. "Enge Gassen".

## **MUHLBOCK W.**

64. "Gammler".
65. Retrato.
66. Castelo.
67. "Boot II".

**STANEK, Heinrich**

- 68. Estudo III.
- 69. "Er und Sie".
- 70. "Chioggia".
- 71. "Tiroler Bauer".

**ZIELINSKI, Erhard**

- 72. "Tränen".
- 73. "Reiher".
- 74. "Kirchgang".
- 75. Gabriela.

**BRASIL**

**ABUJAMBA Jorge**

- 76. Revolta.
- 77. Sem Título.
- 78. Sem Título.

**AMENDOLA, Francisco**

- 79. Sentinelas.
- 80. "Pop Vedetes".

**INDO Iracy**

- 81. Sem Título.

**BALDASSARRE, Denis**

- 82. Textura II.

**BELLIA A., Carlos**

- 83. Casa Preta.

**BERBER Ricardo H.**

- 84. Irradiação.

**CALINO A.**

- 85. Mãos.

**FUCHS, Walter**

- 86. Na rua.
- 87. Mulher, Positivo e Negativo.

**GALDÃO José**

- 88. "Fourchette".
- 89. Altos Reflexos.

**GAMA, José C. B.**

90. Sem Título.

**GIMENEZ, Mosé M.**

91. Contra-Luz.

**GIRÓ, Marcel**

92. Sem Título.

93. Sem Título.

94. Sem Título.

95. Sem Título.

**JOAN Camillo**

96. Sem Título.

97. Sem Título.

**KUMAGAE, Rakashi**

98. Diagonais.

99. Abstração.

100. Chispas.

**LORCA, German**

101. Mondrianica.

102. Salve Maria.

103. Sol.

104. Anjo.

**LUDERER, G. H.**

105. Sorveteiro.

**MACEDO Neto H.**

106. Análise Combinatória.

107. Retrato ao Cubo.

**MARCONATO, Roberto**

108. Fim de Vida.

109. Encruzilhada.

**MILO F., Volker**

110. O Diabo que o Carregue.

111. Albergue da Boa Esperança.

**MINHARRO, João**

112. Paisagem.

113. Ascendente.

- 114. Ritmo.
- 115. Sagrada Família.

**MUTO, Shimpei**

- 116. Sem Título.

**NAVE Filho**

- 117. Estudo I.
- 118. Luzes.
- 119. Geométrico.
- 120. Alta Velocidade.

**OLLER, R. C.**

- 121. Sem Título.
- 122. Sem Título.
- 123. Sem Título.
- 124. Sem Título.

**PEDRO V., João**

- 125. Favela.
- 126. Noturno.

**PETERLINI, Nelson**

- 127. Linhas.

**RACZ, Georges**

- 128. "Meu Pai, um Retrato em Granito".

**RENDEIRO, João N.**

- 129. Fôlhas.

**SANAHUJA, Ramon**

- 130. Maternidade.
- 131. Seios.
- 132. Elementos da Face.
- 133. Juca Chaves.

**SATO, Eijiryo**

- 134. Choupana.
- 135. Fôrça.
- 136. O Momento.
- 137. Balanço.

**SILVA, Manoel T.**

- 138. Enfermeira II.
- 139. Enfermeira IV.

SUZUKI, Kiyoo

140. Decalcomania.

TAKEDA, Yoshio

141. Casal.

UNGAR, Z.

142. Na Era dos Computadores.

143. Pesquisa I.

YALENTI, José V. E.

144. "Can Can".

145. Sem Título.

146. Sem Título.

## BULGÁRIA

SIBIRSKI, Dimiter

147. "The Grandmother's House".

148. "La Dolce Vita".

149. "Up Boys, Up!"

150. "No News-Good News".

## ESTADOS UNIDOS

KEZYS, Algimantas

151. "Palisades Park".

152. "Yellowstone Park".

153. Chicago.

154. "St. John Mission".

## FINLÂNDIA

HOLTTO, Ismo

155. "No Name I".

156. "No Name II".

157. "No Name III".

158. "No Name IV".

SAVOLAINEN, Mikko

159. "Forest".

160. "Touth II".

161. "Birgitta I".

162. "In the Morning".

**TAKALA, Antero**

- 163. "Carita".
- 164. Medeia.
- 165. "Land of Sun".
- 166. "Trees of Winter".

**FRANÇA**

**CUCH, Nuerino**

- 167. "Le caid".
- 168. "Le châte".
- 169. "Barfleur".
- 170. Crepúsculo.

**MARTINAUD, Paul**

- 171. Beatriz.
- 172. "Petits Poissons".
- 173. "Le Parc".
- 174. "Blaise".

**PREVOT, André**

- 175. "Bois Blanc".
- 176. "L'Ane Gris".

**TICHIT, Joseph-Jean**

- 177. "Poisson".
- 178. "Quand la Mer se Retire".
- 179. "Dany".
- 180. "L'Oeuf".

**ITÁLIA**

**BASSANI, Zeno**

- 181. "L'Atteso".
- 182. "La Strada".
- 183. "Uh! Uh! Uh!"
- 184. "Studio di Figura".

**BENVENUTI, Paolo**

- 185. Crepúsculo.
- 186. "Trio em Scatola".
- 187. "Michela".
- 188. "Scalinatilha".

**PESSOLI, Bruno**

- 189. "Il Poker".
- 190. "Nudo".



191. "Fiaschi e Bottiglie".
192. "Ritrato II".

SERVO, Gian Piero

193. "Ragazzi d'Abruzzo".
194. "Triangoli".
195. "Trombe in Alto Adige".
196. "Sophia Loren".

## IUGOSLÁVIA

COLIC, Momcilo

197. "Detalj iz Pionirske Doline".

JELACA, Djordje

198. "Turisti".
199. "Crno Belo".
200. "Njegova Radost".
201. "Belo Sahara".

KASIK, Oton

202. "Vrata Staroga Grada".
203. "Zimsko Vece".
204. "Zivot u Rakiti".
205. "Borba Polipa".

JOSTIC, Slavko

206. "Motiv iz Hercegovine".
207. "Motiv iz Hercegovine".

KRAINOVIC, Predrag

208. "Pocitely".

KRSTANOVIC, Solobodan

209. "Vreme, Ljudi I".
210. "U Sjeuci Cardaka".

KRSTANOVIC, Uros

211. "Zivot na Asvaltu".
212. "Cirtez na Zidu".
213. "Act".
214. "Alone".

MAGLAJLILA, Mehmedalija

215. "Seoski Pej saz".
216. "U vijek Drugovi".

**MATIC, Ivo**

217. "Bosamska Mahala".

218. "Iza Zavjese".

**MILANOVIC, Zora**

219. "Osvezenje".

**PELESIC, Faika**

220. "Povratak".

**PEPA, Djemal**

221. "Nesvakidasnji".

222. "Moja Ulica".

**RADOJEVIC, Petar**

223. "Razlaz".

**SAMARDZIC, Milan**

224. "Setanje Kroz Proster".

225. "Slava Im".

226. "Randevu".

**SEVERIM, Joan**

227. "Skopje II".

228. "Silueta".

229. "Dubrovačka Ulica".

230. "Prolaz".

**SILIC, Cedomil**

231. "Iz Jezerske Flore".

232. "Jezem".

233. "Djevojčica iz Kanjona Rakitnice".

234. "Jutro na Pasnja Ku".

**SKIBA, Todor**

235. "Zlu ne Trebalo".

236. "Strepnja".

**STAJIC, Milivoj**

237. "Sivi Beskraj".

238. "Zima".

239. "Vidici".

240. "Stazama Ptoletera na Maglicu".

**STASEVIC, Vitomir**

241. "Jesen".

242. "Oluja II".

**STRBO, Aleksa**

- 243. "Preventiva".
- 244. "Oce Nece Stati".

**TERZIC, Ivan**

- 245. "Miting".
- 246. "Sudbina".
- 247. "Bojuste".
- 248. "Korali".

**VECKO, Dusko**

- 249. "Trougao".
- 250. Panorama.
- 251. "Maglovito jutro".
- 252. "Zoki".

**VRANKIC, Franko**

- 253. "Sami".

**VRICKO, Dusko**

- 254. Perspectiva.

**MALAIJA**

**FUN, Yop Cheong**

- 255. "Day Break".
- 256. "Long Hair".
- 257. "The First Cast".
- 258. "Form Under Shower".

**NIN, Yam Park**

- 259. Trio.
- 260. "Long Journey".
- 261. "Concentrate".
- 262. "Descending".

**POLÔNIA**

**BILINSKI, Tadeusz**

- 263. Ritmo.
- 264. Fantasia.
- 265. "Frantic dance".
- 266. "Speed".

**CHOJNACKI Jerzy**

- 267. "Chemistry".
- 268. "The wood".

**DIAMENT, Michal**

- 269. "Paisagem XVI.
- 270. Composição III.

**GROCHOWICZ, Edward**

- 271. Bicicleta de Corrida.

**HARTWIG, Edward**

- 272. Sem Título.
- 273. Sem Título.
- 274. Sem Título.

**KAREWICZ, Marek**

- 275. "Black Jazz I".
- 276. "Black Jazz II".

**KRASSOWSKI, Piotr**

- 277. "Sem Título.

**LACH, Lachowidz Natalia**

- 278. "En Plein Soleil".

**LAGOCKI, Z.**

- 279. "Aerotica I".
- 280. "Aerotica II".

**MURMAN, Marian**

- 281. Mãe Joana.

**PIERSCINSKI, Pawel**

- 282. "Stony world".
- 283. "Gen 67".

**ROGALINSKI, Bronislaw**

- 284. "Impressão I.
- 285. "Paths".
- 286. "Shell".

**WOJEWODSKI Z.**

- 287. "Sem Título".

**WYSZYNSKI, Dariusz**

- 288. "The Jump".
- 289. Cosmos 67.

## TCHECOSLOVÁQUIA

FERES, Bohumil

- 290. Restaurante.
- 291. O País Romântico.

GUTH, Ladislav

- 292. "No goal".

HYNEK, Reinhold

- 293. Incidente.
- 294. "3".

KOTELENSKY, Karel

- 295. "My Lady".

VASATA, Otto

- 296. "Slepy".
- 297. "Rybar".

## URUGUAI

Maneiro, Aurora P.

- 298. Flôres.
- 299. Puerto.

OMBODI, Desiderio

- 300. "Piscis".
- 301. Perfil.
- 302. Carnaval.

FERNANDEZ, Enrique P.

- 303. Destruição I.
- 304. Destruição II.
- 305. Destruição III.
- 306. Destruição IV.

GENOVESE, Julio Cesar

- 307. Velha Árvore.
- 308. Conversando.
- 309. Simpatia.

AGUILÓ, L. Portas

- 310. Desfile de Silhuetas.
- 311. "Miron".
- 312. Rolando.

RIVERO, Ramón I.

- 313. "Andamios".
- 314. "No Pantano.
- 315. "Charlevaro".
- 316. "Angelus".

## CHILE

ABODOVSKY, David

- 317. Simetria Assimétrica.

ACOSTA, Héctor

- 318. Descanso.

ALALUF P., Leon

- 319. Fanáticos.

ALALUF P., Rafael

- 320. O Canto da Pedra.

ALFONSO, Enrique

- 321. Ponto de Vista.

ALVAREZ V., Raul

- 322. Marcha para a Liberdade.

ARENAS, Arturo

- 323. As Últimas Notícias.

BLAU, Mário S.

- 324. Maria Pia em Serena.

CARRIÓN, Hugo

- 325. Regando.

CORNEJO, Eusébio

- 326. Rosto.

FORNO, Salvador

- 327. Marginal.
- 328. Trompetista.

GANNA, Edmundo

- 329. Pequena Angústia.
- 330. Dois.

GRANDI O., Júlio

331. Descanso.

GUERRERO H., Pedro

332. Detalhe na Praia.

IVANI, Emilio

333. Poetisa.

334. Reflexo.

KRAMER Hans J.

335. Inverno em Schobrunn.

PALACIOS, Juan

336. "186".

PELLERANO, Natalio

337. Ela e o piano.

POBLETE, Sérgio

338. Solitário.

ROJAS R., Leonardo

339. "Andacollo".

SOLER, José

340. Contemplação.

TRAVERSO R., Gabriel

341. Às Margens do Sena.

## SEÇÃO DE CÓPIAS COLORIDAS

### ALEMANHA

KRAMP. H. Willi

1. "Braumkrone".
2. "Palmblaetter".
3. "Laubteppisch".
4. "Bucheirinde".

SCHORN, Heinz

5. "Glockenturm".
6. "Tonrohre".

7. "Sackgasse".
8. "Volksfest".

## **BRASIL**

### **CAPELLO, Herros**

9. Sem Título.
10. Sem Título.
11. Sem Título.
12. Sem Título.

### **HABERKORN, W.**

13. "Help Me!"
14. "Dança, Comêço e Fim".

### **MUTO, Shimpei**

15. Ciclista.

### **PORFIRIO, J. A.**

16. "Spectrum Onírico Forma F12".
17. "Spectrum Onírico Forma F19".
18. "Spectrum Onírico Forma FW3".
19. "Spectrum Onírico Forma FW7".

### **TAMA, Sigulda**

20. Legenda em Côres.
21. Segundo Mundo em 4 Tempos.
22. Intensidade em 2 Dimensões.

## **SEÇÃO DIAPOSITIVOS EM CÔRES**

## **ARGENTINA**

### **BENDOMIR J. Pablo**

1. Naufrágio.
2. Bruxas.
3. Garrafas.
4. Sombrinhas.

### **BERENGUA, Guilherme**

5. "Aberración Simica".

### **DUKAREVICH, Samuel**

6. Bosque Incendiado.

### **FOUILLIAND, F. Augusto**

7. Luz e Côr.
8. Fim do Mundo.
9. Mascarada.



**KICELEFF, D. Alberto**

10. "Parrot, old King of".

**LUIS, Fernando**

11. Giocondina.
12. Astronauta.
13. Fantasia.

**MORILLA, L. R.**

14. Reflexão.

**OTERO, Osvaldo**

15. "Mar del Plata".

**OYUELA, Raul**

16. Fantasma no Carnaval.
17. Mónica.
18. "Carrousel".

**POUSA Oscar**

19. Velocidade.
20. A Noite no Monte Calvo.

**RAOTA. P. Luis**

21. Sem Título.

**RODRIGUES, C. Alberto**

22. Fantasia.
23. Penacho.
24. Rosa V.

**SOKOL, Arnaldo**

25. "Los flechazos".
26. Para a Luz.
27. Ritmo de Luz.
28. Violino Mágico.

**ÁUSTRIA**

**ARCHMAIR, Franz**

29. "Blume und Kerze".
30. "Apfelbluete".
31. "Wuerpfelspiel".
32. "Almboden".

**DORMINGER, Eva**

33. "Nebelinger Wintertag".
34. "Das Goldne Schob".
35. "Am Der Halestelle".
36. "Jutta II".

**GURTLER, Alfred**

37. "Am Abend".
38. "Schweisser I".
39. "Winter".
40. "Gegenlicht IV".

**HAGENBERGER W.**

41. "Herbert im Wald".
42. "Braune Blatter".
43. "Spaziergang".
44. "Schatten".

**HIRSCH, Hartmut**

45. "Am Teich".
46. "Fragmento".
47. "Retrato I".
48. "Ein drink".

**KARBER, Rudi**

49. "Stadtmaner".
50. "Strasse".
51. "Alte Stadt".
52. "Rostiges Fass".

**KARBER, Rudolf**

53. "Laubfrosch".
54. "In der Frendener".
55. "In der Arena".
56. "Never Austrich".

**LANGBAUER, Josef**

57. "Summertime".
58. Gêlo.
59. "The kit".
60. "On the Danube".

**LEEB, Hermine**

61. Anêmona.
62. "Auf dem Helmmeg".
63. "Kurvem".
64. "Heuschreche".

**LEERB, Karl**

65. "Clematis".
66. "Weisses Hans".
67. "Berdgorf".
68. "Zur Kapelle".

**MATHE, Ernest**

69. "Hebstnebel".
70. "Neugierng".
71. "Gemitter Flug".
72. "Schmanneupaar".

**MOLAN, Max**

73. Acrobata.
74. "Windbruch".
75. "Nasser Asphalt".
76. "Heckleuchte".

**PLOHBERGER, Werner**

77. "Ernte".
78. "In marchenwald".
79. "Glaser".
80. "Kaskaden I".

**POCHTRAGER, Siegfried**

81. "Der Alte Eimer".
82. "Das Alte Haus".
83. "Unlicht".
84. "Die Schonste Stude".

**ZIELINSKI, Erhard**

85. "Eiswalzer".
86. Trio.
87. "Alt und Jung".
88. "Dreiklang".

**BRASIL**

**ABUJAMRA, Jorge**

89. Revolta.
90. Textura I.
91. Textura II.
92. Textura III.

**COLTRO, Otello**

93. Gruta do Diabo.

**EITELBERG Raul**

- 94. Xiloface.
- 95. Decomposição.

**FARIA, J. A.**

- 96. Composição.
- 97. Visão.
- 98. Sonho.
- 99. Tonéis.

**FERRO, Orlando N.**

- 100. Após a Chuva.
- 101. Outono.

**GAMA, José C. B.**

- 102. Estudo de velocidade III.

**ITO, Hisashi**

- 103. Sem Título.

**JOAN, Camillo**

- 104. Sem Título.
- 105. Sem Título.
- 106. Sem Título.
- 107. Sem Título.

**KOBAYASHI, Issamu**

- 108. Sem Título.

**KUMAGAE, Takashi**

- 109. Sem Título.
- 110. Sem Título.
- 111. Sem Título.
- 112. Sem Título.

**LUDERER, Gunther H.**

- 113. Lagarta.

**MINHARRO ,João**

- 114. Absorta.
- 115. Garra.
- 116. Pic-nic.
- 117. Favela.

**MULLER, Herbert**

- 118. Favela.
- 119. Jogadoras.

120. Solitário.

121. Praia.

**OLIVEIRA, A. C. Nunes**

122. Nova figuração VII.

**PALLADINO, J. M.**

123. Ângela.

124. A Morte de Madrugada.

**PEDRO, Irani**

125. Trilhos II.

**PEDRO, V. João**

126. Anjo.

**SOUZA, Darcio C.**

127. Reflexos.

128. Parati.

129. Reflexos II.

130. Barcos.

**TOMMASI, Ricardo**

131. Idílio aquático.

**WINCK, Lauro**

132. Súplica.

**ÍNDIA**

133. "Village Girl".

134. "Hope for Feature".

135. "In Tangled Mood".

136. "Back Home".

**URUGUAI**

**BIESTRO, Walter**

137. "Still Life".

138. "Roof of Umbrellas".

139. "Cross Road".

140. "Portrait".

**BUTLER, Cesar**

141. "Cucharas Rojas".

142. "Barro y Arena".

143. "Abstraccion I".

144. Fantasia.

**OHBODI, Desiderio**

145. Destino Incerto.

## **CHILE**

**ABODOVSKY, David**

146. Mundo de Espiões.

**ALALUF, P., León**

147. Luz e Sombra.

**ALALUF P., Rafael**

148. Encontro.

**CARRIÓN, Hugo**

149. Arrieiro.

**CORNEJO, Eusébio**

150. Réstea de Sol.

**DAZA, Félix**

151. Trabalho na Rua.

**FLORES, Arturo**

152. Igreja Colorida.

**GILLMORE S., Francisco**

153. Vulcão.

**GRANDI, Júlio**

154. Caminho.

**LARRONDO, Sérgio**

155. Noturno.

**MARCUS S. Juan**

156. Motel.

**MOSES, Gertrudis**

157. Queimando alcatrão.

**NARVAIZA, Alejandro**

158. Têm a Marca de Velasquez.

**ORTIZ, Juan C.**

159. Esquina da Tranqüilidade.

**SOLER, José**

160. Ritmo.

**VALDIVIA M., Boris**

161. Môfo.

**FORA DE SELEÇÃO  
(MEMBRO DO JÚRI)**

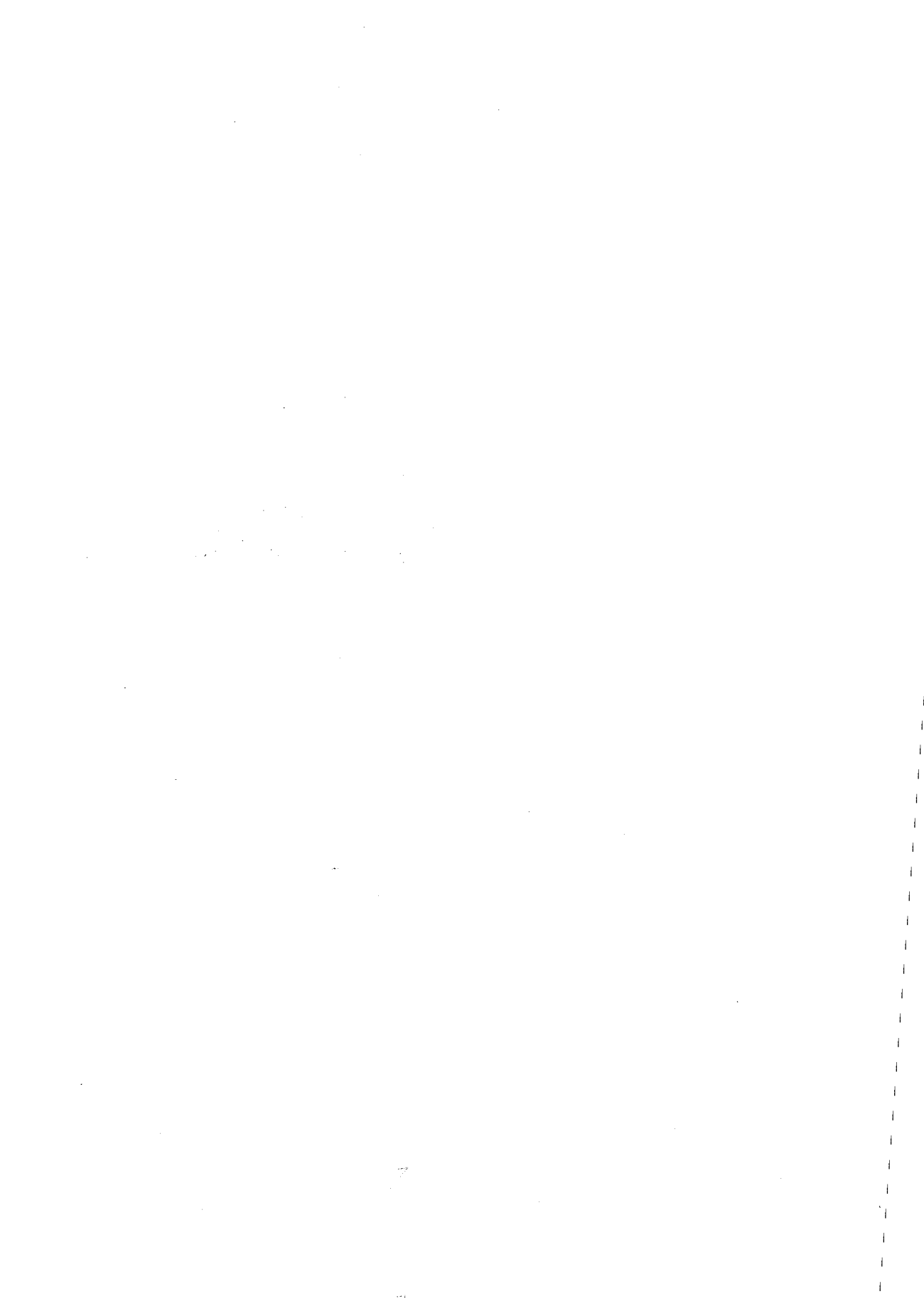
**SALVATORE EDUARDO**

1. Sem Título
2. Sem Título
3. Sem Título
4. Sem Título





DIRETORIA  
EXECUTIVA  
REGULAMENTO  
DA IX BIENAL



## DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

Francisco Matarazzo Sobrinho — Presidente

Trajano Pupo Netto — Diretor Vice-Presidente

Luís Fernando Rodrigues Alves — Diretor Secretário

Paulo Ayres Filho — Diretor Tesoureiro

Adalberto Queiroz — Diretor

Durval Muylaert — Diretor

Luís Lopes Coelho — Diretor



# REGULAMENTO

## REGULAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

### CAPÍTULO I

#### DA DENOMINAÇÃO E FINALIDADES

Art. 1.º — A IX Bienal de São Paulo, exposição internacional organizada e dirigida pela Fundação Bienal de São Paulo, realizar-se-á de 22 de setembro de 1967 a 8 de janeiro de 1968, destinando-se a reunir trabalhos representativos da arte moderna.

### CAPÍTULO II

#### EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

Art. 2.º — A exposição de Artes Plásticas compor-se-á de:

- a) representação brasileira
- b) representação estrangeira
- c) salas especiais, brasileiras e estrangeiras

#### I — DA REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA

Art. 3.º — Para participar da representação brasileira, deverá o interessado:

- a) ser brasileiro, ou estrangeiro residente no país há 2 anos no mínimo, no momento da inscrição;
- b) apresentar à Bienal, até o dia 30 de abril de 1967, ficha de inscrição, integralmente preenchida (as fichas de inscrição deverão ser solicitadas à Fundação Bienal de São Paulo — C. P. 7832 — São Paulo).

I — No ato da inscrição, receberão os interessados papeletas correspondentes aos trabalhos inscritos que, preenchidas com as mesmas informações constantes da ficha de inscrição, devem ser anexadas aos trabalhos;

II — as declarações consignadas nas papeletas não poderão ser posteriormente alteradas;

III — as inscrições poderão ser feitas pelo correio em carta registrada, valendo a data do carimbo;

IV — o número de obras não poderá exceder de 8 para desenho e gravura e de 5 para as outras técnicas;

V — os trabalhos inscritos não aceitos pela Comissão de Seleção, deverão ser retirados impreterivelmente até o dia 15 de agosto de 1967, não se responsabilizando a Bienal e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro pela sua guarda a partir dessa data. As obras não retiradas até um ano após o encerramento da Bienal serão consideradas abandonadas, podendo a Fundação Bienal de São Paulo delas dispor livremente:

c) fazer chegar até o dia 30 de maio de 1967, à sede da Bienal, os trabalhos inscritos em perfeito estado de conservação, convenientemente preparados para exposição. Os inscritos residentes no Rio de Janeiro enviarão suas obras, nas mesmas condições, ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Av. Beira Mar — Atêrro — Rio de Janeiro).

d) os inscritos residentes no exterior deverão providenciar o despacho de seus trabalhos de modo a que estejam na Bienal de São Paulo, impreterivelmente, até o dia 30 de junho de 1967;

e) encarregar-se das despesas de embalagem e de transporte das obras. A carga da Bienal, ficará exclusivamente a reembalagem para devolução;

f) retirar os trabalhos expostos até um ano após o encerramento da mostra. Se os expositores desejarem, a Bienal providenciará a devolução, com frete a pagar, dos trabalhos pertencentes aos não residentes em São Paulo. A Bienal não se responsabilizará pelos trabalhos não procurados no prazo assinalado, nem pelos que se extraviarem em trânsito.

Art. 4.º — Os trabalhos inscritos serão submetidos ao julgamento da Comissão de Seleção, composta de cinco críticos de arte: dois eleitos pelos inscritos que tiveram trabalhos aceitos em, pelo menos, uma das bienais, anteriores; dois designados pela Diretoria Executiva da Fundação Bienal de São Paulo e o quinto escolhido pelos quatro. No momento da inscrição, o participante com direito a voto indicará dois nomes de críticos de arte, em cédula fornecida pela Bienal, depositando-a em urna fechada, que será aberta no dia da apuração pública, em data a ser divulgada pela imprensa.

§ 1.º — Nos casos de vaga, renúncia ou impedimento, será convocado para a comissão, sucessivamente, o mais votado;

§ 2.º — Os inscritos que tiverem obtido prêmios regulamentares em qualquer Bienal, estão isentos da apresentação de seus trabalhos à Comissão de Seleção, devendo entregá-los à Bienal até 10 de julho de 1967.

## II — DA REPRESENTAÇÃO ESTRANGEIRA

Art. 5.º — A representação estrangeira será constituída pelas exposições de países participantes e por exposições que a Bienal solicitar.

§ único — Cada país é responsável por sua seleção.

Art. 6.º — O Govêrno de cada país participante nomeará um comissário, que será o único e exclusivo responsável perante a Bienal e ao qual compete:

a) enviar à Bienal, até o dia 30 de abril de 1967, as fichas de inscrição, notas biográficas dos inscritos, fotografias das obras que serão expostas — anotados no verso o nome do país, autor, título, data e técnica, para informação, divulgação, documentação do arquivo e catálogo e lista de preços;

b) enviar prefácio para apresentação no catálogo geral, cujo texto não exceda de 30 linhas datilografadas, com 70 espaços, encarecendo a Bienal de São Paulo aos participantes do exterior a conveniência de constar nos catálogos, eventualmente preparados, a tradução do texto ou resumo em português.

c) enviar instruções minuciosas sobre a realização técnica da exposição;

d) fornecer à Bienal, até 15 dias antes do encerramento da exposição, instruções relativas ao reembarque das obras. A falta dessas instruções significa que as obras retornarão ao país de origem, na sua totalidade, pelo mesmo pôrto por que entraram no Brasil. A devolução para outro destino ou por diferente pôrto e o desmembramento da exposição, devem ser previamente acertados com a Bienal, que não se responsabilizará por despesas extraordinárias decorrentes de transporte e de providências aduaneiras.

Art. 7.º — Os trabalhos devem chegar convenientemente preparados para serem expostos, de acôrdo com as condições específicas dos materiais. Quaisquer despesas decorrentes do condicionamento dos trabalhos, feitas após a sua chegada, serão atribuídas ao país participante.

Art. 8.º — Os trabalhos deverão chegar aos portos de Santos ou à estação aérea de São Paulo até o dia 30 de junho, a fim de haver tempo suficiente para as operações alfandegárias; poderão ser enviados ao pôrto do Rio de Janeiro, se isso fôr imprescindível à participação do país convidado; devem ser remetidos todos de uma só vez (inclusive literatura especial preparada pelos países), constituindo um único processo, destinados à IX Bienal de São Paulo — Fundação Bienal de São Paulo — Parque Ibirapuera, São Paulo — Brasil.

Art. 9.º — São de responsabilidade da Bienal as despesas de transporte no Brasil, da desembalagem e reembalagem das obras.

### CAPÍTULO III DAS SALAS ESPECIAIS

#### I — NACIONAIS

Art. 10.º — As salas especiais destinam-se aos expositores premiados em Bienais anteriores e que até a IX Bienal não as tiveram.

#### II — ESTRANGEIRAS

Art. 11.º — As salas especiais destinam-se a documentar as atividades artísticas de significação histórica ou atual.

§ único — A Bienal e o país participante podem propor nomes de artistas, vivos ou falecidos, para a realização de salas especiais

## CAPÍTULO IV

### DOS PRÊMIOS E DO JÚRI DE PREMIAÇÃO

Art. 12.<sup>o</sup> — Os prêmios instituídos para a exposição de Artes Plásticas são os seguintes:

I — os prêmios Bienal de São Paulo, no valor de Cr\$ 60.000.000,000 (sessenta milhões de cruzeiros), divididos em 10 parcelas iguais, serão atribuídos no conjunto das representações, de maneira a incluir tôdas as técnicas, isto é, pintura, escultura, desenho, gravura e outras;

II — o prêmio Itamarati, no valor de US\$ 10.000 (dez mil dólares), será atribuído, independente de técnica ou nacionalidade, a quem obtiver, no mínimo, 7/9 dos votos do Júri de Premiação. O prêmio Itamarati não poderá ser atribuído “ex-aequo”;

III — o prêmio Prefeitura do Município de São Paulo, no valor de Cr\$ 5.000.000 (cinco milhões de cruzeiros), à obra de pesquisa mais relevante de expositor brasileiro.

Art. 13.<sup>o</sup> — Os prêmios de Aquisição, instituídos para participantes brasileiros pelo Ministério das Relações Exteriores, passando as obras premiadas a integrar o seu patrimônio, serão outorgados por Júri Especial.

§ único — O Júri Especial será constituído da seguinte maneira: por um membro brasileiro do Júri de Premiação, um delegado da Seção Brasileira da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e um crítico indicado pelo Ministério das Relações Exteriores.

Art. 14.<sup>o</sup> — Os prêmios eventualmente oferecidos por instituições ou particulares, serão outorgados pelo Júri de Premiação ou pelo Júri Especial, quando forem de aquisição.

Art. 15.<sup>o</sup> — O Júri de Premiação compor-se-á de 9 críticos de arte — um brasileiro e oito estrangeiros — todos designados pela Diretoria Executiva da Fundação Bienal de São Paulo. O crítico nacional será escolhido entre os componentes da Comissão de Seleção; os estrangeiros, dentre os nomes da lista tríplice enviada pelos países convidados pela Diretoria Executiva para representar as áreas geográficas na IX Bienal.

§ único — Do Júri de Premiação não poderão participar os comissários.

Art. 16.<sup>o</sup> — O Júri de Premiação e o Júri Especial deverão reunir-se sete dias antes da abertura da Bienal, dispondo de cinco dias para suas deliberações.

Art. 17.<sup>o</sup> — Aos expositores premiados na Bienal anterior não poderão ser atribuídos os prêmios: Bienal de São Paulo e Prefeitura do Município de São Paulo. Suas obras podem, concorrer aos demais prêmios.

## CAPÍTULO V

### DA SEÇÃO DE VENDAS

Art. 18.<sup>o</sup> — A aquisição de obras expostas na IX Bienal será feita, exclusivamente, através de sua Seção de Vendas.

Art. 19.<sup>o</sup> — A Bienal de São Paulo reterá 15% do preço marcado em cada obra adquirida, para atender a despesas. Listas de preços



e regulamento da Seção de Vendas ficarão a disposição do público.

Art. 20.<sup>o</sup> — É vedado ao expositor e à Bienal modificar condições de venda ou de preços.

Art. 21.<sup>o</sup> — O preço das obras estrangeiras deve ser declarado em dólares.

Art. 22.<sup>o</sup> — Do pagamento das obras adquiridas serão deduzidas as taxas legais vigente.

## CAPÍTULO VI DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 23.<sup>o</sup> — As decisões da Comissão de Seleção, do Júri de Premiação e do Júri Especial são irrevogáveis.

Art. 24.<sup>o</sup> — Embora tomando as cautelas necessárias, a Bienal não se responsabiliza por eventuais danos sofridos pelos trabalhos enviados. Caberá ao expositor ou às delegações assegurar as obras contra quaisquer riscos, se o desejarem.

Art. 25.<sup>o</sup> — A Comissão de Seleção só aceitará trabalhos datados a partir de 1963.

Art. 26.<sup>o</sup> — Se houver divergência de grafia nos nomes dos inscritos, prevalecerá a constante na ficha de inscrição.

Art. 27.<sup>o</sup> — É vedado retirar quaisquer trabalhos antes do encerramento da Bienal.

Art. 28.<sup>o</sup> — A montagem da representação brasileira será executada por um grupo de trabalho, designado pela Diretoria Executiva da Bienal, do qual não poderão participar os expositores.

Art. 29.<sup>o</sup> — Se as exposições exigirem instalações especiais, que deverão ser previamente combinadas com a Bienal, as despesas suplementares correrão por conta do país expositor e por conta do expositor se fôr brasileiro.

Art. 30.<sup>o</sup> — Não respeitadas as datas de chegada das informações e dos trabalhos, a Bienal se exime da omissão no catálogo geral e na montagem.

Art. 31.<sup>o</sup> — A assinatura da ficha de inscrição implica na aceitação das normas dêste regulamento.

Art. 32.<sup>o</sup> — Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria Executiva, ouvida a Assessoria de Artes Plásticas.

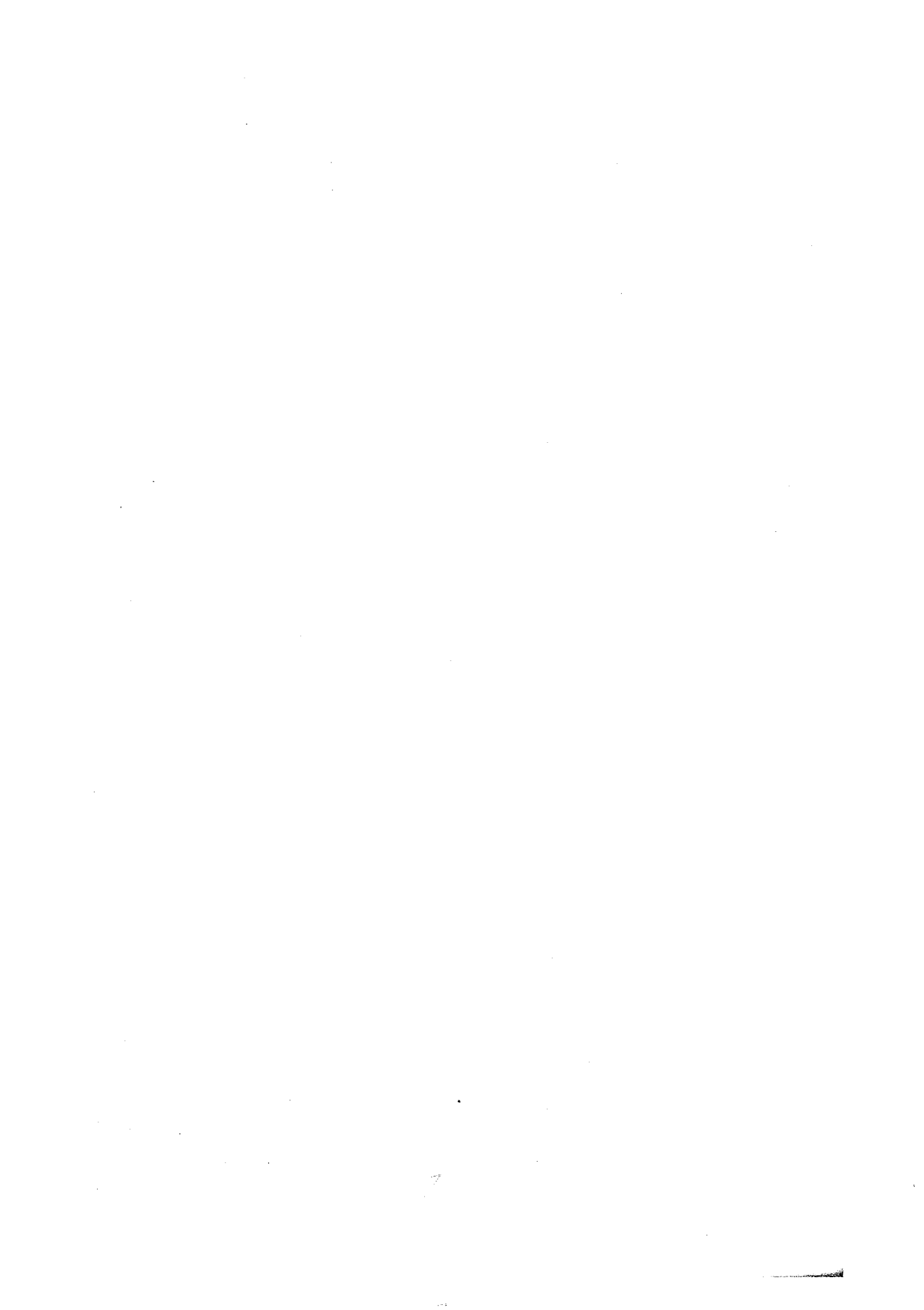
São Paulo, novembro de 1966

Francisco Matarazzo Sobrinho  
Presidente



ÍNDICE

EXPOSITORES



## ADVERTÊNCIA

Na relação das obras usou-se, quando possível, a ordem cronológica para as salas especiais e a ordem alfabética para os artistas das Salas Gerais.

O ano da execução do trabalho segue-se ao título. As dimensões são dadas em centímetros e seguem-se à data de execução ou à técnica usada.

A ausência de esclarecimentos indica que as pinturas são a óleo sobre tela. Os desenhos, a lápis sobre papel.

A não indicação do proprietário aponta a obra de propriedade do artista.

A data depois do nome do artista refere-se ao ano do seu nascimento; se houver uma segunda, indicará a de sua morte.

No índice alfabético figuram o nome do país e a seção ou seções em que cada artista participante possui obras.

P = pintura

G = gravura

D = desenho

E = escultura

T = tapeçaria.

ABEND, Harry	Venezuela — E.
ABEYESINGHE, Stanley	Ceilão — P.
ABEYSINGHE, Tilak	Ceilão — P.
ABREU, Mário	Venezuela — P.
ACUDIN, Veniamin	União Soviética — P.
ADAMI, Valério	Itália — P.
ADERNE, Isa	Brasil — G.
AGUILAR, José Roberto	Brasil — P.
AGUILAR, Maurício	União P. Americana — P.
AHLGRËN, Lauri	Finlândia — G.
AHMED, Tag	Rep. do Sudão — P.
AKIMOV, Nikolai	União Soviética — P.
AKMUHAMEDOV, Chamuhamed	União Soviética — P.
ALBERCA, Gabriel	Espanha — P.
ALBUQUERQUE, Rubens Martins	Brasil — P.
ALDIR	Brasil — E.
ALEXANCO, José Luiz	Espanha — G.
ALI, J. Sultan	Índia — P.
ALI, Parvin Iftikhar	Paquistão — P.
ALLADIN, M. P.	Trindade e Tobago — P.
ALMASANU, Virgil	România — P.
ALTMAN, Natão	União Soviética — P.
ALVES DIAS	Brasil — P.

AMANO, Kasumi	Japão — G.
AMANO, Kunihiro	Japão — G.
AMARAL, Antonio Henrique	Brasil — P e G.
AMATUZZI, Luiz	Brasil — P.
AMBADAS, V. Khobragade	Índia — P.
AMÊNDOLA, Francisco	Brasil — P.
ANDRADE, Farnese de	Brasil — D e E.
ANDRADE FILHO, Oswaldo	Brasil — D.
ANDRÉS, Maria Helena	Brasil — D.
ANGELI, Franco	Itália — P.
ANGELI — RADOVANI, Kosta	Iugoslávia — E.
ANNA LETYCIA	Brasil — G.
ANTONIO MANUEL	Brasil — D.
ANZO, José Iranzo	Espanha — P.
APOCALYPSE, Alvaro	Brasil — D.
ARAUJO, Emanoel	Brasil — G.
ARCANGELO, Allan D'	Estados Unidos — P.
AREAL, Antonio	Portugal — P.
ARIKHA, Avigdor	Israel — P.
ARMSTRONG, Mary Letitia	Barbados — P.
ARTIGAU, Francisco	Espanha — D.
ARUN, Bose	Índia — P.
ARUTCHIAN, Çarquis	União Soviética — P.
ASLIER, Mustafá	Turquia — G.
ASSLER, Federico	Chile — P.
ATALIK, Resat	Turquia — P.
ATTECK, Sybil	Trindade e Tobago — P.
AUGUSTSSON, Göran	Finlândia — P.
AUSTIN, Wilfrid	Haiti — P.
AUTE, Luis Eduardo	Espanha — P.
AVADIS	Brasil — P.
AVEDAN, Manuel	Espanha — P.
AVIADO, Virgílio	Filipinas — G.
AVILA, Sara	Brasil — D.
BABINSKI	Brasil — G.
BAENDERECK, Sepp	Brasil — P.
BAGUS, Frans	Honduras — P.
BAL, Chhabda	Índia — P.
BALCAR, J.	Tchecoslováquia — G.
BALKANSKI, Pentcho	Bulgária — G.
BALLIE, Alexis	Trindade e Tobago — P.
BANEY, Ralph	Trindade e Tobago — P.
BARAVELLI, Luiz Paulo	Brasil — E.
BARBADILLO, Manuel	Espanha — P.
BARBOSA, Celso	Brasil — G.
BARBOSA, Eládio	Brasil — D.
BARBOSA, Gilson	Brasil — P.

BARCELOS, Vera Chaves  
BARRIOS, Gracia  
BARROS, Geraldo de  
BASÍLIO, Dora  
BASTOS, Dorothy  
BAUMSTEIN, M.  
BECKER, Paulo  
BEHRING, Edith  
BELMONTE  
BELTRAN, Norah  
BERBER, Sergio  
BERDZENICHVILI, Merab  
BERÉS, Jerzy  
BERLINCK, Izar do Amaral  
BESS COURVOISIER, Ruth  
BETTIOL, Zoravia  
BIASI, Guido  
BIDÓ, Candido  
BILAL, Bakri Mustafá  
BITZAN, Ion  
BLANCO, Ulises  
BLANK, Carlos  
BLASCO, Arcádio  
BLINDER, Olga  
BODINI, Floriano  
BOESE, Henrique  
BÓIM, Alexander  
BONALUMI, Agostino  
BONOMI, Maria  
BOROVSKI, David  
BOTELHO, Adir  
BOUDAKIAN, Armenuhi  
BRAGA, Lênio  
BRATKE, Carlos  
BRAVO, Cláudio  
BRENTANI, Gerda  
BRILL, Alice  
BRINKMANN, Enrique  
BRYCH, Marie  
BRZEZINSKI, João Osório  
BUENO, Ely  
BUENO, Mário  
BUIĆ, Jagoda  
BURT, Michael  
BURTON, Patricia Dorothy Gertrude  
BUSH, Jack  
CABRERA, Roberto

Brasil — G.  
Chile — P.  
Brasil — P.  
Brasil — G.  
Brasil — G.  
Brasil — D.  
Brasil — P.  
Brasil — G.  
Brasil — P.  
Bolívia — P.  
Brasil — P.  
União Soviética — P.  
Polônia — E.  
Brasil — G.  
Brasil — G.  
Brasil — G.  
Itália — P.  
Rep. Dominicana — P.  
Rep. do Sudão — P.  
România — P.  
Espanha — P.  
Brasil — E.  
Espanha — P.  
Paraguai — P.  
Itália — E.  
Brasil — P.  
União Soviética — P.  
Itália — P.  
Brasil — G.  
União Soviética — P.  
Brasil — G.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — G.  
Chile — P.  
Brasil — D.  
Brasil — P e D.  
Espanha — P.  
Brasil — G.  
Brasil — P e D  
Brasil — D.  
Brasil — D.  
Iugoslávia — T.  
Paraguai — P.  
Barbados — P.  
Canadá — P.  
Guatemala — D e G.

CALABRONE	Brasil — E.
CALVET, Carlos	Portugal — P.
CANABRAVA, Luiz	Brasil — P.
CARAM, Marina	Brasil — D.
CARAS, Christos	Grécia — P.
CARLOS ALBERTT	Brasil — E.
CARMELA	Brasil — P.
CARO, Bernardo	Brasil — G e E.
CARRINGTON, Leonora	México — P e D.
CARVALHO, Celina Lima Verde de	Brasil — D.
CARVALHO, Edméa	Brasil — P.
CARVALHO, Flávio	Brasil — P e D.
CASTELO BRANCO, Afrânio	Brasil — P.
CASTILLA, Cláudio Juárez	Peru — G.
CASTILLO, Mário M.	Honduras — P.
CASTRO, Sônia	Brasil — G.
CAUFIELD, Patrick	Grã-Bretanha — P e G.
CAVALCANTI, Ionaldo	Brasil — P.
CAVALCANTI, Newton	Brasil — G.
CEDOR, Dieudonné	Haiti — P.
CEDRAN, Lourdes de Amorim	Brasil — E.
CELSO ARCÂNGELO	Brasil — P.
CELSO RENATO	Brasil — P.
CENCINI, Italo	Brasil — D.
CEROLI, Mário	Itália — E.
CERQUEIRA, Humberto	Brasil — P.
CERQUEIRA, Miriam	Brasil — G.
CESAR, Baldacini	França — E.
CESAR, J.	Brasil — P.
CHANDLER, Terry	Trindade e Tobago — P.
CHAO, Linus T. H.	China — P.
CHAPORIN, Vasili	União Soviética — P.
CHARAF, Rafic	Líbano — P.
CHAROUX, Lothar	Brasil — D.
CHAVES, Paulo	Brasil — P.
CHIAVERINI, Miriam	Brasil — G.
CHICÓN, Guillermo Pérez	Rep. Dominicana — P.
CHO, Yong-IK	Coréia — P.
CHOPRA, Jagmohan	Índia — G.
CHIKVAIDZE, Alexei	União Soviética — P.
CHRISTEN, Andreas	Suíça — E.
CHUNG, Sang-Hwa	Coréia — P.
CIUSSI, Carlo	Itália — P.
CLARK, Lygia	Brasil — E.
COARACY, Ismênia	Brasil — P.
COJAN, Aurel	România — P e D.
COLINA, Juan de la	Peru — Sala Especial.



COLLIE, Alberto  
COLOMBINO, Carlos  
COLOMBO, Gianni  
CORDEIRO, Waldemar  
CORZAS, Francisco  
COSTA AGUIAR  
COSTA, Carlos  
COSTA, João José  
COSTA, Waldemar  
COUTINHO, Heitor  
CRIS  
CRISTI  
CRUZ, Carlos Anibal  
CRUZ, Carmélio  
CRUZ, Edison  
CRUZ-DIEZ, Carlos  
CUNHA, Luiz Carlos da  
DABOVA, Zlatka  
DANIEL, Brenda  
DE GANNES, Hettie Mejias  
DE, — JINN, Shiy  
DE, Nguyễn-Hieu  
DEDECCA, Enéas Mattos  
DEFILLÓ, Fernando Peña  
DEKKERS, Ad  
DE LAMONICA, Roberto  
DELUIGI  
DERANIYAGALA, Justin  
DÉROSÉ, Arntz  
DESLANDES, Hécio  
DESTA, Gebrekristos  
DHARMASIRI, Albert  
DI PRETE, Danilo  
DIAGO, José de  
DIAZ, A. Luis H.  
DIAZ, Júlia  
DILLENBURG, Henri  
DIMANOV, Liuben  
DISTÉFANO, Juan Carlos  
DORAISAMY, S.  
DOSS, C. J. Anthony  
DOUCHEZ, Jacques  
DUARTE, Elber  
DUMILE  
DVIGUBSKI, Nicolai  
DWORECKI, Silvio Melcer  
EBLING, Sônia

União P. Americana — E.  
Paraguai — P.  
Itália — E.  
Brasil — P e E.  
México — P e D.  
Brasil — D.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — D e E.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Honduras — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Venezuela — P.  
Brasil — D.  
Bulgária — G.  
Barbados — P.  
Trindade e Tobago — P.  
China — P.  
Vietnã — P.  
Brasil — P.  
Rep. Dominicana — P.  
Holanda — P.  
Brasil — G.  
Itália — P.  
Ceilão — P.  
Haiti — P.  
Brasil — P.  
Etiópia — P.  
Ceilão — G.  
Brasil — Sala Especial.  
Brasil — D.  
Guatemala — P.  
El Salvador — P.  
Luxemburgo — P.  
Bulgária — G.  
Argentina — P.  
Ceilão — P.  
Índia — P.  
Brasil — T.  
Brasil — D e G.  
África do Sul — D.  
União Soviética — P.  
Brasil — P.  
Brasil — E.

ECKENBERGER, Reinaldo  
EDO, Murtic  
EDUARDO ASENSIO  
EICHBAUM, Gisela  
EL ARABI, Ahmed Mohamed  
EL FAHIM, Mohamed  
ELIZABETH  
EL-KHAL, Helène  
EL-ZAKE, Salik  
ENGELS, Lucila  
ENOKIDO, Maki  
ERBIL, Devrim  
ERIMEZ, Dinçer  
ESCOSTEGUY, Pedro  
ESCUDEIRO, Josefina de Leon  
ESTIVALLET  
EXUMÉ, Raynald  
EXUMÉ, René  
FABIANO, Anderson  
FAJARDO, C.  
FANZERES, Evany  
FARIA, Guilherme  
FASCETTI, Ciro Queiroz  
FAY, Frank  
FELEDY, Gyula  
FERNANDO, Susila  
FERRARI, Arnaldo  
FERRARI, Donato  
FERREIRA, Carlos Antonio Rogê  
FERREIRA, Francisco  
FERRI  
FIGUEIREDO, Luciano  
FLÁVIA LUCIA  
FLÁVIO SHIRÓ  
FLEXOR, Sanson  
FLORITA  
FONSECA, Harold  
FOULKÉS, Llynn  
FRANCO FILHO, Di  
FRANCO, Sulita di  
FRAZÃO, G. Z.  
FREDRIKSSON, Stig  
FREITAS, Ivan  
FUHRO, H.  
FUKAZAWA, Yukio  
FUKITA, Fumiaki  
FUKUSHIMA

Brasil — P, D e E.  
Iugoslávia — P.  
Brasil — P.  
Brasil — D.  
Rep. do Sudão — P.  
Rep. do Sudão — P.  
Brasil — D.  
Líbano — P.  
Rep. do Sudão — E.  
Ant. Holandesas — P.  
Japão — G.  
Turquia — P.  
Turquia — P.  
Brasil — P.  
Filipinas — G.  
Brasil — P.  
Haiti — P.  
Haiti — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — D.  
Brasil — P.  
Taiti — P.  
Hungria — G.  
Ceilão — P.  
Brasil — P.  
Brasil — G.  
Brasil — D.  
Brasil — P.  
Brasil — D.  
Brasil — P.  
Brasil — P e D.  
Brasil — P.  
Brasil — P e D.  
Brasil — P.  
Honduras — P.  
Estados Unidos — P.  
Brasil — E.  
Brasil — E.  
Brasil — P.  
Finlândia — P.  
Brasil — P.  
Brasil — G.  
Japão — G.  
Japão — G.  
Brasil — P.

FURTADO, Clara  
FUSER, Marlene Crespo  
GABRIEL, Richard  
GACS, Gabor  
GADEGAARD, Paul  
GAÏTIS, Yannis  
GALI, Jorge  
GALLOTI, Francisco  
GALVÃO, João  
GARCIA MARTIN, José  
GARDEÈRE, Marie-José  
GAROUTE, Claude  
GAYADEEN, Holly  
GEIGER, Ana Bella  
GENTILS, Vic  
GEOFFREY, J. Iqbal  
GERCHMANN, Rubens  
GERHARD, Victor Décio  
GERMANER, Ali Teomam  
GEROMEL, Marina Forster  
GILBERT, Ilie  
GILBERT, Jones  
GILL, James  
GIMENEZ, Gelásio  
GIORGI, Bruno  
GOLDBERG  
GÖLÖNÜ, Gündüz  
GONTRAM  
GOROVITZ, Mona  
GOUVEIA, Ismael Caldas  
GRASSMANN, Marcelo  
GRAU-GARRIGA, José  
GRAUBEN  
GRAZIANI, Sante  
GREENIDGE, Knolly  
GRIBAUDO, Ezio  
GRIVICHKA, Violeta  
GROSS, Arnold  
GRUDZINSKI, Hans Suliman  
GUANDIQUE, Antonio  
GUARIGLIA, Cypriano  
GUERRA, Noêmia  
GUERSONI, O.  
GUILHERME FAUSTO  
GUILLOIS, Jean  
GUIMA  
GUIRAGOSSIAN, Paul

Brasil — D.  
Brasil — D.  
Ceilão — P.  
Hungria — G.  
Dinamarca — P.  
Grécia — P.  
Espanha — D.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Espanha — P.  
Haiti — P.  
Haiti — P.  
Trindade e Tobago — P.  
Brasil — G.  
Bélgica — E.  
Paquistão — P e D.  
Brasil — E.  
Brasil — P e G.  
Turquia — G.  
Brasil — P.  
Brasil — E.  
Trindade e Tobago — P.  
Estados Unidos — P.  
Honduras — P.  
Brasil — Sala Especial.  
Brasil — E.  
Turquia — P.  
Brasil — D.  
Brasil — E.  
Brasil — D.  
Brasil — D e G.  
Espanha — T.  
Brasil — P.  
Estados Unidos — P.  
Trindade e Tobago — P.  
Itália — G.  
Bulgária — G.  
Hungria — G.  
Brasil — G.  
El Salvador — P.  
Brasil — P, G e E.  
Brasil — P.  
Brasil — G.  
Brasil — D.  
Taiti — P.  
Brasil — E.  
Líbano — P.

GUIRAR, Read	Brasil — E.
GUITET, James	França — D.
GUNAWARDENA, Upasena	Ceilão — P.
GÚNIA, Georgio	União Soviética — P.
GUSMAN, Manuel Iturri	Bolívia — P.
GUSMÃO, Irene Buarque de	Brasil — P.
GYULAI, Liviusz	Hungria — G.
HA, Chong Hyun	Coréia — P.
HAGIWARA, Hideo	Japão — G.
HAHNE, Junior, Juvenal	Brasil — D.
HÄIVÄOJA, Heikki	Finlândia — E.
HANNULA, Simo	Finlândia — G.
HANSEN, Svend Wiig	Dinamarca — P e E.
HARRIS, Paul	Estados Unidos — E.
HASHIMOTO	Brasil — P.
HEIDEBRECHT, Ernest	União Soviética — P.
HEIKKILÄ, Erkki	Finlândia — P.
HEINZ, Kuhn	Brasil — P.
HELD, Ary	Brasil — E.
HELENA MARIA	Brasil — D.
HELENOS	Brasil — P.
HELLMAN, Karin	Finlândia — P.
HENRIQUE, Gastão Manoel	Brasil — E.
HERNANDEZ, Edward	Trindade e Tobago — P.
HERNANDEZ, Feliciano	Espanha — E.
HERRERA, José Benjamim Cañas	El Salvador — P.
HIETANEM, Reino	Finlândia — P.
HILGERS, Tedd Derichs	Brasil — P.
HILMAR	Brasil — P.
HLOZNIK, Vicente	Tchecoslováquia — G.
HOCKNEY, David	Grã-Bretanha — P e G.
HOFFMANN, Mett	Luxemburgo — P.
HOLLEGHA, Wolfgang	Áustria — P.
HOPPER, Edward	Est. Unidos — Sala Esp.
HOZO, Dzevad	Iugoslávia — G.
HRDLICKA, Alfred	Áustria — D e G.
HU, Chi-Chung	China — P.
HURTUBISE, Jacques	Canadá — P.
IANELLI, Arcângelo	Brasil — P.
IANELLI, Thomaz	Brasil — P.
ICONOMIDOU, Hélène	Grécia — G.
IKEDA	Brasil — P.
INDIANA, Robert	Estados Unidos — P.
ISHAG, Kamala Ibrahim	Rep. do Sudão — P.
ISHAK, Samuel	Trindade e Tobago — P.
ISHIKAWA, Mario Naburo	Brasil — P.

ITO, Tadayoshi  
IUNOVITCH, Sofia  
IZER, Zeki Faik  
JACOB, Joseph  
JACOBO  
JACQUARD  
JACQUES, Harry M.  
JACQUET, Alain  
JALALIS, Guintantas  
JAMISON  
JANAKIRAM, P. V.  
JARBAS  
JARDIM, Evandro Carlos  
JARNUSZKIEWICZ, Jerzy  
JASPER, Johns  
JAYAWARDENA SWARNA  
JEANINE, Amália R. de  
JEANINE, Juan B.  
JIMÉNEZ, Edith  
JÔ SOARES  
JOICHI, Hoshi  
JOLICOEUR, Emmanuel  
JOLICOEUR, Wilson  
JONES, Allen  
JOSEPH, Charles Christian  
JUNG, Young Yul  
JUNNO, Tapio  
JURGENSEN, Geraldo  
JUVA, Kari  
KAHONEN, Maria  
KANEKO  
KANO, Mitsuo  
KANTOR, Tadeusz  
KARMAN, Ernestina Sanná  
KARUNARATNA, H. A.  
KATAOKA, Tamako  
KAVRUK, Hasan  
KAYAALP, Fethi  
KAZAKOV, Dimitar  
KEATING, Luiz Antonio V.  
KETTERER, Frederico Guilherme  
KHAI, Nguyễn  
KHALIFÉ, Jean  
KHALIL, Mohamed Omer  
KIARBIS, Uno  
KIDOKORO, Sho  
KIM, Chung-Sook

Brasil — E.  
União Soviética — P.  
Turquia — P.  
Haiti — P.  
Brasil — D.  
Brasil — D.  
Haiti — P.  
França — P.  
União Soviética — P.  
Brasil — P.  
Índia — E.  
Brasil — D.  
Brasil — G.  
Polônia — E.  
Estados Unidos — P.  
Ceilão — P.  
Panamá — P.  
Panamá — P.  
Paraguai — G.  
Brasil — P.  
Japão — G.  
Haiti — P.  
Haiti — P.  
Grã-Bretanha — P e G.  
Haiti — P.  
Coréia — P.  
Finlândia — E.  
Brasil — P e E.  
Finlândia — E.  
Finlândia — G.  
Brasil — D.  
Japão — G.  
Polônia — P.  
Brasil — E.  
Ceilão — P.  
Japão — P.  
Turquia — P.  
Turquia — G.  
Bulgária — P.  
Brasil — D.  
Paraguai — P.  
Vietnã — P.  
Líbano — P.  
Rep. do Sudão — P.  
União Soviética — P.  
Japão — G.  
Coréia — E.

KIM, Young-Hak	Coréia — E.
KING, Betty	Brasil — P.
KIVIJARVI, Harry	Finlândia — E.
KLEMENTIEV, William	União Soviética — P.
KO, Yvette	Brasil — P.
KOCH, Eleonore	Brasil — P.
KOCHAKIDZE, Oleg	União Soviética — P.
KONDO, Bin	Brasil — D.
KONDOR, Béla	Hungria — G.
KONDOVSKI, Dimitar	Iugoslávia — P.
KOROGODIN, Igor	União Soviética — P.
KOROTKOV, Ivão	União Soviética — P.
KOROVIN, Vladimir	União Soviética — P.
KOSHIKOKU, Sachiko	Brasil — P.
KRAVEZ, Vladimir	União Soviética — P.
KRAWCZYK, Jerzy	Polónia — P.
KREJCI, Ljuba	Tchecoslováquia — P.
KRUGLI, Ilo	Brasil — P.
KRUSE, Oswaldo Olney	Brasil — P.
KÜCHENMEISTER, Rainer	Alemanha — P e D.
KULA MARIE, Liis	União Soviética — P.
KUMALO, Sidney	África do Sul — E.
KUNZ, Włodzimierz	Polónia — G.
KURILKO, Mikhail	União Soviética — P.
KUSAKA, Kenji	Japão — G.
KUSSUNOKI, Joji	Brasil — P.
KUSUNO, Tomoshige	Brasil — P.
KUTIYEL, Suzana	Brasil — P.
LACERDA, Carlos Henrique M. de	Brasil — P.
LACERDA, Wilde	Brasil — E.
LADIJENSKI, Efrin	União Soviética — P.
LADJANE	Brasil — P.
LAENDER, Paulo Frade	Brasil — D e E.
LAFAYETTE, Maurício Videira	Brasil — P.
LAFONTANT, Daniel	Haiti — P.
LAING, Gerald	Estados Unidos — P.
LALUHA, Milan	Tchecoslováquia — P.
LAM, Nguyên	Vietnã — P.
LAMELAS, David	Argentina — P.
LAMOTHE, Ghislaine F. (Gizou)	Haiti — P.
LANU, Olavi	Finlândia — P.
LAPIACHVILI, Parnaos	União Soviética — P.
LASCIO, Pedro di	Paraguai — P.
LAUAND, Judith	Brasil — P.
LAURA BEATRIZ	Brasil — D.
LE PARC	Argentina — Sala Esp.
LEE, Joon	Coréia — P.

LEEuw, Gerard de	África do Sul — E.
LEGASPI, Cesar	Filipinas — G.
LEILA	Brasil — P.
LEIRNER, Felícia	Brasil — E.
LEIRNER, Nelson	Brasil — P e D.
LEMBI	Brasil — D.
LEMOS, Carlos	Brasil — P.
LEMOS, Fernando	Brasil — P.
LEVENTAL, Valério	União Soviética — P.
LEVY, Mário	Brasil — P.
LIBESKIND, David	Brasil — P.
LICHTENSTEIN, Roy	Estados Unidos — P.
LIM, K. K.	China — P.
LIMA, Balducci	Brasil — E.
LIMA, José	Brasil — G.
LIMA, José Ronaldo	Brasil — P.
LIMA, Maurício Nogueira	Brasil — P.
LIMA, Zazá Rogê Ferreira de Andrade	Brasil — P.
LINDELL, Lage	Suécia — P.
LINDNER, Richard	Estados Unidos — P.
LINS, Clarice	Brasil — D.
LINS, Darel Valença	Brasil — D e G.
LIUBA	Brasil — E.
LIZÁRRAGA, Antonio G.	Brasil — D.
LLIMÓS, Roberto	Espanha — P.
LOBO, Suzana	Brasil — P.
LORENZETTI, Carlo	Itália — E.
LUCAS, Clodomiro R.	Brasil — P.
LUCHIN, Alexander	União Soviética — P.
LUDOLF, Rubem	Brasil — P.
LUIGI, Mário de	Itália — P.
LUIGI ZANOTTO	Brasil — P.
LUISI, Pier	Brasil — P.
LUIZ GONZAGA	Brasil — P e E.
LUNA, Arturo	Honduras — P.
LUZ, Edison da	Brasil — P e G.
MABE, Manabu	Brasil — P.
MACHADO, Juarez	Brasil — D.
MACIEL, Valdeir Oliveira	Brasil — P.
MAGIM, Arthur	Trindade e Tobago — P.
MAGNO, Dulce	Brasil — P.
MAGNO, Móntez	Brasil — P.
MAIA, Antônio	Brasil — P.
MAIOLINO, Ana Maria	Brasil — G.
MALALGODA, Chandra	Ceilão — E.
MALAZONIA, Mamia	União Soviética — P.
MALLEBRANCHE, Elzire	Haiti — P.

MALUF, Antonio	Brasil — P.
MALZONI, Augusto Lívio	Brasil — G.
MANDEL, Semion	União Soviética — P.
MARA, Sandra	Brasil — P.
MARAINES, Sula Back	Brasil — E.
MARIA LEONTINA	Brasil — P.
MARI, Enzo	Itália — P.
MARISELDA	Brasil — P e D.
MAROTTA, Gino	Itália — E.
MARQUES, Laura	Paraguai — E.
MARTI, Mário C.	El Salvador — P.
MARTIN, José Garcia	Espanha — P.
MARTIN, Vicente	Uruguai — P.
MARTINS, Paulo Roberto	Brasil — E.
MARTINS, Wilma	Brasil — G.
MARUKI, Iri	Japão — P.
MARYONÉ	Brasil — P.
MATAITENE, Dala	União Soviética — P.
MATTAR, Márcio	Brasil — E.
MATTAR, Sami	Brasil — P.
MAURER, Dora	Hungria — G.
MAZURAS, VITALIUS	União Soviética — P.
MEIRA, Ruy	Brasil — P.
MELHEM, Georgette	Brasil — G.
MELLO, Sergio de Campos	Brasil — P.
MENDIETA, Alberto Medina	Bolívia — P.
MENTEN, Paulo	Brasil — P.
MESSERER, Boris	União Soviética — P.
MESTRINER, Odila	Brasil — D.
MIANOWSKI, Lucjan	Polónia — G.
MINDLIN, Vera Bocayuva	Brasil — G.
MISHAAN, Rodolfo	Guatemala — P.
MISSON, Milton	Brasil — P.
MIYASHITA, Tokio	Japão — G.
M. M. M., Ascânio	Brasil — P.
MOHALYI, Yolanda	Brasil — P.
MOLINERO CARDENAL, Marcos	Espanha — P.
MONTEIRO, Miriam	Brasil — D.
MOON, Hak-Jin	Coréia — P.
MOORE, Roger Derreck	Barbados — P.
MORAES, Avatar	Brasil — P.
MORANDINI, Marcello	Itália — P.
MOREIRA, Ildeu	Brasil — P.
MOREIRA, Lúcio	Brasil — P.
MORICONI, Roberto	Brasil — E.
MORLEY, Malcolm	Estados Unidos — P.
MOROSI	Brasil — E.



MOSEEV, Georgio	União Soviética — P.
MOURAREAU, Alfred	Taiti — P.
MOYA, Artemio Villafranca	Honduras — P.
MUHINA, Valentina	União Soviética — P.
MUKOSEEVA, Margarita	União Soviética — P.
MURAI, Masanari	Japão — G.
NAHLÉ, Wajih	Líbano — P.
NAJM, Mounir	Líbano — P.
NAKAKUBO, Massua	Brasil — D.
NAM, Kwan	Coréia — P.
NASAR, Tereza	Brasil — P.
NASSER, Frederico	Brasil — D.
NAUDÉ, André Georges	Haiti — P.
NAVARRO, J. Elizalde	Filipinas — E.
NESBITT, Lowell	Estados Unidos — P.
NGUYÊN, Nguyễn-Cao	Vietnã — P.
NICOLA, Norberto	Brasil — T.
NIEMINEN, Antti	Finlândia — G.
NIMSAMER, Chalood	Tailândia — G.
NITSCHÉ, Marcello	Brasil — P.
NOMURA, Tetsuo	Brasil — P.
OBRÉGON, Alejandro	Colômbia — P.
OBRIS, Francis Lenus	Ceilão — P.
OCAMPO, Hernando R.	Filipinas — P.
ODRIOZOLA, Fernando	Brasil — Sala Especial
OHARA, Hisao	Brasil — E.
OHTAKE, Tomie	Brasil — P.
OLDENBURG, Claes	Estados Unidos — P.
OLIVEIRA, Domingos Domingues de	Brasil — E.
OLIVEIRA, Lúcia Fleury de	Brasil — E.
ONO, Walter	Brasil — D.
OPENHEIN, Sylvio	Brasil — P.
ORTEGA, Gilberto Hernández	Rep. Dominicana — P.
ORTIZ, José Jeremias Bustamante	Bolívia — P.
OSTROWER, Fayga	Brasil — G.
OVIEDO, Ramón	Rep. Dominicana — P.
PACHECO, Glória	Brasil — P.
PADROS, Antonio	Espanha — P.
PAES, Maria Helena Motta	Brasil — P.
PALATNIK, Abraham	Brasil — E.
PANAIOTOVA, Anastassia	Bulgária — G.
PANAIOTOV, Todor	Bulgária — G.
PANDELAKIS, Basile	Grécia — G.
PANDYA, Mahendra Dhirajram	Índia — E.
PARENTE	Brasil — E.
PARISI, Filho João	Brasil — D.
PARK, Chong-Bae	Coréia — E.

PARK, Re Hyun  
PARK, Sok-Ho  
PARMAKELIS, Jean  
PARODI, José Laterza  
PARUSNICOVA, Galina  
PASCALI, Pino  
PASQUALINI, Wilma  
PASTURA, Sérgio  
PÁSZTOR, Gábor  
PATEL, Nagajibhai M.  
PAULA, Eduardo  
PAULA, Sérgio de  
PAULUCCI  
PEDRO AMADO  
PEDROSA, Mary Ann  
PENTEADO, Darcy  
PÉREZ, Leopoldo (Lepe)  
PEREZ, Rossini  
PETICOV, Antonio  
PETIT  
PETKOV, Mihail  
PIERLUCA  
PIETILA, Tuulikki  
PILÓ, Conceição  
PINDÚ, Jenaro  
PINO, Wlademir Dias  
PINTO, Márcio Percival Alves  
PISTOLETTO, Michelângelo  
PITZALIS, Lêda  
PIZA, Arthur Luiz  
PLACIDE, Marc-Emile (Milo)  
PLAZA, Júlio  
POETZCHER, Maria Victoria  
POLO, Maria  
POLYCHRONOPOULOS, Costas  
PONCE, Juan Bernal  
PONOMARENCO, Anatol  
PONS, Isabel  
POO-AREE, Manít  
PORTA, Alberto  
PORTO, Raul  
PRADELLA, Vinicius  
PRADO, Vasco  
PRADO NETO, Paulo  
PRECLIK, V.  
PUTZOLU, Eféisio  
QUADROS, Anna Letycia

Coréia — P.  
Coréia — P.  
Grécia — E.  
Paraguai — Sala Especial.  
União Soviética — P.  
Itália — E.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Hungria — G.  
Índia — E.  
Brasil — P.  
Brasil — D.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — D.  
Rep. Dominicana — P.  
Brasil — G.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Bulgária — G.  
Itália — E.  
Finlândia — G.  
Brasil — G.  
Paraguai — E.  
Brasil — P e E.  
Brasil — P.  
Itália — P.  
Brasil — E.  
Brasil — G.  
Haiti — D.  
Espanha — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Grécia — E.  
Chile — G.  
União Soviética — P.  
Brasil — D e G.  
Tailândia — G.  
Espanha — D.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — E.  
Brasil — P.  
Tchecoslováquia — E.  
Brasil — E.  
Brasil — G.

QUISSAK, Jr.	Brasil — P e D.
RADOVANI, Kosta Angeli	Iugoslávia — E.
RAFFAELI, Joe	Estados Unidos — P.
RAIMO	Brasil — G.
RAJAKARUNA, Frank	Ceilão — P.
RAMOS, Jorge	Brasil — P.
RAMOS, José Tarcísio	Brasil — D.
RANASINGHE, Tissa	Brasil — D.
RANGEL, Eliana	Brasil — D.
RANTANEN, Ulla	Finlândia — P.
RAOUDA, Chocair Salwa	Líbano — P.
RAPOPORT, Alexandre	Brasil — G.
RASÄNEN, Kauko	Finlândia — E.
RATNER, Herman	União Soviética — P.
RAUSCHENBERG, Robert	Estados Unidos — P.
RAYESS, Aref	Líbano — P.
RAYMOND, Joseph	Haiti — P.
RAYNAUD, Jean Pierre	França — E.
RAZAG, Mohamed Abdel	Rep. do Sudão — E.
REDDY, P. T.	Índia — P.
REICHERT, Josua	Alemanha — G.
REIF, Mariana	Brasil — P.
REINO, Oscar Garcia	Uruguai — P.
REINSBERG, Lisette	Brasil — E.
REIS, Lutz	Brasil — P.
RENART, Emílio	Argentina — E.
REY, Ruben	Brasil — P.
REYES, Raul Elas	El Salvador — P.
REZENDE, José	Brasil — E.
RIAN, Johs	Noruega — P.
RINALDI, Gastone	Brasil — P.
RINDIN, Vadim	União Soviética — P.
RIO BRANCO	Brasil — P.
ROCHA, Eduardo Ribeiro	Brasil — D.
ROCHA, Pompéa Britto da	Brasil — D.
RODEZNO, Arturo Lopes	Honduras — P e D.
RODRIGUES, Amarilis B. S.	Brasil — P.
RODRIGUES, Edmundo Castilho	Brasil — P.
RODRIGUES, Glauco	Brasil — P, D e G.
RODRIGUES, José Joaquim	Portugal — D e E.
RODRIGUES, Marília	Brasil — G.
RODRIGUES, Jr., Manuel	Filipinas — E.
ROESLER, Inge	Brasil — P.
ROJAS, Elmar	Guatemala — P.
ROOSA, Lembit	União Soviética — P.
ROSA, Waldemar	Brasil — P.
ROSENQUIST, James	Estados Unidos — P.

ROULIN, Félix	Bélgica — E.
ROUVINEN, Väino	Finlândia — G.
RUDAVSKY, A.	Tchecoslováquia — E.
RUSCHA, Edward	Estados Unidos — P.
SABILLON, Gregorio Enrique	Honduras — P.
SACRAMENTO, Antonio	Espanha — E.
SAEZ, Carlos Federico	Uruguai — Sala Especial.
SÁFAR, Beatriz	Brasil — D.
SAGHIR, Adel	Líbano — P.
SAIKALI, Thomas Nadia	Líbano — P.
SAKAKIBARA, Hisao	Brasil — P.
SALAH, Ibrahim	Rep. do Sudão — P e D.
SALAHOV, Tair	União Soviética — P.
SALDANHA, Ione	Brasil — P.
SALDIN, Q. V.	Ceilão — P.
SALGUEIRO, Maurício	Brasil — E.
SALVADOR, Gilberto O.	Brasil — D.
SALVATORI, Henri	Trindade e Tobago — P.
SAMICO	Brasil — G.
SAMPAIO, Márcio	Brasil — D.
SAMSBURSKY, Miriam	Brasil — G.
SAMÚ	Brasil — D.
SANTO, Dionísio del	Brasil — P e D.
SANTORO, Fernando Mattiehsen	Brasil — D.
SANTOS, Jorge	Brasil — D.
SANTUZA	Brasil — P.
SARAKORNBORIRAK, San	Tailândia — G.
SARGOLOGO, Ivette	Líbano — P.
SARUÉ, Gerty	Brasil — P.
SASAJIMA, Kihei	Japão — G.
SASH, Cecily	África do Sul — P.
SCHAAR, Edith	Brasil — T.
SCHAEFFER, Frank	Brasil — P.
SCHALDERS, Célia	Brasil — G.
SCHENDEL, Mira	Brasil — D.
SCHOONHOVEN, Jan	Holanda — P.
SCOTT, Betty Arlene	Barbados — P.
SCULLY, Laurence	África do Sul — P.
SECCO, Maria do Carmo Fortes	Brasil — P.
SEGAL, George	Estados Unidos — E.
SELEME, José Asbun	Bolívia — D.
SELVINSKAIA, Tatiana	União Soviética — P.
SENANAYAKE, Senaka	Ceilão — P.
SENDIN	Brasil — P.
SEOANE	Brasil — D.
SERAPHIM, Juliana	Líbano — P.
SEREBROVSKI, Vladimir	União Soviética — P.

SEVEREN, Dan Van  
SHARIFFE, Hussein  
SHIBRAIN, Ahmed Mohamed  
SHIRAI, Akiko  
SHIRAI, H.  
SHIROMA  
SHUN-YOU, Lu  
SILVA, Arthur da  
SILVA, Chico  
SILVA, José Antonio da  
SILVA, Marcos  
SILVAMARTINS  
SIMON, Rajá  
SISTER, Sérgio  
SILVERA, Eudoro  
SINCLAIR, Alfredo B.  
SKOTNES, Cecil  
SKUNDER, B. Skunder  
SLOVINSKI, Iuri  
SMITH, Richard  
SOARES, José Narciso  
SOARES, Sinval Correia  
SOARES, Teresinha  
SOHNI, Lêda Fagundes  
SOLLERO, Heloisa  
SOMAPALA, Dayasiri  
SONG, Yong Soo  
SOUZA, Aldir Mendes de  
SOUZA, Edivaldo  
SOUZA, Eunibaldo Tinoco de  
SOUZA, Geraldo de  
SOUZA, José Assumpção  
SOUZA, Waldomiro de Deus  
SRISUTA, Praphan  
ST. JOHN, Stella Rosita  
STÄMPFLI, Peter  
STAVZEVA, Svaetlana  
STEFANOV, Siegrid  
STEINBERGER, Erika  
STENBERG, Enar  
STÊNIO  
STETTNER, Béla  
STOEV, Borislav  
STRAZZA, Guido  
STROSBURG, Rachel  
STRUYCKEN, Peter  
SUAREZ, Antonio

Bélgica — P.  
Rep. do Sudão — P.  
Rep. do Sudão — P.  
Japão — G.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
China — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — D.  
Brasil — P.  
Brasil — E.  
Brasil — P.  
Panamá — P.  
Panamá — P.  
África do Sul — P e D.  
Etiópia — P.  
União Soviética — P.  
Grã-Bretanha — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P e D.  
Brasil — P e D.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Ceilão — G.  
Coreia — E.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P.  
Tailândia — P.  
Barbados — P.  
Suíça — P.  
União Soviética — P.  
Brasil — P.  
Brasil — E.  
União Soviética — P.  
Brasil — P e D.  
Hungria — G.  
Bulgária — G.  
Itália — G.  
Brasil — P.  
Holanda — P.  
Espanha — P.

SUZUKI, João	Brasil — D.
SUZUKI, Yukio	Brasil — D.
SZASZ, Endre	Hungria — G.
SZEJNBEJN, Chanina Luwisz	Brasil — P.
SZPIEGEL	Brasil — P.
TAKAGI, Shiro	Japão — G.
TALMA, Norma Elaine	Barbados — P.
TANG, Pham	Vietnã — P.
TANTISUK, Sawasdi	Tailândia — P.
TAVADZE, Dimitrio	União Soviética — P.
TEKLE, Afewerk	Etiópia — P.
THANH, Nguyễn Duy	Vietnã — P.
THIEBAUD, Wayne	Estados Unidos — P.
TICHLER, Alexandra	União Soviética — P.
TIRRONEN, Esko	Finlândia — P.
TOLEDO, Amélia Amorim	Brasil — E.
TONHÃO	Brasil — P.
TORAL, Mário	Chile — P e D.
TORFS, Leonardo	Paraguai — P.
TOROK, Elise Marie Elinger	Brasil — P.
TORRES, Caciporé	Brasil — E.
TORRES, Marília Gianetti	Brasil — P.
TORT, Pedro	Brasil — P.
TOURON, Pedro	Brasil — D.
TOYOTA, Yutaka	Brasil — D.
TOZZI, Cláudio	Brasil — P.
TRIET, Lam	Vietnã — P.
TRIZULJAK, A.	Tchecoslováquia — E.
TRUJILLO A., Guilherme R.	Panamá — P.
TRUNG, Nguyễn	Vietnã — P.
TSOCLIS, Constantin	Grécia — P.
TSUCHIMOTO, Masumi	Brasil — E.
TUAN, Thái	Vietnã — P.
TUMARKIM, Igael	Israel — E.
TUNEU	Brasil — D.
TUPINAMBÁ, Yara	Brasil — G.
TURNBULL, William	Grã-Bretanha — P e E.
UCHAKOV, Diodor	União Soviética — P.
UPA, — IN, Sompot	Tailândia — P.
VACARINI, Bassano	Brasil — P.
VAGHELA, Gautam	Índia — P.
VALENTIM, Rubem	Brasil — P.
VANDERCAM, Serge	Bélgica — P.
VAN SEVEREN, Dan	Bélgica — P.
VARELA, Cibele	Brasil — P e E.
VARGAS, Adela	Nicarágua — P.
VASCONCELLOS, Bia	Brasil — P.

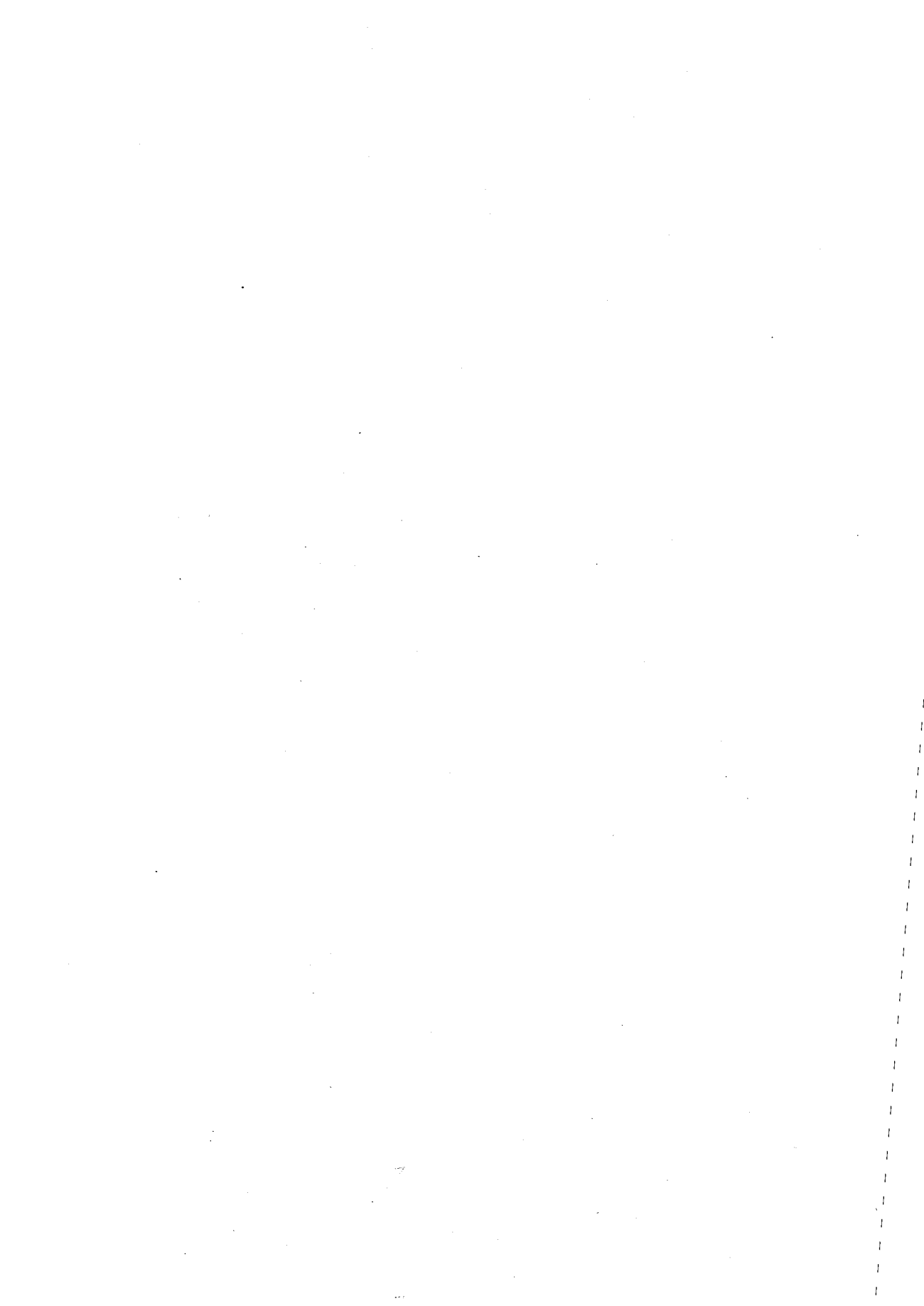
VASILIEV, Alexander	União Soviética — P.
VATER, Regina	Brasil — P e D.
VELLAME, Humberto	Brasil — P.
VELOSO, Teresinha	Brasil — D.
VENOV, Simeon	Bulgária — G.
VERA ILCE	Brasil — P.
VERGARA, Carlos	Brasil — D e G.
VERHEYEN, Jef	Bélgica — P.
VIAL, Ivan	Chile — G.
VICHIENTKET, Chamreung	Tailândia — E.
VICTÓRIA, Salvador	Espanha — P.
VIEIRA, Arnaldo	Brasil — D.
VIEIRA, Décio	Brasil — P.
VIEIRA, Lygia Coutinho Martins	Brasil — G.
VIEIRA, Rosa Penha	Brasil — P.
VILAIRE, Patrick	Haiti — D.
VILAR, Maria Irene	Portugal — E.
VILELA, Marcelo	Brasil — D.
VINCOLETTE, Jussara Maria	Brasil — P.
VIONOJA, Veikho	Finlândia — P.
VIRCACHOZE, Salomão	União Soviética — P.
VIRCALADZE, Solomão	União Soviética — P.
VITTETOE, Kenneth	Honduras — P.
VIVES, Jorge Siritto de	Brasil — E.
VLAVIANOS, Nicolás	Brasil — E.
VOLPINI, Renato	Itália — G.
VOZAREVIC, Lazar	Tchecoslováquia — P.
VOZNIAK, J.	Brasil — P.
WAKABAYACHI, Kazuo	Brasil — P.
WALESKA	Brasil — D.
WALKER, Dolores	Chile — G.
WARDI, Rafael	Finlândia — P.
WARHOL, Andy	Estados Unidos — P.
WASHINGTON, Arturo	Brasil — D.
WATERS, Jandyra	Brasil — P.
WEBBER, Peter	África do Sul — P.
WEERASINGHE, Pushpananda	Ceilão — P e D.
WEGA NERI	Brasil — P.
WEISSMANN, Franz	Brasil — E.
WESLEY	Brasil — P e D.
WESSELMAN, Tom	Estados Unidos — P.
WIJESEKERA, A. K. V.	Ceilão — E.
WLADYSLAW, Anatol	Brasil — P e D.
WONGSAM, Inson	Tailândia — P.
WONG-WU, Kathleen	China — P.
WURTZ, Adám	Hungria — G.
XANDÓ, Niobe	Brasil — P e D.

YANG, Ying-Feng  
YASHIMOTO, Mary  
YERAMIAN, Sophie  
YESQUENLURITTA  
YIMSIRI, Khien  
YOO, Kyung Chai  
YOSHIDA, Hodaka  
YOSHIDA, Masagi  
YOSHIHARA, Hideo  
YOUN, Myeung-Ro  
YTURRALDE, José Maria  
ZALUAR  
ZANOTTO, Luigi  
ZARAGOZA, José  
ZÉ DEMÉTRIO  
ZEMGALIS, Gunar  
ZGAIB, Khalil  
ZILIO, Carlos  
ZOLOTARIOV, Nicolai  
ZOTOV, Eugênio

China — P.  
Brasil — E.  
Líbano — P.  
Brasil — P e D.  
Tailândia — E.  
Coréia — P.  
Japão — G.  
Japão — G.  
Japão — G.  
Coréia — P.  
Espanha — P.  
Brasil — P.  
Brasil — P e E.  
Brasil — P e D.  
Brasil — E.  
União Soviética — P.  
Líbano — P.  
Brasil — P.  
União Soviética — P.  
União Soviética — P.



JÚRIS,  
PRÊMIOS  
E ASSESSORIAS  
DA IX BIENAL



## JÚRI INTERNACIONAL DE PREMIAÇÃO

WERNER SCHMALENBACH	(ALEMANHA)
IGNACIO PIROVANO	(ARGENTINA)
ROBERT GIRON	(BÉLGICA)
GERALDO FERRAZ	(BRASIL)
ANDREW RITCHIE	(ESTADOS UNIDOS)
ALAN BOWNESS	(GRÃ-BRETANHA)
SADAZIRO KUBO	(JAPÃO)
IDA RODRIGUEZ	(MÉXICO)
RYSZARD STANISLAWSKI	(POLÔNIA)

Prêmio Itamaraty

US\$ 10.000,00

RICHARD SMITH — Grã Bretanha

### PRÊMIOS BIENAL DE SÃO PAULO

NCR\$ 60.000,00 (divididos em 10 parcelas de NCR\$ 6.000,00)

FLAVIO DE CARVALHO — Brasil

JOHNS JASPER — Estados Unidos da América

CESAR — França

FUMIAKI FUKITA — Japão

DAVID LAMELAS — Argentina

CARLOS CRUZ DIEZ — Venezuela

TADEUSZ KANTOR — Polônia

MICHELANGELO PISTOLETO — Itália

JOSUA REICHERT — Alemanha

JAN SCHOONHOVEN — Holanda

### GRANDE PRÊMIO LATINO-AMERICANO "FRANCISCO MATARAZZO SOBRINHO"

ALEJANDRO OBREGON — Colômbia

US\$ 600,00

### PRÊMIO WANDA SVEVO — Gravura Latino-Americana — Preto e Branco

NCR\$ 1.000,00

JUAN BERNAL PONCE — Chile

PRÊMIO GALERIA COSME VELHO — (Nacional)

NCR\$ 1.500,00

AMELIA TOLEDO

PRÊMIO GALERIA ASTRÉIA — (nacional) Desenho Branco e Preto

NCR\$ 1.000,00

FARNESE DE ANDRADE

### JÚRI ESPECIAL (Aquisição)

GERALDO FERRAZ

JAYME MAURICIO

FREDERICO MORAIS

### PREMIOS DE AQUISIÇÃO

Prêmio de Aquisição	Artista	Valor
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro	Julio Le Parc (Argentina)	US\$ 1.000
Petite Galeria (caixa)	Amelia Toledo (Brasil)	US\$ 1.000
David Zeiger (melhor pintor brasileiro)	Flávio de Carvalho	NCr\$ 3.000,00
Banco Lar Brasileiro (pintura)	Antonio Maia	NCr\$ 3.000,00
Cândido Portinari (pintura nacional)	Wega Nery	NCr\$ 3.000,00
Shell (desenho)	Mira Schendel	NCr\$ 2.500,00
Drury's	Gastão Manoel Henrique	NCr\$ 2.000,00
Ernesto Julio Wolf (Desenhista latino-americano)	Mario Toral (Chile)	NCr\$ 1.500,00
Circolo Italiano (pintura, de pref. italiana)	Ezio Gribaudo (Itália)	NCr\$ 500,00
Galeria Chelsea (gravura brasileira)	Miriam Chiaverini	NCr\$ 350,00
Hidrominas (melhor artista mineiro)	Eduardo de Paula	NCr\$ 1.600,00
	José Ronaldo Lima	NCr\$ 1.500,00
	José Narciso	NCr\$ 700,00
	Alvaro Apocalypse	NCr\$ 400,00
	Jarbas Juarez	NCr\$ 400,00
	Terezinha Veloso	NCr\$ 200,00
	Sergio Paula	NCr\$ 200,00
	<b>Total</b>	<b>NCr\$ 5.000,00</b>

Prêmios de aquisição	Artista	Valor
Itamarati	Antonio Manoel	NCr\$ 200,00
	Arthur Luís Piza	NCr\$ 600,00
	Avatar Moraes	NCr\$ 250,00
	Bernardo Caro	NCr\$ 100,00
	Carlos Vergara	NCr\$ 240,00
	Dionisio Del Santo	NCr\$ 300,00
	Edith Behring	NCr\$ 180,00
	Evany Fanzers	NCr\$ 2.300,00
	Farnese Andrade	NCr\$ 350,00
	Fernando Lemos	NCr\$ 1.000,00
	Geraldo de Barros	NCr\$ 480,00
	Glauco Rodrigues	NCr\$ 360,00
	Ismenia Coaracy	NCr\$ 1.000,00
	José Roberto Aguilar	NCr\$ 1.000,00
	José Rezende	NCr\$ 800,00
	José Tarcisio	NCr\$ 500,00
	Kazuo Wakabayashi	NCr\$ 2.800,00
	Luiz Gonzaga	NCr\$ 1.500,00
	Luiz Prado Baravelli	NCr\$ 300,00
	Marcelo Nitsche	NCr\$ 300,00
	Marcello Grassmann	NCr\$ 1.000,00
	Montez Magno	NCr\$ 800,00
	Nelson Leirner	NCr\$ 800,00
	Paulo Becker	NCr\$ 1.200,00
	Ruben Ludolf	NCr\$ 800,00
	Ruben Valentin	NCr\$ 2.500,00
	Samuel Spiegel	NCr\$ 1.000,00
	Tomás Ianelli	NCr\$ 700,00
	Vera Bocayuva Mindlin	NCr\$ 240,00
	Victor Decio Gerhard	NCr\$ 240,00
	Waldemar Cordeiro	NCr\$ 800,00
	Wilma Martins	NCr\$ 600,00

## JÚRI DO CONCURSO NACIONAL DE ESCOLAS DE ARQUITETURA

### Arquitetos:

Henrique Mindlin e  
Rubens do Amaral Portela, pelo BNH.  
Jeronimo Bonilha Esteves e  
Roberto Claudio dos Santos Aflalo, pelo IAB.  
Francisco Bolonha, pela FBSP.

## EQUIPES CLASSIFICADAS

1.º Lugar — PRÊMIO DE NCR\$ 10.000,00 — Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul: estudantes Sérgio Ferraz Magalhães, Ana Lucia Petrik, Joy Hui Peng, Antonio Bertolozzo, Nelson Saraiva da Silva, Rogério Malinski e Salua Cafruni.

2.º Lugar — PRÊMIO DE NCR\$ 6.000,00 — Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie: estudantes Ana Maria Andretta, Antonio Paulo C. Ribeiro, Célia Rocha Paes, Clovis José de O. Souza, Eduardo Fontes Hotz, Fausto Gomes Cavaleiro, Fernando Karazawa e José Mario C. Nogueira.

3.º Lugar — PRÊMIO DE NCR\$ 4.000,00 — Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia do Paraná: estudantes Acácio Biu, Angel Walter Bernal Adro, Carlos Eduardo Ceneviva, Edson Braz Najas Camargo, Francisco José Santoro, Manoel Izidoro Coelho, Moisés Guerrero Lopes e Ronald Oliveira Costa.

## JÚRI DA EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

DULCE CARNEIRO

GERALDO DE BARROS e

B. J. DUARTE, pela Fundação Bienal de S. Paulo.

EDUARDO SALVATORE e

HILDEBRANDO TEIXEIRA DE FREITAS, pelo Foto Cine Clube Bandeirante.

## PREMIOS

1.º — Z. LAGOCHI — POLÔNIA — Br/Pr.  
med. ouro e Trofeu Bandeirante

2.º — JOÃO MINHARRO — BRASIL — Dia/Cor  
med. prata.

3.º — PAWEL PIERSINKI — POLÔNIA — Br/Pr.  
med. bronze

## PRÊMIOS KODAK (Pesquisa)

Secção Br/Pr. — WALTER FUCHS — Brasil

Secção Dia/Cor — FERNANDI LUIZ — Argentina

Secção Posit/Cor — HERROS CAPELLO — Brasil

## PRÊMIOS FCCB (Medalhas)

Secção Br/Pr (Pesquisa) — Ramon Sanahuja — Brasil

Secção Br/Pr — Manoel Tavares da Silva — Brasil

Secção Dia/Cor (Pesquisa) — J. P. Bendomir — Argentina

Secção Dia/Cor — José Palladino — Brasil

## TROFEU FCCB

(Às melhores representações de países estrangeiros)

POLÔNIA — melhor conjunto Br/Pr.

ARGENTINA — melhor conjunto Dia/Cor

## JÚRI DE SELEÇÃO (REPRESENTAÇÃO DO BRASIL)

JOSÉ GERALDO VIEIRA

MARIO SCHENBERG

Eleitos pelos artistas

GERALDO FERRAZ

JAYME MAURICIO

Indicados pela Fundação Bienal de S. Paulo.

CLARIVAL VALLADARES

Escolhido pelos quatro

## CONCURSO DE CARTAZES

Vencedor:

GOEBEL WEYNE

JURI:

Alexandre Wollner

Quirino Campofiorito

Israel Sandovski

Miguel Fegnolio

Manoel Correa

## ASSESSORIA DE ARTES PLÁSTICAS DA FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

ALFREDO MESQUITA

GERALDO FERRAZ

HENRIQUE E. MINDLIN

JOSÉ GERALDO VIEIRA  
JAYME MAURÍCIO  
SALVADOR CANDIA

## MONTAGEM

Arquitetos Ludovico Martino e  
João Carlos Cauduro  
Radhá Abramo

Copyright Fundação Bienal de São Paulo



“Layout”

MAITIRY PROMOÇÃO DIVULGAÇÃO E NOTÍCIA — Alamêda Fernão Cardim, 295

Clichês

CLICHERIA FORTUNA — Rua Conselheiro Carrão, 295

Composição e impressão

EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS — Rua Conde de Sarzedas, 38

Papel (“Bouffant” e “Super-white”)

INDÚSTRIA DE PAPEL LEON FEFFER — Av. Presidente Wilson, 4.100



NONA BIENAL DE SÃO PAULO 1967